

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

TATIANA POGGI

FACES DO EXTREMO:
Uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América
1970-2010

Niterói

2012

TATIANA POGGI

FACES DO EXTREMO:

Uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de concentração: História Social

Orientador: Prof^a. Dr^a. Sonia Regina de Mendonça

Niterói
2012

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P746 Poggi, Tatiana.

Faces do extremo: uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América (1970-2010) / Tatiana Poggi. – 2012.

437 f.

Orientador: Sonia Regina de Mendonça.

Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

Bibliografia: f. 410-425.

1. Fascismo; Estados Unidos; história. 2. Estados Unidos; política e governo, 1970-2010. 3. Gramsci, Antonio, 1891-1937. I. Mendonça, Sonia Regina de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 320.5330973

TATIANA POGGI

FACES DO EXTREMO:

Uma análise do neofascismo nos Estados Unidos da América 1970-2010

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de concentração: História Social

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. SONIA REGINA DE MENDONÇA - UFF (Orientadora)

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva - UFRJ

Prof. Dr. Antonio Pedro Tota - PUC-SP

Prof. Dr. Bernardo Kocher - UFF

Prof. Dr. Norberto Osvaldo Ferreras - UFF

Profa. Dra. Sabrina Evangelista Medeiros - EGN/UFRJ (suplente)

Profa. Dra. Virginia Maria Gomes de Mattos Fontes - UFF (suplente)

AGRADECIMENTOS

Às minhas famílias, que, mesmo sem entender ou concordar com minhas escolhas, estiveram ao meu lado. Agradeço o respeito e o esforço em ajudar a montar minha biblioteca, composta de inúmeros livros importados. Agradeço, especialmente, o apoio de minhas tias Angela e Maria Isabel, e o colo e cuidado zeloso de minhas “velhinhas”- Elaine, Ignês e Tildinha - e “velhinho”- Fernando.

Aos queridos amigos, por sua torcida, suporte nos momentos difíceis e, principalmente, paciência com meus prazos e mais prazos. Aquele abraço em todos vocês, antigos e novos amigos, meus grandes companheiros, amigos dessa vida, amigos-professores, amigos-alunos.

Aos orientadores oficiais e “emprestados” que me acompanharam até esse momento. Meus profundos agradecimentos a vocês, Geraldo, Cecília, Theo e Sonia, que me incentivaram a ir sempre mais longe e a defender hipóteses ousadas. À estimada orientadora desta tese, Sonia Mendonça, agradeço por partilhar nas aulas, nos encontros de orientação e nos momentos entretenimento um pouco de seu brilhantismo e humor sarcástico, me ajudando a “ligar os pontos” entre teoria e processo histórico.

Aos membros da banca do exame de qualificação, Bernardo Kocher e Marco Antônio Pamplona. Seus comentários e críticas foram de suma importância, trazendo maior profundidade e coerência aos debates estabelecidos nesta tese. Muito obrigada por suas contribuições acadêmicas e pela gentileza no trato pessoal. Essa qualidade foi capaz de transformar um momento de tensão em uma troca agradável de ideias.

Ao CNPq, pela bolsa de doutorado, recurso sem o qual este trabalho teria sido muito mais penoso e delongado.

À CAPES, por proporcionar o complemento dessa pesquisa nos EUA. A bolsa de estágio de doutorando sanduíche garantiu não somente a coleta nos arquivos norte-americanos de material documental fundamental à pesquisa, mas também possibilitou-me entrar em contato com profissionais da área. Um agradecimento especial a Brian Owensby e Roquinaldo Ferreira por sua acolhida carinhosa e dicas de pesquisa na *University of Virginia*, e a David Kessler por sua ajuda com os arquivos da *Bancroft Library, University of California - Berkeley*.

RESUMO

Esta tese propõe-se a desenvolver um trabalho de análise e comparação entre três organizações neofascistas norte-americanas - *National Alliance*, *White Aryan Resistance* e *Aryan Nations* - de forma a compreender a diversidade de estratégias de ação e mobilização política dentro de um mesmo campo político-ideológico, o neofascismo. Nesse sentido, serão analisados os materiais de mídia produzidos pelas organizações, que visam construir consciência, promovendo uma visão de mundo racista, xenófoba, autoritária e violenta. A prática social das organizações será investigada não apenas pelo discurso construído por elas nos materiais de mídia, mas também a partir de documentos ligados à prevenção e combate dos crimes de ódio [*hate crimes*], produzidos por instituições públicas e privadas.

Tomando com elemento estruturador as referências teóricas de Antonio Gramsci, buscaremos compreender o processo de expansão do conservadorismo, em suas vertentes neoliberal, segregacionista e neofascista, bem como a multiplicação de aparelhos privados e projetos políticos alinhados com elas no seio da sociedade norte-americana contemporânea.

Parte-se da hipótese de que a crise do reformismo e o concomitante o processo histórico de rearticulação das forças conservadoras atingiram um ponto crítico nos anos 1960 e 1970. As reações às políticas de inclusão civil-democrática, bem como as mudanças observadas no mercado de trabalho, trazidas com a crise do padrão de acumulação fordista, e o decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados, catapultaram a vitória do conservadorismo como paradigma, desde suas expressões mais pragmáticas e individualistas, até as mais xenófobas e autoritárias.

Palavras-chave: Neofascismo, Conservadorismo, Estados Unidos da América, Gramsci

ABSTRACT

This thesis intends to develop a comparative analysis of three north-american neofascist organizations - *National Alliance*, *White Aryan Resistance* and *Aryan Nations* - to understand the different strategies of struggle and political mobilizations in the field of neofascism. Thus, this research will reach for the media materials produced by the organizations, which intend to build conscience and promote a racist, xenophobic, authoritarian and violent worldview. The social practices of the organizations will be investigated not only through the discourse constructed by the organizations, but also through documentation over the prevention and combat of hate crimes, produced by law enforcement agencies and private institutions.

Using the theory of Antonio Gramsci as a structuring element, we'll unveil the process of expansion of conservatism and the growth of groups and institutions aligned with it in contemporary USA.

The hypothesis raised is that the crisis of reformism and the historical process of rearticulation of conservative forces reached a critical point in the 1960's and 1970's. The reactions against the civil-democratic policies, the changes in the labour market (brought by the accumulation crisis of fordism) and the consequent deteriorating quality of life experienced by the working class ignited the victory of conservatism, from its pragmatic and individualistic expressions to the most xenophobic and authoritarian ones.

Keywords: Neofascism, Conservatism, United States of America, Gramsci

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

- a. *Sujeito e Objeto*, 1
- b. *Primeiros Passos*, 2
- c. *The Long and Winding Road*, 3

CAPÍTULO I: Fascismo e Neofascismo, 10

- a. *Fascismo como fenômeno social datado e vinculado ao contexto do europeu*, 11
- b. *Fenômeno transpolítico X Particularidades políticas e nacionais*, 22
- c. *Fascismo, produto do capitalismo e reação contra-revolucionária: a tese da Terceira Internacional*, 28
- d. *Fascismo e Comunismo: aproximações via tese do Totalitarismo*, 34
- e. *Base social de apoio e estratificação social no fascismo*, 39
- f. *Neofascismo*, 65

CAPÍTULO II: O *New Deal* como paradigma: construindo e desconstruindo o reformismo norte-americano, 98

- a. *Crise do capitalismo liberal e a construção do reformismo norte-americano*, 101
- b. *Reformismo em xeque: ampliação da democracia por lutas particulares e o avanço da reação conservadora*, 132
- c. *A crise do reformismo e o avanço do neoliberalismo nos EUA: a construção de um novo paradigma de produção e reprodução da vida*, 160
- d. *Conclusão*, 188

CAPÍTULO III: Facetas do capital: democracia e tolerância na batalha contra o autoritarismo e o ódio, 190

- a. *Hegemonia: um breve debate sobre o equilíbrio instável*, 193
- b. *Fascismo e a “bad civil society”: parcela de violência da hegemonia burguesa*, 212
- c. *A hora e a vez do poder público: iniciativas oficiais de preservação da democracia*, 245
- d. *Democratic Civil Society vs. Bad Civil Society*, 284
- e. *Conclusão*, 293

CAPÍTULO IV: Casamatas do neofascismo na “terra da liberdade”: os casos da *National Alliance*, da *White Aryan Resistance* e da *Aryan Nations*, 294

- a. *National Alliance: a morada do guerreiro intelectual*, 294
- b. *White Aryan Resistance (WAR): a morada do guerreiro solitário*, 358
- c. *Aryan Nations: a morada do guerreiro com fé*, 387

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 406

FONTES E BIBLIOGRAFIA, 410

Introdução

a. Sujeito e Objeto

O interesse por temáticas relativas ao fascismo me é companheiro desde os tempos de graduação, quando àquele momento me dediquei ao estudo de revoltas armadas e formas de sociabilidade em campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Felizmente, fui capaz de desenvolver uma pesquisa sobre um dos raríssimos pontos ainda pouco abordados no âmbito do Holocausto e do segundo conflito mundial. Sob a orientação do querido professor Geraldo Beauclair, tal pesquisa concretizou-se na forma de trabalho de conclusão de curso, apresentado a essa mesma universidade ao final de 2004.

Impossibilitada de dar continuidade ao trabalho dadas às prováveis dificuldades de financiamento para o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado fora do país e minhas próprias dificuldades com o idioma alemão, ainda em início de aprendizado, decidi ir à procura de um novo objeto.

O primeiro contato com este novo objeto, com esta pesquisa iniciada no mestrado, não se deu por meio de livros ou em alguma palestra, seminário ou congresso, mas ironicamente talvez pelo canal menos acadêmico da atualidade, a televisão. Sim, foi justamente assistindo à televisão que me deparei com um documentário bastante interessante sobre o neofascismo nos EUA, no qual o apresentador conversava com membros de organizações abertamente racistas e autoritárias, uma dentre as quais chamou minha atenção.

De nome *National Alliance* e sediada em Hilsboro, West Virgínia, essa organização, dizia-se profundamente contrária à violência física direta, alegando que esse caminho era não apenas pouco frutífero como também dificultava a difusão dos ideais de poder branco nos EUA e no mundo. Diferentemente do que usualmente se imagina sobre esse tipo de agremiação, a *National Alliance* procurava investir pesadamente na produção de material de mídia variado (dos clássicos panfletos ao videogame), apostando muito mais em técnicas contemporâneas de convencimento do que em práticas truculentas de coerção. Apesar de defender o autoritarismo como parte de seu projeto de sociedade, os caminhos para alcançar tal objetivo apontavam para construção de consenso. Uma proposta *soft* e requintada, que mascarava a violência - como se esta não pudesse existir de forma simbólica - e por isso mesmo muito perigosa. Notei, ainda, uma preocupação em não se repetirem “erros” do passado e também muita clareza quanto aos limites do alcance de sua mensagem no contexto

da sociedade democrática contemporânea. Era preciso encontrar novas estratégias de luta, novos campos. E a aposta da *National Alliance* foi a educação e a cultura. A conquista do poder deveria começar pela conquista do coração e das mentes dos norte-americanos.

Assim, por meio desse documentário, entrei pela primeira vez em contato com o universo do neofascismo norte-americano, com o projeto da *National Alliance* e a sua repercussão no cenário político e social dos EUA. Conheci também uma série de organizações não governamentais como o *Southern Poverty Law Center*, o *Center for Democratic Renewal* e a *Anti-Defamation League*, fundadas com o objetivo de combater a intolerância e o preconceito. Usadas como fontes indiretas de pesquisa pela equipe de produção, alguns dados, fornecidos principalmente pela primeira, foram igualmente apresentados ao longo do documentário. Foi justamente um desses dados, mais especificamente a afirmação de que haveria 654 grupos de ódio [*hate groups*] ativos nos EUA em 2004¹, somado aos curiosos depoimentos dados pelos membros da organização, que primeiramente me deixaram chocada, mas logo depois me fizeram perceber quão fértil poderia ser esse campo de estudo.

b. Primeiros passos

Depois de perceber as possibilidades desse campo de estudos, optei por trazer o estudo do fascismo para um momento ainda mais contemporâneo - a história do tempo presente - e em um país que há muito se dedica à digitalização, disponibilizando documentos em rede –os EUA. Graças aos avanços da tecnologia e maior familiaridade com o idioma, tive a oportunidade de permanecer no campo do fascismo, dedicando-me a partir de então a desvendar e entender as causas da expansão do neofascismo na sociedade norte-americana em particular.

A partir desse objetivo geral, concentrei-me durante o mestrado especificamente no estudo da organização *National Alliance* e na análise dos materiais de mídia produzidos por ela. Privilegiei o período entre a data de fundação, em 1974, até a morte do fundador e líder William Luther Pierce, em 2002, uma vez que com seu falecimento a organização enveredou em uma sucessão de crises políticas em torno da sucessão, acabando por levar ao seu desmembramento com a saída de muitos integrantes.

¹ *Southern Poverty Law Center*. Intelligence Project. Active U.S. hate groups in 2004.

O *corpus* documental consistiu basicamente, naquele momento, dos materiais de mídia produzidos pela *National Alliance*, juntamente com reportagens do jornal *New York Times*. Periódico de âmbito nacional e ampla circulação, o *New York Times* foi escolhido por ser um dos canais de mídia, ao lado do *Washington Post*, mais frontal e nomeadamente atacado pela *National Alliance*. Sua escolha em detrimento do *Washington Post* se deu por motivos mais pragmáticos, pois o *New York Times* era o único periódico norte-americano de grande circulação disponível para pesquisa na Biblioteca Nacional.

Ao longo dessa primeira pesquisa sobre neofascismo, procurei demonstrar que a *National Alliance* é um aparelho privado de hegemonia empenhado na difusão de um projeto alternativo de sociedade, que investe fortemente na diretriz educacional e construção de consenso como estratégia de luta, desde seu surgimento em 1974, durante o processo de crise do reformismo nos EUA, até seu pleno desenvolvimento, em um Estado de caráter neoliberal.

c. The long and winding road

Para a tese de doutorado em questão, pretendi ampliar o raio de alcance da pesquisa, desenvolvendo um trabalho de análise e comparação entre a *National Alliance* e outras duas organizações neofascistas² - *Aryan Nations* e *White Aryan Resistance* - buscando compreender a diversidade de estratégias de ação e mobilização política dentro de um mesmo campo político-ideológico, o fascismo.

Assim como a *National Alliance*, as duas outras organizações produzem materiais de mídia com vias a promover sua visão de mundo. Todas surgiram no período 1970-1980 - décadas ícones da crise do reformismo nos EUA, construção do neoliberalismo e depauperamento econômico dos setores subordinados - e, à exceção da *White Aryan Resistance*, fundada por Tom Metzger em 1983, entraram em franco declínio nos anos 2000, quando seus líderes vieram a falecer.

² Ao pensar esta proposta de pesquisa, optei deliberadamente por não escolher organizações que pudessem ser classificadas ou entendidas enquanto milícia e *skinhead*. Isso se deve primeiramente à complexidade e diversidade ideológica que envolve o movimento de milícias em geral, não sendo, portanto, prudente considerar todas as formações de milícia como fascistas. A escolha por uma organização, ainda que fascista, dentro desta categoria levaria invariavelmente à análise de um movimento de caráter diverso, o que não é nossa intenção. Quanto aos *skinheads*, a opção por não analisá-los diretamente se deu pela própria configuração do movimento, atuando em microcélulas dispersas, procurando sempre que possível agir de forma oculta para evitar eventuais represálias do sistema. De forma a se preservar, eles também não produzem materiais de mídia, fontes primárias e indispensáveis para nosso trabalho.

Suas lideranças tiveram histórico similar, engajando-se em campanhas como a de George Wallace à presidência em 1964 (Pierce e Metzger) ou associando-se a organizações conservadoras como a *John Birch Society* (Pierce e Metzger). Com frequência, são observadas referências religiosas. William Pierce, líder na *National Alliance*, criou o *Cosmotheism*, conjunto de crenças espirituais racistas, de base não cristã. A versão racista do cristianismo vai se fazer presente na *Aryan Nations*, fundada por Richard Butler em meados da década de 1970, sendo profundamente influenciada pela *Christian Identity*. Este sistema de crenças atualmente adotado por diversas organizações neofascistas afirma que os europeus brancos descendem do povo israelita mencionado na Bíblia; Adão e Eva foram os primeiros brancos; os Judeus são descendentes de Caim, e os demais não brancos descendem de raças pré-adâmicas desprovidas de alma.

É perceptível, ainda, o incentivo ao estreitamento dos laços entre os aparelhos supremacistas nacionais e internacionais. O internacionalismo não apenas da causa, mas também de organização é uma marca dos três novos aparelhos propostos para investigação, bem como recentemente também da *National Alliance*. O lema *White Pride World Wide* se materializará em contatos estabelecidos com organizações principalmente na Inglaterra (*British National Front, British Peoples Party*) Alemanha, Áustria, Suíça, Suécia (*Nordic Alliance*) e Canadá.

Há, contudo, um elemento diferenciador central entre as organizações estudadas. Enquanto a *National Alliance* teoricamente condena práticas de violência física direta, apostando em estratégias políticas que passam pela arena da educação e da construção de consenso, a *Aryan Nations* e a *White Aryan Resistance* promovem e incentivam abertamente a prática da violência física. Nelas se formaram braços paramilitares, compostos de jovens *skinheads* que frequentemente externalizam suas angústias e raiva em atos de violência brutal contra negros, imigrantes etc.

Assim, a partir da análise e do estudo comparado dos projetos de sociedade, modos de atuação e mobilização política dessas organizações, pretendo explicitar a diversidade presente no neofascismo norte-americano, bem como perceber a relação entre os quatro aparelhos privados de hegemonia com as instâncias da sociedade política e junto à própria sociedade civil.

De modo geral, esta pesquisa vem discutir a dimensão e o papel do fascismo na sociedade norte-americana, buscando entender tanto o fenômeno social quanto a ideologia sob

a perspectiva classista do materialismo dialético, particularmente no Estado ampliado gramsciano. O neofascismo (expressão contemporânea do fascismo) será, portanto, trabalhado como uma construção em meio a todo o processo de luta de classes que perpassa o século XX. Com respeito a tais conflitos, atento especialmente para o uso das novas tecnologias e da mídia como campos de disputa, novos canais para a difusão de visões de mundo, mobilização de massa e organização de movimento, além de angariar fundos.

Por conseguinte, o neofascismo aparece nos países centrais como um dos possíveis produtos da sociedade capitalista contemporânea; suas organizações se desenvolvem em Estados de conformação político-econômica neoliberal e se proliferam de modo espetacular, engrossando suas fileiras de adeptos com os desesperançosos setores subordinados em decorrência da crise do reformismo norte-americano a partir dos fins da década de 1970. As crises de sucessão observadas em três das organizações estudadas revelam a importância da liderança como elemento organizador e estabilizador dos conflitos internos. A decadência e fragmentação das organizações após a morte dos líderes-fundadores pautam, assim, o marco temporal final desta pesquisa no findar da primeira década de 2000.

A documentação a ser examinada destaca-se por ser um tanto variada em sua qualidade. Acredito que os movimentos sociais da atualidade se expressam por variados meios de comunicação e que, se quisermos aprofundar os conhecimentos sobre eles, não devemos nos ater somente às fontes tradicionais de tipo escrito. O espaço midiático é mais do que nunca um espaço de conflitos políticos e sociais no qual atuam diferentes atores com diferentes estratégias. Lançar o olhar sobre os “novos” tipos de fontes enriquece a pesquisa tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Ainda que esta pesquisa não se proponha a tratar direta e profundamente temáticas correlacionadas ao estudo da linguagem e análise do discurso - posto que os materiais produzidos pelas organizações são fontes e não os objetos da pesquisa - me esforço em tratar cada tipo de fonte em suas especificidades.

Logo, os materiais de mídia produzidos pelas organizações serão fontes centrais na pesquisa. Serão analisados artigos, panfletos, programas de rádio e televisão, pequenos filmes, entrevistas, romances e, inclusive, um jogo de videogame. Optei, então, por coletar todos os materiais gratuitos disponíveis nas páginas eletrônicas das organizações. Devido a um posicionamento político pessoal, decidi não coletar materiais que implicassem transferência financeira para as organizações. Por este mesmo motivo também não me afiliei por propósito de pesquisa a nenhuma das organizações, pois tornar-se membro implica, além do óbvio risco,

muitas vezes o pagamento de taxas periódicas e não gostaria de contribuir de forma alguma para a difusão de tal visão de mundo. O objetivo aqui é tentar perceber, em meio à qualidade variada da documentação, o projeto político defendido pelas organizações estudadas. Presto especial atenção ao conteúdo ideológico presente nos materiais, às suas implicações de ser transmitido por canais de mídia variados e, finalmente, às características que conferem peculiaridade ao projeto de cada organização.

Além desta documentação específica e muito centrada na análise do discurso, debrucei-me também sobre um conjunto de fontes de caráter mais geral, buscando aporte para as análises do contexto de construção do neofascismo e dos efeitos das práticas sociais das organizações neofascistas nos EUA. A análise de reportagens de jornal, estatísticas e relatórios oficiais, bem como de processos nos quais organizações neofascistas tenham por ventura se envolvido, ajudam a perceber a dimensão de atuação de organizações neofascistas nos EUA para além dos discursos produzidos por elas. Além disso, tais documentos revelam tentativas de organização de estratégias oposição por parte das sociedades política e civil. Foram utilizados, então, os seguintes documentos:

- Reportagens do *New York Times* pelas razões acima explicitadas. Na busca, usei as entradas “*conservatism*” e “*neo-nazi*”, pesquisando o período de 1933 a 2000. A opção pelos termos de entrada para pesquisa se deu pelo modo como os jornais de grande circulação se referem ao debate reformismo/neoliberalismo e às organizações que chamo de (neo)fascistas. Periódicos não acadêmicos adotam frequentemente vocábulos usuais como *neonazi* e o binômio *liberal/conservative*.
- *Training Guide for Hate Crime Data* (FBI): guia ou manual produzido pelo FBI voltado para esclarecimento e treinamento das agências estaduais e municipais de aplicação da lei [*law enforcement agencies*]. O documento visa primeiramente explicar e delimitar dentro do conjunto de delitos o que seria crime de ódio [*hate crime*]³, contendo ainda recomendações sobre como proceder ao se identificar um crime de ódio e uma proposta de treinamento de pessoal. O documento também revela um pouco sobre a relação histórica do FBI

³ Crime de ódio (*hate crime*) não é considerado um crime distinto, mas um agravante de crimes já existentes como agressão, vandalismo, estupro, assassinato etc. Por essa razão, não existe uma legislação específica para ele. Em 1994 uma lei federal aprovou o aumento de pena caso observado crime de ódio.

com a investigação de crimes motivados pelo preconceito e o surgimento do termo crime de ódio.

- *Reported Hate Crime in USA (1992-2000)* e *Research on Bias Motivation* (FBI): Conjunto de estatísticas que contém informações sobre número de incidentes de “crimes de ódio”, agências participantes na coleta de informações e variedade de vítimas agredidas (simbólica ou fisicamente) no período de 1992 a 2000 nos EUA.
- *Freedom of Information Act* (FBI): relatórios sobre organizações vistas como potencialmente perigosas. No acervo digital do FBI foram encontrados relatórios sobre a *National Youth Alliance* (9), *National Alliance* (4) e *Aryan Nations* (1), produzidos entre as décadas de 1960 e 1990. Os documentos são extensos, muitas vezes divididos em partes (a, b, c...), contendo em média 100 páginas cada parte, compostas por: memorandos; relatórios produzidos por agências locais e enviados ao diretor do FBI e ao procurador geral; conjunto de reportagens recolhidas em periódicos nacionais e locais sobre a dita organização; informações sobre outras organizações de caráter similar e contatos estabelecidos entre elas; correspondências (entre membros das organizações, políticos e o FBI); informativos sobre entrevistas ou participação de membros em programas de rádio. O objetivo deste monitoramento era descrever e classificar essas organizações para, então, se pensar em planos de ação mais práticos, de forma a impedir possíveis ataques violentos a indivíduos, certos grupos sociais e mesmo atentados terroristas.
- *University of Virginia, Charlottesville* - Bibliotecas Alderman e Morris Law: conjunto de documentos composto por boletins e relatórios governamentais sobre crimes de ódio produzidos pelo Congresso, *Department of Justice* (FBI, *Community Relations Service, Bureau of Justice Assistance*), *Department of Education*, Comissão dos Direitos Humanos, etc.
- *Library of Congress, Washington, D.C.*: relatórios sobre crimes de ódio e formas de combater a intolerância nos EUA, produzidos por organizações da sociedade civil, e diversos números de *Attack!*, primeiro periódico produzido pela *National Alliance*.

- *Bancroft Library*, Berkeley, Califórnia: *Sara Diamond collection on the U.S. Right*, doada pela socióloga Sara Diamond. Compreende 62 caixotes com documentação variada (notas, entrevistas, periódicos, etc.). As séries escolhidas para pesquisa foram: *religious media, racist right, U.S. government, politics, materials from anti-right organizations*.
- *Legal Action - SPLC*: projeto desenvolvido pela ONG *Southern Poverty Law Center*. Consiste em um sistema de auxílio legal gratuito a vítimas de agressão (física ou simbólica) agravada por crime de ódio. No acervo eletrônico encontramos 15 processos registrados como *hate crime*, datado de 1980 até 2007. Também estão disponíveis para 14 dos 15 casos os arquivos digitalizados das queixas, os relatórios do julgamento e o veredicto (quando o caso dá-se por encerrado). Quatro dos casos registrados envolvem organizações estudadas, processadas pelos crimes de assassinato, perseguição seguida de tiros e transferência de propriedade.

Esta tese está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz um debate historiográfico e conceitual sobre fascismo e neofascismo. As discussões perpassam, primeiramente, o debate em torno dos processos sociais historicamente observados durante o entreguerras e, posteriormente, o debate teórico-conceitual. Sigo procurando destacar o aspecto particular, nacional do fascismo norte-americano, apontando alguns aspectos sociais presentes na história dos EUA que marcam o fenômeno norte-americano enquanto racista, antissemita, anticomunista e admirador do indivíduo empreendedor.

No capítulo dois dedico-me à construção da hipótese geral do trabalho, na qual procuro demonstrar que o crescimento e desenvolvimento espetacular de organizações neofascistas, assim como a origem do neoliberalismo norte-americano, são frutos de alguns fatores conjugados: a reorganização política e intelectual do conservadorismo em meio ao reformismo, a crise deste último como padrão dominação e relação social, a reação às conquistas dos movimentos civis democráticos a partir da década de 1950, e o avanço gradativo do processo de precarização da qualidade de vida. Para tal, parto da análise da construção do reformismo norte-americano, desde seus auspícios na década de 1930, com o *New Deal*, até sua crise em meados da década de 1970. São investigadas as mudanças no desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, as transformações do reformismo e a

articulação de projetos alternativos de sociedade, bem como na estrutura produtiva e nas relações de trabalho ao longo do último quartel do século XX nos EUA, de modo a entender como o processo de precarização da qualidade de vida contribuiu para o avanço do conservadorismo político nesse país.

Já no capítulo três, inicio a análise do neofascismo propriamente dita, desenvolvendo um estudo das práticas oficiais/governamentais e privadas de investigação e contenção de expressões públicas - física e simbolicamente violentas - de racismo, xenofobia, sexismo, intolerância religiosa e sexual. São enfocadas as atividades de investigação, pesquisa e ação social de diversos agências do *Department of Justice* sobre crimes de ódio e sobre as atividades de organizações neofascistas. A nível privado, investigo as atividades de ONGs como o *Southern Poverty Law Center* e a *Anti-Defamation League*.

Finalmente, no quarto capítulo, dou continuidade à análise do neofascismo a partir do estudo das organizações *National Alliance*, *White Aryan Resistance* e *Aryan Nations*, destacando o desenvolvimento e crescimento de cada uma delas, especialmente durante a crise econômica da década de 1980. A partir da análise comparada das atividades e dos discursos das quatro organizações, busco compreender a diversidade de estratégias de ação e mobilização política dentro do neofascismo.

Ao longo desses aproximados seis anos de pesquisa, venho fazendo uma longa e sinuosa jornada pelos caminhos intimidantes e instigantes do fascismo contemporâneo. No correr dos próximos capítulos, convido o leitor a participar de alguns momentos dessa jornada, a se deparar com fantasmas do passado que teimam em nos assombrar e que, como mostrou a história, não desaparecem simplesmente com fim de conflitos armados, nem com a assinatura de tratados. Há algo mais profundo que motiva a permanência e a reconfiguração da faces da intolerância, do autoritarismo e da violência.

Ainda jovem, ao estudar os campos de extermínio, vi-me trilhando a estrada da história do fascismo. Quem não gostaria que, assim como um trabalho de final de curso, o fascismo fosse também uma fase superada, um momento restrito a um determinado período histórico, à história de alguns países? Mas nem sempre os caminhos são construídos conforme nossos desejos. E foi assim que a história e a vida me trouxeram de volta à longa e sinuosa estrada.

Capítulo I

Fascismo e Neofascismo

Boom. Explode o prédio federal Alfred Murrah em Oklahoma City. O ano é 1995 e em 19 de abril os EUA presenciam estarecidos o caso mais chocante de terrorismo doméstico. O atentado provocado por Timothy McVeigh, jovem de 27 anos com fortes ligações a milícias paramilitares autodenominadas patriotas, explode o prédio do governo matando 167 pessoas e ferindo outras 650.⁴ Fervoroso militante, McVeigh decide pelo atentado como forma de protesto contra o que acreditava ser o prelúdio da instauração de uma Nova Ordem Mundial, teoria segundo a qual a soberania norte-americana seria posta em xeque pela imposição de um sistema coletivo liderado pela ONU.⁵

O incidente em Oklahoma City trouxe a tona um debate por muitos esquecido ou propositalmente silenciado, tido mesmo como morto. Coisa do passado, ligado ao contexto da Segunda Guerra Mundial, o debate em torno do fascismo pouco avançou para além das fronteiras das décadas de 1920, 1930 e médio 1940, passando perigosamente a impressão de ser o fascismo um fenômeno datado. O atentado de Oklahoma veio como um choque de realidade, ainda que tardio, demonstrando o fato de que o fascismo teima em bater a porta do século XXI. Como entender, então, Timothy McVeigh, as milícias e outras manifestações neofascistas? Fenômenos esporádicos? Anomalias sociais? Reminiscências do passado, frutos da nostalgia? Ou frutos de causas mais profundas, estruturais?

O debate proposto neste primeiro capítulo tem como objetivo tentar responder a tais perguntas, enfocando a importância do estudo do fascismo em nossos dias, em especial o seu desenvolvimento nos Estados Unidos da América. Para tal, procuraremos estabelecer um debate e ressaltar, primeiramente, as rupturas e continuidades entre o fascismo do entreguerras na Europa, denominado fascismo histórico ou fascismo clássico e o movimento observado em fins do século XX; posteriormente, desenvolver um debate acerca do movimento fascista contemporâneo nos EUA.

Nesse sentido, acreditamos ser de importância fundamental uma abordagem do conceito de fascismo, assim como retomar algumas interpretações e debates clássicos sobre o

⁴ BERLET, Chip; LYONS, Matthew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000.p.1.

⁵ Idem. p.287- 301.

fenômeno do entreguerras e do fascismo contemporâneo ou neofascismo. Tal discussão teórica será apresentada sob a forma de tópicos temáticos, artifício didático escolhido de forma a facilitar a leitura e organizar melhor o texto.

A partir de então, poderemos estabelecer as diferenças e pontos de contato entre esses dois momentos, demonstrando que, mais do que a simples passagem do tempo ou movimento marginal, ou organização política de monstros ensandecidos, o fascismo é um tipo particular de projeto conservador⁶ de organização da vida social dentro dos marcos da sociedade burguesa, fortemente ligado à momentos de crise no seio do capitalismo no país ou região em questão.

a. Fascismo como fenômeno social datado e vinculado ao contexto europeu

As primeiras interpretações do fascismo foram contemporâneas ao fenômeno de construção e organização do movimento social em torno de uma visão de mundo/ideologia fascista. Essas primeiras tentativas de explicação desenvolveram-se inicialmente na Itália, estendendo-se rapidamente a outros países, muitas contendo ainda um caráter superficial, assumindo um tom jornalístico e de informação política.⁷

Aparte a maioria dos analistas de tendência marxista, estudados com maior profundidade em seção posterior deste capítulo, “a maioria das pessoas encarava o fascismo

⁶ O sentido de pensamento conservador ou conservadorismo utilizado nesta tese está embasado nas discussões sobre tradição e autoritarismo contidas em: MAYER, Arno. *A força da tradição*. São Paulo: Cia das letras, 1987. GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. ANDRADE, Joana El-Jaick. O processo de modernização conservadora na Alemanha e suas repercussões sociais na transição para o século XX. *Cadernos de História*. Vol.IV. n.2. ano 2.p.150-166. HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

Os autores sublinham aspectos de continuidade da tradição -principalmente a nível mental, mas também material - no mundo contemporâneo. Tais reminiscências, poderosos pontos de inércia que teimam em permanecer mesmo em meio a cenários de mudança profunda, podem ser identificadas de forma mais ou menos explícita, conforme a correlação de forças da sociedade em questão. À permanência de sinais do passado, enfatizada por Ginzburg, Hobsbawm acrescenta a ideia da reconfiguração e até da invenção de tradições, visando inculcar certos valores e normas de comportamento, através do resgate e reconfiguração de elementos do passado constantemente repetidos. As análises de Mayer mostram que quanto maior o capital econômico, político e cultural de setores aristocráticos, comprometidos com a tradição, maior a subordinação e o poder de penetração de ideais conservadores em setores comprometidos com a mudança e o progresso. Segundo Andrade, esses ideais se expressariam na forma de uma relativa assimilação de mentalidade autoritária, hierarquizada e militarizada além de valores éticos, políticos e estéticos tradicionais, pautados na honra, disciplina, lealdade, obediência e coragem. Nesse sentido, entendo o fascismo como conservador, mas não reacionário, posto que não visava a um retorno efetivo ou reconstrução de um modelo de sociedade passada.

⁷ Dentre essas primeiras tentativas de compreender principalmente o fascismo italiano, Renzo de Felice (1978) faz uma ressalva quanto à superficialidade, observando um esforço de aprofundamento em especial em alguns trabalhos. São eles: BOX, Pelham H. *Three master buildres and another: studien in moder revolutionary and liberal statesmanship*. Philadelphia, 1925. SCHNEIDER, Herbert W. *Making the Fascist State*. New York, 1928. HAIDER, C. *Capital and Labor under Fascism*. New York, 1930.

como uma realidade especificamente italiana e que se ligava ao caráter particular do pós-guerra nesse país, à debilidade de sua tradição liberal-democrática, às deficiências da sua classe política (...) e burocrática.”⁸ Vejamos abaixo como essa visão foi construída por Giovanni Zibordi, expoente do reformismo social-democrata italiano, em ensaio publicado em 1922.

Não se pode compreender o fenômeno fascista se não se considerar a particular natureza da chamada burguesia na Itália; neste país, chegado tarde à história contemporânea da Europa (...) e contemplava sua unidade em 70, quando noutro país se tentava a Comuna; neste país em que a questão social se juntou à questão nacional (...) Aqui tudo se amontoou e enredou, e a recente guerra concorreu para exasperar e complicar o fenômeno, suscitando novas camadas improvisadas, privadas de qualquer tradição e consciência de classe(...) Fruto psicológico e econômico do pós-guerra, o fascismo não se compreenderia num país onde houvesse partidos organizados e activos, conscientes, bem caracterizados e distintos e educação política feita com apreciações lúcidas e precisas, com programas positivos e concretos, e não com sentimentalismos, impulsos, estímulos e reacções desorganizadas e incoerentes.⁹

A emergência e relativo sucesso do fascismo alemão, também conhecido como nazismo, desbancou a hipótese do fascismo como fenômeno essencialmente italiano e trouxe ao “problema do fascismo” importância e significado novos, uma vez que até então não era encarado como perigo real a ordem social ou “problema europeu”, mas mera particularidade da vida social italiana com tendências esparsas, sem maior relevância em outros países. Tal mudança é expressa a seguir por G. D. H. Cole.

Na verdade, o fascismo já havia triunfado, muito antes, em Itália, e tendências fascistas tinham aparecido em numerosos países como, por exemplo, a Hungria e as Balcãs (...) porém, só se tornou um verdadeiro perigo para o mundo com a ascensão de Hitler ao poder (...) e de tal forma que surgiu, então, o problema de se saber se o fascismo devia ser considerado uma nova -e talvez final- forma de capitalismo imperialista ou, pelo contrário, uma doutrina e uma forma de vida completamente diferentes.¹⁰

Os estudos sobre fascismo no correr da década de 1930 e início de 1940 assumiram, então, um caráter mais amplo, considerando o fascismo como fenômeno político-social passível de desenvolvimento também nas imaginadas “bem estabelecidas” democracias liberais ou, segundo as teses influenciadas pela Terceira Internacional, em qualquer país de organização econômica capitalista. Observou-se um rico debate “em torno da natureza e do

⁸ FELICE, Renzo de. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Ed.70, 1978.p.12.

⁹ ZIBORDI, Giovanni. *Critica socialista del fascismo*. In: BOLOGNA, Mondolfo. *Il fascismo e i partiti politici italiani*. In: BARTOLOTTI, Mirela (org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.p.53-54.

¹⁰ COLE, G.D.H. *Historia del pensiero socialista IV, Comunismo e socialdemocrazia (1914-1931)*. Segunda parte. Bari, 1968.p. 454-445. apud. FELICE, R. op.cit.p.13.

significado histórico do fascismo, dos seus projetos e consequências, tanto para a Europa como para o resto do mundo.”¹¹ Destacou-se igualmente a tendência em se acentuar os elementos comuns aos fascismos observados - não só os casos da Itália e da Alemanha, mas também os movimentos surgidos na Hungria, na Romênia, etc. - dentre os quais figuram a repressão, a violência e o nacionalismo.

Uma das interpretações mais completas nesse sentido é a formulada por Otto Bauer já em 1936. De acordo com o economista austríaco, o fascismo seria o produto de três processos interligados. Primeiramente, as consequências da Primeira Guerra Mundial, além de fomentar o nacionalismo entre as nações derrotadas, “expulsou da vida burguesa e desempregou as grandes massas de combatentes”, muitos deles futuros integrantes das milícias fascistas; em segundo lugar, a grave crise econômica do pós-guerra levava à miséria enormes massas de camponeses e pequenos burgueses, muitos dos quais descrentes na democracia iriam engrossar as fileiras do partido e manifestações fascistas; finalmente, o desejo por parte dos setores capitalistas em restabelecer sua margem de lucro, aumentando a exploração sem o perigo de maiores resistências por parte da classe operária.¹²

A análise de Bauer, feita no calor dos acontecimentos, está mais próxima de um estudo das causas e menos de uma tentativa de estabelecer um conceito, mas revela desde aquele momento questionamentos importantes sobre as próprias causas apontadas. Instiga a pensar, por exemplo, sobre os interesses de classe dentro do fascismo. Seria o fascismo um projeto de uma determinada classe (da pequena burguesia, nas palavras de Bauer)? Ou seria uma ditadura desenvolvimentista, sabiamente arquitetada pelas classes dominantes apoiada pelos setores médios, visando a preservação e desenvolvimento do capitalismo monopolista-financeiro?

Além de Bauer, autores como Hugh Trevor-Roper e Stuart Joseph Woolf levantaram outros aspectos do contexto igualmente relevantes que contribuiriam, segundo suas explicações, para o crescimento e popularização do movimento. Para além dos efeitos da guerra, Woolf, em sua tentativa de encontrar elementos comuns entre as diversas expressões de fascismo durante o entreguerras, irá destacar como centrais o papel desempenhado pelo “forte sentimento nacionalista (...) comum à Europa, de Portugal à Finlândia”, o “anti-socialismo...inclusive nos países onde o marxismo não era uma ameaça real” e a presença de

¹¹ FELICE, R. op.cit.p.13.

¹² BAUER, Otto. O fascismo. In: FALCON, Francisco et alli (org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

“um governo parlamentar débil e ineficaz”.¹³ Similarmente, Trevor-Roper também aponta para crises no sistema e para a refutação ao socialismo. Para este autor, o fascismo consistiria em um movimento político nascente do temor, do medo por parte dos setores médios, esmagados por um liberalismo de tipo *laissez-faire* decadente e em crise; do desenvolvimento de uma revolução proletária. “Desse modo, cada etapa do surgimento do fascismo europeu pode relacionar-se com um momento de pânico da classe média, causado ou por crises econômicas ou por sua conseqüência; a ameaça da revolução socialista.”¹⁴

Pode-se mesmo argumentar se não seriam tais análises um tanto simplistas, lineares, baseadas em eventos naturalmente decorrentes uns dos outros no sentido de que, conforme a cadeia especulada, um governo dito débil, abalado por crises políticas e econômicas levaria, invariavelmente, à organização popular em torno do projeto socialista e à conseqüente reação fascista na forma de processo contrarrevolucionário salvador do capitalismo.

Com os olhos mais voltados para a realidade empírica, Bauer também alerta, em 1936, para a possibilidade de, por vezes, acarretar tão perigosa confusão.

A classe capitalista e os grandes proprietários de terras não cederam o poder à horda fascista para defender-se frente a uma revolução proletária eminente, mas com o objetivo de diminuir os salários, destruir as conquistas sociais da classe operária e varrer os sindicatos e posições de força política da mesma. Ou seja, não para combater um socialismo revolucionário, mas para por abaixo as conquistas de um socialismo reformista.¹⁵

Bauer, assim como tantos outros que buscam interpretar e entender o fascismo, não parte de uma análise comparativa dos casos, não busca destrinchar a especificidade do fascismo como ideologia, mas entende por que esse movimento político se desenvolveu em certos países da Europa naquele determinado momento. Nesse sentido específico, o autor produz uma análise criteriosa daquele momento político, econômico e social da história europeia e o papel desempenhado pelos diversos agentes sociais coletivos.

Woolf e Trevor-Roper, diferentemente, dedicam atenção especial aos aspectos que caracterizariam um movimento ou projeto político como fascista. Contudo, ambos os estudos, assim como os de Bauer, ainda restringem o fascismo a “um breve e claro período na história

¹³ WOOLF, Stuart Joseph. Uma Introdução. In: FALCON, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.39.

¹⁴ TREVOR-ROPER, Hugh. O fenômeno do fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.p.55-56.

¹⁵ BAUER, O. op.cit. p.76.

européia”, “inseparável da especial experiência de uma geração: a geração que floresceu - ou que não conseguiu florescer - entre as duas guerras mundiais”.¹⁶

Esses questionamentos e suas primeiras respostas, levantados no processo de compreensão do fenômeno fascista, continuaram a pautar muitas das interpretações do pós-Segunda Guerra Mundial, duas dentre as quais concernem diretamente ao ponto abordado nesta seção, qual seja o fascismo como fenômeno datado. A primeira afirma ser o fascismo produto de uma crise moral vivenciada pela sociedade europeia. A segunda entende o fascismo como produto de processos atípicos e tardios de unificação nacional e desenvolvimento capitalista. Percebemos de imediato que, além do caráter datado e profundamente histórico de ambas as teses, a segunda alude talvez a uma certa teleologia, que coloca o fascismo como o fim inevitável de um processo. Vejamos rapidamente como foram construídas cada uma dessas hipóteses.

A tese da “doença moral” teve grande repercussão na Europa continental e um dos primeiros autores a desenvolvê-la com sucesso foi o historiador e filósofo liberal Benedetto Croce, inicialmente em artigo ao *New York Times*, de 1943, e posteriormente em um discurso proferido no Primeiro Congresso dos Comitês de Libertação, em 1944, e entrevistas concedidas ao longo de 1947.

A argumentação de Croce buscava rebater algumas hipóteses previamente cogitadas, defendendo que o fascismo não fora projetado, construído e apoiado por nenhuma classe social em específico nem fora produto da astúcia e do culto a super-homens, muito menos reação à ameaça do movimento operário organizado em torno do socialismo. Tratava-se de um momento de perda de consciência (a consciência da liberdade), uma depressão cívica e uma embriaguês, fruto da guerra, vivenciado por todos os países que dela participaram. Assim, o fascismo teria sido nada mais que um lapso, um parêntese de vinte anos na história da realização dos ideais liberais de progresso. O elemento deflagrador desse parêntese fora a Grande Guerra, a partir da qual se fortalecem deformações ideológicas em massas de desempregados descontentes, futura base para o fascismo.

Todavia, nem o culto do super-homem e do ‘rei de Roma’ nem a nostalgia pelo velho absolutismo a Luis XIV tinham força prática para perturbar o bom senso e o equilíbrio político italiano, como o não havia feito o socialismo (...) nenhum deles teria prevalecido se não tivesse ocorrido a guerra de 1914, que forneceu material

¹⁶ TREVOR-ROPER, H. op.cit., p.51.

humano, ou, como se diz, a “massa de manobra”, ao fascismo, e lhe preparou as condições políticas propícias.¹⁷

À moda liberal temos, então, o fascismo como desvio aberrante, algo que foge à regra e aos esteios do progresso que, no caso da Itália, tomava corpo desde a unificação e o desenvolvimento do capitalismo industrial ainda que tardio. Igualmente liberal é a saída encontrada para rebater a tese do fascismo como fruto do acirramento da luta de classes. Croce não apenas afirma ser o fascismo um fenômeno social sem base social definida ou de base social amorfa, mas também fenômeno sem ideologia própria.

O fascismo não pode definir-se segundo uma determinada idéia política, porque não a tem, e gaba-se disso mesmo, bem como de não ser uma revolução que tenha como objetivo a realização de uma idéia e se imponha uma ordem, mas uma revolução que continua indefinidamente. (...) [diz o chefe] “Nós éramos uma força sem uma idéia: o nacionalismo traz-nos a idéia.” E, de então para frente, sucessivamente, inclinou-se para todas as idéias e todas as tendências, ultraconservadoras e bolchevistas, capitalistas e comunistas, plutocráticas e proletárias (...) para todas, indiferentemente, agarrando-se ora a uma ora a outra, com um único fim de ir sobrevivendo, procurando o aplauso ora de um lado ora do outro; e, enganando e corrompendo todos os lados, assim se mantinha no poder.¹⁸

A primeira hipótese levantada por Croce, ainda que não se concorde com seus pressupostos teóricos, é uma interpretação válida e bem construída sobre o processo. Já no segundo ponto, sua análise é questionável, pois de início reproduz o discurso impresso na própria fonte, assume o discurso fascista como verdade, como definição suficiente de si mesmo; e finalmente elabora um juízo de valor - qualificando o fascismo como usurpador, frente talvez a outras ideologias consideradas mais nobres como o liberalismo - baseado numa definição destituída de análise própria.

Outros autores adeptos da interpretação da crise moral europeia foram Friedrich Meinecke e seus seguidores Gerhard Ritter e Golo Mann. Em *Die Deutsche Katastrophe*, de 1946, Meinecke afirma que os fascismos teriam representado um desvio da linha evolutiva, experimentada pela Europa até então. Para explicar o dito “desvio”, o autor se remete à tese de Jacob Burkhardt, um dos primeiros autores a desconfiar do quadro social demasiadamente otimista de felicidade e prosperidade geral, construído a partir do século das luzes e da revolução, e que com o passar do tempo se transformava em vontade de poder e poderia

¹⁷ CROCE, Benedetto. Il fascismo como pericolo mondiale e la libertà italiana nella libertà del mondo. In: Per la nuova vita dell'Italia, Scritti e Discorsi (1943-1944). Napoli: Ricardi, 1944. In: BARTOLOTTI, M.(org).op.cit.p. 132.

¹⁸ Idem.p.134.

mesmo levar as massas a renunciar à liberdade em nome da felicidade imediata. Segundo Meinecke:

Essa mentalidade produziu muitas coisas e permitiu obter maravilhosos progressos da civilização. Mas as outras forças psíquicas próprias do homem vingaram-se do fato de terem sido recalcadas, quer através de selvagens reacções quer provocando um entorpecimento e um relaxamento.¹⁹

A partir daí, Meinecke desenvolve a tese de que a Primeira Guerra Mundial teria exacerbado essa crise moral, rompendo o equilíbrio entre impulsos racionais e irracionais e exaltando impulsos negativos tanto latentes quanto novos. Centrando-se no caso alemão em especial, o autor destaca elementos do contexto do entreguerras que tornaram a crise mais aguda, como a humilhante derrota no primeiro conflito mundial, as duras imposições do Tratado de Versailles e a crise econômica subsequente. Tais aspectos conjunturais juntamente com outros mais profundos possibilitaram a construção de uma mentalidade nacionalista e individualista, que em última instância veio a comprometer a estabilidade do sistema democrático.

A transformação do povo alemão segundo o modelo hitleriano (...) Tornou-se possível pela deslocação das forças espirituais que existiam desde o tempo de Goethe, deslocação que se pode conceber como uma perturbação do equilíbrio psíquico entre forças racionais e irracionais. Desenvolveram-se desmesuradamente, por um lado, o raciocínio e, por outro lado, o desejo sensual de poderio, de riqueza, de segurança, etc., e a vontade actuante desviou-se para zonas perigosas. Tudo o que se podia tecnicamente calcular e executar parecia justificado desde que trouxesse riqueza e poderio; justificado, inclusivamente do ponto de vista moral, a partir do momento em que beneficiasse o povo. A nova ética do egoísmo nacional, a doutrina do egoísmo sagrado, fazia a sua entrada em cena, para dar a devida consagração a esse obscurecimento das forças psíquicas.²⁰

A segunda grande tese que afirma ser o fascismo um fenômeno datado é aquela que o entende como produto de processos atípicos e tardios de unificação nacional, desenvolvimento capitalista, e especificidades culturais. Nesse caso, temos de forma mais explícita uma interpretação que, mais do que remeter a um contexto europeu, remete diretamente à história da Itália e da Alemanha. Mas, diferentemente da tese crociana do parêntese e meineckiana da doença moral, a tese da unificação tardia e desenvolvimento atípico do capitalismo não presta muita homenagem às conseqüências da Primeira Guerra Mundial ou da crise econômica da década de 1930 e, sim, às características peculiares da Alemanha e da

¹⁹ MEINECKE, Friedrich. La catastrofe della Germania. Firenze, 1949.p.65. apud. FELICE, R. op.cit.p.37

²⁰ MEINECKE, F. op.cit.p.85. apud. FELICE, R.op.cit.p.39.

Itália, concernentes à unificação nacional, particularidades culturais e ao desenvolvimento econômico frágil e tardio.

Juntamente aos aspectos acima, essa corrente interpretativa destaca a dificuldade de desenvolvimento das burguesias nesses países e a opção por alianças conservadoras e formas de poder antidemocráticas, de forma a estabelecer uma relação de forças minimamente favorável. Valeri ainda aponta, no caso da Itália, para o problema do hábito da insubordinação, do fraco sentimento cívico, do absenteísmo e da corrupção, todos símbolos de desordem, desrespeito e um certo prazer em enganar o governo. Com respeito à Alemanha, a corrente se fez presente nos estudos de Edmonde Vermeil (1939), William M. McGovern (1941) e Peter Vierek (1941), enfatizando a continuidade entre a tradição autoritária, militarista, pangermanista e antissemita e a emergência do nazismo.²¹

A questão das particularidades do desenvolvimento econômico também rendeu frutos. Talcott Parsons, em 1942, já sugeria que uma possível causa para a vitória do fascismo poderiam ser as tensões de classe provocadas pela permanência das tradicionais elites pré-industriais durante o processo de desenvolvimento econômico desigual, característico de países de industrialização rápida e tardia, como foi o caso de Alemanha e Itália.²²

Recentemente temos ainda nessa linha o trabalho de Nobert Elias, o qual, à semelhança dos autores da década de 1940, dá maior ênfase à continuidade dos aspectos culturais.

Elias considera a cultura alemã um contribuinte importante para a efetivação do fascismo alemão e do Holocausto vendo-a como conservadora, até xenófoba em certo sentido. A cultura alemã guardara resquícios de um passado hierarquizado, militarista e profundamente germânico e conservador. Isso não deve ser superestimado ou tomado como causador isolado de governos ditatoriais ou políticas eliminacionistas, mas outrora não devemos desconsiderá-lo como mais um entre os agravantes que levaram a escolha por um Estado desse tipo.

Em *Os alemães*, Elias trabalha o conceito de *habitus* (saber social incorporado), ressaltando pontos relevantes da cultura alemã que ajudariam a compreender comportamentos sociais. Seguindo o pressuposto de uma história construída por rupturas e continuidades, esse

²¹ FELICE, R. op.cit.p.48-49.

²² PARSONS, Talcott. Democracy and social struggle in pre-nazi Germany. In: PARSONS, Talcott. *Essays in sociological theory*. IL: Free Press, 1954.p.104-123.

autor afirma que os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais.²³ O *habitus*, assim como a história, não é estanque ou permanente, mudando com o tempo precisamente porque as experiências de uma nação continuam mudando e se acumulando. Fazem parte do *habitus*, por exemplo, a profunda hierarquização cortesã transferida para a burocratização meticulosa moderna; a busca, ao longo da história, por uma Alemanha gloriosa (essa glória perpassa os constantes anseios por império - *Reich*- destruídos e reconstruídos como metáfora do renascer da grandiosidade); o *ethos* guerreiro contemporizado no militar e, em última instância, o cidadão organizado, leal e subserviente.²⁴

Assim, o fascismo seria o resultado da exacerbação de todos esses particularismos, fruto de contextos regionais de tal forma dominados pelo atraso, desordem, corrupção, costume ao autoritarismo e fraca cultura de participação e organização política, que não haveria outra saída senão cair em um regime como o fascismo.

Bastante polêmica, essa tese fora bastante criticada tanto com relação ao fatalismo intrínseco quanto por não levar em consideração as transformações sociais e as novas condições sociopolíticas, colocadas pelo contexto do entreguerras. Ritter e Mann, dois seguidores alemães de Meinecke, debateram incessantemente a problemática do fatalismo.

Seria, contudo, um grave erro (...) pretender fazer derivar o nacional-socialismo dos antecedentes da história alemã que lhe facilitaram o sucesso, como se o nacional-socialismo fosse a última conseqüência e o momento culminante de tradições especificamente alemãs (...) No fundo, o nacional-socialismo não foi um produto original alemão, mas a forma alemã de um fenômeno europeu (...) Não é possível explicar esse fenômeno recorrendo a tradições menos recentes, mas apenas através de uma crise especificamente moderna, a crise da sociedade e do Estado liberal.²⁵

Apesar das críticas bem colocadas, não se pode descartar de todo a relevância dessa interpretação. Ela veio a incentivar e fomentar um campo de estudos importante sobre os aspectos mais profundos, de longa duração para a compreensão dos fascismos. Outra contribuição foi pôr em xeque a interpretação de Croce do fascismo como o parêntese na história.

²³ ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.p30.

²⁴ ELIAS, N. op cit.

²⁵ RITTER, Gerhard. I conspiratori del 20 Luglio 1944. Carl Goerdeler e l'opposizione antinazista. Torino, 1960.p. 87. apud. FELICE, R. op.cit.p.53-54.

Interpretações mais contemporâneas, como a vista no clássico *Explicar o fascismo* de Renzo de Felice, de 1976, apresentam ainda um conceito de fascismo restrito aos marcos temporais do entreguerras. O autor defende a possibilidade de construção de um conceito de fascismo, levando em conta as particularidades nacionais observadas e tão relevantes para a ideologia do movimento. Entretanto, apesar de conceber o fenômeno fascista para além da Itália, destacando dimensões supranacionais em termos ideológicos e de prática político-social, o autor insiste em impor a barreira do tempo. Segundo Felice, o perigo consistiria exatamente em cair em velhas generalizações, dilatando demasiadamente o tal denominador comum.

...o fascismo não pode ser transposto para fora da Europa e do período entre as duas guerras mundiais. As suas raízes são de fato tipicamente européias e mergulham no processo de transformação da sociedade européia determinado pela primeira guerra mundial e pela crise de passagem -moral e material- para uma sociedade de massa.²⁶

Outro autor contemporâneo que corrobora a visão do fascismo restrito à Europa e ao entreguerras é o sociólogo anglo-americano Michael Mann. Segundo ele, o fascismo como ideologia e movimento social floresceu exatamente por oferecer uma solução para as graves crises que abalaram a Europa no pós-Primeira Guerra Mundial (disputa de fronteiras, depressão econômica, formação de grupos paramilitares por ex-combatentes, conflitos de classe etc.). A Segunda Guerra Mundial tivera, nas análises do autor, efeito oposto, sendo observado o sucesso do capitalismo e da democracia, institucionalização dos conflitos de classe e pouca disputa por fronteiras. A conclusão de Mann é que, se o fascismo trouxe a segunda guerra mundial e o genocídio, sua derrota trouxera uma nova ordem mundial, tornando as soluções fascistas irrelevantes.

A possibilidade de expressões contemporâneas de fascismo é sumamente negada. Nas palavras do autor: “Portanto, o fascismo reapareceu recentemente apenas no uso da exclamação “fascista!” – uma forma de abuso impreciso que usamos contra pessoas de quem não gostamos.”²⁷ Organizações como as aqui estudadas ou similares existentes na Europa sequer são mencionadas. Já os polêmicos partidos Frente Nacional, liderado por Le Pen, e Partido da Liberdade Austríaco, liderado por Haider, são caracterizados inicialmente como “populistas” ou “populistas radicais” -como se isso explicasse alguma coisa ou esclarecesse

²⁶ FELICE, R. op.cit.p.23.

²⁷ MANN, Michael. A ascensão e a queda do fascismo. In: PARADA, Mauricio (org). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.p.40.

algo sobre sua ideologia- e finalmente como neoliberais, dada a defesa da desregulamentação e da redução do Estado. Ao final do artigo, o autor é categórico: “O fascismo europeu está morto e provavelmente enterrado (...) O típico conjunto estadista/fascista, com nacionalismo de limpeza e paramilitarismo transcendente não existe.”²⁸

Em sua tentativa de construção de um modelo geral explicativo para o fascismo, Francisco Carlos Teixeira da Silva ressalta que “o fenômeno fascista surge como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado e já findo na aventura humana”²⁹ e que, portanto, tornar-se-ia empobrecido qualquer estudo sobre o fascismo europeu do entreguerras que não levasse em consideração o neofascismo e suas possibilidades.

Como se pode notar, o autor propõe, para fins puramente didáticos, uma distinção entre os dois momentos básicos, quando pode ser observada uma maior articulação de algumas sociedades em torno do projeto fascista. É adotada, então, a designação “fascismo histórico” em referência ao fenômeno vivenciado durante o entreguerras e o termo “neofascismo” em referência à proliferação de partidos e agrupamentos de caráter fascista observada nos anos 90. Com respeito a esses últimos, Silva cita, por exemplo, o francês Front Nacional, de Jean Marie Le Pen, a italiana Aliança Nacional, de Gian-Franco Fini, os Nacionalistas Populares Alemães (DNV) e o russo Partido Liberal Democrático, liderado por Jirinovski.³⁰

Ao longo do texto, o autor busca enfatizar que somente a conjuntura do entreguerras e as argumentações clássicas pautadas unicamente nos acontecimentos particulares deste contexto específico - derrota na Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes, a crise de 1929 - não seriam suficientes para uma explicação adequada do desenvolvimento e popularização do movimento fascista, principalmente se pensarmos em neofascismo. Entretanto, tais aspectos não devem ser de modo algum desprezados.

Nos capítulos referentes à análise das organizações norte-americanas, tentaremos demonstrar que o fascismo não está morto, muito menos enterrado, que ele se reconfigurou, assumindo traços de seu tempo, traços pertinentes aos conflitos e crises do capitalismo

²⁸ Idem.p.41.

²⁹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et.alli.(org). *O século XX*.vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p.113.

³⁰ Idem. p.121.

contemporâneo e por isso trata-se de *neofascismo* e não simplesmente resgate completo dos projetos do passado.

b. Fenômeno transpolítico X Particularidades políticas e nacionais

Do mesmo modo que uma análise do fascismo pura e simplesmente pela conjuntura ou como fenômeno datado constitui uma abordagem limitada, o contrário oferece, por seu turno, perigo semelhante. Esse tipo de abordagem pode ser encontrado nos escritos do historiador alemão Ernst Nolte, que acredita ser possível entender o fascismo como um fenômeno a-histórico, metapolítico ou descolado de uma realidade histórica específica.³¹

A interpretação fora primeiramente defendida pelo autor no ano de 1963 em um trabalho de fôlego intitulado *Der Faschismus in seiner Epoche* e posteriormente reforçada em demais escritos ao longo das décadas de 1960 e 1970. Rejeitando as interpretações meramente historicistas, a tese do totalitarismo e as teses marxistas no geral, Nolte inovava ao construir um conceito de fascismo pautado mais em problemáticas filosóficas, procurando descobrir o menor denominador comum, uma essência que faria de todos os fascismos do entreguerras um fenômeno único. Dentre os aspectos definidores estão autoritarismo político, antibolchevismo e também, como pré-condição, o próprio liberalismo, posto que, segundo o autor, o fascismo nasce apenas no terreno do sistema liberal e inexistente sem o desafio do bolchevismo.

Outro referencial teórico com filosofia similar é a designação extrema direita, um dos polos da popular diáde direita/esquerda. Os termos direita e esquerda surgiram durante a revolução francesa, referindo-se às reivindicações e propostas dos representantes dos estados gerais com respeito à monarquia e o direito de veto do rei. Os favoráveis estavam literalmente à direita do rei, e os opositores, inclinados à limitações constitucionais do poder do monarca ou à formação de uma república, à esquerda. A linguagem política a partir do século XIX passou a adotar correntemente os termos direita e esquerda, integrando-os definitivamente ao conjunto de critérios para definição dos conflitos políticos.

A transformação dos termos em conceitos foi posterior. Um importante trabalho nesse sentido foi o livro de J. A. Laplace, *Left and right: the topography of political perceptions*, publicado em 1981. O autor trabalha com duas dimensões concomitantes da relação política -

³¹ NOLTE, Ernst. O fascismo enquanto fenômeno metapolítico. In: FALCON, Francisco et.alli (org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

a vertical (alto/baixo) e a horizontal (direita/esquerda) - representando respectivamente as relações entre governantes e governados e intragovernantes/intragovernados. Segundo Laponce, a Revolução Francesa abriu mais espaço à relação horizontal, tornando mais abundantes e evidentes os conflitos entre direita e esquerda.³²

Outra possibilidade de conceituar direita e esquerda foi fornecida por Dino Cofrancesco. Ao analisar a alma do homem de direita e a alma do homem de esquerda, o autor conclui que o primeiro “é aquele que se preocupa, acima de tudo, em salvaguardar a **tradição**” e o segundo, ao contrário, procura a emancipação, “**libertar** seus semelhantes das **cadeias** a eles impostas pelos privilégios de raça, casta, classe, etc. [grifos do autor]”³³ Anos mais tarde, já na década de 1990, Cofrancesco propôs um novo critério de distinção, baseado na relação que se estabelece com o poder. A direita relacionar-se-ia positivamente com o poder, considerado como princípio de coesão, temendo, portanto, a anarquia. A esquerda, por sua vez, relacionar-se-ia negativamente, vendo o poder como fonte de discriminação e abuso, temendo a oligarquia.³⁴

Tão polêmico quanto amplamente adotado foi o conceito proposto por Norberto Bobbio em 1994. A distinção entre os termos é pautada no posicionamento concernente ao ideal de igualdade, segundo o qual a direita se afastaria, e a esquerda se aproximaria. Para Bobbio tais diferenças derivam, em última instância, da percepção e avaliação daquilo que torna os homens desiguais: as dinâmicas sociais ou a própria natureza.³⁵ A partir desse modelo, Bobbio concebe ainda a possibilidade de existência de alas moderadas e extremistas, caracterizadas pelas diferentes posturas diante da liberdade. Combinando os critérios igualdade e liberdade, Bobbio cria um espectro de arquétipos políticos composto por: extrema esquerda, centro esquerda, centro direita e extrema direita.³⁶

³² LAPONCE, J. A. *Left and right: the topography of political perceptions*. Toronto. Univ. of Toronto Press, 1981. apud: BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001. p.89-90.

³³ COFRANCESCO, Dino. Per un uso critico dei termini ‘destra’ e ‘sinistra’. In: *La Cultura*, Nº 3-4, 1975.p.403. apud: BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001. p.97.

³⁴ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001. p.101.

³⁵ Idem. p.111-125.

³⁶ Idem. *ibidem*. p.134-135.

Mas há de se ter cuidado, pois interpretações como a de Nolte ou as derivadas do binômio direita/esquerda podem levar perigosamente a associar fascismo a qualquer tipo de autocracia ou autoritarismo, retirando as suas especificidades e, conseqüentemente, destituindo o termo de sentido. Diferentemente de ditaduras militares experimentadas na América Latina ou de clássicos casos de bonapartismo, o fascismo supõe extraordinária mobilização popular; é um movimento social que suscita medo e entusiasmo. “A maioria das ditaduras militares atua como simples tirania, sem ousar desencadear a excitação popular do fascismo.”³⁷ O espetáculo é elemento característico do fascismo. E por mais tentadora que seja a associação entre tirania clássica e fascismo, uma vez que ambos mostram-se profundamente antidemocráticos, façam uso de uniformes e apareçam pesadamente militarizados, não devemos nos deixar levar por conclusões precipitadas e superficiais.

Por mais cruéis que elas [ditaduras e formas autoritárias clássicas] sejam, falta-lhes a manipulação do entusiasmo das massas e a energia demoníaca do fascismo, que vão lado a lado com a missão de “abandonar as instituições livres” em nome da unidade, da pureza e da força nacionais.³⁸

Nota-se, entretanto, como bem afirma Felice, que a proposta de Nolte não é de todo destituída de contexto, pois o *minimum* fascista procurado nas abstrações dele tem um limite temporal definido, as duas guerras mundiais. É justamente o limite temporal do entreguerras, bem como as especificidades político-filosóficas, que fazem das expressões de fascismo um fenômeno único e profundamente “epocal”. Nesse sentido, diferente da atemporalidade impressa na categoria extrema direita, o arsenal oferecido por Nolte não possibilita pensar em expressões contemporâneas de fascismo.

Há ainda um outro problema a ser levado em conta. Esforços como o de Nolte em buscar um *minimum fascista* e o arquétipo extrema direita de Bobbio são interessantes no momento em que, via comparação entre casos, pode-se encontrar pontos de contato, algo que nos possibilite identificar um certo movimento ou projeto político como fascista, mas não devem bastar como análise de um fenômeno histórico.

É preciso ter em mente que, principalmente no caso do fascismo, estamos tratando de movimentos nacionalistas e que, naturalmente e mais do que nunca, as especificidades e particularidades nacionais desempenham um papel primordial na estruturação e delineamento

³⁷ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p.355.

³⁸ Idem. p. 354.

de cada caso. São elas que definem, por exemplo, o caráter da coletividade mitificada, quais grupos estão incluídos e quais devem ser rejeitados, se uma dada expressão de fascismo apresentará traços mais explícitos de antissemitismo, racismo ou anticlericalismo. Particularidades culturais, dramas e medos nacionais particulares são construções históricas que, ontem e hoje, delineiam toda a especificidade, dão o tom nacional à cada caso de fascismo.

...os fascismos, enquanto regimes autoritários antiliberais, antidemocráticos e anti-socialistas possuiriam suas próprias especificidades nacionais, suas histórias específicas, que, por sua vez não descaracterizariam a universalidade e autonomia do fenômeno ante outras formas de autoritarismo (ditadura, bonapartismo e ditaduras militares).³⁹

Sem descartar as especificidades nacionais, o historiador francês Henri Michel procurou definir o fascismo por seus aspectos ideológicos, ultrapassando a barreira imposta pela tese do fascismo como fenômeno europeu e do entreguerras. No livro *Os Fascismos* de 1977 Michel caracteriza o fascismo como intrinsecamente desigual, nacionalista, autoritário, antiliberal, antidemocrático e antissocialista. “O que o fascismo rejeita a priori e totalmente é a sociedade liberal do século XIX, inspirada pela “filosofia das luzes”, transposta politicamente na Revolução Francesa. O fascismo não crê que os homens sejam iguais, nem que o homem seja naturalmente bom.”⁴⁰ Segundo o autor, para o fascismo o pluralismo partidário e o livre debate político geram discórdia e divisões nocivas à sociedade. A luta de classes promovida pelos socialistas, por sua vez, também conduz a divisão e, conseqüentemente, ao enfraquecendo a nação. Em seu lugar, o fascismo viria com um programa agregador, nacionalista e autoritário, suprimindo os antagonismos e promovendo mitos de uma nação e povo glorioso.

O fascismo repudia a época que o precedeu - proclama-se revolucionário - e procura os seus modelos num passado da nação mais ou menos mítico - a germanidade, a latinidade, a hispanidade, o helenismo, a francidade, etc. Nesta idade de ouro, a nação era pura de qualquer elemento alheio; para purificar de novo o fascismo é xenófobo, racista e, ao fim e ao cabo, anti-semita. Povo, Nação, Raça exprimem então a mesma realidade histórica.⁴¹

Inspirado nas análises de Wolfgang Schieder sobre as manifestações fascistas durante o entreguerras, Silva destaca alguns aspectos comuns nas diversas manifestações dos

³⁹ SILVA, F. op. cit., p.118.

⁴⁰ MICHEL, Henri. *Os fascismos*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.p.13-14.

⁴¹ Idem.p.15-16.

movimentos fascistas ao longo do tempo, aspectos integrantes da ideologia fascista. São eles: o antiliberalismo, autoritarismo e aversão à democracia, e antissocialismo.

Enfatizando a falência do sistema liberal, o projeto fascista se apresentaria como nacional. “O conjunto de medidas tomadas pela Revolução Francesa com a libertação do indivíduo dos entraves do Antigo Regime (...) lançaria os indivíduos na multidão anônima, no seio de uma massa amorfa, incapaz de refazer seus laços de identidade...”⁴² A secularização da vida pública viria como um furacão, destruindo os vínculos dos homens com o sobrenatural, com o místico, com a submissão a uma ordem transcendental. Assim, para Silva, Michel e Paxton, a representatividade política de ordem liberal ou democrática, desde a revolução exercida por meio dos partidos políticos, seria tida pelo fascismo como a fonte de todas as discórdias, propagando o caos social, uma vez que os partidos representariam sempre interesses setoriais, parciais e, portanto, não nacionais.

Com seu governo não-intervencionista e sua crença no debate aberto, seu pouco controle sobre a opinião das massas e sua relutância a recorrer ao uso da força, os liberais, aos olhos dos fascistas, eram guardiões da nação culposamente incompetentes no combate à luta de classes desencadeada pelos socialistas.⁴³

Assim, na ideologia fascista, ambos o liberalismo e, em um grau ainda mais preocupante, a democracia seriam formas de governo incapazes de se manter e atuar com autoridade, incapazes de gerir a nação como um todo, uma unidade, posto que esfacelados por uma série de interesses particulares.

A proposta fascista viria exatamente na busca pela superação desse caos social ou das contradições existentes no sistema liberal pela implantação de uma ordem corporativista e de um Estado uno e harmônico, despido de contradições e de interesses particulares conflitantes. “O Estado, assim concebido, apresenta-se como fator de coesão nacional, capaz de reerguer a Nação e restaurar a identidade nacional dilacerada pelas lutas ensejadas pelo regime liberal.”⁴⁴ O objetivo seria, aqui, a correção do que era considerado a fraqueza original intrínseca ao liberalismo e à democracia, isto é, a luta, a discórdia, eliminando-se a possibilidade de livre associação, calando-se os debates e divisões políticas. A nação, mitificada em seu poder não apenas agregador, mas profundamente acolhedor, viria a

⁴² SILVA, F. op. cit. p.130.

⁴³ PAXTON, R. op.cit., p.44.

⁴⁴ SILVA, F. C. T. op. cit., p.133.

contemplar o ideal de vida comunitária em contraposição à frieza e solidão geradas pelo humanismo secularista.⁴⁵

[O] mito da nação como sucedâneo da autêntica comunidade humana pela qual as pessoas anseiam é uma característica essencial do fascismo e se manifesta em todos os movimentos desse tipo, independentemente dos países em que se realizam e independentemente das formas particulares que assumem.⁴⁶

Diferentemente do socialismo ou comunismo, o fim das diferenças proposto pelo fascismo não envolve em momento algum uma proposta de eliminação das desigualdades sociais. É isso que os faz, em última instância, projetos notadamente antagônicos. Porque

no fascismo não há espaço para o outro, mesmo o outro hierarquizado e subordinado [como no liberalismo e na democracia], tampouco para sua educação e conversão num homem novo (...) uma idéia força, raça ou nação, torna-se o único valor moral em torno do qual ergue-se um poderoso código de ação.⁴⁷

O projeto fascista não propõe, ao contrário do socialista e do comunista, uma transformação radical ou eliminação da ordem capitalista. “O que o fascismo criticava no capitalismo não era sua exploração, mas seu materialismo, sua indiferença para com a nação e sua incapacidade de incitar as almas.”⁴⁸ Se a princípio esse parece agregador, uma vez que ao atentarmos para formação social de um movimento fascista, podemos perceber a presença de diferentes classes sociais (mesmo sendo ele um projeto dos setores médios) e de um discurso impregnado de críticas aos grandes monopólios, em prol de igualdade de oportunidades, visando a uma competição mais justa, não devemos nos iludir em pensar o fascismo como um socialismo nacional conforme expresso no nome do conhecido partido político dos anos 1930.⁴⁹

⁴⁵ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.15.

⁴⁶ Idem, p.16.

⁴⁷ SILVA, F. C.T. op.cit., p.149.

⁴⁸ PAXTON, R. op. cit., p.27.

⁴⁹ Refiro-me ao nome oficial do partido nazista alemão. Traduzida para o português, a sigla NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*- significa Partido nacional-socialista trabalhista alemão. Mais leituras sobre fascismo como forma radical de anticapitalismo ver: WEBER, Eugen. *Varieties of fascism*. NY: Van Nostrand, 1964. LAQUEUR, Walter(org). *Fascism: a reader's guide*. Berkeley:Univ. of California Press, 1976. FURET, François. *The passing of an illusion: the idea of communism in the twentieth century*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1999.

c. Fascismo, produto do capitalismo e reação contra-revolucionária: a tese da Terceira Internacional

Essa tese é basicamente desenvolvida nas discussões feitas pela Terceira Internacional. Nessa ocasião particular, pensava-se o fascismo como produto inevitável da democracia burguesa e que a passagem gradual, quase imperceptível desta até o fascismo seria mesmo a essência da democracia burguesa. O fascismo, logo, não consistiria em uma nova forma de governo, mas simplesmente uma gradação das formas repressivas já presentes na democracia.⁵⁰

Amadeo Bordiga e Terracini expõem essa interpretação em suas “Teses sobre a Tática”, discutidas durante o II Congresso Nacional do Partido Comunista Italiano em 1922 e publicadas no periódico *Ordine Nuovo*.

A actual situação italiana, característica da ofensiva cada vez mais vasta e completa da burguesia (...), longe de constituir algo de excepcional e de transitório, é na realidade um estágio natural e previsível do desenvolvimento do regime capitalista, uma manifestação específica da função e dos objectivos do Estado democrático.⁵¹

A reação ao movimento operário italiano também é mencionada por Bordiga e Terracini como um dos aspectos centrais do fascismo.

A ofensiva patronal que se desencadeou na Itália em fins de 1920 com a denúncia dos acordos estabelecidos e com as violências fascistas é a confirmação da previsão comunista de que, quando a acção do proletariado ameaça com o seu desenvolvimento as bases da situação privilegiada da classe dominante, esta empreende sem hesitação a defesa a todo o custo da sua existência, do seu domínio.⁵²

Georgi Dimitrov, secretário-geral da Internacional Comunista entre 1934 e 1943, exacerba a proposta, chegando inclusive a afirmar que a pequena-burguesia havia sido arrastada contra seus interesses pelo fascismo por meio de expedientes demagógicos.

O fascismo no poder é a ditadura terrorista declarada dos elementos mais reaccionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro. (...) O fascismo não é um poder acima das classes, tal como não é poder da pequena burguesia ou do *lumpen-proletariat* sobre o capital financeiro. É a organização do terror contra a classe operária e contra a parte revolucionárias do campesinato e dos intelectuais(...) a utilização de sua demagogia social permitiu-lhe arrastar atrás de si,

⁵⁰ POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974.p.58. O autor cita ainda ao longo de sua argumentação algumas outras referências como: MANUILSKY, Dmitri. *Report to the Eleventh Plenum*, 1931. e HIRSCH, W. *Faschismus und Hitlerparte*. *Die Internationale*. January, 1932.

⁵¹ BORDIGA, Amadeo e TERRACINI, Umberto. Teses sobre a Tática. In: BARTOLOTTI, M (org). op.cit.p.63.

⁵² Idem.p.66.

em muitos países, as massas da pequena burguesia desorientadas pela crise e, até, algumas partes das camadas mais atrasadas do proletariado...⁵³

Entretanto, é preciso refletir para além do mero caráter conservador ou situacionista da proposta antiproletária como definidor do fascismo. Em seus estudos sobre o papel da pequena-burguesia no fascismo, Luigi Salvatorelli pondera uma possível visão limitada acerca do processo.

As relações entre fascismo e conservadorismo são reais; e é perfeitamente exacto que o fascismo tenha funcionado como reacção antiproletária em favor da alta burguesia. Todavia, se nos fixássemos só neste ponto, acabaríamos por negar ao fascismo toda a sua consistência, toda a autonomia: ele não seria mais que um instrumento empunhado pela mão capitalista.⁵⁴

Ponderação similar encontra-se em Antonio Gramsci, ao observar no fascismo um elemento importante de reacção antiproletária, porém uma vitória decorrente não somente da reorganização das classes dominantes, mas igualmente de uma derrota do proletariado revolucionário. Tomando para si o problema, o secretário do Partido Comunista Italiano reflete sobre o avanço do fascismo na Itália, afirmando que este significava menos uma vitória sobre revolução do que a consequência da derrota intrínseca das forças revolucionárias em virtude de suas próprias deficiências.

Como líder político e intelectual, Gramsci buscava ir ao âmago da questão, tentando identificar as tais deficiências de forma a combatê-las e, então, direcionar a prática revolucionária em um caminho mais eficiente. Segundo ele, o problema estava nas políticas organizativas, táticas e estratégias do partido dos trabalhadores. Dentre as estratégias de luta do movimento operário italiano, a mais criticada é a chamada “solução reformista”, o colaboracionismo e oportunismo identificado nas aristocracias operárias. O avanço do fascismo encontraria espaço nessas fissuras e conflitos de interesse entre classes, intra-classes somados à dinâmica complexa com os setores médios.⁵⁵

...a apresentação de uma solução ‘reformista’ do problema do Estado provoca inevitavelmente a desagregação da estrutura estatal e social, que não resiste ao

⁵³ DIMITROV, G. L'Unité de la classe ouvrière contre le fascisme. Paris, 1937. p.5-6. apud. FELICE, R. op.cit.p. 79.

⁵⁴ SALVATORELLI, Luigi. Nazionalfascismo. Torino:Gobetti, 1923.p.8-9. In: BARTOLOTTI, M. op.cit.p.69.

⁵⁵ GRAMSCI, Antonio. Teses do Terceiro Congresso do PCI (teses de Lione),1926. In: BARTOLOTTI, M. op.cit. p.89-99.

choque dos numerosos grupos em que as próprias classes dirigentes e as classes intermediárias se pulverizam.⁵⁶

As preocupações e críticas de Gramsci quanto à parca organização e desunião dos trabalhadores reaparecem posteriormente no livro *Political economy and capitalism*, de Maurice Dobb (1937). A tese de Dobb incorpora ainda outros elementos à análise como a questão do imperialismo, do capitalismo monopolista e do papel peculiar desempenhado pelos setores médios.⁵⁷

Segundo o economista britânico, o fascismo cumpriria uma dupla função histórica, sendo a primeira esmagar as organizações trabalhadoras independentes e a segunda organizar a nação através de intensa propaganda, preparação militar e centralização autoritária para uma campanha imperialista de expansão territorial. A crise econômico-social vivenciada no entreguerras não seria exatamente nem uma crise desencadeada pela guerra nem uma crise do liberalismo e, sim, uma crise do capitalismo monopolista, explicada a partir de três fatores principais: as dificuldades em se encontrar novas saídas para investimento, especialmente em países privados dos frutos do colonialismo após a primeira-guerra mundial; setores médios numerosos e necessitados - anteriormente alimentados pelo sistema imperial - agora frustrados e prontos para serem conquistados pelo credo fascista; classe trabalhadora desunida e privada de consciência de classe, tornando-se politicamente débil.

...um país cuja a economia se baseava, anteriormente, no colonialismo terá produzido com mais facilidade uma “aristocracia do trabalho”, com uma ideologia e um movimento político correspondentes. Não foi, evidentemente, por simples coincidência que o fascismo surgiu em dois países que tinham sido tão manifestamente frustrados, nas suas ambições coloniais, pelos resultados da grande guerra; é bem possível que tendências análogas consigam manifestar-se em Inglaterra, berço da democracia parlamentar e do movimento sindical, ao primeiro sinal sério de um ‘desemprego da classe média’ e dos sintomas de um declínio da posição da Inglaterra como centro financeiro e exportador.⁵⁸

⁵⁶ Idem.p.98.

⁵⁷ A tese de Maurice Dobb ganhará mais tarde maior profundidade nas análises de Paul Sweezy sobre o sistema capitalista. Em *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*, de 1942, os autores começam por criticar o automatismo capitalismo-fascismo, trabalhando com a hipótese de que a falta de saídas para investimento poderia ser contornada exatamente pelo método imperialista de expansão para o estrangeiro. A saída luxemburguiana, contudo, não teria funcionado para os casos de Itália e Alemanha, pois são justamente os países mais enfraquecidos pela guerra e que, portanto, tiveram menores oportunidades de seguir nessa direção. Esse seria então o terreno no qual o fascismo poderia criar raízes e se desenvolver. O problema dos setores médios também é abordado e aprofundado com uma discussão sobre nacionalismo e raça. “A ideologia e o programa do fascismo refletem a posição social das classes médias e quanto a isso são apenas uma intensificação das atitudes já mostradas como características do imperialismo. (...) as classes médias compensam sua falta de interesses de classe comuns e sólida base orgânica pela glorificação da nação e da “raça” a que pertencem. Estrangeiros e minorias raciais são responsabilizados pelas desgraças cuja natureza não compreendem.” SWEEZY,Paul. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.p.364

⁵⁸ DOBB, Maurice. *Political economy and capitalism*. London, 1937. apud. FELICE, R.op.cit.p. 58-59.

Como se pode ver, a abordagem da Terceira Internacional teve repercussões importantes na história da construção do conceito e entendimento do fenômeno social fascista. A interpretação, ainda que simplista, posto que rígida e mecânica, rendeu frutos para além do contexto de sua produção, pautando os trabalhos de muitos autores no pós-Segunda Guerra Mundial.

Todavia diversos autores, inclusive muitos da própria corrente marxista, revisaram a hipótese da inevitabilidade da evolução do capitalismo para o fascismo e buscaram enfatizar, cada um a sua maneira, o fascismo como fenômeno político distinto do liberalismo, da social-democracia e das tantas formas de autoritarismo, bem como suas estratégias de convencimento e mobilização social.

Em 1930, August Thalheimer, um dos fundadores do Partido Comunista Alemão, indagava-se em *Über den Faschismus* sobre o fatalismo implícito na tese da Internacional. A questão colocada pelo autor é se o fascismo era a ditadura aberta do capital, como explicar seu não desenvolvimento nos países capitalistas mais avançados como Inglaterra, EUA, França, etc. Defendia, então, que o fascismo não era a ditadura aberta do capital, mas uma forma específica de ditadura no capitalismo, um regime político-social semelhante ao bonapartismo.

[O poder burguês assume tal forma particular] no estágio que se segue ao momento em que determinada sociedade burguesa foi mais fortemente ameaçada pelos assaltos da revolução proletária, depois de a burguesia ter esgotado as suas forças para se defender desses assaltos, quando todas as classes jazem por terra, sem forças e sem fôlego, e a burguesia procura a trincheira mais segura para assegurar o seu domínio social.⁵⁹

Criticando a interpretação de Thalheimer, Mandel alerta que:

O fascismo (...) não é simplesmente a ditadura aberta do capital monopolista. É uma forma especial do 'executivo forte' e de ditadura aberta, caracterizada pela destruição completa de todas as organizações da classe operária - mesmo as mais moderadas e, sem dúvida, da própria social-democracia.⁶⁰

O mesmo autor, em crítica a August Thalheimer, reforça a especificidade do fascismo como ideologia e forma de organização política dentro do âmbito do próprio do pensamento conservador. Ainda que não se concorde com a suposição de “autonomia crescente do

⁵⁹ THALHEIMER, August. *Über den faschismus*. In: *Gegen den Strom*. n.º.2-4. 11,18 e 25 janeiro 1930. apud. FELICE, R. op.cit. p.61.

⁶⁰ MANDEL, Ernest. *Sobre o fascismo*. Lisboa: Antídoto, 1976.p.47.

aparelho de Estado” ou com o fato dele estabelecer uma relação direta entre operariado e luta revolucionária, a diferença qualitativa entre bonapartismo⁶¹ e fascismo é de grande valia.

A. Thalheimer sub-estima a diferença qualitativa entre bonapartismo e fascismo: no primeiro, há uma autonomia crescente do aparelho de Estado acompanhada por uma repressão tradicional sobre o movimento revolucionário; no segundo, há uma autonomia crescente do aparelho de Estado, acompanhada pela destruição de **todas** as organizações da classe operária e pela tentativa de atomizar completamente os trabalhadores através de um movimento pequeno-burguês.⁶²

Recentemente outro autor marxista que contesta o automatismo é o grego Nicos Poulantzas.

Embora seja verdade que o fascismo não seja estranho à democracia parlamentarista; e embora seja também verdade que o Estado burguês (e o sistema capitalista) carregam dentro de si as ‘sementes’ do fascismo e as ‘sementes’ da revolução (e nós não podemos nos esquecer disto), é também verdade que o fascismo não pode ser explicado somente pelo automático, linear, necessário germinar destas sementes, tampouco a revolução pode ser atribuída a tal processo.⁶³

A crítica mais refinada sobre as limitações da tese do fascismo como ditadura burguesa e reação anti-proletária foi desenvolvida em 1936 pelo teórico e ativista francês Daniel Guérin. Ele não negava as relações estreitas entre o fascismo e grande capital. Ao contrário, esse é justamente o título de seu livro, no qual trabalha os interesses e as relações dos diversos setores burgueses com o regime fascista na Itália e na Alemanha, revelando o papel crucial desempenhado pelos magnatas da indústria de base e pelos banqueiros, credores dos primeiros.⁶⁴

⁶¹ Marx trata do conceito de bonapartismo principalmente nos textos *O dezoito brumário de Luis Bonaparte* e *Guerra civil na França*. Para o autor, o bonapartismo é fruto de uma situação excepcional na sociedade capitalista, quando a classe dominante não é capaz de manter seu domínio por vias constitucionais e parlamentares, e também a classe operária não é capaz de construir uma alternativa à ordem e subverter as relações capitalistas em seu âmago. Verifica-se, então, uma hipertrofia da parte executiva do Estado, muitas vezes representado por um indivíduo que assume poder ditatorial sobre os demais poderes do Estado e sobre a sociedade. Em última instância, a função de um Estado bonapartista é garantir a permanência e estabilidade da sociedade burguesa, alavancando o desenvolvimento do capitalismo.

⁶² MANDEL, E. op.cit.p.52.

⁶³ POULANTZAS, N. op.cit., p.58. Desse ponto em diante, todas as traduções apresentadas ao longo do texto serão responsabilidade desta autora, que se compromete a acrescentar os trechos originais para a pronta consulta do leitor. “*Although it is true that fascism is not alien to parliamentary democracy; and although it is also true that the bourgeois State (and the capitalist system) carry within them both the “seeds” of fascism and the “seeds” of revolution (and we must not forget this), it is still true that fascism cannot be explained just by the automatic, linear, necessary germination of these seeds, any more than revolution can be ascribed to such a process.*”

⁶⁴ GUERIN, Daniel. *Fascismo y Gran Capital*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973.p.31-60.

Contudo, sua explicação da vitória de um regime deste tipo não se atém somente a elementos estruturais, nem sua crítica se limita a apontar especificidades de ordem política e ideológica. O autor atenta para aspectos culturais como a mística e a demagogia fascista, ingredientes que atraem e mobilizam politicamente populações fragilizadas pela crise e suscetíveis à propostas salvacionistas. Dizia ele em crítica mordaz:

Mas os marxistas decadentes creem que é “marxista” e “materialista” desdenhar dos fatores humanos (...) estudam com todo detalhe as causas profundas dos fenômenos sociais, mas não estudam do mesmo modo a forma como essas causas se traduzem na consciência dos homens, não percebem a realidade vivida. Como só se fixam em valores materiais, nunca compreenderão como as privações sofridas pelas massas se transmutam em uma aspiração religiosa.⁶⁵

A mística e a demagogia fascista trouxeram unidade, criaram uma identidade para um conjunto social variado, composto de empresários, operários, camponeses, pequenos burgueses, militares, profissionais liberais, etc. Segundo Guerin, o fascismo suscita a fé, cria mitos, prefere convencer pela emoção que pela racionalização. Exige uma entrega espiritual ao projeto social, o sacrifício em nome da nação e a devoção ao líder, visto como herói, salvador, uma personalidade providencial. Aliado ao culto ao líder e a à nação, o autor ressalta ainda a mística em torno da juventude, exaltando o futuro e a renovação, e do “ex-combatente”, desconhecido transformado e mártir da luta.⁶⁶

Toda essa mística era fortemente adornada por símbolos que aludiam à força, à honra, à grandiosidade, à disciplina e à ordem. Guerin analisa o impacto social gerado pela política do espetáculo, materializada em eventos públicos de grande porte como desfiles e discursos, meticulosamente organizados e marcados pela imponência do discurso ou do marchar e pelo uso extensivo de símbolos milenares resignificados, como a cruz gamada e a águia romana.

O espetáculo político-social tornava-se ainda mais extenso e grandioso devido ao papel desempenhado pela propaganda e pelos meios de comunicação de massa. Por eles era difundido um discurso fortemente apelativo, explorando medos e preconceitos populares e criando bodes expiatórios na figura do judeu estrangeiro e mesquinho, do cigano sujo e desonesto, do comunista ameaçador da ordem e da propriedade, do político corrupto, do

⁶⁵ Idem.p.115. “Pero los marxistas decadentes creen que es “marxista” y “materialista”, desdeñar los factores humanos. (...) Estudian con todo detalle las causas profundas de los fenómenos sociales, pero no estudian del mismo modo la forma como dichas causas se reflejan en la conciencia de los hombres no perciben la realidad viviente. Como sólo se fijan en los factores materiales, nunca comprenderán cómo las privaciones sufridas por las masas se transmutan en una aspiración religiosa.”

⁶⁶ Idem. ibidem.p.97-116.

banqueiro usurpador, etc. O discurso fascista buscava encobrir as diferenças classistas, criando identidade em torno do ideal de coletividade mitificada (o verdadeiro italiano, o alemão puro), do patriotismo e da idéia de progresso da nação como um todo. Tal ideal de unidade era reforçado pelas políticas públicas fascistas, que incorporavam, ainda que parcialmente, os anseios de estabilidade e segurança material dos setores médios e trabalhadores urbanos e rurais por meio de programas sociais, grandes obras públicas, política de estabilização dos preços, etc.⁶⁷

A chave explicativa construída por Guerin conjuga aspectos estruturais da crise social, a conjuntura do entreguerras, o caráter capitalista e classista do fascismo, estabelecendo sua relação com os elementos simbólicos da política fascista e das mentalidades popular e pequeno-burguesa, produzindo assim uma argumentação dialética sobre o processo observado no entreguerras. Sua tese possibilita entender a popularidade e a manutenção do regime fascista por tanto tempo na Itália e na Alemanha, contrapondo-se à argumentações liberais do desvio e da doença moral, bem como às weberianas, assentadas no carisma pessoal do líder e na capacidade de manipulação social.

d. Fascismo e Comunismo: aproximações via tese do Totalitarismo

Os primeiros usos do termo totalitarismo foram feitos ainda na década de 1920 pelo próprio Mussolini e por Giovanni Gentili, principal teórico do fascismo italiano, com o objetivo de caracterizar o regime no qual acreditavam e que estava sendo construído na Itália. Totalitarismo referia-se, então, às estruturas e às metas do Estado fascista. Marcando clara oposição ao liberalismo, líder político e filósofo afirmavam que o Estado era representação total da nação e que por isso deveria governá-la totalitariamente. “Tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado!” Assim dizia Mussolini. Como se pode perceber, o conceito surge em meio ao próprio processo de produção de uma definição de fascismo por parte do próprio movimento.

Já na Alemanha, a designação “totalitarismo” não obteve tanta popularidade. Somente em 1934, George Sabine empregou o termo no verbete “Estado” da *Encyclopaedia of the social sciences*. Em 1940, Carlton Hayes, durante um simpósio sobre Estado totalitário, discorreu algumas características do chamado governo totalitário. Dentre elas estavam o

⁶⁷ Idem. *ibidem*.p.117-154; 412.

monopólio de todos os poderes na sociedade, apoio de massa e o recurso a modernas técnicas de propaganda.⁶⁸

Todavia, somente após o término do segundo conflito mundial o termo “totalitarismo” ganha o mundo e adquire, nos escritos de intelectuais norte-americanos principalmente, um novo significado, diferente da teoria fascista italiana. No compasso da Guerra Fria e do conflito político-ideológico entre EUA e URSS, emerge um conceito abertamente anticomunista e polêmico de totalitarismo, aproximando nazismo e stalinismo. “Válida ou não, teoricamente, a subsunção do fascismo no totalitarismo revela engajamentos e preocupações de cientistas políticos em plena conjuntura da Guerra Fria.”⁶⁹

O checo-norte-americano Hans Kohn é o primeiro a desenvolver o que ficaria mais popularmente conhecido como tese do totalitarismo em 1949. A ele seguem-se Hannah Arendt, provavelmente a autora que deu à tese maior repercussão, Raymond Aron e Zbigniew Brzezinski. Em *The twentieth century*, de 1949, Kohn constrói seu conceito de fascismo associando à crise econômica do entreguerras, o desmornamento dos conceitos morais e da razão e o totalitarismo. De certa forma todos esses elementos estão interligados na tese de Kohn, no sentido em que a crise econômica contribuiu para o desmornamento da razão e da moral.

Perante a crescente complexidade do mundo, depois da catástrofe sem precedentes da guerra mundial, o mal-estar conduz as massas a uma impaciência crescente e ao desprezo pela moderação, pelo compromisso e pelo progresso lento.⁷⁰

O desespero vivenciado pela sociedade levou ao aumento das divergências entre os homens de tal modo que tais conflitos transformavam-se em abismos insondáveis, somente resolvidos pela força e destruição ao invés do diálogo e da razão. É da falta de alternativas racionais que nasce o totalitarismo, do qual o fascismo foi uma manifestação fundamental, mas não a única.

Enquanto Descartes sublinhava a legitimidade da dúvida e o direito do indivíduo pensante, o totalitarismo moderno reafirmou uma pretensão ao absolutismo análoga à da fé medieval. Para aqueles que aceitaram o fascismo ou o comunismo, a visão da vida nada tem de comum com a tradição ocidental da razão (...) as ditaduras totalitárias triunfaram porque deram formas aos sonhos nebulosos das massas nacionais e eco às suas aspirações confusas e pouco conscientes com uma audácia

⁶⁸ BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Vol.2. Brasília: UnB ed., 2007, p. 1247-1248.

⁶⁹ FALCON, F. op.cit.p.18.

⁷⁰ FELICE, R. op.cit. p.45.

espantosa e uma extrema simplificação. Não é possível compreender as massas que seguiram homens como Estaline e Hitler recorrendo apenas ao argumento do terror. Uma afinidade profundamente mental une o chefe ao seu povo...⁷¹

Procurando exatamente entender o horror, o lado mau de nosso tempo, Hannah Arendt, filósofa judia radicada nos EUA, dedica um extenso estudo à problemática do totalitarismo. No prefácio à terceira parte de *Origens do totalitarismo* a autora explicita os objetivos da pesquisa: “Este livro trata do totalitarismo, suas origens e elementos. As conseqüências do totalitarismo na Alemanha ou na Rússia são pertinentes apenas na medida em que possam esclarecer o que sucedeu no passado.”⁷²

Em vista disso, constrói um conceito de totalitarismo a partir da observação de algumas condições sociais específicas. Dentre elas, a autora destaca: o declínio do Estado nacional e a passagem ao imperialismo, reforçando estruturas sociais e políticas envelhecidas; o abalo do sistema e dos valores classistas, permanecendo a maioria do povo excluído da política ou não engajado politicamente; a atomização e individualização, observadas na moderna sociedade de massas como consequência da ruína do sistema de classe. Tais condições já estavam em construção desde o século XIX, mas será a Primeira Guerra Mundial que deflagrará uma reação em cadeia definitiva, levando à degradação moral e material da sociedade europeia e finalmente à constituição de regimes totalitários.

O sucesso dos movimentos totalitários entre as massas significou o fim de duas ilusões dos países democráticos em geral e, em particular, dos Estados nações europeus e do seu sistema partidário. A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo o indivíduo simpatizava com um partido ou outro. (...) A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo, tanto quanto nas instituições e organizações articuladas e visíveis do país.⁷³

O conceito e a atitude do homem-massa é central na teoria de Arendt. São essas massas, esse conjunto desarticulado de homens e mulheres indiferentes, apáticos que se tornam suscetíveis ao discurso demagógico e são elas que enfurecidas formam a base e apoio do movimento totalitário. Para a autora, a guerra e a crise econômico-social só vieram a

⁷¹ KOHN, Hans. *Ideologie politische del ventesimo secolo*. Firenze, 1964.p. 78-79 e 99-100. apud. FELICE, R. op.cit. p. 45-47.

⁷² ARENDT, Hananh. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 1989.p.351.

⁷³ Idem.p.362.

aumentar, a engrossar a massa de insatisfeitos e desesperados, sendo a gota d'água do processo de colapso do sistema partidário e dos valores classistas.

A verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão do indivíduo eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do homem da massa não é brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais. (...) A queda das paredes protetoras das classes transformou as maiorias adormecidas, que existiam por trás de todos os partidos, numa grande massa desorganizada e desestruturada de indivíduos furiosos que nada tinham em comum exceto a vaga noção de que as esperanças partidárias eram vãs...⁷⁴

Estava aberto o caminho para o totalitarismo, um regime autoritário e violento, mas inteiramente distinto das conhecidas formas de despotismo, tirania e ditadura. Isso porque o totalitarismo criou instituições políticas de novo caráter, destruindo as tradições sociais, legais e políticas do país. Segundo Arendt, o totalitarismo não instaura simplesmente uma ditadura monopartidária, mas cria um movimento de massa inspirado pela ideologia do terror, arregimentado em torno de um líder com qualidades especiais e que nutre essa íntima relação líder-massa por meio do uso revolucionário dos meios de comunicação e tecnologia modernos. O Totalitarismo transfere também o centro de poder do exército para a polícia e estabelece uma política exterior visando ao domínio mundial.

A luta pelo domínio total de toda a população da Terra, a eliminação de toda realidade rival não-totalitária, eis a tônica dos regimes totalitários, se não lutarem pelo domínio global como objetivo último, correm o sério risco de perder todo o poder que por ventura tenham conquistado. (...) O totalitarismo no poder usa a administração do Estado para o seu objetivo a longo prazo de conquista mundial e para dirigir as subsidiárias do movimento; instala a polícia secreta na posição e de executante e guardião da experiência doméstica de transformar constantemente a ficção em realidade; e finalmente, erige campos de concentração como laboratórios especiais para o teste do domínio total.⁷⁵

Contemporâneo ao livro de Arendt é *Totalitarian dictatorship and autocracy*, de Carl Friederich e Zbigniew Brzezinski, publicado em 1956. A argumentação dos autores é muito parecida com a da filósofa germano-americana, uma vez que também partem do consenso e não do conflito na base do totalitarismo, trabalham as formas de organização do Estado e o papel da polícia secreta, da burocracia, da aplicação científica da propaganda e da expansão territorial, afirmam o caráter especial do líder e finalmente a difusão da ideologia totalitária em todos os aspectos da vida. Para eles o totalitarismo consistiria em:

⁷⁴ Idem. ibidem. p.366-367 e 365.

⁷⁵ Idem. ibidem.p.442.

1. Uma ideologia elaborada que consiste num corpo oficial de doutrinas que abarca todos os aspectos vitais da existência humana e ao qual, supõe-se, aderem, pelo menos passivamente, todos os indivíduos que vivem nessa sociedade...
2. Um partido único de massa conduzido, de uma forma típica, por um só homem, o ‘ditador’(...) com um forte núcleo apaixonado, cegamente devotado à ideologia e pronto para contribuir por todos os meios para fazer aceitar por todos; um partido deste gênero está organizado hierárquica e oligarquicamente e tem como característica típica o fato de dominar a burocracia governamental...
3. Um sistema de terror, quer físico quer psíquico, realizado através do controlo do partido com o apoio da polícia secreta (...) [e que] aproveita sistematicamente a ciência moderna e, mais particularmente, a psicologia científica.
4. Um monopólio igualmente condicionado tecnologicamente e quase total, de todos os instrumentos de luta armada.
5. Um controlo centralizado e a direção de toda a economia através da coordenação burocrática de entidades corporativas outrora independentes...⁷⁶

Criticando as teses marxistas sobre fascismo, em especial a que descrevia o fascismo como um efeito da superestrutura no capitalismo monopolista, Raymond Aron reafirma a tese do totalitarismo primeiramente em “*O ópio dos intelectuais*”, de 1955 e mais contundentemente em “*Democracia e totalitarismo*”, de 1965.

No primeiro livro, Aron começa ressaltando as afinidades entre o que ele chama de “totalitarismo de esquerda” e “totalitarismo de direita”. Rebate ainda a ideia de que o fascismo e o nacional-socialismo seriam contrarrevolucionários. Segundo o autor, os regimes acima não pretendiam um regresso total ao passado, mas ao contrário almejavam uma ruptura radical com ele.

Já no segundo livro, o autor desenvolve melhor a tese em si, tendo a obra de Hannah Arendt como referência explícita. Assim como Arendt, Aron não considera a Itália fascista como totalitária e adverte para dois fatos: não confundir totalitarismo com sistema de partido único e o totalitarismo não ser um processo exacerbado, mas partir de uma intenção original, a vontade de transformar radicalmente a ordem existente em função de uma ideologia.⁷⁷ Ele também destaca alguns elementos-chave que caracterizariam o totalitarismo.

1. O fenômeno totalitário ocorre num regime que concede a um partido o monopólio da atividade política.
2. O partido monopolístico é animado ou armado de uma ideologia a que confere uma autoridade absoluta e que, subsequentemente, se torna a verdade oficial do Estado.
3. ...o monopólio dos meios de força e o dos meios de persuasão.
4. A maior parte das atividades econômicas e profissionais, são submetidas ao Estado...Como o estado é inseparável da sua ideologia, a maior parte das atividades econômicas e profissionais são coloridas pela verdade oficial.

⁷⁶ BRZEZINSKI, Z.K.; FRIEDERICH, C.J. *Totalitarian dictatorship and autocracy*. Cambridge, 1965.p.22. apud. FELICE, R. op.cit. p.109-110.

⁷⁷ ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Ed.Presença, 1966.p.296.

5. Tudo passando a ser actividade de Estado e estando toda a actividade submetida à ideologia... De onde, no ponto máximo, uma politização, uma transformação ideológica de todas as faltas possíveis dos indivíduos e, em conclusão, um terror ao mesmo tempo policial e ideológico.⁷⁸

Os adeptos dessa releitura do totalitarismo partem muitas vezes de aspectos comuns - mas demasiado gerais - como autoritarismo, violência, controle total e expansão territorial para estabelecer uma comparação um tanto perigosa entre sistemas sociais tão díspares como capitalismo e comunismo. Esquecem a origem e o processo de formação dessas ideologias, segundo os quais o comunismo se compromete com a igualdade e com o fim da exploração do homem por outros homens e o fascismo, forma de organização político-cultural congruente com o capitalismo, com a hierarquização, exploração e até exclusão daquele diferente. Além disso, como se verá na seção seguinte, a base social de apoio do nazismo e do stalinismo é inteiramente diferente. O que possibilita aos autores dessa vertente contornar esse problema é exatamente o fato de não pensarem estas sociedades como estratificadas, permeadas por interesses de classe, fazendo o uso da categoria “massas” e “sociedade de massa”. Estas últimas categorias, bem como o conceito de totalitarismo construído sobre essas bases, homogeneízam-se, obscurecendo o conflito.

e. Base social de apoio e estratificação social no fascismo

Três questões ou indagações em especial norteiam o desenvolvimento desse ponto. São elas:

1. Por que tantos aderiram ao fascismo?
2. É possível reconhecer uma base social específica na qual se apoia o fascismo? Seria o fascismo um projeto de classe? Ou seria ele um movimento plural, de base social amorfa?
3. Sim, o projeto se diz nacional, ou mesmo racial. Mas, se formos além da superfície do discurso sobre si, que setores da sociedade mais se beneficiam com políticas públicas de caráter fascista?

A partir delas discorrerei sobre polêmicas mais contemporâneas, surgidas em alguns casos na década de 1930, porém mais difundidas a partir do pós-Segunda Guerra Mundial e

⁷⁸ Idem. p.293-294.

elaboradas, em sua maioria, por sociólogos e cientistas políticos.⁷⁹ Diferentemente das discussões de caráter mais historicista vistas no início do capítulo, os trabalhos discutidos nesta primeira subseção trazem em seu bojo inquietações mais ligadas à psicologia e à moderna sociologia, como as teorias de sociedade de massa e do fascismo como terceira via. Já a seguinte, revela os trabalhos de autores de origem marxista, debatendo em torno da problemática dos interesses, desigualdades e conflitos de classe, presentes no fascismo.

- ***Fascismo como movimento de massa e a teoria da terceira via***

Karl Mannheim, em *Ideologia e Utopia*, de 1927, foi um dos primeiros autores a defender a tese de que o fascismo consistiria na irrupção de massas irracionais no cenário político. No intuito de compreender e analisar o pensamento político-histórico contemporâneo, esse autor, de orientação teórica liberal, construiu um quadro de cinco tipos ideais, refletindo cada um deles um determinado grupo social bem como suas visões sobre a sociedade. São eles: o conservadorismo burocrático, o historicismo conservador, o liberalismo democrático, o socialismo/comunismo e finalmente o fascismo. O caráter dos tipos ideais construídos pelo sociólogo húngaro demonstra a preocupação em integrar pensamento, contexto e ação coletiva. Assim, as ações humanas e determinados posicionamentos políticos não são explicados pela simples opinião ou livre escolha de indivíduos, mas forjados a partir das relações destes com o grupo em que vivem, no qual estão inseridos, e através das atividades das quais participam em um dado contexto.

É por isso que Mannheim consegue articular em sua concepção de fascismo as noções de massa, ativismo político e irracionalismo. As massas irracionais, pouco integradas à ordem social existente, seriam conduzidas por intelectuais, figuras dirigentes nos grupos sociais e expoentes de seu tempo. São eles efetivamente quem dão direção e sentido ao movimento e à ação social. Entretanto não o fazem de forma tradicional, excluindo as massas, mas integrando-as - e subordinando-as, claro- ao processo social. Nasce, assim, na perspectiva liberal, a moderna sociedade massa, uma sociedade mais integrada, que finalmente incorpora todos os seus elementos em um sistema articulado.

⁷⁹ De acordo com Felice, essas interpretações eram muito raras tanto fora dos EUA quanto antes da Segunda Guerra Mundial. O autor cita apenas três referências de trabalhos que se encaixariam nessa categoria. MICHELS, R. *Sozialismus und Faschismus in Italien*. Muenchen, 1925. BORKENAV, F. *Zur Soziologie des Fascismus*. BATAILLE, G. La structure psychologique du fascisme. *La critique sociale*. Jan1933-Mar1934.

Ele [o fascismo] reporta-se preferentemente às filosofias irracionais e às teorias políticas mais modernas. Em particular, as idéias de Bergson, Sorel e Pareto foram, após uma oportuna revisão, incorporadas na sua *Weltanschauung* [cosmovisão]. No centro da sua doutrina e da sua práxis está a apoteose da acção directa, a fé no ato resolutório e na iniciativa de uma elite dirigente.⁸⁰

A ênfase da interpretação de Manheim no papel das “elites dirigentes” e em especial no papel dos intelectuais e sua relação com as massas revela a força do personalismo incutida na análise. A noção de “massas” utilizada pelo autor remete não apenas a um conjunto social demasiadamente largo e pouco definido, mas igualmente limitado em sua capacidade de interpretar a realidade e articular, por si só, ações sociais, uma vez que as massas precisam ser dirigidas pelas elites. Isso reduz o conflito aos grupos dirigentes, harmonizando a clara relação dominação entre elite/massa.

Segundo Manheim, a possibilidade de emergência do fascismo como alternativa viável ao liberalismo democrático em curso se abre justamente com a crise deste sistema, abalado de tal modo que seus métodos não se mostram mais eficazes para a resolução dos conflitos de interesses -dos grupos dirigentes naturalmente. Analogamente, o fascismo refletiria

a situação psicológica e social dos grupos aos quais o desenvolvimento da sociedade parece desordenado e irracional, porque a consciência do processo estrutural e da organização social lhes escapa. (...) os programas não são tão importantes como a submissão incondicional a um chefe. A história não é feita pelas massas, nem pelas idéias ou forças “silenciosamente activas”, mas pelas elites que dominam, cada uma por sua vez.⁸¹

Outra obra de impacto foi *Psicologia de massas do fascismo*, de Wilhelm Reich, de 1933. Influenciado pelos estudos de Sigmund Freud, Reich entende o fascismo como resultado da frustração das massas em levar adiante o processo de democratização da sociedade. Frustração esta que, por sua vez, tem por base um histórico de repressão sexual culturalmente encorajada pela sociedade burguesa. O misticismo religioso, o culto à família patriarcal, a busca pela preservação da honra e pelo cumprimento do dever, todos incitam à renúncia ao prazer sexual (além de aflorar inibições, medos e culpa). “Seus componentes narcotizantes atuam promovendo satisfações substitutivas às exigências pulsionais reprimidas, alienando as pessoas da tal maneira, que estas mais dificilmente se rebelam contra as causas das misérias que as afligem.”⁸² Aí reside a brecha para o autoritarismo como solução.

⁸⁰ MANHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Bologna, 1957.p.134. apud. FELICE, R. op.cit. p.143.

⁸¹ MANHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Bologna, 1957.p.134. apud. FELICE, R. op.cit. p.144 e 143.

⁸² ALBERTINI, Paulo. WATRIN, Paulo dos Santos. Reich e a psicologia de massa do fascismo: aspectos históricos e educacionais. *Comunicações: caderno do programa de pós-graduação em educação da UNIMEP*. vol.11.N.1.Piracicaba, jun.2004.p.10.

A Primeira Guerra Mundial descortinou, nesse sentido, toda uma série de conflitos políticos e econômicos, mas também culturais e psicológicos, pondo em xeque as tentativas internacionais de ação solidária racional. A guerra e posteriormente a crise do entreguerras exacerbam as contradições inerentes ao desenvolvimento do capitalismo e com elas também o fracasso em termos de eficácia e estabilidade da ordem liberal-democrática, levando as massas ao desespero e abrindo espaço para sua cooptação.

O fascismo seria, então, resultado da psicologia política dessas massas frustradas, estourando em uma grande catástrofe ou em suas palavras numa “peste psíquica”, na qual predomina o caráter irracional do homem. A vitória do autoritarismo na forma de ordenamentos políticos ditatoriais materializa esse caráter irracional, temporariamente reprimido pelo contexto anterior no qual as multidões lutavam pela liberdade. O fascismo “seria a expressão politicamente organizada da estrutura caracterial humana média (...) a atitude emocional fundamental do homem autoritariamente reprimido pela civilização das máquinas e pela sua concepção mecanicista-mística da vida.”⁸³

Mas que seriam essas massas? Quais setores sociais estariam nelas representadas? A categoria “massas” é em si complicada, pois muitas vezes é usada indiscriminadamente, sem maiores cuidados, ao contrário de um conceito amplamente debatido. O termo “massa” muitas vezes aparece designando um conjunto social amorfo, impossível de especificar, tornando-se assim categoria muito quista por autores não marxistas e que contestam a existência de interesses e conflitos de classe tanto em movimentos como em sociedades fascistas. Não é exatamente isso o que ocorre no caso de Wilhelm Reich, tendo em vista as orientações freudo-marxistas do autor. Apesar dele optar pelo uso de tão controversa e inadequada categoria, Reich parece especificar socialmente o termo, o qual se refere ao conjunto composto pelos setores médios e pelo proletariado, ou seja, setores sociais que vivem dos frutos de seu próprio trabalho e não dos frutos da exploração do trabalho alheio.

Projetando suas observações sob a Alemanha, Reich procura entender como e por que tais setores foram atraídos pelo fascismo. A resposta para suas questões será buscada justamente nos conflitos psicossociais vivenciados por eles. No caso dos setores médios, o conflito aparece no desejo de ascensão social e no temor da proletarianização, gerando conseqüentemente dificuldades de associação de classe, dada sua posição intermediária e

⁸³ REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. Porto:1974. apud. FELICE, R. op.cit.p.132.

minimamente vantajosa na produção. No caso do proletariado, a chave do conflito está na transformação psicocultural experimentada pela aristocracia operária ao incorporar valores pequeno-burgueses como símbolos de distinção dentro da própria classe operária. Vejamos abaixo como isso é explicado primeiramente no caso dos setores médios e, em seguida, do proletariado alemão.

O empregado médio está numa situação econômica mais desvantajosa que o operário médio qualificado; essa situação mais desvantajosa é em parte compensada pela perspectiva mínima de uma carreira, mas, sobretudo, para o funcionário, pelo fato do seu futuro estar garantido para o resto da vida. Estando assim nessa situação de dependência em relação às autoridades estabelecidas, forma-se igualmente nessa camada uma atitude psicológica de concorrência em relação aos colegas, que se opõe ao desenvolvimento da solidariedade de classe. A consciência social do funcionário não se caracteriza pela consciência de comunidade de destino com seus colegas de trabalho, mas pela sua posição em relação à autoridade pública e à “nação”. Essa posição consiste numa complexa *identificação com o poder de estado*, no empregado consiste numa identificação com a empresa que serve. É tão explorado quanto o operário. Por que razão não desenvolve como este um sentimento de solidariedade? Devido sua posição intermediária entre a autoridade e o proletariado. Subalterno em relação ao topo é, frente à base, o representante dessa autoridade e, enquanto tal, goza de um certa proteção moral (não material). (...) Com o olhar constantemente virado para o alto, o pequeno-burguês forma uma forquilha entre sua situação econômica e a sua ideologia. Vive em condições mediocres, mas aparece exteriormente como se tivesse um poder de representação, mostrando um exagero freqüentemente ridículo. Come mal e insuficientemente, mas atribui grande valor ao “vestuário a preceito”. O chapéu alto e a casaca são os símbolos materiais dessa estrutura.⁸⁴

O quarto de dormir pequeno-burguês, que o proletário monta logo que tem possibilidade, mesmo quando por outro lado tem uma consciência de classe, a repressão da mulher, que se impõe mesmo quando ele é comunista, o vestuário a preceito ao domingo, a dança pequeno-burguesa e mil outros “pormenores” têm, pela sua ação crônica, uma influência contra revolucionária que milhares de comícios e panfletos apenas contrabalançam. A vida pequeno-burguesa exerce uma ação permanente, penetra em todos os interstícios da vida quotidiana, pelo contrário o trabalho na fábrica e os panfletos só exercem sua ação durante algumas horas (...) No “vestido de noite”, que a mulher de um trabalhador veste para determinada “festa”, mais coisas se revelam sobre a psicologia do trabalhador em regime capitalista do que em mil artigos. O vestido de noite ou o copo de cerveja em família são apenas a manifestação exterior de um processo que se desenrola nesse trabalhador, um sinal de que existe já disposição para acolher, quer a propaganda social-democrata, quer a propaganda nacional-socialista.⁸⁵

Além disso, as análises do psicanalista austríaco naturalizado norte-americano reduzem drasticamente a importância dos projetos político-sociais defendidos pelos partidos fascistas, enfatizando muito mais o apelo a sentimentos pouco definidos, obscuros e principalmente ao conflito vigente no seio das massas entre o desejo e o medo da liberdade. Aí jaz, para Reich, o sucesso do fascismo/dos partidos fascistas: identificar e saber jogar com esses conflitos emocionais das massas, com esses impulsos de crueldade, sadismo, inveja e

⁸⁴ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. Porto: 1974. p.46-47.

⁸⁵ Idem. p.66-67.

pura ganância, politicamente pouco corretos aos olhos da boa civilização burguesa. “A mentalidade fascista é a mentalidade do “pobre de espírito”, oprimido, desejoso de se submeter a uma autoridade e, ao mesmo tempo, rebelde.”⁸⁶

Outro psicanalista a estudar o fascismo foi o alemão Erich Fromm. As análises de Fromm serão desenvolvidas em duas obras *Escape from freedom*, de 1941, e *The Sane Society*, de 1955, e guardam muita semelhança às das de Reich, com exceção talvez da problemática classista inserida na argumentação reichiana. Assim como o último, Fromm abraça o princípio de que fatores políticos e econômicos não bastam para explicar fenômenos sociais e que especialmente no caso do fascismo somente a psicologia poderia elucidar a razão de seu sucesso, bem como a atração exercida sobre milhões de indivíduos.

O autor parte justamente de um estudo sobre a condição do indivíduo na moderna sociedade capitalista para desvendar um quadro de desaparecimento de suas ligações primárias com o mundo exterior, do senso de pertencimento a uma comunidade. O avanço do capitalismo teria revelado dois aspectos da liberdade. Por um lado, teria libertado o homem de vínculos tradicionais, contribuindo para desenvolver no homem uma personalidade ativa, nos termos do agente social transformador, crítico e responsável. Por outro, tornou o indivíduo mais isolado, invadindo-o com sentimentos de irrelevância e impotência.

O sentimento de isolamento e impotência no homem moderno torna-se ainda mais agudo pelo caráter que assumiram todas as suas relações humanas. A relação concreta de um indivíduo com o outro perdeu o seu caráter direto e humano e adquiriu um caráter de manipulação e instrumentalização. As leis do mercado dominam todas as relações sociais e pessoais (...) Não só as relações econômicas, mas também as relações pessoais entre os homens têm este caráter de alienação: em vez de relações entre seres humanos, assumem o caráter de relações entre coisas.⁸⁷

Rompidos os vínculos primários que traziam segurança ao indivíduo, relegando-o ao isolamento, os sentimentos de solidão e impotência levariam o homem moderno a se entregar a mecanismos de fuga ou de defesa como forma de superação de sua condição. Fromm identifica dois mecanismos básicos de fuga:

Por uma dessas vias pode prosseguir rumo à “liberdade positiva”; pode relacionar-se com o mundo espontaneamente, graças ao amor e ao trabalho, graças à expressão genuína das suas faculdades emotivas, sensuais e intelectuais; pode assim encontrar de novo a unidade com o homem, com a natureza e consigo próprio, sem renunciar à independência e à integridade da sua personalidade. A outra via que lhe está aberta é

⁸⁶ Idem. p.133.

⁸⁷ FROMM, Erich. Fuga della liberta. Milano,1963.p.92. apud. FELICE, R. op.cit. p.134-135.

a de se retirar, renunciar à sua liberdade e procurar ultrapassar a sua solidão, eliminando o vazio que se formou entre o seu ser e o mundo.⁸⁸

O fascismo seria, portanto, consequência da opção de indivíduos ou conjunto de indivíduos por essa outra via, segundo a qual os mecanismos de fuga estariam ilustrados pelo autoritarismo, destrutividade e conformismo.

Observando o caso da Alemanha, Fromm identifica um estado de cansaço, frustração e resignação por parte da sociedade como um todo, o que teria levado muitos ou a aderir fervorosamente ao fascismo, ou a não oferecer maiores resistências ao movimento. Para exemplificar a última situação, o psicanalista toma a classe operária, afirmando que tais sentimentos teriam sido agravados pela decepção quanto às esperanças de realização da revolução no Ocidente e pelas próprias derrotas e descréditos na social-democracia. Já os jovens, ícones da primeira situação, a militância fervorosa explicaria-se em virtude do caráter social dos setores médios, de seu amor pelos fortes e seu ódio pelos débeis, além de sua mesquinhês e avareza.

Outro aspecto importante defendido pelo autor, especificamente no segundo livro, é o da entrega à autoridade pessoal, no qual Fromm, apesar de pontuar as diferenças, estabelece comparações entre o fascismo e o stalinismo. Inicia, então, afirmando que, embora apresentem diferenças, fascismo e stalinismo oferecem refúgio e segurança ao indivíduo atomizado. Além disso, ambos sistemas constituem, para o autor, o máximo da alienação, levando o indivíduo a projetar todas as suas energias, desejos e esperanças em figuras como o chefe, o Estado e a pátria, às quais deve se submeter e venerar. “Foge da liberdade para a uma nova idolatria. Todas as realizações do indivíduo e da razão, do final da Idade Média até o século dezenove, são sacrificadas sobre o altar de novos ídolos.”⁸⁹

As conclusões de Fromm com respeito ao fascismo desvendam aspectos interessantes sobre as condições mentais dos homens no mundo contemporâneo, as quais invariavelmente afetam o comportamento coletivo. Contudo, tendo a concordar com as críticas de Felice no que toca ao efeito de tais condições psicológicas sobre os diferentes grupos sociais. Imaginar o mesmo efeito em termos de comportamento e ação social para setores tão diferentes, com interesses e visões de mundo tão divergentes retira a responsabilidade dos agentes na construção social do fascismo. Tomados pelo desespero e pela desesperança, os homens se

⁸⁸ FROMM, Erich. *Fuga della liberta*. Milano, 1963. p.118. apud. FELICE, R. op.cit. p.135-136.

⁸⁹ FROMM, Erich. *Psicanalisi della società contemporanea*. Milano, 1960. p.229. apud. FELICE, R. op.cit. p.139.

entregam ao fascismo e, uma vez imersos no sistema, tornam-se cada vez mais alienados. Quem seria responsável, então, pela construção do fascismo? O líder? Um Estado racional altamente burocratizado? O personalismo impresso na conclusão da análise compromete a complexidade da discussão, pois coloca em um só homem a fonte de todo o mal, como se ele estivesse desgarrado da sociedade, como se sua posição não representasse toda uma correlação de forças vigente nessa mesma sociedade. Seria ele, somente ele, imune às ditas condições mentais de seu tempo, inalienável?

Tal abordagem aparece também em muitas biografias de autores alemães críticos da abordagem marxista da Terceira Internacional, produzidas no pós-Segunda Guerra Mundial. A explicação do fascismo alemão e a responsabilidade pelo Holocausto recaíam única e exclusivamente sobre a pessoa de Hitler, reduzindo tudo a sua personalidade maligna, sua capacidade manipuladora e influência diabólica. Essa visão personalista extremada se faz presente, por exemplo, nos livros *Inside the third Reich* e *Spandau: the secret diaries*, de Albert Speer, conhecido arquiteto e ministro do rearmamento nazista que se desculpou perante o tribunal de Nuremberg (*the nazi who said sorry*) antes de ser condenado a 20 anos de encarceramento. Speer refere-se a Hitler como uma “figura demoníaca”, “um desses fenômenos históricos inexplicáveis que em raros intervalos emergem entre os seres humanos” e que “determinou o destino da nação”.⁹⁰

Interpretação mais sofisticada, conquanto na mesma linha, pode ser vista no artigo “*The Role of Hitler: perspectives and interpretations*”, publicado em 1976 pelo historiador e cientista político liberal Karl Dietrich Bracher. Para este adepto da abordagem intencionalista⁹¹, a figura de Hitler é entendida como personificação clássica do poder num Estado totalitário. O autor parte do argumento de que o colapso da democracia na Alemanha deveu-se a ações humanas, frutos de escolhas conscientes. Todavia, as raízes do nazismo devem ser buscadas no *völkisch* alemão e austro-húngaro do século XIX, cuja expressão completa e radical do nacionalismo germânico estaria materializada na pessoa de Hitler.

Bracher chega a definir o *Führer* como força motora e senhor do Terceiro *Reich*, figura chave e onipresente na resolução dos antagonismos entre agências rivais. Apesar do

⁹⁰ SPEER, Albert. apud: KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p.14.

⁹¹ Denominação corrente para caracterizar atores adeptos de uma abordagem personalista como explicação para o desenvolvimento do fascismo. A contraposição pode ser vista em autores denominados estruturalistas ou funcionalistas, os quais dão maior importância às estruturas do Estado, as quais impõem limitações políticas e econômicas às ações e desejos dos sujeitos. Ver Martim Borszat, Hans Mommsen e Hans-Ulrich Wehler.

forte personalismo percebemos que o autor procura iluminar algo que não aparece em Speer, qual seja, o conflito entre grupos de poder no *Reich*. Contudo, apesar dos conflitos, nada fogia realmente ao controle de Hitler, uma vez que Bracher concebia essa relativa desorganização como parte de uma estratégia política do *Führer*, no sentido de dividir para governar. “No fim das contas foi realmente a *Weltanschauung* [cosmovisão] de Hitler e nada mais que importava, como pode ser visto pelas terríveis conseqüências de seu anti-semitismo racista no assassinato programado dos judeus”⁹² Assim, segundo Bracher, Hitler seria mais do que uma figura histórica única, sua personalidade teria causado tamanho impacto e imprimido tal particularidade ao fenômeno fascista alemão, que se poderia mesmo falar de hitlerismo.

Análises pautadas no personalismo remetem ainda ao arquétipo weberiano da dominação carismática e talvez o pesquisador que melhor o tenha utilizado como proposta de análise do fascismo tenha sido o historiador inglês Ian Kershaw. Autor de uma das melhores biografias de Hitler, Kershaw inicia seu livro colocando alguns questionamentos como: Por que, dentre os fanáticos nacional-racistas, Hitler exerceu tanta atração? De que modo um sujeito introvertido, do tipo marginalizado, conseguiu emergir como líder e obter o controle do funcionamento de um complexo Estado moderno? E qual teria sido o peso de seu papel pessoal na formulação da diretriz política?

A partir dessas perguntas, o autor prossegue com a argumentação, negando primeiramente a tese marxista, em especial a produzida pelo *Komintern*, sobre a posição predominante das classes dominantes tradicionais nas dinâmicas do poder e declarando sua opção pela categoria weberiana da dominação carismática. Como se pode ver no trecho abaixo, a crítica ao marxismo vem exatamente no sentido de defender a centralidade da figura de Hitler como líder bem como a predominância em sua análise de aspectos políticos em detrimento dos interesses econômicos.

...seus pontos fracos [da interpretação marxista] residem no exagero da capacidade manipulatória dos líderes da indústria e no descaso para com o problema de como, em circunstâncias específicas, uma forma personalista de governo pôde desenvolver uma independência relativamente ampla dos interesses econômicos, acabando por subordiná-los a prioridades ideológicas não-econômicas.⁹³

⁹² BRACHER, Karl Dietrich. The Role of Hitler: perspectives and interpretations. In: LAQUEUR, Walter. *Fascism: a reader's guide*. Middlesex: Pelican Books, 1979.p.201. “It was indeed Hitler's *Weltanschauung* and nothing else that mattered in the end, as is seen from the terrible consequences of his racist anti-Semitism in the planned murder of the Jews.”

⁹³ KERSHAW, I. op.cit. p.13-14.

Kershaw, portanto, adere ao personalismo, mas não do tipo extremado como visto ainda há pouco em Speer ou Bracher. Ele concebe sim o papel crucial de Hitler no curso da história alemã. No entanto, na história não bastam intenções por parte dos atores principais, há que existir condições externas propícias que promovam tais intenções.

Os capítulos que seguem partem da premissa que o poder pessoal de Hitler foi efetivamente real, e não uma fantasia. Mas interpretam a extensão e a expressão desse poder, em larga escala, como produto da colaboração e da tolerância, dos erros de avaliação e da fraqueza dos outros que detinham posições de poder e influência. (...) O exame do poder de Hitler, portanto, não pode começar e terminar em Hitler. As ações de terceiros, bem como as condições que moldaram essas ações, são também de importância vital.⁹⁴

O conceito weberiano de dominação carismática implica a entrega pessoal a uma autoridade portadora de carisma e que desfruta desta mesma autoridade em virtude uma missão supostamente encarnada em sua pessoa. Filha da crise, a dominação carismática é, logo, o resultado de situações extraordinárias internas (psíquicas, religiosas) e/ou externas (econômicas, políticas).⁹⁵ Para o caso da Alemanha, Kershaw identifica tanto fatores internos quanto externos. Os fatores culturais e psicológicos que importam para o predomínio de formas carismáticas de tipo fascista seriam: o colapso relativamente recente da monarquia; resquícios por parte de alguns setores sociais de aspiração à autoridade suprema/heróica; o impacto traumático da guerra e do tratado de Versalhes; valores militaristas e chauvinistas. Soma-se a isso a profunda crise econômico-social do entreguerras. Da incapacidade da República de Weimar, uma organização estatal pautada na dominação impessoal, racional e legal, em lidar com essa crise global surge a brecha necessária para a aceitação de um novo sistema de governo, agora baseado no exercício do poder pessoal. Não podendo suplantar de vez a burocracia moderna, o poder pessoal se superpõe a ela, oferecendo uma promessa de salvação a uma comunidade cheia de expectativas, até então não atendidas, de solução para a crise. Pensado desse modo, ou seja, a partir de uma adaptação contemporânea dos tipos ideais propostos por Weber, a dominação carismática é perfeitamente congruente com uma produção capitalista moderna e intensiva. Mais do que pura manipulação por parte de um líder clarividente, a proposta de Kershaw retoma a importância do contexto -as ditas condições propícias- e das relações complexas e ativas (não alienadas) entre líder e comunidade.

⁹⁴ Idem. p.16.

⁹⁵ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol.2. Brasília: UnB ed., 1999.p.328-332.

Há ainda outra chave para o entendimento da atração exercida pelo fascismo: a teoria do fascismo como terceira via, como sistema social alternativo tanto ao capitalismo quanto ao comunismo e fortemente baseado em aspectos socialmente agregadores como nação e raça. Tal perspectiva se insere no debate sobre a ideologia do fascismo, se este teria ou não ideologia própria, se seria uma vertente autoritária do capitalismo ou algo completamente novo em termos de pensamento e prática social.

Como se pode perceber, os adeptos da teoria da terceira via tendem a concordar e desenvolver os aspectos de ineditismo do fascismo, reconfigurando e se apropriando até mesmo de conceitos clássicos como o de revolução, com o fim de acentuar o caráter de mudança e transformação trazido em seu bojo.

No ambiente do pós-Primeira Guerra Mundial, a idéia de revolução ganhou novos contornos e, principalmente adquiriu certo caráter de necessidade irreversível em face da falência do Estado liberal. (...) Na prática, ela deixou de ser um monopólio dos partidos e movimentos de esquerda e passou a freqüentar também o ideário de direitistas, conservadores ou radicais, adversários da revolução vermelha, bolchevista, mas partidários de algo que denominaram de terceira revolução, ora de verdadeira revolução, situada como capaz de ultrapassar o dilema liberalismo X comunismo.⁹⁶

A verdadeira revolução era a revolução conservadora⁹⁷, autenticamente nacionalista posto que verdadeiramente comprometida com a sociedade como um todo e não apenas com sua parte dita subordinada ou dominada. A revolução conservadora seria a única em condições de superar os conflitos e contradições exacerbados pelo liberalismo e, em última instância, por aquelas outras revoluções, a burguesa e a socialista. Segundo essa interpretação, revoluções em nome da democracia, maior e mais ampla participação política teriam estimulado os conflitos, ao invés de resolvê-los, e conseqüentemente levado a sociedade à decadência. Consistiriam, portanto, em falsas revoluções.

Três expoentes dessa interpretação, os sociólogos norte-americanos Seymour Martin Lipset, Nathaniel Stone Preston e o historiador inglês G. D. H. Cole sublinharam o papel dos

⁹⁶ FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo: novas e antigas idéias. In: PARADA, Maurício (org). *Fascismo: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.p.21.

⁹⁷ Segundo Klemens Von Klemperer, o conceito de revolução conservadora, uma expressão criada por Thomas Mann, nos anos 20, apesar de paradoxal, tornou-se mais conhecido a partir da alocação de Hugo Von Hofmannsthal aos estudantes Munich, em 1927, em louvor de um movimento reacionário contras as repercussões do Renascimento e da Reforma na Europa Moderna. Os representantes principais dessa revolução conservadora foram Moeller van den Bruck, Oswald Spengler e Ernest Junger. Trata-se de um movimento negativo, cuja característica principal é a política do desespero cultural, como a denominou Fritz Stern, mediatizada pelo medo em face da modernidade e do comunismo. Apesar de ligados entre si, o nacional-socialismo e a revolução conservadora constituem movimentos distintos historicamente. Citação retirada de: FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo: novas e antigas idéias. In: PARADA, Maurício (org). *Fascismo: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.p.22.

setores médios na construção de tal visão sobre fascismo, o que, como será visto na próxima subseção, constituiu um passo importante para a discussão sobre as bases sociais do fascismo. Para Lipset o fascismo seria a expressão dos ressentimentos experimentados pelos setores médios, um “extremismo de centro”, tendo como base “o rancor dos antes independentes pequenos comerciantes, artesãos, camponeses e outros integrantes das “antigas” classes médias, que então se viam comprimidos entre os trabalhadores industriais e os grandes empresários...”⁹⁸

Pontuar, como faz o autor, o problema dos ressentimentos em determinado setor e suas consequências sociais é interessante, mas o fascismo não se resume a rancor ou ressentimentos. O próprio entendimento dos setores médios como estrato social intermediário com interesses próprios e divergentes dos das classes fundamentais -visto que comprimidos entre a burguesia e o operariado- obscurece as relações de classe no fascismo, como se este fosse fruto inteiramente do triunfo dos setores médios **sobre** os demais e não fruto da interação complexa **com** os demais.

A ênfase dada pelo autor nas particularidades, vistas como intrínsecas, e menos nas relações dos setores médios com outros setores sociais demonstra talvez uma influência demasiada do discurso contido na fonte sobre a análise. Particularidades existem sim, em termos de posição econômica, comportamento político e visão de mundo. Todavia, os interesses não podem divergir tanto assim mesmo porque os setores médios não são um terceiro ator independente, mas como defendo adiante, estão imbricados nas classes fundamentais. Acima de tudo, as particularidades são congruentes com a permanência do capitalismo (ainda que reformado) e, portanto, em acordo com os interesses de setores privilegiados (política, econômica e culturalmente) nesse sistema, ou seja, com a burguesia. A defesa da análise nesses termos torna igualmente absurda a hipótese do fascismo como ideologia ou movimento revolucionário, ainda que essa revolução seja conservadora, como apregoam os adeptos da terceira via.

Ao pautar suas análises muitas vezes nos discursos de época, ou seja, nos discursos do fascismo sobre si mesmo, Lipset, Preston e Cole acabaram por limitar o conteúdo de análise das fontes com as quais trabalhavam. Em nome da terceira via, não levaram em conta aspectos típicos do capitalismo como relações de dominação de classe, extração da mais-

⁹⁸ PAXTON, R. op.cit. p.343.

valia, produção voltada para eficiência e para o lucro etc. Comparemos, então, as análises dos autores com partes de discursos pronunciados por Benito Mussolini em 20 de Setembro de 1922. Começemos pelo último.

...é preciso evitar que a revolução fascista ponha tudo em questão. Temos que deixar algum ponto firme para que se não dê a impressão ao povo de que tudo se desmorona (...) Agora as coisas são muito claras: demolir toda a superestrutura socialístóide-democrática. (...) Teremos um Estado que fará esta simples declaração: 'O Estado não representa um Partido, o Estado representa a coletividade nacional, compreende todos, está acima de todos, protege todos e põe-se contra quem quer que atente contra a sua imprescindível soberania.' (...) Um Estado não como o liberal...um Estado à mercê omnipotência, da defunta omnipotência socialista...⁹⁹

Vejamos agora as análises de Preston, Lipset e Cole.

... um movimento revolucionário nacionalista das camadas médias economicamente desfavorecidas dirigido quer contra o coletivismo e o internacionalismo marxista quer contra as tendências da sociedade capitalista para a concentração.¹⁰⁰

[o fascismo é] um movimento da classe média que representa um protesto contra o capitalismo e contra o socialismo, contra a grande empresa e contra os grandes sindicatos.¹⁰¹

O fascismo não foi uma nova forma de capitalismo imperialista, mas, pelo contrário, uma doutrina e um modo de vida inteiramente diferentes, uma terceira força que se opunha quer ao capitalismo parlamentar quer ao socialismo e ao comunismo. Uma terceira força que tinha o seu principal motor na pequena burguesia que era violentamente adversa às ambições igualitárias da classe operária e que tinha sido duramente atingida tanto pela crise econômica como pela falta de empregos de um certo nível e que comportassem prestígio social.¹⁰²

Finalmente, não se pode deixar de mencionar a interpretação de Salvatorelli, um dos raros autores marxistas adepto da ideia da terceira via (ainda que não faça uso do termo). Diferente da maioria dos marxistas de sua época, Salvatorelli procura dar atenção à mentalidade dos setores médios, às transformações no pensamento e à ação social desses setores, que de acordo com ele é numericamente preponderante e também elemento diretivo no fascismo. O autor salienta características sumamente corporativas e interesseiras no que diz respeito à ideologia e ao comportamento, algo que de certa forma também ocorrera com a

⁹⁹ MUSSOLINI, Benito. A monarquia não tem interesse em hostilizar o fascismo. Udine, 1922. In: BARTOLOTTI, M. (org). op.cit.p.43-44.

¹⁰⁰ PRESTON, Nathaniel Stone. Politics, Economics and Power: ideology and practice under capitalism, socialism, communism, and fascism. London, 1967.p.201. apud. FELICE, R. op.cit. p.148.

¹⁰¹ LIPSET, Seymour Martin. L'uomo e la política: le base sociale della política. Milano, 1963. p.40. apud. FELICE, R. op.cit. p.148.

¹⁰² COLE, G.D.H. Storia del pensiero socialista V: socialismo e fascismo (1931-1939). Bari, 1968.p.7-8. apud. FELICE, R. op.cit. p.66.

burguesia em outro contexto. Esta, outrora revolucionária, uma vez no poder, torna-se conservadora.

A pequena-burguesia humanista foi democrática e socialista enquanto lhe pareceu que assim lutava por um ideal seu; mas quando democracia e socialismo começaram a tornar-se realidade, produzindo novas elites burguesas dentro do proletariado em vez de levar a mesma pequena burguesia, esta rebelou-se, por inveja e por quixotismo. O pequeno burguês passou assim para o nacionalismo e proclamou-se antidemocrático...¹⁰³

Como então o autor chega a defender a terceira via? Mais uma vez impera a força do discurso incutido na fonte, como se este fosse tão forte que suprimisse a possibilidade de análise sobre ele. Seguem abaixo dois trechos em que se pode perceber a força do discurso na defesa por parte do autor do anticapitalismo e do abrandamento do conflito no fascismo.

Na realidade, o fascismo é um só; mas, exactamente porque se contrapõe ao mesmo tempo a duas forças sociais opostas entre si (...) ele adquire conotações diferentes conforme é encarado na sua perspectiva anticapitalista ou na perspectiva antiproletária. Falar de anticapitalismo poderá parecer absurdo a muitos, mesmo fascistófilos ou até fascistas; e no entanto trata-se de uma realidade. Basta recordar as declarações explícitas e freqüentes, no campo fascista contra a plutocracia, a burguesia, as velhas classes dirigentes, declarações que tão bem se coadunam com as origens e a actividade passada da maioria dos chefes fascistas, e que se faria muito mal em considerar como oportunistas e hipócritas.¹⁰⁴

O fascismo é anti-socialista porque o socialismo tente a dar uma consciência e uma vida autónoma ao proletariado, ao passo que ele, em nome da Nação transcende, nega o proletariado, assim como a burguesia. O fascismo é perfeitamente sincero quando declara não querer a exploração e a opressão dos trabalhadores, e querer pelo contrário o seu bem e a sua prosperidade. Mas este bem e esta prosperidade, em vez de serem livre criação dos próprios trabalhadores, devem ser dom paterno do Estado-Nação...¹⁰⁵

Baseado no que dizem os próprios fascistas, o autor conclui que o anticapitalismo seria uma realidade e que também não haveria opressão nem exploração. A esse respeito concordamos com Marx quando afirma que, para se entender uma época, não basta atentar ao que os homens dizem de si mesmos e de seu mundo, é preciso considerar também suas práticas, a ação social. O discurso não escusa a análise e isso não quer dizer de modo algum que não se deva dar valor ao discurso ou que tomamos os oradores, as testemunhas de seu tempo, por oportunistas ou hipócritas.

¹⁰³ SALVATORELLI, L. op.cit. apud. BARTLOTTI, M. op.cit.p.74.

¹⁰⁴ Idem.p.70.

¹⁰⁵ Idem. Ibidem.p.72.

- *Setores médios e estrutura de classe*

Como se verá a seguir, a maioria dos autores que dedicou estudos sobre base e estratificação social no fascismo foi de orientação teórica marxista. Nas seções acima vimos como o interesse nesta questão aparece nos escritos de Croce, Broszat, Woolf, Reich, Fromm, Preston, Lipset e Cole. Nesses autores, os setores médios são indicados como grupos sociais importantes para a construção social do fascismo. Muitos inclusive procuram definir quais grupos se encaixariam nas designações setores médios, classe média ou pequena burguesia, destacando o apoio significativo de veteranos de guerra, jovens, trabalhadores urbanos, desempregados e o pequeno camponês (no caso de Broszat). Mas ainda não aparece uma discussão mais profunda quanto ao caráter desse papel primordial bem como as relações estabelecidas entre eles e outros setores sociais.

Esses aspectos da discussão serão desenvolvidos por autores marxistas, desde os italianos já mencionados, Zibordi e Togliatti, passando pelo alemão Löwenthal até vozes mais contemporâneas como Paul Sweezy e Leo Huberman. Começemos pelos italianos.

A proposta de Zibordi começa por marcar o aspecto de atração exercido pelo fascismo, atração por parte dos “elementos mais heterogêneos e contraditórios” como o “profissional do punhal e do cacete”, o jovem idealista e o adolescente romântico, o “gorila de baixa extração” etc. Porém, num olhar mais atento, o autor identifica um setor largamente representado, “os chamados médios e pequeno-burgueses.”¹⁰⁶

O italiano prossegue, apontando para além do rancor e ressentimento desses setores contra os “especuladores oportunistas” e contra o proletariado, a contraditória situação na qual um setor subordinado se volta contra outro a favor da classe dominante.

É sem dúvida notável o facto de, por uma aberração moral desta situação, inegavelmente revolucionária, ainda que limitada às camadas médias, pela qual muita gente habituada a viver em modesta abundância se encontra hoje na situação de conhecer a indigência e de lutar com a necessidade, não nascer nenhum pensamento de simpatia e de solidariedade para com aquelas multidões que viveram durante séculos, e em parte vivem ainda, em condições semelhantes ou piores; e, pelo contrário, se manifestar um sentimento de rancor e de inveja para com os operários e de solidariedade (...) para com os senhores...¹⁰⁷

Zibordi explica o estranho comportamento dos setores médios pela crise social do pós-Primeira Guerra Mundial, durante a qual tais setores foram esmagados não só economicamente, mas também socialmente, em termos de *status*. A força do fascismo

¹⁰⁶ ZIBORDI, G. op.cit. apud. BARTOLOTTI, M. op.cit. p.60.

¹⁰⁷ Idem.p.60.

residiria no fato de conseguir reunir, graças à habilidade das burguesias industrial, agrária, monetária e comercial, largas camadas sociais contra o proletariado. Essa é uma explicação válida, porém não traz ainda um estudo mais profundo sobre a ideologia, a visão de mundo dos setores médios, posto que circunscrita à tese do fascismo como reação anti-proletária e ao contexto do entreguerras.

Menos maniqueísta que Zibordi com respeito ao papel manipulador da burguesia, a análise do Togliatti aponta para duas características importantes do fascismo: sua essência profundamente antidemocrática e o fato de estar ligado a uma certa configuração de relações existentes de classe. Nessas relações, observa o papel importante desempenhado pelos setores médios como base de apoio ao projeto, dando atenção especial ao elemento médio do campo e não apenas o urbano, mais frequentemente lembrado.

Na origem, a base social do fascismo estava em certos estratos da pequena burguesia rural e citadina. Em termos mais precisos, era constituída nos campos, na maioria dos casos por camponeses médios, por feitores e rendeiros exasperados pela política absurda das organizações socialistas.¹⁰⁸

Togliatti aborda também as relações conturbadas entre os socialistas e a pequena burguesia rural e urbana (artífices, operário especializado, ex-oficiais, comerciantes, etc.), no sentido de os primeiros não procurarem estabelecer uma aliança entre esses setores e o proletariado. Além disso, o programa socialista para o campo implicava a socialização das terras, meta que fugia ao interesse principalmente do pequeno proprietário rural, mas também de feitores e arrendatários.

A ideologia fascista, assentada num virulento patriotismo, valores de raça, nação e expansão territorial, certamente chamava mais atenção, mobilizando os sentimentos, angústias e igualmente a militância pequeno-burguesa. Apesar de não desenvolver um estudo mais profundo sobre a mentalidade dos setores médios, o exercício de pensar a ideologia é uma contribuição importante de Togliatti bem como de alguns outros marxistas como Angelo Tasca e com maior vigor o psicanalista Wilhelm Reich, atentando para outras dimensões no estudo do fascismo.

À guisa de conclusão, Togliatti afirma que na luta contra os socialistas e em meio a muitas resistências e compromissos, a grande burguesia rural e urbana conseguiu permanecer no fascismo como classe dominante e força dirigente. Mas, agora, as relações com os demais

¹⁰⁸ TOGLIATTI, P. op.cit. apud. BARTOLOTTI, M. op.cit. p.109-110.

setores sociais não se processavam da mesma forma como na democracia liberal. Exatamente porque teve de negociar, não impondo somente pela força sua dominação, os modos, as formas do processo foram estabelecidos pelos fascistas. Visto por esse ângulo, em Togliatti o espaço para o conflito, para a resistência é maior, as relações são mais complexas do que, por exemplo, em Zibordi.

Posição similar é defendida por Trotsky no que concerne à relação entre burguesia e setores médios. Para o intelectual e militante russo, fascismo no poder não era sinônimo de setores médios no poder ou pelo menos como classe dirigente. Sem negar o papel decisivo desempenhado por tais setores, caracterizados por sua dependência e heterogeneidade, Trotsky retoma a discussão fundamental das transformações nas relações de classe durante o processo de construção do fascismo para finalmente reafirmar a posição dirigente às burguesias. O fascismo, uma vez no poder, seria a ditadura do capital monopolista, estando a pequena burguesia sujeita a tal.¹⁰⁹

A categoria capital monopolista fora aprofundada por Paul Sweezy e Paul Baran, consistindo num dos mais populares conceitos explicativos do capitalismo contemporâneo. Em *Capitalismo monopolista*, de 1966, a dupla sustenta a hipótese de que a burguesia financeira - ou em suas palavras, as oligarquias financeiras - relutaria a aliar-se ao fascismo, preferindo sempre saídas menos autoritárias como o republicanismo e a democracia.

A vantagem das ordens republicanas e democráticas é que a estabilidade é assegurada não apenas pela força (o que em si já é prova de instabilidade), mas principalmente por práticas de construção de consenso como referendos populares periódicos, os quais ratificam realizações de políticas excludentes, muitas vezes autoritárias. Regimes participativos seriam, na visão de Baran e Sweezy, mais estáveis, eficazes e duradouros, optando por métodos mais sutis na luta contra a oposição. Isso não descarta de todo a possibilidade de aliança da burguesia com o fascismo, o que se pontua é que ela somente se daria em último caso, no momento de uma profunda crise no capitalismo monopolista.

Uma nação, cuja estrutura econômica e social é seriamente abalada em consequência de uma guerra imperialista de redivisão, pode, se fracassar nela uma revolução socialista, atravessar um período de equilíbrio de classes na base de relações capitalistas de produção. Nessas condições a intensificação das contradições do capitalismo leva a uma severa crise interna que não pode ser “resolvida” pelo

¹⁰⁹ TROTSKY, Leon. *Ecrits*. Paris, 1958. apud. FELICE, R. op.cit. p.80.

recurso aos métodos normais da expansão imperialista. É esse o solo em que o fascismo lança raízes e cresce.¹¹⁰

A discussão sobre base de apoio e estratificação social no fascismo aparece de modo mais explícito, porém, em um outro livro, *Teoria do desenvolvimento capitalista*, de autoria exclusiva de Sweezy, e em um artigo escrito juntamente com Leo Huberman, seu companheiro fundador do periódico *Monthly Review*¹¹¹. No livro, Sweezy argumenta que, não obstante outros setores sociais como trabalhadores não organizados, agricultores independentes, desempregados e jovens fossem atraídos pela proposta fascista, os setores médios foram precisamente os mais duramente atingidos com a crise e constituíram o núcleo de apoio popular ao fascismo. O artigo “*Goldwaterism*” publicado em setembro de 1964 é ainda mais explícito na definição do fascismo. Huberman e Sweezy destacam algumas características que embasariam o fascismo: ideologia de extrema direita, originada sob contexto democrático-burguês; prática mista de sistema eleitoral e violência; vontade de aniquilar ameaças da esquerda à ordem; e, finalmente, forte apoio de elementos que se sentiam injustamente excluídos do *establishment* econômico-político existente.¹¹²

Para além de numericamente mais numerosos, Sweezy resgata uma ressalva, já apontada acima, de que os setores médios seriam também os elementos diretivos do movimento bem como preponderante seria sua ideologia/visão de mundo.

A ideologia e o programa do fascismo refletem sua posição social e quanto a isso são apenas uma intensificação das atitudes já mostradas como características do imperialismo. Os principais ingredientes tem um caráter negativo, ou seja, hostilidade ao trabalho organizado de um lado e ao capital monopolizador do outro. Nos aspectos positivos, as classes médias compensam sua falta de interesses de classe comuns e sólida base orgânica pela glorificação da nação e da “raça” a que pertencem.¹¹³

Já o debate trazido pelo cientista político alemão Richard Löwenthal¹¹⁴ gira em torno da polêmica acepção do partido fascista como partido de massas. Analisando em 1935 a

¹¹⁰ SWEEZY, Paul. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.p.363.

¹¹¹ Periódico norte-americano independente, sem ligações com partidos políticos, porém declaradamente socialista e anti-imperialista, contando com a contribuição de autores marxistas de todo o mundo. Foi fundado em 1949, em Nova York, por Paul Sweezy e Leo Huberman, os quais foram também os primeiros editores. Com a morte de Leo Huberman, em 1968, Harry Magdoff assumiu a edição da revista em 1969. Recentemente, Ellen Wood esteve à frente da edição de 1997 a 2000. Os atuais editores são John Bellamy Foster e Robert McChesney.

¹¹² SWEEZY, Paul, HUBERMAN, Leo. *Goldwaterism*. *Monthly Review*. Monthly Review Press. September, 1964.

¹¹³ Idem.p.364.

¹¹⁴ O autor utilizava o pseudônimo Paul Sering.

formação histórica do partido nacional-socialista alemão durante a crise da República de Weimar, o autor percebeu uma tendência a concentrar elementos frustrados, muitas vezes vindos de outras organizações e partidos que não se mostravam capazes de impor os interesses das classes que representavam.

Ao mesmo tempo, o autor observa uma outra tendência nesse conjunto heterogêneo de insatisfeitos: a inclinação a depositar todas as esperanças na intervenção do Estado, ou seja, na organização meramente político-partidária. Isso ajuda a explicar o porquê do crescimento especial do partido político nazista NSDAP e menos de organizações de mesmo caráter na sociedade civil.

Seria então o partido fascista alemão um partido sem base social específica, plural e defensor dos interesses na nação como um todo? De certa forma assim se auto-definia o NSDAP, mas não é essa a posição de Löwenthal. O cientista político alemão adverte que, sim, o partido atraía elementos provenientes de classes sociais diversas, mas se destacavam os setores médios.

Assim se explica que este partido recrute os seus aderentes em todas as classes, mas determinadas classes sejam predominantes e formem o seu núcleo, classes que são definidas pelo embaraçante termo *classes médias*. A burguesia está representada nesse partido, mas trata-se da burguesia endividada e com necessidade de apoio; os meios operários estão nele representados, mas trata-se dos desempregados permanentes, incapazes de lutar e concentrados nas zonas pobres; a ele aflui a pequena burguesia urbana, mas apenas a arruinada; a ele vem inclusivamente os proprietários, mas só os que a inflação espoliou; encontram-se nele oficiais e intelectuais, mas trata-se de oficiais na reserva e intelectuais falhados. Estes são os pilares do movimento, que tem o carácter de uma verdadeira comunidade de falhados...¹¹⁵

O que se tem, não somente no que concerne à organização partidária, mas também no que diz respeito à aderência ao projeto fascista, é uma base de apoio relativamente larga e variada. Löwenthal apontou que os elementos burgueses simpatizavam com o fascismo porque, em última instância, um movimento antiproletário e antisocialista servia a seus interesses, especialmente em momentos de crise profunda, como era o caso da Alemanha do entreguerras. “Quer antes quer depois da revolução fascista, é o capitalismo que domina.”¹¹⁶ O mesmo autor ressalta no trecho a profunda atração exercida pela proposta fascista sobre os setores médios e a classe trabalhadora. Entretanto, ainda que organizações fascistas de ontem

¹¹⁵ SERING, Paul. Der Faschismus. Zeitschrift für Sozialismus. Setembro-outubro,1935. apud. FELICE, R. op.cit.p.84.

¹¹⁶ Idem.p.86.

e hoje atraíam setores da classe trabalhadora ¹¹⁷, não prezam por sua emancipação ou elevação político-cultural. Tal qual qualquer partido político contemporâneo - que igualmente detém largas bases de apoio - partidos e organizações fascista não representam os interesses de setores sociais tão diversos. A não ser que caiamos nas lábias doces do discurso e acreditemos que classes e frações variadas tenham os mesmos interesses.

A burguesia, portanto, permanece como a classe dominante, ainda que o processo de construção e organização do fascismo seja conduzido por setores médios e atraia trabalhadores em massa.

Nesse contexto, que grupos sociais exatamente integram os setores médios? Proponho, então, voltarmos rapidamente a uma questão mais teórica da discussão. Constituiriam os setores médios uma classe? Formariam eles uma dita classe média?¹¹⁸

Rodolfo Stavenhagen coloca alguns aspectos que não podem ser ignorados ao pensarmos em classe social. Segundo o autor, a classe, muito antes de um conceito analítico ou uma categoria histórica, é um fenômeno real, ou seja, encontra-se no seio de estruturas sociais constituídas historicamente.¹¹⁹ Antes dele, Antônio Gramsci já apontava para a objetividade da existência das classes sociais em sua análise dos três momentos distintos das relações de força. Segundo o autor sardo, o primeiro desses níveis desvendaria uma correlação de forças vinculada à estrutura objetiva, independente da vontade dos homens.¹²⁰ “Sobre a base desta estrutura, do grau de desenvolvimento das forças materiais de produção,

¹¹⁷ Estaremos adotando o conceito de classe trabalhadora proposto por Ricardo Antunes em: ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2007. Antunes entende a classe trabalhadora como aquela classe que vive do trabalho, incluindo aqueles elementos que têm de viver da venda de sua força de trabalho em troca de um salário, seja no meio urbano ou rural. Esse conceito inclui os trabalhadores produtivos, geradores diretos de mais valia, bem como os trabalhadores improdutivos, inseridos no setor de serviços em geral como banco, comércio, turismo, serviços públicos, etc, e os desempregados, entendidos como trabalhadores em potencial. “Uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o proletariado precarizado, o suproletariado moderno, *part time* (...) da chamada economia informal (...) além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase da expansão do desemprego estrutural.” ANTUNES, R. op.cit. p.103-104.

¹¹⁸ Reconhecemos a existência de um intenso debate concernente ao conceito de classe social e nesse ínterim uma discussão ainda mais controversa em torno, primeiramente, da existência ou não de uma classe média e, no caso da existência da mesma, quais setores sociais comporiam essa classe. Entretanto, não nos debruçaremos com afincamento nessas questões, limitando-nos a apresentar nosso direcionamento com respeito a este mesmo debate. Para um debate mais profundo, ver em: THOMPSON, 1987; VELHO, 1977; POULANTZAS, 1974.

¹¹⁹ STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classes. In: VELHO, Otávio Guilherme et alli (org). *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.p.149.

¹²⁰ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.p.40.

erguem-se os grupos sociais, cada qual representando uma função e ocupando uma posição dada na produção. Neste nível, a classe existe objetivamente.”¹²¹ Estruturas sociais, posto que históricas, diferenciam-se não apenas no tempo, mas também no espaço, o que nos leva a concluir que em formações sociais distintas e em diferentes épocas encontramos classes sociais particulares, características daquela formação social naquele tempo. Logo, as classes:

...formam-se, desenvolvem-se, modificam-se, na medida em que vai se transformando a sociedade. Representam as contradições principais da sociedade; são o resultado dessas contradições e, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento das mesmas.¹²²

Assim como o autor, não consideramos satisfatório, portanto, o esquema bastante difundido composto por classes “altas”, “médias” e “baixas”, uma vez que não mantém relação alguma com quaisquer estruturas sócioeconômicas históricas e concretas, necessárias para a compreensão das classes. A designação dos setores médios pelo clássico e certamente tentador termo “classe média”, posto que bem menos desafiador, não nos parece cabível.

[Se] uma categoria social não se encontra em oposição estrutural a uma classe, mas ocupa sob todos os pontos de vista uma posição intermediária, então não é uma classe, mas apenas uma fração, uma camada ou simplesmente uma categoria intermediária.¹²³

Sem perder de vista o parâmetro básico das relações de dominação-subordinação, que perpassam não apenas as classes antagônicas fundamentais (dominante e dominada), mas também as inúmeras frações presentes nelas, podemos considerar “que um contingente importante dos trabalhadores de “colarinho branco” faz parte do proletariado” assim como uma outra parte desses setores intermediários “representa uma extensão estrutural da burguesia.”¹²⁴

Ao olharmos com mais atenção os setores médios de uma formação capitalista complexa em nossos dias, podemos observar dois grandes grupos distintos, com nada em comum à primeira vista, no processo de produção propriamente dito. Existem, primeiramente, os pequenos proprietários. Esses podem ser proprietários de meios de produção em escala limitada, como uma pequenina fábrica ou uma propriedade de revenda de pequeno porte,

¹²¹ BIANCHI, Álvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. BOITO Jr., Armando, GALVÃO, Andréia, TOLEDO, Caio.(org) *Crítica Marxista*. nº23.São Paulo: Revan, 2006.p.41.

¹²² STAVENHAGEN, op.cit., p.149.

¹²³ Idem, p.161.

¹²⁴ Idem, Ibidem, p.161-162.

como uma loja, ou mesmo um proprietário de imóveis, ou um especulador financeiro, que vive da renda proveniente de seus investimentos. Nota-se, desde já, que elementos desse grupo atuam em momentos distintos da produção: o primeiro na produção real de bens, o segundo na distribuição dos mesmos e o terceiro na atividade especulativa de capital. Ainda assim, todos são proprietários, extraem mais-valia e/ou sobretrabalho e disso vivem. Por isso, podemos considerá-los um setor subordinado da burguesia, uma fração dominada da classe dominante.¹²⁵

Um segundo grande grupo não seria composto por proprietários ou por aqueles que vivem da extração de sobretrabalho, mas por indivíduos que vivem efetivamente do próprio trabalho, com remunerações razoáveis e exercendo atividades que, por vezes, podem lhe trazer algum tipo de *status* na sociedade. Enquadrar-se-iam aqui os intelectuais, os ditos profissionais liberais, técnicos, funcionários públicos civis e militares, gerentes e supervisores em geral, desde que vivam de salários e não de rendimentos do trabalho de outrem. Todos eles, ainda que proprietários de algo (como residências, por exemplo), não vivem da extração de sobretrabalho, não se beneficiam dos frutos do trabalho alheio. Eles integram a classe trabalhadora, sendo todavia uma fração dominante da classe dominada.

Como podemos perceber, esses dois grandes extratos sociais dos setores médios também não participam nos mesmos estágios da produção, estão submetidos a diferentes tipos de exploração, alguns são proprietários outros não, alguns vivem do lucro gerado pelo trabalho de outrem, outros não. Ainda assim, de um modo ou de outro, ambos encontram-se invariavelmente em uma posição subordinada ou em relação às demais frações de sua classe, ou em relação a todas as frações presentes no bloco dominante. Será a essa realidade comum de subordinação que Poulantzas atribuirá uma outra realidade: a de que, ainda que sejam diferentes suas inserções na economia e na sociedade, muito similares serão suas atuações na arena política e em termos de inclinação ideológica.¹²⁶

A mudança dessa condição ou permanência nela se deve ao medo, para não dizer pavor, de perder sua posição minimamente vantajosa dentro da ordem capitalista. Para entender melhor esse aspecto, volto a Poulantzas e também a alguns autores já mencionados

¹²⁵ A terminologia “fração de classe”, bem como os derivados “fração dominada da classe dominante” e “fração dominante da classe da dominada”, podem ser vistos em: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. MENDONÇA, Sonia. *O ruralismo brasileiro 1888-1931*. São Paulo: Hucitec, 1995.

¹²⁶ POULANTZAS, N. op. cit. p.239-240.

como Fromm e Trevor-Roper. Todos apontam para o problema da perda de prestígio e segurança social por parte dos setores médios como desencadeador importante para levá-los a optar pelo fascismo. O desenvolvimento da ideologia e da mobilização política em torno do fascismo estão assentados no “medo da queda”. Fromm é um dos primeiros intelectuais a desenvolver o problema.

Se a autoridade da monarquia não tivesse sido contestada... as classes médias baixas nutririam um sentimento de segurança e autoadmiração, um orgulho narcisístico (...) Veio a perda da guerra e a derrubada da monarquia. O Estado e os príncipes foram alicerces seguros sob os quais –visto psicologicamente- a pequena burguesia construiu sua existência; sua queda e derrota abalaram os alicerces de sua existência (...) Não apenas a situação econômica das classes médias baixas, mas seu prestígio também declinou rapidamente depois da guerra. Antes dela, eles podiam acreditar que eram algo melhor que o trabalhador. Depois dela, o prestígio social da classe trabalhadora cresceu. Não existia mais quem eles pudessem olhar com desprezo, o prestígio sempre foi um dos fatores positivos mais fortes na vida do filisteu.¹²⁷

Essa interpretação de Fromm foi seguida por Hugh Trevor-Roper na década de 1960, mais recentemente na década de 1970, por Reinhard Kühnl, historiador da *New Left*¹²⁸, e mais profundamente desenvolvida por Poulantzas ao fim da mesma década. Falecido em 2003, Trevor-Roper afirmava que o fascismo nascera do medo, em especial do medo da revolução proletária. Kühnl fala do sentimento de ameaça, vivenciado acima de tudo por setores médios, de se tornarem *déclassés*, para não falar da parcela que efetivamente já caíra de nível na escala social, ou seja, já havia se tornado *déclassé*.¹²⁹

Poulantzas, ao delinear algumas características ideológicas do setor denominado por ele como pequena-burguesia, buscará enfatizar o “mito da escada”. Segundo ele, “com o medo da proletarização abaixo e atraídos pela burguesia acima, a pequena burguesia aspira

¹²⁷ FROMM, Erich. Die Furcht vor der Freiheit.p.208-210. apud. CARSTEN, Francis. Interpretations of fascism. In: LAQUEUR, W (ed.). op.cit. p.465. “*The authority of the monarchy had been uncontested (...) the lower middle classes gained a feeling of security and of self-admiring, narcissistic pride (...) There was the lost of war and the overthrow of the monarchy. The state and the princes had been secure rocks on which -seen psychologically- the petit bourgeois had built his existence; their downfall and the defeat shook the foundation of his existence (...) Not only the economic situation of the lower middles classes, but their social prestige too declined rapidly after the war. Before the war they could believe they were something better than the worker. After the war the social prestige of the working class rose, and that of the lower middle class sank correspondingly. There was no one any longer on whom they could look down, a privilege which had always been one of the strongest positive factors in the life of the philistine.*”

¹²⁸ *New Left Review* é um periódico britânico fundado em 1960, que traz críticas às abordagens ortodoxas do marxismo e às visões difundidas pelo Partido Trabalhista britânico. Durante os primeiros anos de existência, a *New Left Review* foi também um movimento social, engajando-se em campanhas como a campanha pelo desarmamento nuclear. Contudo, a partir de 1962, com Perry Anderson à frente da edição, a revista restringiu-se às atividades acadêmicas.

¹²⁹ CARSTEN, Francis. Interpretations of fascism. In: LAQUEUR, W (ed.). op.cit.p.464-465.

juntar-se à burguesia pela ascensão individual do “melhor” e “mais capaz””.¹³⁰ Assim, podemos rapidamente perceber o anseio desesperado por grande parte dos dois estratos que denominei fração dominada da classe dominante e fração dominante da classe dominada pela permanência em uma sociedade com constante mobilidade social, que os possibilite ao menos sonhar que um dia possam sair da condição subordinada. Seus olhos voltam-se sempre para cima, em direção aos mais altos degraus da escada e, para chegar lá em cima, sonham, lutam.

Trata-se, agora, de um novo momento da correlação de forças, segundo Gramsci - o político -, no qual podemos avaliar os graus de consciência e organização políticas alcançados pelas classes. O individualismo presente na concepção apresentada acima, fruto não apenas da ambição particular, mas também do medo da proletarização, impede os incluídos nesse setor de olharem para os lados, ou seja, que se vejam como parte de um todo subordinado, incluindo naturalmente também as demais frações da classe trabalhadora. Isso leva, conseqüentemente, ao não desenvolvimento da consciência de classe para além do nível econômico-corporativo. Os demais graus da consciência - o “da solidariedade de interesses entre todos os membros do grupo social” e o último, no qual são superados final e definitivamente os interesses corporativos, tornando-se, então, a luta pelos “interesses de outros grupos subordinados”-¹³¹ não se desenvolvem, ficam prematuros ou são propositalmente relegados, tamanho o medo. Os setores médios como um todo, levados por interesses imediatistas, de nível econômico-corporativo contentam-se mediocrementemente com a situação de subordinação a qual vivenciam. Na verdade, muitas vezes lutam para que em sua suposta segura mediocridade permaneçam, para que a ordem capitalista se mantenha.

A essa luta contra a queda, Poulantzas associa ainda a conseqüente luta contra as transformações de cunho revolucionário. Naturalmente, para que se tenha para onde olhar, para que se mantenha ao menos a ilusão da mobilidade social, torna-se inviável a luta em torno de um projeto social igualitário. O medo de tornar-se proletário, real pesadelo dos setores médios, é maior que o desejo de superação de sua condição de subordinação. Tão maior, que faz com que os projetos políticos desses setores se concentrem em uma luta fervorosa contra os efeitos e não contra as causas da proletarização.

¹³⁰ Idem, p. 241. “*With the fear of proletarianization below, and the attraction of the bourgeoisie above, the petty bourgeoisie aspires to join the bourgeoisie, by the individual rise of the “best” and “most able”.*”

¹³¹ GRAMSCI, A. (2002). op. cit, p.41.

É o medo de tornar-se proletário, o medo da queda, que leva muitos integrantes dessas frações a aderirem a projetos fascistas. Sem olhar para as reais causas do depauperamento econômico crescente vivenciado, veem no outro a causa de suas angústias, a causa de suas mazelas. Fazem do outro “bode expiatório” e colocam nele a culpa por seus infortúnios.

O projeto fascista é embrionariamente hierárquico, considera a desigualdade social, racial e econômica inerentes ao homem. Assim, o fascismo tem repulsa absoluta e é profundamente anticomunista e contrário a qualquer tentativa de se estreitar desigualdades. A desigualdade é um pressuposto filosófico do fascismo no sentido em que a própria natureza é desigual, o homem como parte dela também há de ser. A sociedade passa pela ideia de família, uma grande família nacional. Ora, os membros da família são desiguais; logo, a ordem social é naturalmente hierárquica.

Tal característica faz o projeto fascista um tanto atraente aos detentores do capital, que variadas vezes o apoiaram, não exatamente por compartilhar de sua ideologia, mas porque seus pressupostos servem muito bem em momentos de contradições profundas entre as frações de classe integrantes do bloco no poder¹³².

Essa interpretação, da qual compartilhamos, fora desenvolvida por Nicos Poulantzas em 1972, em uma obra de grande fôlego intitulada *Fascismo e Ditadura*. Logo de início, o autor grego já salienta que o início de um processo de fascistização não seria marcado de forma alguma pelo nascimento de organizações de caráter fascista. Estas poderiam existir como vozes dissonantes muito antes de um suposto começo do processo ou poderiam simplesmente existir sem sequer iniciar tal processo. Mas, caso ele se desenvolvesse e efetivamente se instaurasse como ordem, Poulantzas acredita que isso corresponderia

a uma situação de aprofundamento e de aguda exacerbação das contradições internas entre as classes e frações de classe dominante. (...) No caso do processo de fascistização, a exacerbação das contradições internas no bloco de poder manifesta-se pela sua extensão característica no plano político e no plano ideológico, o que se repercute na crise de representação e na crise ideológica profundas que afetam esse bloco.¹³³

¹³² Segundo alguns autores marxistas, a exemplo de Antônio Gramsci e Nicos Poulantzas, as classes sociais em uma formação social capitalista complexa estão divididas em frações de classe, sendo a dominação política exercida por uma aliança entre certas frações com importância desigual. A essa aliança designamos bloco no poder.

¹³³ POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura: a terceira Internacional face ao fascismo*. Vol.1. Lisboa: Portucalense, 1972. p.81-82.

Assim, o que podemos perceber no caso do fascismo, conforme nos indica o autor, é uma profunda crise de hegemonia do bloco no poder, um momento crítico em que nenhuma fração da classe dominante consegue impor a sua direção às demais classes e frações do bloco, isto é, quando a aliança não é mais capaz de, por si mesma, gerir suas próprias contradições e as do sistema como um todo (se tivermos em mente que a ideologia da classe dominante é o verdadeiro cimento de uma formação social).

A posição defendida aqui, baseada nas leituras realizadas, é que o fascismo - tanto o observado no entreguerras quanto suas expressões contemporâneas - é um projeto burguês de sociedade, uma faceta do capital em crise ante a ameaça, ainda que irreal, de revolução e proletarização. É burguês, ainda que conduzidos política e burocraticamente por elementos dos setores médios, porque a sociedade projetada é burguesa e, como lembra Löwenthal, as relações capitalistas nela continuam a reinar. É burguês também em sua finalidade, pois serve ao capital, canalizando a revolta, possibilitando a reestruturação da burguesia em crise e escamoteando, com o discurso em torno da preservação de um coletivo mitificado, o real conflito do capitalismo, a luta de classes. Seu caráter antisocialista, autoritário, nacionalista, espetacular, envolvente e incitante tem o poder, como afirma Guerin, de brechar o potencial transformador dos setores mais afetados pela crise, a pequena burguesia e a classe trabalhadora, convencê-los e mobilizá-los politicamente em favor do fascismo. Por essa razão, apesar de ser um projeto burguês de sociedade, sua base de apoio, seu público alvo são a pequena burguesia e a classe trabalhadora, ou seja todos aqueles vivem do salário resultante do seu próprio trabalho, o que inclui os trabalhadores produtivos, improdutivos (ligados aos serviços, comércio, funcionalismo público, etc.) e desempregados (entendidos como trabalhadores em potencial) urbanos e rurais. O fascismo atrai a pequena burguesia e a classe trabalhadora como um todo - desde os formalmente empregados aos trabalhadores informais e finalmente os inimpregáveis - pois canaliza seu descontentamento, construindo mitos de unidade e irmandade nacional, aplacando suas angústias materiais por meio de políticas reformistas e explorando medos e preconceitos incutidos, direcionando-os para bodes expiatórios.

f. Neofascismo

De volta finalmente ao nosso caso, o neofascismo norte-americano, não temos como precisar se estamos tratando exatamente do desenvolvimento de um processo de fascistização. Buscarei, ao longo desta pesquisa, tratar essas manifestações como vozes dissonantes crescentes existentes no sistema.

- *Algumas notas sobre a discussão teórica em torno do neofascismo norte-americano*

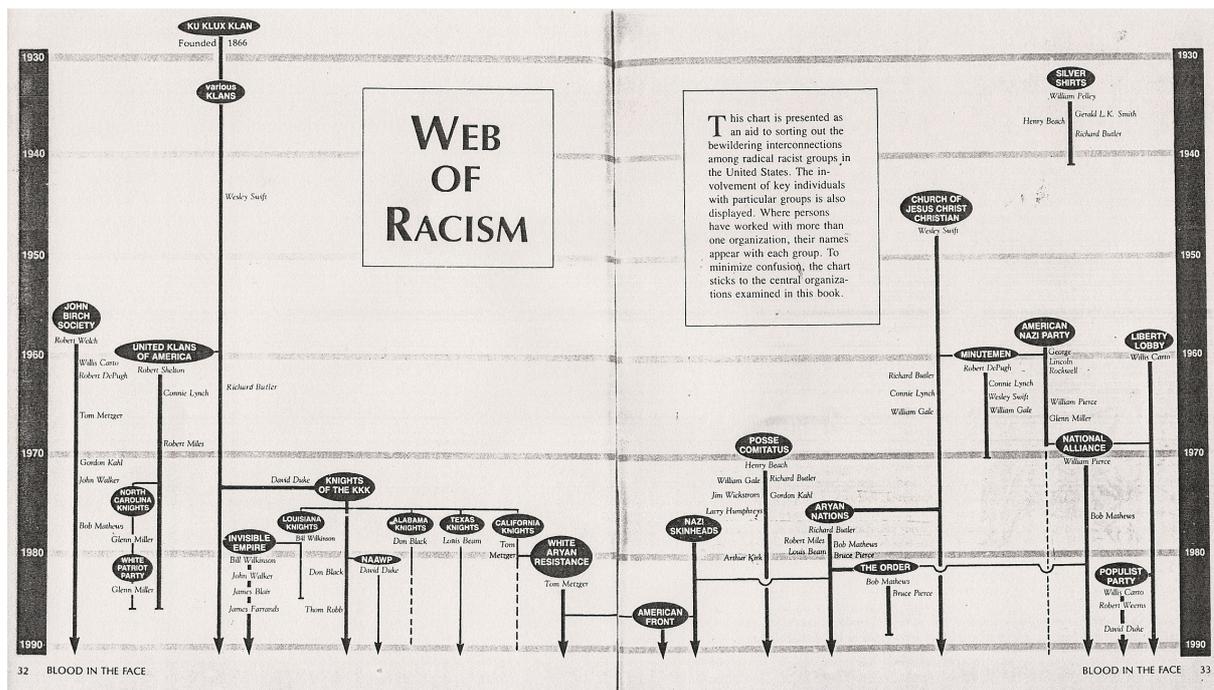
Como resultado das leituras feitas até o momento, pudemos perceber que a imensa maioria dos que se dedicam ao estudo do neofascismo norte-americano é composta por sociólogos e jornalistas, os quais desenvolvem trabalhos bastante descritivos, numa tentativa de mapear algo que fora por tanto tempo negligenciado.¹³⁴ O que se encontra, com exceções naturalmente, é um conjunto interessante de trabalhos que se assemelham a manuais, que contêm um mapeamento muito bem feito de uma série de organizações neofascistas, um breve histórico delas, rápida biografia de seus líderes e muitos, muitos depoimentos orais. Vez ou outra, os autores arriscam-se a tirar pequenas conclusões, defendendo hipóteses tímidas, como no trabalho de Dobratz e Shanks-Meile, no qual as autoras advogam a qualidade separatista, e não supremacista, do movimento branco. Fica a impressão de que estão sempre com medo de analisar a fundo a questão do neofascismo, Tateando cuidadosamente o terreno novo, não apenas por ser pouco estudado, mas por estar presente temporalmente.

Não podemos dizer que isso não tenha dificultado nossa jornada na pesquisa, mas acreditamos que tal realidade instigará ainda mais a curiosidade, impulsionando-nos ainda mais na tentativa de estabelecer, mesmo passível de inúmeras críticas posteriores, uma explicação sistêmica para o fenômeno.

As pesquisas de Dobratz e Shanks-Meile, Ridgeway e Ryan, todavia são importantes no sentido em que apresentam um quadro amplo de movimentos conservadores em geral, permeados não somente pela crítica ao intervencionismo estatal e à políticas inclusivas e de bem-estar, mas em muitos casos também pelo autoritarismo, racismo e moralismo. Com relação aos EUA em particular os dois primeiros autores nos dão a dimensão de quão antigas

¹³⁴ Ver: DOBRATZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: white power, white pride!* Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.; RIDGEWAY, James. *Blood in the face.* New York: Thunder's Mouth Press, 1995. RYAN, Nick. *Into a world of hate: a journey among the extreme right.* New York: Routledge, 2004.

e históricas são essas expressões de autoritarismo, racismo e tradicionalismo. Ridgeway constrói no prólogo de seu livro um quadro temporal, contendo um histórico das organizações fundadas em torno da expansão do racismo nos EUA desde o fim do século XIX até 1990. O quadro “rede do racismo” auxiliou bastante a pensar sobre o histórico do fascismo nos EUA e até mesmo se todas as organizações nele mencionadas seriam realmente fascistas.



135

De qualquer maneira, começamos a observar que certos elementos como racismo, antissemitismo e anticomunismo eram expressões recorrentes em eventos e movimentos sociais ao longo da história dos EUA. Apesar de nem sempre aparecerem associados ao fascismo, tais elementos revelam qualidades próprias, nacionais do fascismo norte-americano.

Outros estudos, mesmo contendo ainda alguns longos momentos descritivos, se encaminham numa direção mais totalizante. Ainda que não desenvolvam a fundo uma perspectiva sistêmica, levando em conta a interrelação entre fenômenos políticos, econômicos e culturais, e ressaltando, portanto, que a resistência neofascista norte-americana ocorre no interior de uma sociedade capitalista e dominada pela cultura da mídia, já a consideram como parte de uma dada ordem, parte constituinte do sistema político.¹³⁶

¹³⁵ RIDGEWAY, J. op.cit. p. 32,33.

¹³⁶ Ver: HIMMELSTEIN, Jerome. *To the Right: the transformation of American conservatism*. California: Univ.of California Press,1990.; BERLET, C.; LYONS, M. op.cit.; DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. New York: Guilford Press, 1995.

Há de se considerar, portanto, dois pontos primordiais que irão delimitar as particularidades do neofascismo: primeira e obviamente que este se dá em um determinado lugar, no caso os EUA, e posteriormente, como funcionam as relações sociais (econômicas, políticas e culturais) neste lugar, onde as expressões de neofascismo irão se desenvolver, nesse caso relações sociais capitalistas em estágio avançado.

O sociólogo Jerome Himmelstein, em importante trabalho sobre as transformações no pensamento conservador norte-americano, alerta na introdução de seu livro *To the Right: the transformation of American conservatism* para o perigo de se entender não apenas o neofascismo, mas também tantas outras tendências políticas ditas “radicais”, como “perturbações episódicas da vida política americana, um grito fútil de protesto contra mudanças sociais inexoráveis, uma resposta emocional transitória ao deslocamento social.”¹³⁷

Himmelstein argumenta que análises desse tipo são um tanto problemáticas porque, ao tratar tais movimentos como eventos episódicos, retira-se deles a sua substância, seu poder organizativo em torno de um projeto fundamentado e bem definido. A simples gritos fúteis e desesperados de protesto faltam organização, forma e direcionamento claro. Outro problema, para além do menosprezo pelo discurso de oposição, é a ideia implícita de uma norma, um centro, uma certa realidade básica da qual esses movimentos não participariam, a existência de uma regra da qual fugiriam. Este centro ou matriz normativa fora por muitos identificado na ideia de um suposto “pacto social” promovido pelo reformismo fordista-keynesiano norteamericano, no consenso fruto da negociação entre as clássicas posições antagônicas, trabalhadores e empresariado, graças ao intermédio do Estado. E é com base nesse pensamento que Daniel Bell escreve, no início da década de 1960, que “a era das ideologias terminou”.¹³⁸

Com respeito a um viés interpretativo bastante parecido, Chip Berlet e Mathew Lyons falam ainda sobre o modelo *centrist/extremist*, segundo o qual o sistema político norteamericano seria essencialmente livre e democrático, que ele seria essencialmente pragmático, racional e tolerante, sendo essa essência constantemente ameaçada por extremistas da direita e da esquerda.¹³⁹ Em linha bastante similar, tem-se também aqui

¹³⁷ HIMMELSTEIN, J. op.cit. p.2. “...an episodic disruption of American political life, a futile cry of protest against inexorable social change, a transient emotional response to social dislocation.”

¹³⁸ BELL, Daniel. *The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties*. New York: Free Press, 1965.p.402-403. “The ideological age has ended.”

¹³⁹ BERLET, C.; LYONS, M. op.cit.p.14.

novamente a ideia de que as manifestações neofascistas, por exemplo, seriam algo externo, disfunções da norma, comprometendo o bom funcionamento do sistema social pré-determinado.

Influenciadas pelo pensamento funcionalista, tais análises dominaram a sociologia norte-americana dos anos da guerra até meados da década de 60. Dentre tantos adeptos, Himmelstein identifica alguns expoentes como Talcott Parsons, Seymour Martin Lipset, David Riesman, Nathan Glazer, Richard Hofstadter e Daniel Bell.

Críticos desse viés interpretativo, muitos pesquisadores, dentre os quais destacamos os acima citados Himmelstein, Berlet, Lynos e Sara Diamond, constroem suas argumentações entendendo o neoliberalismo, no caso de Himmelstein, e também o neofascismo, nos casos de Berlet, Lyons e Diamond, como parte integrante e constituinte do sistema político norte-americano. Na procura pelo entendimento das origens da chamada *New Right*, Himmelstein busca estabelecer as continuidades históricas de todo um movimento de oposição ao *New Deal* e às reformas advindas da emergência de um Estado reformista. Muito mais que um histórico dos conflitos políticos nos EUA, o autor procura entender o surgimento e desenvolvimento da *New Right* como fruto de uma realidade social marcada por uma série de transformações não apenas políticas, mas também sociais, econômicas e culturais.¹⁴⁰

Com uma proposta mais ambiciosa, Sara Diamond se dedica ao estudo comparativo de todo o tipo de movimentos conservadores ou, em suas palavras, movimentos da direita [*right-wing movements*] desde a década de 1940 até o tempo presente. De acordo com sua análise, Diamond destaca basicamente três grandes e distintas categorias de movimento: o movimento conservador, profundamente anticomunista e desde a década de 1970, conhecido como *New Right*, marcado também por forte ênfase no tradicionalismo moral; a direita racista [*Racist Right*], composta por organizações como a clássica *Ku Klux Klan*, as milícias paramilitares, entre outros adeptos do separatismo branco; a direita cristã [*Christian Right*], organização política de setores religiosos cristãos em torno da defesa do patriarcalismo e da moral tradicional.

Seu estudo comparativo torna-se particularmente interessante por estabelecer não apenas as relações entre os movimentos das diferentes categorias entre si, mas por analisar a interação desses movimentos com agências governamentais ao longo do tempo. Apesar da

¹⁴⁰ HIMMELSTEIN, J. op. cit.

larga delimitação temática e temporal, o trabalho desenvolvido por Diamond é deveras relevante por enfatizar a historicidade dos movimentos de direita e principalmente por desvendar peculiares relações entre as diversas organizações entre si e entre estas e o poder público. Em suas palavras:

Somente entendendo de onde os ativistas dos movimentos vieram podemos ver para onde vão. E somente entendendo como os ativistas desenvolveram suas visões de mundo e planos de ação, de modo variado, em conflito e colaboração com outras forças sociais podemos entender completamente por que os movimentos fazem as escolhas estratégicas que fazem.¹⁴¹

Berlet e Lyons, com os olhos mais voltados para a problemática do neofascismo, também criticam as interpretações de fundo funcionalista, alegando que estas obscurecem o fato de que a intolerância, assim como a criação de “bodes expiatórios” [*scapegoating*] estão profundamente enraizados na sociedade e nos sistemas políticos.¹⁴² Pretendemos seguir essa proposta dos autores, abraçada igualmente por outros estudiosos como Niel Altman e Johanna Tiemann, pois como eles também acredito que muito das particularidades do neofascismo norte-americano podem ser melhor entendidas se tivermos em conta certos aspectos incutidos na história dessa sociedade como, por exemplo, o preconceito racial dado o passado de discriminação e subordinação racial desse país. Soma-se a isso uma história repleta de virulentos episódios de anticomunismo e autoritarismo.

Berlet e Lyons se debruçam, então, em uma atividade de mapeamento das tendências conservadoras, ou como colocado por eles, um mapeamento da direita nos EUA, com vistas a compreender o lugar do neofascismo no sistema político atual assim como suas relações com outros estratos da “direita”.

Ao longo de sua tarefa na busca de definir e nomear tantas tendências, observamos que esses autores, assim como Diamond e Dobratz e Shanks-Meile, não adotam conceitos de fascismo e neofascismo, utilizando tais denominações apenas eventualmente, como termos gerais. Diamond refere-se aos grupos neofascistas como “direita racista”, Dobratz e Shanks-Meile preferem “separatistas brancos”, e Berlet e Lyons propõem o conceito populismo de direita [*right-wing populism*].

¹⁴¹ DIAMOND, S. op.cit. p. 4-5. “*Only by understanding where movement activists have come from can we see where they are headed. And only by understanding how activists have developed their world views and plans of action, variably, in conflict and collaboration with other social forces, can we fully appreciate why movements make the strategic choices they do.*”

¹⁴² BERLET, C.; LYONS, M. op. cit. p.14.

No capítulo dedicado à direita racista, Diamond se aproxima da construção de um conceito de neofascismo, mas limita-se a uma rápida definição, não desenvolvendo uma discussão teórica sobre o problema.

Muitos dos grupos discutidos neste capítulo advogam fascismo. Eles abraçaram a supremacia racial ou a cultural, teorias conspiratórias e a mobilização de base, ódio pela esquerda; eles rejeitam o sistema pluralista dos Estados Unidos em favor de uma nova ordem autoritária. Ao mesmo tempo, essas organizações são neofascistas no sentido em que readaptam e reinterpretem políticas fascistas tradicionais às novas circunstâncias.¹⁴³

Neofascismo é visto pela autora como um fenômeno social do espectro político contemporâneo, não como uma questão conceitual, de economia política, a ser debatida e definida. De certa forma, apesar desta tese não ser um trabalho de teoria política, os debates teóricos sobre fascismo e neoliberalismo apresentados aqui apontam nessa direção, a construção de um conceito de neofascismo a partir da observação e análise do fenômeno social.

Analogamente, Dobratz e Shanks-Meile reconhecem a dificuldade em se caracterizar as expressões que aqui denominamos neofascistas. Um dos objetivos de seu livro, além de investigar o fenômeno social, é justamente definir os grupos *white power* contemporâneos. Na introdução do livro, as autoras listam uma série de termos usados por integrantes desses grupos para definir ideologicamente suas organizações: *white separatist, racist, white power, white nationalist, pan aryan, white civil rights, white survival movement*.

Ao longo do texto, notamos o uso dos termos nacional-socialista, nazista ou neonazista, mas analogamente à Diamond, não há em seu trabalho o desenvolvimento de um debate teórico sobre fascismo e neofascismo. Dobratz e Shanks-Meile mencionam apenas alguns autores que, mesmo sem desenvolverem maiores discussões, optaram por utilizar a denominação neonazista. Esse é o caso de Elinor Langer, que rejeita a definição supremacistas brancos, considerando-a insuficiente por guardar demasiadas relações com o passado segregacionista do Sul, deixando-se refletir o elemento moderno impresso racismo nazista.¹⁴⁴ Outra referência é feita à definição elaborada por John George e Laird Wilcox,

¹⁴³ DIAMOND, S. op.cit. p.266. “Many of the groups we discuss in this chapter advocated fascism. They embraced racial or cultural supremacy, anti-elite conspiracism and grassroots mobilization, and hatred of the Left; and they rejected the U.S pluralist system in favor of an authoritarian new order. At the same time, these organizations were neofascist in that they readapted and reinterpreted traditional fascist politics to fit new circumstances.”

¹⁴⁴ LANGER, Elinor. The american neonazi movement today. The Nation. 251 (3), 1990. p.83. apud: DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p. 9.

segundo a qual o neonazismo limitar-se-ia a um resgate contemporâneo do movimento do entreguerras, particularmente de seus aspectos simbólicos. Em seu livro de 1992, os autores definem neonazismo como organização e/ou partido que resgatam o simbolismo nazista, adotam memorabilia nazista, autodefinem-se como nazistas ou nacional-socialistas e idolatram Hitler e o Terceiro Reich.¹⁴⁵

Contudo, partindo da certeza de que alguns grupos rejeitam ligações diretas com Hitler e o fascismo do entreguerras, de forma a afastar condenações imediatas devido a um passado publicamente vexatório, Dobratz e Shanks-Meile preferiram adotar o termo separatismo branco, entendendo que esse seria um elemento comum e elucidador das práticas e objetivos perseguidos pelas organizações enfocadas.

Na introdução de seu livro, Berlet e Lyons definem o movimento populista de direita como um dos tipos de movimento populista repressivo. Esse último combinaria um contraditório sentimento antielitista com esforços visando manter ou intensificar sistemas sociais baseados na desigualdade. Movimentos populistas repressivos seriam, segundo os autores, em grande parte impulsionados pelo descontentamento coletivo com relação a sua própria opressão, mas que ao invés deste ser canalizado na direção de mudanças sociais que revertam esse quadro, se concentra na revolta contra grupos sociais ainda mais oprimidos e não necessariamente ligados à sua condição de infortúnio, os “bodes-espiatórios” [*scapegoats*]. Os movimentos populistas de direita conteriam todos esses elementos acima somados a uma reação aos movimentos libertários, reformas sociais ou revolução. Ainda assim, o que entendemos a partir do debate acima como fascismo em sua especificidade é considerado por Berlet e Lyons como o extrato mais violento do populismo de direita.¹⁴⁶

Fascismo, como usamos, é a mais violenta forma do populismo de extrema-direita. O fascismo glorifica a unidade nacional, racial ou cultural e o renascimento coletivo enquanto busca expurgar inimigos imaginados além de atacar o socialismo

¹⁴⁵ GEORGE, John; WILCOX, Laird. Nazis, communists, klansmen and others on the fringe. Amherst, NY: Prometheus Books, 1992.p.351. apud: DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.53.

¹⁴⁶ BERLET, C.; LYONS, M. op. cit, p.5. Berlet e Lyons ainda ressaltam que o termo “direita” requer atenção especial, não devendo ser confundido como um sinônimo para “conservador” ou “reacionário”, uma vez que muitos movimentos considerados populistas de direita advogam algum tipo de mudança social à sua maneira, é claro

revolucionário e o pluralismo liberal em favor de política de massa militarizada e totalitária.¹⁴⁷

Ao final desta breve explanação do conceito, o leitor atento pode perceber que se encontram misturados diversos conceitos como fascismo, populismo de extrema-direita, políticas totalitárias e massa. O pouco cuidado de Berlet e Lyons com a mistura de termos que não são somente termos, mas conceitos, fruto cada um de intenso debate, não parece muito acadêmico além de não facilitar o entendimento para o leitor do próprio conceito populismo de direita e o porquê da opção dos autores pelo mesmo e não por conceitos mais clássicos. Além disso, a ideia de populismo de direita contém muitas das características enfatizadas nas seções acima como pertencentes ao fascismo, o que nos faz indagar sobre a necessidade da criação de um novo conceito. Em momento algum no texto, os autores deixam claro a razão pela qual rejeitam o conceito. Outro problema igualmente grave é que, sendo o fascismo considerado um último estrato do populismo de direita, os autores retiram deste sua especificidade como formação ideológica, passando a ser uma gradação, uma forma mais violenta de uma mesma formação político-ideológica, o populismo de direita. Como já visto anteriormente, fascismo não se coloca apenas contra movimentos reformistas e revolucionários, mas também contra as tendências liberais ou qualquer outra que tolere de alguma forma discursos divergentes.

Também não há uma discussão contundente sobre o conceito de populismo. Os autores admitem a grande confusão em torno do termo populismo, por conta do extenso debate e diferentes usos do conceito. Mas não obstante as dificuldades admitidas, Berlet e Lyons fazem uso do termo e constroem um conceito a partir dele apresentando o debate de forma um tanto limitada. Em uma única página, eles citam apenas duas referências: Margaret Canovan e Michael Kazin.

A primeira seria considerada como autora de um dos poucos estudos profundos sobre a temática, mapeando as diversas expressões de populismo, qualificando como tal desde os movimentos agraristas do século XIX (*U.S. People's Party*, os *narodniki* russos e os movimentos camponeses europeus do entreguerras) até os populismos latino-americanos, políticos com propostas apelativas e a reação de grupos supremacistas brancos à conquista dos direitos civis. O que uniria todos esses movimentos, segundo Canovan, é que todos

¹⁴⁷ Idem. *ibidem*. p.16. “*Fascism, in our usage, is the most virulent form of far-right populism. Fascism glorifies national, racial, or cultural unity and collective rebirth while seeking to purge imagined enemies, and attacks both revolutionary socialism and liberal pluralism in favor of militarized, totalitarian mass politics.*”

“envolvem algum tipo de exaltação do ou apelo ao “povo” e todos são em alguma medida anti-elitistas.”¹⁴⁸ Sem desprezar o esforço de Canovan, o diagnóstico de Berlet e Lyons sobre o debate teórico-conceitual do populismo me parece equivocados, haja vista a quantidade de obras expressivas e profundas¹⁴⁹. Além disso, já se viu essa tentativa de construção de um conceito *lato* e a-histórico de populismo no trabalho bem mais conhecido de Ernesto Laclau, escrito nos anos 1970 e, portanto, quase uma década antes ao da autora.

Kazin traz um conceito ainda mais aberto de populismo, considerando-o um estilo de organização, sendo observado em movimentos da “direita”, da “esquerda” e de “centro”. Acreditamos ter sido essa flexibilidade que tenha chamado a atenção de Berlet e Lyons e os motivado a se inspirar no conceito. Contudo, o conceito de Kazin é tão largo que inclusive fica difícil encontrar movimento social que não se encaixe em sua categoria de populismo. Abaixo se pode ver como Berlet e Lyons descrevem o conceito de Kazin.

Eles podem ser igualitários ou autoritários e podem apoiar-se em redes descentralizadas ou em um líder carismático. Podem advogar novas relações sociais e políticas ou romantizar o passado. (...) E podem definir “povo” de forma inclusiva, desafiando hierarquias tradicionais, ou de forma a silenciar e demonizar grupos oprimidos.¹⁵⁰

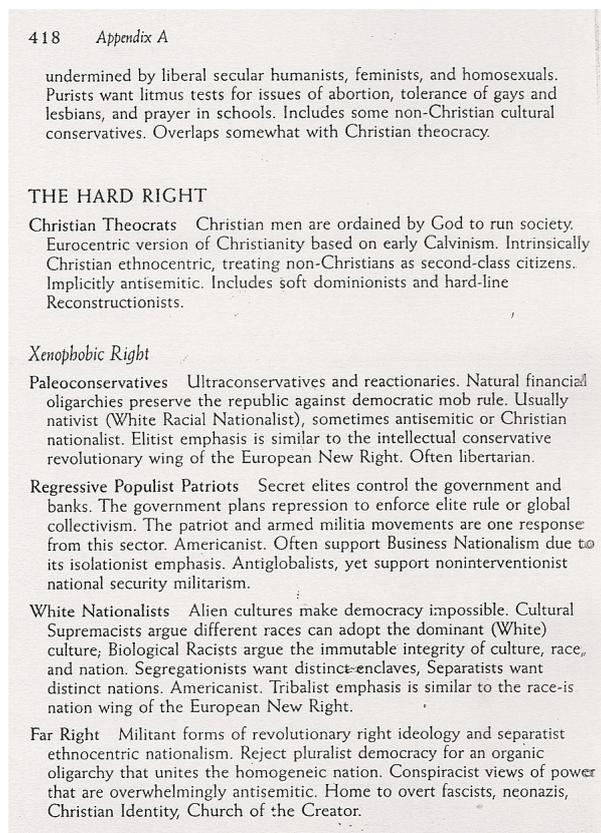
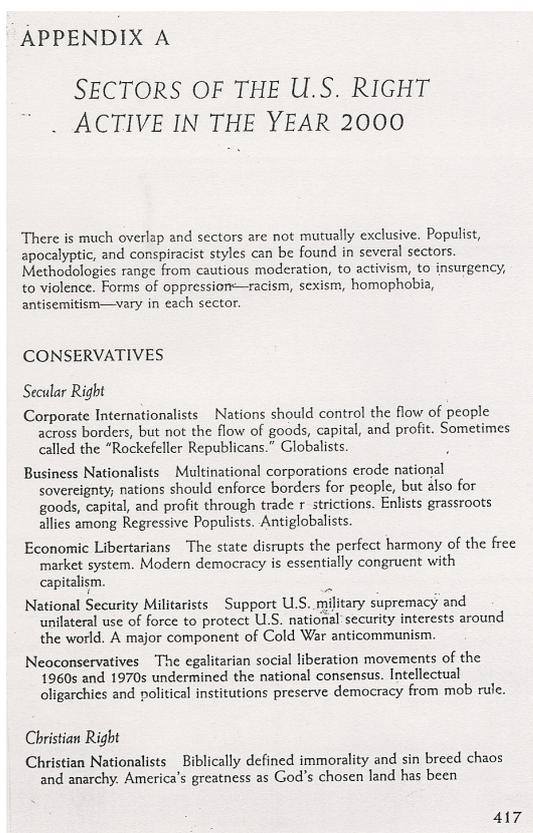
Percebemos ainda que o populismo de direita, apesar de amplamente usado no decorrer do texto, simplesmente não aparece em nenhuma das subdivisões propostas ao longo do desenvolvimento do “mapa da direita”. O mapa é criado sem interlocução com especialistas na temática, nem mesmo como forma de respaldo à sua proposta. Assim, nos são apresentadas uma infinidade de categorias: a direita reacionária, procurando voltar o relógio em direção a um passado idealizado; o conservadorismo, enfatizando estabilidade e ordem além de tradicionalismo moral e livre mercado; o ultraconservadorismo, como uma gradação

¹⁴⁸ CANOVAN, Margaret. Populism. p.294. apud. BERLET, C.; LYONS, M. op.cit. p.4. “...involve some kind of exaltation of and appeal to “the people”, and all are in one sense or another antielitist.”

¹⁴⁹ Sobre o conceito de populismo ver: GERMANI, Gino. DI TELLA, Torquato. *Populismo y contradicciones de clase en latinoamerica*. Mexico: Popular Era, 1973. LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory: Capitalism, Fascism, Populism*. London: NLB, 1977. JIMENEZ, A. R. *Las formas modernas de la política – estudio sobre la democratización de América Latina*. Mérida:Venezuela Centro de Investigaciones de Política Comparada,1997. IANNI, Otavio. *A formação do estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975. GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. *A Democracia no México*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967. CORDOVA, Arnaldo. *La Política de Massas del Cardenismo*. México, Serie popular, Ediciones Era, 1974.

¹⁵⁰ BERLET, C.; LYONS, M. op.cit. p.4-5. “they can be egalitarian or authoritarian, and can rely on decentralized networks or a charismatic leader. They can advocate new social and political relations or romanticize the past. (...) And they can define ‘the people’ in ways that are inclusive and challenge traditional hierarchies, or in ways that silence or demonize oppressed groups.”

do exposto anteriormente; a direita cristã [*Christian Right*], podendo estar presente em quaisquer dos setores, caracteriza-se por interpretações religiosas acerca de questões culturais, sociais e econômicas; finalmente a *Hard Right*, de abordagem política mais inflexível, rejeitando abertamente o discurso pluralista e encontrando adeptos entre os ultraconservadores e a extrema-direita [*Far Right*].¹⁵¹ O uso de numerosas categorias, as quais por sua vez guardam significados pouco definidos, torna a classificação confusa. Mesmo o apêndice *Sectors of the U.S. Right active in the year 2000* (setores da direita norte-americana ativos no ano 2000) não é de grande ajuda.



No apêndice, nos deparamos com mais categorias. Iniciando com a divisão básica entre “conservadores” [*conservatives*] e “direita inflexível” [*hard-right*], o sistema inclui as subcategorias “direita secular” e “direita cristã”, além de existirem ainda categorias menores contidas em cada uma das subcategorias como: corporações internacionalistas, empresários nacionalistas, economistas liberais, militaristas encarregados da segurança nacional, neoconservadores (conservadores seculares); cristãos nacionalistas (conservadores cristãos);

¹⁵¹ BERLET, C.; LYONS, M. op.cit. p.16.

¹⁵² Idem.p. 417, 418.

Paleoconservadores, patriotas populistas regressivos, supremacistas brancos, extrema-direita (direita inflexível e xenófoba); teocratas cristãos (direita inflexível cristã).

Ao analisar sua proposta mais de perto, deparamo-nos com um quadro tão imenso de possibilidades, que mais do que ajudar, confunde. Contudo, existem ainda elementos mais problemáticos do que a mera quantidade. Observando as subdivisões propostas, notamos que elas são geradas com base em divergências puramente políticas, como se um dado posicionamento político não refletisse toda uma visão de mundo, ou seja, de um certo direcionamento ideológico. Muitos dos originalmente incluídos em categorias como a direita cristã e os ultraconservadores podem pertencer também a outras como a *Hard Right*. Não fica claro, igualmente, o lugar dos adeptos do neoliberalismo. Não seriam eles parte da direita? É de extrema relevância a iniciativa dos autores em diferenciar os diversos setores políticos da “direita” e louvável seu esforço na construção e definição das categorias. Entretanto, o resultado parece um tanto confuso e mal fundamentado, fazendo-nos optar pelo uso de categorias mais clássicas como (neo)fascismo, (neo)liberalismo, social-democracia e outros tipos de reformismo.

Não obstante às críticas com relação aos três trabalhos acima mencionados, reconhecemos sua importância em diversos sentidos. Primeiramente, por desenvolverem um trabalho detalhado e primoroso com respeito ao desvendar de uma diversidade de organizações, seus líderes e materiais produzidos. Finalmente, por enfatizarem o aspecto histórico dos movimentos e das organizações neoliberais e fascistas, buscando as origens de suas reivindicações nas transformações sociais da sociedade norte-americana, ressaltando os conflitos entre si e entre outras tendências políticas. Por essa razão, ainda que não tenham desenvolvido uma perspectiva classista ou análises profundas sobre os efeitos das mudanças do sistema capitalista norte-americano com relação aos movimentos que se propõem a analisar, reconhecemos que Berlet e Lyons, Diamond e Himmelstein engendram interpretações mais interessantes do que a mera revitalização do totalitarismo feita por James Gregor (um dos raros historiadores de formação a se interessar pela temática) ou as lutas desconexas pós-modernas propostas por Manuel Castells.

Gregor começa o livro atentando para o contexto em que surgem as primeiras investigações sobre neofascismo. Durante a década de 1980 iniciaria o surgimento de um certo desconforto, em especial na Europa, mas também nos EUA, por conta do aumento dos incidentes de xenofobia, frequentes ataques a imigrantes, e antissemitismo bem como

manifestações crescentes de *skinheads* e outros grupos racistas. Todas essas expressões de intolerância e violência foram identificadas como evidências do crescimento da influência de grupos de “extrema-direita” no mundo, caracterizadas indiscriminadamente como fascistas. O historiador observou que muitas vezes ocorriam análises precipitadas, pouco cuidadosas, definindo como neofascista todo o tipo de expressão de ódio (*hate speech*), como preconceito racial, violência étnica ou contra estrangeiros.

O autor aponta, assim, problemas importantes no campo do neofascismo, por exemplo: a falta de uma discussão conceitual sobre os termos usados; o porquê da preferência de tantos autores por conceitos largos como o binômio “direita/esquerda” e conseqüentemente a recusa por parte deles em usar “neofascismo”; a urgência em admitirmos que o fascismo não ficou no passado, mas bate à nossa porta e precisa ser propriamente conceituado, etc.

Ocorre frequentemente que nas definições de “neofascismo”, permanece, no mínimo, obscura sua relação com o fascismo de Benito Mussolini. (...) A maioria dos autores surgidos nas duas últimas décadas escolheram fundir fascismo, nacional-socialismo e direita em uma única categoria, normalmente identificada como “fascismo”, “neofascismo” ou “extrema-direita” como se tudo constituísse uma única categoria. A conseqüência foi uma considerável confusão, com incertezas com respeito ao tipo de movimento político e /ou ideologias que constituem os próprios objetos de análise. (...) os traços que servem para definir o objeto de estudo dos estudiosos do neofascismo permanecem não apenas pobremente definidos, mas frequentemente inconsistentes.¹⁵³

O debate, como pode ser visto, é contundente e, nesse aspecto, estou de pleno acordo com o autor, pois são também minhas as inquietações colocadas por ele. Apesar de ele e eu chegarmos a conclusões e explicações bem diferentes para o fenômeno, foram justamente elas que me levaram a escrever este capítulo.

A hipótese e o conceito de neofascismo defendido por Gregor se baseia nas ideias formuladas por Hannah Arendt acerca do totalitarismo. À semelhança de Arendt, o autor critica a dicotomia extrema esquerda/extrema direita exatamente para afirmar a impossibilidade de grandes linhas de distinção. Estabelece, também similarmente à autora referenciada, comparações entre o stalinismo, o maoísmo e os fascismos alemão e italiano. Os

¹⁵³ GREGOR, James. *The search for neofascism: the use and abuse of social science*. New York: Cambridge Univ. Press, 2006.p.1 e 15. “It often appears that however “neofascism” is defined, its relationship to Benito Mussolini’s Fascism remains, at best, obscure. (...) Most of the author who have surfaced within the past two decades choose to fuse fascism, national socialism, and the political right together into a single subject category, usually identified as either, “fascism”, “neofascism”, or “right-wing extremism” as though all constituted a single reference class. The consequence has been considerable confusion, with uncertainty concerning the class of political movement and/or ideologies that constitute the proper objects of scrutiny. (...) ...the traits that serve to define the object of inquiry for students of neofascism remain not only ill defined but often internally inconsistent.”

conceitos de fascismo e neofascismo, portanto, são construídos em torno de alguns elementos-chave: caráter antidemocrático, liderança carismática, unipartidarismo, emprego da violência e busca da resolução dos conflitos por meio da guerra.

Crítico contundente do marxismo e das interpretações tanto do fascismo quanto do neofascismo influenciadas por essa corrente teórica, Gregor é ácido e desrespeitoso na construção da crítica. Ao subjugar seus interlocutores dessa forma, o autor acaba mesmo desqualificando sua própria contra-argumentação, pois beirando a posição oposta a estupidez não há de ser muito difícil derrubá-la, qualquer argumento por mais fraco é suficiente. Além disso, para um trabalho escrito em 2006, alegar que não haja na literatura marxista uma revisão sobre os crimes cometidos durante o stalinismo, bem como a existência de campos de trabalho forçado, tortura e assassinatos, ocorridos não somente na URSS, mas no bloco socialista como um todo, é no mínimo um profundo desconhecimento.

Somos informados, nos extertores do século XXI, que o fascismo chega ao poder com a conivência do “establishment” e segue aumentando os lucros do capitalismo pela exploração dos trabalhadores comuns. (...) que o domínio fascista exacerba a alienação e a exploração, produzindo contradições sociais que somente a violência ou a revolução podem resolver. Encontramo-nos novamente na infância dos estudos sobre fascismo. Não é de todo claro, como tais noções ajudam a esclarecer o que poderia ser o neofascismo ou como poderiam explicar os elementos de neofascismo, claramente evidentes nos ex-países socialistas da Europa Oriental e da Ásia, onde pela lei a propriedade privada não mais existia. O fato dos assassinatos em massa na União Soviética, China e Kampuchea excederem os do fascismo não é explicado, sequer é colocado. O assunto é relegado, colocado como discussão desnecessária.¹⁵⁴

O contexto do fim da Guerra Fria e a falência do sistema soviético certamente ajudou a corroborar a tese reavivada por Gregor, a ponto deste afirmar: “No início da década de 1990, estava claro para os especialistas que distinções entre fascismo, nacional-socialismo e variedades do marxismo-leninismo não eram tão óbvias”¹⁵⁵ Ainda assim, a pesquisa de Gregor traz debates importantes. Ele procura resgatar argumentos de autores que são referência na discussão tanto do fascismo quanto das recentes tentativas de análise do neofascismo, posicionando-se perante elas de forma a construir sua contra-argumentação.

¹⁵⁴ Idem. p.23-24. “*We are informed, at the cusp of the twenty-first century, that fascism comes to power through the connivance of the “establishment” and proceeds to increase the profits of capitalism through the exploitation of ordinary workers. (...) Fascist rule exacerbates that alienation and exploitation and produces the social contradictions that only violence or revolution can resolve. We find ourselves once again in the infancy of fascist studies. It is not all clear now how such notions provide any insight into what neofascism might be or how any of this explains the elements of neofascism clearly evident in the former “socialist” nations of Eastern Europe and Asia, where private property no longer existed by law. The fact that the numbers involved in the mass murders in the Soviet Union, China, and Kampuchea exceeded those under fascism is neither explained nor addressed at all. The entire issue is dismissed as unworthy discussion.*”

¹⁵⁵ Idem. ibidem. p.22. “*By the early 1990’s, it was clear to specialists that the distinction between Fascism, National Socialism, and the varieties of Marxism-Leninism was not at all obvious.*”

Ao final do capítulo de debate teórico, Gregor chega a mencionar as propostas pós-modernas para entendimento do neofascismo. O historiador norte-americano cita um artigo recente de Roger Griffin, datado de 2004, no qual ele defende que o neofascismo guardaria uma qualidade inconsistente e mutável, capaz de gerar incontáveis permutações. Assim, com o tempo e sem nenhum direcionamento específico, o neofascismo adota e se adapta a mudanças radicais de conteúdo ideológico.¹⁵⁶

Deparamo-nos com uma definição demasiadamente flexível, que possibilita quase tudo ser identificado como neofascismo, justamente por não haver uma continuidade ideológica ou histórica. Como bem colocado por Gregor, as manifestações são totalmente imprevisíveis. O neofascismo, segundo o conceito de Griffin, pode assumir qualquer forma e qualquer conteúdo. São tantas faces que fica difícil distinguir e sem distinguir, como lutar contra? Vista assim, a proposta de Griffin não é só demasiadamente aberta e pouco instrumental, mas politicamente derrotista.

Ao contrário do que advoga a agenda pós-modernista, interpretações do cenário sócio-político como *locus* de lutas fragmentadas guiadas por interesses sempre muito particulares não são suficientes para o entendimento de fenômenos ocorridos dentro do sistema capitalista. Não me parece igualmente satisfatória a alegação popularizada por Foucault de que não mais existiria um centro na história e de que o poder se encontraria então disperso, pulverizado em resistências desconectadas do sistema como um todo. Segundo Semprini:

O conflito pela posse de riquezas ou de meios de produção –as duas alavancas tradicionais do poder no espaço social –é progressivamente substituído por uma guerra pelo controle dos símbolos (...) Conquistar o poder discursivo tornou-se o principal desafio nas sociedades onde o individualismo e o subjetivismo ocupam um espaço crescente e onde tanto o espaço social como a identidade dos grupos que o compõe são definidos em termos socioculturais.¹⁵⁷

Seguindo perspectiva bastante similar, encontram-se as recentemente tão em voga análises da sociedade em rede. De acordo com elas, os processos sociais seriam configurados por um movimento constante de inclusão e exclusão de redes. Tal movimento, segundo autores como Manuel Castells, seria possibilitado pelo desenvolvimento da tecnologia informacional, destacando o papel dos aparatos midiáticos como lugar onde seriam travadas

¹⁵⁶ GRIFFIN, Roger. Fascism's new faces (and new facelessness) in the "Post-Fascist" epoch. *Erwaengen Wissen Ethik* 15. n.3., 2004.p.287-300. apud. GREGOR, J. op.cit. p.28.

¹⁵⁷ SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. São Paulo: Edusc,1999. p.125.

as lutas pelo poder entre as identidades comunais¹⁵⁸. Ao longo da recente trilogia *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, Castells defende a tese de crise do Estado-nação como entidade soberana, atribuindo basicamente três causas para tal: o processo de *desindustrialização* (deslocamento geográfico da produção); a individualização do trabalho (enfraquecimento dos mecanismos de defesa coletivos, negociação individualizada, integração do trabalho à rede); a crise da família patriarcal (decorrente dos movimentos de liberação sexual, ingresso da mulher no mercado de trabalho, legalização do aborto, etc.). Com seus alicerces sendo paulatinamente corroídos, o Estado-nação, na visão de Castells, tem naturalmente sua autoridade e legitimidade questionadas. Chega, assim, à conclusão abaixo:

Como a democracia representativa concretiza-se na noção de um órgão soberano, a indefinição de fronteiras de soberania leva a incertezas no processo de delegação da vontade popular. A globalização do capital, a ‘multilaterização’ das instituições de poder e a descentralização da autoridade para os governos regionais e locais ocasionam uma nova geometria do poder, talvez levando a uma nova forma de Estado, o Estado em rede.¹⁵⁹

Débil o Estado e pulverizado o poder, só resta aos grupos sociais se associarem às redes existentes, essas “estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”¹⁶⁰ ou dediquem-se à resistência comunal (que não deixa de ser a criação de uma nova rede). Das redes, e não mais da sociedade civil em pleno processo de desintegração -dado o próprio processo de desintegração do Estado-nação em geral- é que se formariam e se desenvolveriam, então, sujeitos históricos, conscientes, enfim, o ator social coletivo, empreendedor de projetos transformadores.¹⁶¹

Em curta, mas valiosa análise (visto que meus interlocutores são escassos) da direita cristã e do neofascismo, o autor os reconhece como duas dentre as tantas expressões de resistência comunal analisadas ao longo da trilogia. Qualifica a primeira como um movimento reativo à crise do patriarcalismo, questionando os benefícios trazidos pela modernidade e pela dita secularização, voltando-se assim à construção de uma identidade social baseada em

¹⁵⁸ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

¹⁵⁹ CASTELLS, Manuel. *Fim de Milênio: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 423.

¹⁶⁰ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 499.

¹⁶¹ CASTELLS, M. op.cit. (b) p. 28.

imagens de um passado romantizado, ansiando pela segurança proporcionada pelos valores tradicionais e instituições fundadas na verdade eterna de Deus.¹⁶² No que toca a direita cristã o autor se limita a apontamentos breves sobre o que caracterizaria o fundamentalismo e a construção da identidade por meio do princípio de conversão tipicamente norte-americano conhecido como *born again*¹⁶³.

Por meio desse “renascer” pessoal, toda a personalidade passa por um processo de reconstrução, tornando-se o ponto de partida para a construção de uma noção não só de autonomia e identidade, mas de ordem social e objetivo político.¹⁶⁴

A resistência comunal imposta pelos “renascidos” passaria, então, por uma ideia de oposição pelo isolamento, numa tentativa de reafirmação do patriarcalismo diante de mundo caótico, hostil e em pleno desmoroamento moral.

Já com relação aos neofascistas, o autor se propõe a investigar unicamente o caso das milícias paramilitares caracteristicamente racistas e violentas. Aqui a análise torna-se ainda mais descritiva. O autor destaca a forma organizativa em núcleos independentes, inexistindo matriz nacional, enfatizando a tendência a uma visão de mundo conspiratória e paranoica, que considera o governo federal joguete dos interesses do capital financeiro global, dedicado a implantar uma Nova Ordem Mundial. Qualifica, equivocadamente as milícias como representantes da ala mais ativa e organizada do autoproclamado movimento patriótico, por partir da premissa de que atividade e organização se limitam a ações de violência direta e de grande impacto social como assassinatos, estupros, agressão física, atentados terroristas etc. Ignora, portanto, outras formas de atividade política, talvez política e ideologicamente mais eficazes e que certamente exigem intensa e constante organização como a difusão do projeto pela produção e distribuição (muitas vezes gratuitas) de materiais de mídia variados, promoção de concertos, a clássica militância de rua (protestos, passeatas e comícios) e a contemporânea militância via rádio e televisão. Por fim, o autor tenta ainda traçar um perfil dos integrantes em potencial e ressaltar a importância do uso de mídia variada para a manutenção de vínculos entre grupos e indivíduos. É interessante, informativo, mas pouco crítico, deixando de aproveitar contexto tão rico à pesquisa.

¹⁶² Idem, p.37.

¹⁶³ Ato de fé e perdão pelo qual um ser é absolvido de seus pecados para ganhar a vida eterna. *Born Again* não é um princípio exclusivo do fundamentalismo protestante, muitos católicos também se identificam como *Born Again*.

¹⁶⁴ CASTELLS, M. op.cit. (b) p.39.

O modelo teórico proposto e a análise desenvolvida por Castells acerca dos fundamentalistas e das milícias, apesar de apresentarem dados interessantes colhidos de fontes como o *Instituto Gallup* e os jornais *The Nation* e *NY Times*, não dedica espaço a um estudo das causas, faltando igualmente apresentar a relação das supostas resistências com os demais grupos sociais e o poder público. A palavra “Estado”, mesmo o “em rede” proposto pelo autor, sequer é mencionada durante a análise das resistências comunais. Ficamos sem saber o papel e os efeitos dessas resistências em especial dentro do próprio sistema de rede. A historicidade da própria resistência é também negligenciada sem que percebamos as rupturas e permanências com relação às prévias formas de mobilização política dos fundamentalistas e xenófobos.

Uma vez entendido o cenário político como conjunto de lutas particulares e separadas, perde-se de vista a noção de processo histórico e a relação das mesmas lutas com o sistema social do qual fazem parte. Parece que a sociedade está, para os pós-modernos, pulverizada e, para os adeptos da sociedade em rede, fluida, uma vez que a rede pode se estender e contrair infinitamente em nós e mais nós, que por uma identidade ou outra venham a achar ou perder pontos de contato. É ainda um tanto limitada a ideia compartilhada por essas correntes teóricas de que o poder residiria somente nas redes de troca de informação e na manipulação de símbolos. Tal concepção qualifica os códigos produzidos pelas diversas resistências como os únicos impulsionadores da dinâmica social, além de limitar o campo de luta ao âmbito da cultura e da mídia.

Sem querer desqualificar o papel desempenhado pelo campo midiático ou a importância incontestável dos símbolos, é preciso ter em mente que a luta política extrapola tanto, espacialmente, o campo midiático quanto, essencialmente, o da mera divergência ao atentarmos para as relações de dominação e subordinação. Também problemático é o pessimismo político implícito na ideia de que um relativismo tão absoluto obstrui invariavelmente a aspiração por uma resistência de caráter unificado, voltada para contestação estrutural do capitalismo.

Um enfoque materialista tampouco significa subtrair a importância dos aspectos culturais na experiência humana. Ao contrário, é sobretudo na fase atual do capitalismo que autores como Fredric Jameson entendem o papel especialmente relevante desempenhado pela cultura. Segundo o autor, o capitalismo tardio é essencialmente dependente de uma lógica cultural baseada em toda sorte de imagens voltada para o consumo. Os produtos culturais

produzem hoje muito mais que significados e tendências, mas especialmente lucros, grandes lucros¹⁶⁵.

Ellen Wood também se insere no debate, marcando a relevância dos aspectos culturais na interpretação das sociedades contemporâneas. “Como podemos negar a importância da língua e da política cultural em um mundo tão dominado por símbolos, imagens e comunicação de massa, para não falar na superestrada da informação?”¹⁶⁶ Segundo ela, não é preciso aceitar os pressupostos pós-modernistas para compreender o papel de tais aspectos. Estes clamam, sim, por uma explicação materialista.

É assim, dentro desse parâmetro - do Estado capitalista, mais especificamente o Estado ampliado proposto por Gramsci - que buscaremos compreender o processo de expansão de ideologias conservadoras como a neoliberal e a fascista bem como a multiplicação de aparelhos privados de hegemonia e projetos políticos alinhados com elas no seio da sociedade norte-americana contemporânea. Desse modo, o neofascismo, como anteriormente as expressões de fascismo no entreguerras, é uma resposta a uma crise profunda no capitalismo, uma resposta à exacerbação das contradições inerentes ao sistema capitalista. Contudo, assim como a crise de outrora e a crise contemporânea apresentam qualidades particulares, também as expressões contemporâneas de fascismo apresentam peculiaridades, não sendo, portanto, mero resgate do movimento passado. O neofascismo é também filho de seu tempo e filho de seu espaço da sociedade específica na qual se insere. O conceito pensado dessa forma possibilita entender as críticas neofascistas a políticas públicas inclusivas, democratizantes e aos demasiados gastos públicos com bem-estar. No caso norte-americano, possibilita também compreender o papel central desempenhado pelo racismo, antissemitismo e anticomunismo na conformação do neofascismo norte-americano, dado o passado marcado pela escravidão, *apartheid*, cotas de imigração e perseguição a comunistas.

Sendo assim, propomos trabalhar com um conceito de fascismo que atravesse as barreiras temporais do entreguerras e espaciais da Europa, um conceito pautado na natureza do fenômeno gerado por um contexto de crise social profunda e marcado pelo autoritarismo, nacionalismo, anticomunismo, antiliberalismo, espetáculo político, xenofobia e defesa feroz de uma coletividade mitificada. Todos esses elementos devem ser pensados de forma

¹⁶⁵ JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹⁶⁶ WOOD, Ellen. O que é a agenda pós-moderna? In: WOOD, E. e FOSTER, J.B.(org). *Em defesa da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.p.17.

articulada e integrada, posto que vistos separadamente apenas contribuiriam para a construção de mais um conceito largo, impreciso e pouco instrumentalizante para a análise dos fenômenos sociais.

Movimentos neofascistas e suas organizações, portanto, se desenvolvem dentro de um dado estágio do capitalismo monopolista-financeiro, em Estados de conformação político-econômica neoliberal e proliferam de modo espetacular, engrossando suas fileiras de adeptos com os desesperançados setores subordinados em decorrência da crise do Estado de reformista a partir dos fins da década de 1970.

- **Particularidades nacionais e históricas do fascismo norte-americano**

Iniciamos esta seção apontando alguns aspectos sociais e históricos, conformadores dos traços caracteristicamente nacionais do fascismo norte-americano. Para além das especificidades conjunturais e estruturais que por si só diferenciam organizações fascistas nascidas, por exemplo, em fins do XIX, em meio à Grande Depressão ou as vistas em nossos dias, é importante atentar também para os aspectos históricos do desenvolvimento do fascismo nos EUA. É possível observar continuidades entre essas diversas expressões de fascismo para além da clara afinidade ideológica? O que marcaria e diferenciaria o fascismo norte-americano do fascismo alemão ou italiano ou inglês etc.?

A partir da observação de eventos históricos marcantes como a escravidão, o sistema de segregação *Jim Crow*, o sistema de cotas de imigração, o macartismo, a cultura do *self made man*, etc., percebemos que elementos como racismo, antissemitismo, anticomunismo e particular apreço pelo ideal de indivíduo empreendedor estão incutidos na história dos EUA (ainda que em graus variados conforme os diferentes períodos históricos). A história do racismo, do antissemitismo, do anticomunismo e da segregação nos EUA passa invariavelmente por esses processos, posto que construídos a partir deles e, portanto, parte de uma relação dialética.

Deixamos claro desde já que este exercício não visa apontar os EUA como um país historicamente fascista. Como já explicitado nas seções anteriores, fascismo não se resume a segregação, racismo e exclusão. Procuramos apenas apontar elementos presentes na construção de processos históricos desse país que marcam o caráter específico, nacional e particular do fascismo norte-americano.

O debate sobre racismo e segregação nos EUA remete invariavelmente à questão da escravidão, mas também a outras manifestações de discriminação, envolvendo grupos étnicos variados.

Diversos autores se debruçaram a investigar as possíveis relações entre escravidão e a problemática de discriminação vivenciada pela população negra antes e após a abolição. Baran e Sweezy, em estudo sobre a construção do capitalismo monopolista, afirmam que o problema racial nos EUA constitui uma herança do sistema de escravidão do Velho Sul. Ao longo do capítulo IX, dedicado especialmente à inserção dos negros no mercado de trabalho norte-americano, os autores debatem diretamente com Gunnar Myrdal, um dos primeiros autores a se dedicar ao estudo da problemática do preconceito e discriminação racial nos EUA.

Segundo o economista sueco, a dinâmica das relações raciais nos EUA deve ser procurada na tensão entre preconceito branco e o que ele denomina de Credo Americano, entendido como devoção aos ideais de liberdade e igualdade. A tese defendida em seu clássico *An American Dilemma* aponta para uma visão otimista do problema, acreditando que progressivamente os ideais do Credo tenderiam a predominar sobre a cadeia preconceito - discriminação - segregação - status sócio-econômico inferior para o negro.

As críticas apresentadas por Sweezy e Baran à conclusão de Myrdal apontam para a construção após a abolição de relações de subordinação, construídas com base não somente na discriminação racial, mas também principalmente em relações de classe dentro do próprio sistema capitalista.

Qualquer tentativa para responder seriamente a estas questões deve afastar-se do idealismo histórico de Myrdal e procurar relacionar o problema das relações raciais nos Estados Unidos com a estrutura básica do capitalismo monopolista da sociedade americana.(...) Antes da primeira guerra mundial, os negros dos Estados Unidos constituíam esmagadoramente um campesinato sulista. Começaram a mudar-se do Velho Sul em grandes quantidades por volta de 1880 (...) Naturalmente, era inevitável que os negros entrassem na economia urbana no nível mais baixo da escala sócio-econômica. Eram mais pobres, menos instruídos e menos especializados ao chegarem. Foram duplamente oprimidos tanto pelo preconceito e pela discriminação raciais históricas quanto pelo preconceito e pela discriminação com que era acolhido todo grupo de recém-chegados pobres.¹⁶⁷

O argumento defendido pelos autores importa não somente por destacar o problema da discriminação para além das fronteiras do sistema escravista e da situação particular do negro

¹⁶⁷ SWEEZY, P; BARAN, P. *Capitalismo monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.p.250-251e 256.

no capitalismo nascente, mas igualmente por pontuar que a relação de escravidão não é necessariamente ou somente pautada no âmbito da discriminação racial.

o sistema de escravatura, embora fomentando freqüentemente a idéia de inferioridade dos negros, não implica ódio dos brancos para com os negros como tais. Contanto que o negro soubesse conservar-se no seu 'lugar', era tolerado e até estimado pelos brancos...¹⁶⁸

Eugene Genovese, importante historiador norte-americano da escravidão, coloca a discussão em termos parecidos, desenvolvendo principalmente no livro *A terra prometida* o debate sobre a relação entre escravidão e racismo. Assim como Sweezy e Baran, Genovese ressalta a importância de se pensar a escravidão como sistema de classe, baseado no princípio da propriedade do homem, ou melhor, na apropriação por um homem de uma pessoa e dos frutos de seu trabalho. Em *A economia política da escravidão*, Genovese afirma que a escravidão existira em outros lugares, convivendo lado a lado com outros modos de produção, mas somente no sul esse sistema dominara todos os outros, produzindo toda uma civilização, um sistema social completo na forma de uma comunidade política, uma economia, uma ideologia e padrões psicológicos peculiares.¹⁶⁹

Baseados em evidências do convívio da escravidão com outros modos de produção, da existência de relação de escravidão em outras épocas históricas e da participação de homens negros no comércio e na perpetuação da escravidão, estudos mais recentes procuram relativizar o caráter da escravidão como sistema e o papel do racismo na escravidão moderna.

Dentre esses, destaco o livro *Gerações de cativo*, de Ira Berlin, que atualiza a discussão iniciada por Finley na década de 1960 sobre sociedades com escravos e sociedades escravistas para o entendimento do papel da escravidão nas diversas regiões dos EUA antes e depois da independência. Já no polêmico *The end of racism*, Dinesh D'Souza defende abertamente que a escravidão não constituiu uma instituição racista, afirmando ser a escravidão observada universalmente e praticada virtualmente em todas as sociedades, inclusive em toda África subsaariana.

A escravidão foi praticada por milhares de anos em virtualmente todas as sociedades: na China, Índia, Europa, mundo árabe, África subsaariana e nas Américas. Nos Estados Unidos, a posse de escravos não estava restrita a brancos: índios americanos e negros livres possuíam milhares de escravos. Portanto, a escravidão não é nem distintamente ocidental nem racista.[...] O que foi distintamente ocidental não fora a escravidão, mas a cruzada

¹⁶⁸ Idem .p.251.

¹⁶⁹ GENOVESE, Eugene. *A economia política da escravidão*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976. p.9.

moral para por fim à escravidão (...) a escravidão provou ser o elo de transmissão que trouxe futuras gerações de africanos para a órbita da liberdade política e oportunidade econômica ocidentais.¹⁷⁰

Sem menosprezar as descobertas empíricas, nas quais se baseiam autores como D'Souza, e seu caráter revelador para um estudo mais problematizador da escravidão, tendemos ao ceticismo no que toca a questão do caráter não racista da escravidão moderna. É certo que existiram negros que escravizaram e vendiam outros negros nas Américas e alhures. Contudo, se tivermos em mente que tais homens viviam em sociedades permeadas por ideologias abertamente racistas e discriminatórias e que, por conseguinte, deter ou vender escravos significava mais do que atividade econômica, sendo também símbolo de poder e distinção, pode-se compreender a razão de uma prática a princípio incoerente. Há outros elementos inculcados na experiência social para além da identidade racial e da moral humanista e esses “negros senhores” não eram só negros, mas também homens de seu tempo.

Não obstante, isso não elimina o racismo. Por que justamente o negro a ser escravizado? É certo também que houve escravidão indígena, mas ela não perdurou, não chegou a gerar um sistema reprodutor de um modo de vida ou de uma civilização, para usar a expressão de Genovese. Compartilhamos com ele a assertiva de que nos EUA, em especial, “a escravidão subordinou uma raça a outra e, com isso, tornou suas relações de classe fundamentais mais complexas e ambíguas.”¹⁷¹

Repousaria, então, a subordinação racial e racismo puramente na escravidão? Similar à conclusão de Sweezy e Baran, a investigação levada a cabo por Genovese demonstrou que a escravidão, como sistema de dominação de classe, antecedeu historicamente o racismo. No caso norte-americano em especial, a problemática tornou-se complexa, uma vez que o sistema escravista local estava intimamente ligado à subordinação racial e não apenas classista, donde nascia conseqüentemente o racismo. Segundo o autor, a história da civilização sulista “foi determinada, em essência, por relações específicas de poder de classe em forma racial.”¹⁷² Extrapolando em muito as fronteiras da escravidão, o racismo surgido a partir da subordinação racial influenciou profundamente diversos aspectos das formações sociais subsequentes nos EUA. Como bem apontam os autores discutidos até aqui, a abolição não

¹⁷⁰ D'SOUZA, Dinesh. *The end of racism: principles for a multiracial society*. New York: The Free Press, 1995.p.22 e xvii.

¹⁷¹ GENOVESE, Eugene. *A terra prometida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.p.21.

¹⁷² Idem.p.22.

levou ao fim da discriminação ou da segregação, sendo estas relações reconfiguradas no capitalismo em expansão.

Leis segregacionistas teimavam em reaparecer mesmo após a abolição, em plena Reconstrução. Segundo Fernandes e Morais, códigos negros (*Black Codes*), leis que restringiam a liberdade dos negros em inúmeros aspectos, foram aprovados em muitos estados pelas Convenções Sulistas. Algumas delas obrigavam ex-escravos a trabalhar sem poder escolher seus empregadores, outras proibiam reuniões, casamentos inter-raciais, consumo de álcool, posse de armas de fogo ou atuação em serviços especializados. Na Carolina do Sul, a lei somente permitia aos negros trabalhar em serviços rurais e domésticos. Já no Mississippi, negros não podiam tornar-se proprietários de terra.¹⁷³

Em 1866, o Congresso aprovou a primeira Lei de Direitos Civis, proibindo a legislação discriminatória entre brancos e negros, restringindo a autonomia dos estados nesse sentido. Ainda assim, nem a legislação nem a 14ª Emenda Constitucional conseguiram frear completamente o surgimento de leis de segregação. Já em 1870, no Tennessee, foi promulgada lei proibindo o casamento inter-racial. Passados alguns anos, popularizavam-se no Sul leis *Jim Crow*, baseadas no conhecido princípio “separados, mas iguais”.

Surgiam também os primeiros focos do racismo organizado, em reação à abolição e às mudanças estruturais vivenciadas por todo o Sul com o desmantelamento da civilização sulista e o início da Reconstrução. Esse é o caso da *Ku Klux Klan*, fundada em 1865, na cidade de Pulaski, Tennessee, na forma de um ainda pequeno clube, organizado por seis ex-oficiais do exército Confederado. Em pouco tempo a KKK conseguira angariar membros por todo o Sul e Sudeste, muitos dos quais egressos de grupos racistas locais e associações clandestinas, a exemplo das *White Brotherhood*, *Pale Faces*, *Knights of the White Camelia* e *Order of White Rose*. Em abril de 1867, durante uma reunião em Nashville, fora formulado o programa oficial da organização e eleito seu primeiro líder, o general ex-oficial Confederado Nathan Bedford Forrest, sob o título de *Grand Wizard*.¹⁷⁴

A Klan prezava não apenas por estritos padrões raciais, mas também pela defesa da moral, da honra e dos bons costumes cristãos. Perseguiu não só negros, mas também chineses,

¹⁷³ KARNAL, Leandro. et al. (org). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.p.142. SELLERS, Charles et al. Uma reavaliação da história dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.p.205,206.

¹⁷⁴ TUCKER, Richard. *The Dragon and the Cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America*. Hamden,Connecticut:Archon Books, 1991.p.19-20.

judeus e brancos liberais, estes últimos vistos como amantes de negros e perturbadores da “boa e velha ordem”. Dentre os integrantes da KKK, encontram-se políticos proeminentes, mas a base social esmagadora era de brancos pobres, ressentidos com as mudanças que colocavam ex-escravos não somente em condição de igualdade política, mas de concorrentes no mercado de trabalho.

Apesar de defender abertamente o autoritarismo e o racismo, foi, pelo menos até a primeira metade do século XX, profundamente marcada por um projeto restauracionista de sociedade escravista e, portanto, não capitalista e sem apelo ao espetáculo. Esse caráter específico fora muitas vezes negligenciado, sendo a KKK caracterizada como primeira grande organização fascista norte-americana. Dado o conceito de fascismo construído e defendido nas seções anteriores, uma caracterização nesses termos seria um tanto incoerente. Preferimos, assim, entender a KKK e seus braços como grupos segregacionistas, canais de difusão de racismo e intolerância na sociedade norte-americana.

As leis federais aprovadas na década de 1870, proibindo ações de caráter terrorista, não foram capazes de conter efetivamente o avanço de organizações racistas, talvez restringir parcialmente os atos de violência mais brutal e explícita como linchamentos, estupros, etc. A KKK recuou significativamente, reerguendo-se em número de adeptos, potencial de organização e difusão ideológica somente na década de 1920. Mas outras organizações locais, a exemplo da *White League*, *Red Shirts* e *Citizens' Councils*, continuaram existindo, graças à complacência de prefeitos e xerifes locais.

O problema da discriminação e do preconceito nos EUA, contudo, não se restringe ao negro, podendo ser igualmente observado com relação a grupos nativos e de imigrantes de origem étnica variada ao longo de toda a história dos EUA.

Recentemente, em artigo para uma coletânea sobre racismo, o psiquiatra Niel Altman e a psicóloga Johanna Tiemann apontam para a construção social e para as continuidades - na forma de expressões variadas e matizadas ao longo da história - na reprodução do racismo. Para eles, a ideia de raça em si seria uma construção social e psíquica, configurando o racismo, por sua vez, na atribuição de características negativas a pessoas de uma determinada

“raça”, vista (socialmente e não cientificamente) como geneticamente inferior.¹⁷⁵ No caso dos EUA, os autores observam ainda uma dimensão histórica na construção do racismo.

[No contexto norte-americano] o racismo inicia-se com os colonizadores europeus realizando “limpezas étnicas” dos nativos americanos de seus assentamentos no Novo Mundo. Em um nível, o que ocorreu foi uma invasão e conquista (...) A justificativa para isso foi racista. (...) A doutrina do “destino manifesto” refletia essa crença de que os euro-americanos, por virtude de sua cultura superior, estavam destinados a expandir seu domínio. A escravização dos africanos, obviamente teve uma função, fornecer mão de obra grátis para a economia agrícola do Sul do que seriam os Estados Unidos. Estereótipos formados nessa época a respeito das pessoas de origem africana persistiram além da libertação dos escravos e continuam a ser uma força poderosa na psique norte-americana até hoje.¹⁷⁶

Dedicando-se ao estudo dos pedidos de cidadania norte-americana por meio dos processos de naturalização, o professor de direito Ian Haney López também defende a tese da raça como construção social e destaca a centralidade da lei nessa construção, entendendo-a como um poderoso mecanismo pelo qual uma sociedade cria, define e regula a si mesma.¹⁷⁷ Analogamente, em *Maquiavel: notas sobre o Estado e a política* Gramsci afirma o papel do direito como importante instrumento na difusão e encorajamento de certos costumes e atitudes bem como na repressão e punição de outros.¹⁷⁸

Por meio da análise de uma série de atos e processos de naturalização, López mostra que a lei, muito mais do que legalizar a ideia de raça e criar uma noção de “brancura”, contribui para a conformação de relações de dominação e subordinação na sociedade norte-americana. Além das barreiras contra a imigração, o autor também apresenta um histórico das dificuldades encontradas por parte da população não branca residente na conquista legal da

¹⁷⁵ Existiriam, portanto, base sociais e psicológicas para o racismo, podendo ser algumas expressões entendidas como uma forma de “defesa maníaca”, conceito proposto pela psicanalista austríaca Melanie Klein, de orientação freudiana. Segundo ela, “a defesa maníaca assume a forma de um reforço da posição paranoide-esquizoide com três características principais: bloqueio do espaço psíquico (...), fantasias de onipotência e identificação projetiva. A onipotência opera a serviço da negação, no sentido que se desenvolvem fantasias que recriam (onipotentemente) a realidade; a identificação projetiva opera para livrar magicamente o “eu” de estados psíquicos indesejados, projetando-os em outras pessoas. (...) Há uma interação entre estereótipos raciais socialmente produzidos e transmitidos, que são internalizados por indivíduos como parte do processo de socialização, e a dinâmica psicológica que produz esses estereótipos e reforça sua adoção de um modo rígido e penetrante.” ALTMAN, Niel; TIEMANN, Johanna. Racismo como uma defesa maníaca. In: LEVINE, Michael; PATAKI, Tamas (orgs.). *Racismo em mente*. São Paulo: Madras, 2005. p. 147-148.

¹⁷⁶ Idem. p.148-149.

¹⁷⁷ LOPEZ, Ian Haney. *White by law: the legal construction of race*. New York: New York Univ. Press, 1996. p.9.

¹⁷⁸ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol.3. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2002. p.28. “Se todo Estado tende a criar e manter um certo tipo de civilização e de cidadão (...), tende a fazer desaparecer certos costumes e atitudes e a difundir outros, o direito será o instrumento para esta finalidade...Na concepção do direito, deveriam ser incorporadas também as atividades que “premiar” indivíduos, grupos etc.; premia-se a atividade louvável e meritória, assim como se pune a atividade criminosa...”

cidadania. Aos negros, por exemplo, fora conferida a cidadania apenas após a abolição, com o *Civil Rights Act* (1866). Ao nativo-americano ela só fora conquistada plenamente, sem restrição de tribo, em 1924.

... o propósito real de algumas leis foi criar e manter diferenças materiais entre as raças, estruturar a dominação e subordinação racial em relações socioeconômicas nessa sociedade. (...) As leis e os tomadores de decisão legais transformam idéias raciais em desigualdades materiais vividas, a realidade que se segue justifica, por sua vez, a idéia de raça.¹⁷⁹

O histórico de construção social da raça por meio de políticas públicas discriminatórias e racistas é traçado por ele desde o momento que segue a independência com o ato de 26 de março de 1790, no qual o Congresso restringiu o direito de naturalização somente a “pessoas brancas” até 1952, quando as restrições raciais foram oficialmente retiradas dos pré-requisitos para se pleitear naturalização. Nesse ínterim, inúmeros atos discriminatórios - como o *Chinese Exclusion Act* (1882), os sistemas de cotas para imigração de 1921 e 1924 - e mesmo políticas de deportações em massa (como *Operation Wetback* da década de 1950) foram aprovados pelo Congresso. Como se verá a seguir, a maioria das legislações discriminatórias contra imigrantes será aprovada em fins do XIX e início do XX em decorrência de conflitos gerados pela segunda grande leva migratória.

Os estudos de Coriat sobre organização da produção e do trabalho demonstram que a origem dos novos ingressantes era mais variada que a primeira leva migratória - composta basicamente de indivíduos vindos do nordeste da Europa -, chegando do leste e sudeste europeu (dentre os quais destacamos italianos e judeus), da Irlanda e da Ásia, em especial da China e do Japão. Esses homens eram em sua maioria camponeses recém expropriados, sem maior qualificação ou conhecimento do trabalho industrial.

Em artigo à revista *Tempo*, Ngai observa que mais que variedade étnica e cultural, a segunda grande leva migratória ficou marcada pelo aumento da xenofobia nos EUA, especialmente a partir de 1890, dada à associação de problemas sociais da época, como o surgimento de favelas, aumento da pobreza, conflitos de classe e epidemias, à entrada em massa de indivíduos provenientes do sul e do leste europeu.¹⁸⁰

¹⁷⁹ LOPEZ, I. H. op.cit. p.17.

¹⁸⁰ NGAI, Mae. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos estados Unidos 1921-1965. *Tempo*. Vol.13 n.25, 2008.p.13.

Coriat atenta ainda para o fato desses trabalhadores não estarem organizados em nenhum organismo de defesa, não pertencerem a nenhum sindicato ou organização trabalhista. Sua ignorância sobre o fazer na indústria em nada afetava as fábricas que adotavam técnicas organizacionais tayloristas, justo porque um trabalho parcelarizado não exige grandes qualificações.¹⁸¹ Ainda assim, sua entrada no mercado de trabalho fora um tanto conturbada, gerando acirramentos, conflitos e contradições no seio de uma classe operária bastante heterogênea. Muitos foram vistos como concorrentes, uma vez que eram capazes de desempenhar serviços por salários muito menores e sem nenhum tipo de benefício. Os ditos operários “antigos”, mais especializados e mais bem pagos, reagiram já em fins do século XIX à chegada dos “novos imigrantes” e dos negros migrantes com a construção de grandes centrais sindicais restritas a operários brancos e especializados, a exemplo da AFL, ou incentivando boicotes.

Assim, o movimento operário e as organizações classistas de um modo geral encontraram terreno peculiar nos EUA, onde o conjunto dos trabalhadores se encontrava marcado pela segregação de negros, latinos, judeus e asiáticos. “A estrutura fragmentada do movimento sindical, dividido em habilidades profissionais e disputas raciais, étnicas e religiosas”¹⁸² dificultava a formação de um coletivo unido pela problemática da classe. Os aparelhos de classe¹⁸³ mostravam-se entrecortados não pela diferença, que traz riqueza ao coletivo, mas pela segregação. Limoncic afirma que:

desde o fim das tentativas de integração social, econômica e política dos negros do período da Reconstrução, no pós-Guerra Civil, até a ascensão da CIO [*Congress of industrial Organizations*], a mão de obra negra viu-se sistematicamente rejeitada pelo movimento sindical, particularmente o liderado pela AFL [*American Federation of Labor*].¹⁸⁴

O mesmo autor revela ainda quão delicado era o panorama dessas relações no Sul.

No sul, as empresas reproduziam os ‘hábitos locais’ de segregação racial, e os negros só tinham acesso aos postos mais baixos da linha de montagem e tal prática era apoiada, por exemplo, por várias seções estaduais do UAW [*United Auto Workers*], em flagrante contraste com a política nacional dos sindicatos. Por fim, a

¹⁸¹ CORIAT, Benjamin. *El Taller y El cronometro*. Mexico: Siglo XXI, s/d.

¹⁸² LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. *Revista de história regional*. Vol.4, nº1 (verão 1999). p.32.

¹⁸³ Com relação às discussões acerca desse ponto, centrar-nos-emos no sindicato como primeira entidade classista. A opção pelo sindicato baseia-se muito mais em uma falta de informação por parte da autora sobre outras entidades classistas de grande porte do que em uma escolha propriamente dita.

¹⁸⁴ LIMONCIC, F.op.cit.p.137.

cruzada do CIO contra os comunistas, tradicionais aliados dos trabalhadores negros do Sul, enfraqueceu decisivamente a empreitada.¹⁸⁵

O governo federal, por sua vez, adotou uma política de exclusão para certos grupos de estrangeiros por meio de leis de imigração discriminatórias. Ainda em fins do XIX, como forma de conter a entrada de chineses, a Suprema Corte

delegou poder, ao largo da Constituição, ao Congresso para regulamentar a imigração, invocando a soberania nacional (...) A Corte considerou essa atitude necessária para proteger a nação da invasão estrangeira, quer de exércitos durante tempos de guerra, quer de imigrantes estrangeiros durante tempos de paz.¹⁸⁶

Em 1921 e 1924 foram aprovadas duas leis de imigração de caráter regulatório e discriminatório. Em ambas as leis, a restrição de entrada de imigrantes nos EUA - em 1921 para 350 mil ao ano e em 1924 para 150 mil ao ano - foi aprovada pelo Congresso. A lei de imigração Johnson-Reed, de 1924, estabelecia ainda cotas de entrada diferenciadas para estrangeiros, dependendo da procedência. Segundo Ngai, as leis de imigração da década de 1920 acabaram tornando a imigração ilegal e a prática da deportação problemas centrais nos EUA. A aplicação das leis de imigração

resultou em um discurso político e legal de oposição, que imaginava imigrantes ilegais merecedores e não merecedores e, concomitantemente, deportações justas e injustas (...) os processos de redefinição territorial e sanção administrativa informaram maneiras divergentes da racialização dos imigrantes. A tendência era de dissociar os europeus e os canadenses da categoria real ou imaginária de estrangeiro ilegal, o que facilitava sua assimilação nacional e racial como cidadãos brancos americanos. Em contraste, os mexicanos surgiram como estrangeiros ilegais icônicos.¹⁸⁷

A década de 1920 também viu renascer com força significativa o movimento eugenista além de uma das mais importantes organizações fascistas dos EUA, a Ku Klux Klan.

Os estudos científicos sobre racismo nos EUA datam desde o início do século XX e tiveram em zoólogos, paleontólogos e antropólogos suas figuras mais importantes. Destaco alguns proeminentes cientistas que foram além das pesquisas e debates acadêmicos, militando

¹⁸⁵ Idem, p. 137-138. Para maiores discussões ver: SALVATORE, Nick (org). *Seventy years of life and labor: An autobiography. Samuel Gompers*. New York: ILR Press, s.d. LICHTENSTEIN, Nelson. *Walter Reuther: the most dangerous man in Detroit*. Chicago: Univ. of Illinois Press, 1995. LICHTENSTEIN, Nelson. From corporativism to collective bargaining: organized labor and the eclipse of social democracy in the postwar Era. In: FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (orgs). *The rise and fall of the New Deal order, 1930-1980*. Princeton: Princeton Univ. Press, 1989.

¹⁸⁶ NGAI, M. op.cit. p.8.

¹⁸⁷ Idem.p.9.

em organizações privadas e influenciando políticas públicas, tais como Charles Benedict Davenport¹⁸⁸, Madison Grant¹⁸⁹, Henry Fairfield Osborn e Harry Laughlin.

Influenciados pelos escritos de Arthur de Gobineau¹⁹⁰, Houston Stewart Chamberlain¹⁹¹, pelas pesquisas de Ernst Haeckel¹⁹² e Georges Lapouge¹⁹³, os eugenistas norte-americanos tiveram, contudo, menor repercussão no campo científico em termos de descobertas e propostas inovadoras, residindo sua importância primeiramente na difusão do darwinismo social e do racismo sob pretensas bases científicas e, finalmente, na articulação política dessas ideias em aparelhos. O apoio político e financeiro de proeminentes intelectuais, como o economista Irwin Fisher e principalmente de grandes famílias-fortuna, como os Rockefeller, os Harriman e os Carnegie, aos aparelhos *Eugenics Record Office* (1910) e *Eugenics Committee of the United States of America* (criado em 1922 visando à fundação da *American Eugenics Society* em 1926) demonstram o poder de difusão e abrangência do projeto de sociedade racista, excludente e autoritário encampado pelos eugenistas.¹⁹⁴

Em 1912, pouco antes do *Eugenics Record Office* empossar seu quadro de diretores-cientistas, o legislativo do estado de Nova York criou a *Rockefeller Foundation*, rica em ativos fabulosos. John D. Rockefeller doou 35 milhões de dólares no primeiro ano e 65 milhões a mais no ano seguinte. Davenport estava ansioso para canalizar o dinheiro dos Rockefeller para o movimento eugenista. Como havia feito com a senhora Harriman, Davenport cultivou conexões pessoais com o filho de

¹⁸⁸ Discípulo de Sir Francis Galton. Fundador do *Eugenics Record Office*. Escreve *Heredity in relation to Eugenics* em 1911, aplicando as teorias mendelianas para seres humanos.

¹⁸⁹ Principal nome da eugenia nos EUA, transcendendo paradigmas como o de “indivíduos socialmente inaptos” para “raças inaptas” e o de “conflito social ou de classe” para “conflito racial”. Autor de *The Passing of the Great Race* de 1916 e *The Conquest of a Continent*, de 1933.

¹⁹⁰ Em *Essai sur l'inégalité des races humaines*, de 1853, Gobineau defende a ideia da existência e hierarquização de três raças: branca, amarela e negra. O autor expressa certo pessimismo filosófico ao afirmar que processos históricos como urbanização, industrialização, miscigenação e ideais de democracia e igualdade estariam levando a um processo de degeneração da raça.

¹⁹¹ A grande contribuição do inglês Chamberlain em *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts*, de 1899, além de exaltar a figura do elemento teuto-ariano foi a defesa aberta da eugenia e do antissemitismo. O judeu é colocado como ameaça a um dado padrão tido como tradicional pela disseminação da produção industrial, materialismo burguês, socialismo e liberalismo.

¹⁹² Mais famoso biólogo e zoólogo alemão da segunda metade do XIX. Com *Die Weltraetsel*, em 1899, tornou-se um dos mais proeminentes advogados do darwinismo social e da superioridade da ‘raça ariana’.

¹⁹³ Fundador da escola antropológica ultraconservadora francesa, a qual defendia a organização social segundo princípios zoológicos e interpretava a história nos termos do conflito racial. Em *L'Aryen: son rôle social*, de 1899, Lapouge sustentava a substituição de ideais ‘fictícios’ como liberdade, igualdade e fraternidade por outros de cunho mais realista como força, lei, raça e evolução.

¹⁹⁴ SPIRO, Jonathan Peter. *Defending the master race: conservation, eugenics and the legacy of Madison Grant*. Burlington: Univ.of Vermont Press, 2009.p.128 e 180-184. BLACK, Edwin. *War against the weak. Eugenics and America's campaign to create a master race*. New York: Four walls eight windows, 2003.p. 93-95.

Rockefeller, John D. Rockefeller Jr. O jovem Rockefeller controlava os milhões da fundação.¹⁹⁵

À semelhança de seus mestres europeus, frequentemente defendiam políticas autoritárias por parte do Estado, como modo de preservar o melhor da espécie humana e expurgar (ou pelo menos controlar) o indesejável. A partir, daí entendemos por que os eugenistas norte-americanos tiveram tanta influência no pensamento e nos projetos de ideólogos do nazismo alemão, em especial Alfred Rosenberg, Eugen Fisher e Hans Guenther.

Talvez o melhor exemplo de militância dentro desse marco ideológico seja Madison Grant. Durante as décadas de 1910 e 1920, Grant integrou o *Immigration Restriction League*, atuando intensamente na aprovação de diversos projetos de lei, dentre os quais o teste de analfabetismo, aprovado em fevereiro de 1917; o ato instaurador do sistema de cotas para imigrantes, aprovado em maio de 1921 e o ato de restrição à imigração, aprovado em maio de 1924. Além da imigração, Grant também se esforçou em passar estatutos de esterilização e leis antimiscigenação.¹⁹⁶

A segunda geração da Klan, por sua vez, reorganizada por William Simmons em 1915, floresceu não apenas no Sul e Sudeste, mas principalmente no Meio-Oeste em estados como Indiana, Ohio, Kansas, Michigan, Oklahoma, Texas, Oregon e Califórnia.¹⁹⁷ Presentes em suas críticas e descontentamentos estavam não mais somente a posição política negro e o liberalismo republicano - em sua visão, impostos “goela abaixo” durante a Reconstrução -, mas também a entrada indiscriminada de “hordas” de imigrantes judeus e asiáticos nos EUA bem como o ataque aos valores e à moral tradicionais. Nas palavras do editor de um periódico semanário da KKK:

[A Klan] vai expulsar de uma vez os contrabandistas desta terra. Vai trazer filmes limpos para esse país; vai trazer literatura despoluída para esse país; vai acabar com o

¹⁹⁵ BLACK, E. op.cit. p.93. “In 1912, shortly before the Eugenics Record Office installed its board of scientific directors, the New York State legislature had created the Rockefeller Foundation, which boasted fabulous assets. John D. Rockefeller donated \$35 million the first year, and \$65 million more the next year. Davenport was keen to funnel Rockefeller’s money into eugenics. As he had done with Mrs. Harriman, Davenport cultivated a personal connection with Rockefeller’s son, John D. Rockefeller Jr. The younger Rockefeller controlled the foundation’s money.” O autor cita como referência: a página eletrônica da Rockefeller Foundation. Timeline of Rockefeller Foundation History at www.rockfound.org e cartas trocadas entre John D. Rockefeller Jr e Charles Davenport entre janeiro e maio de 1912, conseguidas igualmente através da página eletrônica da fundação.

¹⁹⁶ SPIRO, J. P. op.cit.p.196-244.

¹⁹⁷ TUCKER, R. op.cit. p.6. É comentada a influência do filme *The Birth of a Nation* (1915), adaptação de D.W. Griffith para o cinema mudo do romance *The Clansmen: a historical romance of the Ku Klux Klan* (1905) de Thomas Dixon Jr., para o renascimento da KKK nos anos 1920.

estacionamento na beira da estrada e garantir que um jovem rapaz que induzir uma moça a beber seja responsabilizado.¹⁹⁸

O alargamento da xenofobia, bem como a defesa de práticas exclusivistas e soluções autoritárias para situações eminentemente nacionais, irá atrair, nos conturbados anos 20, milhões de homens e mulheres afinados com fascismo para a nova Klan. Esses somariam, segundo Tucker um total estimado em 5 milhões, dentre os quais destacaram-se membros ilustres como o eugenista Lothrop Stoddard e o futuro presidente Harry Truman.¹⁹⁹

Durante o período da Guerra Fria, são percebidos os primeiros avanços em direção a uma reação coletiva e organizada com o objetivo de deter o avanço do reformismo. Serão tempos de intensas transformações e críticas ao *New Deal*, e o que tenderá a unificar a oposição durante as décadas de 1950 e 1960 serão basicamente o antioletivismo (em particular o anticomunismo), associando este aspecto às políticas reformistas e aos avanços nos direitos civis, e uma forte crítica ao humanismo secular, em vista da crise do modelo familiar patriarcal.

Como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, aliada à crítica liberal ao reformismo, temas como a descrença na existência de uma ordem moral divina, o declínio do senso de comunidade, a decadência dos valores espirituais e morais, a corrupção de instituições burguesas tradicionais como família e o casamento faziam-se igualmente presentes nos discursos da oposição, muitas vezes mesclados aos argumentos de defesa do liberalismo clássico. A essa nova abordagem moral do liberalismo, Jerome Himmelstein chamou fusionismo.

Contra as políticas reformistas e os avanços nos direitos civis juntar-se-ão aos fusionistas e liberais setores afinados com o segregacionismo e mesmo com o fascismo. Tratarei melhor deles mais adiante, mas desde já posso adiantar que, apesar da relativa estabilidade do reformismo, hegemônico desde o *New Deal*, projetos de sociedade pautados no autoritarismo, racismo e intolerância se perpetuaram no cenário político norte-americano, ganhando fôlego com o avanço do movimento em prol dos direitos civis. É esse justamente o caso de aparelhos privados de hegemonia como o *White Citizens' Councils* (autodenominado *Citizens' Councils of America*) e o *Liberty Lobby*. O primeiro fora fundado em 1950 em reação direta às propostas de integração racial e aos avanços do movimento pelos direitos

¹⁹⁸ MAYFIELD, Billie (ed). Colonel Mayfield's Weekly. Houston.Texas. apud. TUCKER, R. op.cit. p.8.

¹⁹⁹ TUCKER, R. op.cit. p.6.

civis. Era abertamente segregacionista, diferindo da *Ku Klux Klan* por não rogar a volta a uma sociedade de tipo aristocrática, não prezar pelo uso da violência física direta, bem como a rejeição à indumentária típica. Já o segundo, acredito ser a primeira expressão de neofascismo, posto que transcende o racismo, advogando fervoroso anticomunismo e autoritarismo, apelando ao espetáculo e insuflando o patriotismo via mito do renascimento nacional-racial, além de construir as contemporâneas críticas às políticas reformistas e de cunho moral.

Aqui reside o complemento de uma das hipóteses levantadas na pesquisa. São justamente as inquietações desse momento -a crítica à decadência moral e religiosa, esteios morais de tempos passados, bem como ao Estado interventor, limitador da livre-iniciativa e às sempre muito custosas políticas de bem-estar- que irão marcar o aspecto novo, contemporâneo, incutido no *neofascismo*. Esses fatores, congregados com o virulento racismo, antissemitismo, anticomunismo e com a cultura do *self made man*, conformarão as qualidades essenciais do neofascismo norte-americano.

As mudanças no mercado de trabalho - trazidas com a revolução técnico-científica - e o decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados, bem como a rearticulação histórica dos setores conservadores e a reação às políticas inclusivas - frutos dos movimentos de ampliação dos direitos civis - são de suma relevância para o entendimento tanto do desenvolvimento da forma peculiar de neoliberalismo norte-americano, conhecida como *New Right*, quanto o aumento extraordinário de grupos neofascistas em fins da década de 1970.

Assim, discursos que ressaltavam problemas como as crises econômica e moral, perda de *status* social e incompetência, traição e fragilidade do governo tornam-se demasiadamente atraentes para setores da sociedade que não se identificavam com as transformações recentes dos EUA. Sentindo-se não só pouco contemplados, mas perdidos, ameaçados ou mesmo atacados em seus direitos de “verdadeiros americanos” e imersos em um contexto de insegurança, frações dos setores médios e das classes dominadas tenderam a estereotipar seus medos na figura do “outro”. Este, visto como inimigo, destituído da moral implícita do “ser americano” e desrespeitando o credo instituído pelos pais fundadores, acaba por legitimar desde sentimentos de rejeição até práticas racistas e xenófobas.

Os aparelhos neofascistas norte-americanos buscam trabalhar basicamente no sentido de recuperar tanto o sonho americano para o “povo eleito” (WASP - *white anglo-saxon*

protestant) quanto a moral puritana perdida para a “terra prometida” por meio de um projeto de sociedade autoritário e excludente da diversidade.

Como será visto nos capítulos seguintes, as estratégias de luta são variadas, algumas organizações defendendo o uso de violência física direta, outras condenando tal prática e investindo fortemente em campanhas educacionais visando à construção do consenso. Além da ideologia, o que os unifica e termos de prática política talvez seja o fato de não atuarem na sociedade política, atendo-se ao limites da sociedade civil.

Ao contrário da *New Right*, neofascistas não creem no jogo político-partidário como espaço de luta ou caminho para chegar ao poder. Olhando para experiências fracassadas, como a campanha presidencial de George Wallace em 1964, muitas organizações julgam tal estratégia como pouco frutífera em uma “América” ainda pouco suscetível a um projeto desse tipo. É preciso que sejam construídos alicerces mais profundos, base de apoio mais larga, engajada e militante. É preciso focar em outro campo de batalha, a sociedade civil. Apesar disso, não se escondem por baixo dos velhos capuzes brancos como a *Ku Klux Klan*, assumindo aberta e claramente os objetivos de sua luta.

Capítulo II

O *New Deal* como paradigma: construindo e desconstruindo o reformismo norte-americano

Este capítulo é dedicado a fundamentar a construção da hipótese geral do trabalho, na qual procurarei demonstrar que o crescimento e o desenvolvimento espetacular de organizações neofascistas, assim como a origem do neoliberalismo norte-americano, são frutos dos seguintes fatores conjugados:

- a repaginação, reorganização e fortalecimento gradual do movimento liberal, observada nos países centrais ao longo das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970;
- as progressivas alianças estabelecidas entre o movimento liberal em renovação nos EUA com entidades religiosas cristãs profundamente tradicionalistas e politicamente engajadas;
- o retrocesso em termos sociais do reformismo norte-americano a partir dos anos 1940, afastando-se da promoção de políticas públicas voltadas para o pleno emprego e o estreitamento das desigualdades para promover cada vez mais políticas assistencialistas e lutas fragmentadas em favor de grupos sociais particulares;
- a reação às conquistas dos movimentos civis democráticos - a exemplo daqueles em prol da ampliação do direitos civis, feminista, ambiental, gay, pacifista, etc.- unindo, ainda que temporariamente, os adeptos do neoliberalismo, da direita cristã, do segregacionismo e do neofascismo contra o padrão de organização social reformista;
- o avanço gradativo do processo de precarização da qualidade de vida, devido à crise estrutural do capitalismo em fins dos anos 1970, pela falta de mercados que absorvessem a produção manufaturada gerada pelos EUA, Europa e Japão ao longo do pós-Segunda Guerra Mundial. O processo de reestruturação produtiva e a desregulamentação financeira, facilitados pela vitória do neoliberalismo, pioraram sensivelmente as condições de trabalho e

de vida da classe trabalhadora e da pequena burguesia, abrindo espaço para o crescimento de alternativas sociais xenófobas, autoritárias e salvacionistas.

Três dos fatores apontados foram destacados pelos estudos historiográficos sobre o recente avanço do conservadorismo ou da direita nos EUA. São levantadas basicamente três grandes explicações. A mais clássica, conhecida como historiografia do consenso, tem fundo funcionalista, entendendo os conservadores (liberais, segregacionistas e fascistas) como elementos fanáticos, ressentidos e inseguros com a agenda reformista. Richard Hofstadter, Seymour Martin Lipset e Daniel Bell são alguns de seus maiores expoentes. Uma segunda geração, surgida nos anos 1980, destacou a importância dos movimentos democráticos civis como desencadeadores de uma profunda revolta conservadora contra o reformismo, o multiculturalismo e inclusive contra a ordem democrática.²⁰⁰ A produção mais recente aponta para a centralidade da mobilização e do trabalho de base desenvolvido por organizações conservadoras desde a década de 1940. Nessa perspectiva, o fortalecimento do conservadorismo no tocante à construção de ideias, o surgimento de organizações e a formação de redes foi um processo gradual de construção de uma alternativa sofisticada e politicamente poderosa frente ao reformismo em voga.²⁰¹

Afora as críticas colocadas sobre as interpretações funcionalistas no primeiro capítulo, consideramos complementares as teses do conservadorismo como movimento reativo aos avanços civis democráticos e a que enfatiza sua construção histórica. Apesar dos autores assinalarem elementos distintos, podemos entendê-los como partes de um mesmo processo e, nesse sentido, sua relação parece mais complementar do que discordante. O impacto dos movimentos civis democráticos, bem como as transformações sociais e culturais consequentes, integram o processo de reconstrução e reestruturação do conservadorismo

²⁰⁰ EDSALL, Thomas Byrne; EDSALL, Mary. *Chain reaction: the impact of race, rights, and taxes on American politics*. New York, 1991. OMI, Michael; WINANT, Howard. *Racial formation in the United States: from the 1960's to the 1990's*. New York: Routledge, 1994. CARTER, Dan. *The politics of rage: George Wallace, the origins of the new conservatism, and the transformation of American politics*. New York, 1995. HARDISTY, Jean. *Mobilizing Resentment: conservative resurgence from the John Birch Society to the Promise Keepers*. Boston: Beacon, 1999.

²⁰¹ DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. New York, 1995. SCHUPARRA, Kurt. *Triumph of the Right: the rise of the California conservative movement 1945-1966*. Armonk, 1998. SCHNEIDER, Gregory. *Cadres for Conservatism: Young Americans for Freedom and the rise of the contemporary right*. New York, 1999. SCHOENWALD, Jonathan. *A Time for Choosing: the rise of modern American conservatism*. New York, 2001. MCGIRR, Lisa. *Suburban warriors: the origins of the new American right*. Princeton, 2001. PERLSTEIN, Rick. *Before the Storm: Barry Goldwater and the unmaking of the American consensus*. New York, 2001.

norte-americano. As mudanças observadas dos anos 1960 e 1970 foram balizares na história do conservadorismo contemporâneo, pois atuaram como um catalisador de forças que estavam em movimento há algumas décadas.

O terceiro fator, mais profundamente trabalhado pelos intelectuais ligados à *New Left* segue na linha dos recentes estudos sobre o conservadorismo, no sentido em que igualmente concebe transformações e reformulações no seio do reformismo. O afastamento gradativo de um projeto ativamente interventor nas questões do trabalho e da má distribuição de poder e de renda em direção a um cada vez mais desvinculado do conflito classista contribuiu para o avanço conservador.

Finalmente, o último elemento destacado busca relacionar o fortalecimento dos setores conservadores com as transformações estruturais do capitalismo. A solução encontrada para contornar a crise da década de 1970 delineou-se através da reestruturação produtiva, pacotes neoliberais de austeridade, desregulamentação e consumo movido pelo endividamento. Tais medidas só vieram a comprometer a qualidade de vida da classe trabalhadora e da pequena burguesia, intensificando a atmosfera de revanchismo, revolta e violência que paira no ar desde os anos 1960.

Para construir uma argumentação associando todos esses processos, partiremos da análise da construção do reformismo norte-americano, desde seu início na década de 1930, com o *New Deal*, até sua crise em meados da década de 1970. Serão investigados os conflitos em torno da construção da alternativa reformista de capitalismo nos EUA bem como a militância e organização política da oposição ao projeto reformista do Partido Democrata. Parte dela, composta por organizações autoritárias e segregacionistas, foi mencionada no capítulo anterior, atraindo principalmente a pequena burguesia e a classe trabalhadora. Outro campo da oposição, à época da construção e desenvolvimento do reformismo agregou setores da classe dominante descontentes com as práticas regulatórias e intervencionistas, a exemplo do grande capital ligado às indústrias de trabalho intensivo [*labour intensive industries*] e de agências como a Suprema Corte.

Além disso, serão destacadas as mudanças verificadas no desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, na estrutura produtiva e nas relações de trabalho ao longo do último quartel do século XX nos EUA, de modo a podermos entender como o processo de precarização da qualidade de vida contribuiu para o avanço do conservadorismo político nesse país. Procuraremos, então, apontar a historicidade do contemporâneo processo de

reestruturação produtiva, mais conhecido como toyotismo, ressaltando, a partir de uma análise comparativa, elementos de continuidade e ruptura com outros processos produtivos dentro do capitalismo, em especial com o fordismo. Um esforço dirigido ao entendimento das mudanças trazidas pela reestruturação produtiva, o qual a princípio pouco se conecta com uma pesquisa sobre neofascismo, se faz necessário e talvez um pouco mais evidente ao atentar para algumas características do fascismo, em especial no que concerne a sua formação social.

O neofascismo, como expressão política, é ao mesmo tempo complexo e perigoso. Complexo porque expressa, por trás de sua visão autoritária e discriminatória do mundo, descontentamentos legítimos acerca da queda de qualidade de vida nos EUA. O processo de precarização da qualidade de vida - observado com o avanço do neoliberalismo e da reestruturação produtiva - bem como as conquistas relativas a uma sociedade multicultural acabaram levando partes dos setores médios e da classe trabalhadora, já atraídos por alternativas políticas autoritárias, anti-democráticas e por vezes abertamente racistas, a se engajarem em organizações fascistas. Perigoso porque canaliza os medos e as esperanças de certo grupo de pessoas para uma alternativa política que conduz ao aumento da discriminação, da desigualdade e da opressão, dificultando mais ainda o diálogo e as relações humanas na sociedade norte-americana.²⁰²

a. Crise do capitalismo liberal e a construção do reformismo norte-americano

Uma família isolada muda-se de suas terras. O pai pedira dinheiro emprestado ao banco e agora o banco queria as terras. A companhia das terras - que é o banco, quando se ocupa dessas transações - quer tratores, em vez de pequenas famílias nas terras. (...) E uma família pernoita numa vala e outra família chega e estacas são fincadas na terra e tendas surgem. Os dois homens acocoram-se no chão e as mulheres e as crianças escutam em silêncio. Aí está o nó, ó tu que odeias e temes revoluções! Mantém esses dois homens apartados: faz com que eles se odeiem, receiem-se, desconfiem um do outro. Porque aí começa aquilo que tu temes. Aí é que está o germe. Porque aí transforma-se o “*Eu perdi minhas terras*”, uma célula se rompeu e dessa célula rompida brota aquilo que tu tanto odeias, o “*Nós perdemos nossas terras*”. Aí é que está o perigo, pois que dois homens nunca se sentem tão sozinhos e abatidos como um só. É desse primeiro “nós” nasce algo muito mais perigoso: “*Eu tenho um pouco de comida*” e “*Eu não tenho nenhuma*”. Quando a solução deste problema é “*Nós temos um pouco de comida*”, aí a coisa toma um rumo, aí o movimento já tem um objetivo.²⁰³

²⁰² BERLET, C.; LYONS, M. op.cit.p.345.

²⁰³ STEINBECK, John. *As vinhas da Ira*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p.202-204

O trecho acima, retirado do emocionante *As vinhas da ira* de John Steinbeck, mostra-nos um pouco dos reflexos da Grande Depressão para o homem do campo nos Estados Unidos. Durante o correr da obra, acompanhamos toda a jornada da família Joad, que, por não ter como pagar suas dívidas, perde sua terra e parte para Califórnia em busca de emprego e novas oportunidades.

A mais severa e delongada crise econômica norte-americana é campo de intenso debate, principalmente em torno de suas causas. As maiores polêmicas e divergências mais profundas podem ser basicamente percebidas no tocante à qualidade micro ou macro-econômica da crise. Irving Fisher e Lionel Robbins interpretam a Depressão como resultado direto da instável estrutura de crédito da década de 1920. O excesso de crédito e especulação aliados à fraca e mal estruturada rede bancária teriam causado o colapso do mercado financeiro iniciado com quebra da bolsa em 1929. Enfatizando causas de cunho imediatista, como a quebra abrupta do mercado de ações, os autores buscam explicar a intensidade e a profundidade da crise como decorrentes da consequente falência do sistema bancário, que por sua vez inibiria os investimentos, o que reduziria os lucros e finalmente levaria a cortes na produção e na força de trabalho.²⁰⁴

Em crítica a tal perspectiva, Bernstein argumenta que a quebra da bolsa em 1929 fora menos importante que outros desenvolvimentos econômicos de característica mais estrutural, geradores, esses sim, de impactos desastrosos durante o período do entreguerras. Bernstein ressalta ainda que “aqueles que à época argumentavam que a Depressão era sintomática de uma profunda fraqueza nos mecanismos do capitalismo foram parcamente ouvidos”, parecendo suas interpretações exageradas e histéricas.²⁰⁵

Muito mais do que uma mera crise financeira de grandes proporções ou mais uma crise econômica inerente ao sistema capitalista, a crise de 1929 e o consequente período denominado Grande Depressão constituem um marco na história norte-americana, pois, segundo Hobsbawm, foram capazes de destruir por meio século o liberalismo econômico. Como enfatiza o mesmo autor:

a Grande Depressão obrigou os governos ocidentais a dar às considerações sociais prioridade sobre as econômicas em suas políticas de Estado. Os perigos implícitos

²⁰⁴ FISHER, Irving. *Booms and Depressions: Some First Principles*. New York: Adelphi, 1932.

²⁰⁵ BERNSTEIN, Michael. The Great Depression as historical problem. *OAH Magazine of history*. Vol.16. Nº1.Fall, 2001.p.1. “Those who at the time argued that the depression was symptomatic of a profound weakness in the mechanisms of capitalism were only briefly heard.”

em não fazer isso –radicalização da esquerda e, como a Alemanha e outros países agora o provavam, da direita- eram demasiado ameaçadores.²⁰⁶

Assim, a Grande Depressão será aqui tratada como evento de suma importância exatamente por desencadear um processo político riquíssimo caracterizado por primeiramente, revelar de forma drástica, internacional e explosiva a crise do liberalismo clássico num país que se imaginava detentor do padrão de vida invejado pelo mundo; posteriormente, por dar início ao processo de construção de um Estado reformista nos Estados Unidos nos moldes do *New Deal*; finalmente por constituir-se no marco inicial da reação conservadora às políticas reformistas. Tal reação apresentar-se-ia, à época, ainda pouco organizada politicamente, sem grandes associações, organizações e projeto político ideológico bem definido.

Os opositores conservadores do *New Deal* (e aqui incluímos também os Republicanos) como veremos mais adiante, divergiam política e ideologicamente em inúmeros aspectos, o que dificultava de imediato a constituição de uma reação organizada capaz de deter o avanço do reformismo. Ainda assim, não podemos ignorar a existência do discurso contra-hegemônico e seu papel na dinâmica dos processos políticos. As décadas de 1930 e 1940 serão claramente tempos desfavoráveis tanto para liberais quanto para fascistas em termos de popularidade nacional. Contudo, serão essas mesmas décadas essenciais para a rearticulação política desses elementos, forjando alianças e reformulando seus projetos nos termos do que será mais tarde conhecido como neoliberalismo e movimento patriótico.

A crise de 1929 vem encerrar a “*Belle Époque*” norte-americana, expondo suas mais profundas fissuras e contradições. O crescimento econômico astronômico vivenciado pelos EUA desde o alvorecer do século XX propiciou, para alguns naturalmente, uma enorme euforia social, marcando os anos 20 como anos de prosperidade inigualável no imaginário social. O produto interno bruto havia crescido 62% entre 1914 e 1929, somente 3,2% da força de trabalho encontrava-se desempregada em 1929.²⁰⁷ E o sonho parecia não ter fim. Segundo José Jobson Arruda, os salários subiam, os níveis de inflação eram baixos, os investimentos internos e externos eram vultosos, as exportações, principalmente para Europa em processo de reconstrução, cresciam. A década de 1920 destacou-se pelo consumo de massa, criando ícones

²⁰⁶ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.p. 99.

²⁰⁷ SHERMAN, Howard. *História do Pensamento Econômico*. Petrópolis: Vozes,1993.p.164.

como o automóvel e outros bens de consumo duráveis como o rádio e demais eletrodomésticos.²⁰⁸

Entretanto, assim como durante a “*Belle Époque*” europeia, essa versão *yankee* também não era bela para todos e, ao contrário do vigor extraordinário apresentado no setor industrial urbano, o sol não brilhava assim tão forte nas áreas agrícolas. Anthony Badger destaca três grupos distintos que, mesmo antes da Depressão já sofriam com a pobreza: camponeses que viviam de subsistência, concentrados principalmente na região dos Apalaches e Grandes Lagos; imigrantes ilegais, particularmente encontrados nas fazendas californianas; e o maior deles, composto por aproximadamente oito milhões e meio de camponeses sulistas vivendo como arrendatários em fazendas de algodão.²⁰⁹ Os produtores (grandes e pequenos), por seu lado, também enfrentavam dificuldades. Badger relata que o *cornbelt* do meio-oeste assistira à mais violenta demonstração de fúria por parte dos produtores em reação à queda dos preços dos produtos agrícolas.²¹⁰

Produtores rurais não participaram da prosperidade dos anos 1920: a renda per capita rural era um terço da média nacional. Encorajados a expandir a produção durante a Primeira Guerra, produtores continuaram a aumentá-la nos anos 1920. (...) Produtores rurais entusiasmadamente faziam empréstimos para a compra de novo maquinário e novas terras: em 1929 a dívida agrícola atingira um total de 9.8 bilhões de dólares.²¹¹

Os excedentes rurais tornavam-se crônicos, fazendo baixar os preços dos produtos agrícolas e com eles o nível de vida das camadas rurais. Era o início do endividamento de milhares de famílias como a de Tom Joad. O endividamento, longe de atingir apenas grandes produtores, afetara muito e mais duramente o pequeno produtor. Isso porque o endividamento do grande produtor era fruto do início do processo de mecanização no campo, o qual traria uma mudança significativa nas relações de trabalho aí vigentes. Para o pequeno produtor isso significava desemprego ou endividamento, como forma de tentar se manter a todo custo no mercado, seguido, geralmente, da perda de suas terras para outros produtores ou para os bancos.

²⁰⁸ ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal. In: AARÃO, Daniel et alli (org). *O século XX*.vol.II. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000. p.13-17.

²⁰⁹ BADGER, Anthony. *The New Deal: the depression years 1933-1940*. Houdmills: Macmillan, 1989.p.27-28.

²¹⁰ Idem. p.15.

²¹¹ Idem, ibidem, p.14-15.“*Farmers had not participated in the prosperity of the 1920’s: per capita farm income was one third of the national average. Encouraged to expand production during World War I, farmers had continued to increase their outputs in 1920’s....Farmers borrowed enthusiastically to purchase the new machinery and the new land: by 1920 total farm debts stood at \$9.8 billion.*”

A tão clamada prosperidade industrial também não veio sem um preço, um preço alto. Trabalhadores da indústria do aço cumpriam jornadas de doze horas por dia, em algumas fábricas sete dias por semana. Arruda finalmente nos fornece dados impressionantes sobre o abismo social e o racismo deflagrados, gerando desde já questionamentos sobre quem exatamente se beneficiava e usufruía do dito *american way of life*. Segundo ele, “as desigualdades cresceram na década de 1920, pois cerca de 60% das famílias americanas viviam com rendas anuais abaixo de 2 mil dólares, portanto, num patamar baixo de subsistência.”²¹²

Tal quadro, ainda que superficial, já nos dá elementos para entender o caráter desta crise marcada pelo aparentemente contraditório binômio formado por superprodução e subconsumo. Como era de se esperar, a Europa, passo a passo começa a se reerguer, retomando a produção de muitos bens outrora importados dos EUA. Consideravelmente reduzidos as exportações e os investimentos, vemos esses produtos e capitais redirecionados para o mercado interno. Mas este, dada a concentração desigual da renda e a impossibilidade de investimentos lucrativos infinitos, não fora capaz de absorver tamanho montante. Assim, uma vez que “os gastos totais em bens e serviços caem abaixo do valor do conjunto de bens e serviços produzidos”, observa-se à época um crescimento dos estoques de produtos agrícolas e industriais encalhados e uma redução significativa da produção por falta de consumo.²¹³ Visando à manutenção de uma margem de lucro estável, empresários arrocham os salários e reduzem drasticamente o quadro de pessoal. Estava formado o ciclo da crise. Desemprego generalizado e redução salarial comprometeram mais ainda o consumo, os lucros despencaram invariavelmente. Os investimentos, por sua vez, se retraíram posto que as empresas já estavam funcionando em capacidade ociosa.

A administração do republicano Hoover (1929-1933), essencialmente liberal, não cogitava maiores intervenções no mundo da produção, limitando-se a elevar os direitos alfandegários, reduzir as taxas de desconto bancário e a estimular o consumo e o armazenamento por meio de créditos, ou seja, aquisição de empréstimos. Mas isso só fez agravar o problema. “Entre 1929 e 1932, registraram-se 85.000 falências de empresas; mais de 5.000 bancos suspenderam suas operações; o valor das ações na Bolsa de Nova Iorque caiu

²¹² ARRUDA, J. J. op. cit. p.25.

²¹³ SHERMAN, H. op. cit. p.169.

de 87 bilhões de dólares para 19 bilhões de dólares; 12 milhões de pessoas ficaram desempregadas...”.²¹⁴

O resultado no campo é intensamente retratado por Steinbeck ao longo de todo *As Vinhas da Ira*, tal como rapidamente mostrado em nossa epígrafe. Famílias inteiras de pequenos e médios produtores acabaram endividadas, com suas propriedades hipotecadas de modo a cobrir os gastos de armazenamento da produção.

O ano de 1932 foi um dos mais sombrios da história da república americana. (...) Agricultores bloqueavam rodovias e faziam parar os caminhões de leite em protesto contra a queda dos preços de seus produtos ou resistiam à autoridade do xerife que vinha para expulsá-los de suas casas.²¹⁵

Somava-se a isso o processo de mecanização do campo. Tão temido e odiado no romance de Steinbeck, é o trator (e por trás dele o banco, seu fiel financiador), símbolo da entrada do capitalismo monopolista no campo. O trator, monstro arrebatador ou símbolo da modernidade e do progresso? Ambos, as consequências de sua entrada no cenário social é que variam. Para a família Joad, o trator “faz duas coisas diferentes: traça sulcos nas terras e expulsa-nos delas. Não há quase diferença entre esse trator e um tanque de guerra. Ambos expulsam os homens que lhes barram o caminho, intimidando-os, ferindo-os”.²¹⁶ Muitos agricultores foram à falência, engrossando as fileiras já compostas por centenas de camponeses desempregados no fluxo migratório campo-cidade. Entre eles vemos novamente os Joad, uma família entre “meio milhão de homens [que] caminha pelas estradas; um milhão mais prepara-se para a caminhada; dez milhões mais sentem as primeiras inquietudes.”²¹⁷ Em seu caminho rumo à Califórnia, acabam por se reconhecer em outros tantos, vítimas de infortúnios bastante similares. Solidarizam-se então com eles, reconhecendo aliados para expressão pública de suas inquietudes e reivindicações. Finalmente, organizam-se politicamente num “nós” ativo e perturbador.

A adesão de muitos ao movimento popular organizado será um outro aspecto de extrema relevância na década de 1930. Falava-se de revolução não apenas entre os setores populares, mas também entre a intelectualidade, alguns apoiando abertamente um candidato

²¹⁴ Idem. p.165.

²¹⁵ PERKINS, Dexter. *A época de Roosevelt: 1932-1945*. Rio de Janeiro: Ed. Cruzeiro, 1967. p.17.

²¹⁶ STEINBECK, J. op. cit. p.202.

²¹⁷ Idem. p.204.

comunista à presidência.²¹⁸ A causa socialista ganhou inúmeros adeptos, o partido comunista viu seus filiados e simpatizantes aumentar, e o movimento sindical cresceu e se popularizou entre os trabalhadores. O contraste entre a situação desesperadora da América do Norte e o desenvolvimento a todo o vapor da URSS fez com que muitos aderissem à luta popular organizada.²¹⁹

Enquanto o resto do mundo, ou pelo menos o capitalismo liberal ocidental, estagnava, a URSS entrava numa industrialização ultra-rápida e maciça sob seus novos planos Quinquenais. De 1929 a 1940, a produção industrial soviética triplicou, no mínimo dos mínimos.²²⁰

Observa-se, logo, que tal adesão achava-se, então, diretamente associada e profundamente influenciada pela experiência de falta de oportunidade, miséria e desencanto coletivamente vividos por aqueles atores, fosse nas fábricas, nos campos ou nas ruas. Os conflitos tendiam a se acirrar, e o clima tornava-se tenso na medida em que esses milhares de indivíduos reconheciam-se num “nós”, mais ainda quando esse “nós” aderiria a uma causa popular e decidia se organizar. Como veremos logo adiante, a temática da relação capital-trabalho será uma constante na administração Roosevelt, uma vez que o governo dedicará especial atenção ao sindicato, garantindo a este o direito de livre organização e barganha coletiva com os patrões.²²¹

Profundamente desgastado com os efeitos da crise, o Partido Republicano perde as eleições de 1933 para o democrata Franklin Delano Roosevelt. Este, consciente do desafio que tem pela frente, declarou publicamente:

Estamos diante de mais produtos agrícolas do que podemos consumir e com excedentes que outras nações não têm condições de comprar, a não ser por preços baixos demais. Vemos nossas fábricas com capacidade de produzir mais bens do que podemos consumir, ao mesmo tempo em que nossa capacidade de exportação está descendente. (...) o povo deste país foi erroneamente encorajado a acreditar que poderia manter em crescimento constante a produção de suas fazendas e fábricas e que algum mágico encontraria meios de que este crescimento fosse consumido com razoável lucro para o produtor.²²²

²¹⁸ PERKINS, D. op.cit. p.18.

²¹⁹ SHERMAN, S. op. cit. p.166.

²²⁰ HOBBSAWM, E. op. cit. p.100.

²²¹ LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. *Revista de história regional*. Vol.4, nº1 (verão 1999).p.129-146.

²²² HUNT, John Gabriel (org). *The essential Franklin Delano Roosevelt. FDR's greatest speeches, fireside chats, messages and proclamations*. New York: Gramercy Books, 1955.p.52-53.

Roosevelt mostrava-se bastante cético quanto ao futuro do capitalismo em sua forma liberal, por vezes até mesmo irônico ao remeter-se àqueles os quais criam que o pleno funcionamento da economia liberal estava ligado à existência de um mágico, a mão mágica do mercado autorregulável. O importante é que o novo presidente enxergava os limites do liberalismo, tinha consciência de que estava lidando com o desgaste de um projeto político não mais aplicável.

Foi precisamente a ausência de qualquer solução dentro do esquema da velha economia liberal que tornou tão dramática a situação dos tomadores de decisões econômicas. Para enfrentar a crise imediata, a curto prazo, eles tinham, em sua visão, de solapar a base a longo prazo de uma economia mundial florescente.²²³

Sociedades capitalistas em estágio avançado apresentam-se, segundo Gramsci, entrecortadas por uma série de projetos políticos conflitantes. Estes se encontram vinculados por uma relação de hegemonia. É preciso ter em mente que um dado projeto político, ainda que hegemônico, é sempre permeado por resistências e projetos antagônicos. Segundo Antônio Gramsci, a hegemonia é caracterizada por um processo ininterrupto em prol da construção de um certo equilíbrio inter e intraclasse, base sobre a qual percebemos a margem de consenso. É imprescindível que sejam levados em conta os interesses das frações de classes dominadas sobre as quais se exerce hegemonia. Entretanto, tais compromissos e sacrifícios de ordem econômico-corporativa não comprometem de modo algum nem a posição hegemônica, ainda que temporária, nem o fato implícito nela de que o grupo dirigente exerce papel decisivo no núcleo da atividade econômica. Raymond Williams nos ajuda a esclarecer esta complexa dinâmica ao afirmar que a hegemonia:

também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Temos então de acrescentar ao conceito de hegemonia o conceito de contra hegemonia e hegemonia alternativa que são elementos reais e persistentes na prática.²²⁴

Observa-se, que o projeto dirigente é constantemente contraposto por outros, advindos tanto da classe dominada quanto de frações presentes na própria classe dominante. Entretanto, em momentos de crise, essa pluralidade se mostra mais explícita, uma vez que o projeto dirigente encontra-se desgastado. O que se nota é que a crise de 1929 e a Grande Depressão vêm exatamente deflagrar a crise do projeto liberal e descortinar uma multiplicidade de

²²³ HOBBSAWM, E. op. cit, p.98.

²²⁴ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.p.115-116.

projetos alternativos à velha ordem, que não apresentava mais meios satisfatórios para uma superação de sua própria crise interna.

A arena privilegiada de conflito entre os diferentes projetos objetivando construção da hegemonia por meio do consenso ativo dos governados é exatamente o Estado. Este será considerado aqui dentro da perspectiva gramsciana e, portanto, em sua dimensão ampliada. O Estado ampliado se constitui em “uma unidade dialética na qual diferentes projetos estão presentes e buscam conformar as massas para a organização científica do trabalho e da vida característica da sociedade urbano-industrial.”²²⁵ Sua qualidade ampliada justifica-se por conter em sua dimensão superestrutural duas grandes esferas interdependentes: sociedade civil e sociedade política. A sociedade civil, lugar privilegiado dos aparelhos privados de hegemonia, juntamente com a sociedade política, conjunto de mecanismos jurídico-administrativos e aparelhos oficiais de repressão/coerção, constituem os dois grandes planos superestruturais formadores do Estado em sentido amplo.²²⁶ Para além de uma simples e aparente separação do plano superestrutural em esferas, é preciso ser destacado o caráter já mencionado de interdependência entre elas, expresso em suas funções organizativas e conectivas. “Para a vida de um Estado duas coisas são absolutamente necessárias (...): força e consenso, coerção e persuasão, (...) sociedade política e sociedade civil, política e moral, direito e liberdade...”²²⁷

O Estado em Gramsci transcende, portanto, a noção usual do termo no momento em que incorpora ao Estado restrito ou governo as noções de hegemonia e sociedade civil. Gramsci alarga a própria perspectiva de poder no momento em que, sem esquecer das forças de subjugo, destaca também os componentes consenso e legitimação. O consenso, elemento diferenciador da análise gramsciana, é construído “a partir dos sujeitos coletivos organizados junto aos aparelhos privados de hegemonia - ou seja, na própria sociedade civil, antes de mais nada - bem como através da ação do próprio Estado restrito, que igualmente promove e generaliza a visão de mundo da fração de classe hegemônica.”²²⁸ O caráter complexo e dinâmico impresso na qualidade ampliada do Estado se faz latente ao percebê-lo como uma

²²⁵ NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org). *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005.p.15-16.

²²⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.p.20-21.

²²⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol.3.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.243.

²²⁸ MENDONÇA, Sonia Regina de. Classes, poder e Estado no Brasil. Conferência proferida durante o I Simpósio Nacional: Estado Brasileiro- conflitos intraestatais e políticas públicas UFF-RJ 2004.p.6.

relação social também ampliada, um campo de conflito permanente entre as classes sociais fundamentais e intraclasses desencadeado por suas diversas frações. A relação de dominação/subordinação e luta pela construção de hegemonia são também ampliadas nesse sentido. À manutenção da condição de hegemonia vincula-se necessariamente a continuação dos ditos compromissos e de investimento constante, por parte dessa mesma classe dirigente, em aparelhos privados de hegemonia, que trabalharão elaborando e difundindo a ideologia (concepção de mundo expressa implicitamente em todas as manifestações de vida individuais e coletivas) implícita no projeto dirigente.

Uma vez dirigente uma classe dentro do Estado, observamos que este é concebido:

como organismo próprio de um grupo destinado a criar condições favoráveis à expansão máxima desse grupo, mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal, de um desenvolvimento de todas as energias 'nacionais', isto é, o grupo dominante é coordenado concretamente com os interesses gerais dos grupos subordinados e a vida estatal é concebida como uma contínua formação e superação de equilíbrios instáveis (...) entre os interesses do grupo fundamental e os interesses dos grupos subordinados, equilíbrios em que os interesses do grupo dominante prevalecem, mas até um determinado ponto, ou seja, não até o estreito interesse econômico-corporativo.²²⁹

Estado, portanto, é produtor e difusor de uma dada visão de mundo, notadamente a da classe social dirigente, de modo a manter, pela persuasão permanente e certos compromissos, a hegemonia; desenvolve a economia, no sentido de manter condição privilegiada também a dita classe, apesar de ter de fazer concessões também nesse campo e polícia através do conjunto de mecanismos através dos quais os grupos dominantes detêm o monopólio legal da repressão e da violência, de modo a assegurar a disciplina das frações de classe que não consentem.

A preocupação com a construção e manutenção do consenso demonstra, pois, o papel educador do Estado em sua concepção ampliada, no sentido em que este promove e assegura a ordem não somente pelos recursos da força, mas principalmente como arquiteto de “uma reforma intelectual e moral adequada ao projeto de sociabilidade dominante dirigente.”²³⁰

Roosevelt é exatamente eleito por apresentar uma nova proposta política, alterando de modo significativo a relação entre o poder público e a economia. O projeto apresentado pelo Partido Democrata não era obviamente a única proposta alternativa ao liberalismo em decadência. Como pontuamos rapidamente acima, a causa socialista e comunista ganhara

²²⁹ GRAMSCI, A. (2002. vol. 3).op.cit. p.41-42.

²³⁰ NEVES, L. op.cit, p.16.

diversos adeptos, não apenas na forma de simpatizantes, mas principalmente na forma organizada como membros efetivos de diversos aparelhos privados e mesmo de sua forma mais desenvolvida, o partido²³¹.

A proposta econômica do Partido Democrata ficou conhecida como *New Deal*, guardando afinidades tanto com aspectos da social-democracia, da conformação estatal de bem-estar e da, à época, ainda futura teoria econômica do inglês John Maynard Keynes.

Analogamente à social-democracia em suas conformações europeias originais, a proposta do Partido Democrata também apostava em um Estado intervencionista que se fizesse presente na economia e criasse condições favoráveis para que pudessem ser garantidas qualidades mínimas de vida à população em geral. Diferentemente daquela, contudo, o Partido Democrata e a maioria dos que compunham sua base de apoio na sociedade civil não estavam inclinados à construção de um projeto de reformas graduais que levassem ao socialismo. Tampouco podem ser percebidos, em sua maioria, os intensos debates em torno do marxismo ou um conjunto significativo de membros adeptos de tal ideologia, a exemplo da social-democracia austríaca e alemã na virada do XIX para o XX.²³² O reformismo parlamentarista tem para os social-democratas, em sua origem, um objetivo particular, qual seja ser uma estratégia para se alcançar a igualdade e o socialismo.²³³

As reivindicações atendidas pelo *New Deal* têm provavelmente raízes mais próximas na tradição reformista norte-americana, sendo o Movimento Progressista (1880-1920) uma de

²³¹ Originalmente um aparelho privado de hegemonia, o partido avança como organizador da classe ou fração em torno do projeto de reforma intelectual e moral. Mais que suscitador de uma dada visão de mundo e produtor de intelectuais orgânicos, esse aparelho em especial deve trabalhar para que a sua vontade coletiva venha a se tornar, de uma forma ou de outra e em diferentes graus, universal e total, ou seja, trabalhar em direção à construção de hegemonia, buscando concomitantemente inserir seus representantes na sociedade política para que um dia venha a se tornar classe dirigente de um novo Estado. O conceito de partido em Gramsci extravasa, portanto, o sentido usual do termo, podendo apresentar-se na forma de um jornal ou uma associação. É ainda a expressão única de um e somente um grupo social, por isso, o projeto intelectual e moral de cada partido deve estar invariavelmente ligado a um programa de reforma econômica, “modo concreto através do qual se apresenta toda a reforma intelectual e moral”. A guerra de posição se torna, então, a estratégia política privilegiada dos partidos em busca não apenas da inserção de seus membros dentro da sociedade política, mas especial e fundamentalmente da construção de hegemonia ou liderança cultural-ideológica de um grupo sobre outros na sociedade civil. Podemos reconhecer os seguintes como partidos nutridores de projetos contra-hegemônicos: o Partido Comunista [*Communist Party of the United States of America*], a Liga Comunista da América [*Communist League of America*] e o Partido Socialista da América [*Socialist Party of America*]. Contudo, não foram esses projetos vencedores na intensa disputa da guerra de posição, e sim o projeto reformista do Partido Democrata.

²³² MEHRAV, Perez. Social-democracia e austromarxismo. In: HOBBSAWM, Eric.(org). *História do Marxismo*. Vol.5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 251-277. HÁJK, Milos. A discussão sobre a frente única e a revolução abortada na Alemanha. In: HOBBSAWM, Eric.(org). *História do Marxismo*. Vol.6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.p.169-192.

²³³ ESPING-ANDERSEN, Gosta. The three political economies of the Welfare State. *Canadian Review of Sociology and Anthropology*. Vol.26, 1989. p.10-36.

suas expressões mais notórias. No entreguerras, podemos observar já alguns avanços das negociações entre trabalho e empresariado, assim como as primeiras conquistas do movimento sindical na arena institucional.²³⁴ São igualmente tempos em que florescem as primeiras demandas em torno do pluralismo e de papel mais ativo do governo na vida social, com a emergência de diversos movimentos reivindicando desde tarifas protecionistas e subsídios (Partido Progressista) até direitos iguais para as mulheres, direitos civis e igualdade racial.

No campo acadêmico são observadas as primeiras defesas abertas em prol do intervencionismo econômico. Economistas como Waddill Catchings, William Trufant Foster e Alvin Hansen insistiam na intervenção governamental como forma de manter e aumentar a demanda. A exceção talvez do último, esses economistas, outrora membros de instituições importantes como Harvard, são hoje pouco lembrados, ficando muitas vezes à sombra de Keynes. Suas obras publicadas desde o início da década de 1920²³⁵ influenciaram movimentos sociais da época e posteriormente políticas defendidas pelo Partido Democrata nas décadas de 1930 e 1940. Politicamente mais engajado que Foster e Catchings, Hansen fora consultor durante os governos Roosevelt e Truman, contribuindo na elaboração do sistema de seguridade social e do estatuto do pleno emprego [*Full Employment Act*], além de influenciar diretamente as políticas adotadas à época pelo FED, pelo *National Resources Planning Board* e pelo Departamento do Tesouro Nacional. Suas ideias sobre política fiscal influenciaram outros economistas importantes no campo do reformismo como Paul Samuelson (futuro consultor de Kennedy e Johnson) e James Tobin.²³⁶

As diversas expressões Progressistas objetivavam revigorar a democracia e, para além das reivindicações coletivas, o Progressivismo caracterizou-se também por buscar uma reforma moral do indivíduo, de forma que o servidor público se tornasse honesto e eficiente,

²³⁴ BERNSTEIN, Michael. Why the great Depression was great: toward a new understanding of the interwar economic crisis in the United States. In: GERSTLE, Gary; FRASER, Steve. *The rise and fall of the New Deal order: 1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

²³⁵ Ver: CATCHINGS, W.; FOSTER, W. *Business without a buyer*. (1927). CATCHINGS, W.; FOSTER, W. *The road to plenty*. (1928). CATCHINGS, W.; FOSTER, W. *Progress and plenty*. (1930). HANSEN, A. *Shifting the war burden*. (1921). HANSEN, A. *Cycles of strikes*. (1921). HANSEN, A. *Business cycle theory*. (1927).

²³⁶ GALBRAITH, John Kenneth. *O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica*. São Paulo: Edusp, 1989.

prostitutas deixassem de se prostituir, jovens largassem a bebida, o imigrante se “americanizasse”.²³⁷

Segundo a teoria keynesiana, a crise de consumo e investimento deveria ser solucionada mediante a participação ampla e direta do governo, arrecadando fundos, ainda que por meio de empréstimos, para promover projetos de utilidade social. Os investimentos não seriam mais direcionados para a ampliação da capacidade produtiva, mas nem por isso deixariam de ser feitos. Keynes propunha que esses investimentos públicos fossem destinados à ampliação da infraestrutura nacional, ou seja, na promoção de grandes obras públicas como estradas, escolas, hospitais, parques etc. O principal objetivo seria, então, criar meios de se restabelecer o pleno emprego, aumentar a renda do trabalhador para que este se tornasse um consumidor em potencial dos estoques encalhados.²³⁸ Para além de um plano de ação econômica emergencial, o argumento keynesiano em favor dos benefícios da supressão do desemprego em massa era também político, já que se acreditava que o desemprego crônico poderia vir a ser política e socialmente explosivo.²³⁹

Mesmo implementado anteriormente à publicação da obra de Keynes, podemos perceber quão similar fora a diretriz seguida pelo *New Deal*. O governo abriu diversas linhas de crédito direcionadas tanto aos produtores agrícolas e industriais quanto aos banqueiros para tentar frear a série de falências que vinha assolando o país. O dólar fora desvalorizado em até 41% em 1934 como forma de estimular as vendas de produtos norte-americanos no exterior e estimular a compra desses produtos internamente em detrimento dos importados.²⁴⁰

O combate ao desemprego começara logo em 1933. A nova administração, de imediato “concedeu subsídios aos estados para cobrir um seguro-desemprego”, aumentou os salários dos operários de modo a elevar seu poder aquisitivo, fixou um salário mínimo e as jornadas de trabalho, além de abolir o trabalho infantil. Em novembro do mesmo ano é lançado o programa de grandes obras públicas com o intuito de absorver a gama de desempregados.²⁴¹

²³⁷ GERSTLE, Gary. “The Protean character of American liberalism”. *The American Historical Review*. Vol. 99, No. 4 (Outubro de 1994). p.2-8.

²³⁸ KEYNES, John Maynard. *The general theory of employment, interest and money*. New York: Harcourt Brace Jovanowitch, 1936.

²³⁹ HOBBSAWM, E. op. cit. p100.

²⁴⁰ ARRUDA, J. J. op. cit. p.31.

²⁴¹ Idem. p.31.

Para o campo, foi lançada a lei de controle agrícola - *Agricultural Agreement Act* - com o objetivo de conter a superprodução e evitar mais falências. Dexter Perkins considera essa lei de regulamentação uma impressionante tentativa de modificação do livre sistema de agricultura predominante até então nos EUA. Segundo ele, a limitação *per se* não era desconhecida no mundo dos negócios, “mas uma limitação da produção criada por um sistema de recompensas e punições oficiais era algo totalmente novo. Subsídios por não produzir marcaram o início de uma nova era em importante parte do setor econômico.”²⁴²

Em 1935 fora aprovado o *Social Security Act* que, ao fornecer bases mais sólidas para a constituição do Estado reformista, completava o pacote de proteção ao trabalhador proposto pelo *New Deal*. Por meio dele, estavam garantidos entre outros:

- a previdência social, assegurando a aposentadoria e os seguros desemprego e acidente de trabalho;
- programas de proteção e assistência financeira à criança desamparada;
- auxílio financeiro a portadores de necessidades especiais;
- assistência financeira federal aos estados, condados e distritos para o estabelecimento e manutenção de um serviço público de saúde adequado;
- a criação de imposto deduzido em folha como forma de financiar muitos desses programas e benefícios oferecidos.²⁴³

O movimento sindical ganhou, pela primeira vez, lugar privilegiado na sociedade civil e política, e muitas das vitórias relativas à políticas de bem-estar social podem ser atribuídas à luta sindical e aos acordos fechados com a administração central. As greves, método clássico de pressão, proliferaram durante as décadas de 1930 e 1940. Para mencionar algumas de impacto nacional, temos já em 1935 a greve dos *Automotives Industrial Workers Association* (AIWA) seguida quase que imediatamente pelas famosas greves de ocupação entre 1936 e 1937. Sobre esta última, vale destacar o caso da cidade de Flint, onde, após 44 dias de paralisação, a General Motors finalmente reconheceu o sindicato *United Auto Workers*.²⁴⁴

Porém, o mundo do trabalho também apresentava complexidades. Conhecidas eram as tensões entre o *Congress of Industrial Organizations* (CIO) e a *American Federation of Labor*

²⁴² PERKINS, D. op. cit. p.30-31.

²⁴³ The Social Security Act of 1935. <http://www.nationalcenter.org/SocialSecurityAct.html>. Página acessada em junho de 2007.

²⁴⁴ BERLET, C.; LYONS, M. op. cit. p.130-141.

(AFL), tendo a última rejeitado muitas propostas da administração central. O *National Labor Relations Board*, agência criada em 1935 com a lei de Wagner, garantia a presença ativa - ainda que regulada, posto que composta por membros indicados pela presidência - dos sindicatos nas negociações.²⁴⁵

O NLRB acabou trazendo o conflito classista para dentro de uma agência estatal, abrindo espaço para possíveis intervenções e limitações por parte tanto do governo federal quanto das próprias organizações empresariais. Entretanto, não podemos descartar o significado desse passo para o movimento sindical, que se tornava finalmente legal e ainda tinha o respaldo do poder central. As eleições de 1936 marcam esse pacto:

Nas eleições de 1936, o CIO [*Congress of Industrial Organizations*] e seu mais importante sindicato, o *United Auto Workers* (UAW), votaram massivamente em Roosevelt. Em uma de suas peças de propaganda, o UAW reproduzia uma das mais famosas frases do presidente-candidato: “Se eu fosse um trabalhador fabril, entraria para um sindicato”.²⁴⁶

Apesar disso, os anos 1930, como um todo, ficaram marcados no imaginário nacional, e acreditamos realmente que foram os anos de ouro do ativismo do operariado, principalmente urbano, mas também dos trabalhadores rurais. Schlesinger Jr. nos fala em anos de conscientização, num fervilhar de novas ideias e esperanças que tomaram conta da “América”.²⁴⁷ Pode-se perceber uma efetiva mobilização social. Partes significativas dos setores dominados urbanos e rurais estavam organizadas em algum tipo de movimento militante, atuando no Partido Democrata e na sociedade civil de forma real - embora menos poderosa talvez do que o esperado por alguns - em prol de melhorias de suas condições de vida. As conquistas angariadas como fruto dessa organização e o significado dessa inserção na sociedade política no imaginário dos setores dominados não devem ser desprezados.

Tais conquistas sociais e políticas, somadas às medidas de recuperação econômica, levaram autores como Schlesinger Jr. a interpretar o *New Deal* sob um certo tom salvacionista, enaltecendo suas medidas. Para ele, a grande Depressão marcara um momento particular do ciclo econômico conhecido como “maturidade econômica”, ou seja, momento definidor de uma era quando se finda a expansão econômica.²⁴⁸ O programa de reformas

²⁴⁵ LIMONCIC, F. (1999). op. cit. p.132.

²⁴⁶ Idem.p.133.

²⁴⁷ SCHLESINGER Jr. Arthur. *The coming of the New Deal 1933-1935*. Boston: Houghton Mifflin, 2003.p.385.

²⁴⁸ Idem. p.180.

iniciadas já no primeiro *New Deal* (primeiros cem dias da administração Roosevelt) seria, para Schelesinger, um pacote de reformas que, reconhecendo tal realidade, visava contornar tal situação da melhor maneira possível.

Os princípios do primeiro *New Deal* foram que a revolução tecnológica tinha tornado os negócios inevitáveis; que não se poderia mais confiar na competição para assegurar os interesses sociais; que grandes corporações eram uma oportunidade a ser perseguida, mais do que um perigo para se lutar; e que a fórmula para estabilidade na nova sociedade deveria ser combinação e cooperação sob a acrescida autoridade federal.²⁴⁹

Na interpretação de Schlesinger Jr., o *New Deal* estaria profundamente alinhado com a realidade na qual iria ser implantado e, sem a pretensão de ignorar os aspectos relevantes da conjuntura, procurava não apenas conviver com algumas tendências, mas incorporá-las de forma vantajosa ao do programa. O trecho acima remete à tendência à formação de monopólios, processo que não deveria ser visto como obstáculo ao desenvolvimento, mas abraçado pelo novo projeto reformista. Segundo Badger, assim foi feito. O “*National Recovery Administration* deu aos empresários e ao governo praticamente poderes de tempo de guerra com relação à produção, salários e preços e os isentou da perseguição antitruste.”²⁵⁰ Ao mesmo tempo, o trecho remete à falência do liberalismo econômico, apontando que esse já não daria mais conta de assegurar os interesses dos indivíduos. A saída, então, na interpretação de Schlesinger Jr., seria abraçar a nova tendência econômica monopolista e politicamente tentar uma nova abordagem dos conflitos via negociação efetiva, ambos sob a ação da autoridade federal interventora. Para o autor, todos esses esforços vinham conjugados com o desejo de uma “América” nova, de novo caráter e que somente agora tivera espaço para se expressar de modo mais tenaz.

Parte do impulso do *New Deal* foi defensiva - a determinação para proteger a liberdade e oportunidade para os Americanos da devastação trazida pelo desemprego e pelo desespero. Mas parte também foi um desejo de se construir uma América

²⁴⁹ Idem. ibidem. p.179. “*The tenets of the first New Deal were that the technological revolution had rendered business inevitable; that the competition could no longer be relied on to protect social interests; that large units were an opportunity to be seized rather than a danger to be fought; and that the formula for stability in the new society must be combination and cooperation under enlarged federal authority.*”

²⁵⁰ BADGER, A. op. cit. p.66. “*...National Recovery Administration gave businessmen and the government almost wartime powers over production, wages, and prices and exempted business from anti-trust persecution.*” O mesmo autor faz ainda a necessária ressalva de que em 1935 o próprio NRA fora julgado inconstitucional, mas que ainda assim a administração Roosevelt tentara perpetuar seus princípios em certas indústrias.

melhor - um desejo que existia bem antes da Depressão, mesmo que a Depressão tenha dado ao *New Deal* um novo vigor e possibilidade.²⁵¹

Sem aqui desprezar ou deixar de reconhecer a mudança expressiva que significou o programa do Partido Democrata em comparação com o anterior projeto liberal, a interpretação de Schlesinger Jr., quase uma ode ao *New Deal*, não leva em conta suas limitações, encarando-o como solução perfeita, ou única possível naquele contexto. Quando fala em anos de conscientização, só enxerga os esforços em direção à saída do reformismo do Partido Democrata, explorando pouco a conscientização em outras direções. Não enxerga os projetos oriundos de outros grupos sociais que talvez não estivessem se sentindo contemplados o suficiente com as medidas do programa. Parece que o autor não se questiona sobre quem se beneficiaria nessa nova “América”, ou sobre os empresários envolvidos e os setores da indústria que efetivamente se beneficiaram do NRA.

Perspectiva similar pode ser vista em Flavio Limonic, professor de história da Uni-Rio e hoje referência no Brasil em movimento operário norte-americano. Fruto de sua tese de doutoramento, seu livro *Os inventores do New Deal* traz, à semelhança das obras de Schlesinger Jr., um tom demasiadamente otimista, afirmando que o *New Deal* iniciara um processo de construção de um “pacto social” firmado entre três atores: o Estado, o trabalho organizado e o empresariado. Abaixo seguem alguns trechos, ilustrando a proposta do autor.

Roosevelt propôs um *New Deal* para o povo americano, um novo pacto social capaz de tirar o país da Depressão e fazê-lo voltar a crescer. (...) o coração do *New Deal* residia em uma nova distribuição da renda e da riqueza nacional. Para enfrentar o problema, Roosevelt buscou trazer para a sua coalizão dois atores considerados fundamentais para o redesenho da política de rendas americana: as grandes corporações e o trabalho organizado. (...) Muito embora os Estados Unidos só tenham saído efetivamente da crise com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial, com o *New Deal* iniciou-se a construção de um pacto-social multiétnico e multiclassista entre Estado, setores do trabalho organizado e das grandes corporações que no pós-guerra fundamentaria o peculiar Estado de bem-estar americano e o longo período de prosperidade que se estenderia até fim dos anos 1960. (...) Franklin D. Roosevelt, um homem a quem não faltava sensibilidade histórica, percebia claramente que durante o *New Deal* o Estado americano assumiu o papel de protagonista na configuração dos grupos de interesses dos trabalhadores, submetendo-os a um ideal de bem comum.²⁵²

Seduzido, talvez, pelos discursos oficiais, Limonic afirma, como se pode ver em diversos trechos, a validade de um “pacto” que, além de abrandar a luta de classes durante o

²⁵¹ SCHLESINGER Jr., A. op. cit. p.319. “Part of the *New Deal* impulse was defensive -the determination to protect the freedom and opportunity to Americans from the ravages of unemployment and despair. But part too was a desire to build a better America -a desire which existed long before the depression, even if the depression gave it a new vigor and possibility”.

²⁵² LIMONCIC, Flavio. *Os inventores do New Deal: Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2009.p.20, 31, 32 e 251.

reformismo, teria contribuído não só para tirar os EUA da Depressão, mas também para servir de base para a prosperidade norte-americana até os anos 1960. A ideia de “pacto” estabiliza, visa à harmonia social e acaba matizando sensivelmente a combatividade do próprio objeto de estudo do autor, o movimento operário. Certamente houve negociação entre capital e trabalho, mas negociação não é “pacto”, muito menos deflagração de interesses comuns, até porque as forças em negociação são desiguais. Não pode haver interesses comuns em uma relação pautada pela exploração.

O Estado aparece como esfera autônoma, descolado da sociedade, definido como agente mediador, despido de interesses de classe conflitantes e posicionando-se apenas contra o liberalismo e o Partido Republicano. O Estado é ainda em diversos momentos personificado no próprio Roosevelt ou um pequeno grupo de tomadores de decisão, aos quais, a exemplo da historiografia norte-americana, o autor chama de “*New Dealers*”. Nota-se, portanto, que a ideia de harmonia não se restringe ao “pacto”, mas também ao Estado, cujo interesse é, pelo menos durante as administrações Democratas, o bem comum.

Em certos momentos, o trabalho parece também um pouco confuso, apresentando algumas contradições com a proposta central do “pacto social”. Ao longo do livro, Limonic procura recuperar o conflito e pontua as divergências dentro do movimento operário tais como: os conflitos entre os projetos das grandes centrais sindicais AFL e CIO; as alianças da AFL com setores do empresariado contrários ao reformismo e ao dito “pacto”; a perseguição das alas mais combativas do movimento, muitas vezes favoráveis ao comunismo durante o Macarthismo. Ele também critica em dado momento a perspectiva do consenso, segundo a qual a história do EUA no correr de sua trajetória teria sido marcada por um consenso fundamental entre os diferentes indivíduos e grupos na sociedade.

As tradições historiográficas do excepcionalismo e do consenso encontravam sua afinidade na percepção de que o progresso do país seria expresso pela ampliação, pela multiplicação e pela elaboração das instituições fundadoras da República e não por um processo histórico de mudanças qualitativas, como se a sociedade americana do pós-guerra houvesse finalmente realizado a promessa das instituições fundadoras da República.²⁵³

Porém, logo em seguida afirma:

O consenso do pós-guerra cumpria, portanto, um poderoso papel unificador em uma sociedade que, apenas alguns anos antes, se encontrava dilacerada pela Grande Depressão e por graves conflitos de classe, relegando a segundo plano campos da investigação histórica que, por sua própria natureza, evidenciavam tais conflitos,

²⁵³ Idem. p.45.

como os estudos sobre movimento sindical. (...) A década de 1960, no entanto, marcaria o momento em que a idéia de um grande consenso social americano começaria a revelar fraturas.²⁵⁴

Fica a dúvida. Para o autor, o consenso é uma perspectiva, uma interpretação historiográfica ou um processo realmente observado, que se concretizou como realidade histórico-social? Teria o consenso efetivamente unificado a sociedade norte-americana e posto fim aos conflitos de classe até a década de 1960?

Em linha um tanto diferente, autores como Bernstein, Sherman, Badger e Sweezy se esforçam (mais ou menos ponderadamente) para realçar tais limitações, sustentando que o intenso programa de reformas não conseguira pôr real fim à Depressão e impulsionar o crescimento econômico a níveis similares aos vistos no anteguerra. Tais autores afirmam que fora mesmo a emergência do segundo conflito mundial que realmente impulsionaria a economia em direção à tão desejada prosperidade. Segundo Bernstein, “cada grande legislação que persiste nos livros estatutários e na memória popular - o NRA, a lei Wagner, o *Tennessee Valley Authority*, as leis de segurança social, a Comissão de Segurança e Câmbio e os mandatos de *deficits* orçamentários - foi dirigida para remediá-la [a Depressão]”, mas ainda assim, fora somente com a deflagração da guerra na Europa que a produção industrial atingira as marcas de antes da quebra da bolsa.²⁵⁵

Para eles, as falhas não se concentravam somente no campo econômico. Também nos âmbitos político e social, os autores apresentam críticas duras quanto ao desenvolvimento do programa que, pelo menos no plano discursivo, tanto prezava pela negociação e pela inclusão de todos por meio da aliança tripartite. O caso do *Tennessee Valley Authority* (TVA) é particularmente emblemático nesse sentido. Se para Schlesinger Jr. o TVA se destacou como o acontecimento mais intenso em direção a uma América “melhor”, concentrando preocupações centrais do presidente com relação à terra, às florestas, à água, e à contínua busca pela melhora nas condições de vida da nação²⁵⁶, o mesmo não foi assim visto por Badger. Com uma análise menos ingênua o autor destaca que:

²⁵⁴ Idem. *ibidem*. p.45-46.

²⁵⁵ BERNSTEIN, Michael. Why the great Depression was great: toward a new understanding of the interwar economic crisis in the United States. In: GERSTLE, Gary; FRASER, Steve. *The rise and fall of the New Deal order: 1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989. p.33. “ Every major piece of legislation that endures on the statute books and in popular memory –the NRA, the Wagner act, TVA, the Securities and Exchange Commission, mandated budget deficits- was addressed to its remedy.”

²⁵⁶ SCHLESINGER Jr., A. *op. cit.* p.319.

O desenvolvimento rural serviu às necessidades dos mais afortunados mais do que às do agricultor pobre. O TVA também se conformou com as normas raciais locais, excluindo largamente os negros. Seu crescente sucesso beneficiou realmente os agricultores, mas também trouxe rápida industrialização.²⁵⁷

A crítica levantada por Badger segue em várias direções, exemplificando em um só projeto toda a complexidade das forças sociais durante os primórdios da construção do Estado reformista. E que para além de desejos altruístas em prol da melhora das condições de vida da população, estavam presentes os interesses de lucro do setor empresarial. Não que a industrialização não tivesse trazido imensos benefícios à população local, evidentemente trouxe. Mas, pelo que Badger destaca, tais benefícios não foram assim tão democraticamente distribuídos, gerando vantagens imensamente maiores para os proprietários dos novos complexos industriais lá localizados. É evidente ainda a exclusão racial, problema pouco tocado pela administração Roosevelt. Os negros, apesar de configurarem-se em um dos grupos sociais mais duramente atingidos durante a Depressão, não haviam sido até aquele momento uma das preocupações principais da administração democrata.

As limitações vão também além do campo. Com relação ao movimento operário Badger aponta que:

o compromisso do *New Deal* para com a causa sindicalista não era de modo algum integral.(...) O NRA tinha a função de remover as fontes do conflito industrial, não estimulá-las.(...) O estabelecimento do *National Labour Board* em agosto foi uma aposta *ad hoc* para prevenir as greves perturbadoras do impulso de recuperação.²⁵⁸

Bernstein completa afirmando que “a persistência da Depressão dificultara as alianças, obrigando os arquitetos do *New Deal* a abandonar uma política de recuperação atrás da outra.”²⁵⁹

Ao longo de suas respectivas argumentações, eles desconstruem o argumento de harmonia social para muitos, inclusive Schlesinger Jr., representado na proposta de ampla negociação, e entendem a multiplicidade de interesses ainda conflitantes envolvidos na dinâmica social. Entretanto, Bernstein, ao utilizar o termo os “arquitetos do *New Deal*” e

²⁵⁷ BADGER, A. op. cit. p.176. “*Rural development served the needs of the more substantial, rather than the poorer farmer. The TVA also conformed to local racial norms and largely excluded blacks. Its increasing success did benefit farmers but it also brought rapid industrialization.*”

²⁵⁸ Idem, p.126. “*The commitment of the New Deal to the union cause was by no means wholehearted.(...) The NRA was expected to remove the sources of industrial conflict, not to stimulate it.(...) The establishment of the National Labour Board in August was a ad hoc move to prevent those strikes disrupting the recovery drive.*”

²⁵⁹ BERNSTEIN, M. (1989). op.cit. p.33. “*The persistence of the depression scrambled political alliances and compelled New Dealers to abandon one recovery policy after another.*”

Badger o “compromisso do *New Deal*”, comprometem seus argumentos, no sentido de não perceberem que são aqueles mesmos grupos de interesses conflitantes os “arquitetos do *New Deal*”. Mais do que um programa de reformas previamente imaginado pelos quadros do Partido Democrata, as políticas de bem-estar, a legislação trabalhista e o desenvolvimento do *New Deal* de forma geral são um todo de relações sociais. Relações sociais certamente desiguais, mas que não devem em hipótese alguma ser entendidas simplesmente como a imposição coercitiva de uma classe dominante ou de “arquitetos” sobre os demais setores sociais. Tal interpretação faz com que esqueçamos também os limites das lutas dos setores dominados, ou seja, sua parcela de consenso com o projeto reformista.

O próprio movimento operário como um todo teve, na Era Roosevelt, sucessos e retrocessos. Quantitativamente, um número maior de trabalhadores encontrava-se engajado na luta política. Citando o trabalho de Nelson Lichtenstein, Limoncic informa que o número de trabalhadores sindicalizados atingira a marca de mais de 14 milhões ou 30% do total da força de trabalho.²⁶⁰ Qualitativamente, vemos já delineadas duas grandes tendências: primeiramente a relação de hegemonia entre o sindicalismo e os demais movimentos dentro do movimento operário dada sua participação e poder de barganha dentro da sociedade política e civil; finalmente a tendência de ação por parte desse mesmo sindicalismo na luta por conquistas materiais imediatas, sem maiores articulações com a luta política revolucionária.

O sindicalismo classista foi dando espaço ao sindicalismo de resultados, reduzindo o nível de consciência coletiva do segundo momento do grau econômico-corporativo para o primeiro momento, quando se desconhece a unidade entre o específico e a classe social.²⁶¹

O grande capital, por sua vez, teve que negociar, afrouxar as malhas da exploração, cedendo a algumas das reivindicações históricas dos trabalhadores. Não devemos, contudo nos precipitar e concluir que a classe dominante tornara-se, então, oposição declarada e inconciliável com os preceitos do *New Deal*. Completamente satisfeita não se mostrou, mas em virtude da seriedade da crise e das proporções que tomavam as mobilizações populares, fora essa a solução encontrada de imediato. Assim, a classe dominante entrega os anéis como forma de preservar os dedos. Não podemos esquecer que um projeto reformista, apesar de atender aos apelos e efetivamente implementar parte do projeto das classes dominadas, é a maneira encontrada pelo bloco dominante para se manter como tal.

²⁶⁰ LIMONCIC, F. (1999). op. cit., p. 134.

²⁶¹ NEVES, L. op. cit. p.31.

Dentre o grande capital, as frações representadas pelo capital bancário, comércio internacional, indústria petroquímica e companhias transnacional foram as que apoiaram Roosevelt mais abertamente. Segundo Thomas Ferguson, o segundo *New Deal* [após um primeiro momento de recuperação inicial da crise, aproximadamente 1935-1936] conseguiu conjugar “um novo bloco de poder formado por *capital-intensive industries*, bancos de investimento e bancos comerciais orientados para o exterior.”²⁶²

O autor ainda nos fornece dados sobre as empresas componentes do bloco. Entre elas estão a *Standard Oil* do grupo Rockefeller, IBM, *Mead Paper*, RCA, *Pan Am*; grandes exportadoras como *General Electric*, *Johnson & Johnson*, *United Fruit*, *Coca-Cola*; empresas de tabaco como *R.J. Reynolds* e *American Tobacco*; varejistas como Edward A. e Lincoln Filene, além de grandes bancos como o *Harriman*, *Goldman Sachs*, *Dillon Read*, *Bank of America*, *Lehman Brothers* e *Chase National Bank*. Isso sem falar em grandes aparelhos de mídia construtores de consenso como o *New York Times* e os jornais de Scripps-Howard.²⁶³

A privilegiada posição econômica e o engajamento político desses empresários possibilitavam construir políticas públicas a seu favor. Controlando agências-chave na sociedade política como o *Business Advisory Council*, o Comitê para o Desenvolvimento Econômico (CED) e o Conselho de Relações Internacionais (CFR), esses setores conseguiram conformar acordos nacionais no sentido da redução das tarifas e barreiras alfandegárias como forma de estimular a expansão de seus negócios, além de influenciar a conformação da legislação de seguridade social.²⁶⁴

Como a renda nacional continuava a crescer, John D. Rockefeller Jr. e seu advogado, Raymond B. Fosdick, votaram um subsídio especial pago pelo *Spelman Fund* à equipe do Conselho de Relações Industriais enquanto eles trabalhavam na legislação de seguridade social juntamente a agências governamentais. Então, o grande empresário das indústrias de capital intensivo, membro do Conselho do Departamento do Comércio, liderado por Walter Eagle, da *Standard Oil*, e Gerard

²⁶² FERGUSON, Thomas; ROGERS, Joel. *Right Turn: The decline of the democrats and the future of American politics*. New York: Hill and Wang, 1986. p.46-48. “a new power bloc of capital-intensive industries, investment banks, and internationally oriented commercial banks.”

²⁶³ FERGUSON, Thomas. The Coming of the New Deal. In: FRASER, S.; GERSTLE, G. op.cit. p.23.

²⁶⁴ FERGUSON, T. (1989).op.cit. p.3-31. BERLET, C.; LYONS, M. op. cit. 2000. p.162-165.

Swope, da *General Electric*, juntou-se a líderes da *Taylor Society* num comitê, cuja tarefa era preparar a legislação de segurança social.²⁶⁵

Entretanto não devemos incorrer no erro de superestimar tal apoio. O dito “compromisso keynesiano”, para “além do controle macroeconômico estatal e centralizado, calcado no crescimento e no emprego”, impôs certas limitações sobre as prerrogativas do setor financeiro: “as regulamentações da sua atividade nacional e internacional (notadamente através dos acordos assinados em Bretton Woods em 1944), o reconhecimento parcial do direito ao trabalho, inscrito em 1948 na legislação estadunidense, e o desenvolvimento do Estado-providência.”²⁶⁶ Não nos causa espanto, portanto, o apoio de diversos capitalistas do setor financeiro, ainda que em bem menor escala se comparado aos capitalistas industriais, à criação da *Liberty League*, principal aparelho privado da época contrário ao projeto reformista do Partido Democrata.

Wall Street está favoravelmente inclinada na direção da nova *American Liberty League* (...) A comunidade financeira vê no movimento o núcleo de uma nova força em prol do conservadorismo, tanto na legislação quanto no que toca às questões fiscais das legislaturas federal e estadual.²⁶⁷

Conforme publicado no *New York Times*, ocorreram diversas conferências reunindo líderes da indústria e do setor financeiro anteriormente à fundação da organização. Em declarações de alguns grandes nomes do setor financeiro, podemos observar mais claramente este apoio. No telegrama enviado por Victor G. Paradise, sócio na Frazier Jelke & Co., a Jouett Shouse, um dos fundadores e patrocinadores da Liga, temos:

Eu gostaria de oferecer minhas calorosas congratulações ao senhor e a seus associados na formação da *American Liberty League*. Esta merece o apoio conjunto de todos os Americanos de pensamento libertário, para além de suas filiações partidárias. Eu tenho incitado publicamente a necessidade de uma organização nacional de acionistas para preservar seu direito de propriedade e se minhas

²⁶⁵ FERGUSON, T. (1989) op.cit.p.19. “As national income continued its gradual rise, John D. Rockefeller, Jr., and his attorney, Raymond B. Fosdick, voted a special grant from the Spelman Fund to pay staff of Industrial Relations Counselors while they worked on social welfare legislation within federal agencies. Then the capital-intensive big-business member of the Commerce Department’s Business Advisory Council, led by Walter Teagle of Standard Oil and Gerard Swope of General Electric, joined leaders of the Taylor Society on an advisory committee whose task was the preparation of the Social Security Act.”

²⁶⁶ DUMEIL, Gerard; LEVY, Dominique. Superação da crise, ameaças de crise e novo capitalismo. In: CHESNAIS, François et all. *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.p.32.

²⁶⁷ “Finance welcomes Liberty League”. *The New York Times*. August 24, 1934. p.2. “Wall Street is favorably inclined toward the new American Liberty League...The financial community sees in the movement the nucleus of a new force for conservatism, both in legislation and in the fiscal affairs of the federal and State Legislatures.”

atividades com esse respeito puderem ser de valor para sua organização, por favor, me informem.²⁶⁸

Declaração semelhante fizera Edward F. Hutton, da conhecida agência de corretores E. F. Hutton:

Eu vejo a *American Liberty League* como uma organização não partidária que está determinada a ver que existe respeito genuíno tanto por direitos humanos como pelo direito de propriedade... Eu acredito que nós podemos esperar e conseguiremos pelas mãos de nosso Presidente justa consideração por nossas propostas.²⁶⁹

Na luta por maior representatividade e naturalmente um espaço maior dentro da sociedade política, esses dois representantes do grande capital reafirmam a necessidade do respeito incondicional à propriedade privada. Além disso, é interessante como em ambas as declarações fica explícita a tentativa de não vincular a organização com partidos políticos.

Feita a ponderação, podemos concluir que:

Multinacionalistas [setor financeiro e indústrias multinacionais] aceitaram ou favoreceram políticas keynesianas de intervenção ativa do governo na economia, incluindo os programas de bem-estar social pelo bem da paz social, ajuda a países estrangeiros para o desenvolvimento de mercados externos e grandes orçamentos militares para subsidiar indústrias de alta tecnologia e manter um grande contingente de tropas externamente.²⁷⁰

Essa era basicamente a proposta do acordo, do novo acordo, do grande acordo proposto por Roosevelt como forma de tentar resolver o conflito de classe, retomar a produtividade e estimular as vendas. A economia seguiria a todo vapor graças ao “pacto social” dos Democratas baseado na articulação entre poder sindical (devidamente disciplinado), governo federal e empresariado.

As negociações foram frutíferas por um breve momento, tirando os EUA do caos da Depressão em sua fase mais aguda e acalmando os ânimos de desesperados, revoltosos e falidos. Não se deve desprezar o significado e os resultados de um período de intensa

²⁶⁸ “Finance welcomes Liberty League”. *The New York Times*, August 24, 1934. p.2. “ ‘May I offer my hearty congratulations to you and your associates in the formation of the American Liberty League. It deserves the united support of all right-thinking Americans regardless of party affiliations. I have been publicly urging the necessity of a national organization of stockholders to preserve their property rights and if my activities in this respect can be of value to your organization, please call on me.’ ”

²⁶⁹ “Finance welcomes Liberty League”. *The New York Times*, August 24, 1934. p.2. “ ‘I look upon the American Liberty League as a non-partisan organization which is determined to see that there is proper respect for human rights as well as property rights...I that we can expect and we will get at the hands of our President fair consideration for our proposals.’ ”

²⁷⁰ BERLET, C; LYONS, M. op. cit. p.164. “... business multinationalists accepted or favored Keynesian policies of active government intervention in the economy, including social welfare programs for the sake of social peace, foreign aid to develop international markets, and big military budgets to subsidize high technology industries and support large troop commitments abroad.”

mobilização política e social em torno de melhores condições de vida e trabalho. Os programas de seguridade social são notadamente um marco dessas conquistas. A sociedade política democratizou-se, ainda que minimamente, a exemplo do movimento dos trabalhadores rurais que assumira efetivamente o poder em Winsconsin e Minnessota.²⁷¹ O Partido Democrata adquirira nova feição. Se antes tipicamente sulista e rural, apoiava-se largamente a partir de 1930 sobre uma base predominantemente urbana e popular.²⁷²

Mas, longe de ser revolucionário, o *New Deal* está muito mais próximo de um intenso programa de reformas com o objetivo de salvar o sistema ou de encontrar novas saídas para o desenvolvimento do capitalismo. Mesmo ao pensar em sua proposta de promoção da harmonia social - primeiramente pela solução de uma situação emergencial, seguida de estabilização social pela conjugação harmônica de interesses conflitantes - observa-se que isso não foi possível, como informam os autores mais críticos. As lutas dos setores dominados por muitas vezes desafiaram os cálculos nas negociações. O grande acordo não abarcava a todos, a sociedade não se encontrava representada em sua totalidade, não contemplava a diversidade de interesses de maneira 100% satisfatória. Pensar o Estado (qualquer Estado) em forma ampliada é exatamente levar em conta as mais profundas complexidades da sociedade, enxergar a variedade de seus atores coletivos e seus também variados interesses expressos em projetos de sociabilidade distintos, nem sempre representados junto à sociedade política.

A luta dos setores dominados em busca por maior representação na sociedade política, pela constituição de um Estado mais inclusivo e democrático e a consequente implantação efetiva de políticas de bem-estar é, nesse sentido, uma conquista parcial. Diversamente dos que creem ser o *New Deal* ou de modo mais geral o reformismo uma saída conservadora, entendo que ele pode ter sido um passo significativo na luta dos setores subordinados, conquanto esta devesse continuar se seus membros pretendiam reconfigurar a condição em que se encontravam, ainda que permanecendo no âmbito da subordinação.

Durante a guerra de posição, os setores dominados avançaram, deram um passo à frente em sua luta, mas não se tornaram classe dominante, muito menos dirigente.²⁷³ As conquistas acabaram por ser limitadas, não porque assim o desejaram Roosevelt e os “arquitetos do *New Deal*”, mas porque no processo de luta percebia-se claramente a

²⁷¹ HIMMELSTEIN, J. op. cit., p.16.

²⁷² Idem, p.18.

²⁷³ Classe dirigente corresponde à fração dominante da classe dominante.

preponderância de uma proposta reformista de organização social, expressa na combinação dialética de força - pela destruição do sindicalismo operário de base - e persuasão - pela implementação consensual de benefícios sociais e salários razoáveis.²⁷⁴

Guiada por pressupostos keynesianos, a pedagogia da hegemonia se desenvolve no sentido de ampliar os direitos sociais por trabalho, moradia, alimentação, saúde, educação, transportes das massas trabalhadoras, com políticas sociais diretamente executadas pelo aparato governamental, tendo por intuito obter o decisivo consenso da maioria da população ao projeto burguês de sociabilidade e aumentar, concomitantemente, a produtividade da força de trabalho [além de] evitar a adesão ao projeto socialista de sociabilidade por amplos segmentos da classe trabalhadora.²⁷⁵

O projeto de sociabilidade reformista do Partido Democrata construiu, portanto, um forte consenso, sendo aceito por amplos setores sociais durante muitas décadas aproximadamente até o fim da Guerra Fria. Nem por isso pode-se pensar que este fora menos complexo, que tenha enfrentado menos conflitos durante sua existência. O objetivo daqui por diante será exatamente mapear alguns desses conflitos, de modo a entendermos a posterior falência dessa conformação social pelo desenvolvimento e expansão de projetos de organização capitalista da vida alternativos.

Alguns deles podem ser vistos dentro da própria classe dominante. Importante eixo de oposição estava representado no coração da sociedade política, especificamente na bancada sulista do próprio Partido Democrata e na Suprema Corte. A primeira impunha constantes obstáculos à aprovação e implementação de políticas relativas à extensão dos direitos civis e às questões trabalhistas.²⁷⁶ A última, com frequência considerada como a grande protetora dos direitos e das liberdades individuais, da propriedade e da empresa, gerou forte oposição à legislação progressista do *New Deal*, especialmente à do primeiro *New Deal*.²⁷⁷

O capital industrial, particularmente o voltado para o mercado interno, mostrou-se bem menos integrado à proposta de ampla negociação e ao estabelecimento dos ditos compromissos. Grandes indústrias como a têxtil, do aço, de calçados, além de empresas de menor porte, como lojistas e comerciantes, eram especialmente vulneráveis às crescentes pressões sindicais.

²⁷⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.247.

²⁷⁵ NEVES, L. op. cit, p.30.

²⁷⁶ KATZNELSON, Ira et.all. Limiting liberalism: the southern veto in congress, 1933-1950. *Political Science Quarterly*. 108.n2 (Summer 1993).

²⁷⁷ HOWARD, Dick. Interpretar a lei: a Suprema Corte como árbitro da constitucionalidade. *E-journal USA. Questões de democracia*. Abril, 2005.

No centro do partido republicano durante o sistema de '96 estava um bloco maciço de grandes indústrias, incluindo as do aço, indústrias têxteis, da mineração e menos monoliticamente a de calçados, das quais o processo de produção de tipo *labor-intensive* automaticamente os fez inimigos mortais do trabalho e paladinos da política do *laissez-faire*.²⁷⁸

Em 29 de Abril de 1934, passados os momentos iniciais do caos da Depressão, o *New York Times* já publicava reportagens com as primeiras vozes da oposição:

“O período emergencial terminou”, declarou o deputado nova-iorquino Snell, líder da minoria na Câmara, em depoimento a uma rádio esta semana. Ele exigiu, desse modo, a revogação das leis de emergência e a extinção das agências federais que as estivessem administrando.²⁷⁹

A declaração do deputado reflete a constante preocupação de diversos setores da oposição com relação à extensão e duração dos programas de recuperação promovidos pelo poder público. Para Snell e os tantos outros que compartilhavam de suas críticas, a intervenção federal era vista como nociva ou pelo menos preocupante no sentido de possíveis restrições das tão prezadas liberdades individuais. Por isso, seria imprescindível a extinção, tão logo quanto possível, das instâncias federais interventoras. A reportagem prossegue com o argumento defendido pelo mesmo deputado de que o presidente triunfara ante a Depressão, mas que sua administração se recusava a reconhecer tal sucesso, pondo fim aos programas de recuperação devido a “um desejo de mudar o sistema americano, fazendo permanentes o suficiente as leis de emergência e suas agências administrativas com o propósito de instituir um socialismo de Estado, coletivismo, comunismo ou fascismo no país.”²⁸⁰

Percebe-se também desde esse momento uma clara associação entre o projeto reformista e outros projetos de sociedade de caráter notadamente distinto como o socialista e o comunista. Na visão do deputado, qualquer forma de governo que se propunha a intervir mais diretamente na vida social abriria caminho para uma futura implementação de projetos

²⁷⁸ FERGUSON, Thomas. The coming of the New Deal: the triumph of multinational liberalism in America. In: GERSTLE, G; FRASER, S. *The rise and fall of the New Deal order: 1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989. p.7. “At the center of the Republican party during the System of '96 was a massive bloc of major industries, including steel, textiles, coal, and, less monolithically, shoes, whose labor-intensive production processes automatically made them deadly enemies of labor and paladins of *laissez-faire* social policies.”

²⁷⁹ “Parties come to grips over emergency’s end”. *The New York Times*, April 29, 1934. Sec. watch-tower. pg. E1. ““The period of emergency is over.” Declared representative Snell of New York, the House minority leader, in a radio address this week. He demanded, on that basis, the repeal of the emergency laws and the extinction of the Federal bureaus administering them.”

²⁸⁰ “Parties come to grips over emergency’s end”. *The New York Times*, April 29, 1934. Sec. watch-tower. pg. E1.. “...a wish to change the American system by making permanent enough of the emergency laws and their administrative agencies to institute State socialism, collectivism, communism or fascism in the country.”

revolucionários. Se, visando insuflar os ânimos ou por real crença, tal associação acaba por destituir ambos os termos de sentido, não reconhecendo as diferenças qualitativas entre um projeto de cunho reformador e outro revolucionário e transformador.

Grandes impérios como a *Sun Oil Company*, a *Sears*, famosa varejista do meio-oeste, e as indústrias químicas DuPont mostravam-se hostis às intervenções governamentais que, segundo seus porta-vozes vinham a restringir sua liberdade em âmbito doméstico. Em oposição aos pressupostos reformistas, esse setor afinava-se cada vez mais com as propostas do capitalismo concorrencial, imortalizado na forma do *laissez-faire*.²⁸¹

Juntamente com muitos fascistas, eles viam o *New Deal* como prova de uma aliança sinistra entre o capital financeiro internacional e organizações trabalhistas controladas por comunistas com o objetivo de destruir a livre empresa.²⁸²

O capital industrial voltado para o mercado interno rapidamente se organizou juntamente com as alas conservadoras dos partidos Republicano e Democrata e já em 1934 fundam a *American Liberty League*, um aparelho privado com o intuito de estabelecer oposição às reformas sociais e à legislação trabalhista proposta pelo *New Deal*. “A formação da *Liberty League*, em 1934, deu proeminência às críticas de ricos empresários conservadores como John J. Raskob, Jouett Shouse e os DuPonts, e aos descontentes Democratas conservadores do Norte como Al Smith.”²⁸³ Badger revela que antes mesmo do *New Deal* esse setor já se alinhava pela defesa do governo limitado e a preservação dos direitos estaduais, estando os próprios fundadores da Liga previamente associados na *Association Against the Prohibition Amendment*. “Os *déficits* do *New Deal*, o controle sobre os negócios, os impostos e a legislação trabalhista colocavam-se como uma ameaça imensamente maior que proibições aos seus conceitos de diretos estaduais e governo limitado.”²⁸⁴

Financiada primordialmente pela família DuPont, *General Motors* e *Sun Oil*, a *American Liberty League* ficou particularmente conhecida por tentar em 1936 empreender um

²⁸¹ BERLET, C.; LYONS, M. op. cit., p.163.

²⁸² Idem, p.163. “Along with many fascists, they saw the New Deal as proof of a sinister alliance between international finance capital and communist-controlled working-class organizations to destroy free enterprise.”

²⁸³ BADGER, A. op. cit., p.285. “The formation of the Liberty League in 1934 gave prominence to the criticism of wealthy conservative businessmen, like John J. Rasckob, Jouett Shouse, and the DuPonts, and to disaffected conservative northern Democrats, like Al Smith.”

²⁸⁴ Idem, p.285. “New deal deficits, business regulation, taxation, and labour legislation posed a much greater threat than prohibition to their concepts of states’ rights and limited government.”

fracassado golpe visando impedir a reeleição do presidente Roosevelt.²⁸⁵ Ainda que fracassado o golpe, o legado mais importante do *American Liberty League* foi o aumento progressivo de uma tensão gerada dentro do Partido Republicano a época do reformismo.

Na verdade, a Liga aumentou a tensão entre a ala conservadora do partido Republicano, que não via mérito algum no *New Deal*, e uma fração moderada associada com os senadores Charles MacNary e William Borah, que estavam dispostos a abraçar grandes partes do *New Deal*.²⁸⁶

A perda de posição para o reformismo encabeçado pelo Partido Democrata desestabilizou o Partido Republicano, colocando em xeque sua pedra fundamental - o liberalismo - e criando uma profunda cisão entre seus membros. Fica explícito o sentimento de indecisão com relação ao destino do partido tanto por parte dos eleitores republicanos quanto dos próprios integrantes do partido. As décadas de 1930 e 1940 são marcadas por fortes questionamentos nesse sentido.

Deve o *Grand Old Party* [Partido Republicano]...virar as costas, confiando na casualidade política para restaurar mais uma vez seu prestígio e poder sem alterações orgânicas? Deve este tentar vencer o *New Deal* em seu próprio jogo, afastando a velha guarda e oferecendo ao eleitorado um liberalismo temperado, como rejeitado em 1912? Deve, ao contrário, expurgar-se de todas as teorias e práticas avançadas e se tornar um partido verdadeiramente conservador, abraçando a luta pelos direitos estaduais e pelo individualismo crescente? Ou deve se permitir sucumbir sem maiores lutas ao esquecimento, na esperança de que de suas cinzas poderá emergir um novo e mais vigoroso partido com um novo nome e uma nova proposta?²⁸⁷

Tem início, então, uma verdadeira luta dentro do Partido Republicano, uma luta por sua direção. Essa luta fora, à época, balizada pelo *New Deal* e protagonizada por basicamente dois setores: um em total repúdio e outro em parcial acordo com algumas de suas propostas. A plataforma adotada pelos Republicanos durante sua convenção estadual em Nova York apresenta duras críticas à proposta reformista, podendo ser vista como exemplo do pensamento da ala mais conservadora do partido conhecida como Velha Guarda (*Old Guard*).

²⁸⁵ DIAMOND, S. op. cit., p.23.

²⁸⁶ BADGER, A. op. cit., p.285. “*In fact, the league increased the tension between the conservative GOP Old Guard who saw no merit at all in the New Deal and the moderate faction associated with senators Charles MacNary and Willam Borah who were prepared to embrace large chunks of the New Deal.*”

²⁸⁷ “The Republicans face a great decision”. *The New York Times*, June 20, 1937. “*Shall the Grand Old Party (...)muddle through, trusting to political chance to restore it once more to prestige and power without organic alteration? Shall it attempt to beat the New Deal at its own game by driving out the old guard torles and offering the electorate a tempered liberalism of the sort it rejected in 1912? Shall it, on the contrary, purge itself of all advanced theories and practice and become a truly conservative party, espousing States’ rights and a large measure of individualism? Or shall it be allowed to lapse without a struggle into oblivion, in the hope that from its ashes may rise a new and more vigorous party with a new name and a new rallying cry?*”

Nós condenamos: 1) o solapar da forma Americana de governo e a perturbação de nosso sistema econômico; 2) a destruição do estado e dos direitos locais e responsabilidades; 3) uma economia planejada e controlada de concepção vinda de fora imposta e administrada por uma ditadura todo poderosa; 4) a invasão do campo da iniciativa privada pelo governo e manipulada por homens inexperientes; 5) a instalação de uma enorme, incompetente, arrogante e incontrolável burocracia; 6) a decadência do serviço civil; 7) a destruição em massa de teorias acadêmicas contrárias às leis e forças naturais; 8) a promoção de monopólios, a destruição da competição, a fixação dos preços pelo governo; (...)10) Gasto imprudente do dinheiro do povo sem pensar nos cálculos orçamentários; (...) 13) a tentativa de redistribuir riqueza pela destruição dela mesma.²⁸⁸

A plataforma republicana de Nova York traz um tom nostálgico, não se contentando em refutar apenas as políticas reformistas, mas recusando-se a aceitar um processo próprio do desenvolvimento do sistema capitalista, qual seja, a formação de monopólios, a tendência à concentração de capital. Fruto do descontentamento com relação às reformas trazidas pelo *New Deal* e de um sentimento nostálgico de tempos dourados, quando as reivindicações eram mais parcas e menos organizadas, e a livre concorrência imperava, a proposta da “Velha Guarda” parecia querer voltar o relógio, mantendo-se um tanto intransigente em suas posições.

Não menos descontente, podemos observar ainda outro setor dentro do partido e que faria frente à Velha Guarda na disputa pela direção interna. Um dos expoentes dessa tendência nascente a época foi o senador Gerald P. Nye, de Dakota do Norte. Referindo-se diretamente à Velha Guarda, Nye declarou em um encontro nacional do partido que este precisava renascer, que “o partido Republicano morreria se seus líderes permanecessem aqueles que não podem oferecer nada mais que “*Old Deal*” como um substituto para o “*New*”.”²⁸⁹ Um pouco mais à frente no tempo, já no governo Eisenhower, percebe-se com mais clareza o que seria esse renascer e a modernização do Republicanismo.

A ala liberal do G.O.P. –incluindo o vice-presidente Richard M. Nixon, o secretário do trabalho James Mitchell, o procurador geral William P. Rogers e o Secretário de assuntos Interiores Fred A. Seaton- ...acreditam que a fórmula para a vitória sobre os Democratas em 1960 é a fórmula apresentada ao país em 1952 e 1956 –um

²⁸⁸ “Platform adopted by the Republicans at their State convention in Rochester”. *The New York Times*, September 29, 1934. “...we condemn: 1)the undermining of the American form of government and the disruption of our economic system;2)the destruction of State and local rights and responsibilities;3)a planned and controlled economy of alien conception imposed and administered by an all powerful dictatorship; 4)The invasion of the field of private initiative by government and manipulation by inexperienced men; 5) the setting up of a huge, incompetent, arrogant and uncontrollable bureaucracy; 6)the debauching of the civil service;7)the destruction of cattle, hogs and crops on academic theories contrary to natural laws and forces; 8)fostering of monopolies, destruction of competition, fixing prices by government;...10) Profligate waste of people’s money without thought of the day of reckoning; ...13)the attempt to redistribute wealth by destroying it.”

²⁸⁹ “Rebirth of Party demanded by Nye”. *The New York Times*, December 14, 1934. “the Republican party would die if its leaders remained those who can offer nothing but the *Old Deal* as a substitute for the *New*.”

candidato popular, atraente e um programa liberal com relação à direitos civis, seguridade social e trabalho.²⁹⁰

Fica claro aqui que a ala liberal do GOP - *Grand Old Party* - não ameaçava as conquistas angariadas pelos setores subordinados ao longo da história. Em certo nível até procurava mantê-las, mas nunca estendê-las. A manutenção de um orçamento balanceado a moda Republicana não permitia maiores gastos com a ampliação de programas sociais. Nas palavras do próprio Nixon: “o único caminho para o progresso é por políticas econômicas conservadoras que encorajem o segmento empresarial privado de nossa economia e que não se voltem para o governo toda vez que surgir um problema.”²⁹¹

A tensão entre as alas conservadora e liberal do GOP se estenderá por longas décadas, pelo menos até os anos 70, mas nem por isso devemos nos enganar e supor que o Partido Republicano estava arruinado, esmigalhado pelo Partido Democrata em frações inconciliáveis. A situação claramente desfavorável na arena política, pelo menos naquele momento, do projeto-base encabeçado pelo partido -o liberalismo- gerou desgaste sim, e uma real dificuldade inicial de se reorganizar politicamente, mas como apontado por um jornalista do Kansas: “partidos não morrem de cima, mas por suas raízes, e as raízes do Partido Republicano no leste e meio-oeste ainda estão cheias de seiva.”²⁹²

Outro aparelho inserido na mesma perspectiva da *American Liberty League* e igualmente patrocinado pelo grande capital foi o *Committee for Constitutional Government* (CCG). Fundado em 1937, o Comitê exerceu significativa pressão em relação à legislação trabalhista e aos impostos.²⁹³

Já as proposta de caráter segregacionista e fascista, ainda que bem menos numerosas, se fizeram presentes, como vimos ao final do capítulo anterior ao explicitarmos a profusão de ideais autoritários, racistas e anticomunistas em organizações políticas ao longo da história

²⁹⁰ “GOP labor feud”. *The New York Times*, February 20, 1959. “*The liberal wing of the GOP –including vice president Richard M. Nixon, Secretary of Labor James P. Mitchell, Attorney general William P. Rogers and Secretary of the Interior Fred A. Seaton- ...believe the formula for victory over the Democrats in 1960 is the formula presented to the country in 1952 and 1956 –a popular, attractive candidate and a liberal civil rights, Social Security and labor program.*”

²⁹¹ “Nixon urges GOP to back its credo” *The New York Times*, February 17, 1959. “*...the only way to progress is through conservative economic policies that encourage the private enterprise segment of our economy and don't turn to Government every time there's a problem to be solved.*”

²⁹² BADGER, A. op. cit. p.286. “*Parties do not die from de top but from the roots, and the roots of the Republican Party in the East and Mid-West are still full of courthouse sap.*”

²⁹³ CCG annual reports, pamphlets, newsletters and speech reprints, Reel. 29, Right-wing collection of the University of Iowa. apud. DIAMOND, S. op. cit. p.23.

dos EUA. Segundo Diamond, havia mais de 100 organizações fascistas ativas durante a Grande Depressão. À época da implementação das reformas do *New Deal* e a consequente implantação do projeto reformista, fascistas mostravam-se insatisfeitos sob a alegação de que o país estaria caminhando em direção ao socialismo.²⁹⁴ Durante o período entre 1942 e 1944, o Departamento de Justiça processara diversos fascistas sob a acusação de sedição. O caso mais notório fora o de Lawrence Dennis, ex-funcionário do Departamento do Estado, que havia se tornado editor de livros e revistas de conteúdo fascista.²⁹⁵

Como se pode perceber, o início da construção do Estado reformista nos moldes do *New Deal* foi um processo único no desenvolvimento político e histórico dos EUA. Seus frutos geraram desde uma democratização considerável da sociedade política e uma melhor distribuição de renda nacional até a profunda revolta por parte de setores mais conservadores. Contudo, a gama de discursos alternativos se apresentava ainda de modo muito pulverizado, sem constituir um bloco sólido, organização coletiva ou projeto minimamente unificado capaz de deter o avanço reformista. Novos conflitos não tardariam a aparecer, evidenciando feridas que, conquanto temporariamente estancadas, teimavam em sangrar. A Guerra Fria veio, então, aquecer as turbinas dos conflitos sociais: por um lado o conservadorismo em direção a uma reação oposicionista organizada e, por outro, reivindicações em torno de maior democratização e ampliação de direitos civis. Tais transformações evidenciavam mudanças qualitativas importantes no próprio seio do reformismo norte-americano, desnudando fissuras profundas no equilíbrio instável construído a partir e em torno dos pressupostos do *New Deal*.

b. Reformismo em xeque: ampliação da democracia por lutas particulares e o avanço da reação conservadora

Os opositores conservadores do *New Deal*, como se verá mais adiante, divergiam política e ideologicamente sob inúmeros aspectos, o que dificultava de imediato a constituição de uma reação organizada capaz de deter o avanço das políticas reformistas. As décadas de 1930 e 1940 serão claramente tempos desfavoráveis para os conservadores tanto liberais quanto fascistas em termos de popularidade nacional.

²⁹⁴ DIAMOND, S. op.cit., p.22.

²⁹⁵ SCHONBACH, Morris. Native american fascism during the 1930 and 1940: a study of its roots, its growth and its decline. NY:Garland,1958.p.245-247. apud. DIAMOND, S. op.cit., p.22.

É durante o período da Guerra Fria que podemos perceber os primeiros avanços em direção a uma reação coletiva e organizada com o objetivo de deter o avanço reformista. Segundo Himmelstein e Diamond, os grandes veículos agregadores da oposição liberal e fascista durante as décadas de 1950 e 1960 seriam não apenas a clara oposição ao *New Deal*, mas também o anticomunismo e uma forte crítica de cunho religioso e moralista ao humanismo secular.

Nesta seção serão abordados aspectos dessa reação. No primeiro ponto, inicialmente retomaremos os conflitos internos do Partido Republicano, passando posteriormente às tentativas de construção de consenso em torno do neoliberalismo na sociedade civil. Dedicarei especial atenção à discussão das iniciativas acadêmicas e políticas dos economistas neoclássicos das escolas austríaca e de Chicago, posto que suas propostas foram particularmente caras ao neoliberalismo, sistema social vitorioso com a crise do reformismo.

Outro aspecto da reação conservadora - e especialmente frutífero no seio da sociedade norte-americana - seria o aumento significativo da militância política em torno do moralismo e da intolerância religiosa de base cristã. Procuraremos traçar um rápido histórico das investidas do setor conhecido como direita cristã no campo da organização e mobilização política, traçando finalmente suas ligações com os setores alinhados com o liberalismo. Veremos, no correr da seção, como essas relações ultrapassaram em muito o mero apoio ou aliança estratégica temporária, construindo laços simbióticos importantes para entendermos a configuração particular do neoliberalismo norte-americano. O fundamentalismo cristão crescerá não somente em número de adeptos, difundindo visão de mundo preconceituosa, intolerante e violenta, mas igualmente em sua relevância para a configuração do quadro político norte-americano, tornando-se uma bancada poderosa no Partido Republicano.

O último ponto da seção versará sobre os movimentos sociais em prol dos direitos civis e o processo de ampliação da democracia nos EUA. A partir da década de 1950 os conflitos se acirraram não somente devido às demandas das organizações de negros, mulheres, homossexuais, ecologistas etc., mas também em reação a essas demandas. Levantaram-se contra elas, bem como contra os novos rumos do reformismo, a direita cristã e setores segregacionistas. Mais importante, talvez, organizaram-se contra elas.

Diferentemente dos projetos de base classista da década de 1930, grande parte das organizações dos anos 1960 e 1970 defendia projetos de caráter particularista, setorial, organizando-se de forma pulverizada, raramente articulados entre si como expressões

diferentes de um todo subordinado e, portanto, bem menos ameaçador em termos de mudança social. As novas formas de reivindicação e ação social revelavam fraquezas e fissuras no reformismo. O movimento sindical, clássica organização classista norte-americana, enfraqueceu consideravelmente, tomando a cena formas de protesto e reivindicação direcionados a coletividades restritas. A defesa exagerada das singularidades obscurece a possibilidade de pensar uma ação conjunta, de construção de um projeto mais sólido e combativo.

Contudo, os setores de oposição não interpretariam desse modo, e deflagram luta aberta ao reformismo, organizando-se em torno de projetos alternativos.

- **Novos caminhos para o liberalismo: construindo um novo projeto de sociabilidade**

Era comum entre Republicanos a ligação do *New Deal*, suas reformas e significados, ao comunismo. A segunda metade da década de 40 é marcada por crescentes pressões desse partido ao Comitê de Atividades não Americanas por investigações de casos de subversão dentro e fora do Partido Democrata.²⁹⁶ Figuras tradicionais do que se conhece como Velha Guarda do GOP, como Herbert Hoover e Robert Taft, trabalharam intensamente pela defesa e propagação da ideologia liberal. Os resultados, contudo, não se mostravam ainda muito promissores. Pelo menos até meados da década de 1950, levou vantagem a ala liberal do Partido Republicano.

Apesar da influência de Taft no Congresso, os Republicanos de Dewey [ala liberal dos republicanos, alinhados com Dwight Eisenhower] ganharam todas as nomeações presidenciais desde 1940, incluindo Pensilvânia e Califórnia, e controlaram os principais meios de comunicação da ideologia republicana, como os periódicos *Time*, *Life* e *New York Herald*.²⁹⁷

Para além de pressões dentro da sociedade política, esforços também foram feitos na sociedade civil. No campo cultural, romancistas exaltavam o individualismo, o livre comércio e o não intervencionismo. Ayn Rand, escritora russa imigrada para os EUA, produzira dois

²⁹⁶ DIAMOND, S. op.cit., p.19-20.

²⁹⁷ MICKLETHWAIT, John; WOOLDRIDGE, Adrian. *Una nación conservadora: el poder de la derecha en Estados Unidos*. Buenos Aires: Debate, 2007.p.67. “A pesar de la influencia de Taft em el Congreso, los republicanos de Dewey ganaron todas las nominaciones presidenciales desde 1940 del país, incluidos Pensilvania y California, y controlaron los principales medios de comunicación de ideología republicana, como *Time*, *Life*, y el *New York Herald*.”

campeões de venda *O manantial* (1943) e *A rebelião de Atlas* (1957), conquistando fãz ilustres como o presidente da reserva federal, Alan Greenspan.²⁹⁸

O *Hoover Institute*, criado em 1932 nos EUA, com o objetivo de preservar a memória política desse presidente, se tornara, com o avançar da década de 1940, abertamente um aparelho de hegemonia, alinhado e trabalhando em prol da expansão das ideias liberais. Em suas fileiras, começou a se observar cada vez mais a presença de intelectuais orgânicos, advindos especificamente da academia. Esses pensadores não se limitavam a criticar o marxismo, as escolas reformistas, as reformas econômicas e sociais implementadas pelo *New Deal*. Eles também trabalharam na promoção e mobilização política de novos intelectuais²⁹⁹.

Na academia, intelectuais liberais, como os economistas neoclássicos Friedrich Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedman, perseguiram estratégias de ação política, tanto na academia quanto na militância propriamente dita, de modo a reconstruir as bases da “livre” sociedade e mobilizar a comunidade acadêmica em torno disso. A militância desses intelectuais em suas universidades e junto a organismos da sociedade civil teve importância primordial na construção de hegemonia em torno de um projeto de liberalismo renovado. Marcado pela crítica ao intervencionismo e pela influência do utilitarismo e do marginalismo, esse projeto diferencia-se do clássico liberalismo, carregando discussões e inquietações de seu tempo e ficando muito propriamente conhecido, em fins do século XX, como *neoliberalismo*.

Em uma reunião presidida por *Sir John Claphan*, em 1944, no *King's College* de Cambridge, Hayek propôs a criação de uma organização internacional, dedicada a preparar as bases para um novo projeto de capitalismo, pautado na defesa do livre mercado e salvaguarda das liberdades individuais. Essa organização, finalmente, surgiu em 1947 com o nome de Sociedade de *Mont Pèlerin*, composta por políticos, empresários e nada menos que 39 acadêmicos, entre eles nomes conhecidos como Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig von Mises, Walter Lipman, Alfred Mueller-Armack e, naturalmente, o próprio Hayek. Fora ele o primeiro presidente da organização e único, até os dias atuais, a exercer o cargo por mais de dois anos, nele permanecendo de 1947 a 1961. As reuniões são itinerantes e se dão a cada dois anos. A última, comemorativa do sexagésimo aniversário, teve como tema tecnologia e liberdade e fora sediada em Tóquio em setembro de 2008.³⁰⁰

²⁹⁸ Idem.p.71.

²⁹⁹ MICKLETHWAIT, J; WOOLDRIDGE, A. op.cit.

³⁰⁰ SADER, E., 1995. BUTLER, E., 1987.

A importância de Hayek reside ainda em sua impressionante influência acadêmica internacional e em especial nos EUA. Após a publicação do que seria seu mais conhecido livro, “O caminho da servidão”, em 1944, Hayek se impressionara com a repercussão do trabalho. Em 1950, recebera um convite da Universidade de Chicago para lecionar como visitante. Hayek o aceita, contudo não integra o departamento de economia e sim, sintomaticamente, o de ciências sociais e morais. O professor permaneceu em Chicago até 1962 e, nesse tempo, participou de diversos projetos para além da atividade docente. Hayek se associou a um aparelho de hegemonia chamado *Committee on Social Thought* e produziu mais um livro, intitulado “Os fundamentos da liberdade”, lançado pela Universidade de Chicago em 1960.

Embora tenha recebido diversos prêmios, condecorações e honrarias³⁰¹, considero que sua maior recompensa foi a vitória do neoliberalismo. A luta travada por Hayek ao longo de toda a sua vida em prol da construção da hegemonia neoliberal deu resultados. Falecido em 1992, Friedrich von Hayek foi uma das poucas pessoas que teve a oportunidade e o privilégio de ver em vida a realização de um projeto de tamanha magnitude. Essa semente, plantada inicialmente na Europa, germinou e rendeu alguns de seus frutos mais interessantes em Chicago, em especial na escola de economia, casa de Milton Friedman.

Quando Hayek deixou a Universidade de Chicago, em 1962, para ir trabalhar em Freiburg, na Alemanha, deixava também um grande legado. Foi exatamente nesse ano que Friedman lançou sua obra prima, *Capitalismo e Liberdade*, defendendo muitos dos argumentos já enfatizados por Hayek. Assim, Friedman afirma que a questão primordial tratada em *Capitalismo e Liberdade* é o “capitalismo competitivo”, seu papel como “sistema de liberdade econômica e condição necessária à liberdade política. Seu tema secundário é o papel que o governo deve desempenhar numa sociedade dedicada à liberdade e contando principalmente com o mercado para organizar sua atividade econômica”.³⁰²

Marcados pela tradição empirista da Escola de Chicago, os textos de Friedman nos remetem a todo tempo à realidade norte-americana, especialmente no tocante ao intervencionismo estatal e às políticas de bem-estar, implementadas a partir da década de

³⁰¹ Hayek recebeu título de senador honorário pela Universidade de Viena e de doutor honorário pela Universidade de Rikkio, em Tóquio (1964), e pela Universidade de Salzburg (1974). Ironicamente, ganhou o Nobel de economia em 1974 em conjunto com Gunnar Myrdal.

³⁰² FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p.13.

1930. No trecho a seguir, Friedman apresenta essa crítica, remetendo-se diretamente ao clássico discurso proferido pelo presidente Kennedy.

O homem livre não perguntará o que sua pátria pode fazer por ele ou o que ele pode fazer por sua pátria. Perguntará de preferência: “o que eu e meus compatriotas podemos fazer por meio do governo” para ajudar cada um de nós a tomar suas responsabilidades, a alcançar nossos propósitos e objetivos diversos e, acima de tudo, a proteger nossa liberdade? E acrescentará outra pergunta a esta: “o que devemos fazer para impedir que o governo, que criamos, se torne um Frankenstein e venha a destruir justamente a liberdade para cuja proteção nós o estabelecemos?”³⁰³

Outro exemplo desse método é sua crítica à centralização e concentração de poder, na qual se percebe a remissão à discussão em torno do federalismo e do direito dos estados.

O governo é necessário para preservar nossa liberdade, é um instrumento por meio do qual podemos exercer nossa liberdade; entretanto, pelo fato de concentrar poder em mãos políticas, ele é também uma ameaça à liberdade. (...) o poder do governo deve ser distribuído. Se o governo deve exercer poder, é melhor que seja no condado do que no estado; e melhor no estado do que em Washington.³⁰⁴

Friedman dialoga e critica diretamente os reformistas, em especial John Kenneth Galbraith e Paul Samuelson, defendendo a contenção dos gastos públicos, a desregulamentação financeira e exaltando a liberdade individual e de mercado. Friedman justifica sua defesa da liberdade econômica, dizendo que ela seria parte da liberdade em sentido mais amplo e, portanto, um fim em si próprio a ser perseguido. Além disso, como já enfatizado anteriormente, a liberdade econômica seria, em sua visão, condição essencial e instrumento indispensável para o alcance da liberdade política, entendida como ausência de coerção sobre o indivíduo por parte de outrem. Ao estabelecer essa relação, o autor se remete textualmente às influências que destacamos no correr deste texto.

No início do século XIX, Bentham e os filósofos radicais estavam inclinados a considerar a liberdade política como um instrumento para a obtenção da liberdade econômica. Achavam que as massas estavam sendo massacradas pelas condições impostas e que se a reforma política concedesse o direito de voto à maior parte do povo, este votaria no que fosse bom para ele – o que significava votar no *laissez-faire*. Não se pode dizer que estivessem enganado. Houve um bom volume de reformas políticas acompanhadas por reformas econômicas no sentido do *laissez-faire*. Enorme no desenvolvimento no bem-estar das massas seguiu esta alteração na organização econômica.³⁰⁵

A influência dos utilitaristas é mais explícita, entretanto, com relação à perspectiva do indivíduo como realizador de trocas maximizadoras, autônomas, calculistas e racionais. No

³⁰³ Idem.p.11-12.

³⁰⁴ Idem.ibidem.p.12.

³⁰⁵ Idem.ibidem.p.19.

primeiro capítulo de *Capitalismo e Liberdade*, são apontados dois meios de coordenar atividades econômicas: a direção central e coercitiva e a cooperação voluntária entre os indivíduos. Este último seria qualificado como “técnica do mercado” e se basearia na proposição de vantagens comparativas entre as partes numa transação, isto é, todos saem ganhando, desde que a organização seja bilateralmente organizada e voluntária.

Para Friedman, a relação de troca possibilitaria a coordenação sem coerção, ou ainda, um ordenamento político genuinamente livre intimamente ligado à liberdade econômica, a liberdade de negociar produtos e serviços. Saímos então do âmbito da economia restrita, se tivermos em mente que, assim como já diziam os utilitaristas, serviços podem adquirir significados muito amplos como força de trabalho a ser vendida em troca de salário ou dedicação a uma fé em troca de esperança. “Um modelo funcional de uma sociedade organizada sobre uma base de troca voluntária é a *economia livre da empresa privada* – que denominamos, até aqui, de capitalismo competitivo.”³⁰⁶ Aqui também se têm as relações sociais mais gerais como troca, os mais variados serviços sendo negociados em troca de outros serviços ou produtos. Se a vida em si é um perpétuo e constante negócio, fica fácil entender a tenaz preocupação do autor com a preservação da liberdade e, especificamente, a relação tão essencial entre liberdade econômica e política.

Caberia ao governo ou ao Estado restrito basicamente garantir o sistema de livre troca voluntária de ameaças internas e externas, ou seja, preservar e estimular uma dada lei e uma dada ordem. Uma ordem que prezasse pela promoção da competição, julgasse disputas sobre interpretação das regras, reforçasse contratos, defendesse a propriedade, dissimulasse os monopólios (restringem as alternativas e inibem a efetiva liberdade de troca). Ao fim do segundo capítulo, Friedman lista uma série de atividades, à época, levadas a cabo pelo governo dos EUA, que o autor considerava impróprias. Citaremos apenas algumas.

1. programa de apoio à equivalência de preços para a agricultura;
2. tarifas sobre importações e restrições às exportações;
3. controle governamental da produção, quer sob a forma de programas-fazendas, quer através da divisão proporcional do petróleo conforme feito pela *Texas Railroad Commission*;
5. salários mínimos legais ou preços máximos legais, com o máximo legal de zero na taxa de juros que pode ser paga para depósito por bancos comerciais ou as taxas máximas legalmente estabelecidas que podem ser pagas nos depósitos de poupanças e depósitos a prazo;
8. os atuais programas sociais de seguros, especialmente os que envolvem a velhice e a aposentadoria, obrigando as pessoas a: a) gastar uma fração

³⁰⁶ Idem. *ibidem*. p.22.

- estabelecida de sua renda na compra de uma anuidade de aposentadoria; b) comprar a anuidade de uma empresa pública;
10. os programas de habitação e tantos programas destinados diretamente a patrocinar a construção residencial, tais como as garantias para hipotecas F.H.A e V. A.³⁰⁷

Na lista de Friedman, nota-se a presença de uma série de programas promovidos pelo governo dedicados à melhoria do bem-estar social. Tais políticas são duramente criticadas pelo autor com base no argumento da privação da liberdade de escolha individual e invasão do público na vida privada. Os programas contribuiriam também para inibir a iniciativa individual, estimulando a indolência e aprofundando o *deficit* público já crítico nos EUA. Além disso, a promoção governamental de programas e mais programas levaria, conseqüentemente, a um aumento da máquina do Estado pela criação de infinitas secretarias e extensa burocracia.

Essa tendência para o coletivismo foi grandemente acelerada, tanto na Inglaterra como em outros lugares, pelas duas guerras mundiais. O bem-estar, em vez da liberdade, tornou-se a nota dominante nos países democráticos. Reconhecendo a ameaça implícita ao individualismo, os descendentes intelectuais dos filósofos radicais – Dicey, Mises, Hayek e Simons, para mencionar somente alguns- temeram que o movimento continuado em direção ao controle centralizado da atividade econômica se constituiria no *The Road to Serfdom*, como Hayek intitulou sua penetrante análise do processo. Sua ênfase foi colocada na liberdade econômica como instrumento de obtenção da liberdade política.³⁰⁸

As críticas de Friedman ao reformismo e seus métodos de ação social encontram-se, como se pode perceber pelo trecho destacado acima, intimamente relacionadas com uma proposta alternativa de ordenamento social. Um liberalismo que iria muito além do resgate das perspectivas clássicas, mas que dialogava com as novas tendências nos campos do pensamento econômico liberal e também, como não poderia deixar de ser, com seu tempo e sociedades específicas. Um liberalismo, portanto, renovado e que se concretizaria política e socialmente na orientação teórica adotada por diversos aparelhos liberais a partir dos anos 1960 e posteriormente embasaria as políticas públicas do neoliberalismo.

O espaço intelectual para a discussão do liberalismo parecia crescer, o que estimulou o debate entre os liberais norte-americanos e estrangeiros como Hayek. Jornalistas, escritores e acadêmicos norte-americanos organizavam-se e fundavam periódicos liberais desde a década de 1940. A revista *Commentary* é fundada, em 1945, por intelectuais judeus interessados em

³⁰⁷ Idem. *ibidem*. p.40.

³⁰⁸ Idem. *ibidem*. p.20.

pensar a cultura norte-americana –certamente defender seu caráter historicamente liberal. Dentre os colaboradores mais renomados encontramos o sociólogo Nathan Glazer, os escritores Norman Podhoretz e Saul Bellow (Nobel de literatura em 1976) e o jornalista Irving Kristol, criador do termo “neoconservador”.³⁰⁹

A candidatura à presidência em 1964 do então senador do Arizona Barry Goldwater, político liberal e ávido crítico do reformismo, estimulou o surgimento de outros aparelhos liberais, como o periódico *The Public Interest*, fundado por Kristol em 1965, a *Heritage Foudation* e o *American Enterprise Institute*. Essas fundações e instituições político-culturais, conhecidas nos EUA como *think tanks*, proliferariam a partir da década de 1960, financiadas por famílias milionárias, como os Richardson e os Coors. Nelas estiveram organizados intelectuais do porte de Milton Friedman (conselheiro nos governos Nixon, Ford e Reagan) e do filósofo Michael Novak (delegado norte-americano na *Conference on Security and Cooperation in Europe*, 1986), além de personalidades públicas como a política Jeane Kirkpatrick (integrante do Departamento de Estado no governo Reagan) e o juiz Laurence Silberman (apontado juiz federal no governo Reagan).

Tais espaços, juntamente com os periódicos e laboratórios acadêmicos desempenhariam um papel extremamente importante na construção de consciências, arrecadação de fundos, mobilização política e reorganização do Partido Republicano em torno do projeto neoliberal. Contudo, não estiveram sozinhos e seu maior aliado nesse processo seria um setor conhecido como Direita Cristã. As relações entre neoliberais e a Direita Cristã se estreitarão de tal modo que não raro se observará uma fusão de interesses, reivindicações e críticas. Serão justamente essas relações que explicam porque a *New Right* norte-americana, diferentemente da inglesa ou alemã, foi tão influenciada por valores religiosos e moralistas.

- **Direita Cristã e o “fusionismo”**

O setor político conhecido como direita cristã tem origem na mobilização e articulação política de fundamentalistas cristãos, particularmente evangélicos e cristãos carismáticos, a partir da década de 1950.

Diferente de muitos cristãos fundamentalistas adeptos do protestantismo clássico e do catolicismo, os quais negam símbolos (no caso dos protestantes), adotam tom separatista e

³⁰⁹ Os termos “conservador”, “neoconservador” e “neocon” são comumente usados por norte-americanos para designar pessoas ou práticas de orientação liberal ou neoliberal.

condenatório e, em suas críticas à modernidade, acabam por se retrair, o evangelismo está comprometido fortemente com a ação social, com o ideal missionário de trazer Cristo para o mundo.

Praguejar, brigar, jogar, caçar e outras atividades eram pecados narrados com todos os detalhes. Todos esses pecados eram abandonados com a conversão, que levava a desafios mais difíceis e a maior glória, que era se tornar um guerreiro de Cristo. A mensagem era clara. Era preciso ser um homem de fibra para se tornar um cristão sensível. Para muitos membros do clero evangélico do século XIX e seus convertidos, disseminar o evangelho era uma campanha militar que exigia nervos de aço, agilidade, astúcia e coragem. O indivíduo era agora um soldado do exército de Jesus.³¹⁰

Essa veia militante assumiu papel político ainda mais importante no século XX com o crescimento significativo de missões e grupos evangélicos além do uso da mídia como canal de difusão não somente da ortodoxia religiosa, mas igualmente de crítica às transformações políticas, econômicas e culturais nos EUA. Evangelizar significava ir além da ortodoxia e da tradição, engajando-se social e politicamente.

Com respeito às organizações evangélicas, é interessante notar o estreitamento das relações entre elas e as universidades, evidenciando a preocupação de suas lideranças evangélicas em conquistar e organizar jovens estudantes. Era necessário trazer para Deus e para o tradicionalismo essa nova estirpe jovem, dinâmica, criativa e intelectualizada, ao invés de primordialmente senhores distintos ou setores desprivilegiados. Dentre os grupos surgidos, destaco alguns: *Youth for Christ*, *Campus Crusade for Christ*, *Inter-Varsity Christian Fellowship* e *Evangelical Foreign Missions Fellowship*.

Um dos primeiros líderes religiosos a investir no caminho midiático para conscientização e mobilização política foi o padre Charles Coughlin. Em 1926, ele começou a pregar seus sermões pelo rádio, sendo transmitidos em mais de 30 estações pelos EUA. Padre Coughlin também empreendeu, na década de 1930, a Cruzada Cristã, veículo importante de crítica às reformas do *New Deal* e ao poder crescente do setor financeiro (identificado como parasitário), além de fundar um periódico autoritário e antissemita de nome *Social Justice*.³¹¹

Ao pioneirismo de Coughlin, seguiram-se as investidas de Charles Fuller, Everett Harrison e de muitos outros. Em 1939, segundo Diamond, o programa de Fuller, *Old Fashion Revival Hour*, tinha a maior audiência entre os programas de rádios do horário nobre nos

³¹⁰ APPLE, Michael. *Educando à Direita: Mercado, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 157. Autor cita como referência o trabalho de: HEYRMAN, Christine. *Southern Cross: the beginnings of the Bible belt*. New York: Knopf, 1997. p.214

³¹¹ BERLET, C.; LYONS, M. op.cit. p.138-143.

EUA, com um público semanal estimado em 20 milhões de ouvintes.³¹² Com o correr das décadas, a conquista de discípulos e fundos pelo uso da mídia em suas mais variadas formas só fez aumentar. Surgiram muitos outros periódicos evangélicos, além de editoras e gravadoras. Surgiram também associações nacionais, a exemplo da *National Religious Broadcasters* e a *Evangelical Press Association*, e redes radiofônicas internacionais, como a *Heralding Christ Jesus' Blessings*, *Far East Broadcasting Company* e *TransWorld Radio*.³¹³

Entretanto, a Direita Cristã é um fenômeno de meados dos anos 1950 em diante e só pode ser entendida dentro do contexto de crítica e reação direta às transformações liberalizantes e laicizantes vivenciadas pela sociedade norte-americana. Conquistas ainda que parciais nos campos da cidadania, das relações raciais, do direito das mulheres, da liberdade sexual e do preconceito de uma forma geral marcaram o pós-Segunda Guerra Mundial. Não obstante, tantas transformações certamente não foram conquistadas facilmente, encontrando uma série de obstáculos e entraves durante o próprio processo de luta.

As mudanças nos costumes, principalmente o declínio de uma prática então muito comum, a de se rezas nas escolas americanas, somadas à inédita proteção constitucional à prática do aborto [caso *Roe vs Wade* 1973] e de respeito à liberdade de expressão que incluía o que muitos consideravam pornografia, levaram a uma organização militante dessas pessoas.³¹⁴

Um dos primeiros pastores a mobilizar multidões em nome dos valores familiares e da boa velha moral foi o batista Billy Graham. Suas cruzadas, eventos evangélicos de massa, ganharam notoriedade pela quantidade de pessoas que atraía e pelo fato de serem organizadas em imensos locais públicos como estádios e parques. A primeira cruzada data de 1948 e a ela se seguiram muitas outras dentro e fora dos EUA, contabilizando aproximadamente 185 países, dentre eles o Brasil, que sediou os encontros de 1974 e 2008³¹⁵. A exemplo dos pastores militantes das décadas de 1930 e 1940, Graham tinha um programa de rádio, *Hour of Decision*, e criou um periódico evangélico mensal em 1956, chamado *Founded Christianity Today*, além de ter criado uma fundação, a *Billy Graham Evangelical Association*, com publicação oficial, a *Decision Magazine*.

³¹² DIAMOND, Sara. *Spiritual warfare: the politics of the Christian Right*. Boston: South End Press, 1989. p.3.

³¹³ APPLE, M. op.cit.p.147 e 167.

³¹⁴ FINGERUT, Ariel. A Direita Cristã nos Estados Unidos. In: SILVA, Carlos Edurado Lins da (org.). *Uma nação com alma de Igreja*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.p.116.

³¹⁵ Em 2006, por motivo de doença, Billy Graham se afastou da militância. As cruzadas, demais eventos e a *Billy Graham Evangelical Association* são, desde então, organizadas e administradas por seu filho Franklin Graham.

Contudo, a importância de Graham reside no fato de ter conseguido expandir a fronteira da evangelização pelo uso de novos canais de comunicação. Foi ele quem iniciou o *televangelismo*, com programas transmitidos nos EUA e no Canadá em horário nobre, e não satisfeito criou uma produtora de cinema, a *World Wide Pictures*, destinada à produção e distribuição de filmes evangélicos. Sim, Billy Graham é o que se pode chamar de multiempresário de Jesus! Muito de seu sucesso esteve associado ao apoio de homens poderosos, como o também multiempresário William Randolph Hearst e o editor da revista *Time*, Henry Luce. Semelhante aos *think tanks* neoliberais, aqui também se observa a associação de poderosos nomes do capital a fundações e organizações político-culturais.

Seguindo os passos de Graham, Pat Robertson foi ainda mais além como comunicador, empresário e político. Em 1959 comprou a estação de televisão WYAH-TV, em Portsmouth, na Virgínia, e com o passar dos anos foi adquirindo outras emissoras de televisão (WHAE-TV em 1971, KXTX-TV em 1973, WXNE-TV em 1977) bem como 5 estações de rádio FM (WBIV, WEVI, WJIV, WMIV e WOVI) todas integrantes de sua enorme e impressionante rede *Christian Broadcasting Network* (CBN). Em 1963 criou um programa que faria do *televangelismo* um verdadeiro fenômeno: o *700 Club*³¹⁶. Foi a partir do sucesso deste programa que sua rede CBN realmente deslanchou, arrecadando mais de 200 milhões de dólares em contribuições, chegando a um público superior a 100 milhões de telespectadores nos EUA e finalmente em 1985 atingindo o público internacional em outros 60 países.³¹⁷

Nos anos 1980, a CBN se tornou a segunda maior rede de televisão norte-americana. A programação era variada, indo desde o jornalismo e programas de entretenimento até os hoje populares programas de salvação e autoajuda evangélicos, explorando a fórmula da dramatização de histórias reais de sofrimento e desgraça, magicamente resolvidas pela salvação.

Robertson apoiou abertamente o governo Reagan e foi ele mesmo candidato à presidência pelo Partido Republicano em 1988. Em sua campanha além do claro apoio direto da CBN e seus financiadores, Robertson contou com forte apoio da *Christian Coalition*, organização fundada por ele e Ralph Reed visando mobilizar pessoas em sua base, em suas cidades e inserindo-se em atividades do seu dia a dia. Segundo Reed, “é melhor movimentar-

³¹⁶ O nome surgira como uma estratégia para arrecadar fundos, cujo o objetivo era angariar 700 espectadores que doassem cada um dez dólares por mês, como forma de manter o programa no ar.

³¹⁷ FINGERUT, A. op.cit. p.126-127.

se sem fazer barulho, subrepticiamente, na calada da noite.”³¹⁸ Essa estratégia visava trazer principalmente os sulistas para a política, torná-los eleitores em potencial (já que voto nos EUA não é obrigatório) do Partido Republicano, claro. Reed esteve à frente da campanha de Robertson para presidente e certamente a *Christian Coalition* trouxe importantes fundos para a campanha, já que dentre financiadores da organização estão a Fundação Coors, Fundação Olin e milionários como William Simon e Richard DeVos.

A Coalizão Cristã, capitalizada por Robertson, visava não somente eleger o presidente, mas tinha como foco principal construir e organizar um movimento com objetivos amplos, que envolviam temas ligados a valores, à família, ao papel do Estado e da educação nos Estados Unidos e, sobretudo, a partir deste movimento influenciar a plataforma do Partido Republicano.³¹⁹

A trajetória de Robertson pode ser vista como um microssomo do desenvolvimento da Direita Cristã. Assim como ajudou a fundar organizações ao longo das décadas de 1970 e 1980, observa-se o surgimento de inúmeros aparelhos da Direita Cristã, todos - assim como a *Christian Coalition* - centrados no ativismo local: *Eagle Forum* (1972), *Focus on the Family* (1977), *Concerned Women for America* (1979), *Traditional Values Coalition* (1980), *Family Research Council* (1982), *Citizens for Excellence in Education* (1983). Assim como Robertson se engajou na política partidária, vê-se também o estreitamento dessas organizações com as propostas do Partido Republicano. Um movimento interessante com cujas propostas neoliberais muitos evangélicos se identificavam e começaram a se articular dentro do Partido Republicano, formando bases de apoio e uma bancada cada vez mais forte, a bancada cristã. Durante a administração Reagan, Robert Billings foi assistente especial da secretaria de educação, Everett Koop foi *surgeon general* no departamento de ciência e saúde pública, Jerry Rieger foi assessor especial para assuntos da família, e James Watt trabalhou como ambientalista na secretaria do interior. O movimento de estreitamento é claramente visto em uma das mais relevantes organizações da época, a *Moral Majority*, fundada, em 1979, por Paul Wyrich e pelo pastor Jerry Falwell, a qual visava exata e abertamente influenciar as eleições primárias do Partido Republicano. Durante seus megaeventos e programas de televisão, o pastor Falwell excitava multidões e mobilizava-as em torno de bandeiras como defesa da vida, da família patriarcal, da moral, da pátria e do Estado de Israel.

³¹⁸ WATSON, Justin. *The Christian Coalition: dreams of restoration, demands for recognition*. New York: St. Martin's Press, 1997.p.64-65. apud. APPLE, Michael.op cit.p.185.

³¹⁹ FINGERUT, Ariel. op.cit.p.129.

Desse modo nota-se, muitas vezes, que aliada à crítica liberal mencionada na seção anterior, temas como a descrença na existência de uma ordem moral divina, o declínio do senso de comunidade, a decadência dos valores espirituais e morais, a corrupção de instituições burguesas tradicionais como família e o casamento faziam-se igualmente presentes nos discursos da oposição, muitas vezes mesclados aos argumentos de defesa do liberalismo. A essa nova abordagem moral do liberalismo, Himmelstein deu o nome de fusionismo.³²⁰

O discurso da grande empresa e o discurso religioso são costurados juntos, cada qual legitimando o outro. Aqui a família tradicional e os valores religiosos precisam ser globalizados e, no plano de Deus, isso só pode se realizar com o avanço do capitalismo multinacional. O capitalismo das grandes empresas e a exportação da cultura norte-americana agora são definidos abertamente e sem pedidos de desculpas como uma das mais elevadas expressões da vontade de Deus, a expansão missionária de sua cultura para o resto do globo.³²¹

A aliança fusionista, mais do que nova configuração política para conter o avanço reformista representa a pedra fundamental para o entendimento do caráter moralista, e até religioso, explícito no neoliberalismo abraçado pela presente ala conservadora do Partido Republicano. Os discursos e direcionamentos políticos de Reagan, Bush pai e filho têm suas raízes no fusionismo. Em seu famoso discurso *A time for choosing*, em apoio à candidatura de Barry Goldwater à presidência em 1964, bem como posteriormente em sua própria campanha para governador da Califórnia, em 1966, Ronald Reagan explorou inquietudes sexuais e culturais da época, apelou fortemente para o medo crescente do comunismo e deu voz à reação de brancos descontentes com o avanço do movimento pelos direitos civis.³²²

Em matéria especial para o *The New York Times*, publicada, em 1960, o próprio Barry Goldwater, então senador republicano pelo Arizona desde 1953, explicitava tais transformações no pensamento liberal. A fala do senador, mesmo tratando de um tema político, aparece entrecortado por elementos que remetem a um imaginário religioso ou espiritual.

... os conservadores levam em conta o homem por inteiro, enquanto os liberais tendem a olhar somente para o lado material da natureza do homem. O

³²⁰ HIMMELSTEIN, J. op. cit. p.28-62.

³²¹ APPLE, M. op.cit. p.193. O autor cita como referência a obra de KINTZ, Linda. *Between Jesus and the market: the emotions that matter in right-wing America*. Durham: Duke Univ. Press, 1997.p.217.

³²² KRUGMAN, Paul. *The conscience of a liberal: reclaiming America from the Right*. London: Penguin Books, 2009.p.11. REAGAN, Ronald. *A time for choosing*. Oct. 1964. Texto acessado em 27 de maio de 2010 no site da Universidade do Texas. <http://www.reagan.utexas.edu/archives/reference/timechoosing.html>

conservadorismo enxerga a completa realização dos desejos espirituais do homem como a primeira preocupação da filosofia política. Liberais, em nome da preocupação com os 'seres humanos', consideram a satisfação dos desejos econômicos como a missão dominante da sociedade.³²³

Até esse momento, o senador falava somente em “conservadorismo”, em oposição ao reformismo do Partido Democrata, caracterizado como “liberal”. A ode ao indivíduo, genuíno agente da mudança e da construção histórica para o liberalismo, somente apareceria mais adiante. E acompanharia igualmente, ainda que de forma mais sutil, a crítica à intervenção do Estado no âmbito privado.

Ao respeitar a individualidade do homem, o conservador percebe que o desenvolvimento espiritual e material do homem não é algo que possa ser dirigido por forças externas. Todo homem, para seu próprio bem e para o bem da sociedade, é responsável pelo seu próprio desenvolvimento. As escolhas que regem sua vida são escolhas que ele deve fazer.³²⁴

No correr do artigo, o senador apresenta críticas mais duras e diretas ao intervencionismo, às políticas de bem-estar, às tão custosas políticas inclusivas e ao poder centralizado.

Um governo centralizado que não para de crescer custa mais e mais dinheiro, o que inevitavelmente requer mais e mais altos impostos. (...) Conservadores lidariam com a situação dessa maneira: reduzir o tamanho do governo federal e os projetos com os quais este está comprometido, reduzindo dessa forma os impostos a nível federal. (...) Assim, nós conservadores defendemos que um marcante afastamento do governo centralizado e do custoso Estado de bem-estar social resultaria na solução desses problemas. Uma redução nos custos de nosso governo doméstico ao ponto de que os impostos pudessem ser reduzidos em todos os níveis liberaria mais dinheiro para escolas, aposentadoria e saúde.³²⁵

Lugar privilegiado para articulação política, os periódicos desempenharam, a essa época, papel crucial para o desenvolvimento de projetos e propagação ideológica. Entre os mais relevantes podemos citar a *National Review*, o *Human Events* e o *The Freeman*. Na luta

³²³ “A conservative sets out his credo”. *The New York Times*. July 31, 1960. “... the conservatives take account of the whole man, while the liberals tend to look only at the material side of man's nature. Conservatism looks upon the fulfillment of man's spiritual desires as the primary concern of political philosophy. Liberals, in the name of concern for 'human beings', regard the satisfaction of economic wants as the dominant mission of society.”

³²⁴ “A conservative sets out his credo”. *The New York Times*. July 31, 1960. “In respecting the individuality of man, the conservative realizes that man's spiritual and material development is not something that can be directed by outside forces. Every man, for his individual good and for the good of his society, is responsible for his own development. The choices that govern his life are the choices that he must make.”

³²⁵ “A conservative sets out his credo”. *The New York Times*. July 31, 1960. “Undiminishing centralized government costs more and more money, which inevitably requires more and higher taxes. (...) Conservatives would approach the situation in this manner: reduce the size of the Federal Government and the projects in which it is engaged, thereby reducing taxes at the Federal level. (...) Thus, we conservatives argue, a marked trend away from centralized government and the costly welfare State would result in a solution to these problems. A reduction in the cost of our domestic government to the extent that taxes could be reduced at all levels of government would free money for schools, for retirement needs and for health needs.”

contra o dito “coletivismo doméstico”, os artigos divulgados por tais revistas traziam tanto a crítica liberal secular exposta acima quanto aquela de cunho moralista tradicional. Frank Meyer, por anos editor da *National Review*, afirmara que a busca pela virtude seria impossível sem liberdade e que esta última, por sua vez, seria vazia e sem significado se desprovida de uma finalidade transcendental.³²⁶ Whittaker Chambers, em artigo para a *National Review*, reiteraria o argumento ao alertar que a pura e simples busca da felicidade acabaria por se degenerar, transformando-se rapidamente na busca do mero prazer, e daí para o desejo de que o Estado desse conta dos problemas. Sem um propósito maior, liberdade e individualismo levariam facilmente à passividade, tornando o homem alvo fácil para a manipulação.³²⁷

Com fortes ligações com a ala conservadora do Partido Republicano e apoio de parte do capital industrial do meio-oeste e do Texas, o projeto fusionista de liberalismo moral rapidamente se popularizou entre setores médios da sociedade. Impulsionou ainda o surgimento de diversos aparelhos de hegemonia, a exemplo do *Young Americans for Freedom* (YAF), do *American Conservative Union* e da *John Birch Society*.

Esses são dias de um despertar do ultraconservadorismo; do desejo pelo retorno a um passado glorioso que nunca existiu ou poderia existir; da *John Birch Society*, operação alerta e *Veritas Foundation*; de uma economia mal compreendida. (...) Ironicamente, o “keynesianismo” é descrito por esses críticos como “impraticável” e “enganador”, e seus advogados tidos como comprometidos ou membros adeptos de uma conspiração do submundo esquerdista para destruir toda as empresas privadas e estabelecer o socialismo universal.³²⁸

Setor jovem da ala conservadora do Partido Republicano, o YRF fora fundado por Howard Phillips, em 1960, durante uma reunião na propriedade familiar de William Buckley Jr. (fundador da *National Review*), desligando-se do setor formal dos *Young Republicans*.³²⁹ Os comícios promovidos pelo YAF tinham o suporte do GOP e objetivavam apoiar políticos e personalidades favoráveis ao programa fusionista como os senadores John Tower, do Texas, e Barry Goldwater, do Arizona. Durante os primeiros dois anos de existência, a YAF inaugurou 310 agências regionais e, ao final do ano de 1962, trinta e oito membros do Congresso faziam

³²⁶ MEYER, Frank. *Conservative mainstream*. New York: Arlington House, 1969.p. 43-51.

³²⁷ CHAMBERS, Whittaker. Big sister is watching you. *National Review*. nº 4, 1957.p. 594-596.

³²⁸ “Keynes under attack”. *The New York Times*. July 30, 1961. “These are days of the revival of ultra-conservatism; of the desire to return to a glorious past that never did or could exist; of the *John Birch Society*, *Operation Alert* and the *Veritas Foundation*; and of mislearned economics. (...) Ironically, “keynesianism” is described by these critics as “outworn” and “deceptive” and its advocates as writing or unwriting members of a conspiracy by the ‘left-wing underworld’ to destroy all private enterprise and to establish universal socialism.”

³²⁹ HIMMELSTEIN, J. op. cit, p.67

parte do quadro nacional de conselheiros da YAF.³³⁰ Dados retirados do *New York Times* confirmam o crescimento e consolidação desse aparelho que, após cinco anos de sua fundação, já somava um total de 40 mil membros, com idade média de 22 anos, operando com um orçamento de 25 mil dólares por mês.³³¹

A *John Birch Society* (JBS), igualmente de abrangência nacional e composta por inúmeros aparelhos locais, fora fundada em 1958, opondo-se a todo e qualquer tipo de interferência governamental no mundo do trabalho ou que viesse a cercear as tão prezadas liberdades individuais e a tradicional ordem moral. Era, portanto, contrária à legislação pró-sindical e aos subsídios agrícolas, aos programas de seguridade social e às medidas integracionistas - todas elas consolidadas durante as administrações Democratas - além do desarmamento. Ideias conspiracionistas eram também populares entre os membros da *John Birch Society*. A *Get US Out*, uma das primeiras campanhas públicas encabeçadas pela JBS, lutava já em 1959 pela retirada dos EUA da ONU, alegando que a organização ambicionava a construção de um governo único e universal, comprometendo assim a soberania do Estado e da nação norte-americana. Seus membros pertenciam geralmente aos abastados setores médios do sul, eram fundamentalistas religiosos e favoráveis ao Partido Republicano.³³²

Entretanto, fusionistas e liberais seculares não eram os únicos insatisfeitos com o novo quadro social que se instalara com o advento do reformismo, em voga desde o *New Deal*, e das transformações sócio-culturais de cunho liberalizante. Fala-se ainda muito pouco sobre como se comportaram os aparelhos de hegemonia do conservadorismo segregacionista nessa época. Teriam essas organizações contribuído para o sucesso da *New Right*? Estariam seus interesses também representados no projeto neoliberal? Qual o papel do racismo organizado no processo crescente de reação aos avanços nos direitos civis?

- **Racismo e os limites do reformismo**

Em seu recente livro, *The conscience of a liberal*, o economista Paul Krugman afirma que o legado da escravidão e o racismo são a razão de os EUA serem a única economia dentre os países centrais ou, nas palavras do autor, avançados que não garante saúde a seus cidadãos. Segundo ele, a reação dos brancos contra o movimento dos direitos civis explicaria o fato dos

³³⁰ DIAMOND, S. op.cit.p.61

³³¹ “Young rightists plan expansion”. *The New York Times*. August 28, 1965.

³³² DIAMOND, S. op.cit. p.75.

EUA serem o único país avançado, no qual um importante partido político objetivou suprimir o Estado de bem-estar social.³³³

Não compartilhamos exatamente de algumas conclusões expostas pelo autor como, por exemplo, ser o racismo o elemento central no entendimento da crise do Estado de bem-estar social. Nem mesmo entendemos que uma organização estatal de tal tipo fora algum dia construída nos EUA. O reformismo norte-americano não deve ser confundido com o Estado de bem-estar social. Como temos discutido, a crítica ao reformismo e a construção de projetos alternativos nem sempre estiveram ligados à questão racial. Veremos na seção seguinte como as próprias transformações do reformismo, frutos do novo caráter e direcionamento dos movimentos sociais da década de 1960, os quais por sua vez refletiram em conflitos internos no Partido Democrata, contribuíram para sua falência. É inegável que o problema do racismo (não apenas contra o negro, diga-se de passagem) entrecortou diversos processos sociais na história dos EUA e buscamos enfatizar esse aspecto na parte final do capítulo anterior. Mas pensar a história dos EUA somente ou primordialmente em termos de conflitos raciais parece um tanto reducionista.

Apesar disso, a hipótese defendida por Krugman traz um alerta e ajuda a pensar os questionamentos colocados logo acima. Em que medida o racismo mobilizou forças e atuou juntamente com outros setores sociais insatisfeitos para derrubar o reformismo? Se colocarmos na balança, o que foi mais relevante nesse período: isolacionismo e encastelamento em torno de suas próprias ideias e preconceitos ou negociação e estreitamento de relações com setores engajados em projetos conservadores alternativos à ordem vigente? Acreditamos que, nesse momento, a segunda opção tenha pesado mais, muito mais. A seguir, apresentamos algumas organizações racistas da época, a última inclusive flertando com o neofascismo, suas estratégias de luta e relações com a oposição fusionista.

Núcleos de resistência segregacionista espalhados pelos estados sulistas, os *Citizens' Councils* começaram a se organizar no início dos anos 50, em reação direta às vitórias angariadas pelo movimento de ampliação dos direitos civis. Sua popularidade cresceu juntamente com o processo de integração racial nas escolas e, sintomaticamente, a maioria dos núcleos fora rapidamente organizada em regiões denominadas *Black Belts*, áreas nos

³³³ KRUGMAN, P. op.cit. p.11-12.

estados sulistas, caracterizadas por pradarias férteis e escuras, onde os brancos eram minoria e sentiam-se ameaçados.

[É] uma área que vem passando rapidamente por mudanças, mas que continua a ser um dos maiores núcleos da resistência sulista ao movimento dos direitos civis. É uma área ainda com raízes muito fortes em seu histórico de violência.³³⁴

Compostos basicamente por pequenos empresários e elementos de setores médios, seus membros e simpatizantes eram também facilmente encontrados entre os afiliados de clubes como *Rotary* e *Lyons*. O ativismo dos *Citizens' Councils* prezava por métodos educacionais e propagandísticos, procurando incitar a repressão econômica ao negro via boicote, fazendo uso da violência em menor escala. Daí podemos perceber a diferença central entre este tipo de proposta de abordagem segregacionista e aquela historicamente implementada pela *Ku Klux Klan*. Manifestavam suas angústias, projetos e ideologia em discursos públicos, via literatura, transmissões de rádio e televisão locais, sendo os dois últimos passíveis de realização graças ao estreitamento de laços com políticos locais. Segundo Diamond, os programas de rádio eram quase que subsidiados por impostos, uma vez que eram gravados nos estúdios do Congresso, a convite dos próprios deputados. Ainda segundo a autora, em 1962, cerca de ¼ dos deputados haviam sido entrevistados.³³⁵

Finalmente, há o *Liberty Lobby* (1957-2001), fundado por Willis Carto em 1957, abertamente racista, xenófobo e profundamente autoritário. O *Liberty Lobby*, além do anticomunismo virulento e racismo, expressava também considerável dose de conspiracionismo. Em sua visão, uma nova ordem mundial vinha sendo arquitetada pelo governo em aliança com banqueiros comunistas e já se infiltrava nos EUA pela implementação de medidas democratizantes e antissegregacionistas, sendo ratificada pela “mídia corrompida”.³³⁶ Desejava um sistema autoritário de governo baseado no mito do renascimento racial nacionalista.

Em prol disso, o *Liberty Lobby* desenvolveu institutos afins como o *Institute for Historical Review*, fundado em 1979, o *Populist Party*, em 1984, e a organização paramilitar *Nationbal Youth Alliance*, fruto das organizações da campanha presidencial de George

³³⁴ “Black belt of Alabama is a stronghold of XIX century racism”. *The New York Times*. February 14, 1965. “... an area that is undergoing rapid changes but remains one of the South's major strongholds of resistance to the civil rights movement. It is an area still very much rooted in its violent history.”

³³⁵ DIAMOND, S. (1995). op.cit. p.70-74.

³³⁶ BERLET, C.; LYONS, M. op.cit. p.185-196.

Wallace (1968) e que viria a se tornar a *National Alliance*, uma das mais importantes organizações neofascistas nos anos 90.³³⁷ O *Liberty Lobby* investiu também na produção de diversos materiais de mídia com o intuito de conscientizar e angariar adeptos. O primeiro deles fora o boletim *Right*, o qual divulgava as atividades realizadas por diversos aparelhos xenófobos de menor abrangência, dentre eles: *American Women's Party*, *Christian Party*, *Constitution Party*, *Interim Committee for a New Party*, *National Renaissance Party*, *Nationalist Conservative Party* e o *Nationalist Party*.³³⁸ O *Liberty Lobby* produziu ainda os periódicos *Spotlight* e *Liberty Letter*, este último de circulação sensivelmente maior que as fusionistas *National Review* e *Human Events*, além de livros, panfletos, boletins *on-line* e o programa de rádio semanal *Radio Free America*.³³⁹

Apesar de advogarem projetos de sociedade notadamente distintos, aparelhos fusionistas, como a *John Birch Society* e os periódicos *National Review* e *Human Events*, e segregacionistas, a exemplo do *Liberty Lobby* e do *Citizens' Councils*, apoiaram e financiaram, a partir de 1960, a campanha de diversos candidatos em comum. Fora esse o caso das candidaturas do republicano Barry Goldwater durante as eleições presidenciais de 1964 e do xenófobo George Wallace, candidato do *American Independent Party*, durante as presidenciais de 1968.

Além do suporte dos aparelhos, tais candidatos angariavam ainda o apoio de uma série de indivíduos inconformados com a presente configuração social. No caso específico de Goldwater:

Isso incluía os advogados dos direitos dos estados, homens ainda desejosos de vingança pela derrota do Senador Taft para o general Eisenhower na convenção de 1952, os discípulos do Senador McCarthy, os isolacionistas, os homens que acreditam que o vice-presidente Nixon se vendera ao 'liberalismo' e uma nova geração de universitários conservadores...³⁴⁰

Já Wallace tinha base de apoio ainda mais variada:

A *John Birch Society* tem sido uma fonte de talentos locais particularmente frutífera [para organização e trabalho de campanha]; em Washington, por exemplo, mais da

³³⁷ Idem, p.189.

³³⁸ DIAMOND, S. (1995). op. cit, p.85.

³³⁹ DIAMOND, S. (1995). op. cit, p.153. e BERLET, C.; LYONS, M. op. cit, p.185-194.

³⁴⁰ "Republican Old Guard rallying to Goldwater as its last hope". *The New York Times*. July 23, 1960. "These included the advocates of states' rights, the men who still want revenge for Senator Taft's defeat by General Eisenhower in the convention of 1952, the disciples of late Senator McCarthy, the jingoists and isolationists, the men who fell that vice-president Nixon has sold out to liberalism and a new breed of campus conservatives..."

metade dos 40 membros do seu comitê estadual de campanha são membros da *Society*. (...) Vez ou outra, comissões de campanha autônomas foram organizadas e integradas por um indivíduo pertencente à *Ku Klux Klan*, um *Minuteman* e um nazista americano.³⁴¹

Como já visto, esforços a partir de 1960 no sentido de formarem uma ponte entre seus representantes e a sociedade política não se restringiram à aliança desses aparelhos - que pelo menos naquele momento pode-se dizer que assumiram feições de partido - sendo observado o surgimento de novos aparelhos com propostas similares como o *Young Americans for Freedom*, a *Youth for Wallace* e a *National Youth Alliance*. Como se pode perceber, a eleição de ambos os candidatos e os esforços dedicados à mobilização popular na tentativa de elegê-los ocorreram exatamente durante os tumultuados, revoltosos, libertadores e inebriantes anos 1960. Acredito ser as transformações sociais vivenciadas naqueles anos, ou seja, o processo de luta em torno da democratização do reformismo o detonador fundamental para tal aliança estratégica.

A derrota dos dois candidatos à presidência não significou, entretanto, derrota ou retrocesso do avanço conservador. Ao contrário, todo o esforço de mobilização conjunta em torno não apenas das campanhas, mas principalmente em torno da formação de aparelhos e de ocasionais alianças estratégicas entre eles foram fundamentais para o desenvolvimento de projetos político-ideológicos bem definidos e para a construção de um bloco de apoio suficientemente forte para frear o avanço reformista. Esse longo processo de luta que se inicia, ainda que esparso, nos anos 1930 trará frutos proveitosos.

• **Movimentos sociais**

Fruto de longo processo de luta, os movimentos sociais em prol da ampliação dos direitos civis explodiram em diversas regiões do país nas décadas de 1960 e 1970. Mais do que qualquer período, tais décadas ficaram marcadas no imaginário social norte-americano como tempos de contestação e mudança, tempos de ampliação da própria ideia de cidadania e de luta pela tolerância.³⁴²

No início do capítulo, procuramos destacar a importância e o significado dos movimentos sociais (principalmente o sindical) e suas conquistas no campo dos direitos

³⁴¹ “George Wallace figures to win even if he loses”. *The New York Times*. April 17, 1968. “*The John Birch Society has been a particularly fruitful source of local talent; in Washington, for instance, more than half of his 40-member state campaign committee are said to be Society members. (...) At one time or another, freelance Wallace organizations have been put together by a Ku Klux Klan, a Minuteman, an American Nazi.*”

³⁴² PAMPLONA, Marco Antônio. *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995.

trabalhistas durante as décadas de 1930 e 1940. Entretanto, observamos que tais conquistas não foram asseguradas para a totalidade dos trabalhadores. A luta pela construção de organizações classistas mais consistentes na sociedade civil, por transformações no cenário social e pela democratização da sociedade política norte-americana de 1930 não se mostrou limitada por consistir em uma luta de cunho reformista - uma vez que a maioria das organizações não advogava projetos revolucionários ou de transformações profundas -, mas sim por ser esse mesmo reformismo muito pouco democratizado entre o conjunto dos trabalhadores e entrecortado pela questão racial.

Aqui jaz a especificidade do processo de construção do reformismo estadunidense. Se este tem como objetivo básico trazer soluções às crescentes reivindicações dos trabalhadores por meio da negociação entre as classes (como forma manter a própria estrutura de classes), encontrou nos EUA um terreno especialmente particular, onde o conjunto dos trabalhadores se encontrava marcado pela segregação de negros, latinos, judeus e asiáticos. Durante a década de 1930, “a estrutura fragmentada do movimento sindical, dividido em habilidades profissionais e disputas raciais, étnicas e religiosas”³⁴³ dificultava a formação de um coletivo unido pela problemática da classe. Os aparelhos ditos classistas³⁴⁴ mostravam-se entrecortados não pela diferença, que traz riqueza ao coletivo, mas pela segregação. Limoncic afirma que:

desde o fim das tentativas de integração social, econômica e política dos negros do período da Reconstrução, no pós-Guerra Civil, até a ascensão da CIO [*Congress of industrial Organizations*], a mão de obra negra viu-se sistematicamente rejeitada pelo movimento sindical, particularmente o liderado pela AFL [*American Federation of Labor*].³⁴⁵

O mesmo autor nos revela ainda quão delicado era o panorama dessas relações no Sul.

No sul, as empresas reproduziam os ‘hábitos locais’ de segregação racial, e os negros só tinham acesso aos postos mais baixos da linha de montagem e tal prática era apoiada, por exemplo, por várias seções estaduais do UAW [*United Auto Workers*], em flagrante contraste com a política nacional dos sindicatos. Por fim, a

³⁴³ LIMONCIC, F. (1999). op. cit. p.132.

³⁴⁴ Com relação às discussões acerca desse ponto, centrar-nos-emos no sindicato como primeira entidade classista. A opção pelo sindicato baseia-se muito mais em uma falta de informação por parte da autora sobre outras entidades classistas de grande porte do que em uma escolha propriamente dita.

³⁴⁵ LIMONCIC, F. (1999). op. cit. p.137.

cruzada do CIO contra os comunistas, tradicionais aliados dos trabalhadores negros do Sul, enfraqueceu decisivamente a empreitada.³⁴⁶

O diferencial trazido pelas décadas de 1960 e 1970 consistiu não exatamente no aprofundamento do reformismo. Socialmente, se observa a transmutação da base legislativa das conquistas para o assistencialismo. Democraticamente, temos uma extensão de direitos civis a grupos em certo sentido (legal e politicamente) ainda subordinados, posto que privados da cidadania em sua forma plena.

As reivindicações observadas em 60 e 70 conjugaram lutas pela ampliação e consolidação dos direitos civis. Ao movimento em prol dos direitos civis dos afro-americanos e a luta pela abolição do *Jim Crow*³⁴⁷, juntavam-se os movimentos em favor de outras minorias como hispânicos, indígenas, mulheres e homossexuais. Discussões outrora pouco tocadas ou deliberadamente relegadas ao âmbito do pecado -como a revolução sexual, o amor livre, a preservação do meio ambiente, o aborto e métodos contraceptivos- adentraram como um furacão pela porta da frente, juntamente com iniciativas de oposição feroz à política externa norte-americana. Popularizam-se, particularmente entre os jovens, movimentos a favor da paz, contra a guerra, e nesse caso mais especificamente, pela saída dos EUA do Vietnã.

Tais reivindicações faziam parte, seguramente, de um processo complexo de lutas que, naquele momento, explodiram de forma dramática, iniciando um movimento concreto de renovação social em várias direções. Esse processo obteve os primeiros sucessos em 1946, com a criação do Comitê Presidencial sobre os Direitos Civis. No ano seguinte, o mesmo comitê trouxe a público o relatório intitulado “Para assegurar esses direitos”, que propunha leis federais antilinchamento e antissegregação, garantia ao direito de voto, iguais oportunidades de emprego e a proposta de estabelecimento de uma comissão permanente para assegurar os direitos civis no Ministério da Justiça³⁴⁸.

As administrações Kennedy e Johnson buscaram, assim, solidificar a agenda de ampliação da cidadania e inclusão social tão reivindicada por organizações como SNCC

³⁴⁶ Idem, p, 137-138. Para maiores discussões ver: SALVATORE, Nick (org). *Seventy years of life and labor. An autobiography. Samuel Gompers*. New York: ILR Press, s.d. LICHTENSTEIN, Nelson. *Walter Reuther: the most dangerous man in Detroit*. Chicago: Univ. of Illinois Press, 1995. LICHTENSTEIN, Nelson. From corporativism to collective bargaining: organized labor and the eclipse of social democracy in the postwar Era. In: FRASER, S.; GERSTLE, G. (orgs). *The rise and fall of the New Deal order, 1930-1980*. Princeton: Princeton Univ. Press, 1989.

³⁴⁷ Sistema de segregação racial institucionalizada adotado em 1890 por muitos estados norte-americanos.

³⁴⁸ PAMPLONA, M. A. op.cit., p.74.

(*Student Non-violent Coordinating Committee*), CORE (*Congress of Racial Equality*) e NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*), militantes como Martin Luther King e tantos outros manifestantes. Seus respectivos programas “Nova Fronteira” e “Grande Sociedade” procuraram expandir (o segundo mais que o primeiro) as responsabilidades do governo federal para com os direitos civis. É dessa época a nova lei de imigração, que elimina as restritivas cotas nacionais estabelecidas desde os anos 1920. Entra em vigor igualmente a lei dos direitos civis, garantindo proteção federal para que o negro pudesse votar. Seguem-se outras medidas como a ação afirmativa, a constituição da Comissão Especial para Desordens Civis e a legalização do aborto em certos casos.

Contudo, menos atenção foi dada às políticas de bem-estar. Pouco foram ampliados os direitos em torno do bem-estar, não sendo observadas mudanças contundentes no que diz respeito à ampliação dos direitos do trabalhador em relação à saúde, educação, habitação, redução da jornada de trabalho etc. O que se vê é uma guinada do reformismo em outro sentido, no qual os direitos ao bem-estar seriam cada vez mais substituídos por programas temporários, assistencialismo e trabalho voluntário, afastando-se, portanto, da tradição do reformismo democrata de 1930.

Alguns exemplos dessa mudança de caráter do reformismo podem ser percebidas desde a década de 1950, quando do conflito entre os projetos encabeçados pelas duas grandes centrais sindicais - CIO em favor da ampla negociação e AFL favorável à negociação desvinculada, por empresa - saindo vitoriosa a AFL, fundindo-se à CIO e rearticulando a luta da agora megacentral AFL-CIO em torno de reivindicações de bem-estar privado, ou seja “benefícios” fornecidos por cada empresa a partir das reivindicações dos respectivos sindicatos de seus trabalhadores.

Eles [os trabalhadores sindicalizados] exigiam que seus locais de trabalho fossem governados pelo pleno domínio da lei e que os empregadores respeitassem os direitos dos locais de trabalho que os sindicatos tinham estabelecido; mas faltando a autonomia e a especialização que tinham feito o trabalho o elemento central da identidade dos artesãos do século XIX, eles constantemente buscavam a satisfação pessoal não no “controle dos trabalhadores”, mas nas reluzentes variedades de produtos e entretenimentos disponíveis no mercado. Nos anos 1950, milhões desses trabalhadores sindicalizados tinham ganhado segurança no trabalho e níveis salariais necessários para participar plenamente do mercado consumidor...³⁴⁹

³⁴⁹ FRASER, S.; GERSTLE, G. op.cit. p.xvi. “*They demanded that their workplaces be governed by an enlightened rule of law and that employers respect the workplace rights that their unions had established; but, lacking the autonomy and skill that had made work the central element of the nineteenth-century craftsman’s identity, they increasingly sought personal satisfaction not in “workers control” but in the glittering array of goods and entertainments made available by the marketplace. By 1950, millions of these unionized workers had won the job security and wage levels necessary to participate fully in the consumer marketplace...*”

E mesmo tais conquistas parciais nem sempre foram frutos da ação e organização integrada do conjunto dos trabalhadores e que, em muitos aspectos, faz esse período parecer marcado por vínculos parcos entre as lutas democráticas e as lutas sociais.

Nos anos 1960, o sindicalismo norte-americano ver-se-ia atacado em duas frentes. De um lado, tendo sido incapaz de incorporar organicamente a mão de obra negra, deixando-a, em grande parte, fora dos benefícios privatizados do fordismo keynesiano, ele não foi capaz de fazer frente, adequadamente, à explosão racial iniciada ainda nos anos 1950. (...) [E, por outro, os] movimentos sociais de emancipação das mulheres, contra a Guerra do Vietnã, a *New Left*, a contracultura etc., muitas vezes chegaram mesmo a se opor ao AFL-CIO, crescentemente identificado, não sem razão, ao *mainstream* da política norte-americana.³⁵⁰

Algo similar pode ser observado posteriormente em agências como o *Office of Economic Opportunity*³⁵¹, responsável por administrar a aplicação no nível estadual dos fundos federais em **programas temporários** como o *Volunteers in Service to America* (VISTA), *Job Corps*, *Community Action Programm* e *Head Start*, todos eles parte da “Guerra contra a Pobreza” de Johnson, ou em políticas assistencialistas como os famosos *Foodstamps* (vales-alimentação providos pelo governo Kennedy e mantidos por outras administrações democratas) e programas de **assistência** à saúde como o *Medicare* (ajuda federal aos idosos) e o *Medicaid* (sistema de assistência social), aprovados em 1965. Soma-se a isso o polêmico *Community Action*, programa federal implementado em 1964 em conjunto com ONGs e a população local para o desenvolvimento de programas assistenciais.

O que se tem aqui não é exatamente uma proposta de aumento do emprego regularizado, com direitos e garantias, mas a “ponta do iceberg” de um problema que só tenderá a se aprofundar com o correr do século XX e entrada no XXI: a precarização do trabalho. Em lugar do emprego, é oferecido o trabalho voluntário, orientação e auxílio em missões beneficentes em casa e no estrangeiro (no caso dos Corpos da Paz). Em lugar de direitos universais à segurança social e à saúde pública e ampla, é oferecida assistência focalizada. A opção por programas ao invés da ampliação da legislação trabalhista em torno de crescentes direitos sociais enfraqueceu o reformismo. Não que uma legislação não pudesse ser contestada ou até mesmo derrubada, mas certamente seria bem mais fácil acabar com um programa, cortar seus fundos ou impossibilitar seu funcionamento.

³⁵⁰ LIMONSIC, F. (1999). op. cit.,p.140.

³⁵¹ Essa agência, juntamente com muitos de seus programas, foi fechada por Nixon em 1973, dando continuidade a um processo de desmantelamento de agências de ampla negociação iniciado por Truman.

A hipótese que levantamos é que o problema da precarização da qualidade de vida estava sendo construído desde este momento. Não foi algo que surgiu somente a partir de Reagan e da vitória do neoliberalismo nos EUA. Certamente se aprofundou, mas é com essa virada do reformismo que a segunda grande crise do século XX - a de fins de 1970 e início de 1980 - começa se desenhar. Os fins da década de 1970 não descortinam apenas uma crise econômica, mas uma crise social geral, uma crise da alternativa de capitalismo reformado, uma crise daquilo que representava o *New Deal* em termos de ação social e de memória. Como visto nas seções anteriores, contra projetos nunca deixaram de existir e crescia a mobilização em torno principalmente de propostas de liberalismo renovado.

A revisão do reformismo (também conhecido como *New Deal Order*) feita por alguns autores da *New Left Review* norte-americana³⁵² segue também nesse sentido e, ainda que com algumas pequenas discordâncias em torno de datas exatas, os autores dessa corrente apontam a década de 1940 como um divisor de águas na história do reformismo norte-americano. É criticada a visão oficial do Partido Democrata e reforçada pela historiografia tradicional, especialmente Schlesinger Jr., na qual a Grande Sociedade seria um desdobramento lógico do compromisso Democrata com a reforma social, a parte final de um processo iniciado com o *New Deal*, passando pelo *Fair Deal* e a Nova Fronteira. Defendem que o reformismo não foi um processo linear e que, assim como assinalamos com respeito ao Partido Republicano e os aparelhos conservadores, havia projetos em disputa dentro do Partido Democrata e dos aparelhos afinados com a reforma do sistema.

Alan Brinkley identifica, desde os fins da década de 1930, dois projetos concorrentes dentro do Partido Democrata: um primeiro, assentado no que se chama de regulação, no qual o Estado tem um papel importante no controle das instituições capitalistas; um segundo, identificado como keynesianismo, no qual o Estado estimula o crescimento meramente pela intervenção fiscal e monetária. Segundo o autor, a visão keynesiana fora ganhando espaço com as pressões econômicas do período de 1937-1945 e mais ainda com a recuperação da crença no capitalismo que seguiu o segundo conflito mundial.³⁵³

³⁵² Assim como a *New Left* britânica, a norte-americana igualmente surge na década de 1960 inspirada pelos movimentos e reivindicações sociais da época. Também à semelhança da britânica, a *New Left* norte-americana rapidamente restringe suas atividades somente à produção acadêmica.

³⁵³ BRINKLEY, Alan. The New Deal and the idea of the State. In: FRASER, S.; GERSTLE, G. op.cit.p.85-121.

Nelson Lichtenstein e Ira Katznelson discutem a mudança adotando a nomenclatura “keynesianismo social” e “keynesianismo comercial”³⁵⁴. O primeiro, discutindo os conflitos dentro do movimento sindical, mostra, em inícios dos anos 1940, que a proposta do “keynesianismo social” perdia força dentro do Partido Democrata e dentro do movimento sindical, restringindo-se à ala “progressista” desse último, bem como a ala “liberal-esquerdista” Partido Democrata. Mas somente em fins da década a questão se definiria em favor dos “keynesianos comerciais”.³⁵⁵

Já Katznelson se debruça sobre a “Grande Sociedade”, argumentando que as transformações nos anos 1940 configuraram e limitaram os programas sociais dos anos 1960.

A contração do espaço político da esquerda na política Americana nos anos 1940 redefiniu as forças sociais reduzindo as possibilidades da social-democracia no Partido Democrata e redirecionou o *locus* do debate político de questões de organização social e relações de classe para questões técnicas de economia e políticas de grupos de interesses. (...) A Grande Sociedade, por sua vez, reforçou e exagerou aspectos das política Americana que somente começaram a aparecer nos anos 1940: a redução do trabalho a um grupo de interesse; a centralidade da raça; política econômica e escolhas políticas feitas por economistas.³⁵⁶

Para ele, a “Grande Sociedade” foi uma oportunidade perdida em vários sentidos: em primeiro lugar porque a crescente influência do “keynesianismo comercial” tornava inconcebível uma interferência pública extensa junto ao trabalho e à renda, aos moldes da social-democracia europeia; em segundo porque o movimento operário aproveitou muito pouco a “Guerra contra a Pobreza” para levantar e mobilizar a sociedade em torno de questões fundamentais como a má distribuição de renda e poder; finalmente porque o próprio Partido Democrata não aproveitou a janela de efervescência social oferecida pelos movimentos em prol dos direitos civis para fazer aprovar um programa de pleno emprego e manutenção da renda.

³⁵⁴ Designações propostas pelos sociólogos Theda Skocpol e Margareth Weir. O Keynesianismo social estaria relacionado a um programa de regulação mais intenso, prevendo a intervenção direta do Estado no capital, trabalho e mercado de consumo. Já o keynesianismo comercial mostra-se mais limitado com respeito a intervenções sociais, atendo-se a políticas fiscais, como subsídios, impostos, taxa de juros e valorização/desvalorização da moeda.

³⁵⁵ LICHTENSTEIN, Nelson. From corporatism to collective bargaining: organized labor and the eclipse of social democracy in the postwar Era. In: FRASER, S.; GERSTLE, G.op.cit.p.122-153.

³⁵⁶ KATZNELSON, Ira. Was the Great Society a lost opportunity? In: FRASER, S.; GERSTLE, G.op.cit.p.187. “*The contraction of political space for the Left in American politics in the 1940’s redefined the social forces undergirding social democratic possibilities in the Democratic party, and changed the locus of political debate from questions of social organization and class relations to issues of technical economics and interest group politics. (...)The Great Society, in turn, reinforced and exaggerated features of American politics that had only begun to appear in the 1940’s: the reduction of labor to an interest group; the centrality of race; an economist’s of public policy and political choice.*”

Assim, construiu-se uma imagem, por sinal bastante popular, de que a “Grande Sociedade” e a “Guerra contra a Pobreza” defendiam agendas raciais, mais do que sociais, não tardando em aprofundar os ressentimentos de parcela do operariado e dos setores médios brancos contra o Partido Democrata.

A subsequente virada à Direita que culminou com a eleição do presidente Reagan em uma explícita plataforma pró-mercado e anti-estado com significativo apoio da classe trabalhadora foi, portanto, facilitada pelo modo como a Grande Sociedade consolidou a trajetória dos anos 1940.³⁵⁷

Parece, assim, um tanto peculiar a construção do reformismo na “América”. Sem desprezar as conquistas dos setores subordinados, acredito que as décadas de 1960 e 1970, assim como anteriormente em 1930, consistiram em momentos importantes, quando setores da classe dominada e setores dominados da classe dominante realizaram concretamente muitas de suas reivindicações, conquistando espaço na sociedade política para implementar, pelo menos, parte de seus projetos. É certo que o dissenso sempre existiu, mas foi durante essas décadas de reformismo, apesar das disputas e transformações em seu decorrer, que as investidas em prol de uma sociedade mais democrática resultaram em medidas efetivas em favor dos mais diversos grupos sociais subordinados.

Entretanto, não seria sensato presumir tampouco que as vitórias conquistadas nesse momento, ainda que mudando o caráter da “América”, alteraram significativamente as relações de subordinação. As crises sociais acabaram por resultar numa reorganização da classe dominante como forma de assegurar a dominação e o desenvolvimento continuado das forças produtivas.³⁵⁸

Parece claro, portanto, que, ao longo desse árduo e conturbado processo de luta observado desde os anos 1930, a perda da posição dirigente da fração do capital ligada às indústrias de trabalho intensivo [*labor intensive industries*] voltadas para o mercado interno e alinhadas com do projeto liberal-segregacionista decerto modificou as relações de força na sociedade norte-americana, como evidenciado pelo crescimento de importância das frações do capital ligadas ao setor financeiro e às indústrias de capital intensivo [*capital intensive*

³⁵⁷ Idem.p.187. “*The subsequent turn to the Right that culminated in the election of President Reagan on an explicit pro-market, anti-state platform with significant working-class support thus was facilitated by the way the Great Society embedded the trajectory of the 1940’s.*”

³⁵⁸ BOTTOMORE, Tom. Antonio Gramsci. In: *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.p. 165-167.

industries] e pela ampliação dos direitos civis e sociais. É isso que vemos mais profundamente na próxima seção.

c. A crise do reformismo e o avanço do neoliberalismo nos EUA: a construção de um novo paradigma de produção e reprodução da vida

- **Transformações na estrutura produtiva: acumular pela repetição e acumular pela flexibilidade**

Desde o fim da Guerra de Secessão, são observadas importantes transformações de caráter econômico com o crescimento do monopólio nos EUA. O fim do dramático conflito civil abriu as portas para importantes transformações no cenário social norte-americano, entre elas, a abolição da escravidão, o estabelecimento de uma democracia segregacionista e o longo processo de construção de monopólios ou fusão do capital.

Este último movimento fora em muito proporcionado pela ampliação da malha ferroviária e pelo estreitamento dos laços políticos e econômicos entre Oeste e Nordeste. Segundo Poulantzas, a fusão apresenta dois aspectos: o processo de concentração do capital produtivo-industrial e o processo de centralização do capital bancário na forma do capital financeiro. Didaticamente apresentados em separado pelo autor, ambos os aspectos, ainda que distintos, devem ser entendidos de forma relacional. O primeiro aspecto do monopólio concerne especificamente ao capital industrial, único que produz valor, base real da acumulação - posto que extrator de mais-valia - sendo marcado pela “reunião de várias unidades de produção e capitais produtivos, referentes a um ou vários ramos da produção social.” O segundo surge muitas vezes em decorrência do primeiro, pela via indireta das sociedades por ações (S.A.), constituindo um “capital misto onde intervém a centralização do capital-dinheiro reagrupado para funcionar como capital produtivo único”³⁵⁹.

A interação e interpenetração complexa do capital só vêm acentuar a acumulação, essência e o coração da função capitalista, buscando estimular a produtividade e o barateamento do valor das mercadorias e da força de trabalho. Aperfeiçoamentos técnicos, inovações trazidas pela mecanização ou por novas técnicas de organização da produção

³⁵⁹ POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.p.116-119. Segundo o autor, a fusão entre capital bancário e produtivo, contudo, não designa necessariamente uma absorção das indústrias pelos bancos e uma dominação do setor bancário.

acarretam um impacto significativo na produtividade exatamente por dispensar mão de obra e intensificar o trabalho daqueles remanescentes, além de intensificar o próprio campo de investimentos.

Marx afirma que o crescimento dos monopólios e intensificação da tendência à concentração e centralização aumentam exponencialmente os excedentes, sem criar, contudo, mecanismos necessários à sua absorção dos mesmos, o que geraria na economia um efeito depressivo. Partindo dessa premissa, Baran e Sweezy³⁶⁰ argumentam que este processo ter-se-ia iniciado nos EUA com o fim da Guerra Civil, sendo atenuado ou adiado graças a estímulos externos, dentre os quais a ampliação da malha ferroviária e a Primeira Guerra Mundial. Esses dois estímulos agiriam contrabalanceando a tendência à queda da taxa de lucro e o efeito depressivo, criando saídas de investimento, ainda que, temporárias para o capital.

Para os autores, a ferrovia, inovação tecnológica mais marcante do XIX, abalou toda a estrutura econômica, criando, além do capital que absorveu diretamente, vastos mercados para investimentos. A estrada de ferro absorveu enormes quantidades de capital - “de 1850 a 1900 os investimentos nas estradas de ferro excederam os investimentos em todas as indústrias manufatureiras juntas”³⁶¹, “de 1865 a 1895 (...) a milhagem ferroviária norte-americana multiplicou-se quatro ou cinco vezes...”³⁶² -, incentivou novos financiamentos, impulsionou outras indústrias (siderúrgica, construção civil, vidro, têxtil, química, etc.) e o surgimento de serviços, deu origem a novos mercados pelo movimento migratório (interna e externa) e pelo surgimento de novas comunidades.

Tudo isso - tantos investimentos de tão grande porte - só foi possível graças ao movimento de concentração e centralização do capital. Em contrapartida, são exatamente os estímulos externos e, naturalmente, o aumento do consumo que proporcionaram sobrevida, fôlego extra ao capital monopolista para continuar sua expansão, construindo a atordoante sensação de infundáveis eras douradas. Sem eles, a depressão teria precedido em muito a 1930.³⁶³

Já o estreitamento das relações entre as duas regiões fora iniciado antes mesmo da eclosão do conflito civil, ainda na segunda metade do século XIX, com a intensificação das

³⁶⁰ SWEEZY, Paul; BARAN, Paul. *Capital Monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

³⁶¹ SWEEZY, P.; BARAN, P. op.cit. p.220.

³⁶² DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.298.

³⁶³ Idem.p.218-247.

relações comerciais. A ferrovia aqui também muito contribuiu, proporcionando prosperidade econômica para ambas as regiões e também maior interação social e cultural. O trem não levava somente produtos, mas também pessoas, ideias, investimentos e financiamentos. Antes mesmo de existir concretamente, esse transporte já gerava enorme impacto social por sua capacidade de fazer circular. A locomotiva encurtou as distâncias entre a matéria-prima e a indústria e também encurtou o tempo, criando novos padrões sociais e hábitos de trabalho.

Os laços foram se estreitando ainda mais com os acordos políticos. Em 1862 Lincoln promulgou o *Homestead Act*, tratado que incentivava a ocupação do Oeste por meio da concessão de lotes de terra gratuitos, iniciando o processo de colonização interna, popularmente conhecido como marcha para o Oeste. A burguesia nortista apoiou a reivindicação do pequeno agricultor por terras, e este, por sua vez, apoiou a proposta nortista de elevação da tarifa aduaneira e proteção da indústria/manufatura nacional.

A aliança, muito mais que política, selada entre industriais do Nordeste e o pequeno agricultor do Oeste (*farmer*) garantiu a democracia nos EUA, forçando a grande propriedade rural (no caso os produtores sulistas) a negociar, evitando, assim, a via prussiana.³⁶⁴ A Guerra Civil, ponto culminante desse processo - podendo ser considerada como momento no qual explode a guerra de movimento - termina por marcar a morte da civilização escravista em seu sentido mais amplo de sistema social, ou seja, de estrutura de classes, de comunidade política, de produção, de ideologia e de padrões psicológicos.³⁶⁵ Representa, por outro lado, o enraizamento e avanço das relações capitalistas nos EUA como um todo.

Tal avanço, contudo, não tomou forma de simples expansão das relações capitalistas, dando também um salto qualitativo, colhendo os doces frutos da acumulação continuada, proporcionada pelo intenso comércio, pelos largos e variados investimentos, pelo aumento das exportações de produtos e capitais, e pelo excedente gerado pelos pequenos produtores.

Um primeiro aspecto dessa mudança qualitativa pode ser visto no desenvolvimento de relações de dominação/subordinação do tipo imperialistas. Diferentemente de Hilferding, que em *O capital financeiro* entendeu o monopólio como desenvolvimento da expansão capitalista em termos quantitativos, o monopólio propicia também um avanço qualitativo no sentido do desenvolvimento das relações imperialistas. Ao analisar a situação da Inglaterra, ainda que

³⁶⁴ MOORE Jr. Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. Lisboa: Martins Fontes, 1967.

³⁶⁵ GENOVESE, Eugene. *A economia política da escravidão*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

com escasso material empírico, Marx observa, em *O Capital*, o surgimento de uma “nova divisão internacional do trabalho, adequada às principais sedes da indústria mecanizada, que transformam parte do globo terrestre em campo de produção preferencialmente agrícola para o outro campo preferencialmente industrial.”³⁶⁶ Um estudo do capitalismo contemporâneo, do sistema internacional contemporâneo e das relações de dominação/subordinação não deve deixar de levar essa essencial esfera em conta. O imperialismo constitui uma nova forma de acumulação progressiva do capital dos países centrais, reordena as relações internacionais, inaugurando uma nova fase na divisão internacional do trabalho e criando novas contradições. Foi essa impressionante acumulação continuada que permitiu aos EUA iniciar sua investida imperialista sobre os territórios do Caribe em fins do XIX e início do XX.

Outro aspecto fora a introdução significativa de novas técnicas que revolucionariam a organização da produção, as relações de trabalho, hábitos sociais e padrões de consumo no século XX. Responsáveis diretos pela invenção e aplicação dos novos métodos, Frederick Taylor e Henry Ford tinham em mente justamente o aumento da produtividade e, para tal, investiram pesadamente na racionalização da produção, direcionada principalmente para a decomposição do saber operário, pela separação entre concepção e execução; a economia de tempo, pela redução da porosidade no trabalho; a disciplinarização da força de trabalho. A questão era, e ainda é, bem simples: Como produzir mais, em tempo menor e por menor custo. Taylor dera o primeiro grande passo quando em seu *Princípios da administração científica* mostrou como

a produtividade do trabalho podia ser radicalmente aumentada através da decomposição de cada passo do processo de trabalho em movimentos componentes e da organização de tarefas de trabalho fragmentadas segundo padrões rigorosos de tempo e estudo do movimento.³⁶⁷

Esse movimento de decomposição e fragmentação apresenta duas faces, política e econômica, que deram origem a uma nova relação de forças entre as classes. Antes da disseminação das técnicas tayloristas, a classe operária detinha ainda um interessante trunfo, um elemento da vida ainda não tornado mercadoria, e que consistia num modo de resistência à intensificação do trabalho. Esse trunfo era o controle operário sobre o saber do ofício e

³⁶⁶ MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. Tomo 2. São Paulo: Abril cultural, 1984. p. 63-64.

³⁶⁷ HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2008. p.121.

consequentemente sobre os tempos da produção, apesar da introdução de maquinário simples na produção.³⁶⁸

O cerne da ação de Taylor se concentra, então, nesse problema em especial, procurando dissociar concepção e execução, estabelecendo uma produção pautada em um conjunto de gestos concebidos, calculados e controlados não mais pelos operários, mas pela gerência. Aos operários caberia, agora, somente executar uma dada função definida sob os olhos atentos da direção. Cresce, assim, a importância do gerente (responsável pelo controle) e do engenheiro (responsável pelo estudo da produção e sua fragmentação). Cresce também a importância do cronômetro. Segundo Coriat,

O cronômetro, antes de tudo, é um instrumento político do domínio sobre o trabalho. Tecnologia e técnica pormenorizada do controle dos corpos no trabalho. (...) Ao organizar o fazer e o trabalho sobre uma nova base “científica”, o cronômetro assegura uma mudança desde o “regime” até à acumulação do capital.³⁶⁹

Controle do saber, controle do trabalho e controle do tempo, essa foi a contribuição do taylorismo à produtividade e à acumulação capitalista. A consequência da fragmentação de conhecimento e trabalho, que possibilita maior produtividade, é a redução dos tempos mortos, tempos não trabalhados durante a produção, tempos outrora gastos pelo trabalhador com atividades de concepção. Em outras palavras, é o aumento da mais-valia relativa. Essa realidade ficará ainda mais explícita quando da implementação da legislação trabalhista, com a regulamentação da jornada de trabalho de 8 horas e a proibição do trabalho infantil.

Há pouco, mencionei o crescimento e deslocamento populacional vivenciado pelos EUA durante a segunda metade do século XIX. O crescimento deveu-se principalmente à imigração e não é difícil imaginar a importância dessa injeção de mão de obra num momento de expansão. Novos braços eram importantes para dar vazão à demanda proporcionada pelos novos e crescentes investimentos. Eram importantes também para a formação de exército industrial de reserva, garantindo em patamares baixos os gastos com capital variável.

O exército industrial de reserva pressiona durante os períodos de estagnação e prosperidade média o exército ativo de trabalhadores e contém suas pretensões durante o período de superprodução e paroxismo. A superpopulação relativa é, portanto, o pano de fundo sobre o qual a lei da oferta e da procura de mão-de-obra se

³⁶⁸ CORIAT, Benjamim. *El taller y el cronometro: ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa*. México: Siglo Veintiuno, 2005.p.23-38.

³⁶⁹ Idem. p.2 e 37. “*el cronómetro es, ante todo, un instrumento político de dominación sobre el trabajo. Tecnología y táctica pormenorizada del control de los cuerpos en el trabajo. (...) Al organizar el taller y el trabajo sobre una nueva base ‘científica’, el cronometro asegura un cambio ‘de régimen’ a la acumulación del capital.*”

movimenta. Ela reduz o raio de ação dessa lei a limites absolutamente condizentes com a avidez de explorar e a paixão por dominar do capital.³⁷⁰

Entretanto, o tipo do novo trabalhador ingressante na América do Norte seria especialmente relevante para a expansão das técnicas tayloristas e fordistas. Quem eram esses homens? O que diferenciou basicamente essa nova leva imigratória da primeira? Os estudos de Coriat demonstram que a origem dos novos ingressantes era bem mais variada que a primeira - composta basicamente de indivíduos vindos do nordeste da Europa -, chegando do leste e sudeste europeu, dentre os quais destacamos italianos e judeus, além dos oriundos da Irlanda e da Ásia, em especial da China e do Japão. Esses homens eram em sua maioria camponeses recém-expropriados, sem maior qualificação ou conhecimento do trabalho industrial. Mas, o mais importante era o fato de não estarem organizados em torno de nenhuma entidade de defesa, não pertencendo a nenhum sindicato ou organização trabalhista. Sua ignorância sobre o fazer na indústria em nada afetava as fábricas que adotavam técnicas organizacionais tayloristas, justo porque um trabalho parcelarizado não exigia grandes qualificações. As atividades eram de tal modo restritas, que se tornavam facilmente executáveis por qualquer um, sem necessidade de se perder tempo com treinamento. Além disso, o que poderia desejar mais um patrão do que um exército de empregados sem o empecilho de organismos de defesa?

Desta forma, Taylor possibilitou a entrada maciça de trabalhadores não especializados na produção. Com ele, o sindicalismo foi derrotado em duas frentes. Pois progressivamente quem é expulso da fábrica não é somente o mestre de ofício, mas também o trabalho sindicalizado e organizado. A entrada dos “não especializados” no fazer não é simplesmente a entrada de um trabalhador “objetivamente” menos caro, mas também a entrada de um trabalhador não organizado, privado da capacidade de defender o valor de sua força de trabalho.³⁷¹

Ford aprimorou, então, as ideias de Taylor, relacionando as novas técnicas de produção à nova conjuntura de mercado, ampliado com a chegada dos novos imigrantes, com o crescimento dos centros urbanos e o surgimento de novos em direção ao Oeste. A contribuição de Ford reside no reconhecimento de que o aumento da produção deveria ser também uma produção em massa, standardizada, e que esta deveria vir conjugada não

³⁷⁰ MARX, Karl. *O capital*. Vol.1.tomo II. São Paulo: Nova Cultural,1986. p.269.

³⁷¹ CORIAT, B. (2005). op.cit. p.31. “*De esta forma, Taylor hace posible la entrada masiva de los trabajadores no especializados en la producción. Con ello, el sindicalismo es derrotado en dos frentes. Pues quien progresivamente es expulsado de la fabrica, no es solo el obrero de oficio, sino también el obrero sindicado y organizado. La entrada del “unskilled”, en el taller no es solo la entrada de un trabajador ‘objetivamente’ menos caro, sino también la entrada de un trabajador no organizado, privado de capacidad para defender el valor de su fuerza de trabajo.*”

apenas com aumento de consumo, mas com o consumo de massa. Não bastava um simples aumento da produção, passível de maior consumo por setores mais bem remunerados ou pela ampliação da exportação, Ford pensava em criar maneiras de massificar a produção e o consumo, transformando o trabalhador operário em um consumidor para além de suas necessidades imediatas. Era preciso criar novos hábitos de consumo, hábitos de consumo racional e de massa.

A correia transportadora, aliada às técnicas tayloristas, possibilitou a produção em massa. Na linha de montagem, a divisão do trabalho era ainda mais intensa dada a subdivisão da própria atividade de execução em movimentos parcelarizados; o tempo era regulado mecanicamente, imprimindo o ritmo de trabalho desejado e o fluxo contínuo da produção; ademais, peças e ferramentas eram intercambiáveis, de modo a permitir a produção de mercadorias estandardizadas. O ritmo acelerado da correia fordista transformaria ainda mais tempos mortos em trabalho produtivo, intensificando ainda mais o labor e, conseqüentemente, imprimindo caráter mais violento à produção. Surgia, então, a produção em série de mercadorias estandardizadas, ou seja, a produção em massa.

Todavia, para além da esfera da produção, o fordismo suscitou um impacto na vida social como um todo, produzindo hábitos e padrões de consumo, uma nova estética e a mercadificação da cultura³⁷². Um ‘novo homem’ surgiu com o fordismo. “A vida na indústria exige um aprendizado geral, um processo de adaptação psicofísica a determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes etc., que não é algo inato, ‘natural’, mas exige ser adquirido...”³⁷³

A construção desse processo fora particularmente interessante nos EUA, sendo possível identificar ligações estreitas entre a racionalização do trabalho e o aprofundamento do moralismo e do proibicionismo. Gramsci e Harvey recordam o interesse de industriais - Ford em especial- pela vida íntima de seus empregados, sua estrutura familiar, seus hábitos cotidianos, inclusive os sexuais.

...em 1916, Ford enviou um exército de assistentes sociais aos lares dos seus trabalhadores “privilegiados” (em larga medida imigrantes) para ter certeza que o “novo homem” da produção de massa tinha o tipo certo de probidade moral, de vida

³⁷² HARVEY, D. op.cit. p.131.

³⁷³ GRAMSCI, A. (2007). op.cit. p.251.

familiar e de capacidade de consumo prudente (isto é, não alcoólico) e ‘racional’ para corresponder às necessidades e expectativas da corporação.³⁷⁴

O peculiar cuidado com a moral e os “bons costumes” causa estranhamento à primeira vista, mas em realidade se encontravam profundamente relacionados com o novo paradigma de racionalização e disciplina. A partir deles podemos entender o papel central assumido não só pelo consumo de massa, mas pelo consumo racional. No modo de vida fordista, deparamo-nos com uma questão mais profunda: a de **como** gastar. Não, não basta ganhar cinco dólares por dia, nem ter jornada limitada a 8 horas. É preciso saber gastar esse dinheiro, o dito salário alto; é preciso saber usar o tempo livre de forma racional; é preciso não gastar nem se desgastar com coisas inúteis.

O abuso e a irregularidade das funções sexuais são, depois do alcoolismo, os inimigos mais perigosos das energias nervosas e é observação comum que o trabalho “obsessivo” provoca depravação alcoólica e sexual. (...) quem trabalha por salário, com um horário fixo, não tem tempo para dedicar à procura do álcool. (...) A “caça à mulher” exige bastante “ócio”; no operário de tipo novo se repetirá, sob outras formas, o que ocorre nas aldeias camponesas. (...) Aparentemente, isso faz com que a função sexual se torne mecânica; mas, na realidade, trata-se de uma nova forma de união sexual, sem as cores “fascinantes” da fantasia romântica própria do pequeno-burguês e do boêmio vadio. Revela-se claramente que o novo industrialismo quer a monogamia, quer que o homem-trabalhador não desperdice suas energias nervosas na busca desordenada e excitante da satisfação sexual ocasional: o operário que vai para o trabalho depois de uma noite de “orgias” não é um bom trabalhador; a exaltação passional não pode se adequar aos movimentos cronometrados dos gestos produtivos ligados aos mais perfeitos automatismos.³⁷⁵

A história dos EUA está recheada de exemplos de medidas implementadas por entidades privadas e pelo poder público (na forma de políticas públicas) visando à construção de hábitos racionais de consumo de massa. A lei seca, a criminalização da vadiagem (melhor dizendo, do desemprego), da prostituição e do jogo, bem como o incentivo ao lazer familiar (ir ao circo ou aos jogos de *baseball*), podem ser melhor e mais profundamente entendidos nesse contexto de construção de novos hábitos e de incorporação de uma autodisciplina do que por um mero surto de moralismo. Da mesma forma, a política dos altos salários, ainda que não muito duradoura nem democraticamente expandida, visava criar um certo padrão de vida que possibilitasse maior consumo (desde que bem direcionado, claro). Como mais uma vez lembra Gramsci, coerção deve ser sabiamente combinada com a persuasão e o consenso.

O autor percebera a importância e a inter-relação desses elementos antes mesmo da Grande Depressão, ainda na década de 1920. Acreditamos, porém, ser razoável pensar que

³⁷⁴ HARVEY, D. op.cit.p.122.

³⁷⁵ Idem.p.268-269.

esse processo, essas relações e o conjunto de hábitos se estenderam para além da Depressão, adentrando a segunda metade do século XX. Podemos, inclusive, estabelecer uma comparação entre as décadas de 1920 e 1950, dois momentos marcantes de euforia, conhecidos como épocas douradas. Nos anos 1920 podia-se falar do nascimento de uma sociedade de consumo, proporcionada pelo aumento do emprego e da capacidade de consumo; do surgimento de metrópoles com a construção dos primeiros arranha-céus e de um movimento em direção aos subúrbios; de uma ode à moral e à família nuclear tradicional; também de um ambiente imerso em contradições, estampadas na corrupção policial e política, no crescimento de máfias e do mercado negro, bem como na existência de bairros degradados e mal estruturados. Nos anos 1950 tem-se, então, a consolidação desse cenário, representado pela: associação de consumo desenfreado à felicidade; pelo surgimento de megalópoles; pelo *boom* hipotecário e da construção civil, intensificando a ida aos subúrbios; por um ambiente social igualmente conturbado.

O pós-Segunda Guerra Mundial fora marcado pela recuperação econômica, possibilitada pelos altos índices de produtividade e de investimento dos EUA (na própria guerra, posteriormente via plano Marshall, e transferências de capital para países periféricos, Europa e Japão). O empresariado dos países centrais, principalmente nos EUA, foi capaz de realizar e sustentar altas taxas de lucro e, ao mesmo tempo, cumprir com as bases do reformismo. E assim,

como o sucesso econômico dos EUA acabou estando tão estreitamente atrelado ao sucesso de seus concorrentes e aliados, o desenvolvimento econômico internacional do pós-guerra dentro do mundo capitalista avançado pôde, por um breve período, manifestar um grau relativamente alto de cooperação internacional -marcada por altos níveis de ajuda e apoio político-econômico americano a seus aliados e concorrentes-, ainda que sob dominação do Estado americano e predominantemente modelada pelos interesses americanos.³⁷⁶

Contudo, tal estratégia estava fadada a apresentar a médio prazo um revés, fazendo ruir a temporária “cooperação” entre concorrentes no mercado internacional. Como indica Brenner, as economias europeias e japonesa foram capazes de, no curto espaço de aproximadamente 15 anos, criar setores domésticos de manufaturados especialmente grandes, além de expandir suas vendas internacionais, penetrando rapidamente no mercado norte-americano e competindo com ele por fatias do mercado mundial. A competição internacional no setor de manufaturados seria ainda intensificada pelo início das exportações de

³⁷⁶ BRENNER, Robert. *O boom e a bolha*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 54.

manufaturados por parte de países periféricos em desenvolvimento. Fora este o caso do Leste Asiático, México e Brasil durante a década de 1970 graças à combinação de salários baixos, equipamentos relativamente avançados e vultosos empréstimos de seus governos a bancos e agências de crédito internacionais.

O resultado inexorável foi uma taxa de lucro agregada em declínio no setor manufatureiro internacional, que expressava o excesso de capacidade e de produção em todo o sistema. Entre 1965 e 1973, o setor manufatureiro dos Estados Unidos experimentou uma queda de 43,5% na taxa de lucro sobre seu estoque de capital; já os setores manufatureiros das economias do G-7 juntos (...) experimentaram um declínio na lucratividade da ordem de 25%.³⁷⁷

Além disso, o instável equilíbrio, proporcionado pelos salários, legislação trabalhista, consumo de massa etc., apresentava bases demasiadamente instáveis, fissuras profundas (como o crescimento da dívida pública e a articulação e mobilização política dos setores de oposição ao reformismo em torno de projetos alternativos) que teimosamente abalavam o equilíbrio interno dos países centrais, agravado no caso dos EUA pela questão racial. As contradições internas, ainda que qualitativamente diferentes da problemática internacional acima exposta, já desenhavam um quadro preocupante em relação à estabilidade econômica, política e social do sistema.

Nem todos eram atingidos pelos benefícios do fordismo, havendo na verdade sinais abundantes de insatisfação mesmo no apogeu do sistema. Para começar, a negociação fordista de salários estava confinada a certos setores da economia e a certas nações-Estado em que o crescimento estável da demanda podia ser acompanhado por investimentos de larga escala na tecnologia de produção em massa. Outros setores de produção de alto risco ainda dependiam de baixos salários e de fraca garantia de emprego. E mesmo os setores fordistas podiam recorrer a uma base não fordista de sub-contratação. (...) Essas desigualdades eram particularmente difíceis de manter diante do aumento das expectativas, alimentadas em parte por todos os artifícios aplicados à criação de necessidades e à produção de um novo tipo de sociedade de consumo. Sem acesso ao trabalho privilegiado da produção de massa, amplos segmentos da força de trabalho também não tinham acesso às tão louvadas alegrias do consumo de massa.³⁷⁸

Como se pode perceber, a queda de lucratividade da economia norte-americana, e o cenário de recessão e/ou crise que a partir dela se desenharia, não esteve ligada exatamente nem a um esgotamento tecnológico, nem a uma queda do dinamismo produtivo do fordismo, como muitas vezes explicam os regulacionistas, nem mesmo ao peso dos encargos sociais, como querem fazer crer os argumentos neoliberais. “A fonte do problema se encontrava principalmente na intensificação da competição que levava a uma superacumulação no setor

³⁷⁷ Idem (2003), p.57.

³⁷⁸ HARVEY, D. op.cit.p.132.

de manufaturados.”³⁷⁹ Ou seja, mais uma vez a fonte do problema é o próprio sistema e suas contradições internas. Contradições que levam a uma crise não só econômica, mas de todo o sistema vigente, de um dado ordenamento político, de valores culturais e padrões de dominação, organização do trabalho etc. A crise no capitalismo, como sabiamente esclarece Holloway,

...não é outra coisa senão a ruptura de um padrão de dominação de classe relativamente estável. Aparece como uma crise econômica, que se expressa na queda da taxa de lucro. Seu núcleo, entretanto, é marcado pelo fracasso de um padrão de dominação estabelecido (...) Para o capital, a crise somente pode encontrar sua resolução através da luta, mediante o estabelecimento da autoridade e através de uma difícil busca de novos padrões de dominação.³⁸⁰

No caso investigado por esta pesquisa, o padrão de dominação estável rompido é o do capitalismo reformado pela intervenção estatal ou regulação, pela adoção em diferentes níveis de políticas de bem-estar e pelo maior acesso por parte dos setores sociais subordinados ao mercado de consumo e à participação política. Vai ruindo uma dada forma de funcionamento e reprodução do **modo de produção capitalista da vida**³⁸¹, a reformista ou fordista-keynesiana, e concomitantemente, constrói-se uma outra forma de funcionamento e reprodução do modo de produção capitalista da vida, a neoliberal. “Este programa consiste em, de um lado, tornar o mundo o mais livre possível para o deslocamento de capital e mercadorias, e, de outro, destruir as proteções aos trabalhadores duramente conquistadas...”³⁸²

Esse é também o momento em que as classes dominantes contam com o apoio de frações dominantes da classe dominada, representadas por uma parte dos setores médios, e buscam agora revogar parte dos direitos sociais conquistados no passado pelos setores subordinados. A perda de terreno na sociedade política, assim como das conquistas ligadas à inclusão social reivindicados por tantos anos de luta, não foi somente vitória da classe dominante reorganizada no sentido neoliberal, mas também resultado da não persistência da pressão impelida por parte de frações da classe dominada em prosseguir com a luta para

³⁷⁹ BRENNER, R. (2003).op.cit. p. 75.

³⁸⁰ HOLLOWAY, John. The red nose of Nissan. Capital & Class. N.32. London: summer, 1987.p.32 e seg. apud. ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Biotempo, 2009.p.31.

³⁸¹ Acreditamos que Marx, quando falava em “modo de produção”, não se limitava à ideia da produção econômica, mas da produção e reprodução da vida social e, como tal, pensar a vida, pensar o homem como ser social significa pensar em relações de poder e padrões de dominação; organização política; formas de pensar, de sonhar e de se expressar culturalmente; além, claro, da produção econômica.

³⁸² BRENNER, Robert. A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão? *Revista Outubro*.N.3. São Paulo: Xamã, 1999. p.10-11.

preservar ou superar o reformismo. O processo de luta tem de ser permanente, caso seja desejado resultado duradouro mesmo do reformismo.

Assim, estamos de acordo com a hipótese defendida pelo economista Robert Brenner, considerando a expansão do setor financeiro e a ascensão do neoliberalismo (como alternativa e projeto social capazes de suplantar o reformismo) mais como consequências do que causas da crise econômica internacional. O que não implica negar o fato de que a plena adoção do programa neoliberal e a defesa aberta dos interesses do capital monetário (graças à restrição do crédito, equilíbrio orçamentário, liberalização dos fluxos de capital etc.) foram fundamentais para a agudização dos problemas, até mesmo a passagem de um cenário de recessão para um de crise social geral.

[A crise] tem suas raízes profundas numa crise secular da lucratividade que resultou do excesso constante de capacidade e de produção do setor manufatureiro internacional. Em primeiro lugar, o grande deslocamento do capital para as finanças foi a consequência da incapacidade da economia real, especialmente das indústrias de transformação, de proporcionar uma taxa de lucro adequada. Assim, a aparição do excesso de capacidade e de produção, acarretando perda de lucratividade nas indústrias de transformação a partir do final da década de 1960, foi a raiz do crescimento acelerado do capital financeiro a partir do final da década de 1970.³⁸³

Mesmo não sendo a fonte do problema, a saída encontrada por Reagan e Thatcher para garantir a lucratividade se refletiu exatamente na hemorragia de empregos no chamado setor secundário e em uma pressão pela redução do crescimento real dos salários e dos encargos sociais para aqueles que permaneciam no emprego. Tais medidas haviam sido implementadas buscando desesperadamente a restauração das taxas de crescimento estáveis e a consequente reanimação de um capitalismo mergulhado na estagflação. Os êxitos foram parciais: a taxa de inflação efetivamente regrediu, caindo de 8,8% para 5,2% entre 70 e 80; as taxas de lucro industrial também obtiveram saldo positivo, aumentando 4,7% durante a década de 80.³⁸⁴ As vitórias do capital foram, em contrapartida, possibilitadas pela adoção políticas de contenção salarial e ataque às organizações de defesa do trabalhador, aliados a medidas de coação implícitas representadas pelo exército de desempregados e imigrantes prestes a aceitar quaisquer condições de trabalho.

...a administração Reagan deferiu o *coup de grace* no movimento trabalhista americano ao demitir os membros em greve dos sindicatos dos profissionais controladores de tráfego aéreo (o PACTO). Desde então as campanhas sindicais

³⁸³ Idem.p.12.

³⁸⁴ ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir. (org). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.p.15.

definharam a ponto da insignificância, pulularam práticas trabalhistas injustas cometidas pelas gerencias durante campanhas de organização sindical e a densidade sindical desmoronou. De 38% não muito longe em 1973, e de 32,3% em 1979, a proporção de mão-de-obra do setor manufatureiro nos sindicatos caiu para 20,6 em 1990 e 17,6 em 1995...³⁸⁵

Certamente, na retórica neoliberal, não primava a problemática da superprodução, sendo o problema reduzido a mais um dentre tantos desequilíbrios passageiros, perturbadores da ordem natural do mercado. “Aumento do preço do petróleo, em 1973 e 1979, excesso permanente das despesas sociais do Estado, alta muito grande dos salários, são designados como fatores de distúrbios: fontes de inflação, obstáculos ao lucro e, portanto, ao investimento.”³⁸⁶ O fim da “idade do ouro” ou a crise do fordismo eram tidos como resultado dos entraves colocados pela legislação trabalhista, pelos movimentos sociais e pelo consequente funcionamento rígido do mercado de trabalho.

Interferências tais como os sindicatos, os salários mínimos, os seguros-desempregos e políticas do chamado *welfare state* retiravam a flexibilidade do mercado de trabalho (...) para se adaptar às exigências impostas pelas circunstâncias econômicas, sociais e tecnológicas contemporâneas.³⁸⁷

Célia Borges ressalta ainda que essa necessidade da flexibilização do trabalho, ou seja, a diminuição do excesso de regulação das relações entre capital e trabalho, vinha acompanhada de uma flexibilização da produção. A perda de competitividade das empresas no sistema fordista devia-se, naturalmente, à dita rigidez da produção e à desqualificação da mão de obra, característicos da produção de massa e que, às portas do século XXI, reprimiam o avanço das novas tecnologias. Era preciso, então, uma reestruturação da produção que viesse enxugar, racionalizar, flexibilizar, toyotizar e principalmente liberar os fluxos de mercadorias e de capital.

A partir das novas formas de organização da produção, influenciadas pelo paradigma toyotista, bem como do advento e desenvolvimento da microeletrônica e das novas tecnologias de informação e comunicação, é revelada uma nova configuração da produção capitalista, alterando significativamente as relações de trabalho. Essas mudanças na estrutura igualmente contribuirão para o enfraquecimento gradual das lutas em torno do reformismo.

³⁸⁵ BRENNER, R. (2003).op.cit. p.99.

³⁸⁶ BRUNHOFF, Suzanne de. *A hora do mercado: crítica do liberalismo*. São Paulo: Unesp, 1991.p.8.

³⁸⁷ BORGES, Celia Regina Congilio. Taylorismos, fordismos e toyotismos: as relações técnicas e sociais de produção configurando reestruturações produtivas. *Lutas Sociais*.15-16. Agosto, 2006. p.91.

Brenner e Sweezy observam, em trabalhos distintos, fatores similares ocorridos durante o processo de reestruturação econômica, dentre os quais destacamos: uma redução significativa de investimento nas indústrias do setor básico (indústria pesada e de bens de consumo) resultando na redução, falência ou deslocamento geográfico da produção de países centrais para países periféricos; crescimento dos setores de serviço e financeiro; incentivos crescentes ao desenvolvimento de indústrias de alta tecnologia.³⁸⁸

Em reação às taxas de lucro decrescentes do setor básico desde o fim da década de 1960, decorrente da concorrência imposta por países centrais e periféricos recentemente industrializados, produtores norte-americanos buscaram compensação reduzindo os custos com mão de obra, num ataque agressivo às organizações e padrões de vida dos trabalhadores. O governo, por sua vez, contribuiu recorrendo a uma política monetária expansionista, desvalorizando periodicamente o dólar a partir de 1971 (quebrando com Bretton Woods e procurando garantir lucros advindos de maior exportação), subsidiando empresas, contendo gastos públicos e facilitando o crédito para produtores e consumidores. A indústria de ponta, pela intensa racionalização de sua produção, e o setor de serviços, dada a qualidade temporária dos empregos (*Mcjobs*), não foram capazes de absorver eficientemente a massa de desempregados despejada pelo setor básico durante 20 anos. Os problemas tenderam a se aprofundar a nível internacional, já que Alemanha e Japão, em vista da valorização súbita de suas moedas em relação ao dólar, não poderiam arcar por muito tempo com os custos da crise.

Foi grande a queda de lucratividade dos Estados Unidos, Alemanha e Japão e do mundo capitalista adiantado como um todo – e sua incapacidade de recuperação – a responsável pela redução secular das taxas de acumulação de capital, que são a raiz da estagnação econômica de longa duração ao longo do último quartel de século. As baixas taxas de acumulação de capital acarretaram índices baixos de crescimento da produção e da produtividade; níveis reduzidos de crescimento da produtividade redundaram em percentuais baixos de aumento salarial. O crescente desemprego resultou do baixo aumento da produção e do investimento.³⁸⁹

Mas, como se desenvolveu todo esse processo, para que chegássemos a esse quadro em fins do século XX? Que tipo de mudanças vinham ocorrendo nos *backstages* do reformismo?

Na periodização proposta por Mandel, as revoluções tecnológicas caracterizam-se por mudanças qualitativas na base técnica do sistema produtivo de uma dada sociedade em um

³⁸⁸ SWEEZY, Paul; MAGDOFF, Harry. *A crise do capitalismo americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. BRENNER, Robert (2003). op.cit. p.45-93.

³⁸⁹ BRENNER, R. (1999) op.cit. p.13.

dado momento histórico. Segundo o autor, à Revolução Industrial do XVIII seguiram-se três revoluções tecnológicas, sendo a última marcada pelo desenvolvimento progressivo da computação, da robótica e da microeletrônica, intensificando o processo de automação durante o processo produtivo.³⁹⁰ José Ricardo Tauile apresenta uma abordagem similar ao afirmar que a automação não é novidade, existindo desde a Revolução Industrial sob formas e graus variados.

Equipamentos de ciclo fixo como máquinas-ferramenta, de produção, máquinas à vapor, teares, etc. já complementavam e substituíam, desde então, o trabalho humano. Após séculos de sucessiva divisão do trabalho, algumas atividades tornaram-se tão simplificadas que foi sendo progressivamente possível desenvolver equipamentos que incorporassem o saber fazer humano e que também fossem acionados diretamente por outra fonte de energia (força motriz) que não a animal (inclusive humana) ou a da 'natureza'.³⁹¹

Tauile aponta continuidades, especificamente no que concerne à tendência histórica de redução da participação relativa do trabalho na produção capitalista. Segundo o autor, a difusão de equipamentos automatizados pela microeletrônica acelera tal tendência, exatamente por expandir os limites à automação eletromecânica, significando, assim, um salto qualitativo em termos de produtividade.

A tecnologia de ponta certamente tem papel de enorme relevância na reestruturação produtiva de fins do século XX. Avanços tecnológicos propiciam diminuição dos custos da produção, aumentam a produtividade, melhoram a qualidade do produto final e controlam desperdícios (menor índice de refugo). “Substanciais aumentos na velocidade e na capacidade de manipulação de informações, bem como vertiginosas reduções nos custos relativos e nos tamanhos dos circuitos e de outros componentes eletrônicos, permitem atribuir maior grau de

³⁹⁰ MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p.83-84. A discussão sobre as características da terceira revolução tecnológica será feita com ressalvas no que toca à periodização proposta por Mandel. Tendemos a concordar com algumas críticas colocadas por Paul Singer na apresentação ao livro na qual as relações entre as revoluções tecnológicas e as ondas longas de expansão nem sempre coincidem com os fatos históricos. De fato o ritmo do investimento em P&D e aplicação de inovações tecnológicas na produção aumentou significativamente a partir dos anos 1940. Da mesma forma, é observado o aumento de conglomerados transnacionais, frutos justamente da tendência à centralização de capital. A aceleração da mudança tecnológica torna-se ainda mais exacerbada pelo encurtamento do tempo de rotação do capital fixo, o que por sua vez exige um planejamento mais abrangente e cuidadoso da produção, investimento, venda etc. No entanto, o que Mandel caracteriza como a onda longa que inicia o capitalismo tardio (a partir dos anos 1940) correspondeu mais aos efeitos da segunda revolução tecnológica e não da terceira, como afirma o autor. O que dominou a dinâmica da produção no pós-Segunda Guerra Mundial não foi o desenvolvimento da energia nuclear nem os avanços na eletrônica, mas as indústrias produtoras de bens de consumo duráveis, petroquímica, meios de transporte, armamentos, insumos industriais para agricultura etc. Tem-se, então, com relação à automação, um deslocamento temporal dos fatos e com relação à energia nuclear um desacerto, pois esta até hoje tem uso bastante limitado e contestável.

³⁹¹ TAUILE, José Ricardo. *Automação microeletrônica e competitividade: tendências no cenário internacional*. In: SCHMITZ, Hubert, CARVALHO, Ruy. *Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional*. São Paulo: Hucitec, 1988. p.65.

inteligência aos equipamentos e sistemas de maquinaria dos quais passam a fazer parte.”³⁹² O incremento tecnológico é ainda responsável por transformações na organização social como um todo, influenciando na cultura e no conhecimento, estabelecendo novas relações de trabalho, de poder, etc.

Ainda assim, as mudanças observadas a essa época vão muito além do incremento tecnológico. Conforme indica Ângelo Dina, “a nova fase tecnológica coincidiu com uma iniciativa empresarial avassaladora que destruiu relações industriais consolidadas.”³⁹³ Mas o que desencadeou essa iniciativa avassaladora por parte dos empresários? Simples acaso? Fortuita descoberta? Surpreendentemente, respondem de modo similar Taiichi Ohno, diretor responsável pela implementação do toyotismo, e Dobb, conhecido intelectual marxista. Segundo Ohno, “a criação, a inovação sempre nasce da necessidade (...) O sistema toyota teve sua origem na necessidade particular em que se encontrava o Japão de produzir pequenas quantidades de numerosos modelos de produtos...”³⁹⁴ E Dobb, “a invenção não é um processo autônomo, livre do processo do investimento de capital, nem o processo deste último é separável de seus efeitos sobre o crescimento da invenção.”³⁹⁵ Então, qual seria essa necessidade? O que estaria gerando o imperativo por investimento?

A necessidade era encontrar caminhos, saídas para superar a desaceleração do crescimento, o problema real de superprodução e a conseqüente queda da taxa de lucro. Era preciso encontrar alternativas, meios de contornar o problema e, para tal, era necessário investimento. Esses investimentos foram feitos primeira e principalmente na implementação de novas técnicas de organização da produção e do trabalho e, posteriormente, em maquinário (alta tecnologia agregada à produção). Só que dessa vez quem deu o passo “revolucionário” não foram os europeus nem os norte-americanos e sim, os japoneses, na figura especial de Taiichi Ohno.

A situação econômica japonesa era mais do que delicada. O país recém-arrasado por guerra e bombas atômicas chegava em 1949 imerso em grave crise financeira, estando a Toyota próxima da falência pela queda na demanda. Dentre as exigências colocadas pelo

³⁹² TAUILLE, J. R. .op.cit. p.123.

³⁹³ DINA, Angelo. *A fábrica automática e a organização do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1987.p.8.

³⁹⁴ OHNO, T. O espírito Toyota, (1978-1989). apud. CORIAT, Benjamin. *Pensar pelo avesso*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.p.30 e 36.

³⁹⁵ DOBB, M. op.cit. p.291.

grupo bancário responsável pela injeção de capital estavam redução de pessoal e ajustamento da produção à demanda. A situação só parecia se agravar quando em 1950, decorrente das reestruturações impostas pelo grupo bancário, explodiria uma greve de grandes proporções, que resultou na demissão de cerca de 1600 operários e do próprio presidente-fundador Kiichiro Toyota. Finalmente, a guerra da Coreia completava o quadro com encomendas em massa que a Toyota simplesmente não conseguia atender.

A saída formulada por Ohno fora, então, criar um sistema flexível, passível de rápidas adaptações e de fácil reprogramação, visando atender a uma demanda não somente substancial, mas que tendia a se diversificar e a mudar rapidamente. A chave encontrada por Ohno foi, nas palavras de Coriat, “pensar pelo avesso”, inverter o fluxo e pensar a produção a partir da demanda. Caso essa fosse volúvel e versátil, a produção também teria de ser. Assim, diferentemente da rigidez e padronização fordista, o toyotismo ou sistema Kan-Ban aparecerá como um sistema de produção sem estoque, adaptado à produção em séries restritas de produtos diferenciados e variados e cujo “ponto de partida é o das encomendas já endereçadas à fábrica e dos produtos já vendidos.”³⁹⁶ O aumento de produtividade e a ampliação da margem de lucro estariam garantidos não pela produção de infindáveis lotes, mas por uma fábrica flexível e enxuta tanto em termos de produção quanto em termos de trabalho.

A flexibilidade aplicada ao sistema produtivo significa poder produzir elementos diferentes, talvez até ao mesmo tempo, poder aceitar mudanças ou melhoramentos do produto, prestar-se à produção de versões ou variantes diversas em proporções diferentes, e tudo isso sem exigir mudanças físicas no sistema.³⁹⁷

Mais do que variedade e adaptabilidade, ou seja, capacidade de produção de linhas variadas e de variantes dentro da mesma linha, uma fábrica flexível possibilitava ainda a interrupção de setores da produção para eventuais reparos no produto, no maquinário ou nas ferramentas sem comprometer, contudo, todo o processo produtivo. O objetivo é diminuir o refugo, evitar o desperdício, e para tal é preciso lidar com as falhas assim que aparecem e de um modo a que elas não comprometam toda a produção. Para que isso fosse possível, era preciso primeiramente um novo tipo de trabalhador - um trabalhador mais interativo e, nesse sentido, também mais flexível, com algum poder de decisão e capacidade para intervir, contribuindo para o controle de qualidade no próprio posto de trabalho -, um sistema de gerência transparente, capaz de detectar e eliminar todos os supérfluos na produção e

³⁹⁶ CORIAT, B. (1994). op.cit. p.57.

³⁹⁷ DINA, A. op.cit. p.19.

finalmente um eficiente sistema de informação (de alta tecnologia, computadorizado) que possibilitasse a rápida transmissão do problema ou nova demanda.

A redução dos custos foi também feita na dimensão do trabalho, incidindo sobre este tanto quantitativamente, quanto qualitativamente. Ohno afirmava que atrás do estoque há um excesso de pessoal. A dispensa de estoques levaria, invariavelmente, à dispensa de excesso de pessoal e de equipamento, dando origem a uma fábrica mínima, “reduzida às suas funções, equipamentos e efetivos estritamente necessários para satisfazer a demanda diária ou semanal.”³⁹⁸ O problema da redução de braços se agravaria quando, aliado aos novos métodos organizacionais, foi observada a introdução de tecnologia na forma de novos equipamentos. Diferente de Dina para quem o problema trazido pela revolução tecnológica e pela introdução da informática no processo de produção estaria limitado à “substituição direta com robôs para trabalhos pesados, prejudiciais ou perigosos”³⁹⁹, tendo a concordar com Virgínia Fontes quando ela afirma ser este um problema relativo ao processo produtivo como um todo. Processos de automação de uma forma geral tendem a eliminar braços da produção, é a velocidade e a quantidade vertiginosa de braços eliminados. E mais ainda, as transformações concernentes à qualidade do emprego, a pobreza cada vez maior dos vínculos empregatícios atuais.

Os operários remanescentes, por conseguinte, teriam seu trabalho intensificado não somente por terem que dar conta da produção com menor coeficiente humano, mas também por terem de ser polivalentes, flexíveis, isto é, capazes de desempenhar tarefas variadas no processo produtivo. A flexibilidade do trabalho aumenta, então, exponencialmente a margem da mais-valia relativa. Isso foi possível graças à eliminação da correia transportadora e a da concepção de uma linha de montagem física e filosoficamente diferente do modelo fordista. “As fronteiras entre os postos e ilhas de trabalho são mantidas em uma situação ininterruptamente “virtual” e são permanentemente transgressíveis por um ou vários trabalhadores aos quais um conjunto de tarefas previamente determinadas foi alocado.”⁴⁰⁰

No conjunto, a adição e combinação do método de “gestão pelos estoques” e da “administração pelos olhos”, termina por se constituir um novo tipo de fábrica: a fábrica ‘magra’, transparente e flexível, onde a ‘magreza’ é garantida e mantida pela transparência; em que a flexibilidade garante a manutenção da magreza. Uma via de

³⁹⁸ CORIAT, B. (1994). op.cit. p.33.

³⁹⁹ DINA, A. op.cit. p.30.

⁴⁰⁰ CORIAT, B. (1994).op.cit. p.71.

racionalização particular se abre aqui: onde as economias e os ganhos de produtividade são constantemente buscados ‘internamente’ que em extensão, como é o caso na fábrica fordista, na qual há um esforço contínuo para mobilizar os efeitos de séries e as economias de escala, aceitando como uma fatalidade os disfuncionamentos que ela também produz.⁴⁰¹

Por trás do ideal de fábrica magra, menos custosa e talvez menos vulnerável à superprodução, dada a filosofia do estoque zero, se esconde a prática da extração exponencial de mais-valia tanto relativa quanto absoluta. Apresentado como grande vantagem ao trabalhador, marcas da modernidade, a flexibilidade e o dinamismo intensificam o trabalho, exaurindo o trabalhador por duas vias: primeiramente por este ter de desempenhar diversas funções simultaneamente e, em seguida, por estender ilimitadamente sua jornada de trabalho fora do local de trabalho, com o pressuposto da eliminação dos horários fixos. Esta segunda tendência se aprofundaria não somente no setor da produção industrial e agrícola, mas se tornaria ainda mais explícita no setor de serviços, discutido a seguir, transformando as formas de subordinação do trabalho ao capital e impondo novo obstáculo a possíveis resistências por parte dos trabalhadores.

Parece haver aqui uma modificação na forma da subordinação de grandes contingentes de trabalhadores que, para estarem diretamente sob o comando unificado do capital (...) não precisam ser reunidos nos locais de trabalho. (...) aprofunda-se a subordinação do trabalho ao capital, sendo a suposta individualização a forma específica da desagregação paulatina da principal resistência oposta pelos trabalhadores ao longo do processo de imposição da subsunção real: sua reunião nos locais de produção.⁴⁰²

- **As novas dinâmicas do capital: desregulamentação e o boom do setor financeiro**

É justamente nessa época, em meio a esse contexto de flexibilização da produção e do trabalho assegurados pelas políticas neoliberais, que observamos uma virada marcante da economia norte-americana em direção a dois setores em particular: o setor financeiro e o de serviços.

Este último se expandiu rápida e facilmente, num campo onde a sindicalização e a seguridade quase inexistiam, e a força de trabalho era abundante, composta pelo enorme

⁴⁰¹ Idem. p.35-36.

⁴⁰² FONTES, Virgínia. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005. p.101 e 100.

contingente de desempregados.⁴⁰³ Em troca, oferecia-se o emprego do século XXI, o emprego temporário, flexível e sem maiores vínculos, o emprego fácil e rápido, uma maravilha da modernidade como nos comerciais de casas de crédito.

A degradação da qualidade do trabalho e conseqüentemente da qualidade de vida aparecem de forma muito explícita no setor de serviços. Trabalhos temporários, sem contrato, sem direitos formais ou seguridade social abundam nesse ramo de atividades. Constantemente apresentados como o trabalho moderno (e implicitamente melhor, como se daí derivasse um pressuposto evolutivo), dinâmico e mais do que nunca livre, esses vínculos cada vez mais parcos encobrem e intensificam um dos efeitos mais cruéis do processo de trabalho no capitalismo: a insegurança com relação ao trabalho e o aumento constante do exército de reserva, deprimindo os salários e desencorajando resistências. Antunes revela que, no capitalismo contemporâneo, esse processo é particularmente perverso com os jovens e com aqueles vistos como “velhos” pelo capital.

O mundo do trabalho dos países centrais, com repercussões também no interior dos países de industrialização intermediária, tem presenciado um processo crescente de exclusão dos jovens e dos trabalhadores considerados “velhos” pelo capital: os primeiros acabam muitas vezes engrossando as fileiras de movimentos neonazistas, sem perspectivas frente à vigência da sociedade do desemprego estrutural. E aqueles com cerca de 40 anos ou mais, uma vez excluídos do trabalho dificilmente conseguem se requalificar para o reingresso. Ampliam os contingentes do trabalho informal, além de aumentar ainda mais os bolsões do exército industrial de reserva.⁴⁰⁴

Fim do trabalho? De modo algum, posto que esse é o real gerador de valor. Sem trabalho, não há geração de riqueza. Mas certamente é a tendência ao fim de uma certa relação de trabalho e também de subordinação, pautadas no contrato de trabalho e no assalariamento regular, e no respeito a direitos sociais e civis conquistados.

No formato mais corriqueiro, a força de trabalho disponível porém não assalariada penetra no mercado de trabalho, por exemplo, por meio da venda de projetos –isto é, venda de atividade de trabalho- e, despida dos obstáculos derivados dos contratos, exerce sua atividade de maneira apenas aparentemente livre. Não há mais limites para a jornada ou para a intensidade de trabalho...⁴⁰⁵

Fontes chama ainda atenção para um outro fator que levou a um aprofundamento ainda maior da degradação da qualidade de vida nas sociedades contemporâneas. A autora lembra que, além da expropriação dos direitos adquiridos, conquistas derivadas do processo

⁴⁰³ BRENNER, R (2003). op. cit. p.84-86.

⁴⁰⁴ ANTUNES, R. op.cit. p.112.

⁴⁰⁵ FONTES, Virginia. (2005). op.cit. p.99-100.

histórico da luta de classes no capitalismo e que de alguma forma impunha certos freios à exploração, é observada a incorporação de imensas áreas de atividade laboral ao capital, dentre elas o setor de serviços. A subsunção real de atividades até então submetidas apenas formalmente ao capital - como serviços, saúde, educação, trabalho autônomo, cultura, etc. - significou o aprofundamento das relações capitalistas e o surgimento de mais esferas em potencial para extração de mais-valia.⁴⁰⁶ Abriam-se, assim, novos mercados, novos espaços para a exploração e exportação das relações sociais baseadas no capital, já que muitos trabalhos, outrora tidos somente como improdutivos (venda de valor de uso) e não geradores de mais-valia, poderiam, doravante, também funcionar como produtivos, a serviço da valorização do capital. Assim, entende-se o avanço avassalador do processo de privatização das mais variadas atividades, muitas delas anteriormente providas pelo Estado, como saúde, educação e até mesmo a seguridade social e a previdência são privatizadas.

O setor financeiro, por sua vez, fora finalmente libertado das amarras impostas por Bretton Woods, conhecendo com a desregulamentação um crescimento sem precedentes. “Os tetos das taxas de juros e afins foram rejeitados. As restrições ao acesso aos mercados para instituições financeiras, descartadas. Os controles de capitais, em quase toda a parte, finalmente eliminados.”⁴⁰⁷ Para isso, revelou-se primordial o apoio de um conjunto de Estados igualmente comprometidos com a flexibilização, uma vez que a liberalização e desregulamentação dos mercados somente se realizou através de medidas efetivadas em comum acordo entre as administrações centrais dos países centrais a partir de 1979.

O capital portador de juros (...) não foi levado ao lugar que hoje ocupa por um movimento próprio. Antes que ele desempenhasse um papel econômico e social de primeiro plano, foi necessário que os Estados mais poderosos decidissem liberar o movimento dos capitais e desregular e desbloquear seus sistemas financeiros. Foi igualmente preciso que recorressem a políticas que favorecessem e facilitassem a centralização dos fundos líquidos não reinvestidos das empresas e das poupanças das famílias.⁴⁰⁸

Se por um lado, coube ao Estado ou a um conjunto de Estados liberar o movimento de capitais, por outro, a partir da mesma opção esses mesmos Estados se colocavam em posições vulneráveis. De acordo com Fontes, a intensificação da transnacionalização dos fluxos financeiros contribuiu para fragilizar as barreiras políticas e fiscais, instrumentos utilizados

⁴⁰⁶ FONTES, V. (2005). op.cit. p.98.

⁴⁰⁷ BRENNER, R. (2003) op.cit. p.87.

⁴⁰⁸ CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, François(org). *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.p.35.

pelo Estado para controlar o capital. “Mas esse recuo do papel do Estado também deve ser entendido à luz de uma redução dramática de alternativas políticas, o que, paulatinamente reduziu o papel da participação popular e da democracia a uma disputa pontual em torno de mercados eleitorais.”⁴⁰⁹

O setor financeiro pode, então, desenvolver-se sem maiores entraves, ampliando seu raio de ação de forma variada. Os bancos não mais imperariam como clássicos domínios do capital usurário. A eles se juntariam novos agentes do capital, enriquecendo o conjunto que François Chesnais chamou de “finança”. Um conjunto tão vasto, composto por fundos de pensão, fundos coletivos de aplicação, sociedades de seguros e bancos que administram sociedades de investimento, que mais correto seria talvez abandonar a denominação capital bancário e voltar à designação marxiana de capital monetário. Foram os agentes dessa fração do capital que “fizeram da centralização dos lucros não reinvestidos das empresas e das rendas não consumidas das famílias, especialmente os planos de previdência privados e a poupança salarial, o trampolim de uma acumulação financeira de grande dimensão.”⁴¹⁰

Foi esse processo a salvação do setor produtivo estagnado, desde a superprodução de fins de 1960? Em parte. A “mundialização da finança”, segundo Chesnais, constituiu-se não apenas em uma liberalização monetária aliada à descompartmentalização dos mercados financeiros nacionais, como envolveu igualmente a desintermediação desses fluxos de capital, outrora reservada aos bancos e agora aberta a todo e qualquer tipo de investidor-aplicador institucional. A desregulamentação atrairia muitos empresários a contrair consideráveis empréstimos, não exatamente para o investimento produtivo, mas, especialmente, para serem aplicados na recompra de suas próprias ações (visando valorizá-las) ou em aquisições de outras companhias, gerando gigantescas *corporations*.

Segundo Brenner, entre 1981 e 1989, apenas 21% do total de fundos adquiridos por empresas não financeiras foram investidos em gastos com capital, contrastando com 50% dos fundos que entre 1983 e 1989 foram aplicados em compras líquidas de ações.⁴¹¹ Analisando os fluxos comerciais, financeiros e de investimentos externos dos países da OCDE entre 1980 e 1988, Chesnais mostra que as transações relativas ao comércio internacional de mercadorias corresponderam a apenas 3% do montante das transações diárias no mercado de câmbio que,

⁴⁰⁹ FONTES, V. (2005). op.cit .p.33.

⁴¹⁰ CHESNAIS, F. (2005). op.cit. p.36.

⁴¹¹ BRENNER, R. (2003). op. cit., 106.

em 1992, ultrapassava 1 trilhão de dólares por dia. Outra prova da hipertrofia do setor financeiro pode ser vista na comparação entre as taxas de crescimento dos ativos financeiros com as taxas de investimento real. No período de 1980 a 1992, os primeiros acumularam mais de duas vezes e meia mais rápido que a formação de capital fixo. Incrivelmente, em 1992, “os ativos acumulados eram o dobro do que o PNB acumulado de todos os países da OCDE juntos, e treze vezes mais do que suas exportações totais...”⁴¹² O resultado não é muito difícil de imaginar.

A partir de inícios da década de 1980, imensas bolhas financeiras incharam por todas as economias capitalistas avançadas, em especial nos mercados de ações, nas fusões e aquisições e nos imóveis comerciais, com a demanda especulativa elevando o valor dos ativos e com os investidores efetuando suas compras na expectativa de que, havendo subido no passado, o valor dos ativos continuariam a subir.⁴¹³

Essa é a origem do conceito marxiano de capital fictício, ou seja, capital monetário fruto da especulação, que vive da “multiplicação de títulos sem correspondência com a magnitude dos capitais reais que supostamente representam ou, em outros termos, sem a correspondente exploração da força de trabalho.”⁴¹⁴ A prática da especulação, conforme explica Fontes, não produz regulamente mais-valor, não estimula a extração de mais-valia adicional como se observa na prática do crédito ao processo produtivo, limitando-se a puncionar a mais-valia já extraída. Contudo, a autora ressalta que a ênfase exagerada de alguns analistas na problemática da especulação leva-os, muitas vezes, a perder de vista as relações sociais fundamentais que configuram o capitalismo.⁴¹⁵ Os caminhos da economia-política neoliberal e as políticas públicas por ela influenciadas contribuíram para o desenvolvimento tanto de movimentos especulativos sem limites, quanto para a exploração sem limites da força de trabalho.

A ascensão do capital financeiro foi seguida pelo ressurgimento de formas agressivas e brutais de procurar aumentar a produtividade do capital em nível microeconômico, a começar pela produtividade do trabalho. (...) Todas as virtudes

⁴¹² CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.p.244.

⁴¹³ Idem. p.87.

⁴¹⁴ FONTES, Virgínia. O imperialismo tardio: expropriações, trabalho, política e cultura, 2010. p.5. Texto cedido pela autora e brevemente publicado na forma de livro.

⁴¹⁵ FONTES, Virgínia. Marx, expropriações e capital monetário: notas para o estudo do imperialismo tardio. *Crítica Marxista*. N.26. Campinas: Revan, 2008.

atribuídas ao “toyotismo” estão dirigidas a obter a máxima intensidade do trabalho e o máximo rendimento de uma mão-de-obra totalmente flexível.⁴¹⁶

A configuração do capitalismo em fins do século XX e início de XXI se apresenta, portanto, sob a especial interação e desenvolvimento de dois processos concomitantes: a queda da taxa de lucro, levada nesse momento pela concorrência internacional e pelo desenvolvimento desigual, o que levou à flexibilização da produção e desregulamentação do setor financeiro; a falência da alternativa reformista (seja no molde inaugurado pelo *New Deal* ou da social-democracia europeia ou mesmo dos desenvolvimentismos latino-americanos) em nome da agenda neoliberal.

Esta última fora pouco a pouco ganhando terreno sob a alegação de fracasso dos modelos reformistas influenciados pelo keynesianismo. Os novos direcionamentos da economia política neoliberal se definiriam pela maximização dos lucros, fazendo recuar as restrições impostas pelas políticas reformistas, reforçando as desigualdades patrimoniais. O reformismo, ao oferecer aos trabalhadores certas garantias de emprego, legislação referente às condições de trabalho e seguridade social, emperrava o livre caminho dos lucros infinitos e ainda havia, segundo a retórica neoliberal, levado o país a um quadro de estagnação e crise inflacionária.

Na primeira seção, viu-se o desenvolvimento de relações conturbadas entre frações da classe dominante, mais especificamente uma luta por hegemonia entre o setor industrial e comercial, ambos voltados para o mercado nacional (manufaturados, indústria pesada, varejistas nacionais, etc.) e os setores financeiro, industrial transnacional e comércio internacional, refletindo mesmo em um racha político dentro do GOP. O capital monetário, por sua natureza de acumulação de riqueza abstrata, à primeira vista desvencilhada dos incômodos da produção material, bem como as empresas transnacionais, por utilizarem mão de obra barata de países periféricos, não apenas se viram menos prejudicados ou tolidos em seus lucros devido aos encargos sociais, mas em diversos momentos tiveram apoio da administração Roosevelt ao seu desenvolvimento. Apesar disso, se o setor financeiro em especial não teve que apertar tanto os cintos durante a década de 1930, também não decolou num desenvolvimento desenfreado, dadas as barreiras erguidas pelo FED (controle da taxa de juros, política monetária etc.) e os posteriores limites impostos pelo acordo de Bretton Woods.

⁴¹⁶ CHESNAIS, F. (1996). op.cit. p.16-17.

Entretanto, se na primeira metade do século XX o capital monetário experimentava relações por vezes tensas com o capital industrial, ao se aproximar do XXI, encontra-se numa relação quase simbiótica com ele, no sentido de que seus empréstimos não se apresentavam mais como mero crédito, mas constituem condição primordial para a reprodução última do capital. Aos capitais industrial, comercial e agora da indústria dos serviços cabem, em última instância, a função da extração da mais-valia. Parte do lucro advindo da extração de sobretabalho retorna ao círculo da produção, no momento em que o pagamento dos juros possibilitará não só o lucro da agora complexa fração portadora de juros, mas igualmente a possibilidade de novas injeções de capital investidas na produção, comércio ou serviços. É, portanto, “a esfera financeira que comanda, cada vez mais, a repartição e a destinação social dessa riqueza.”⁴¹⁷

Não se trata mais de uma subordinação ou de lutas intestinas entre duas formas de capitais, mas de uma escala tal de concentração de capitais que os proprietários de capital sob forma monetária encontram-se diante da necessidade permanente de valorizar massas crescentes de capital, que pretendem – e precisam - manter o maior tempo possível sob essa mesma forma monetária. Para tanto, é preciso impor aos processos de produção de mais-valia uma nova intensidade e um novo ritmo de produção, associando as mais diversas modalidades de sujeição dos trabalhadores, de maneira a liberar o capital de suas peias (o momento “M” do processo D-M-D’) e reconvertê-lo o mais rapidamente à sua forma monetária, lamejando o impossível mundo do puro D-D’.⁴¹⁸

Em trabalho mais recente, Fontes reforça o argumento de que no capitalismo contemporâneo é o capitalista monetário quem detém a propriedade das condições ou recursos sociais de produção, podendo este ser ou não proprietário imediato dos meios de produção. O capital monetário hoje não se materializa necessariamente em um banco, nem se encarna necessariamente num poderoso acionista; pode participar mais diretamente da produção, como capitalista financeiro nos termos de Hilferding, ou somente financiá-la por meio do crédito; pode inclusive distanciar-se ainda mais da produção, dedicando-se à atividade especulativa. De modo muito mais complexo que no início do século XX o capital monetário aparece hoje como a ponta mais concentrada da propriedade capitalista, pois detém a propriedade das condições de produção, subordinando “o conjunto do processo de extração de mais-valia e da reprodução da vida social: ao mesmo tempo impele a extração de mais-valor,

⁴¹⁷ CHESNAIS, F. (1996). op.cit. p.15.

⁴¹⁸ FONTES, Virgínia. Lênin, o imperialismo e nosso desafio contemporâneo. *Marx Agora*. abril-março de 2007.

impõe que seja realizada mais intensa e rapidamente e atinge a cada dia mais setores da vida social.”⁴¹⁹

Curiosamente, apesar da adoção de tantas medidas vantajosas ao capital, a taxa de crescimento econômico real pouco se alterou nos países centrais. Segue-se invariavelmente a pergunta que não quer calar: Por que a recuperação dos lucros não levou a uma recuperação dos investimentos? Em sua análise do neoliberalismo, Perry Anderson ajuda a desvendar a questão.

Essencialmente, pode-se dizer, porque a desregulamentação financeira, que foi um elemento tão importante do programa neoliberal, criou condições muito mais propícias para a inversão especulativa do que produtiva. Durante os anos 80 aconteceu uma verdadeira explosão dos mercados de âmbito internacionais, cujas transações, puramente monetárias, acabaram por diminuir o comércio mundial de mercadorias reais.⁴²⁰

Seguindo linha de pensamento similar, Gerard Duménil e Dominique Levy igualmente destacam a espetacular transferência de renda para os detentores de títulos. Consequentemente, as cotações das bolsas explodiram, “alimentando, no contexto de uma corrida às rendas e mais-valias financeiras, o que se chama de ‘bolha’, emanação especulativa da nova configuração do capitalismo.”⁴²¹

O *boom* de aplicações não fora revertido em investimentos suficientes, os quais, ao gerar efetivamente capital, garantiriam o crescimento estável a longo prazo. Ao invés disso, seguiu-se a especulação, jogadas astronômicas com dinheiro virtual, que por sua vez geraram um crescimento virtual.

Além disso, desde os inícios da década de 1980 “a administração Reagan incorr[ia] em déficits federais sem precedentes a fim de sustentar os cortes recordes nos impostos e os gigantescos aumentos nos gastos militares...”⁴²²

Os cortes em programas sociais, com o argumento de reduzir gastos públicos, foram compensados pelo aumento das despesas militares, que elevaram o déficit para 200 bilhões de dólares em 1985. A captação da poupança externa, favorecida pelas altas taxas de juros, permitia financiar esse déficit e controlar a inflação, porém o dólar

⁴¹⁹ FONTES, V. (2010). op.cit. p.7

⁴²⁰ ANDERSON, P. op. cit. p.16.

⁴²¹ CHESNAIS, François. (et all). *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003. p.25.

⁴²² BRENNER, R. (2003). op.cit. p.99.

valorizado comprometeu ainda mais a competitividade da indústria do país, barateando as importações e aumentando o saldo negativo da balança comercial.⁴²³

Ao final da década, os volumosos empréstimos transformavam-se agora em volumosas dívidas, fazendo cair vertiginosamente a taxa de retorno das ações e ativos às instituições financeiras, iniciando assim uma onda de falências. Começava a se desenhar mais uma crise, fruto das bolhas financeiras, do desemprego gerado pelas novas técnicas de organização do trabalho e da qualidade precária das condições de trabalho. Tais elementos comprometiam o consumo e, conseqüentemente, a absorção da produção a nível nacional, agravando internamente o problema da restrição de mercados, já colocado externamente devido à concorrência.

No momento em que a participação dos salários nos resultados da produção se reduz e a parte dos lucros reservada aos investimentos também diminui, a taxa de investimento é duplamente atingida pela desaceleração do consumo dos assalariados e pela reduzida propensão a investir. A taxa de crescimento é lenta e o desemprego aumenta.⁴²⁴

Às portas de 1990, os EUA traziam na bagagem um *deficit* público e privado astronômico, uma economia demasiadamente exposta a ondas especulativas, falência por endividamento de inúmeras empresas e queda dramática na qualidade de vida.⁴²⁵ Este quadro só seria de alguma forma alterado em fins da década de 1990, particularmente entre 1996 e 2001, quando se observa nos EUA um real crescimento nos investimentos direcionados para informatização da produção geral.⁴²⁶ Pode-se ainda entender esse breve momento de prosperidade norte-americana pelo aumento das exportações, fruto da desvalorização de 40 a 60% do dólar frente ao yen japonês e ao marco alemão. Novamente nos deparamos com o cenário de perigoso aumento da competitividade no mercado internacional e, mais uma vez, vemos a breve vantagem dos EUA, às expensas da lucratividade de seus rivais no comércio internacional.

A valorização das ações, fortemente amparada por crescentes lucros do setor industrial, juntamente com a rápida expansão das exportações, alimentara o

⁴²³ AYERBE, Luis Fernando. *Ordem, poder e conflito no século XXI: esse mesmo mundo é possível*. São Paulo: Unesp, 2006.p.85.

⁴²⁴ CHESNAIS, F. (2005).op.cit. p.58.

⁴²⁵ O debate em torno da condição econômica e posição hegemônica dos EUA é abordado parcialmente por esse texto. O contraponto pode ser visto em: MEDEIROS,C., 2001; TAVARES, M.T&FIORI, J.L(org),1998.

⁴²⁶ CHESNAIS, F. (2005). op.cit. p. 193-214.

crescimento dos Estados Unidos ao sustentar tanto o aumento dos gastos do consumo quanto a elevação dos investimentos.⁴²⁷

Concomitantemente, 1990 é a década do definitivo rompimento com os pressupostos do reformismo e consolidação do neoliberalismo nos EUA pelas mãos nada menos que do Partido Democrata. Os dois grandes e tradicionais partidos norte-americanos não mais divergem fundamentalmente; ao contrário, afinam-se com a proposta neoliberal, significando a hegemonia de um projeto congruente com os interesses do capital monetário e do capital funcionante ligado a indústria e comércio transnacionais.

Contrariamente ao que afirma Joseph Stiglitz, membro e posteriormente presidente do conselho de consultores econômicos de Clinton, não cremos que existam mais exatamente grandes divergências entre os projetos defendidos pelos dois principais partidos desde meados da década de 1980. Em *Os exuberantes anos 90*, o economista diz orgulhar-se de, na administração Clinton, haver entre todos os membros “uma crença e um compromisso com os valores democráticos e a justiça social” e de acreditarem estar “promovendo políticas diferentes, políticas que beneficiavam as classes médias e pobre mais do que as políticas que os republicanos haviam defendido...”⁴²⁸ Mas, finalmente, relutante e desgostoso, ele mesmo não pode deixar de reconhecer que “muita gente do governo parecia aceitar a noção de que o mercado de títulos, ou os mercados financeiros, de modo mais geral, conheciam o melhor caminho. Parecia que os mercados financeiros representavam os melhores interesses dos EUA, além dos seus próprios.”⁴²⁹

Com Clinton, os EUA adotaram de vez o equilíbrio orçamentário, bem como o aperto monetário e a proteção social via assistencialismo ao invés de direitos conquistados, assinalando um ponto de virada na consolidação do neoliberalismo. Tais medidas puseram “um fim ao papel que os EUA haviam desempenhado por muito tempo na estabilização da economia internacional, aumentando a demanda por meio de grandes déficits governamentais.”⁴³⁰

⁴²⁷ BRENNER, R. (1999). op.cit. p.17.

⁴²⁸ STIGLITZ, Joseph. *Os exuberantes anos 90: uma nova interpretação da década mais próspera da história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.14 e 20.

⁴²⁹ Idem.p.14.

⁴³⁰ BRENNER, R. (1999).op.cit. p.15.

Para nutrir a idéia de uma alternativa, faltaram, durante a crise americana de 1981-1982, os grandes movimentos sociais que ocorreram nos anos 30 e foram um dos suportes do evento do *New Deal* de Roosevelt (até 1937), e da difusão de um reformismo que invocava Keynes. Nos EUA, em 1982, não houve nenhuma marcha da fome de milhões de desempregados; nenhuma grande greve operária enfrentando a repressão; nenhuma batalha para a enfrentação de novos sindicatos. A resignação dos desempregados fazendo fila para a sopa popular, a dos trabalhadores aceitando uma diminuição de seu salário nominal para salvar a empresa e o emprego, são dados como exemplo.⁴³¹

d. Conclusão

Assim, discursos que enfatizassem as crises econômica e moral, a perda de *status* social e a incompetência e traição governamental nos âmbitos interno e externo tornaram-se demasiadamente atraentes para setores da sociedade (particularmente setores médios) que, mais do que nunca, sentiam-se desorientados. Imersos em um contexto de insegurança e ameaçados por mudanças que não lhes favoreciam, frações dos setores médios e das classes dominadas tenderam a estereotipar seus medos na figura do “outro”. Este, visto como inimigo, destituído da moral implícita do “ser americano” e desrespeitador do credo instituído pelos pais fundadores, acabaria por legitimar desde sentimentos de rejeição até práticas racistas e xenófobas. O Partido Democrata e seu característico reformismo, por sua vez, não mais estariam a serviço ou prezariam pela segurança do “verdadeiro” americano, do “americano médio”. Ao contrário, seus projetos estariam muito mais comprometidos com as causas dos humanistas seculares imorais e dos setores ditos “parasitários” da sociedade, mais especificamente negros e imigrantes latinos, apresentados como pouco empenhados com as coisas do trabalho e basicamente interessados em viver dos programas do Estado.

Objetivamente, o elemento desencadeador de tantas angústias fora essencialmente o sentimento irreal, mas ainda aterrorizante de deslocamento do sonho americano, o medo da queda, primeiramente pelo processo de reformas que atingiu seu ápice em 1960 e 1970, contemplando grupos sociais desprivilegiados e finalmente pelo empobrecimento vivenciado por diversos setores sociais. O temor ante uma possível ameaça - ainda que estivesse longe de se concretizar realmente, uma vez que a grande maioria das agências e aparelhos envolvidos não rogava projetos de caráter revolucionário - somado a incompreensão sobre as reais causas da degradação da qualidade de vida foram suficientes para frações dos setores médios sentirem-se intimidadas e começarem a se organizar juntamente com frações da classe dominante no sentido de reverter a situação.

⁴³¹ BRUNHOFF, S. op.cit. p.9-10.

Acreditamos, portanto, que a crise do reformismo, desenhada concomitantemente ao processo de rearticulação política, intelectual e cultural das forças conservadoras, atingiu um ponto crítico nos anos 1960 e 1970. As reações às políticas de inclusão civil-democrática, a capacidade do conservadorismo em explorar preconceitos, medos e o descontentamento social, bem como as mudanças observadas no mercado de trabalho, trazidas com a crise do padrão de acumulação fordista, e o decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados, catapultaram a vitória do conservadorismo como paradigma, desde suas expressões mais pragmáticas e individualistas, até as mais xenófobas e autoritárias. A interação complexa entre esses processos de natureza histórica, conjuntural e estrutural explicam o desenvolvimento do neoliberalismo nos EUA, representado pela *New Right*, e o aumento extraordinário de aparelhos neofascistas em fins da década de 1970.

O projeto conservador em linhas gerais se popularizará por sua “habilidade de distinguir entre o amigo e o inimigo da nação, da família, de instituições como o casamento, dos valores religiosos e da economia nacional, não poupando esforços para neutralizar quem os ameaçasse.”⁴³² É nos setores médios que se encontram os participantes mais assíduos da reação conservadora, os quais encherão as fileiras de suas agências e aparelhos privados, sensíveis às propostas de movimentos sociais de cunho patriarcal-moralista (movimento antigay, antifeminista, contra o aborto), do neoliberalismo moral e do neofascismo, ainda que verdadeiramente se beneficiem muito pouco delas.

⁴³² VIANNA. A.M. Conservadorismo. In: SILVA, F.C.T. (org). *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições, personagens*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000. p.97.

Capítulo III

Facetas do capital: democracia e tolerância na batalha contra o autoritarismo e o ódio

Nos capítulos anteriores viu-se como e porque tais organizações e ideologias pautadas no autoritarismo, na exclusão e na intolerância ganharam força no cenário político-social norte-americano, conquistando adeptos dos mais variados setores sociais. Doravante, vamos investigar as reações, o posicionamento e as medidas tomadas pelo poder público e por organizações privadas na sociedade civil diante das atividades de organizações racistas e discriminatórias, incluindo as de caráter fascista.

Da análise estrutural e conjuntural passamos para um nível mais micro da pesquisa, no qual são analisadas as iniciativas do poder público e de entidades privadas na investigação e combate de expressões -física e simbolicamente violentas- de racismo, xenofobia, autoritarismo e intolerância de forma geral.

Neste capítulo nos debruçaremos sobre o trabalho desenvolvido por diversas instâncias do Departamento de Justiça -*Federal Bureau of Investigation* (FBI), o *Community Relations Service* (CRS) e o *Bureau of Justice Assistance* (BJA)- juntamente com o Departamento de Comércio, a Promotoria Geral e os departamentos de polícia locais, no reconhecimento, controle e combate efetivo dos crimes de ódio⁴³³ e das atividades de algumas organizações fascistas, vistas como potencialmente perigosas à segurança nacional.

Apesar de, desde os anos 1920, o FBI investigar expressões de intolerância e violência tais como linchamentos, atos de vandalismo etc., somente a partir da década de 1960 esses casos, bem como pesquisas sobre como combatê-los, tornaram-se parte de um projeto nacional em nome da democracia, da tolerância e, principalmente, da segurança nacional, assumindo gradativamente a forma de política pública, primeiramente em 1964 com o *Civil Rights Act* e, mais tarde em 1994, com o agravamento oficial do crime, quando motivado por ódio.

⁴³³ Ato criminoso motivado pelo ódio à raça, religião, orientação sexual, etnia, nacionalidade ou deficiência (mental ou física) da vítima. O crime de ódio não é considerado um crime distinto, mas um agravante de crimes já existentes como agressão, vandalismo, estupro, assassinato etc. Por essa razão, apesar dos debates no Congresso, não existe ainda uma legislação específica para o crime de ódio. Em 1994, uma lei federal aprovou o aumento de pena, caso observado ódio e preconceito como principais motivadores da ofensa.

Na seção dedicada aos combates travados na sociedade política, veremos como vem se dando o trabalho integrado das agências públicas, seus avanços e desafios. Também analisaremos de perto os manuais e tabelas produzidos sobre agravamento da violência e intolerância nos EUA, assim como as estratégias oficiais para tentar controlar tais expressões.

A nível privado, deter-nos-emos nas atividades de duas ONGs, o *Southern Poverty Law Center* (SPLC) e a *Anti-Defamation League* (ADL). Diferentemente das medidas perseguidas na sociedade política, aquelas observadas na sociedade civil nem sempre aparecem articuladas entre si ou ao poder público. As estratégias de atuação são, na maioria das vezes, esparsas e pouco articuladas, o que acaba por comprometer seu nível de efetividade. A variedade dos programas desenvolvidos enriquece a causa, mas a falta de organização e trabalho conjunto por parte das entidades privadas diminui seu poder de pressão em defesa da causa democrática e multicultural. O *Southern Poverty Law Center* e *Anti-Defamation League* aparecem como fontes de informação nos relatórios produzidos pelo FBI e como parceiras do poder público na condução de alguns projetos, o que configura alguma relação entre os poderes público e privado.

Dentre as diferentes formas de atuação e defesa da tolerância e da democracia, constam iniciativas de difusão de informação e aumento do esclarecimento; programas de auxílio jurídico e psicológico a vítimas de violência suscitada pelo preconceito; sistemas de monitoramento das atividades de grupos de ódio⁴³⁴; promoção de passeatas, comícios, campanhas e encontros voltados para a denúncia do crescimento da violência e da intolerância nos EUA etc. As ONGs *Southern Poverty Law Center* e *Anti-Defamation League* produzem ainda materiais de mídia como vídeos, relatórios e livros, estes últimos publicados em editoras próprias.

As organizações privadas serão tratadas como aparelhos privados de hegemonia e, por essa razão, a análise de suas atividades e projetos procurará identificar as posições de classe por eles defendidas. Raramente colocado ou explicitado claramente, desvendar o posicionamento de classe de um aparelho pode representar um desafio a mais à pesquisa. Buscaremos contornar tal obstáculo tentando, na medida do possível, descobrir as fontes de

⁴³⁴ A expressão “grupo de ódio” (*hate group*) é um termo genérico, usado para descrever organizações ideologicamente comprometidas com a defesa da discriminação e da intolerância, não incidindo necessariamente em atividades criminosas. A proposta dos “grupos de ódio” nem sempre é fascista, podendo expressar facetas racistas e segregacionistas do liberalismo e do republicanismo.

financiamento e o histórico das lideranças de cada organização. A partir daí acreditamos poder apontar com mais clareza o recorte de classe presente.

“*In democracy we trust.*” Poderia ser esse o lema por detrás dos numerosos projetos, programas, legislações, grupos de apoio etc. que surgem com veemência a partir dos anos 1960. A democracia do “todos iguais perante a lei”, da “terra dos sonhos e das oportunidades” fora defendida por diferentes vertentes políticas ao longo da história dos EUA, mas com o avançar do século XX, ela, pelo menos no discurso, almejava também ser menos desigual e menos separada.

Ao nos aproximarmos do fim do século XX, declinaram os ganhos reais para a classe trabalhadora, políticas distributivas transmutaram de direitos conquistados em programas assistencialistas. Como abordado no capítulo anterior, um dado padrão de dominação foi posto em xeque, caindo por terra em fins da década de 1970. Porém, a combinação democracia e capital, que garantiu liberdade, representatividade e poder de participação política -ainda que mais ou menos estendida, mais ou menos inclusiva- foi raramente contestada.

Assim é possível entender como a batalha do capital contra os direitos sociais e as políticas distributivas, típicos do reformismo, vai abrandando conforme a construção de consenso em torno da agenda neoliberal, embora não cesse a batalha em nome da democracia e da tolerância. É justamente nos anos 1990 e 2000 que surgem os mais incisivos programas privados voltados para a denúncia e auxílio a vítimas do ódio e da intolerância. É também durante a década de 1990 que é aprovada a emenda de agravante de crime quando motivado por ódio.

Em nome da democracia capitalista, dessa particular faceta da organização do capital é que são defendidos os programas privados e as políticas públicas abordados neste capítulo. Uma luta longa e árdua e que tende a se acirrar justamente quando, da crise social oriunda da mudança do padrão de dominação, surgem centenas organizações antidemocráticas e antiliberais; organizações que defendem uma outra faceta do capital, trazendo uma proposta autoritária, antiliberal, excludente, intolerante e não raro racista de sociedade. Uma outra faceta, mas ainda capitalista e não menos burguesa. Uma faceta tão dura que muitas vezes não queremos sequer admitir que possa ser burguesa, mas lembrando Poulantzas⁴³⁵, é preciso ter

⁴³⁵ POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974. p.58.

em mente que a sociedade burguesa carrega em si tanto os germes para a liberdade plena quanto para o aprisionamento.

Este capítulo tratará do embate entre essas duas facetas do capital, desse equilíbrio instável que é a relação de hegemonia, dos conflitos entre dois projetos de sociedade burguesa.

a. Hegemonia: um breve debate sobre o equilíbrio instável

O conceito de hegemonia, largamente popularizado pelos escritos de Gramsci, carrega uma história bem mais antiga, que remonta ao movimento social-democrata russo de fins do século XIX, passando pela valiosa contribuição de Lenin e pelos debates da Internacional Comunista. O reconhecimento dessa historicidade do conceito e um olhar, ainda que rápido, sobre seu desenvolvimento revela-se nodal para uma compreensão mais profunda da função que o conceito adquire na obra do autor sardo.

É Plekhanov quem começa a utilizar o termo hegemonia (*gegemoniya*) em trabalhos publicados em meados da década de 1880, insistindo na necessidade por parte do operariado russo de se travar não somente um combate econômico contra o patronato, mas igualmente um combate político contra o Tzarismo. Militante e membro fundador do Grupo Libertação do Trabalho, Plekhanov afirma, no programa de fundação do grupo em 1884, que a burguesia russa era demasiadamente fraca para levar a cabo uma luta contra o absolutismo e que caberia à classe operária sustentar a burguesia na revolução democrático-burguesa, mesmo que ao final não emergisse como classe dirigente.⁴³⁶

Os polêmicos panfletos antieconomicistas de Axelrod inauguram, em 1898, um novo capítulo no debate sobre o papel da classe operária na conquista da democracia e das liberdades políticas. Axelrod defendeu uma atitude independente e dirigente por parte da classe operária na luta contra o absolutismo, em vista da impotência das demais classes. “Em virtude da posição histórica de nosso proletariado, a social-democracia russa pode obter hegemonia (*gegemoniya*) contra o absolutismo.”⁴³⁷

O conceito de hegemonia enunciado por Axelrod influenciará toda uma geração de marxistas russos. Mais importante talvez tenha sido a própria polêmica entre Plekhanov e

⁴³⁶ ANDERSON, P. *Afinidades Seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.p.26.

⁴³⁷ Perpiska, G. V.Plekhanova; P.B. Axelroda. Moscou, 1925. II,p.142. apud. ANDERSON, P. op.cit. p.27.

Axelrod, no sentido em que trouxe para primeiro plano o problema da organização **nacional** da classe operária, assumindo a luta pela libertação de todos os grupos subordinados. Será a partir desse fio que Lenin tecerá sua contribuição original para o conceito de hegemonia, agregando-o à teoria da revolução socialista.

A proposta de Lenin não tardou a vir, aparecendo no livro *Que Fazer?* de 1902, passados apenas quatro anos dos panfletos de Axelrod. Nesse livro, Lenin trabalha questões enunciadas no artigo “Por onde começar”, publicado no ano anterior na revista *Iskra*, como o caráter da agitação política, tarefas de organização e direcionamento dessa ação, e uma proposta de construção de uma organização de combate para toda a Rússia. Soma-se a isso uma análise do desenvolvimento da social-democracia russa e uma pesada crítica a uma tendência deste mesmo movimento, cada vez mais burocratizada e voltada para os interesses de ordem corporativa, a qual Lenin intitulou economicista.

As dissensões da social-democracia russa ajudam a compreender os impasses e desavenças do movimento com relação às questões pontuadas no artigo da *Iskra*. Isso porque a passagem do momento de gestação da social-democracia (com a construção de um programa e consolidação como orientação política alternativa) para um partido político propriamente dito envolveu a ascensão das massas populares. A social-democracia se tornava um movimento popular, incluindo o operariado e muitos jovens entusiasmados. “Com a rapidez de uma epidemia, o entusiasmo geral pela luta contra o populismo propaga-se entre os intelectuais, que vão aos operários, bem como difunde-se o entusiasmo geral dos operários pelas greves.”⁴³⁸

Tal momento, contudo, veio a exacerbar diferenças profundas dentro do movimento, as quais se tornaram explícitas a partir de 1898. A adesão dos segmentos populares colocava em pauta diversos aspectos como o caráter da social-democracia russa, suas formas de organização e atuação social. Caminharia o partido em direção a uma revolução burguesa ou proletária? Em quais níveis se buscaria estabelecer alianças com demais setores subordinados? A que classe caberia a direção do movimento? Como direcionar o agir no mundo? Ou seja, todas as indagações colocadas a princípio por Lenin.

A luta proletária ganhava novas camadas de operárias e propagava-se através da Rússia, contribuindo ao mesmo tempo, indiretamente, para reanimar o espírito democrático entre os estudantes e as outras categorias da população. Mas a consciência dos dirigentes cedeu diante da grandeza e força do impulso espontâneo,

⁴³⁸ LENIN, V. *Que Fazer?* Conclusão.

entre os sociais- democratas já predominava uma outra fase, a dos militantes alimentados quase que unicamente pela literatura marxista "legal"(...) A socialdemocracia foi nivelada ao sindicalismo...⁴³⁹

A proposta defendida por Lenin em *Que fazer?* e outros escritos que se seguiram à derrota de 1905, exaltava o marxismo militante, o papel de vanguarda da classe operária como dirigente de todos os trabalhadores, de todos os oprimidos na luta por uma revolução democrática integral.

Para o autor russo, a condição revolucionária estaria mesmo atrelada a essa aliança - sob direção do proletariado - entre todos os setores dominados, principalmente à aliança operário-camponesa. Somente a partir dessa hegemonia, o movimento assumiria uma direção realmente revolucionária. Os mencheviques, segundo ele, haviam abandonado o axioma da hegemonia, enfatizando a aliança com os liberais-democratas e, assim, aceitando o papel dirigente do capital na revolução burguesa contra o czarismo. Uma posição considerada oportunista, corporativa, economicista e que, portanto, não traduzia um projeto de base solidamente classista.

Do ponto de vista marxista, tão logo uma classe renuncie à idéia de hegemonia ou falhe em considerá-la, ela não é mais uma classe, mas algo corporativo ou a soma de vários elementos corporativos (...) É a consciência da idéia da hegemonia e sua colocação em prática nas suas próprias atividades que transformam as corporações (*tsekhi*) no seu conjunto em uma classe.⁴⁴⁰

A construção da hegemonia entre os explorados sob direção do operariado se expressava justamente no estabelecimento fundamental de alianças, no movimento de militância constante, tanto em momentos de convulsão quanto de calma. O partido político e o jornal seriam os *loci* onde se materializariam tais atividades de conquista, visando recrutar, mobilizar, organizar um exército permanente. “Seria um gravíssimo erro estruturar a organização do Partido contando apenas com as manifestações e combates de rua, ou com "a marcha progressiva da obscura luta cotidiana".⁴⁴¹ Jornal e partido se complementavam como espaços de trabalho cotidiano, permanente. É por meio deles que se firmam e se mantêm as alianças, que o operariado conquista hegemonia perante os oprimidos.

Podemos notar a importância da construção de uma unidade, uma unidade a partir da diferença, uma unidade organizada, com um projeto bem delineado e direcionado a um

⁴³⁹ Idem.

⁴⁴⁰ LENIN, V. *Collected works*. vol.17.p.232-233. Apud. ANDERSON, P.op.cit.p.29.

⁴⁴¹ LENIN, V. op.cit. cap.5. Plano de um jornal público para toda a Rússia.

objetivo. O ataque à fortaleza inimiga seria, assim, uma ação direcionada, impulso objetivamente canalizado das massas, não obra de uma multidão desesperada, desorganizada.

Precisamente porque a multidão é capaz de triturar e esmagar o exército regular, é absolutamente necessário que nosso trabalho de "organização rigorosamente sistemática", no exército regular, "combine-se" ao impulso espontâneo, pois haverá maiores oportunidades para que o exército regular não seja esmagado pela multidão, mas marche à sua frente, se nos apressarmos em proceder a essa organização.⁴⁴²

Apesar de relativamente popular nos debates do movimento operário russo, a vitória da revolução socialista, em 1917, fez cair em desuso a noção de hegemonia na Rússia, uma vez que teria surgido no âmago das discussões sobre o papel da classe operária em uma revolução burguesa. As Internacionais irão resgatá-la.

É durante a Terceira Internacional que o conceito de hegemonia finalmente se difunde pelo mundo, internacionalizando-se. A influência da perspectiva leninista é, então, claramente perceptível no que tange às discussões sobre as alianças sob liderança do operariado e o, conseqüente, perigo de corporativismo, caso isso não se realizasse. Assim, vemos reafirmada a necessidade do exercício da hegemonia do proletariado sobre os demais grupos explorados na luta contra o capital, organizados em instituições próprias, como partido e outras instâncias (lembramos que Lenin sugeria um jornal).

O proletariado se torna uma classe revolucionária na medida em que não se restringe aos quadros de um corporativismo estreito e atua em todas as manifestações e todos os domínios da vida social como um dirigente do conjunto da população trabalhadora e explorada (...) O proletariado industrial não pode levar adiante sua missão histórica mundial, que é a de libertar a humanidade do jugo do capitalismo e das guerras, se ele se limita a esses interesses corporativos e a esforços para melhorar a sua situação -às vezes muito satisfatória- na sociedade burguesa.⁴⁴³

A preocupação com iniciativas imediatistas, antirrevolucionárias e de cunho corporativista perpassou diversos congressos dessa Internacional. O quarto congresso (1922), contudo, trouxe um diferencial e, pela primeira vez, a hegemonia foi discutida como algo igualmente relativo à dominação burguesa. O exercício da hegemonia burguesa estaria assentado justamente em conseguir manter a luta do proletariado restrita aos interesses corporativos, levando-o a aceitar, dessa forma, a suposta divisão entre luta política e luta econômica. A hegemonia burguesa estaria, portanto, resguardada.

⁴⁴² Idem.

⁴⁴³ Manifestes.Thèses et Résolutions des Quatre Premiers Congrès Mondiaux de L'Internationale Communiste 1919-1923. Paris, 1969.p.20. apud. ANDERSON, P. op.cit.p.30.

Até aqui, como podemos perceber, o termo hegemonia aparece muitas vezes associado à ideia de superioridade, supremacia e preponderância sobre outros grupos -ainda que aliados- ou mesmo dominação, em se tratando de classes antagônicas. Uma relação ligada à tessitura de alianças, à conquista de espaços. Alianças e espaços assentados, contudo, mais na força, na imposição, que no convencimento.

Segundo Anderson, embora Gramsci tenha estado na Rússia entre 1922 e 1923 para participar do quarto congresso e aprendido algo do idioma russo durante esse período, é pouco provável que ele tenha tido contato direto com os textos dos debatedores russos do conceito de hegemonia. Seu conhecimento da discussão estava profundamente ligado às definições estabelecidas e “exportadas” pela Terceira Internacional, as quais remontam em muitos aspectos à própria definição de Lenin.

O mérito irrefutável de Gramsci foi realocar o termo hegemonia (introduzido nos círculos socialistas pelos russos) para o contexto da especificidade do poder capitalista no Ocidente, onde as crises econômicas não abalavam tanto o Estado e a classe operária não só era dominada (passiva), mas concedia “voluntariamente” o consentimento para a dominação burguesa, participando e legitimando suas instituições (o que não elimina o fato de que estas, em grande parte tenham sido justamente o resultado de suas lutas, particularmente os direitos sociais adquiridos no século XX).⁴⁴⁴

Gramsci traz, assim, uma nova contribuição ao conceito de hegemonia, trabalhando-o como uma relação complexa, que, assim como outros de seus conceitos (Estado ampliado, revolução passiva, aparelhos privados, etc.), envolve pensar a dominação de classe sob uma dupla dimensão, de coerção e consenso, força e persuasão. As observações teóricas do autor sardo são feitas frequentemente na forma de pares conceituais, díades não mutuamente excludentes, tais como sociedade civil e sociedade política, Ocidente e Oriente, coerção e consenso, hegemonia e dominação. Como afirma Benedetto Fontana, “cada termo das díades de Gramsci (...) pressupõe o outro, de tal modo que o emprego de um depende do emprego do outro. Desse modo, o problema reside na determinação empírica da proporção, peso e valor de cada elemento da díade no contexto de uma situação histórica concreta”.⁴⁴⁵

Gramsci alarga o conceito, o complexifica e o adapta para compreender a forma da dominação burguesa na Europa imperialista, Estados nos quais as relações capitalistas avançaram e se complexificaram. Assim, mais do que manifestação de dominação, pautada na

⁴⁴⁴ SECCO, Lincoln. Crise e estratégia em Gramsci. In: DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.p.84.

⁴⁴⁵ FONTANA, Benedetto. Hegemonia e nova ordem mundial. In: COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréa de Paula. *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.p.119-120.

força das armas, das intervenções de instâncias punitivas ou dos constrangimentos políticos e econômicos, a relação de hegemonia proporcionalmente se assenta mais na direção intelectual e moral. É uma relação mais intensa que a mera dominação, pois a busca pelo consenso ativos dos governados serve de respaldo para a dominação, é seu fundamento, seu alicerce mais profundo e, portanto, muito mais difícil de ser destruído.

Em 1916, Gramsci ainda não tinha chegado ao conceito de hegemonia, mas como é evidente em “Socialismo e Cultura” (...) ele já acreditava, mesmo então, que o que possibilitava às classes dominantes tomar o poder e mantê-lo não era apenas a força bruta, mas também, e talvez mais fundamentalmente a obtenção da dominação cultural –isto é, a capacidade de difundir por toda a sociedade suas filosofias, valores, gostos, etc. A revolução burguesa, como Gramsci explica em “Socialismo e Cultura”, não foi algo espontâneo; mas precisamente, foi a culminação de “um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de idéias”.⁴⁴⁶

Vejamos, então, alguns trechos dos *Cadernos do Cárcere*, nos quais Gramsci trabalha o conceito de hegemonia.

O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que sejam levados em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa; mas também é indubitável que tais sacrifícios e tal compromisso não podem envolver o essencial, dado que, se a hegemonia é ético-política, não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica.⁴⁴⁷

O exercício “normal” da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública –jornais e associações-, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados.⁴⁴⁸

Assim como outros conceitos de Gramsci, o de hegemonia suscitou debates, querelas internacionais detonadas a partir da apresentação de Norberto Bobbio por ocasião do Simpósio Internacional de Estudos Gramscianos, ocorrido em 1967. O ensaio apresentava, segundo Bobbio, uma leitura alternativa, heterodoxa dos conceitos de sociedade civil e hegemonia em Gramsci. Como o conceito de sociedade civil em Gramsci é parte integrante de outro maior - o conceito ampliado de Estado - Bobbio inicia sua comunicação comparando e descrevendo rapidamente algumas formulações sobre a relação Estado/sociedade civil,

⁴⁴⁶ BUTTIGIEG, Joseph A. Educação e hegemonia. In: COUTINHO, C. N. (org). op.cit.p.45.

⁴⁴⁷ GRAMSCI, A. op.cit. vol.3, 2002.p.48.

⁴⁴⁸ Idem.p.95.

passando pelas teorias racionalistas e jusnaturalistas até finalmente chegar à concepção desenvolvida por Marx.

Bobbio pontua que a sociedade civil em Marx integra o momento estrutural, das relações materiais, condicionando e regulando o Estado. A sociedade civil é, desse modo, entendida como positiva, momento ativo, lócus da mudança e do desenvolvimento histórico. A visão de Estado em Marx e Engels estaria marcada, segundo o autor italiano, por três elementos fundamentais: o caráter coercitivo do Estado; Estado como instrumento da dominação de classe; a subordinação do Estado à sociedade civil. Diante disso, Bobbio conclui que a concepção marxiana de Estado seria respectivamente instrumentalizante, particularista e negativa.

O diferencial trazido por Gramsci, segundo Bobbio, seria principalmente o lugar distinto ocupado pela sociedade civil, não integrando mais o momento estrutural, mas o superestrutural, relativo às relações ideológico-culturais. Este ponto, em especial, foi corroborado por muitos interpretes como Hugues Portelli, Giovanni Semeraro, Carlos Nelson Coutinho, e mesmo ávidos críticos, como Perry Anderson ao afirmar que “em Gramsci a sociedade civil não se refere à esfera das relações econômicas, mas lhe é explicitamente contraposta enquanto um sistema de instituições superestruturais que é intermediário entre a economia e o Estado.”⁴⁴⁹

Bobbio destaca também que analogamente à Marx, Gramsci destaca igualmente o caráter positivo, ativo da sociedade civil e sua importância para a articulação de mudanças sociais. Mas, não relega nunca as relações com a estrutura, com as condições objetivas, a sagrada dialética que imprime riqueza a sua análise social tanto quanto a de Marx. Jaz aqui um dos pontos mais polêmicos, intensamente criticado, no texto de Bobbio.

Como em Marx, a sociedade civil (a base econômica) era o fator ontologicamente primário na explicação da história, Bobbio parece supor que a alteração efetuada por Gramsci o leva a retirar da infra-estrutura essa centralidade ontológico-genética, explicativa para atribuí-la a um elemento da superestrutura, precisamente à sociedade civil.⁴⁵⁰

Ao identificar na sociedade civil gramsciana o “novo motor da história”, base para toda e qualquer mudança social, Bobbio inverte a relação marxiana básica estrutura-superestrutura, na qual representações e ideias são produzidas por homens reais,

⁴⁴⁹ ANDERSON, P. op.cit.p.50.

⁴⁵⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM,1981.p.88.

“condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde.”⁴⁵¹ E o faz de modo explícito, afirmando que o Gramsci teria derivado de Hegel sua tese de sociedade civil. Essa interpretação de Bobbio transforma Gramsci em um apóstolo da filosofia que “desce do céu à terra”, algo profundamente estranho às influências teóricas e práticas sociais em vida do filósofo sardo.

A relação estrutura-superestrutura –que, considerada de modo naturalista, é interpretada como relação de causa e efeito e leva ao fatalismo histórico- inverte-se, quando considerada do ponto de vista do sujeito ativo da história, da vontade coletiva, em uma relação meio/fim. O reconhecimento e a busca desse fim ocorrem por obra do sujeito histórico, que opera na fase superestrutural servindo-se da estrutura, a qual –de momento subordinante da história- torna-se subordinado.⁴⁵²

O lugar verdadeiramente singular da sociedade civil no sistema conceitual gramsciano opera, portanto, não apenas uma, mas duas inversões com relação ao modo escolástico tradicional de entender o pensamento de Marx e Engels: a primeira consiste no privilegiamento da superestrutura com relação à estrutura; a segunda, no privilegiamento, no âmbito da superestrutura, do momento ideológico com relação ao institucional.⁴⁵³

Gramsci se dedica sim ao exame minucioso das superestruturas -e a sociedade civil integra essa esfera- mas não com a intenção de inverter de todo a relação com a estrutura, mas para complexificá-la. A elaboração de uma nova civilização envolve, segundo Gramsci, uma reforma intelectual e moral, ligada fundamentalmente a um programa de reforma econômica, o qual, por sua vez, constitui a forma concreta com a qual aquela se apresenta. “Pensar-se a construção de uma nova forma social, uma nova sociabilidade, só é possível se se pensam conjuntamente as formas específicas de sua realização – a um tempo material e simbólica.”⁴⁵⁴

Como ressalta Werneck Vianna, o emprego da dialética por Gramsci descarta, de imediato, pensar fábrica e sistema político como universos paralelos. Seriam, ao contrário, segundo o sociólogo, mutuamente explicativos, uma vez que, variando a administração do par coerção/consenso em um, o outro, por conseguinte, também variaria. Assim, a um dado sistema de produção e controle da força de trabalho, tem-se um tipo de sistema político correspondente.⁴⁵⁵

⁴⁵¹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.p.94.

⁴⁵² BOBBIO, Norberto. A sociedade civil em Gramsci. In: *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.p.60.

⁴⁵³ Idem.p.62.

⁴⁵⁴ DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.p.10

⁴⁵⁵ VIANNA, Luiz Werneck. Fábrica e sistema político: anotações teóricas para uma investigação empírica. *DADOS*. Vol.24. N.2,1981.p.191-211.

A fábrica está radicada no mundo da produção. Mas não só nele. Além de ser uma agência econômica produtora de mercadorias, a forma da produção contém em microsomo uma das matrizes das relações sociais e políticas. (...) o enriquecimento de cargos, a avaliação de desempenho etc., não se confinam ao exercício de um papel técnico na produção capitalista. São também ideologias fabris, informadas pelas relações políticas extrafábrica – nível de cidadania atingido pela classe operária, sua força sindical, nível de participação dos trabalhadores-, que se patenteiam em modos diferenciais de uso da coerção e do consenso. São, pois, supra-estruturais.⁴⁵⁶

Essa relação intrínseca é reforçada em diversos trechos dos *Cadernos*. A configuração das relações materiais é, para ele, o fundamento da hegemonia. É por isso que ela “nasce da fábrica”, pois “não pode deixar de ser também econômica, não pode deixar de ter seu fundamento na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica.”⁴⁵⁷ A relação de classe, uma realidade objetiva, consiste exatamente no primeiro momento no quadro da relação de forças sociais.

Na “relação de força”, é necessário distinguir diversos momentos ou graus, que no fundamental são os seguintes: 1) uma relação de forças sociais estreitamente ligada à estrutura, objetiva, independente da vontade dos homens, que pode ser mensurada com os sistemas das ciências exatas ou físicas. Com base no grau de desenvolvimento das forças materiais de produção, têm-se os agrupamentos sociais, cada um dos quais representa uma função e ocupa uma posição determinada na própria produção. Essa relação é o que é, uma realidade rebelde: ninguém pode modificar o número das empresas e de seus empregados, o número das cidades com sua dada população urbana, etc.⁴⁵⁸

Bobbio parece não dar maior importância a esse movimento imprescindível que é a dialética, talvez a maior herança de Marx em Gramsci. Os pares conceituais do filósofo sardo se relacionam de forma dialética e, por essa razão, uma separação entre coerção e consenso, força e persuasão, dominação e hegemonia, sociedade civil e sociedade política, Estado ampliado e estrutura social só deve ser feita, quando muito, para fins didáticos. Os conceitos são mais bem entendidos quando tratados de modo combinado. Como o próprio Gramsci adianta, “a hegemonia caracteriza-se pela **combinação** [grifo nosso] da força e do consenso”⁴⁵⁹. Da mesma forma, o Estado ampliado caracteriza-se pela combinação da sociedade política e sociedade civil e revolução passiva pela combinação da revolução e da restauração.

⁴⁵⁶ Idem. p. 195.

⁴⁵⁷ GRAMSCI, A. op.cit.vol.3, 2002.p.48.

⁴⁵⁸ GRAMSCI, A. op.cit.vol.3, 2002.p.40.

⁴⁵⁹ Idem.p.45.

Bobbio interpreta os conceitos de forma demasiadamente separada, como se a sociedade civil fosse a esfera reservada à hegemonia e esta, por sua vez, fosse composta unicamente por relações de consenso e persuasão. Coerção, dominação e força; por outro lado, seriam exercidas na sociedade política, o que ele qualifica como componente negativa do Estado ampliado.

...partido e hegemonia ocupam um lugar central na concepção gramsciana da sociedade e da luta política: com efeito, eles são dois elementos da sociedade civil, seja enquanto esta se opõe como momento superestrutural à estrutura, seja enquanto se opõe como momento positivo da superestrutura ao seu momento negativo do Estado-força.⁴⁶⁰

Visto desse prisma, contudo, como entender as expressões de violência e intimidação presentes na sociedade civil? O próprio foco desta pesquisa –organizações fascistas na sociedade civil- mostra que a sociedade civil está longe de ser um terreno restrito a relações pacíficas, pautadas no consenso. Não por menos, Simone Chambers e Jeffrey Kopstein denominaram ironicamente esse aspecto comumente negligenciado da hegemonia - a coerção na sociedade civil - de *bad civil society*, aplicando-o em suas análises sobre o desenvolvimento de correntes autoritárias no seio (e não à margem) da sociedade civil.⁴⁶¹

Que dizer das funções “educativas” do Estado? Nas escolas oficiais, nas instâncias parlamentares e também no campo judiciário, são difundidos valores e códigos de conduta, enfim, concepções de mundo. São lugares onde circulam, embatem-se e articulam-se projetos de sociedade; são, nesse sentido, também espaços de construção de consenso. Ainda que em menor proporção, a hegemonia também perpassa a esfera da sociedade política.

O esquema rudimentar Estado=coerção e sociedade civil=hegemonia é contrário à complexa análise gramsciana, na qual não existe uma rígida divisão de tarefas entre as duas esferas e, pelo contrário, tem-se em vista dar conta das novas tarefas hegemônicas próprias do Estado.⁴⁶²

Ainda que controversa, essa interpretação de Bobbio influenciou intelectuais na Europa e no Brasil. Em 1972, apenas cinco anos após a apresentação de Bobbio no simpósio, Hugues Portelli lança na França o livro *Gramsci e o bloco histórico*. O trabalho, profundamente influenciado pela leitura bobbiana, reafirma desde a suma *Gramsci, teórico*

⁴⁶⁰BOBBIO, N. op.cit. p.65.

⁴⁶¹ CHAMBERS, Simone e KOPSTEIN, Jeffrey. *Bad civil society*. *Political theory*. v.29. n.6. December, 2001.p. 837-865.

⁴⁶² PRESTIPINO, G. *Dialettica*. VVAA. *Le parole di Gramsci: per un lessico dei Quaderni Del cárcere*. Roma: Carocci, 2004.p.70-71. apud. BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.p.177.

das superestruturas, passando pelo seu papel proeminente das mesmas em detrimento da estrutura - notadamente da sociedade civil como propulsora do desenvolvimento histórico - até o a forma esquemática de apresentação das relações de coerção e consenso.

Conforme aparece nas definições de Gramsci sobre a sociedade política, esta tem por função o exercício da coerção, da manutenção, pela força, da ordem estabelecida. (...) Gramsci, ao contrário, situa o terreno essencial da luta contra a classe dirigente na sociedade civil: o grupo que a controla é hegemônico e a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia, estendendo-a ao conjunto do Estado.⁴⁶³

A hegemonia, para Portelli, supõe primordialmente a conquista da sociedade civil a partir da construção de consenso entre os grupos em disputa. A sociedade política viria, pelo monopólio da força legítima, selar e manter a relação. Assim, o autor passa ao largo das relações econômicas de exploração, fundamento da desigualdade e da classe social como realidade objetiva.

Algo similar pode ser visto em alguns trechos do artigo de Benedetto Fontana. Esse autor, como indica a citação do início da seção, apesar de trazer um olhar interessante para a leitura dos conceitos de Gramsci - defendendo uma leitura baseada na proporção dos elementos coerção/consenso, força/persuasão - aproxima-se em outros trechos, contudo, à leitura esquematizada de Bobbio.

Devemos lembrar que em Gramsci, a sociedade civil está em oposição e contraste com a sociedade política: a primeira denota o âmbito do consenso e da direção moral e intelectual, enquanto a última denota o âmbito do domínio e da coerção.⁴⁶⁴

Desse modo, a sociedade civil, embora represente e denote a esfera da liberdade e do consenso, é ao mesmo tempo a esfera na qual acontecem competição, conflito e luta entre as partes. É a esfera na qual diferentes concepções de mundo se opõem umas às outras e disputam o apoio das pessoas. Aqui produz-se o consentimento, constrói-se consenso e mobiliza-se o apoio popular. Tal mobilização e estruturação são alcançadas através da mediação de prismas ideológicos e culturais.⁴⁶⁵

Em Carlos Nelson Coutinho, grande tradutor e difusor do pensamento de Gramsci no Brasil, não se verifica tamanha confluência com o pensamento de Bobbio, mas sim algumas aproximações com respeito às análises sobre hegemonia e a díade sociedade civil/sociedade política. Anteriormente, foi pontuada a divergência relativa à superestima do papel da sociedade civil no desenvolvimento histórico, em detrimento das relações econômico-sociais.

⁴⁶³ PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.p.33 e 78.

⁴⁶⁴ FONTANA, B.op.cit.p.116.

⁴⁶⁵ Idem.p.118.

Entretanto, não se pode deixar de notar certos pontos de contato com a leitura de Bobbio. Vejamos os trechos abaixo.

Portanto, o Estado em sentido amplo, “com novas determinações” comporta duas esferas principais: a sociedade política (...), que é formada pelo conjunto dos mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle das burocracias executivas e policial-militar; e a sociedade civil, formada precisamente pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, as igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoriais, meios de comunicação de massa), etc.⁴⁶⁶

No âmbito e através da sociedade civil, as classes buscam exercer sua *hegemonia*, ou seja, buscam ganhar aliados para suas posições mediante a *direção política* e o *consenso*; por meio da sociedade política, ao contrário, as classes exercem sempre uma *ditadura*, ou, mais precisamente uma *dominação* mediante a *coerção*.⁴⁶⁷

Tendo em vista a polêmica colocada por Bobbio e as aparentes contradições presentes no texto de Gramsci, Anderson aponta que os conceitos nem sempre parecem claros e objetivos nos *Cadernos* e que se pode notar, no que diz respeito à hegemonia e à relação sociedade civil/sociedade política, três formas distintas de apresentação dos conceitos.

A primeira, exposta no trecho abaixo, remete à interpretação formulada por Bobbio, separando de modo estanque hegemonia e dominação, sociedade civil e sociedade política.

Podemos agora estabelecer dois grandes níveis nas superestruturas – o que devemos chamar de sociedade “civil”, quer dizer, o conjunto dos organismos comumente chamados “privados”, e o outro da “sociedade política” ou do Estado. Esses dois níveis correspondem, de um lado, à função de “hegemonia” que os grupos dominantes exercem sobre a sociedade e, de outro, àquela de “dominação direta” ou de comando que se exprime no Estado e no governo jurídico.⁴⁶⁸

A forma esquemática com que Gramsci delimita os termos nesse fragmento deu origem a leituras e apropriações reformistas de sua teoria, particularmente caras aos partidos socialistas e frações esquerdistas da social-democracia europeia. Segundo tal concepção, a democracia burguesa, com seu sistema de eleições regulares e canais públicos e privados de representação e organização política, retiraria o caráter violento e repressor do Estado burguês. O núcleo do poder deveria ser procurado na sociedade civil, nos aparelhos de hegemonia, em especial no controle capitalista dos meios de comunicação. A livre atuação desses aparelhos juntamente com o sistema eleitoral, isto é, a possibilidade de representatividade garantiria hegemonia do capital, assentada no puro consentimento. O

⁴⁶⁶ COUTINHO, C. N. op.cit. p.91.

⁴⁶⁷ Idem.p.92.

⁴⁶⁸ GRAMSCI, A. QC, III. p.1518-9; SPN,p.12. apud. ANDERSON, P. op.cit. p.35.

caminho para o socialismo não seria mais a saída revolucionária, mas primordialmente ganhar espaço na arena da sociedade civil e aumentar também a participação de seus representantes no sistema parlamentar.

Anderson caracteriza essa interpretação reformista de Gramsci como um tanto ilusória, haja vista a própria experiência dos partidos socialistas europeus no poder. Suas vitórias no campo eleitoral não garantiram o exercício de práticas socialistas. Teoricamente, o complicador reside em retirar o aspecto coercitivo da relação de hegemonia e do Estado burguês ocidental, construindo a democracia burguesa como ideal de democracia, mais ainda, como única forma de democracia. O autor inglês conclui afirmando que tal separação não se sustenta, pois a forma fundamental do sistema parlamentar no Ocidente é ela própria o eixo dos aparelhos ideológicos do capitalismo, construindo consenso em torno do ideal de democracia, notadamente a burguesa.

...a forma geral do Estado representativo - em uma democracia burguesa - é ela própria a *arma* ideológica principal do capitalismo ocidental, cuja própria existência priva a classe operária da idéia do socialismo como um *tipo diferente de Estado*, sendo que os meios de comunicação e outros mecanismos de controle cultural reforçam além disso esse “efeito” ideológico central. As relações de produção capitalistas distribuem todos os homens e mulheres em diferentes classes sociais, definidas pela desigualdade do seu acesso aos meios de produção. (...) As divisões econômicas entre os cidadãos são mascaradas pela igualdade jurídica existente entre os exploradores e os explorados e com elas a completa *separação e não participação* das massas no trabalho do parlamento. Essa separação é, então, apresentada e representada para as massas como a encarnação suprema da liberdade: a “democracia” como o fim último da história.⁴⁶⁹

A segunda forma apresenta a hegemonia como uma síntese de consenso e coerção, admitindo mesmo a possibilidade da construção dessa relação também na sociedade política. “O exercício normal da hegemonia no terreno agora clássico do regime parlamentar é caracterizado por uma combinação da força e do consentimento que forma equilíbrios variáveis, nos quais jamais a força predomina muito sobre o consentimento.”⁴⁷⁰ Diferentemente da perspectiva vista acima, na qual os termos apareciam de forma bastante esquemática e estanque, temos aqui uma interação complexa entre as relações de coerção e consenso.

Tal interação é igualmente perceptível entre as esferas da sociedade política e da sociedade civil, especialmente quando Gramsci trata da construção de hegemonia no sistema educacional, no legislativo e no judiciário. A escola está longe de ser a única instância

⁴⁶⁹ ANDERSON, P. op.cit.p.40-41.

⁴⁷⁰ GRAMSCI, A. QC, II. p.752; SPN,p.246. apud. ANDERSON, P. op.cit. p.36.

educadora, produtora e reprodutora de visões de mundo. Uma legislação não apenas pune, mas também educa, indica o que é considerado certo ou errado, ensina como se portar, o que é aceitável e permitido. Da mesma forma, uma sentença não procura somente punir, mas educar, servir de lição para os demais.

Todo Estado é ético na medida em que uma de suas funções mais importantes é a de elevar a grande massa da população a um certo nível cultural e moral, nível ou padrão que corresponde às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas e, por conseqüência, aos interesses das classes dominantes. A escola como função educacional positiva e os tribunais como função educativa repressiva são as mais importantes atividades do Estado. (...) [O Estado] atua segundo um plano, pressiona, incita, solicita e “pune”, já que, criadas as condições nas quais um determinado modo de vida é “possível”, a “ação ou a omissão criminosa” devem receber uma sanção punitiva, de alcance moral, e não apenas um juízo de periculosidade genérica...Na concepção do direito, deveriam ser incorporadas também as atividades que “premiam” indivíduos, grupos, etc; premia-se a atividade louvável e meritória, assim como se pune a atividade criminosa (e pune-se de modo original, fazendo-se com que intervenha a “opinião pública” como instrumento de sanção).⁴⁷¹

Anderson identifica ainda uma terceira formulação, na qual desaparece por completo a distinção entre sociedade civil e sociedade política. É quando ele fala do Estado em forma integral: “Pois o Estado deve ser entendido não simplesmente como um aparato governamental, mas também como aparelho ‘privado’ de hegemonia ou sociedade civil.”⁴⁷²

Não creio que tais discrepâncias deponham contra o autor, uma vez que os *Cadernos* eram uma obra em processo, um conjunto de observações, críticas e propostas em desenvolvimento, não um livro propriamente acabado e objetivamente organizado. Se os conceitos parecem contraditórios, paradoxais ao longo dos *Cadernos*, é porque estavam sendo elaborados naquele justo momento, ao sabor do fluxo das ideias, um pensamento em construção. Dito isso, acredito que a melhor forma de entender Gramsci seja ter em mente a obra como um todo, bem como a história de vida e os posicionamentos políticos do autor em questão.

Críticas similares às de Anderson podem ser vistas na coletânea *O outro Gramsci*, organizada por Edmundo Dias, e no livro *O laboratório de Gramsci* de Alvaro Bianchi. Esse grupo de autores da UNICAMP contribuiu para uma leitura mais dialética e combativa de Gramsci, fazendo a crítica tanto a Bobbio quanto a Coutinho. Dialogando não somente com Anderson, mas também com críticos mais contemporâneos como Guido Liguori, Giuseppe Prestipino, Simone Chambers, Jeffrey Kopstein entre outros, os debatedores da UNICAMP

⁴⁷¹ GRAMSCI, A. QC, II. p.1049. apud. ANDERSON, P. op.cit. p.45. GRAMSCI, A. op.cit. vol.3, 2002.p.28.

⁴⁷² GRAMSCI, A. QC, II. p.801;SPN, p.261. apud. ANDERSON, P. op.cit. p.48.

reforçam a interpretação da hegemonia como combinação de consenso e coerção e alertam para os complicadores de se trabalhar os conceitos de Gramsci de forma desconectada.

No artigo de Edmundo Dias, hegemonia é entendida como uma racionalidade “que se traduz em cada um dos campos de intervenção histórica: da produção e reprodução da materialidade ao campo do estético e/ou da afetividade.”⁴⁷³ É considerada, assim, um projeto global articulado por intelectuais -organizados em aparelhos de hegemonia- de forma a criar ou manter uma dada civilização, um dado modo de pensar e produzir, enfim, de viver material e simbolicamente.

A função dos intelectuais, organizados em aparelhos de hegemonia, é justamente criar as condições favoráveis à expansão da classe que representam. Para tal, procuram por certo obter o consenso ativo dos governados, mas recorrem igualmente à coerção, de modo a assegurar legalmente (via instituições punitivas e corretivas) e/ou socialmente (pressão econômica, política ou ameaça de violência, exercidas por organizações da sociedade civil) a disciplina daqueles que se negam em consentir ativa ou passivamente.

Lincoln Secco, analogamente, aponta para os caminhos nem sempre serenos, pelos quais a vontade coletiva é construída, além de ressaltar a base material, na qual se assenta a hegemonia. Lembra ele, que “a hegemonia não é somente sua dimensão cultural, é também econômica: o grupo social dominante nasce “sobre a base de uma função essencial no mundo da produção econômica.””⁴⁷⁴

Maior destaque à importância da dialética aparece, contudo, no livro de Bianchi. O autor retoma passagens dos *Cadernos*, bem como a reelaboração gramsciana do “nexo dos distintos” de Croce e análises recentes de Prestipino e Martelli, para defender a leitura dos conceitos com base em uma relação de unidade-distinção entre os elementos dos pares. Assim, diferentemente de Croce, a distinção em Gramsci não passaria simplesmente por uma relação entre opostos, mas talvez muito mais por uma oposição não antagonista, encontrando-se cada distinto em uma relação de tensão (dialética) com o outro.

Por meio das categorias de unidade e distinção, Gramsci tematizava a “elaboração superior da estrutura em superestrutura (Q10/II, §6, p.1244), ou seja, o processo por meio do qual o particular que tem sede na sociedade econômica se universaliza na sociedade civil. (...) Mantendo a sociedade política e sociedade civil uma relação de unidade-distinção, formam dois planos superpostos que só podem ser separados com fins meramente analíticos. Por essa razão, Gramsci destacava que a unidade

⁴⁷³ DIAS, E. F. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, E.F. et alli. op.cit. p.35.

⁴⁷⁴ SECCO, L. Crise e estratégia em Gramsci. In: DIAS, E.F. et alli. op.cit. p.93.

(“identidade”) entre Estado e sociedade civil é sempre “orgânica” e que a “distinção” é apenas “metódica”.⁴⁷⁵

Como podemos perceber, os teóricos da UNICAMP reafirmam, assim, a importância, ainda que em menor grau, da componente força na construção da hegemonia, desmistificando o caráter positivo, meramente persuasivo comumente atribuído ao conceito e à esfera da sociedade civil; a possibilidade de se verificar hegemonia em ambas as esferas superestruturais; finalmente, a relação intrínseca entre a hegemonia e as relações objetivas de dominação.

Vale lembrar que o peso da componente força na relação de hegemonia é tanto mais explícito conforme se aproxime um quadro de crise de hegemonia. Nesse momento crítico, a coerção pode mesmo suplantar o consenso, o que alteraria o par direção/dominação, dando lugar a um quadro de dominação sem hegemonia ou com pouca base para a direção. A crise de hegemonia é de certo um cenário mais frágil de manutenção da dominação, mesmo que abusando das estratégias de contenção e controle, pois a classe dominante mostra-se explicitamente fragmentada, incapaz de articular alianças sólidas entre si, logo não pode assumir compromissos com os grupos subalternos.

É desta incapacidade de organização, de coordenação social geral que surge a brecha para a emergência de lideranças carismáticas, que na maioria das vezes vêm rearticular as correlações de força dentro da classe dominante, recompondo a hegemonia dessa classe. Mas, dessa mesma brecha, podem emergir forças contra-hegemônicas, que se poderosamente organizadas, articuladas, conscientes e armadas sejam capazes de construir um novo bloco histórico, uma nova civilização.

Essa é, para Dias, “a questão central da hegemonia: a transformação das superestruturas necessária à passagem para uma nova forma civilizatória, para um novo bloco histórico.”⁴⁷⁶ Não uma rearticulação do bloco no poder, mas uma transformação visceral, que corrompa as bases fundamentais de uma ordem social, originando novas formas de produção e reprodução da vida, tanto em seus aspectos materiais quanto simbólicos. Isso só é conseguido na base de muita luta, num processo longo e doloroso, que deve começar antes mesmo da crise de hegemonia e não escapa, como sublinha Secco, de um momento militar,

⁴⁷⁵ BIANCHI, A. op.cit.p.184.

⁴⁷⁶ DIAS, E. F. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, E.F. et alli. op.cit. p.64.

“pois nenhuma classe social armada e dominante cede seu poder militar e seus privilégios só por convencimento”.⁴⁷⁷

Tendo em vista a discussão colocada, poder-se-ia pensar o fascismo como ideologia e projeto de sociedade passível de estabelecer uma nova civilização? Construiria o fascismo uma nova hegemonia? A partir de que ponto, mudanças na correlação de forças conduzem efetivamente a uma nova hegemonia? A partir de que ponto dão origem a um novo bloco histórico? Indo mais profundamente, a hegemonia é da classe dominante ou de sua fração dirigente?

Se nos remetermos ao contexto da Europa do entreguerras, no qual o fascismo foi vitorioso, chegando ao poder e difundindo largamente sua concepção de mundo, notamos que a fração dirigente - representada pelo capital financeiro - não divergia da observada em Estados de conformação liberal ou reformista. Tanto na Itália quanto na Alemanha são evidentes os vínculos estreitos entre Estado e o grande empresariado, particularmente o capital financeiro. A política econômica, apesar do princípio governante do avanço econômico coletivo da nação e posteriormente dos esforços de guerra, esteve intimamente ligada aos interesses desse setor, bem como ao de grandes trustes, dos quais os bancos eram importantes acionistas.

Na Itália, durante a reestruturação do sistema tributário, entre 1925 e 1927, os impostos cobrados de diretores e administradores de S.A.s foram reduzidos à metade. Já os cobrados sobre capital investido no setor bancário e industrial tiveram redução de 10%.⁴⁷⁸ No ano de 1926, contavam com financiamento público o *Banco di Napoli*, *Banco di Roma* e o *Banco di Sicilia*, além do poderoso *trust* metalúrgico Ansal. Só este último obteve a esse tempo 400 milhões de liras, o que certamente possibilitou sua alçada a novos empreendimentos como indústria aeronaval e bélica. Para salvar da falência, durante a Depressão, bancos como *Credito Italiano*, *Banco di Milano* e *Banca Commerciale*, bem como os grupos industriais que dependiam da injeção dos acionistas bancários, Mussolini fundou três instituições com dinheiro do Tesouro: Sofindit (1931), IMI (1931) e IRI (1933).⁴⁷⁹

Na Alemanha, são igualmente estreitas as relações dos bancos e dos grandes monopólios com as políticas do Estado nazista. Só o *Deutsche Bank* detinha a diretoria de 40

⁴⁷⁷ SECCO, L. Crise e estratégia em Gramsci. In: DIAS, E.F. et alli. op.cit. p.86.

⁴⁷⁸ GUERIN, Daniel. *Fascism and Big Business*. Cap. IX. Section 2. New York: Pathfinder Press, 2000.

⁴⁷⁹ Idem. Cap. IX. Section 5.

empresas em 1942. Herman Abs, um dos diretores do *Deutsche Bank* desde 1937, tornou-se não só o mais poderoso banqueiro alemão do pós-segunda guerra, como consultor financeiro de Konrad Adenauer em 1949.⁴⁸⁰ Grupos importantes como Volkswagen, Messerschmitt, Siemens, Krupp, IG Farben, Daimler-Benz, BMW, AEG, Heinkel e Steyer-Daimler-Puch tiveram seus lucros impulsionados durante o período, não somente devido aos incentivos do Estado, mas também pela redução dos gastos com mão-de-obra, utilizando trabalho forçado de prisioneiros nos campos de concentração. A IG Farben - fruto da já poderosa fusão das empresas Basf, Bayer, Hoechst, Huels, Kalle, Castella e Agfa - tinha ainda a patente do gás Zyklon B, utilizado nos campos de concentração para exterminar prisioneiros.⁴⁸¹

Analogamente, as expressões contemporâneas de fascismo igualmente não se mostram desfavoráveis ao avanço do capital, desde que, à semelhança do observado outrora, este esteja sob o controle de um Estado corporativista, o qual não raro encarna a “vontade política da nação”. Assim, o capitalismo em suas feições mais complexas, como o monopólio e o setor financeiro, têm espaço para florescer em economias autoritárias e politicamente orientadas.

Ainda que não trate propriamente sobre o fascismo, alguns trechos de Gramsci do caderno 22, “Americanismo e fordismo”, podem nos ajudar a entender a situação da hegemonia ante uma rearticulação do sistema político e das forças dentro do bloco no poder. Neles, notamos que uma rearticulação da correlação de forças no seio da classe dominante, ainda que estabeleça compromissos com setores dominados, não conduz a um novo quadro hegemônico. Mesmo após o rearranjo das forças e a chegada de nova fração à direção, a hegemonia permanece burguesa.

Mas o problema não é saber se na América existe uma nova civilização, uma nova cultura, mesmo que ainda no estado de “farol”, e se elas estão invadindo ou já invadiram a Europa: se o problema tivesse de ser posto assim, a resposta seria fácil: não, não existe, etc., e de resto, o que se faz na América é apenas remoer a velha cultura européia. O problema é este: se a América, com o peso implacável de sua produção econômica (isto é, indiretamente), obrigará ou está obrigando a Europa a uma transformação radical da sua estrutura econômico-social demasiadamente antiquada [camadas parasitárias, sedimentações de um passado não-capitalista], o

⁴⁸⁰ Red House Report/US Military Intelligence report EW-Pa 128. (7 November 1944). Acessado em 21 de fevereiro de 2011. Disponível em: http://www.cuttingthroughthematrix.com/articles/Intelligence_Report_EW-Pa_128.html.

⁴⁸¹ STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados*. Cap.9. Rio de Janeiro: Imago, 2002. CALVALCANTE, Ania. O trabalho forçado e a política de extermínio de ciganos durante o nazismo, 1938-1945. In: *Anais XIX Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão*. ANPUH/SP. USP. 8-12 setembro, 2008. Acessado em 22 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ania%20Cavalcante.pdf>. REENTS, Jürgen. O trabalho forçado no Estado nazista é conhecido há 50 anos. *Neues Deutschland*, 16 nov 1999. ROSE, Romani e WEISS, Walter. *Sinti und Roma im Dritten Reich: Das Program der Vernichtung durch Arbeit*. Göttingen: Lamuv, 1991.

que ocorreria de qualquer modo, ainda que com ritmo mais lento, mas que, ao contrário, se apresenta desde já como uma consequência imediata da “prepotência” americana...⁴⁸²

Que não se trate, no caso do americanismo (entendido não só como vida de bar, mas também como ideologia do Rotary Club), de um novo tipo de civilização, é algo que pode ser deduzido do fato de que nada mudou no caráter e nas relações dos grupos fundamentais: trata-se de um prolongamento orgânico e de uma intensificação da civilização européia, que apenas assumiu uma nova epiderme no clima americano.⁴⁸³

Quando Gramsci reforça que, apesar das mudanças profundas inauguradas pelo americanismo, não se estabelece uma nova civilização, não o faz no sentido de desprezar as particularidades intrínsecas a formas distintas de controle da força de trabalho e organização do sistema político, mas sim no intuito de alertar para a permanência do caráter capitalista da exploração. Assumir uma “nova epiderme” não significa necessariamente uma mudança no conteúdo da exploração. Exploração e produção mudam de forma, intensificam-se, massificam-se; estratégias de controle se tornam mais sutis, com o avanço de práticas de cooptação e persuasão; a essência da dominação, contudo, permanece burguesa.

O alerta de Gramsci sinaliza ainda para a relação indissociável entre as esferas da produção e da política. Um estudo dos sistemas políticos, seus conflitos e transformações, sejam eles de caráter fascista ou democrático-parlamentar, não pode prescindir de uma análise da formação econômico-social. Como afirma Werneck Vianna em um artigo dedicado ao exame das relações entre produção e formas de governo, “a administração da coerção e do consenso pelo sistema político e nas fábricas -correlacionada como está- se acha remetida à formação econômico-social.”⁴⁸⁴ Vianna remete justamente ao caderno 22, ao estudo do fordismo e do significado da hegemonia burguesa quando reforça que:

O capitalismo não consiste simplesmente numa forma social de organizar a produção. Trata-se de um modo de organização humana, um *ethos*, uma práxis, uma concepção de mundo que depende de condições muito precisas para sua implantação. E se tornou um modo de produção dominante porque formulou e realizou um projeto de hegemonia, associando a idéia de liberdade, de suas origens, à de participação ampliada e à cidadania irrestrita para todas as classes sociais, nos marcos do capitalismo moderno. (...) a hegemonia implica um *constructo* humano. Seu universo é o da política, da ação e da vontade. Porém, qualquer que seja a forma de sua construção – a partir do modo da produção ou das instituições políticas- ela se assenta sobre supostos sociológicos, demográficos e econômicos. A hegemonia burguesa não se realiza sem a subsunção real do trabalho ao capital.⁴⁸⁵

⁴⁸² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos de Cárcere*. Vol.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.p.279-280.

⁴⁸³ Idem.p.281.

⁴⁸⁴ VIANNA, Luiz Werneck. *Fábrica e sistema político: anotações teóricas para uma investigação empírica. DADOS*. Vol.24. N.2,1981.p. 194.

⁴⁸⁵ Idem.p.197.

Retomando, então, as indagações apontadas acima, entendemos que **não, o fascismo não inaugura uma nova hegemonia**, nem poderia, dado seu grau de violência e autoritarismo. Numa formação social como essa (ou projeto de sociedade que almeje tal realidade) a força suplanta em muito o consenso, construindo um quadro social em que se observa mais dominação que hegemonia. As mudanças na direção do sistema político, nas estratégias de controle do trabalho, da cidadania, do poder e da cultura não devem ser desprezadas, todavia não dão origem a uma nova civilização. As transformações em direção a uma estrutura social mais autoritária, centralizadora, violenta e xenófoba não conduzem a uma forma tão diferente de relacionamento do homem com o outro e deste com a natureza, a ponto de alterar a base das relações capitalistas, ou seja, a busca pela valorização do capital.

Em termos econômico-sociais, fica claro o caráter burguês dessa dominação, explícito graças à subsunção real do trabalho ao capital, o que, por sua vez, implica uma exploração de tipo capitalista do trabalho humano e da natureza. Em termos político-culturais, deparamo-nos com uma faceta particular do capital. É esse *ethos* e essa *práxis* particular do capitalismo que vamos analisar na seção seguinte.

b. Fascismo e a “bad civil society”: parcela de violência da hegemonia burguesa

De modo crítico e irreverente, Chambers e Kopstein procuram resgatar o debate sobre a sociedade civil, defendendo que esta esfera não consiste simplesmente num mundo onde impera o consenso, isento de coerção ou violência.

No artigo intitulado “*Bad civil society*”⁴⁸⁶, os autores recuperam perspectivas liberais tradicionais sobre sociedade civil, as quais afirmam, ainda que por caminhos diferentes, que uma sociedade civil robusta e vibrante fortalece e enriquece a democracia. Remontando à visão toquevilliana de que as virtudes e viabilidades da democracia dependem da robustez da vida associativa⁴⁸⁷, Chambers e Kopstein investigam o sentido de democracia para o pensamento liberal, suas contribuições e limitações, e como foi se tornando consenso, influenciando fortemente o debate sobre sociedade civil. A questão da democracia é colocada,

⁴⁸⁶ CHAMBERS, Simone; KOPSTEIN, Jeffrey. *Bad civil society*. *Political Theory*. vol.29.N.6. December, 2001.

⁴⁸⁷ TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy and the terrain of association*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 2000. Sobre esse debate os autores se referem aos trabalhos de: WALTZER, Michael. *The civil society argument*. In: MOUFFE, Chantal. *Dimensions of radical democracy*. London: Verso, 1992. COHEN, Joshua; ROGERS, Joel. *Associations and democracy*. New York: Verso, 1995. COHEN, Jean; ARATO, Andrew. *Civil society and political theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

assim, em termos de possibilidade de livre participação e construção de sujeitos coletivos mobilizados em torno de uma causa ou projeto de sociedade. Uma sociedade civil robusta e desenvolvida oferece mais possibilidades para tal, e isso é entendido como ambiente plenamente democrático.⁴⁸⁸

Mas que dizer de uma sociedade civil repleta de organizações autoritárias, intolerantes e antidemocráticas? Até que ponto organizações desse tipo contribuem para o fortalecimento da democracia? O artigo de Chambers e Kopstein faz com que nos defrontemos com essas questões e pensemos se apenas a existência de uma multiplicidade de formas associativas garante, por si só, mais democracia. “A questão mais importante com que nos deparamos é que tipo de sociedade civil promove democracia. Em outras palavras, a escolha não é realmente entre isolamento e participação, mas entre diferentes tipos de participação.”⁴⁸⁹

Isso porque, segundo os autores, além das qualidades positivas associadas à sociedade civil como possibilidade de participação direta, liberdade de associação e construção de sentidos de coletividade, pertencimento e confiança, esta comportaria também um lado menos harmonioso, menos virtuoso, um lado “*bad*”. Partindo do caso de Benjamim Smith, membro da *World Church of the Creator* (futuro *Creativity Movement*), que em julho de 1999 perseguiu a tiros judeus, negros e asiáticos, Chambers e Kopstein entendem que sociedade civil pode também ser palco de manifestações de violência e coerção e que o aumento da participação em organizações com tal caráter não fortalecem, ao contrário, enfraquecem a democracia, mesmo aquela pensada nos moldes do liberalismo. O artigo revela ainda que o debate acadêmico não tem dado conta das implicações teóricas e empíricas colocadas por essas expressões de violência organizada na sociedade civil, sendo frequentemente explicadas como inadequações, desvios à norma social.

Esta seção é dedicada a explicitar as transformações e permanências do fascismo, especialmente as relativas ao nacional-socialismo alemão do entreguerras e às organizações neofascistas norte-americanas. Não pretendemos com isso afirmar que as expressões contemporâneas de fascismo sejam meras cópias, um ressuscitar do fenômeno do

⁴⁸⁸ Para esta vertente, a democracia restringe-se à quantidade e variedade de formas associativas. Deixa de lado o fato de que, em uma sociedade desigual, as oportunidades de participação política, realização profissional, ganhos materiais, acesso à cultura, etc. não são democraticamente distribuídas sendo, portanto, uma democracia imperfeita.

⁴⁸⁹ CHAMBERS, S; KOPSTEIN, J. op.cit.p.838. “*The more important question facing us is what type of civil society promotes democracy. In other words, the choice is not really between isolation or participation but rather between different types of participation.*”

entreguerras, mas destacar que o fascismo como ideologia persistiu, explorando antigas e novas formas de construir uma sociedade autoritária, intolerante e excludente dentro dos marcos do capitalismo.

Esse passeio pelo universo do fascismo possibilita demonstrar, de forma ainda mais explícita do que um estudo sobre transformações no liberalismo, que a sociedade civil comporta expressões e práticas de violência. Mais do que qualquer outro modo de organização social do capitalismo, no fascismo as formas de coerção direta e simbólica aparecem flagrantes nos diversos âmbitos da vida, justamente pelo descaso deste com relação à tolerância, aos direitos civis e sociais, à igualdade e à liberdade.

Em nome da preservação e do avanço de uma coletividade mitificada na raça, em *das Volk*, na nação ou num passado histórico glorioso, é justificado o sacrifício de tudo, até mesmo do “direito à existência”. A sacralização da coletividade mitificada é um traço do fascismo que atravessou os tempos, como demonstra a comparação dos discursos de Hitler e David Lane, militante da organização norte-americana *The Order* - conhecida pelo atentado terrorista em Oklahoma City em 1995.

Nós precisamos assegurar a existência do nosso povo e um futuro para as crianças brancas.⁴⁹⁰

O objetivo da nossa luta deve ser o da garantia da existência e da multiplicação de nossa raça e do nosso povo, da subsistência de seus filhos e da pureza do sangue, da liberdade e independência da Pátria, a fim de que o povo germânico possa amadurecer para realizar a missão que o criador do universo a ele destinou.⁴⁹¹

Vejamos, então, como a descrença no sistema representativo, o descaso para com os preceitos básicos do liberalismo e, conseqüentemente, o apreço pela exclusão e por soluções de força são expressos nas palavras de Hitler.

Não há um princípio que, objetivamente considerado, seja tão errado quanto o parlamentar... Considerando que a compreensão política da grande massa não está tão desenvolvida para adquirir por si opiniões políticas gerais e escolher pessoas adequadas, chegar-se-á com facilidade à conclusão de que nos parlamentos, só em proporção mínima, é que se trata da realização de um desejo geral ou mesmo de uma necessidade pública. (...) A sociedade hoje, está, porém, promovendo a sua própria ruína. Ela introduz o sufrágio universal, tagarela sobre igualdade de direitos, não encontra, porém, fundamentos para essa doutrina. (...) O Estado racista, em nenhum dos setores, terá um corpo de representantes que possa resolver por meio da maioria

⁴⁹⁰ LANE, David. *88 Precepts*. E-book, s/d.

⁴⁹¹ HITLER, Adolf. *Minha Luta*. Porto Alegre: Gráfica da livraria do Globo, 1940.p.184.

de votos, mas apenas Conselhos consultivos que auxiliam o chefe escolhido e, por intermédio desse, tomarão parte nos trabalhos...⁴⁹²

Em face disso, a concepção “racista” distingue a humanidade em seus primitivos elementos raciais...Conseqüentemente, não admite, em absoluto, a igualdade das raças, antes reconhece na sua diferença maior ou menor valor e, assim entendo, sente-se no dever de, conforme a eterna vontade que governa este universo, promover a vitória dos melhores, dos mais fortes e exigir a subordinação dos peores, dos mais fracos. (...) Não pode aprovar, porém, a idéia ética do direito à existência, se essa idéia representa um perigo para a vida racial dos portadores uma ética superior, pois, em um mundo de mestiços e de negros, estariam para sempre perdidos todos os conceitos humanos do belo e do sublime, todas as idéias de um futuro ideal da humanidade.⁴⁹³

Atentemos para o fato de que a representatividade admitida é a mínima possível, não constituindo um direito e atuando como instrumento meramente consultivo. Todas as funções executivas, legislativas e judiciárias passam pelo chefe, estando, em última instância, centralizadas em uma só pessoa, o representante “naturalmente” legítimo e plenamente aceito pela coletividade mitificada. No segundo trecho, a falta de direitos, a relação de subordinação e mesmo o extermínio dos “piores” são naturalizados, justificados com base numa suposta “vontade que governa o universo”, uma força que naturalmente selecionaria quem seria digno de viver ou governar. A facilidade com que se discorre sobre o extermínio, pois sequer o direito à existência seria resguardado, demonstra o nível de violência e autoritarismo impresso nessa proposta de organização social.

Comparemos agora com alguns trechos de organizações fascistas norte-americanas, nos quais podemos igualmente identificar o descaso para com os aspectos mais elementares da democracia e do liberalismo.

Dessa mentira que é a igualdade nascem todas as outras formas de falsificação que foram impostas ao nosso povo indefeso. Da falsidade inicial de que os homens nascem biologicamente iguais, derivou-se o princípio marxista, no qual todos os humanos têm DIREITO a partes iguais das coisas boas desse mundo. E daí se origina a subsequente mentira de que todos devem e têm direitos iguais no governar, independente de habilidade ou qualificação - o princípio básico da sua prezada “democracia” - e o marxismo.⁴⁹⁴

18. Não existe essa coisa de direitos ou privilégios sob as leis da natureza. O veado sendo caçado por um leão faminto não tem direito à vida. (...) Similarmente, os

⁴⁹² Idem. p. 78, 361-2 e 374.

⁴⁹³ Idem. ibidem. p.319.

⁴⁹⁴ ROCKWELL, George Lincoln. *White Power*. E-book, 1967. p.38. “From this equality lie stems all the other forgeries of natural fact, which have been imposed upon our helpless people. From the basic false idea that humans are born biologically equal they derive the Marxist basic principle that therefore every human is ENTITLED to equal shares in the good things of this world. And from this, stems their further lie that all should and must share equally in government regardless of ability or qualification - the basic premise of their beloved “democracy” - and Marxism.”

homens não têm direito à vida, à liberdade ou à felicidade. 45. A lei orgânica fundante, nomeadamente a constituição de uma nação, não deve ser reformulada por nenhum método que não o consentimento unânime de todas as partes e com todas elas presentes. Caso contrário, as portas se abrem para o advento da mais perigosa e mortal forma de governo, a democracia.⁴⁹⁵

Na nossa visão, a função do governo é funcionar como um líder de seu povo, não mero acompanhante ou árbitro. (...) Somente um governo centralizador pode alcançar isso. Os chamados “direitos” e “liberdade” são para lá de secundários ante a esse objetivo máximo. A tarefa deve ser completada sem interferências...A palavra que cedo ou tarde aparecerá é ditadura. Nós somos favoráveis a uma ditadura: a nossa.⁴⁹⁶

A própria natureza estabeleceu a desigualdade das mentes, dos caracteres e das capacidades da mesma forma que estabeleceu a subordinação à suas leis. (...) Em vez de praticar o trabalho em equipe, fomos traiçoeiramente levados a lutarmos uns contra os outros, destruindo uns aos outros, tudo em nome do “individualismo”. (...) Para nos unirmos, temos que abandonar essas ideias judaicas de liberdade, igualdade e fraternidade pela ideia básica da lealdade racial, que requer dedicação, sacrifício e responsabilidade.⁴⁹⁷

Aqui também qualquer direito é negado e, uma vez mais, tal negação é justificada por supostas “leis naturais”. O princípio do darwinismo social é levado aos extremos em sua versão racista, justificando a eliminação daqueles considerados fracos. O autoritarismo fica igualmente explícito na proposta de um governo não somente centralizador, mas que impossibilite debater a Constituição. Além de renegar veementemente dogmas liberais como liberdade, individualismo e igualdade de direitos, esta última é ainda confundida com igualdade social e, ao fim, com o marxismo. Tal alusão é encontrada no nazismo alemão, mas é muito mais recorrente em organizações contemporâneas, especialmente nos EUA, onde é comum entre conservadores a associação de qualquer forma de política distributiva com o comunismo.

⁴⁹⁵ LANE, David. *88 Precepts*. E-book. “18. *There exists no such thing as rights or privileges under the Laws of Nature. The deer being stalked by a hungry lion has no right to life.(...) Similarly, men have no rights to life, liberty or happiness. 45. The Organic founding Law, namely the Constitution of a Nation, must not be amendable by any method other than unanimous consent of all parties thereto and with all parties present. Otherwise, the doors are opened for the advent of that most dangerous and deadly form of government, democracy.*”

⁴⁹⁶ MASON, James. *Siege*. Denver: Storm Books, 1992.p.89-90. “*In our view, the function of government is as the leader of its people, not merely caretaker or arbiter. (...) Only a centralized government can accomplish this. So called “rights” and “freedom” all take distant back seats to this highest goal. The task must be accomplished without petty interference from any quarter (...) The word that will sooner or later pop up is dictatorship. We favor dictatorship: our own.*”

⁴⁹⁷ CREATIVITY MOVEMENT. *Racial Loyalty*. Issue 1: White Racial Teamwork, June 1983. “*Nature herself has established inequality of minds, of characters and capacities just as immutably as she has established subordination to her laws. (...)Instead of practicing teamwork, we have been tricked into fighting each other, destroying each other, all in the name of "Individualism". (...)In order to be united we must forsake such Jewish ideas as Liberty, Equality, Fraternity for the basic idea of Racial Loyalty, which requires dedication, sacrifice and responsibility.*”

Os trechos acima pertencem não somente a organizações diferentes, mas também a tempos distintos. O primeiro foi retirado de um livro escrito por George Lincoln Rockwell, líder do *American Nazi Party*, fundado em 1959. Os últimos, mais recentes, pertencem respectivamente a David Lane (atuante na *Aryan Nations*, *White Aryan Resistance* e *The Order*), James Mason (*National Socialist Liberation Front* e *Universal Order*) e ao periódico produzido pelo *Creativity Movement*. Como podemos perceber, a história do fascismo nos EUA não é um fenômeno recente, fruto da crise do modelo de dominação pautado no reformismo de base fordista-keynesiana⁴⁹⁸, mas assim como na Europa, remonta ao entreguerras.

Durante esse período, o fascismo também floresceu do outro lado do Atlântico. Existiam nos EUA organizações fascistas articuladas a nível nacional e internacional, promovendo reuniões, passeatas e comícios; produzindo material de propaganda política; distribuindo materiais produzidos na Alemanha nazista, etc. Assim como na Alemanha e na Itália, os grupos norte-americanos integravam o cenário político, defendendo uma visão de mundo, angariando adeptos e trabalhando em prol de um projeto de sociedade bastante distinto do liberalismo ou do mero segregacionismo. O desfecho das lutas, contudo, foi diverso do ocorrido na Europa, vencendo o reformismo encabeçado pelo Partido Democrata.

Segundo Diamond, existiam mais de 100 organizações fascistas ativas durante a Grande Depressão. À época da implementação das reformas do *New Deal*, fascistas mostravam-se insatisfeitos sob a alegação de que o país estaria caminhando em direção ao socialismo.⁴⁹⁹ Durante o período entre 1942 e 1944, o Departamento de Justiça processou diversos fascistas sob a acusação de sedição. O caso mais notório foi o de Lawrence Dennis, ex-funcionário do Departamento do Estado, que havia se tornado editor de livros e revistas de conteúdo fascista.⁵⁰⁰

⁴⁹⁸ A crise do padrão de dominação fordista-keynesiano, observada a partir de 1970, envolveu mudanças no mercado de trabalho, trazidas pela reestruturação produtiva toyotista e pela implementação de políticas neoliberais. O decorrente depauperamento econômico vivenciado por setores dominados aliado à forte reação às políticas inclusivas, frutos dos movimentos de ampliação dos direitos civis e sociais, são de suma relevância para o entendimento tanto do desenvolvimento da Nova Direita norte-americana quanto do aumento extraordinário de aparelhos neofascistas em fins da década de 1970.

⁴⁹⁹ DIAMOND, S. op.cit., p.22.

⁵⁰⁰ SCHONBACH, Morris. Native american fascism during the 1930 and 1940: a study of its roots, its growth and its decline. NY:Garland, 1958, p.245-247. apud. DIAMOND, S. op.cit. p.22.

The Friends of the New Germany, criado em inícios dos anos 1930 pelo membro do NSDAP⁵⁰¹ Heinz Spanknoebel, surgira da fusão de dois pequenos grupos, *Gau-USA* e *Free Society of Teutonia*, ambos contendo algumas centenas de membros. O grupo foi criado inicialmente com o objetivo de combater o boicote judaico aos empreendimentos comerciais do bairro germanizado de Yorkville, em Manhattan⁵⁰². Posteriormente, as atividades tornaram-se mais complexas, mantendo relações diretas com a Alemanha nazista. Instituições como o *German Railroad Office* e o Consulado alemão enviavam à organização material de propaganda a serem distribuídos nas ruas de Nova York, Chicago, Los Angeles e Detroit.⁵⁰³

As atividades do *The Friends of the New Germany* não avançaram muito para além disso. Investigações federais, principalmente a liderada pelo congressista Dickstein⁵⁰⁴, acusaram o governo nazista de infiltrar organizações germano-americanas.⁵⁰⁵ Como consequência, organizou-se um comitê para informar e coletar propaganda nazista nos EUA, servindo de base para uma futura lei que obrigaria os estrangeiros, a partir de 1938, a se registrarem no Departamento de Estado. A perseguição oficial juntamente com uma ordem

⁵⁰¹ Sigla para *Nationalsocialistische Deutschlands Arbeiter Partei*.

⁵⁰² O boicote judaico às casas comerciais de Yorkville, NY, está inserido num contexto de conflitos recorrentes durante as décadas de 1930 e 1940 entre a comunidade judaica e uma parcela da comunidade germano-americana, afinada com o antissemitismo e não raro com o nazismo. Esses conflitos envolveram não apenas a população geral, mas também figuras proeminentes como o deputado federal Dickstein e o candidato a prefeito Fiorello LaGuardia, ambos de origem judaica. Os problemas se acentuaram com o surgimento de organizações fascistas norte-americanas, a exemplo do *Gau-USA*, *Friends of the new Germany* e da *German-American Bund*. Em retaliação aos ataques públicos a judeus, à vandalização de sinagogas e lojas, a comunidade organizou boicotes e grandes comícios, como o do Madison Square Garden que em 1937 reuniu 250.000 pessoas. BRADER, A. Kurt. *Image of a failure: the symbolism of American nazis during the Depression*. Master's theses. San Jose State University, 1995. TERDIMAN, Esther W. *Imprensa Ídiche em São Paulo: vivência e dinamismo*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras de Ciências Humanas, USP, 1997.

⁵⁰³ JONES, Alex; ICKE, David. BBC. *Nazi-America: a secret history*.

⁵⁰⁴ Samuel Dickstein foi deputado federal pelo estado de Nova York entre os anos de 1923 a 1945 e presidente do *Committee on Immigration and Naturalization* entre os anos de 1931 e 1947. Dedicou-se a investigar os efeitos da entrada em massa de imigrantes nos EUA durante o entreguerras, em especial o aumento do antissemitismo, a distribuição de literatura antissemita no país, a atuação dos nazistas alemães nos EUA e suas relações com grupos fascistas locais. Em 1934, propõe uma resolução requisitando a formação de um comitê especial para proibir atividades antiamericanas nos EUA. Aprovada em março de 1934, a “Resolução Dickstein” (H.R. #198) deu origem ao *Special Committee on Un-American Activities*, investigando grupos fascistas e comunistas nos EUA. O estilo dramático, por vezes sensacionalista de Dickstein, questionando pessoalmente as testemunhas, trouxe notoriedade ao deputado. Mais tarde, este comitê especial ganhou caráter mais permanente na figura do *House Committee on Un-American Activities*, assumindo, contudo, um compromisso no combate ao comunismo.

⁵⁰⁵ SHAFFER, Ryan . Long Island Nazis: A Local Synthesis of Transnational Politics. *Journal of Long Island History*. (Volume 21, Issue 2, Spring 2010). Página acessada em 12 de março de 2011. http://www.stonybrook.edu/lihj/IssueFiles/V21_2/Articles/Sha

direta de Rudolf Hess, exigindo a saída imediata de todos os cidadãos alemães, contribuiu para desmobilizar a organização.⁵⁰⁶

Indo além as atividades de propaganda do *Friends of the New Germany*, foi fundada em 1936 a *German American Bund* (Liga germano-americana). Essa organização contava com cerca de 100 unidades locais, espalhadas em 47 estados, sendo composta por aproximadamente 50 mil membros, predominantemente alemães naturalizados.⁵⁰⁷ Sob a liderança de Fritz Julius Kuhn, a organização criou diversos campos de treinamento⁵⁰⁸ - Camp Nordland, New Jersey; Camp Siegfried, New York; Camp Hindenburg, Winsconsin -, uma ala paramilitar - o *Ordnungsdienst* - e promoveu inúmeras manifestações. A mais notável entre elas deu-se em fevereiro de 1939 quando conseguiu reunir 22.000 pessoas no *Madison Square Garden*, em Nova York, para o comício intitulado *Pro-American Rally*.



Fotos de Camp Nordland, Andover, New Jersey. ⁵⁰⁹

⁵⁰⁶ JONES, Alex; ICKE, David. BBC. Nazi America: a secret history.

⁵⁰⁷ Página eletrônica oficial do German American Bund. <http://www.germanamericanbund.org/>. Acessada em 13 de março de 2011.

⁵⁰⁸ Os campos de treinamento, a essa época, eram espaços primordialmente dedicados a atividades recreativas e político-ideológicas, nos quais os germano-americanos se reuniam para discutir a superioridade ariana, os feitos nazistas, bem como para comer, beber, cantar músicas folclóricas e falar livremente o idioma nativo. Nos campos, eram organizados tanto festividades culturais quanto manifestações políticas públicas. Atualmente, os campos de treinamento estão sensivelmente voltados para atividades de preparo de jovens para o combate, quando chegado o momento da guerra racial. Práticas recreativas não foram abolidas, mas o objetivo dos encontros está claramente voltado para o aprendizado de técnicas de combate e sobrevivência.

⁵⁰⁹ Imagens retiradas de http://www.njhallofshame.com/NomineesPages/Nominee_NJ_KKK.html . Acessada em 1 de setembro de 2011.



Cartaz anunciando a manifestação no Madison Square Garden.⁵¹⁰



Manifestação do *German American Bund* na Rua 86 de Nova York, em 30 de outubro de 1939.⁵¹¹

Como podemos perceber pelo emblema impresso em primeiro plano no escudo e pela quantidade de bandeiras no desfile, tanto o cartaz quanto a fotografia contêm fortes referências nacionalistas, elementos particularmente importantes para os grupos fascistas desse período.⁵¹² Apesar dos contatos e influências exercidas pelo nacional-socialismo alemão, o fascismo norte-americano não buscava recriar a Alemanha na “América”. Ao contrário, a abundância de bandeiras norte-americanas e o próprio título da passeata, *Pro-American rally*, denotam que as angústias que alimentavam o fascismo eram buscadas na própria realidade norte-americana. Um dos objetivos da *German-American Bund* era preservar os alemães da suposta cultura materialista, particularmente forte nos EUA, dominada por judeus. Assim, a liga denunciava abertamente a teoria do *melting pot* (cadinho de raças) como uma invenção judaica, urgindo aos alemães que se mantivessem “puros”, ou seja, longe da degeneração não apenas genética, mas também cultural, inevitavelmente trazida pela miscigenação.⁵¹³

Passadas as angústias da Depressão, poder-se-ia imaginar que o fascismo sucumbiria com a guerra, não havendo mais espaço ou razão para críticas e reivindicações por parte de um movimento reativo em uma sociedade em franca expansão, iniciando um novo ciclo de

⁵¹⁰ Imagem retirada da página eletrônica http://en.wikipedia.org/wiki/German_American_Bund. Acessada em 12 de março de 2011.

⁵¹¹ Idem.

⁵¹² Nas organizações contemporâneas é comum a referência ao internacionalismo no estilo do lema “*White Power worldwide*”.

⁵¹³ BERLET, Chip & LYONS, Matthew. op. cit, p.134.

prosperidade. É certo que o número de organizações com esse caráter declinou consideravelmente durante as décadas de 1940 e 1950. Perseguições impostas pelos HUAC (*House of Un-American Activities Committee*), baseadas na suposta união entre fascistas e segregacionistas como a KKK, *Knights of the White Camelia* e *Silver Shirt Legion of America*, ainda que não guardassem o menor fundamento, contribuíram para o declínio desses grupos.⁵¹⁴ O próprio *German American Bund* foi gradualmente perdendo credibilidade e adeptos. O líder Fritz Kuhn foi preso por desvio de fundos da organização e esta, por fim, foi colocada na clandestinidade em dezembro de 1941, logo após a entrada dos EUA na guerra ao lado dos Aliados. Porém, a ideologia sobreviveu ao tempo e à repressão por parte das instâncias da lei e da ordem.

Em 1949, Kurt Mertig fundou o *National Renaissance Party*. Liderada por James Madole, essa organização não teve maior expressão, limitando-se a organizar pequenos encontros para saudar Hitler e Mussolini, atraindo não mais que 100 pessoas, distribuir panfletos e editar um curto periódico mensal, o *National Renaissance Bulletin*.

Aparentemente quem mais se interessou pelo partido foram as instâncias oficiais, nomeadamente o HUAC, que produziu em 1954 um extenso relatório sobre organizações neofascistas e grupos de ódio nos EUA, no qual o *National Renaissance Party* e seu antecessor, a *German American Bund*, ocupam lugar privilegiado. O relatório, apesar de aumentar um tanto o impacto social da organização, traz informações preciosas sobre o partido. Ao fim do relatório, encontram-se apêndices com cópias de alguns volumes do *Bulletin*. O relatório da HUAC nos permite entrar em contato com as reivindicações e propostas de uma organização ainda pouco investigada, talvez dada sua menor expressividade. Abaixo vemos alguns pontos do programa, resumidos no relatório com base em um dos volumes do *Bulletin* presentes no apêndice.

Seu programa de nove pontos advoga a abolição do parlamento nos EUA em favor de um governo formado por uma “elite treinada”; estabelecimento de uma economia corporativa fascista; encorajamento do orgulho “racial”; preservação da raça “branca ariana” pela deportação gradual de porto-riquenhos, negros, judeus e asiáticos; e a

⁵¹⁴ DOBRATZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: White Power, White pride*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.p.56.

negação da cidadania, do direito de casamento interétnico, postos de trabalho e políticos aos judeus.⁵¹⁵

Anos mais tarde, o *National Renaissance Party* reaparece em documentos oficiais devido às ligações estabelecidas com a *National Youth Alliance*. Em um conjunto de dossiês, produzidos pelo FBI em fins da década de 1960 sobre organizações potencialmente danosas à segurança pública, o *National Renaissance Party* aparece nos primeiros volumes referentes a *National Youth Alliance*. Conseguindo se infiltrar no *National Renaissance Party* um informante do FBI teve acesso ao programa oficial do partido, reformulado em 1966, mas bastante similar ao original redigido em 1949. Seguem alguns trechos:

1. Aprovar e aplicar rigidamente uma legislação que restrinja os benefícios da cidadania americana a membros mentalmente e geneticamente sadios da raça caucasiana.
2. Aprovar uma legislação que proíba o casamento entre brancos e não brancos.
3. Os judeus devem ser privados legalmente de sua cidadania americana e devem, doravante, ser proibidos de ocupar postos profissionais, políticos ou educativos dentro do Estado racial nacional. O judeu constitui um vírus alienígena na corrente sanguínea nacional e, como tal, deve ser privado de nossa vida cultural, política e econômica.
4. Aprovar uma legislação que acelere a repatriação dos negros americanos para as novas nações negras independentes, no continente africano...
5. O estabelecimento de uma política de imigração seletiva, em que o propósito primário seja atrair a melhor porção racial de europeus para o continente norte-americano, de forma a utilizar sua vasta energia e talento na tarefa de criar um império branco dinâmico e expansivo, capaz de resistir à expansão do mundo primitivo e não branco, liderado pelo colosso oriental, a China vermelha.⁵¹⁶

Em meados da dourada década de 1950, vemos uma nova onda de fascismo nos EUA. Fundado pelo veterano George Lincoln Rockwell, o *American Nazi Party* procurou recuperar o projeto defendido por Hitler de um movimento nacional socialista internacional, mantendo a

⁵¹⁵ National Renaissance Bulletin. October, 1953.p.21. apud. *Preliminary Report on Neo-fascist and Hate Groups*. Committee on Un-American Activities. U.S. House of Representatives. Washington .D.C., December 17, 1954. “Its nine-point program advocates abolition of parliamentary government in the United States in favor of government by a “trained elite”; establishment of a Fascist corporate economy; encouragement of “racial” pride; preservation of the “white Aryan” race by gradual deportation of the “Porto [sic] Ricans, Negroes, Jews and Asiatics”; and the denial to Jewish people of citizenship, professional and political posts, and the right of “intermarriage”.”

⁵¹⁶ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1of 13.File number 157-12589. Appendix National Reanimasse Party. “1. Enact and rigidly enforce legislation to restrict the benefits of American citizenship to mentally a genetically sound members of the Caucasian race. 2. Enact legislation to prohibit intermarriage between white and non-white. 3.The Jewish race shall be deprived by suitable legislation of their American citizenship and shall henceforth be prohibited from holding any professional, political or educational posts within the Racial Nationalist State. The Jew constitutes an alien virus in our national bloodstream and, as such, must be purged form our cultural, economic, and political life. 4. Enact legislation to hasten the repatriation of the American Negroes to the newly independent black nations on the African continent...5. The establishment of a selective immigration policy whose primary purpose is to attract the best European racial stock to the North American Continent in order to utilize their vast energy and talent in the task of creating a dynamic, expanding White Empire capable of withstanding the encroachments of the primitive, colored world led by the Oriental colossus, Red China.”

tradição das passeatas e comícios, marchando em clássicos uniformes nazistas e gritando motes como “*Sieg Heil!*” e “*White Power!*”. Entretanto, diferentemente do contexto anterior, as iniciativas do *American Nazi Party* seduziram poucos. A comício organizado na cidade de Chicago em 1966 atraiu somente 1500 ouvintes.

Além dos atos públicos, o partido publicava periódicos, como o *National Socialist World*, e livros. Do livro “*White Power*”, escrito por George Lincoln Rockwell, foi extraído o primeiro dos trechos destacados acima. Relembrando o trecho, vê-se que diferenciar-se dos liberais era uma preocupação do fundador do *American Nazi Party*. Em outra publicação ele ataca organizações liberais (*John Birch Society*), segregacionistas e as favoráveis ao federalismo radical, qualificando-as como antiquadas, pouco radicais e inermes ante a ameaça de degradação social.

As organizações de “defesa dos estados”, conservadoras de tipo “Birch” e mesmo a Klan eram muito antiquadas, fracas e/ou pouco radicais. Eu acreditava e ainda acredito ser capaz de atrair as massas da população enraivecida, uma vez que os vermelhos, os judeus e os negros tenham tornado a situação difícil o suficiente.⁵¹⁷

A linguagem verborrágica de Rockwell atraía adeptos e tanto ele quanto a organização receberam certa atenção da mídia, especialmente a partir das famosas incursões em *campi* universitários, quando Rockwell procurava difundir a proposta do partido e recrutar novos membros entre a juventude.

Em janeiro de 1967, buscando adentrar o campo eleitoral, o partido abraçou uma linha mais discreta, limitando o uso público de parafernália nazista e moderando discurso contra minorias e os ataques ao sistema parlamentar liberal. Adotou também um novo nome, *National Socialist White People's Party*, como estratégia para afastar-se das fracassadas tentativas passadas. A mudança de direção do partido desagradou muitos membros, que dele se desligaram, engajando-se em outros organismos. Fosse por não acreditarem no caminho do sistema eleitoral, fosse por verem na estratégia mais discreta do partido uma diminuição do engajamento e da exaltação popular, o fato foi que a saída de membros comprometeu o crescimento e estabilidade do novo partido. Divergências e lutas intestinas pelo poder levaram ao fracionamento do partido em diversos grupos.

⁵¹⁷ ROCKWELL, George Lincoln. “The battle of Chicago”. *The Rockwell Report*. September-October, 1966.p.2. “The typically southern ‘States Rights’ organizations, the ‘Birch’ type ‘conservatives’, and even the Klan, were too old-fashioned, feeble and/or unradical, I believed and still believe, to be able to attract the masses of the enraged people, once the Reds, Jews and Blacks have pushed hard enough.”

Dentre os expulsos pelo recém-formado *National Socialist White People's Party* estava William Pierce, jovem físico que já havia participado da *John Birch Society*, e trabalhara como editor na revista do *American Nazi Party*. Pierce não saíra imediatamente à transformação do partido, pois acreditava, naquele tempo, que a investida no campo eleitoral era válida. Pierce trabalhou intensamente na campanha de George Wallace para presidente, em 1968, integrando o grupo de jovens militantes *Youth for Wallace*, financiado pelo *Liberty Lobby*. Ao final da campanha e do fracasso nas eleições, porém, suas ideias quanto a investidas no sistema eleitoral liberal haviam mudado.

Pierce, a exemplo de muitos fascistas hoje, considerava esse caminho pouco frutífero. Segundo eles, o sistema democrático-parlamentar está demasiadamente corrompido, não representando a vontade da maioria, tendo se transformado em um espaço monopolizado e manipulado por um grupo restrito de oligarcas, obcecados unicamente pelo aumento de seus lucros. Esse grupo é comumente associado aos judeus, alimentando teorias conspiratórias de um plano mundial arquitetado por eles para dominar o mundo. Vejamos os depoimentos de Richard Butler, líder póstumo da *Aryan Nations*, Tina Higgins da WAR e David Lane.

Se tentarem juntar-se ao sistema, tornam-se parte do sistema. Então, concorrer a um cargo político não é o modo como apostamos ganhar. Nós lutamos para a separação da nossa raça. Uma vez que tenhamos um só povo em separado, estabeleceremos nossa nação e o imperativo territorial sobre o qual nossa nação tem que viver.⁵¹⁸

Sob o sistema atual, não podemos fazer nenhuma mudança significativa. Você acha que os negros votariam para acabar com a ação afirmativa? Ou que negros, mexicanos, asiáticos etc. votariam para serem repatriados para seus países de origem?⁵¹⁹

O “líder” que fala em uma nação branca por meio do voto é um mentiroso, enganador, safado. Se acredita que nossa raça pode sobreviver sem nações exclusivamente brancas, ignora as lições deixadas pela Índia, Pérsia, Cartago, Egito, etc. e é um mentiroso, enganador, safado. Se leva pessoas a acreditar que a constituição pode nos preservar, é um mentiroso, enganador, safado.⁵²⁰

⁵¹⁸ BUTLER, Richard. (Interview). apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.224. “*If they try to join the system, then they become part of the system. So, running for political office is not the way we feel to do it. We have run for the separation of our race. Once we’ve got one people brought together and we become a separate people, then we will establish our nation and the territorial imperative that our nation has to live on.*”

⁵¹⁹ HIGGINS, Tina. (Interview). apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.224. “*Under this present system we can make no significant changes. Do you think blacks would vote to end affirmative action, or that blacks, Mexicans, Asians etc. would vote to repatriate themselves to their countries of origin?*”

⁵²⁰ LANE, David. Now or Never. In: Focus Fourteen 609.p.1-5. apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.224-225. “*The “leader” who speaks of voting White nation is a lying-whore deceiver. If he pretends our race can survive without exclusive White Nations, he ignores the lessons of India, Persia, Carthage, Egypt, etc. and he is a lying-whore deceiver. If he leads people to rely on the Constitution to preserve us, he is a lying-whore deceiver.*”

Ainda assim, essa questão não é consensual. Diversas organizações não fazem objeções radicais ao espaço eleitoral, ainda que este seja usado mais como um veículo de difusão ideológica do que porta para obtenção de poder político. Muitos acreditam que essa possa ser uma saída paliativa, uma solução temporária que preparará o terreno para a “revolução branca”.

Visando evitar alvoroço nacional e aumentar as chances de sucesso, a estratégia muitas vezes adotada consiste em dar preferência a cargos menores, como deputado ou vereador, focando em comunidades locais. Dentro dessa lógica, a escolha por partidos torna-se menos importante, e, como se pode perceber em alguns depoimentos, mesmo irrelevante. Muitas vezes esses candidatos são rejeitados pelos partidos tradicionais. Thom Robb teve sua candidatura a deputado estadual do Arkansas (*Arkansas State Assembly*) rejeitada pelo partido republicano.

A política eleitoral e a questão partidária são, desse modo, admitidas como estratégias secundárias, pois em realidade o fascismo não admite disputas ou querelas, não admite discordâncias ou debates. Como já afirmado no primeiro capítulo, isso vem quebrar a unidade da coletividade mitificada. Acima de tudo está a preservação de *Das Volk*.

Sean Haines da AN [Aryan Nations] e Blood and Honor acha que o movimento não deve descartar nenhuma possibilidade de “tentar salvar o futuro da raça branca”. Embora ele ache que ambos os partidos Republicano e Democrata estejam sendo usados contra os interesses dos brancos, ele comenta que “se começarmos a eliminar as possibilidades e nos limitarmos, sabe, se não formos cuidadosos, isso pode nos levar a um beco sem saída e nós vamos nos ferrar.” Ele chegou a sugerir que apoiaria qualquer partido, mesmo “um novo Partido Budista”, se fizesse algo pela raça branca...⁵²¹

A realidade, contudo, é que não existe realmente escolha, pois para se tornar um candidato a presidente Republicano ou Democrata, a pessoa tem que sacrificar o interesse de seu povo em benefício dos judeus. Isso sequer é uma “escolha” pela qual os brancos devem se sentir culpados por não exercer.⁵²²

⁵²¹ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.223. “Sean Haines, of AN and Blood and Honor, felt that the movement should not rule out any possibilities “to try to save the future for the race” Although he felt the both the Republican and Democratic parties are being used against the interest of whites, he said that “if we start eliminating possibilities and start limiting ourselves, you know, if we’re not careful it could steer us into a dead-end alley and we’ll screw ourselves. He suggested that he could support any party, even “a new Buddhist Party” if it was doing something for the white race...”

⁵²² HALE, Matt. The right to vote: the most ineffectual ‘right’ we have. In: *The Struggle*. XV, September, 1996.p. 1. Apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.222-223. “The reality, though, is there *isn’t* a choice in any meaningful sense, for in order to become a Republican or Democratic candidate for president, the person must have already sacrificed the interest of his people for the interest of the Jews. This is hardly a “choice” for which White people should feel guilty for not exercising.”

O caso de Matt Hale é ilustrativo. Pontífice máximo do *Creativity Movement*, ele candidatou-se em 1995 a vereador (*City Council*) por East Peoria, Illinois. Com 14% dos votos, Hale perdeu a eleição, mas não o objetivo final, como afirma no depoimento abaixo.

Quando eu me candidatar novamente a deputado, estarei concorrendo muito mais para espalhar a mensagem do Creativity e a causa racial branca. Ganhando ou não, isso nem é tão importante. Ganharemos simplesmente por espalhar a mensagem à nossa raça por meio do processo político.⁵²³

Outros casos de incursão no sistema político-partidário, possivelmente mais conhecidos devido à repercussão nacional, foram os de David Duke e Tom Metzger. O primeiro foi candidato a presidente pelo *Populist Party* (1988), a deputado (1989 e 1999), senador (1990) e governador (1991) pelo Partido Republicano, eleito apenas para deputado pelo estado da Louisiana (1989). Metzger, líder da WAR, candidatou-se sem sucesso para deputado e senador pelo estado da Califórnia pelo Partido Democrata respectivamente em 1980 e 1982.⁵²⁴

Duke e Metzger têm históricos políticos similares, passando pela Klan. Em meados dos anos 1970, Duke chegou à posição de *Imperial Wizard* na *Knights of Ku Klux Klan* da Louisiana. À esse tempo, Metzger ingressava na mesma organização, tornando-se diretor na campanha de Duke para senador pelo Partido Democrata. Metzger ganhou notoriedade por organizar o *Klan Border Watch* na Califórnia, iniciativa de patrulha da fronteira para a captura de imigrantes ilegais. Ambos, desencantados com o mero racismo da Klan, deixaram a KKKK na década de 1980 para liderar novas organizações: Duke, a *National Association for the Advancement of White People* (NAAWP) e Metzger, a *White Aryan Resistance*.

⁵²³ HALE, Matt. COTC Hotline., July 14, 1996. apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.222. “*When I run again for City Council, I will be running as much as anything to spread the word of Creativity and the white racial cause. Whether I win or not, it is not even really all that important. We will win just by spreading the message through the political process to our race.*”

⁵²⁴ Nas eleições para presidente pelo *Populist Party*, Duke recebeu 47.047 ou 0.04% dos votos. Duke foi eleito deputado em 1989 com 8.459 ou 50.7% dos votos pelo Partido Republicano. Como candidato ao senado, recebeu 607.391 ou 43.51% dos votos; a governador, 671.009 ou 38.8% dos votos; a deputado, 28.059 ou 11.15% dos votos. Fontes: D.C. Finegold-Sachs (2005). D.C.'s Political Report. "1988 Presidential Candidates"; "Membership of the Louisiana House of Representatives, 1812-2008"; LA US Senate Race - Oct 06, 1990; LA District 1- Special Election Race - May 01, 1999. <http://www.dcpoliticalreport.com/members/1988/pres88.htm>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=328065>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=3516>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=88588>. Nas eleições de 1980 para a House of Representatives, Metzger conseguiu 46.361 ou 13.4% dos votos. Nas primárias para senador em 1982, Metzger foi o sexto colocado entre onze candidatos, recebendo 76.502 ou 2,8% dos votos. Fontes: California District 43 - Democratic Primary Race - June 3, 1980; Statistics of the Congressional Election of November 4, 1980; California U.S. Senate - Democratic Primary Race - June 8, 1982. <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=375065>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=37146>. Páginas acessadas em 17 março, 2011.

A diferença é que Duke tentou, de alguma maneira, desassociar sua imagem do nazismo e da violência direta. Publicamente alegava que sua proposta era lutar contra a discriminação às avessas, ou seja, discriminação contra os “brancos” que, segundo ele, vinha crescendo devido ao domínio da mídia pelos “sionistas” e a aprovação do *Civil Rights Act*. Discursava sobre a delicada situação de uma “maioria despossuída”, sobre a necessidade de preservar a “herança européia da América” e associava problemas como criminalidade, uso de drogas e gravidez em mulheres inscritas em programas de bem-estar à integração forçada.⁵²⁵

Se tomarmos somente o discurso, a proposta de Duke não se diferencia muito da defendida pela bancada conservadora do Partido Republicano. Poder-se-ia dizer que se tratava de liberal racista e antisemita. Mas o passado e o presente o condenam. A tentativa exasperada de esconder seu histórico de ligações com organizações como *National Socialist Liberation Front* e NAAWP, além da criação em 1995 de uma página eletrônica fascista de compartilhamento de informações denominada *Stormfront*, revelam algo mais. Revelam o apreço de Duke pelo autoritarismo e pela total exclusão do outro, caso contrário teria permanecido na KKKK ou se sentido atraído por organizações liberais conspiracionistas como a *John Birch Society*.

A opção por tentar esconder ou mascarar suas filiações ideológicas levou a diferenças profundas com Metzger e explica o porquê de caminhos separados, depois de anos de parceria. Uma marca importante dos fascistas é que eles não escondem nem matizam suas posições, são inflexíveis e não se comprometem ideologicamente por cargos, etc., pois o sentido de preservação da coletividade mitificada ultrapassa os interesses pessoais. Nesse aspecto, Duke foge ao estereótipo. Seu comportamento gerou inúmeras críticas por parte dos fascistas, sendo frequentemente acusado de “*Kosher conservative*”, ou seja, aquele conservador que se alia aos interesses supostamente judaicos em nome de uma possível vitória.

Esqueça a direita conservadora. Eles nunca vão defender a revolução racial. Eles negam, negam, negam o racismo até o fim. (...) Lide apenas com aqueles que tenham orgulho de ser racistas. Mesmo seus inimigos não têm respeito por racistas enrustidos. (...) Eles são nojentos e precisam ser destruídos.⁵²⁶

⁵²⁵ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.48-49, 233. DIAMOND, S. op.cit.p.270-271. BERLET,C; LYONS,M.op.cit.p.278-279.

⁵²⁶ METZGER, Tom. WAR Hotline. May, 1996. apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.244. “*Forget the conservative right. They will never campaign for racial revolution. They deny, deny, deny racism all the way down the track. (...) Deal only with those who are proud to be racist. Even your enemies have no respect for closet racists. (...) They are sickening and need to be destroyed.*”

Nós não deixamos de apoiá-lo. Não somos contra ele, mas não nos esforçamos conscientemente para apoiar sua candidatura. Não vamos vencer essa guerra nos comprometendo e flertando com nossos inimigos. Precisamos ganhar nos mantendo fiéis à nossa doutrina, aos nossos princípios e firmes de que o parasita judeu seja removido da América do Norte e, por fim, do mundo.⁵²⁷

Fica claro, portanto, que a sociedade política é um espaço de ação controverso. Indivíduos lançam suas candidaturas através dos mais diversos partidos, inexistindo um plano de ação coeso, estratégia comum ou organização dos partidários do fascismo em torno de um partido político voltado para a defesa de seus interesses. Destaca-se, assim, a sociedade civil como o terreno privilegiado de atuação.

Vimos acima que os aparelhos privados até a década de 1960 direcionavam seus esforços na organização de passeatas, comícios e panfletagem. O objetivo de tais atividades, desse tipo de militância era chocar e recrutar. Por isso mesmo são manifestações públicas, sendo normalmente programadas para cidades que vinham experimentando distúrbios sociais e problemas econômicos graves.⁵²⁸ Atrair a atenção da mídia também importa, mas ao final, o que essas organizações do passado procuravam era aumentar o número de membros.

Atualmente as atividades de militância tornaram-se mais complexas, principalmente após a popularização da internet. Muitos grupos neofascistas procuram externalizar suas críticas, ressentimentos e reivindicações apostando em formas menos tradicionais de fazer política, investindo em cultura e em educação. Algumas estratégias de luta, como a disputa político partidária, foram sendo gradativamente abandonadas; outras, como passeatas e grandes comícios públicos, foram reconfiguradas.

Mas, o mais marcante é justamente o investimento pesado na produção de material de mídia variado. A aposta em editoras, gravadoras (*Resistance Records*), promoção de bandas de *hate rock*, programas de rádio e de televisão em canais privados e o desenvolvimento de jogos infanto-juvenis reconfiguraram o modo de fazer política. As páginas eletrônicas das organizações contêm um volume extraordinário de material político-ideológico gratuito, e as assinaturas, quando exigidas, saem por preços acessíveis. É comum ainda a disponibilização de livros e documentos do terceiro Reich. Além disso, a internet funciona como veículo de

⁵²⁷ HALE, Matt.COTC Hotline. July 14, 1996. apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.242-243. “*We don’t dis-support him. We are not against him, but we do not take a conscious effort to support his candidacy. We will not win this war by compromising with our enemies and playing footsie with them. We must win by remaining true to our doctrines, true to our principles, and adamant that the Jewish parasite must be removed from North America and eventually the world.*”

⁵²⁸ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.167.

interlocução entre os grupos, disponibilizando fotos dos eventos e de passeatas, *links* de outras organizações e construindo espaços privados e seguros para conversa e compartilhamento (*hotlines*).

Os fascistas contemporâneos procuram trazer a política para o cotidiano. Daí o investimento em canais populares de difusão da informação. A mídia atrai por ser moderna, de fácil acesso, pelo custo relativamente baixo de produção e pelo imensurável poder de difusão. Mas é apenas um dentre muitos caminhos para se alcançar o público e difundir a mensagem. Refiro-me, por exemplo, ao trabalho de base feito nas escolas de ensino fundamental, às investidas no campo religioso e a organização de encontros festivos como o *Aryan Fest* ou *Aryan Nations Congress*.

Pioneiro no movimento de uso da mídia foi o *Liberty Lobby* (1957-2001), investindo na produção de diversos materiais de mídia com o intuito de angariar adeptos e fundos. Destacam-se os boletim *Right* e as revistas impressas *Spotlight* e *Liberty Letter*, além de livros, panfletos, boletins *on-line* e o programa de rádio semanal *Radio Free America*.⁵²⁹ Outro passo importante dado pelo *Liberty Lobby* foi o financiamento e o apoio a diversas agremiações da sociedade política e civil, como o *Institute for Historical Review* (1979), o *Populist Party* (1984) e a organização paramilitar *Nationbal Youth Alliance*, fruto das organizações da campanha presidencial de George Wallace (1968) e que viria a se tornar a *National Alliance*.

O *Liberty Lobby* inaugurou, portanto, a tendência à diversificação das formas de militância e difusão da ideologia, algo particularmente caro aos aparelhos fascistas contemporâneos. Apostando menos nas tradicionais estratégias de luta como comícios, panfletagem, desfiles, passeatas etc., seguidas por contemporâneos como *American Nazi Party* (posterior *National Socialist White People's Party*) ou pelo *German-American Bund* dos anos 1930, as novas formas de militância trazidas pelo *Liberty Lobby* aumentaram rapidamente as bases de apoio do fascismo.

Vale salientar ainda que a difusão ideológica gratuita via modernos meios de comunicação tem a vantagem de fazê-la mais rápida e silenciosamente, não mobilizando as instâncias públicas de aplicação da lei e manutenção da ordem [*law enforcement agencies*].

⁵²⁹ DIAMOND, 1995. p.85 e 153. BERLET, C; LYONS, M, 2000. p.185-194.

Muitas organizações iniciaram suas atividades de difusão ideológica e mobilização de forma rudimentar, distribuindo panfletos e folhetos pelas ruas. Esse foi o caso da *National Alliance*, fundada em 1974 a partir de um racha da *National Youth Alliance*. No ano seguinte, veio a produção dos primeiros periódicos na forma de tabloide, *Attack!* e *National Vanguard*. Ao final dos anos 1970, a organização adentrou o ramo editorial (*Resistance Books*, *National Vanguard Books*), publicando e distribuindo periódicos e livros, como o *The Turner Diaries*, romance conhecido por ter inspirado o atentado de Oklahoma City em 1995.

Periódicos eletrônicos, livros e artigos avulsos são frequentemente encontrados nas páginas eletrônicas das organizações, fazendo da mídia escrita ainda hoje o caminho privilegiado para difusão ideológica e mobilização. *Church of the Creator* edita a revista *Racial Loyalty* desde 1983, publica livros e cartas do fundador Ben Klassen desde sua fundação em 1973. As publicações tiveram primeiramente versão impressa, publicadas pela *Albo Printing Co.*, *Universal Printing* e *Dixie Printing*, e posteriormente eletrônica. As páginas eletrônicas do WAR e *Aryan Nations* contêm uma série de artigos avulsos e entrevistas com fundadores. A WAR desenvolve ainda um trabalho de divulgação das publicações de outras organizações.

Nos anos 1990, surgiram as produções de materiais de áudio e audiovisual. Somente algumas organizações investem com mais força nesse departamento, destacamos os esforços da *National Alliance*, pioneira na produção de filmes e no serviço de transmissões de rádio, e da WAR pelo programa de televisão *Race and Reason*, o *Insurgent radio show*, além de um pacote de jogos eletrônicos.

O programa de rádio *American Dissident Voices* da *National Alliance* começou a ir ao ar em 1991 e, desde então, é transmitido semanalmente em rádios comerciais AM e FM. O *Insurgent radio show* da WAR é mais recente; datam de 2002 as primeiras transmissões *on-line*. É, contudo, mais freqüente que o da *American Dissident Voices*, com transmissões diárias.

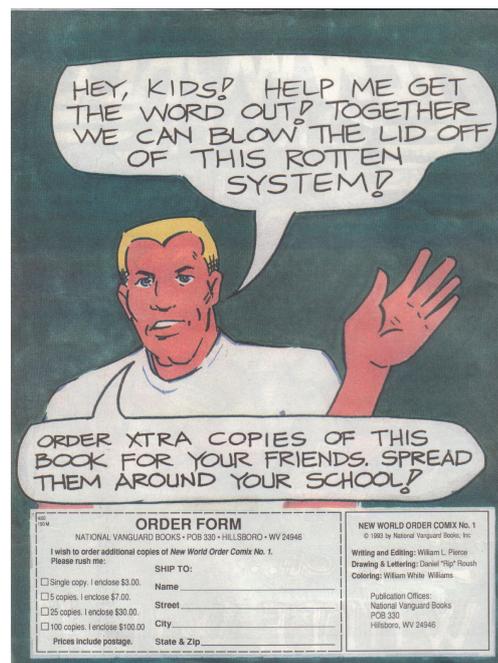
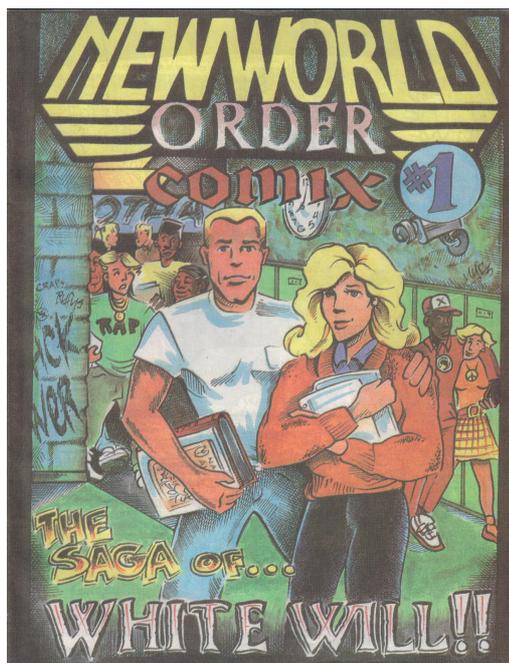
Filmes de longa e curta metragens foram produzidos pela *National Alliance*, dentre os quais destaco *America is a changing country* e *A White World*. Apesar da simples produção, os filmes da *National Alliance* são bem ilustrativos do programa da organização, suas críticas e propostas. O programa de televisão *Race and Reason*, produzido pela W.A.R., veiculado em canais privados de televisão nos EUA e Canadá, procura trazer militantes convidados, muitos deles líderes de outras organizações. O programa é dividido em duas partes. Durante a

primeira, o convidado responde a perguntas do apresentador para difundirem suas propostas e discutirem temas da atualidade. Na segunda parte, o programa é aberto ao público para perguntas direcionadas ao apresentador ou ao convidado pelo telefone. A WAR produziu ainda montagens de vídeos, aproveitando algumas transmissões de William Pierce e ilustrando-as com imagens variadas, incluído cenas de *America is a changing country*, e filmes e seriados recentes como *Alexandre, Troia* e *The Tudors*.

A política adentrou também o universo lúdico e infanto-juvenil. No documentário *Louis and the Nazis*, produzido pela BBC, vemos uma variação da brincadeira popular conhecida como “amarelinha”, na qual as crianças pulam e cantam ao redor de uma suástica desenhada no chão. Crianças que cantem ou toquem instrumentos são incentivadas a comporem canções próprias, voltadas para temáticas relativas à superioridade da raça e da cultura “branca”, sendo frequentemente convidadas a se apresentarem no *Aryan Fest*.

Nas revistas em quadrinhos produzidas pela *National Alliance*, observam-se críticas às políticas inclusivas e de bem-estar, ao multiculturalismo e à tolerância cultural e étnica. A história abordada no primeiro número enfoca principalmente o negro e as políticas integracionistas oficiais. Tudo apresentando numa linguagem bem atual, bem jovem. A parte gráfica traz um *design* relativamente moderno, com *boxes* assimétricos e com movimento, além de caixas de diálogo com formatos variados. As últimas páginas trazem uma mensagem de “esperança”, já que um novo amanhã estaria chegando, e termina com um chamado à militância e à luta, convocando os jovens a se tornarem membros da *National Alliance*.⁵³⁰ A violência é abordada de forma não muito explícita, expressando-se mais pelo discurso ou banalizada como intriga corriqueira entre alunos.

⁵³⁰ New World Order Comix n.1p.4 e 37.



Na página eletrônica da W.A.R. estão disponíveis uma série de jogos de computador que podem ser baixados ou jogados em rede. Os jogos são simples, nada comparado à complexidade dos jogos desenvolvidos pela *National Alliance*, contudo mais variados e abordando questões atuais como, imigração ilegal, criminalidade e corrupção, homens-bomba, homossexualismo etc. Os jogos são marcados pela violência explícita, mas também pela irreverência e pelo sarcasmo, traços característicos da WAR. Bin-laden, Saddam Hussein e o ator Eddie Murphy foram transformados em personagens dos jogos “*Bin-Laden Liquors*”

⁵³¹ Idem. Capa, contracapa, p.4 e 37.

e “*African Detroit cop*”. Outros jogos são “*Shoot the Blacks*”, “*Nazi Wolf 3D*”, “*White Power Doom Patch*”, “*Rattenjagt: kill jewish rats*”, “*Ghetto Baster*”, entre outros.⁵³²

Em “*Border Patrol*”, o jogador é levado à fronteira dos EUA com o México. Na margem norte-americana do rio Grande estão duas placas dizendo “Bem-vindo aos EUA” e “*Welfare Office*”. Iniciado o jogo, mexicanos, caracterizados como “nacionalistas”, “traficantes de drogas” e “reprodutores” começam a atravessar a fronteira. O objetivo do jogo é “mantê-los longe...a qualquer custo”. Ao final de um tempo determinado, seus pontos são computados conforme a quantidade de latinos mortos. A mesma lógica é usada em “*Kaboom: the suicide bombing game*”, no qual um homem árabe anda por uma cidade, presumidamente ocidental, dado o vestuário dos demais transeuntes, e, ao sinal do jogador, o homem árabe explode a si mesmo. Os pontos são computados conforme o número de homens, mulheres e crianças mortos e feridos.

Em “*Ethnic Cleansing*”, o objetivo do herói virtual é matar negros, latinos e judeus, acumulando 10 pontos a cada latino eliminado e 15 a cada negro e judeu. A primeira fase passa-se em um gueto, no qual encontram-se negros e latinos. Na fase seguinte, o jogador é levado para uma estação de metrô, onde estão os judeus. O clímax do jogo está em conseguir matar Ariel Sharon, ex-primeiro ministro de Israel, que se encontra no *jewish control center* arquitetando planos para dominar o mundo. A violência explícita é premiada ao longo do jogo com sistema de pontos e justificada com o argumento da sanitarização, impresso no título “limpeza étnica”.

Assim, é brincando que se molda um pequeno fascista, construindo desde sua mais tenra idade uma visão de mundo na qual o diferente não é digno de viver, precisa ser destruído. A partir de jogos, brincadeiras populares e canções, as raízes da hegemonia ganham profundidade e também uma nova dimensão, uma vez que politicamente direcionadas. O universo lúdico fascista que por hora se apresenta não surge como tradição inconscientemente inventada, expressão de um “senso comum”, recheado de elementos da cultura dominante somado a resíduos de um mundo que um dia foi, heranças de formações passadas. É deliberadamente criado com o propósito de seduzir e engajar. O espaço infanto-juvenil torna-se arena de militância e debate político, espaço de construção de visões de mundo e de

⁵³² Página eletrônica da White Aryan Resistance. www.resist.org.

hegemonia. Temos aqui um exemplo da produção de vontade coletiva organizada em torno de uma ideologia e formas particulares de sociabilidade, enfim, de projeto de sociedade.

O investimento em projetos voltados para recrutar e engajar a juventude é hoje um dos campos mais arrojados no conjunto das estratégias de mobilização de pessoal empreendidas por organizações fascistas, além de ter se tornado um negócio lucrativo.

Aqui emerge a figura de recrutadores talentosos e profissionais, que estão facilmente arregimentando a juventude branca descontente. Indivíduos que são seduzidos por mensagens simplistas de ódio e culpa. Estão procurando vilões e bodes espiatórios.⁵³³

Observemos que nos jogos a única possibilidade de ação é matar, eliminar o diferente. Cenários são alterados, armamentos podem ser escolhidos, o perfil do personagem principal pode variar, mas há apenas um modo para se lidar com o outro, matando-o. Não existe a possibilidade de aprisionamento, comércio ou subordinação. Em contraste com uma proposta segregacionista, nota-se que não se quer dominar, rebaixar ou explorar o inimigo, este tem de ser eliminado, pois não há espaço para diferenças nessa microrrealidade.

Percebe-se, também, certa incompatibilidade entre um discurso que, como vimos acima, advoga separatismo e, em muitos casos, censura a práticas de violência direta, e a mensagem de extermínio daquele que não pertence à coletividade mitificada, transmitida pelo jogo. Esse elemento de eliminação sumária do diferente e da oposição traduz não apenas o racismo, mas o elevado grau de autoritarismo impresso nesse projeto de sociedade, não condizendo nem com a ideologia nem com a prática liberal.

Tal discrepância é igualmente perceptível na relação estreita entre grupos que teoricamente rejeitam a prática de violência física e aqueles que a concebem como estratégia de luta. Em meados dos anos 1980, a organização *The Order*, também conhecida como *Silent Brotherhood*, ganhou notoriedade por uma série atos criminosos, cometidos em nome da “causa ariana” e da construção do lar ariano no noroeste do EUA, dentre eles: falsificação, assalto a bancos (Seattle U\$25.000 e Spokane U\$3.600), *shopping centres* (*Seattle’s Northgate shopping mall* U\$500.000), carros-fortes (*Continental Armored Transport Company* U\$40.000 e *Brinks* U\$3.600.000), o bombardeio da maior sinagoga de Idaho e o

⁵³³ CHAMBERS, S; KOPSTEIN, J. op.cit.p.850. Mais informações sobre estratégias de juventude com o fascismo ver em. EZEKIEL, Raphael. *The Racist Mind*. New York: Viking, 1995. “Here a picture emerges of talented and enterprising recruiters who are “having a field day” recruiting disaffected white youth. These are individuals who become seduced by the simplistic messages of hate and blame. They are looking for villains and scapegoats.”

assassinato do radialista Alan Berg. Diversos integrantes da organização acabaram presos ou mortos em operações do FBI. O montante do dinheiro roubado, contudo, teve outro destino, sendo distribuído entre líderes de importantes organizações fascistas, nomeadamente Richard Butler da *Aryan Nations*, William Pierce da *National Alliance*, Tom Metzger da WAR, Louis Beam, Frazier Miller da *North Carolina Knights of the Ku Klux Klan* e Bob Miles de *Mountain Church*.⁵³⁴

O que se nota é que muitas vezes organizações como a *National Alliance* ou a *Aryan Nations*, que oficialmente condenam práticas de violência física, parecem se beneficiar desses atos, ainda que perpetrados por outros grupos. Pierce chegou enfatizar publicamente a importância simbólica dos feitos de Robert Matthews, integrante da *The Order* morto em operação da SWAT.⁵³⁵ Em outra ocasião, o mesmo Pierce comprara uma propriedade da *Church of the Creator*, para livrá-la de ser arrestada pela justiça em um processo no qual essa organização era acusada pelo assassinato do marinheiro afro-americano Harold Mainsfield. A *National Alliance* havia comprado a propriedade visando resguardar as posses da *Church of the Creator*, no caso de perda da causa e possível sanção sob a forma de indenização.

Como podemos perceber, apesar de muitos aparelhos não advogarem ou exercerem diretamente a violência, acabam consentindo e até lucrando com ela. O almejado separatismo é projetado tendo em vista a expulsão violenta do outro e assegurado pela eliminação daquele que por ventura venha a desafiar as regras e fundamentos da nação ariana.

Apesar do investimento em mídia para difusão ideológica, intercâmbio de informações e arrecadação de fundos, as organizações não abandonaram o trabalho de militância direta. Antes de se tornar *National Alliance*, os militantes da *National Youth Alliance* programavam atividades nacionais e regionais em diversas universidades e escolas. Seminários nacionais de caráter informativo e arregimentador foram feitos em *Georgetown University*, *George Washington University* e *Western Maryland College*, em 1971. No mesmo ano, o periódico local *Detroit Free Press* denunciou a abordagem da *National Youth Alliance* em escolas secundárias da cidade. Entre os anos de 1969 e 1971, foram registrados protestos e comícios regionais na *University of California-LA*, *University of Texas*, na Base aérea Corsewell

⁵³⁴ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p .192-193.

⁵³⁵ PIERCE, William. Introduction and Afterward to “A call to arms” speech by Robert Matthews. Tape recording y National Vanguard Books. Hilsboro, WV, 1991. apud. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.195.

(Dallas, Texas), e no centro de Dallas.⁵³⁶ Ainda hoje, membros da *National Alliance* visitam escolas de ensino fundamental e médio para conversar com os alunos sobre os problemas da sociedade contemporânea, aproveitando para divulgar a revista em quadrinhos “*New World Order Comix – the saga of White Will*” (1993) e os jogos de computador “*Ethnic Cleansing*” (2002) e “*White Law*” (2003), produzidos respectivamente pela *Resistance Books* e *Resistance Records*. O trabalho de base direcionado para a juventude mostra a preocupação dessa entidade em difundir seu projeto junto às mais diversas faixas etárias.

O trabalho de base de apelo ao espetáculo, comumente visto em comícios, passeatas ou nas tradicionais marchas, não foi totalmente abandonado, mas tendeu a diminuir, passando a ser construído em âmbito mais restrito, em encontros, reuniões e festividades que, conquanto abertos ao público, costumam ser realizados em enormes propriedades-sedes (*compounds*) das organizações.

Esse é o caso do *Aryan Fest*, do *Aryan Nations Congress* e do *Aryan Youth Festival*. Os dois primeiros eventos consistem em encontros anuais, realizados desde 1974 em Hayden Lake, sede da *Aryan Nations*. Esses encontros congregam discussões políticas bem como apresentações culturais, como *shows* de bandas, apresentações teatrais etc., atraindo não somente militantes de organizações neofascistas como também brancos não filiados, à procura de possíveis respostas aos seus infortúnios e um canal para extravasar suas angústias e preconceitos.

Foi justamente num desses encontros que surgiu o projeto separatista de um lar ariano no noroeste dos EUA. O autor da proposta foi Robert Miles, pastor adepto da *Christian Identity*, através de um livro intitulado “*The birth of a nation: a declaration of the existence of a racial nation within confines of a hostile political State*”, em 1982. No texto, Miles afirmava que a “raça branca” chegava a um ponto crucial, pois o Estado norte-americano estaria determinado a destruir diferenças raciais, sugerindo a criação de um Estado em separado para os brancos norte-americanos. Durante o Congresso da *Aryan Nations* em 1986, Miles defendeu publicamente sua proposta, afirmando que um dos meios para se alcançar o objetivo do lar ariano seria pela mudança e compra gradativa de terrenos adjacentes na região do noroeste dos EUA por famílias brancas. Lá criariam suas famílias e educariam seus filhos,

⁵³⁶ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 3 of 13. File number 157-12589. Special Report July 13, 1971.

Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 2 of 13. File number 157-12589. Memo October 21, 1969.

incentivando taxas de natalidade elevadas. “Vamos ganhar o noroeste tendo mais filhos que nossos oponentes e mantendo nossas crianças longe dos valores destrutivos e insanos do *establishment*.”⁵³⁷

O *Aryan Youth Festival* consiste em um festival de música, voltado especificamente para a promoção de bandas de *hate rock*. Acontece periodicamente desde 1989, também na propriedade-sede da *Aryan Nations* em Hayden Lake, atraindo majoritariamente jovens, dentre os quais muitos *skinheads*. Gravadoras racistas têm um papel importante no financiamento e promoção de eventos desse tipo. Segundo George Eric Hawthorne, fundador da *Resistance Records*, a gravadora contribui para forjar um novo destino para a música “*white power*”, oferecendo oportunidade para jovens expressarem sua música livremente. Fundada em princípios de 1994, a gravadora já assinou contrato com inúmeras bandas e, conforme indica o controle de vendas de 1995, as mais populares são: *Bound for Glory*, pelo álbum “*The fight goes on*”; RAHOWA, por “*Declaration of war*” e *Nordic Thunder*, por “*Born to hate*”.⁵³⁸

Juntamente com a gravadora, Hawthorne lançou também uma revista, *Resistance Magazine*. Em sintonia com a gravadora, a revista procura unir entretenimento e educação política, além de trazer uma linguagem jovem e vibrante, publicando entrevistas das bandas “*white power*” e reportagens caras ao universo dos jovens fascistas como a origem dos *skinheads* (não necessariamente fascistas), controle de armas, racismo, nacionalismo etc. Seu quadro de colaboradores conta ainda com figuras relevantes como William Pierce, fundador da *National Alliance*; James Mason, membro do *National Socialist Liberation Front* e editor do periódico *The Siege*; David Lane, integrante da *The Order*; e David Duke, ex-governador e ex-deputado estadual da Louisiana, fundador do *National Socialist White People's Party*.

Para que os jovens tenham um senso claro e saudável de quem são -eles têm que entender seu lugar na história- todas as raças promovem essas coisas para sua comunidade. Eu escolhi promover isso pra a juventude branca, então nosso papel no movimento é lançar música que fale para o jovem numa linguagem que ele entenda

⁵³⁷ Idem.p.100. “*We will win the Northwest by out-breeding our opponents and keeping our children away from the insane and destructive values of the Establishment.*”

⁵³⁸ Idem.ibidem.p.70-72.

(...) Não vamos censurar bandas ou direcionar as letras a nosso modo, não vamos dizer o que nós achamos que elas devem dizer.⁵³⁹

Outra estratégia de militância de base é a religião. Muitas organizações neofascistas surgiram a partir seitas religiosas, criadas visando fundamentar sua visão de mundo e prática social. Uma das organizações enfocadas nessa pesquisa é embasada religiosamente. Pautadas no cristianismo, no paganismo nórdico ou inteiramente novas, as religiões têm se tornado um canal importante de difusão ideológica, mobilização de militantes e arrecadação de fundos.

A religião torna-se estratégia de luta refinada, integrando-se ao cotidiano da vida familiar, construindo uma cultura particular e incultando em homens, mulheres e crianças, via cultos frequentes, uma dada mensagem e proposta de vida. Tudo isso fortalece o fazer político. Similarmente ao uso político do universo infanto-juvenil, aqui também observamos estratégias pouco ortodoxas de persuasão e construção de consenso em torno de um dado projeto de sociedade e formas distintas de sociabilidade.

O sistema de crenças, conhecido como *Christian Identity*, tem sua origem no israelismo britânico de fins do século XIX, o qual pregava que as 10 tribos perdidas de Israel acabaram migrando, atravessando o Cáucaso e dando origem aos variados povos nórdicos e anglo-saxônicos. Assim, o israelismo britânico e, conseqüentemente, a *Christian Identity* sustentam que os povos de origem celta e anglo-saxã seriam o povo escolhido de Deus, e não os judeus.

Os pastores norte-americanos Bertram Compert e Wesley Swift foram particularmente importantes por ligar o israelismo britânico a ideais racistas e antisemitas na década de 1940. O primeiro escreveu literatura primária da *Identity* nos EUA - *Your heritage* e *The Caim satanic-seed line* -, o segundo fundou a primeira igreja em 1946, em Lancaster, Califórnia.⁵⁴⁰

Contudo, a *Christian Identity* só irá se popularizar entre setores conservadores tempos depois. O pivô da difusão e maior aceitação da *Christian Identity* foi uma crise agrícola severa na década de 1970, comparável a do entreguerras. Segundo Diamond, a população agrícola

⁵³⁹ HAWTHORNE, George Eric (Interview). DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.71. “For young people to be healthy and have a clear-cut sense of who they are - they have to understand their place in history and ah- really every other race really does promote these things for their own kind. I chose to promote that for the white youth and so our role in this movement is to publish music that speaks to young people in a language in a way that they understand (...) We aren't going to censor bands or doctor the lyrics to recreate them in our own image of what we think they should be saying.”

⁵⁴⁰ DOBRATZ, SHANKS-MEILE, 2000.p.74-75.

norte-americana decresceu assustadoramente, caindo de nove milhões em 1975 para menos de cinco milhões em 1987.⁵⁴¹

Agricultores individuais viram tudo pelo que tinham trabalhado cair nas mãos de banqueiros que tomavam suas propriedades. Nesse contexto, a direita racista tirou vantagem de uma oportunidade rara para disseminar suas teorias conspiratórias sobre o controle judaico do sistema financeiro.⁵⁴²

A crise econômica instalada no cinturão agrícola se espalhou por todo o meio-oeste, tornando essas regiões terreno fértil para a difusão de teorias superficiais, racistas e conspiratórias.

A esse tempo, surgia na costa oeste e no meio-oeste uma rede parcamente integrada de grupos antissistêmicos locais, conhecida como *Posse Comitatus* (poder do condado). Dadas as peculiaridades típicas do localismo, os membros do *Posse Comitatus* compartilham a crença na *Christian Identity* e em teorias conspiratórias, defendendo o não pagamento de impostos e o poder soberano da autoridade local (em muitos casos o xerife).

Assim como a *Posse Comitatus*, a *Christian Identity* serviu de base para uma das mais conhecidas organizações fascistas norte-americanas, a *Aryan Nations*. O pastor e fundador Richard Butler teve os primeiros contatos com a *Christian Identity* nos anos 1960, quando conheceu William Porter Gale, discípulo de Wesley Swift. Lá, ele foi apresentado ao próprio Swift, integrando sua igreja em Lancaster, Califórnia. Após a morte de Swift, em 1970, Gale e Butler procuraram construir seus próprios rebanhos, liderando, cada um, sua própria igreja, pautadas na *Christian Identity*. Assim nasceu a *Aryan Nations*, que no princípio da década de 1980, afirmava ter 300 membros vivendo no *compound* de Idaho e 6000 espalhados pelo país.⁵⁴³

Atualmente adotado por diversas organizações neofascistas, a *Christian Identity* afirma que os europeus brancos descendem do povo israelita mencionado na Bíblia; que Adão e Eva foram os primeiros brancos; que os Judeus são descendentes do demônio, fruto da relação entre Eva e Satã; já os demais não brancos, usualmente identificados como *mud-*

⁵⁴¹ DIAMOND, S. op.cit. p.259.

⁵⁴² Idem. “*Individual farmers saw everything they had worked for fall into the hands of bankers who foreclosed on their property. In that context, the racist Right took advantage of a rare opportunity to spread their spurious conspiracy theories about jewish control of the financial system.*”

⁵⁴³ Idem.p. 259-260; 266.

people, pertencem a raças pré-adâmicas, falhas de Deus antes de conceber Adão em sua perfeição, portanto, subumanos.⁵⁴⁴

Outra crença que se destaca no cenário do fascismo contemporâneo é o *Creativity*, misto de organização política e religião, surgido em 1973 com o nome de *World Church of the Creator*. Essa religião não tem base cristã, negando veementemente a Bíblia cristã por ter sido escrita por judeus e criticando cristãos por colocarem Deus acima da raça. Diz embasar-se em leis naturais universais, na história, na lógica e senso comum, algo próximo ao visto em alguns discursos de Hitler, que também falava nesses termos.⁵⁴⁵

Cinco crenças fundamentais:

ACREDITAMOS que nossa raça é nossa religião.

ACREDITAMOS que a raça branca é o que há de melhor na natureza.

ACREDITAMOS que a lealdade racial é a maior das honras e traição racial, o pior dos crimes.

ACREDITAMOS que o que é bom para a raça branca é a maior das virtudes e o que é ruim para a raça branca, o pior dos pecados.

ACREDITAMOS que a única, verdadeira e revolucionária religião racial branca - Creativity- é a única salvação para a raça branca.⁵⁴⁶

Essa organização busca investir mais fortemente na religião, podendo ser considerada uma organização político-religiosa, dedicada à sobrevivência, expansão e avanço da “raça branca”. Todas as suas lideranças compõem-se de reverendos, que coordenam igrejas locais, promovem sermões e procuram dialogar principalmente com igrejas neopentecostais como a Igreja Universal. São dos diálogos e conflitos com adeptos de outras crenças cristãs que procuram ganhar base de apoio.

Os reverendos são ainda os principais autores dos livros da organização. Escrevem artigos nos periódicos *Racial Loyalty* e *Struggle*, além de coordenar os sermões transmitidos por rádio. A *RaHoWa Radio* transmite regularmente programas dos reverendos Ben Klassen e Matt Hale.

⁵⁴⁴ BERLET, C; LYONS, M. op.cit.p.270.

⁵⁴⁵ Idem.p.136-137; 144.

⁵⁴⁶ Página eletrônica do *Creativity Movement*. <http://creativitymovement.net/index1.html?> Página acessada em outubro de 2007. “Five Fundamental Beliefs:WE BELIEVE that our Race is our Religion. WE BELIEVE that the White Race is Nature's Finest. WE BELIEVE that racial loyalty is the greatest of all honors, and racial treason is the worst of all crimes.WE BELIEVE that what is good for the White Race is the highest virtue, and what is bad for the White Race is the ultimate sin.WE BELIEVE that the one and only, true and revolutionary White Racial Religion - Creativity - is the only salvation for the White Race.

Outro sistema de crenças bastante popular entre os fascistas norte-americanos é integrado por variantes do neopaganismo nórdico, conhecidas como Odinismo, Wotanismo e Ásatrú. Religiões pagãs politeístas ou idólatras da natureza eram populares entre povos germânicos (ingleses, alemães, escandinavos, holandeses) e celtas (irlandeses, escoceses e galeses), tornando-se clandestinas por conta da expansão cristã.⁵⁴⁷

Foram periodicamente retiradas do ostracismo, primeiramente durante o romantismo nacionalista do século XIX, depois no entreguerras e novamente em 1970. As denominações Odinismo e Ásatrú surgiram durante o primeiro renascimento, cunhadas respectivamente por Orestes Brownson em 1848 e Edvard Grieg em 1870 para sua ópera *Olaf Trygvason*. O Wotanismo, versão norte-americana do Odinismo (Wotan é o Deus germânico correspondente a Odin), foi criado por David Lane e sua esposa Katja, influenciados pelos escritos de Carl Jung em “Wotan”.

Cientistas sociais como Adler e York sustentam que o Odinismo é, em seu âmago, conservador, pois enfatiza a pureza racial, a unidade familiar e o neotribalismo, rejeitando, conseqüentemente a miscigenação, o feminismo, a diversidade política, sexual ou de estilos de vida.⁵⁴⁸ Apesar de não estarem exatamente ligados ao racismo, as manifestações mais extremas do misticismo racial acabam por atrair simpatizantes fascistas. Isso faz com que as divisões entre grupos Odínistas nem sempre fiquem claras.⁵⁴⁹ Muitas vezes o racismo aparece de forma mascarada como nesse trecho extraído da revista *The Odínist*, publicada pela *Odínist Fellowship*. “Acreditamos que todos os grupos raciais ou subgrupos, todo povo é um fenômeno biológico e histórico único e não repetível.”⁵⁵⁰ A ênfase na preservação da pureza de cada raça é um indicativo da rejeição da miscigenação e do entendimento que a mistura leva à degradação.

⁵⁴⁷ DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.142.

⁵⁴⁸ ADLER, Margot. *Drawing down the moon*. Boston: Beacon Press, 1986.p.277. apud: DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.138. YORK, Michael. *The emerging network: a sociology of the New Age and neo-pagan movements*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1995.p.126. apud: DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.138.

⁵⁴⁹ KAPLAN, Jeffrey. *The reconstruction of the Ásatrú and Odínist traditions*. Parts 1-6. *THEOD Magazine*. Vols.1, 2., 1994,1995. Apud: DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.138.

⁵⁵⁰ YORK, Michael. *The emerging network: a sociology of the New Age and neo-pagan movements*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1995.p. 125. Apud: DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.138. “*We believe that every racial group or subgroup, every folk, is a unique, non-repeatable biological historical phenomenon that should be preserved.*”

Após percorrer brevemente a história do fascismo nos EUA, seu caráter peculiar em relação ao liberalismo e ao segregacionismo, as novas formas de fazer política e construir consenso, vemos como tais grupos fomentam conflitos na sociedade, principalmente na esfera da sociedade civil. Preconceitos vários, todos socialmente construídos, são alimentados ao extremo, naturalizando a violência. Crises, depressões e as limitações da democracia liberal em prover bem-estar e estabilidade mínimos são outros componentes, que levam multidões de desesperados a projetar seus medos em teorias conspiratórias e “bodes expiatórios”, concebendo soluções autoritárias como alternativas desejáveis.

O “medo da queda” da classe média, discutido por Ehrenreich (1989) nos anos 1980, traduziu-se em uma real deteriorização da qualidade de vida. Mesmo a classe média que um dia experimentou um padrão de vida moderado e estável foi vitimizada pela queda e pelo deslocamento social. Um grande percentual dos gerentes e de outros trabalhadores de colarinho branco viveram na serenidade suburbana de uma economia em crescimento de dias que já passaram. Agora, eles encaram a aposentadoria precoce, treinamentos ou tentativas de começar um pequeno negócio em meio a uma economia frágil.⁵⁵¹

O apelo e a popularidade de saídas autoritárias são sintomáticos da falência da democracia capitalista.⁵⁵² A sedução provocada pelo fascismo utiliza-se de condições sociais, políticas e econômicas desfavoráveis; envolve e fascina por apresentar, ao menos na retórica, soluções rápidas, seguras e definitivas para um cenário de descrença e instabilidade.

⁵⁵¹ DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.274. “*The middle class “Fear of Falling” discussed by Ehrenreich (1989) in the 1980’s has translated into real deterioration in the quality of life. Even the middle class who once experienced a moderate and stable standard of living has been victimized by “downsizing” and “outplacement”. A large percentage of those white-collar and managerial workers lived in the suburban serenity of a growth economy of days gone by. Now they face early retirement, job training, or attempting to start a home business in the midst of a fragile economy.*”

⁵⁵² Diversas correntes teóricas apontam, por caminhos distintos, a falência da democracia, ainda que associada a outros elementos, como chave explicativa para se entender a emergência do fascismo.

Autores marxistas associam a falência ou fraqueza da democracia liberal ao acirramento dos conflitos de classe e a incapacidade do sistema de assimilar divergências profundas. BAUER, Otto. O fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli(org). **Fascismo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. POULANTZAS, Nicos. **Fascism and Dictatorship**. NLB: London, 1974. KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Autores de orientação liberal apontam para o abalo do liberalismo democrático, de tal modo que seus métodos não se mostram mais eficazes para a resolução dos conflitos de interesses dos grupos dirigentes. O fascismo refletiria a irrupção das massas no cenário político, conduzidas por um líder forte. MANHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Bologna, 1957. BRACHER, Karl Dietrich. The Role of Hitler: perspectives and interpretations. In: LAQUEUR, Walter. **Fascism: a reader’s guide**. Middlesex: Pelican Books, 1979.

Há ainda estudos de influência weberiana, adaptações modernas do arquétipo da dominação carismática. Filha da crise, a dominação carismática é o resultado de situações extraordinárias internas (psíquicas, religiosas) e/ou externas (econômicas, políticas). No caso Alemanha, os fatores culturais e psicológicos que importam para o predomínio de formas carismáticas de tipo fascista seriam: o colapso relativamente recente da monarquia; resquícios por parte de alguns setores sociais de aspiração à autoridade suprema/heróica; o impacto traumático da guerra e do tratado de Versalhes; valores militaristas e chauvinistas. Soma-se a isso a profunda crise econômico-social do entre guerras. Da incapacidade da República de Weimar, uma organização estatal pautada na dominação impessoal, racional e legal em lidar com essa crise global surge a brecha necessária para a aceitação de um novo sistema de governo, agora baseado no exercício do poder pessoal. KERSHAW, Ian. **Hitler: um perfil do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

Estudos sobre a base sócio-econômica dos integrantes de partidos e organizações fascistas e outros grupos de ódio na Europa demonstram a íntima ligação entre o aumento do desemprego e o apoio a partidos e grupos extremistas.⁵⁵³

...em sociedades onde as pessoas definem seu valor em termos de habilidade para obter um emprego e asseguram um salário decente, a mera ameaça de queda é suficiente para mover um segmento crescente da população em direção a visões extremistas, atraindo-o a seguir líderes extremistas. Desemprego é apenas um indicador -certamente um importante indicador- de deslocamento social ou ameaça de deslocamento⁵⁵⁴

Nos EUA, o quadro é similar. Lá também são os desempregados, subcontratados, jovens bem instruídos, mas desesperançados com a falta de perspectiva no mercado de trabalho, ou seja, parcela da classe trabalhadora “branca” que vem experimentando queda na qualidade vida, que buscam suporte e algum senso de existência em organizações fascistas e demais grupos de ódio como milícias e organizações segregacionistas.

...o movimento pelo poder branco tem atraído primordialmente pessoas das classes média e trabalhadora. As atuais condições econômicas desfavoráveis na história da América têm afetado uma parcela maior de americanos, incomodando a classe média. Como muitos membros sentem-se atraídos por filosofias racistas, como motes explicativos para suas dificuldades econômicas, a queda da renda da classe média aumenta o campo de arrematação do movimento.⁵⁵⁵

É essa confluência de de forças - a diversidade racial e cultural de nossa nova população imigrante; as reivindicações pelos recursos da nação feitas por essas minorias, que por gerações chamaram a América de lar; a falência de algumas de nossas instituições básicas em servir as necessidades de nosso povo; a contração econômica, ameaçando as aspirações de mobilidade social das famílias da classe

⁵⁵³ JACKMAN, Robert; VOLPET, Karin. Conditions favouring parties of the extreme-right in Western Europe. In: **British journal of Political Science**. 26.n.4, 1996.p. 501-521. MITRA, Subrata. The national Front in France: a single issue movement? In: BEYNE, Klaus von (ed). **Right-wing extremism in Western Europe**. London: Frank Cass, 1988. VOERMAN, Gerrit; LUJCARDIE, Paul. The extreme- right in Netherlands. In: **European Journal of Political Research**. 22.n.1, 1992.p.34-54. PFAHL-TRAUGHER, Armin. Die Entwicklung des Rechtsextremismus in Ost und Westdeutschland. In: **Aus Politik und Zeitgeschichte**.n.39, 2000.p.3-14.

⁵⁵⁴ CHAMBERS, S.; KOPSTEIN, J. op.cit. p.847. “...in societies where people define their self-worth in terms of their ability to obtain work and secure a living wage, the very threat of downward mobility is often enough to move a growing segment of the population toward extremist views and entice them to follow extremist leaders. Unemployment is but one indicator- to be sure an important one- of social dislocation or threatened dislocation...”

⁵⁵⁵ DOBRATZ, B.;SHANKS-MEILE, S. op.cit.p.272. “...the white power movement has primarily attracted people from the working and middle classes. The declining economic conditions at this point in America's history have come to affect a larger cross section of Americans, with the middle class increasingly feeling the pinch. Since many movement members are attracted to white racialist philosophies as an explanations of their economic woes, declining middle-class incomes extend the recruitment ground for the movement.”

trabalhadora- tudo isso contribuiu para deixar os trabalhadores brancos sentindo-se como se todos os outros estivessem tendo vantagens, menos eles.⁵⁵⁶

Analisando a posição social das lideranças de algumas organizações mencionadas até aqui, a presença majoritária de membros da classe trabalhadora se confirma. Richard Butler era engenheiro aéreo-espacial; William Pierce, professor de física; Tom Metzger, técnico de aparelhos de televisão; George Lincoln Rockwell, militar; David Lane, historiador.

É o sentimento de impotência ante a transformação de suas realidades particulares que torna os indivíduos propícios a serem seduzidos por propostas simplistas, aparentemente milagrosas. “Inseguranças econômicas exploram divisões raciais e étnicas e tornam difícil, senão impossível, superar divisões e diferenças históricas. Oferecem campo fértil para estereotipar e culpabilizar “bodes espiatórios”.”⁵⁵⁷

A dimensão “*bad*” da sociedade civil vem crescendo em nossos tempos e mais do que um problema relativo ao preconceito culturalmente adquiridos, educação e informação insuficientes, falta de representatividade e envolvimento cívico, a “*bad civil society*” é também um problema de justiça social. “Certas inseguranças econômicas enfraquecem o compromisso com valores centrais da democracia liberal, dando razões às pessoas por desacreditarem nas promessas da democracia liberal e a procurarem bodes espiatórios e grupos visados.”⁵⁵⁸

Uma solução efetiva para o problema há de levar em conta todos esses aspectos. Grupos fascistas hoje se organizam primordialmente na sociedade civil, mas seu crescimento revela um problema de ordem social mais geral. O caminho para uma sociedade menos intolerante e autoritária está justamente em olhar para além do âmbito da sociedade civil, incentivando não somente a construção de organizações privadas afinadas com o

⁵⁵⁶ RUBIN, Lillian. *Families on the fault line: America's working class speaks about the family, the economy, race and ethnicity*. New York: Harper Perennial, 1994. p.186. “It's this confluence of forces –the racial and cultural diversity of our new immigrant population; the claims on the resources of the nation now being made by those minorities who, for generations, have called America their home; the failure of some of our basic institutions to serve needs of our people; the contracting economy, which threatens the mobility aspirations of working-class families- all these have come together to leave White workers feeling as if everyone else is getting a piece of the actions while they get nothing.”

⁵⁵⁷ CHAMBERS, S.; KOPSTEIN, J. op.cit. p.850. “Economic insecurities exploit racial and ethnic divisions. They make it difficult if not impossible to overcome historic divisions and differences. They offer fertile ground for stereotypes and scapegoats to blame.”

⁵⁵⁸ Idem.ibidem.p.856. “Certain economic insecurities weaken commitment to core liberal democratic values by giving people reasons to distrust the promises of liberal democracy and to seek out scapegoats and targeted groups.”

multiculturalismo e com a democracia, mas lutando igualmente pela implementação de políticas públicas inclusivas e uma organização do trabalho menos desigual.

Vejamos nas próximas seções algumas tentativas por parte do poder público e privado para tentar conter o avanço de grupos e práticas de ódio nos EUA.

c. A hora e a vez do poder público: iniciativas oficiais de preservação da democracia

Tabela 1:

Southern Poverty Law Center Annual List of Active Hate Groups in the USA

Hate Groups in the United States⁵⁵⁹

Year	total	Nº. of Klan	Nº. of Neo-Nazi	Nº. of Skinhead	Nº. of Black Separist
1996	241	73 Klan	67 Neo-Nazi	37 Skinhead	n/a
1997*	474	127 Klan	100 Neo-Nazi	42 Skinhead	12 Black Separist
1998	537	163 Klan	151 Neo-Nazi	48 Skinhead	29 Black Separist
1999	457	138 Klan	130 Neo-Nazi	40 Skinhead	21 Black Separist
2000*	602	110 Klan	180 Neo-Nazi	39 Skinhead	48 Black Separist
2001	676	n/a	n/a	n/a	n/a
2002	708	n/a	n/a	n/a	n/a
2003	751	n/a	n/a	n/a	n/a
2004	762	n/a	n/a	n/a	n/a
2005	803	n/a	n/a	n/a	n/a
2006	844	n/a	n/a	n/a	n/a
2007	888	155	207	90	n/a
2008	926	186	194	98	n/a

*SPLC changed methodology in 1997. Increase of 1997 over 1996 is 20% when adjusted for change. In 2000 SPLC added approx 90 neo-Confederate groups who practice racial intolerance and promote historical misinformation.

⁵⁵⁹ California State University, San Bernardino College of Behavioural Sciences. Center for the study of hate and extremism. Hate violence and terrorism statistics. Hate groups in the United States. http://hatemonitor.csusb.edu/resources/hate_crime_statistics.htm Página acessada em 30 de março de 2011.

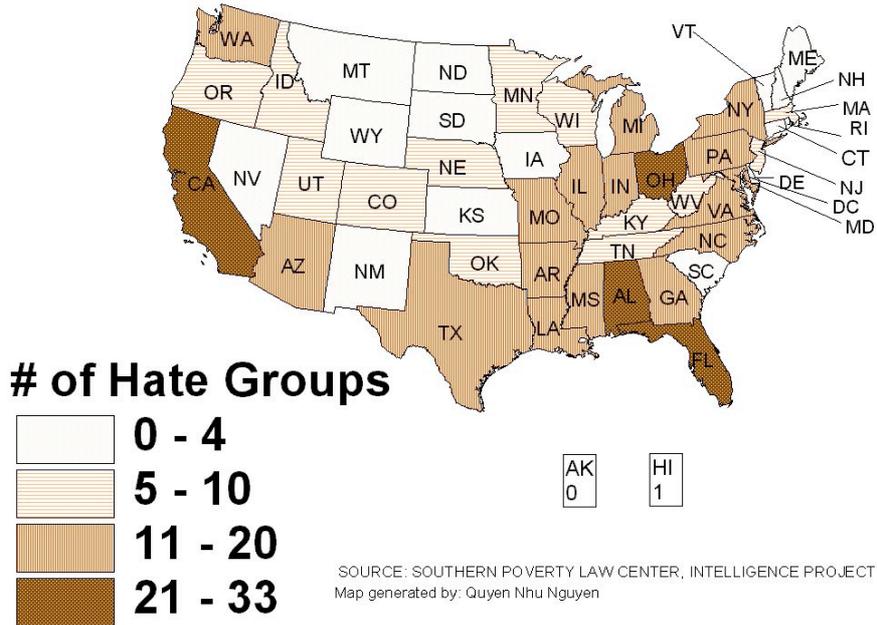
Tabela 2:

Hate Websites

Year	Number of Hate Websites
1997	163
1998	254
1999	305
2000	366

Gráfico 1:

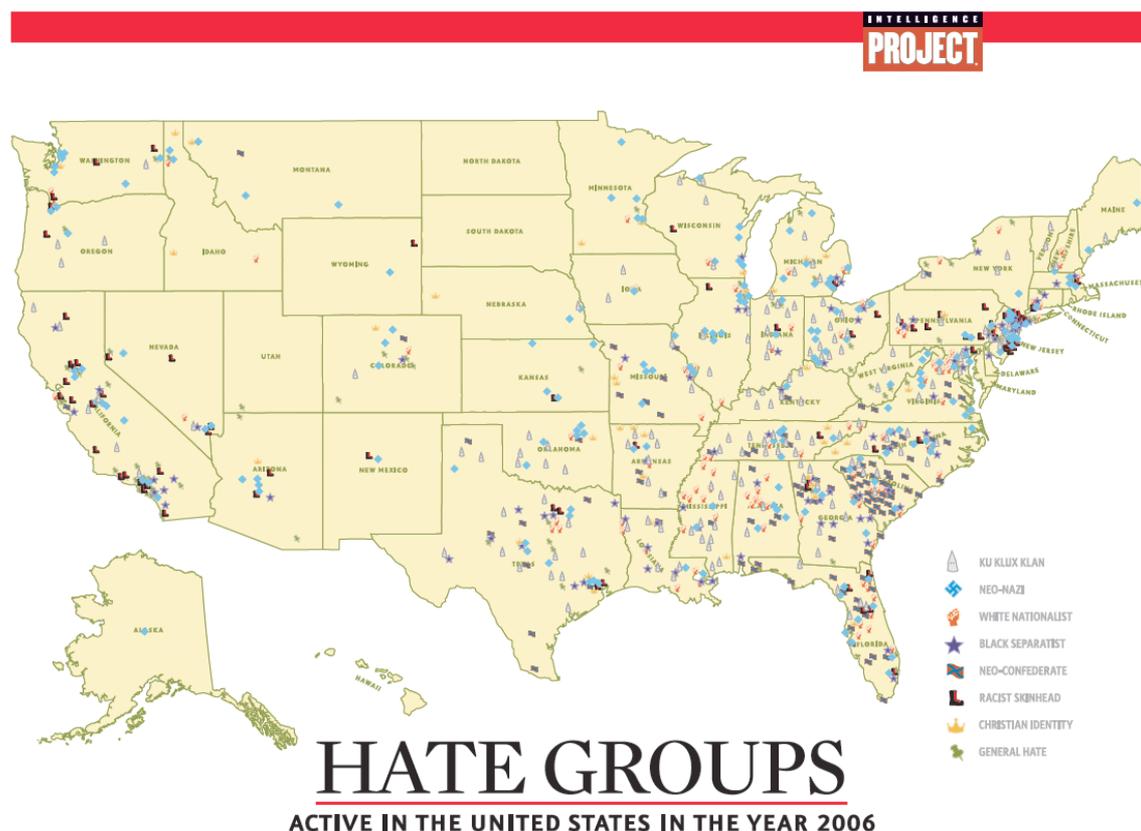
Hate Groups in the U.S. by State, 1999



560

⁵⁶⁰ California State University, San Bernardino College of Behavioural Sciences. Center for the study of hate and extremism. Hate crime research. Hate group map. http://hatemonitor.csusb.edu/resources/hate_groups_map_1999.jpg. Página acessada em 30 de março de 2011.

Gráfico 2:



561

A tabela e os mapas acima, construídos pelo *Southern Poverty Law Center* e disponibilizados na página eletrônica do centro de pesquisa *Center for the Study of Hate and Extremism*, dá-nos a dimensão do crescimento dos grupos de ódio nos EUA, revelando um aumento da receptividade a propostas de interação social pautadas na violência e na intolerância. A categoria “grupo de ódio” é por certo mais ampla que o recorte proposto nesta pesquisa, incluindo não somente organizações neofascistas, mas igualmente aquelas afinadas com o segregacionismo, com o antissemitismo, com o patriarcalismo extremado ou com o direito dos estados sobre qualquer autoridade federal.

Nesta seção, veremos como vem se dando o trabalho integrado das agências públicas, seus avanços e desafios no combate e prevenção dos crimes de ódio, perpetrados tanto por grupos de ódio como por indivíduos sem afiliações definidas. Uma série de documentos e projetos oficiais serão discutidos e analisados, dentre eles: manuais, tabelas e projetos oficiais,

⁵⁶¹ Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Hate group map. 2006. hate_map_ir125_adjusted.pdf.

produzidos sobre o agravamento da violência e intolerância nos EUA, assim como as estratégias oficiais para tentar controlar tais expressões.

As investidas do poder público voltadas para o controle e prevenção da violência motivada pelo ódio datam de meados da década de 1960, especificamente a partir do *Civil Rights Act* de 1964, quando o governo federal se comprometeu oficialmente com a defesa dos direitos civis de todos os cidadãos norte-americanos, independente de cor, raça ou origem nacional, garantindo por meio de auxílio técnico e financeiro investigação e julgamento adequados.

Todavia, como podemos observar pela documentação, debates, projetos e medidas legislativas mais enfáticos e voltados especificamente para o problema do crime de ódio só apareceram em fins da década de 1980. Esse intervalo de tempo foi marcado pelo aumento significativo de grupos promotores do ódio organizado -os grupos de ódio-, dentre os quais muitos de caráter fascista. Essas organizações investiam pesadamente -e ainda o fazem- na difusão ampla e gratuita de suas visões de mundo por meio de mídia variada. Tal poder de difusão cresceu exponencialmente com a popularização da internet no início dos anos 1990. As décadas de 1980 e 1990 foram palco de manifestações de terrorismo doméstico, como a série de roubos e assassinatos perpetrados pela *The Order* e o atentado ao prédio do FBI em Oklahoma City, todos em nome da causa ariana.

Desse modo, entendemos que a preocupação crescente em torno da segurança nacional desempenhou um papel relevante na condução das políticas públicas discutidas nesta seção. O medo da ameaça terrorista será o grande motivador, mais ainda que a defesa retórica da democracia e da tolerância, dos projetos sociais e medidas legais encampados pelas diversas esferas governamentais.

É recorrentemente na documentação oficial uma preocupação com a definição de crime de ódio. O esclarecimento é o primeiro passo para a condução de planos de treinamento, visando coibir e prevenir atos de violência baseada no ódio. Diversas monografias, manuais e folhetos foram produzidos nesse sentido, contendo portanto, uma caráter mais informativo e estatístico do que propriamente combativo e preventivo.

Um dos materiais mais completos foi produzido pelo Departamento de Justiça em 1997. Intitulado *A policymaker's guide to hate crimes*⁵⁶², esse guia informativo traz uma

⁵⁶² A policymaker's guide to hate crimes.1997. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

definição oficial do que seria um crime de ódio, bem como um resumo de pesquisas feitas até então, análises de especialistas e um breve quadro dos programas desenvolvidos por agências governamentais.

A definição de crime de ódio trazida pelo guia toma como referência aquela apresentada no *Violent Crime Control and Law Enforcement Act of 1994* (28 U.S.C. 994), consistindo, assim, em um ato criminoso motivado pelo ódio à raça, à religião, à orientação sexual, à etnia, à nacionalidade, ao gênero ou à deficiência (mental ou física) da vítima. Ele não é considerado um crime distinto, mas um agravante de crimes já existentes, como agressão, vandalismo, estupro, assassinato, etc. Por essa razão, apesar dos debates no Congresso, não existe ainda uma legislação específica para o crime de ódio. Em 1994, a lei federal citada acima aprovou o aumento de pena, caso observado ódio e preconceito como principais motivadores da ofensa.

A mesma definição pode ser vista também no boletim *Hate Crime: the violence of intolerance*, produzido em 1998 pelo *Community Relations Service*, escritório ligado ao Departamento de Justiça. “Crime de ódio é a violência da intolerância e do preconceito, com o fim de machucar e intimidar alguém por causa de sua raça, etnicidade, origem nacional, religiosa, orientação sexual ou deficiência”⁵⁶³

Mais completo que o boletim, *A policymaker's guide to hate crimes* ressalta a historicidade dos crimes motivados pelo ódio e pela intolerância, observados em épocas históricas variadas, como durante a perseguição dos romanos aos cristãos, nas políticas de extermínio nazistas, ou durante o passado segregacionista de alguns estados norte-americanos. Contudo, só recentemente a reação a esse tipo de crime levou ao desenvolvimento de políticas públicas, comprometidas com sua repressão e prevenção.

Nos Estados Unidos, os crimes de ódio têm sido inspirados largamente pelo preconceito racial e religioso. Quando europeus começaram a colonizar o Novo Mundo nos séculos XVI e XVII, os nativos tornaram-se alvos de intimidação e violência. Durante os últimos dois séculos, linchamentos da KKK a afro-americanos, queima de cruzeiros que afastaram famílias negras de bairros brancos, e

⁵⁶³ Hate Crime: the violence of intolerance. CRS bulletin. Community Relations Service. U.S. Department of Justice, 1998.p.1.Alderman Library. University of Virginia. “Hate crime is the violence of intolerance and bigotry, intended to hurt and intimidate someone because of their race, ethnicity, national origin, religious, sexual orientation, or disability.”

suásticas pintadas em sinagogas judaicas são apenas alguns exemplos típicos de crimes de ódio nessa nação.⁵⁶⁴

Embora o crime de ódio não seja considerado legalmente como um crime distinto, ele carrega uma particularidade. Diferente de um ato qualquer de vandalismo, agressão, estupro, entre outros, o crime de ódio não fere apenas a vítima direta, mas toda a comunidade representada na pessoa vitimada. “Um delito motivado pelo ódio gera uma onda de desconforto entre membros de um grupo-alvo e um crime de ódio violento pode funcionar como um vírus, rapidamente espalhando sentimentos de terror e relutância em toda uma comunidade.”⁵⁶⁵ O fato de o ato criminoso ser motivado pelo ódio a um grupo social determinado perturba todo o grupo, gerando pânico, aguçando animosidade entre os diferentes e podendo levar a ondas de violência em retaliação.

No correr dos capítulos, seguem pesquisas e dados estatísticos sobre o aumento dos crimes motivados por ódio e os grupos sociais mais ameaçados. Há também estudos sobre o perfil dos perpetradores, o papel dos grupos de ódio nos EUA contemporâneo e as reações do poder público e privado perante a tais conflitos. Os apêndices trazem mais fontes para informação, bibliografia específica e um conjunto de endereços, telefones e páginas eletrônicas de organizações comprometidas com o combate aos crimes de ódio.

De acordo com o documento, os negros, numericamente a maior minoria dos EUA, são ainda o principal grupo visado e, dentre os grupos religiosos, lideram os ataques aos judeus. Contudo, desde 1995, ataques a asiáticos e a homossexuais vêm registrando crescimento alarmante.⁵⁶⁶

Quanto aos perpetradores, o *United Crime Report*, produzido pelo FBI em 1994, registrou que são em sua maioria homens brancos jovens, fazendo uso das chamadas “armas ocasionais” [*imprecise weapons of opportunity*], ou seja, pedras, bastões, tacos, galhos de árvore, estiletes. Consequentemente, os ataques costumam ser excessivamente brutais,

⁵⁶⁴ policymaker’s guide to hate crimes.1997.p.1. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia. “ *In the United States, hate crimes have been inspired largely by racial and religious biases. As Europeans began to colonize the New World in the 16th and 17th centuries, Native Americans increasingly became the targets of bias- motivated intimidation and violence. During the past two centuries, the Ku Klux Klan’s lynchings of African Americans, cross burnings to drive black families from predominantly white neighborhoods, and swastikas painted on jewish synagogues are some of the more typical examples of hate crimes in this Nation.*”

⁵⁶⁵ Idem.p.x. “*A bias-motivated offense brings a broad ripple of discomfiture among members of a targeted group, and a violent hate crime can act like a virus, quickly spreading feelings of terror and loathing across an entire community.*”

⁵⁶⁶ Idem.p.14,15 e 19.

resultando em ferimentos sérios e profundos.⁵⁶⁷ O início da década de 1993 revelou também o crescimento dos crimes de ódio perpetrados por afro-americanos contra brancos, hispânicos e asiáticos. Segundo o *Southern Poverty Law Center*, entre 1991 e 1993, 46% de todos os homicídios motivados por racismo foram cometidos por negros.⁵⁶⁸

As pesquisas indicam ainda que a maioria dos perpetradores não estão necessariamente ligados a grupos de ódio, agindo em causa própria. Esses indivíduos agem motivados por ressentimento ante ao progresso econômico de um dado grupo étnico e/ou racial; ou em reação a uma suposta ameaça à segurança e valorização de seu bairro. Há também aqueles que efetivamente representam um coletivo organizado, planejando ataques em nome de um projeto de sociedade, como em uma missão de cunho religioso e nacionalista. Mas o que demonstra a pesquisa é que esses são a minoria, se comparados aos ataques impulsivos, no calor do momento, perpetrados por indivíduos não vinculados a grupos de ódio.⁵⁶⁹

Ainda assim, a preocupação com o crescimento sem precedentes dos grupos de ódio nos EUA a partir do final da década de 1970, especialmente após o assassinado do radialista Alan Berg em 1984 pela organização *The Order* e o atentado em Oklahoma City em 1995, levou o FBI a contratar 50 pesquisadores adicionais para investigar e prevenir casos de terrorismo doméstico e internacional. “Agência federais de aplicação da lei e grupos nacionais que regularmente monitoram crimes de ódio concordam que a ameaça de terrorismo doméstico aumentou significativamente em anos recentes.”⁵⁷⁰

Como vimos na seção anterior, muitos grupos de ódio não incentivam diretamente a prática da violência física ou o engajamento em atividades criminosas, agem mais construindo justificativas ideológicas para elas. A mensagem simplesmente é passada e, inevitavelmente, alguma hora, alguém, muitas vezes sequer filiado a algum grupo de ódio, acaba cometendo um crime. Uma análise complexa da situação há de levar em consideração essa variável do contexto atual, no qual o poder de alcance de uma visão de mundo extrapola em muito os

⁵⁶⁷ Idem.p.13.

⁵⁶⁸ Idem.p.14.

⁵⁶⁹ Idem.p.21.

⁵⁷⁰ Idem.p.23. “Federal law enforcement agencies and national groups that regularly trace hate crimes agree that the threat of domestic terrorism has increased sharply in recent years.”

limites do conjunto de integrantes oficiais, influenciando comportamentos de um número potencialmente infinito de adeptos ou sensíveis a mensagem de ódio.

Alguns especialistas afirmam que grupos extremistas não estão necessariamente crescendo em tamanho ou número, mas sua influência pelo acesso à frequência de rádio de ondas curtas e comerciais, pelo vasto crescimento global da cybercultura da internet, por livros, revistas e músicas *underground*.⁵⁷¹

Crimes de ódio, porém, não devem ser entendidos como simples explosões de raiva motivada pelo preconceito, mas inseridos num contexto que envolve condições sócio-econômicas desfavoráveis, o papel da mídia na construção e reforço de estereótipos e mesmo experiências negativas vividas pelo agressor envolvendo alguma minoria. Todas essas variáveis contribuem para criar um clima propício para o surgimento de uma onda de crimes de ódio.

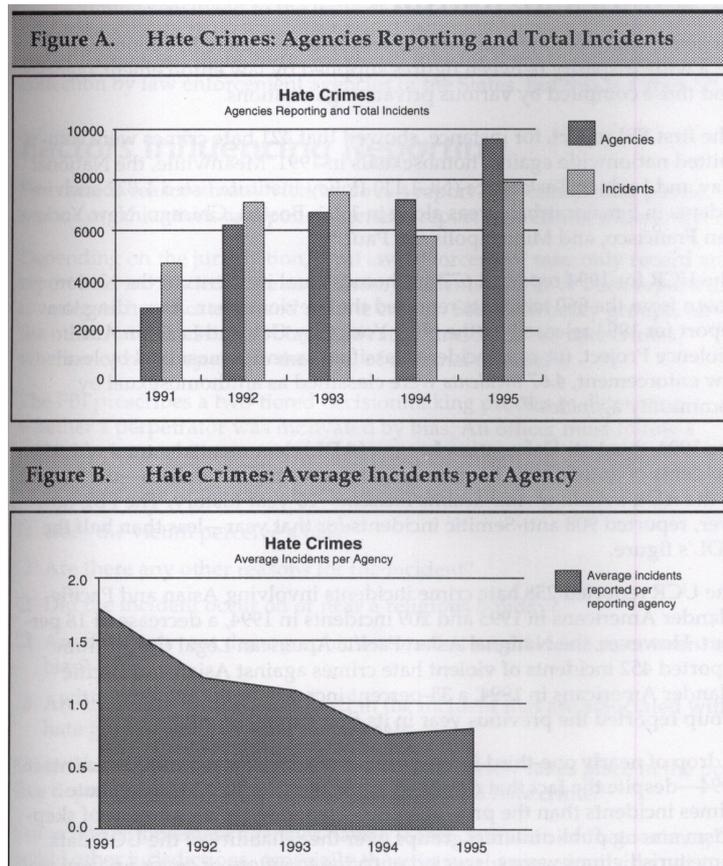
Considere as forças que levaram ao aumento dos crimes de ódio no início dos anos 1990. A nação estava em meio a uma recessão econômica e a concorrência estrangeira por empregos, mercados e recursos eram frequentemente citadas como causas diretas ou indiretas do mal. O ano de 1992 foi marcante por alimentar medo e ressentimento. Enquanto isso, um surto imigratório estava mudando a cara da nação e muita gente sentia-se desconfortável com crescente diversidade. (...) Uma vez existindo o clima para os crimes de ódio, tudo o que é preciso é um incidente de grande porte, chamado incidente-gatilho, para desencadear um ciclo de incidentes retaliatórios e mesmo desordem civil.⁵⁷²

Abaixo reproduzimos dois gráficos contidos no guia sobre crescimento e denúncia dos crimes de ódio. Pode-se comparar os resultados com os dados da tabela apresentada no início da seção.

⁵⁷¹ Idem.p.23. “Some experts assert that extremist groups are not necessarily growing in size or number but in influence through their access to shortwave and commercial radio frequencies, the vast and growing global cyberculture of the Internet, and underground books, magazines, and music.”

⁵⁷² Idem.p.19, 20. “Consider the forces that led to the “spike” in hate crimes during the early 1990’s. The Nation was in the midst of an economic recession, and “foreign” competition for jobs, sales markets, and resources increasingly were being cited as direct or indirect causes of the malaise. The year 1992 was signed to stoke fear and resentment. Meanwhile, a surge of immigration was changing the racial makeup of the Nation, and many people were uncomfortable with the growing diversity. (...) Once a climate for hate crimes exists, all that is needed is a sensational high-profile racial incident, called a trigger incident, to set off a cycle of retaliatory incidents or even civil disorder.”

Gráficos 3 e 4:



573

O primeiro gráfico mostra, à semelhança da tabela, que de forma geral os crimes de ódio aumentaram entre 1991 e 1995. Contudo, se levamos em consideração o aumento exponencial de agências reportantes no mesmo período, a análise do quadro torna-se outra. Com mais agências oficiais locais participando da coleta e reportando às instâncias federais, o número de incidentes registrados têm, de fato, que aumentar. O que não significa que as estratégias oficiais e privadas de controle e prevenção não estejam surtindo resultados, mas ao contrário demonstram que a sociedade como um todo está mais engajada na denúncia, na coleta e, em última instância, na luta pela garantia dos direitos civis de todos. O último gráfico traz a média de incidentes por agências reportantes, revelando uma queda constante no número médio de denúncias, com um leve aumento em 1995.

⁵⁷³ Idem.p.7. apud: Hate Crime Statistics,1995 (Washington, D.C.:U.S. Department of Justice, 1996).

Contemporâneo do guia do Departamento de Justiça é o *Training Guide for Hate Crime Data*⁵⁷⁴, produzido pelo FBI e voltado para esclarecimento e treinamento das agências estaduais e municipais de aplicação da lei (*law enforcement agencies*), visando a uma coleta precisa dos dados incluídos nos quadros estatísticos lançados periodicamente pela agência desde 1995. Esse manual tem como objetivo explicar e delimitar, dentro do conjunto de delitos, o que seria “crime de ódio”, contendo ainda recomendações sobre como proceder ao se identificar um “crime de ódio” e uma proposta de treinamento de pessoal.

A ilustração abaixo reproduz parte de um folheto, criado à mesma época do *Training Guide for Hate Crime Data*, que foi distribuído para agentes do FBI e outros profissionais de aplicação da lei de forma a complementar o material didático usado nos treinamentos, tornando-o portátil e de fácil acesso para uma consulta rápida a informações e procedimentos-chave sobre crimes de ódio.



575

⁵⁷⁴ Training Guide for Hate Crime Data Collection, 1996. Criminal Justice Information Services Division. Federal Bureau of Investigation. U.S. Department of Justice. <http://www.fbi.gov/about-us/cjis/ucr/hate-crime/trainguidedc99.pdf> . Página acessada em 20 de outubro de 2007.

⁵⁷⁵ U.S. Department of Justice. Federal Bureau of Investigation. Hate Crimes.p.3-4. Morris Law School Library. University of Virginia.

Ao longo do *Training Guide for Hate Crime Data*, é revelado a nós um pouco sobre a história das investigações do FBI de crimes motivados pelo preconceito e o surgimento do termo crime de ódio (*hate crime*). Desde a década de 1920, o FBI se dedica à investigação de expressões de violência direta relacionadas ao segregacionismo, nomeadamente linchamentos, queima de cruzeiros (geralmente associada a KKK) e vandalismo a sinagogas. Entretanto, a partir da década de 1960, as atividades do FBI têm se tornado mais incisivas nessa área, pois aliada às organizações segregacionistas, começaram a surgir em número crescente de organizações de cunho declaradamente autoritário, apresentando perigos para a preservação do sistema democrático. Além disso, anteriormente ao *Civil Right Act* de 1964, a proteção dos direitos civis era atribuição de autoridades locais.

Segundo a agência, crimes de ódio violam diretamente o Estatuto dos Direitos Civis (*Civil Rights Act* 1964) e grupos que, de alguma forma, pregam e agem difundindo ódio e intolerância começam a ser vistos como possíveis potencializadores do terrorismo doméstico.

Com base nas informações coletadas dos departamentos de polícia locais, o FBI produz ainda uma série de relatórios periódicos sobre a incidência dos crimes motivados por ódio. É o caso do *Reported Hate Crime in USA (1992-2000)* e *Research on Bias Motivation*⁵⁷⁶, conjunto de estatísticas, contendo informações sobre número de incidentes de crimes de ódio, agências participantes na coleta de informações e variedade de vítimas agredidas (simbólica ou fisicamente) no período de 1992 a 2000 nos EUA.

Esses relatórios atraem por conter informações concisas e objetivas, proporcionando comparação e visão de um quadro geral da situação de violência, preconceito e ação pública de sua coerção no país.

Contudo, após observação mais cautelosa das tabelas e gráficos, nota-se que o número de agências participantes na coleta e divulgação dos dados varia muito ao longo dos anos. Além disso, o próprio FBI salienta que crimes de ódio frequentemente não são notificados à polícia (por motivo de vergonha e sentimento de humilhação profunda). Tais fatores dificultam o exercício de comparação dos números no correr dos anos, além de revelar dados nem sempre coerentes com realidade vivida.

⁵⁷⁶ Reported Hate Crime in USA (1992-2000); Research on Bias Motivation. Hate Crime Statistics. Federal Bureau of Investigation. U.S. Department of Justice. <http://www.fbi.gov/about-us/cjis/ucr/hate-crime/2000> . Página acessada em 20 de outubro de 2007.

Ainda assim, tanto os relatórios quanto o manual mencionado anteriormente descortinam um pouco a dinâmica de trabalho do FBI com autoridades estaduais e municipais, bem como com esferas superiores do Departamento de Justiça, como a procuradoria geral e a Divisão de Direitos Civis (*Civil Rights Division*). Destaco a organização e eficácia do sistema de investigação e comunicação construído entre agências oficiais de caráter local e nacional.

Estratégias de prevenção e combate propriamente ditas foram encontradas em diversos documentos, algumas resumidas em *A policymaker's guide to hate crimes*. Um conjunto de curtos relatórios produzidos pelo *Bureau of Justice Assistance*, como *Addressing hate crimes: six initiatives that are enhancing the efforts of criminal justice practitioners* e *Promising Practices against hate crimes: Five state and local demonstration projects*⁵⁷⁷ registra variados projetos nesse sentido. Mais referências podem ser encontradas nas audiências do Congresso [*Congressional Hearings*]; nas legislações e emendas aprovadas pelo Congresso; no boletim *Hate Crime: the violence of intolerance*, lançado pelo *Community Relations Service* e no relatório *The role of telecommunications in hate crimes*, produzido pelo *Department of Commerce*.

Os primeiros passos relacionados às estratégias de combate e prevenção dos crimes de ódio foram dados pelo Congresso, inicialmente com o *Civil Rights Act* de 1964 e posteriormente com as discussões acerca da efetiva aprovação do *Hate Crime Statistics Act* de 1990.

A importância do *Civil Rights Act* de 1964 consistiu em atribuir à esfera Federal a responsabilidade pela salvaguarda dos direitos civis do cidadãos norte-americanos, conduzindo o processo de investigação e auxiliando a promotoria no julgamento dos casos. Anteriormente, a proteção do direitos civis era incumbência das administrações locais, as quais, frequentemente, ignoravam inúmeras violações desses direitos. O *Civil Rights Act* de 1964 autorizou também a participação do *Community Relations Service*, uma instância do Departamento de Justiça, na condução de estratégias conciliatórias, quando observado conflito motivado pela raça, cor ou origem nacional. Apesar de não ser uma instância de

⁵⁷⁷ *Addressing hate crimes: six initiatives that are enhancing the efforts of criminal justice practitioners*, February 2000. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

Promising Practices against hate crimes: Five state and local demonstration projects, May 2000. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

aplicação da lei propriamente dita, o serviço de assistência prestado pelo *Community Relations Service* foi um dos primeiros caminhos oficiais disponíveis a estados e municípios de auxílio e prevenção de conflitos raciais e étnicos nos EUA.⁵⁷⁸

No entanto, o salto qualitativo no que diz respeito à legislação de crimes de ódio veio um pouco mais tarde, em meados dos anos 1980, quando do aumento significativo dos crimes motivados pelo ódio e pela intolerância. Em 1985, deu-se a primeira de muitas audiências no Congresso para se debater a problemática dos crimes, das ofensas e da violação de propriedade, quando motivados pelo preconceito e propor um projeto de lei voltado para o registro oficial desses incidentes. A esse tempo, eram entendidos como crimes de ódio apenas os atos motivados pelo ódio racial, étnico e religioso, não incluindo portanto aqueles motivados pelo ódio ao gênero, orientação sexual e deficiência física e mental. O objetivo do projeto de lei lançado pela Câmara dos Deputados [*House of Representatives*] segue abaixo.

H.R. [*House of Representatives*] 1171 gostaria de requerer ao procurador geral a inclusão de estatísticas sobre incidentes de crimes motivados por raça, religião e etnia no *Uniform Crime Reports* produzido pelo FBI.

H.R. 775 gostaria de requerer ao Procurador Geral a inclusão no *Uniform Crime Reports* informação relativa a delitos envolvendo preconceito racial, étnico ou religioso, e fazer uma emenda no capítulo 13, título 18, do código dos Estados Unidos para proibir danos à propriedade usada para propósitos religiosos e outros propósitos.⁵⁷⁹

Até esse momento, dados sobre atos criminosos motivados por ódio eram coletados principalmente por entidades privadas e alguns órgãos governamentais, a exemplo da *U.S. Commission on Civil Rights* e *Connecticut State Advisory Committee*, os quais exerciam pressão, exigindo medidas do poder público quanto ao problema. Como vemos no trecho acima, em 1985, a Câmara requisitava a coleta de dados estatísticos por parte da Procuradoria Geral e do FBI que viessem dar a dimensão real do problema, os grupos mais visados, os estados de maior incidência, etc. Durante a audiência foram ouvidos testemunhos vários em favor do projeto de lei, desde deputados federais a representantes de organizações privadas. O

⁵⁷⁸ Hate Crime: the violence of intolerance. CRS bulletin. U.S. Department of Justice. Community Relations Service, 1998.p.1.Alderman Library. University of Virginia.

⁵⁷⁹ Hearing before the subcommittee on criminal justice of the Committee on the Judiciary House of Representatives. 99 Congress, 1st Session on H.R. 1171 and H. R. 775. Hate Crime Statistics Act, March 21, 1985. Serial N. 137. Washington: Us Printing Office, 1987.p.1. Morris Law School Library. University of Virginia. “H.R. 1171 would require the Attorney General to include statistics on incidences of racially, religiously, and ethnically motivated crimes in the *Uniform Crime Reports* issue by the FBI. H.R. 775 would require the Attorney General to include in the *Uniform Crime Reports* information regarding the incidence of offenses involving racial, ethnic, or religious prejudice, and to amend chapter 13, title 18, of the United States Code to prohibit damage to property used for religious purposes, and for other purposes.”

testemunho da deputada federal pelo estado de Connecticut Barbara Kennelly indica algumas das razões da urgência em se documentar propriamente os crimes de ódio.

Precisamos saber se esses eventos são casos isolados ou evidência de um problema mais profundo. Precisamos saber quantos crimes que parecem ser motivados por ódio racial, religioso ou étnico são de fato outro tipo de crime. Precisamos saber quantos crimes de ódio simplesmente não chegam ao nosso conhecimento porque as vítimas não os denunciam...Precisamos saber quais comunidades são especialmente propensas a esse tipo de violência inspirada pelo ódio. Precisamos saber que técnicas de aplicação da lei são eficazes para que se combata crimes de ódio...Os dados incompletos, disponíveis hoje nos permitem fazer pouco, além de colocar essas questões.⁵⁸⁰

A deputada levanta ainda o problema de como a falta de dados empíricos organizados afeta o desempenho dos profissionais ligados à aplicação e reforço da lei.

Oficiais encarregados de aplicar a lei são similarmente despreparados para lidar com crimes de ódio. A falta de dados afeta sua capacidade de medir ondas, desenvolver estratégias e designar pessoal. (...) Se a polícia falha em responder porque não sabem como agir ou deixarm de ver que existe um problema, perpetradores podem interpretar tal resposta como desleixo oficial ou mesmo sanção.⁵⁸¹

Norman Mineta, representante do estado da Califórnia, fundamenta sua defesa em favor do *Hate Crime Statistics Act* retomando elementos essenciais da legislação dos direitos civis. “Estamos preocupados que nosso governo federal não esteja fazendo valer os direitos e liberdades civis que possuímos como cidadãos e residentes dos Estados Unidos.”⁵⁸² Além disso, o deputado aponta que mais que direitos civis, o problema dos crimes de ódio passa por uma questão de direitos sociais.

Historicamente está claro que os crimes de ódio aumentam quando a situação econômica se agrava. Aqueles que sofrem desventuras, stress e medo do desemprego e outros problemas econômicos vão comumente procurar bodes espiatórios. Muitas vezes é o novo imigrante ou as minorias que são as vítimas. É a loja do novo imigrante que será queimada, ou o comerciante ou o estudante que são

⁵⁸⁰ Idem.p.18. “We need to know whether these events are isolated incidents or evidence of a more pervasive problem. We need to know how many crimes that appear to be motivated by racial, religious, or ethnic hatred are in fact a different kind of crime. We need to know how many crimes of hate simply fail to come to our attention because the victims don’t report them...We need to know which communities are especially prone to this sort of hate-inspired violence. We need to know what law enforcement techniques are effective in communities so they can combat hate crime...The scattered and incomplete data available today permit us to do little more than ask these questions.”

⁵⁸¹ Idem. “Law enforcement officials are similarly handicapped in dealing with hate crime. The lack of hard data affects their ability to measure trends, develop enforcement strategies, and assign manpower. It even affects the perception of the existence of the problem. (...) If police fail to respond because they do not know how or fail to appreciate a problem exists, perpetrators can interpret such a response as official sympathy or even sanction.”

⁵⁸² Idem.p.28. “We are concerned that our Federal Government is not vigorously enforcing the civil rights liberties that we possess as citizens and residents of the United States.”

espancados, pois são bodes espiatórios convenientes para as frustrações e medos das pessoas.⁵⁸³

Arthur Green, diretor da Comissão de Direitos Humanos e Oportunidades de Connecticut, entende que o *Hate Crime Statistics Act* vai além de uma proposta de coleta de dados. Carrega uma mensagem, tem um valor simbólico importante, no sentido de mostrar ao público norte-americano que o Congresso, a presidência e, de uma forma geral, o Estado e os governos locais não vão mais tolerar atos de violência motivada pelo ódio.

Seu argumento é reforçado por Joan Weiss, diretora executiva do Instituto de Prevenção e Controle da Violência e do Extremismo.

*O Hate Crime Statistics Act seria uma declaração clara por parte do Congresso de que crimes de ódio não são aceitos. Isso é algo que nunca foi feito antes. Incentivaria as autoridades de aplicação da lei a documentar com precisão a ocorrência desses atos...*⁵⁸⁴

Os depoimentos contrários à proposta de coleta de dados vieram do FBI e do *Bureau of Justice Statistics*. A proposta em debate sugere que os dados coletados sejam adicionados ao *Uniform Crime Reports* (UCR), conjunto de estatísticas sobre crimes diversos, organizado pelo FBI a partir de dados coletados pela Procuradoria Geral desde 1930. Os crimes de ódio constituiriam, assim, uma nova categoria de crime, somada às categorias tradicionais, como homicídio, estupro, ataque, incêndio, roubo, etc.

Em seu testemunho, William Baker, diretor assistente e relações públicas do FBI, argumentou que a coleta dos dados relativos aos crimes de ódio não caberia no UCR, pois exigiria julgamento pessoal por parte do policial encarregado de atender ao chamado. Baker alega que o roubo a uma sinagoga não indica necessariamente que o crime foi motivado por ódio, podendo ser fruto do desejo por ganhos materiais.

... pedir que o policial, a fonte dos dados de nosso UCR, determine fatores motivacionais não refletiria dados estatísticos fidedignos, somente opinião. Como mencionado anteriormente, o UCR é um sistema de coleta de dados, não um instrumento para analisar motivações de criminosos. (...) Acredito que o que estou

⁵⁸³ Idem.p.27-28. “Historically, it is apparent that the incidence of hate crimes rise when economic times worsen. Those suffering from the misfortunes, stress and fears of unemployment and other problems of the economy will often look for scapegoats. Many times it is the new immigrant or the minority community member who are the victim. And it is the store of the new immigrant that is burned, or the merchant or student that is beaten because they are convenient scapegoats for people’s frustrations and fears.”

⁵⁸⁴ Idem.p.99. “The Hate Crime Statistics Act would be a clear statement on the part of the Congress that hate crimes are not condoned. That’s something that has not been done before. And it would encourage law enforcement authorities to accurately document the occurrence of such acts...”

aqui dizendo é que sabemos que há um problema. Não acreditamos que o UCR é o aparato para fornecer as respostas que vocês procuram.⁵⁸⁵

Benjamin Renshaw, um dos diretores do *Bureau of Justice Statistics*, mostrou-se igualmente relutante no tocante ao problema das motivações que levam ao crime. Para ele, a questão está em como determinar com precisão quais crimes seriam predominantemente motivados pelo ódio e pela intolerância. “Em alguns casos evidentes, como queima de cruzeiros em um quintal ou a pintura de uma suástica em um templo, os tons raciais e religiosos são bem claros. A maioria dos crimes, contudo, não são dessa natureza.”⁵⁸⁶

A demanda trazida pela audiência de 1985, contudo, só veio a ser atendida cinco anos mais tarde, com a aprovação do *Hate Crime Statistics Act* de 1990 (USC 534, t.28). Políticas públicas dirigidas ao controle e à prevenção dos crimes de ódio foram ainda posteriores e, como veremos a seguir, em sua maioria frutos do trabalho de instâncias oficiais locais, como estados e prefeituras.

O *Hate Crime Statistics Act* determinava que o procurador geral ficaria encarregado do recolhimento e publicação dos dados estatísticos sobre crimes que manifestassem evidência de preconceito baseado na raça, religião, orientação sexual ou etnicidade da vítima. O procurador-geral seria também o responsável por estabelecer os métodos de recolhimento desses dados, bem como os critérios para identificação da atitude discriminatória.⁵⁸⁷

Além disso, o ato estipulava que os dados coletados tivessem propósitos meramente estatísticos, não devendo conter qualquer informação que viesse revelar a identidade da vítima ou do perpetrador. Tal restrição ao âmbito estatístico corrobora o fato do crime de ódio não ser um crime *sui generis*, não admitindo que as vítimas entrem com ações judiciais por conta da discriminação em si.

Nota-se na legislação de 1990 um avanço com relação à proposta de 1985 no que diz respeito à abrangência dos dados coletados, incluindo, por exemplo, os relativos aos crimes motivados pelo preconceito à orientação sexual.

⁵⁸⁵ Idem.p.49 e 52. “...to request that a police officer, the source of our UCR data, determine motivational factors would not reflect statistically accurate data; only opinion. As previously mentioned, the UCR is a system for data collection, it is not a tool for analyzing motivations of criminals.(...) I think what I am here to say is that we know that there is a problem. We do not believe that the UCR is the apparatus to give you the answer that you’re seeking.”

⁵⁸⁶ Idem.p.51. “In certain clear-cut cases, such as a cross burning on a lawn or the painting of a swastika on a temple, the racial and religious overtones are quite clear. Most crimes, however, are not of this nature.”

⁵⁸⁷ Hate Crime Statistics Act - 1990 (28 U.S.C. 534). Library of Congress - Thomas.Washington D.C.

Em 1994 é aprovada a emenda que aumenta a pena, caso observado ódio como motivador. Incluída no *Violent Crime Control and Law Enforcement Act* de 1994, essa emenda enfatiza não somente a extensão da pena em não menos de três níveis [*offense levels*], quando confirmado motivo de ódio, mas também os crimes de ódio voltados para o vandalismo de propriedades.⁵⁸⁸ Neste último aspecto, a emenda direciona-se a resguardar moradias, centros culturais e locais de culto alvos do vandalismo motivado pelo ódio.

É perceptível a ampliação gradativa da ideia de crime de ódio e consequentemente do alcance da lei. Se, na audiência de 1985, a ideia de crime de ódio mostrava-se restrita a atos criminosos motivados pela discriminação à raça, etnia e religião, na legislação de 1990 o leque de discriminações passava a incluir orientação sexual, abrangendo na emenda de 1994 gênero, nacionalidade e deficiência física e mental. Outra ampliação trazida pela emenda estava em considerar como crime de ódio os atos de violência motivados pela discriminação a características reais ou percebidas na vítima. A questão central é o ódio do agressor, seu preconceito e intolerância como motivadores do ato criminoso, não a exata raça, religião, orientação sexual, etnia, gênero ou deficiência da vítima.

Nessa seção, “crime de ódio” significa um crime no qual o agressor intencionalmente seleciona uma vítima ou no caso de um crime contra propriedade, uma propriedade, devido a real ou percebida raça, cor, religião, origem nacional, etnicidade, gênero, deficiência ou orientação sexual de uma pessoa.⁵⁸⁹

Mais transformações e ampliações são observadas com a entrada no século XXI, principalmente relacionadas às práticas de prevenção, investigação e trabalho conjunto das agências oficiais. A aprovação em 2009 do *Local Law Enforcement Hate Crimes Prevention Act* foi fruto de um longo processo, iniciado em 2001, quando o projeto de lei foi apresentado pela primeira vez no senado e na câmara. Popularmente conhecida como *Matthew Shepard and James Byrd Jr. Act*, essa lei surgiu como um reforço das medidas jurídicas relativas aos crimes de ódio, face ao assassinato, em 1998, do estudante homossexual Matthew Shepard e do afro-americano James Byrd Jr, ampliando a margem de atuação das agências federais em investigações locais. Tal atuação pode variar, indo desde assistência financeira, a disponibilização de pessoal especializado técnico, forense ou promotorial, e mesmo a

⁵⁸⁸ Violent Crime Control and Law Enforcement Act - 1994 (28 U.S.C. 994 note). Library of Congress - Thomas. Washington D.C.

⁵⁸⁹ Idem. “In this section, ‘hate crime’ means a crime in which the defendant intentionally selects a victim, or in the case of a property crime, the property that is the object of the crime, because of the actual or perceived race, color, religion, national origin, ethnicity, gender, disability, or sexual orientation of any person.”

condução total da investigação, caso observado descaso por parte das autoridades locais. O *Hate Crimes Prevention Act* estende a categoria de crime de ódio aos atos cometidos contra transexuais, exigindo do FBI a produção de quadros estatísticos mais completos. Além disso, essa lei elimina um pré-requisito, contido em todas as leis e emendas anteriores, no qual a vítima deveria estar envolvida em uma atividade protegida federalmente⁵⁹⁰ no momento do ataque, para que fosse considerado crime de ódio.⁵⁹¹

Outras práticas de combate aos crimes de ódio estão documentadas em uma série de pequenos relatórios produzidos por escritórios do Departamento de Justiça, o *Community Relations Service* (CRS) e o *Bureau of Justice Assistance* (BJA).

No boletim *Hate crime: the violence of intolerance*, publicado em 1998, encontram-se brevemente relatadas atividades e propostas desenvolvidas recentemente pelo CRS. Criada na década de 1960, essa agência tem caráter conciliatório, intermediando conflitos sociais e propondo estratégias de ação para comunidades locais, visando prevenir o escalonamento de um incidente de ódio para um distúrbio civil mais grave e abrangente.

Dentre as propostas do CRS para municípios e demais âmbitos locais podemos citar: a aprovação de portarias e decretos condenando crimes de ódio, conforme a existência prévia de leis estaduais referentes a crimes de ódio; criação de coalizões de representantes do poder público, empresariado local, entidades religiosas e organizações civis, buscando melhorar a comunicação entre instâncias variadas e desenvolver projetos em conjunto; indicação de um lugar específico para a mídia e a comunidade obterem informações precisas sobre incidentes de ódio; formação de redes de informação entre jurisdições.⁵⁹²

Além de propostas de ação, o CRS promove programas educacionais, aplicados em escolas e faculdades, e de conciliação de conflitos, auxiliando representantes do governo local e membros da comunidade afetada pelo incidente de ódio no desenvolvimento de projetos;

⁵⁹⁰ O estatuto dos direitos civis de 1964 proíbe as tentativas e atos de intimidação, interferência ou ataque intencionais a qualquer cidadão, devido a raça, cor, religião ou origem nacional, que esteja desempenhando um dos seis tipos de atividades protegidas federalmente, quais sejam: votar, estudar, procurar emprego, atuar como jurado e consumir em local público.

⁵⁹¹ Hate Crimes Prevention Act. National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2010/Division E (H.R. 2647). <http://www.opencongress.org/bill/111-h2647/show>. Página eletrônica consultada em setembro de 2011.

⁵⁹² Hate Crime: the violence of intolerance. CRS bulletin. U.S. Department of Justice. Community Relations Service, 1998.p.3-5.Alderman Library. University of Virginia.

conduz treinamentos e *workshops* para policiais, líderes comunitários e voluntários; oferece serviços de contingência em eventos, minimizando confrontos durante marchas e protestos.⁵⁹³

Os relatórios do BJA são bastante objetivos e enfocam práticas diretas de contenção aos crimes de ódio. Lá estão colocadas diversas iniciativas federais como a promoção de seminários voltados especialmente para policiais e promotores, programas de treinamento e auxílio a vítimas, projetos desenvolvidos em escolas e universidades, edição de guias e vídeos informativos sobre assistência a vítimas, como proceder perante um crime de ódio, etc. A variedade e a integração público-privada vista em muitos programas demonstram que uma abordagem multifacetada e inter-relacionada pode ser um caminho mais frutífero na prevenção e confronto da violência impulsionada pelo ódio.

Alguns programas são desenvolvidos em conjunto com entidades privadas, como o programa de treinamento e apoio a profissionais da lei, conduzido pelo BJA e o *Simon Wiesenthal Center's National Institutes against Hate Crimes*; ou o programa de auxílio a vítimas, conduzido pelo departamento de polícia de San Diego e a *Anti-Defamation League*.⁵⁹⁴ Entidades públicas e privadas participam conjuntamente de seminários e encontros, dividindo experiências e resultados observados nos projetos desenvolvidos. Em junho de 1998 realizou-se o *International Association of Chiefs of Police Summit*, reunindo 110 participantes, dentre os quais estavam chefes de polícia, procuradores, educadores, médicos, defensores dos direitos civis e representantes de diversas agências governamentais (FBI, *Bureau of Justice Assistance*, *Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention*, *Office for Victims of Crime*, *Office of Community Oriented Policing Services*, *Community Relations Service* e *Civil Rights's Division* do Departamento de Justiça). O encontro durou 2 dias, durante os quais foram analisados os projetos em andamento e pensadas formas de: aperfeiçoar o treinamento dos policiais(desde aqueles responsáveis pelo primeiro contato até os investigadores e comandantes); introduzir o programa de treinamento a promotores; dedicar uma unidade ou um profissional responsável por lidar especificamente com crimes de ódio em cada agência de aplicação da lei.⁵⁹⁵

⁵⁹³ Idem.p.5 e 6.

⁵⁹⁴ Promising Practices against hate crimes: Five state and local demonstration projects, May 2000. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

⁵⁹⁵ Addressing hate crimes: six initiatives that are enhancing the efforts of criminal justice practitioners, February 2000. p.3-4.Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

Muitas das recomendações e ideias surgidas nesse encontro foram postas em prática, em especial as sugestões relativas à programas de treinamento. O *Bureau of Justice Assistance* financiou três projetos de aperfeiçoamento de pessoal voltados para policiais, dentre os quais: um programa de treinamento (*DOJ's National Hate Crime Training Initiative*), um vídeo informativo de 20 minutos (*BJA's Roll call video*) e dois guias informativos (*Responding to hate crimes: a police officer's guide to investigation and prevention* versão completa e de bolso).

Também financiado pelo BJA, o Instituto de Pesquisas dos Promotores Americanos elaborou um guia explicativo com sugestões de procedimentos frente a casos que envolvessem crimes de ódio e estratégias de prevenção na alçada dos escritórios de promotoria. O guia, lançado em 2000 e distribuído para todos escritórios estaduais e municipais, foi produzido a partir das discussões de um conselho de 18 membros, formado por 10 promotores municipais, representantes do Instituto de Pesquisa dos Promotores Americanos, *Anti-Defamation League*, *Center on Hate and Extremism*, *National Center of Victims of Crime*, *Facing History*, *FBI* e *Community Relations Service*. Nele são detalhados diversos procedimentos como: o trabalho com outras agências públicas ou privadas; delimitação, investigação e preparação do caso; impacto e apoio a vítimas e testemunhas; preparo para o julgamento; alternativas de sentença; esforços preventivos. O mesmo conselho será responsável pela condução do programa de treinamento para grupos de promotores de distritos adjacentes. A proposta do treinamento é informar e incentivar o trabalho em equipe, como já exposto no guia. As atividades de investigação, apoio à vítima e processo são trabalhadas de forma integrada, em um sistema coordenado, resultando em melhor aplicação da lei e no aumento da credibilidade das vítimas e do *feedback* das comunidades locais.⁵⁹⁶

Além dos programas de treinamento, algumas promotorias locais desenvolveram, em parcerias com estados e prefeituras, projetos de prevenção de cunho educativo e direcionados à juventude.

O *LA District Attorney JOLT (Juvenile Offenders Learning Tolerante) Program* foi implementado em 1999 em Antelope Valley, uma comunidade a nordeste de Los Angeles com o mais alto índice de crimes de ódio entre os jovens da cidade e do estado da Califórnia. Surge como uma alternativa ao processo judicial e a medidas repressoras da escola,

⁵⁹⁶ Idem.p.5-12.

combinando atividades de prevenção, intervenção imediata e processo para aqueles que se recusam a participar do programa. O programa de prevenção consiste num treinamento de pessoal para escolas dos ensinos fundamental e médio, no qual professores e funcionários participam de *workshops* no Museu de Tolerância do *Simon Wiesenthal Center*, nos escritórios da *Facing History and Ourselves National Foundation* e da promotoria de Los Angeles. Durante os encontros, os profissionais da educação aprendem como incorporar em seus currículos e no cotidiano da escola material instrutivo sobre direitos civis, preconceito, estereótipos e discriminação. O projeto de intervenção direta destina-se a jovens de 12 a 18 anos que já cometeram crimes de ódio leves ou estiveram envolvidos em incidentes motivados por ódio. Procura atuar não apenas sobre o jovem, mas igualmente sobre o ambiente social no qual foi criado, a família, entendendo que apesar do ódio estar disseminado pela sociedade, muito dele se aprende em casa. Em seio privado e restrito se disseminam sem pudor visões de mundo condenadas ou repreensíveis publicamente. As atividades começam com uma audiência juntamente com os responsáveis no escritório da promotoria, seguida de programa antiódio para o jovem (7 semanas) e seus familiares (10 semanas), para que entendam a origem de seus preconceitos, formas de lidar com sentimentos de raiva e o impacto de atos de intimidação na comunidade. Ao final, os jovens devem escrever às vítimas se desculpando pelo ato de violência e ressarcindo, conforme o caso, perdas e danos causados.⁵⁹⁷

A Procuradoria Geral do Estado do Maine criou o *Civil Rights Officers Project* (1999), um sistema estadual de treinamento, investigação e processo de crimes de ódio. O objetivo é dinamizar as fases de investigação e processo, promovendo um sistema coordenado de aplicação da lei que integre os esforços da promotoria e dos departamentos de polícia local, estadual e dos *campi* universitários. O sistema funcionaria a partir da escolha e treinamento de um agente de direitos civis [*civil rights officer*] em cada uma dessas agências de aplicação da lei para trabalhar diretamente com a promotoria na investigação e processo do caso.⁵⁹⁸

Essa mesma promotoria iniciou, em 1996, o *Civil Rights's Team Project*, buscando lidar com o problema da violência e da intimidação motivados pelo ódio em escolas dos

⁵⁹⁷ Promising Practices against hate crimes: Five state and local demonstration projects, May 2000.p.9-11. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

⁵⁹⁸ Addressing hate crimes: six initiatives that are enhancing the efforts of criminal justice practitioners, February 2000.p.13-14. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

ensinos fundamental e médio. São formadas equipes compostas de um conjunto de alunos e dois ou três orientadores educacionais responsáveis por promover conscientização em torno da discriminação e do preconceito em suas escolas e organizar fóruns abertos para a discussão de práticas de intimidação. O grupo passa por um breve programa de treinamento desenvolvido pela promotoria e caso, durante suas atividades, consigam alguma informação sobre ataques em suas escolas, reportam-no a um orientador comunitário, indicado pela promotoria, para que as devidas providências sejam tomadas. Segundo o documento, o programa mostra sinais de sucesso, mas não descreve precisamente quais seriam esses sinais, com exceção de sua ampliação para outras escolas dentro e fora do estado. Com a ampliação do financiamento pelo BJA, o número de escolas atendidas no estado do Maine cresceu de 18 em 1996 para 58 no ano seguinte, e daí para 121 em 1999, incluindo então 4 escolas do primeiro segmento de ensino fundamental [*elementary school*].⁵⁹⁹ Além disso, influenciou o estabelecimento de outras equipes de direitos civis fora do estado do Maine. É o caso do *Massachusetts Governor's Task Force on Hate Crimes*, que em 1999 também promoveu a formação de equipes similares em 7 escolas do estado de Massachusetts. A força-tarefa do governo do estado juntamente com a organização *National Conference for Community and Justice* desenvolveram um programa de treinamento para as equipes.

O último conjunto de documentos a ser abordado é o *Freedom of Information Act*.⁶⁰⁰ Aqui podemos ver o trabalho de investigação do FBI sobre organizações vistas como potencialmente perigosas e inclinadas à prática do terrorismo doméstico.

No acervo digital do FBI foram encontrados relatórios sobre a *National Youth Alliance* (9), *National Alliance* (4) e *Aryan Nations* (1), produzidos entre as décadas de 1960 e 1990. Os relatórios são extensos, muitas vezes divididos em partes (a, b, c...), que contém em média 100 páginas cada uma. São compostos por memorandos, relatórios produzidos por escritórios locais do FBI e enviados à direção e ao procurador-geral, reportagens coletadas de periódicos nacionais e locais sobre a organização em questão, informações sobre outras organizações de caráter similar e contatos estabelecidos entre elas, correspondências (entre membros das

⁵⁹⁹ Promising Practices against hate crimes: Five state and local demonstration projects, May 2000.p.13-14. Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Alderman Library, University of Virginia.

⁶⁰⁰ *Freedom of Information Act* foi uma legislação aprovada em 4 de julho de 1966 (*Public Law* 89-554, 80 Stat. 383; *Amended* 1996, 2002, 2007). Essa lei federal permite a abertura ao público de documentos controlados pelo governo norte-americano. A lei exige a revelação total dos documentos e relatórios oficiais, garantindo, contudo, nove exceções, segundo as quais a abertura pode ser parcial ou impedida. [http://foia.fbi.gov/foiaindex/](http://foia.fbi.gov/foiaindex/anation.htm)[anation.htm](http://foia.fbi.gov/foiaindex/natali.htm); <http://foia.fbi.gov/foiaindex/natali.htm>. Páginas acessadas em 22 outubro, 2007.

organizações, políticos e o FBI), informativos sobre entrevistas ou participação de membros em programas de rádio.

Grande parte do conteúdo dos relatórios foi coletado a partir de fontes não oficiais - como jornais, programas de rádio e TV, material produzido pelo SPLC e pelas próprias organizações - uma vez que, de início, as organizações não eram alvo de investigação formal, estando apenas sob observação discreta, sem intervenção ou infiltração de agentes. Uma vez obtidas, as informações eram, então, compartilhadas com outras instâncias governamentais como, agências militares, o serviço secreto e diversas divisões do Departamento de Justiça (Promotoria Geral, escritórios locais do F.B.I., *Civil Rights Division*, *Criminal Division* e *Internal Security Division*), marcando o caráter de trabalho integrado entre as agências oficiais, já visto em outros documentos.

Tal cautela no tocante às investigações foi adotada em vista da ausência de maiores detalhes sobre o caráter das organizações. Por sua vez, a estratégia de observação indireta, sem maior aproximação das instâncias de lei, ordem e segurança acabou restringindo a dimensão das investigações, contribuindo para a delonga no processo de conhecimento e classificação das organizações em questão. Assim, é observada uma relativa insegurança em como definir os grupos investigados. Ao longo dos relatórios, deparamo-nos com diversas categorias, do tipo “*white hate group*”, “*neo-nazi*”, “*patriot*”, “*white supremacy*”, “*racial nationalism*”. As dificuldades encontradas no processo de mapeamento e classificação revelam quão delicada é a questão racial nos EUA e como, a partir da década de 1960, ela tem sido tratada como um problema de segurança nacional.

No primeiro relatório sobre a *National Youth Alliance*, organização formada a partir da campanha para eleição de George Wallace e núcleo original da futura *National Alliance*, essa ressalva apareceu em um memorando enviado pelo escritório de Washington ao director do FBI em 5 de março de 1969:

Nós recebemos informações que o grupo em destaque recentemente formou uma ala direitista anticomunista militante, com o propósito de usar violência para combater a *Students for a Democratic Society*. Pedimos a abertura de um inquérito discreto e a determinação se esse grupo requer investigação como grupo de ódio branco.⁶⁰¹

⁶⁰¹ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Memo March 5, 1969. “*We have received information that captioned group recently formed militant anti-communist right wing organization allegedly intends to use violence to combat Students for a Democratic Society. We are calling for a discreet inquiry and determination as to whether the group warrants investigation as a white hate group.*”

Além do carácter da organização, outro elemento que deve ser levado em conta é o tipo de prática política ensejada pelos grupos em questão. Ser considerado um grupo de ódio, supremacia branco ou mesmo neo-nazi, não garante investigações ou monitoramentos discretos por parte das instâncias oficiais. É preciso que suas práticas políticas instiguem a violência, que representem uma ameaça à segurança nacional ou aos direitos civis de outros cidadãos norte-americanos.

O objetivo do monitoramento era descrever e classificar essas organizações para, então, chegar a planos de ação mais práticos, que impedissem possíveis ataques violentos a indivíduos, certos grupos sociais e atentados terroristas. Fazendo uso de uma abordagem discreta, os agentes procuravam identificar a ideologia da organização, o perfil dos membros, atividades correntes e possibilidade de apresentar práticas de extorsão, violência física direta e terrorismo.

A observação discreta da *National Youth Alliance* teve início a partir do artigo “*The Student Right: racist, marital, insular*”, publicado no *The Washington Post* em 17 de julho de 1968. A reportagem inicia abordando o problema da violência nos *campi* universitários e segue trazendo um perfil desta organização, suas ideias, programa, influências relevantes, estratégias de ação política, perfil dos membros etc.⁶⁰²

O programa básico da NYA se resumia em quatro pontos: oposição ao uso de drogas; “neutralizar e superar” o poder dos negros; “destruir e aniquilar” comunistas e baderneiros; garantir a paz da América, desencorajando o envolvimento dos EUA em guerras estrangeiras. A julgar somente pelo programa a NYA não representava maior perigo, parecendo um grupo conservador, anticomunista, e isolacionista como tantos outros. Contudo, ao avançarmos na reportagem, percebemos o carácter autoritário, violento, racista e profundamente excludente da organização.

A estratégia pensada por Louis T. Byers para as universidades envolvia a mobilização de estudantes conservadores contra a “esquerda radical”, intervindo fisicamente, caso as tentativas de pressão exercidas sobre instâncias administrativas, ex-alunos e a polícia dos

⁶⁰² Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Newspaper article. “The Student Right: racist, marital, insular” *Washington Post* July 17, 1968.

campi não funcionassem. “A NYA vai enfrentar violência com violência...alcatrão e piche⁶⁰³ serão nossas respostas ao maconheiro. A esquerda será obrigada a se esconder nos esgotos quando ouvirem a NYA marchar acima deles.”⁶⁰⁴ A proposta de Byers incluía ainda a criação de cursos voltados para estudos brancos [*white studies*], como genética, eugenia, etnologia e antropologia, visando revelar a real natureza humana. “O mito da igualdade explodirá para sempre”⁶⁰⁵

Influenciada ideológica e filosoficamente pelo livro *Imperium* de Francis Parker Yockey, a NYA é abertamente racista e anti-liberal, defendendo um ideal de sociedade centralizada, autoritária e violenta. Em *Imperium*, as minorias são comparadas a parasitas, perturbando a harmonia da civilização Ocidental. O livro de Yockey é um chamado a realização do imperativo cultural do Ocidente, que para ele significa manter-se puro, separado e dominante.

Imperium rejeita o século XIX: os fósseis sedentos de seu pensamento - Marx, Freud e a aparência técnico-científica do mundo; seus esquemas políticos questionáveis e exauridos - o estado plural, liberalismo, democracia, comunismo, internacionalismo; todos os que não satisfazem as realidades vitais orgânicas da política. (...) A integração imperativa da Europa toma a forma da unidade de povo, raça, nação, estado, sociedade, vontade - e naturalmente também- economia. (...) É essa necessidade orgânica [o avanço da história ocidental] que é a fonte do nosso imperativo e da integração da Europa. O significado do orgânico é que suas alternativas são ou fazer o necessário, ou adoecer e morrer.⁶⁰⁶

As atividades da *National Youth Alliance* estavam voltadas para jovens secundaristas e universitários. Nesses espaços, eram feitas demonstrações, distribuição de panfletos,

⁶⁰³ *Tar and feathers* é uma expressão relativa a uma prática de punição física adotada na Europa feudal e nas colônias europeias no início da Idade Moderna. Nos EUA a prática se estendeu até meados do século XIX como forma de justiça privada, não oficial. A vítima era imobilizada e despida até a cintura, alcatrão/betumem/piche quente era espalhado pelo corpo e, finalmente, penas eram atiradas ou a vítima era rolada sobre uma pilha de penas para que estas aderissem a seu corpo.

⁶⁰⁴ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Newspaper article. “The Student Right: racist, marital, insular” Washington Post July 17, 1968. “The NYA will meet violence with violence...Tar and feathers will be our answer to the pot pusher...The left will be forced to cower in the sewers underground as they hear the marching steps of the NYA above them.”

⁶⁰⁵ Idem. “The equality myth will be exploded forever.”

⁶⁰⁶ YOCKEY, Francis Parker. *Imperium: the Philosophy of history and politics*. Torrance, California: Noontide Press, 1948. Foreword.p.xviii. “*Imperium rejects the Nineteenth Century: the parched fossils of its thought—Marx, Freud and the scientific-technical world outlook; its exhausted political nostrums—the pluralistic state, liberalism, democracy, communism, internationalism; all of which fail to satisfy the organically vital realities of politics. (...) The imperative integration of Europe takes the form of unity of People, Race, Nation, State, Society, Will—and naturally also—economy. (...) It is this organic necessity [the advancement of the history of the West] which is the source of our imperative, and of the integration of Europe. The significance of the organic is that its alternatives are either to do the necessary or to sicken and die.*”

periódicos como *American Mercury*, *Statecraft* e *Attack!*, principalmente em crítica ao movimento negro e organizações identificadas como comunistas e contrárias à civilização ocidental. Desse modo, o monitoramento do FBI centrou-se nessas áreas, procurando identificar qualquer traço de prática violenta que justificasse uma investigação mais profunda.

Àquele tempo, WFO [*Washington Field Office*] e Nova York estavam instruídos a seguir as atividades do grupo discretamente, de forma a saber se atos de violência eram planejados. (...) Todos os escritórios que receberem esse comunicado devem permanecer alertas para qualquer informação indicando que a NYA é de fato um grupo neo-nazista, o que o qualificaria para investigação.⁶⁰⁷

Alertas para possíveis práticas de extorsão foram enviados aos escritórios responsáveis pela condução da observação discreta, Nova York e Washington. “Os escritórios de Nova York e Washington devem programar entrevistas imediatas com os indivíduos mencionados acima para determinar se eles têm qualquer informação relativa à possibilidade de extorção ou qualquer fato relativo à organizações subversivas...”⁶⁰⁸

Suspeitas com relação ao carácter neo-nazista da *National Youth Alliance* foram levantadas devido a sua ligação com o *Liberty Lobby*, o *National Renaissance Party*, o NSDAP-AO [*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei-Auslands Organisation*], o *National Socialist White People's Party* e sua ala jovem -o *National Socialist Liberation Front*- e à distribuição de 25 mil cópias do livro fascista *Imperium*, de Francis Parker Yockey. A reportagem “*NYA: alive and well here*”, do *The Washington Post*, igualmente reproduzida pelo *Times Herald* em 22 de dezembro de 1969, expõe o autoritarismo como ideal social envisioned e a prática política de organização interna do próprio grupo. Funcionando como um microcosmo, todas as decisões e políticas adotadas eram formuladas na sede liderada por Byers. Byers e Russel escolhiam pessoalmente os líderes das unidades regionais, pois processos democráticos eram considerados ineficientes. O boletim informativo da NYA,

⁶⁰⁷ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Memo May 28, 1969. “*At that time, WFO [Washington Field Office] and New York were instructed to follow the activities of this group on a discreet basis in an effort to determine whether violence was being planned. (...) All offices receiving this communication should remain alert for any information indicating that the NYA [National Youth Alliance] is in fact a neo-Nazi group which would qualify for investigation.*”

⁶⁰⁸ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Director Letter May 5, 1969. “*The New York and Washington Field Offices should arrange immediate interviews with the above named individuals to determine if they have any information concerning possible extortion matters or any facts regarding subversive organizations...*”

citado pela reportagem, afirma: “Não vamos tolerar discenso...Outra grande vantagem de uma estrutura autoritária é que o risco de infiltração e sabotagem é bastante reduzido.”⁶⁰⁹

Mais reveladoras foram as cartas enviadas ao FBI por ex-membros da *National Youth Alliance*, relatando conflitos internos da organização e a tomada do controle por parte dos fascistas.

Nós em Bowling Green decidimos fundar uma organização conservadora verdadeiramente ativa. Mas semana passada eu deixei a organização, quando líderes da NYA me disseram que nazis assumiram o controle do grupo e, desde que li o artigo de Drew Pearson sobre a NYA, eles [os nazis] estão infiltrados no grupo desde 25 de janeiro e, em 24 de março, assumiram o controle...⁶¹⁰

Sou um estudante de 25 anos de XXX [rasura]. Sou membro da *National Youth Alliance* há um ano aproximadamente. (...) Contudo, recentemente recebi literatura nazi do seguinte endereço: National Socialist Liberation Front, 2507 North Franklin road, Arlington, Virginia, 22201. Fiquei horrorizado! (...) Que devo fazer?⁶¹¹

O memorando de 28 de julho de 1969 sobre o programa de rádio *Barry Farber Discussion Show* relata outro episódio no qual ficam claras as disputas internas por poder e a tomada fascista da NYA. No programa transmitido pela WOR-Radio de Nova York, Dennis McMahon e John Acord, ex-membros da NYA, demonstravam sua insatisfação com a virada fascista da organização, alegando que esta se tornara “excessivamente perigosa ao sistema democrático americano”. Ambos decidiram se desligar da organização quando perceberam o crescimento da ala da organização afinada com o fascismo, liderada por Willis Carto do *Liberty Lobby* e pelo *Francis Parker Yockey Movement*.⁶¹²

Outra evidência pode ser vista na conformação da nova e mais robusta sede da *National Youth Alliance*, inaugurada ao final de 1970, contendo uma livraria, a *Western*

⁶⁰⁹ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 2 of 13. File number 157-12589. Newspaper article. The Washington Post/ Times Herald. NYA: alive and well here. December 22, 1969. “We shall not tolerate dissension...Another great advantage to an authoritarian structure is that the danger of infiltration and sabotage is greatly lessened.”

⁶¹⁰ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Citizen Letter April 23, 1969. “We at Bowling Green decided we wanted to build a truly active Conservative organization. But last week I resigned, when both the NYA chairmen told me Nazis had gained control of the group and since I read Drew Parson’s article about N.Y.A. (...) they [the nazis] had been infiltrated in the group as early as January 25th and by March 24th had gained control.”

⁶¹¹ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 2 of 13. File number 157-12589. Citizen letter to Congressman Henry Helstoski. November 12, 1969. “I am 15 and a student from XXX. I have been a member of the National Youth Alliance for about 1 year. (...) However, just recently I received nazi literatura from the following address: National Socialist Liberation Front, 2507 North Franklin road, Arlington, Virginia, 22201. I was horrified! (...) What shall I do?”

⁶¹² Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Memo July 28, 1969. “exceedingly dangerous to the American democratic system.”

Destiny Bookstore, formada com o acervo da falida livraria do *National Socialist White People's Party*, em Arlington, Virginia. Contando inicialmente com 300 livros, *Western Destiny Bookstore* reunia uma vasta seleção de títulos relacionados à temática fascista, a teorias sobre a superioridade ariana, conspiração sionista, entre outros.⁶¹³

A nova sede da *National Youth Alliance* era expressão do crescimento e realinhamento político da organização. Segundo o presidente Louis Byers, a organização contava com um total de 4 mil membros aproximadamente e a revista *Attack!* com circulação de 30 mil exemplares. As ligações entre a *National Youth Alliance* e o *National Socialist White People's Party* se estreitaram. Lideranças como Robert Lloyd e William Pierce deixaram o partido devido a conflitos internos de poder e passaram a integrar a *National Youth Alliance*, assumindo posições de destaque como vice-presidente e editor-chefe/tesoureiro respectivamente.

Esses elementos de imediato não foram suficientes para revelar o caráter fascista e violento da organização e dar início a uma investigação mais profunda. Segundo o memorando de 17 de setembro de 1969, casos de violência física, racismo ou fascismo estariam relacionados a atitudes pontuais de alguns membros em particular ligados ao *National Socialist White People's Party*, não caracterizando, portanto, uma prática coletiva incentivada pela organização.⁶¹⁴ Correspondências trocadas entre o escritório de Detroit e o Director do FBI no princípio de 1971 ainda colocavam a questão como “tendências nacional socialistas”, mantendo o estado pendente das investigações.⁶¹⁵

Todavia, a entrada de membros do NSWPP e o crescimento de poder do setor fascista na organização estavam acarretando mudanças que não poderiam ser por muito tempo relegadas a posicionamentos individuais. Soluções autoritárias e violentas ganhavam cada vez mais destaque em *Attack!*. A edição de verão de 1971 traz instruções detalhadas, com diagramas, para a construção de bombas de médio porte. O editorial “*Why Revolution?*” afirmava que “não é mais possível curar os sistema por métodos constitucionais (...) Não precisamos dialogar com o monstro. Precisamos colocar uma bala em sua cabeça e fincar uma

⁶¹³ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 3 of 13. File number 157-12589. Special Report. July 13, 1971.

⁶¹⁴ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 2 of 13. File number 157-12589. Memo September 17, 1969.

⁶¹⁵ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 3 of 13. File number 157-12589. Airtel from SAC-Detroit to Director. December 1, 1971.

estaca em seu coração” e que a NYA desempenharia um papel central na condução do movimento revolucionário, podendo levar a “um banho de sangue e caos, combatendo o inimigo de casa em casa, queimando cidades pelo país.”⁶¹⁶ No editorial “*What we must do now*”, referente à edição de outono de 1971, tais práticas se tornam mais específicas, incentivando e direcionando o ataque a setores sociais em particular, com o objetivo de eliminar a oposição e preservar a unidade mitificada na raça-nação.

Temos que pensar em assassinar juizes federais, queimar lojas de empresários que agem como se estivessem mais interessados no que é bom pro negócio do que o que é bom pra América branca, dinamitar transmissores de tv e editoras dos manipuladores estrangeiros, punir severamente brancos - homens ou mulheres - que confraternizarem sexualmente com não-brancos, incitar o medo de terrível desforra em todo o político, editor, propagandista, burocrata ou pessoa pública favorável ao governo.⁶¹⁷

Em fins de 1971, a ameaça à segurança e aos direitos civis de parcela da sociedade norte-americana estava explícita, fazendo com que o FBI admitisse a natureza autoritária, violenta, racista e antissemita da *National Youth Alliance*, indicando alguns agentes especiais e entrevistando os primeiros informantes infiltrados e/ou cooptados. A partir daquele momento, a observação discreta, feita via monitoramento por fontes secundárias, deu lugar à observação direta da organização. “NYA está controlada por indivíduos que promovem militantemente racismo e antissionismo, sugerindo uma revolução violenta como meio de implementar suas ideias políticas e raciais na América.”⁶¹⁸

Na análise do conjunto dos relatórios, destacam-se a delonga e cautela da agência em estabelecer medidas ativas de contenção das atividades públicas de organizações antidemocráticas. A abordagem passiva durante tanto tempo revela um histórico dessa

⁶¹⁶ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 3 of 13. File number 157-12589. Memo. February 2, 1971. Memo August 30, 1971. Newspaper article. “Extremists no both ends tell how to blast the middle”. The Washington Times. August 22, 1971. “*it is no longer possible to cure the system by constitutional methods (...) We do not need to reason with the moster; we need to put a bullet into its brains and hammer a stake through its heart.*” “*...blood and chaos and battling the alien enemy from house to house in burning cities throughout our land*”

⁶¹⁷ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 10 of 13. File number 157-12589. Special report. March 18, 1975. “*We must think in terms of assassinating federal judges, of burning stores of businessmen who act as if they are more interested in what’s good for business than what’s good for White America, of dynamiting tv transmitters and newspaper presses of the alien news manipulators, of harshly punishing whites - male or female - who fraternize sexually with non-whites, of putting the fear of terrible retribution into every treacherous politician and system serving editor, advertiser, bureaucrat, or other public person.*”

⁶¹⁸ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 3 of 13. File number 157-12589. Memo. September 17, 1971. “*NYA currently is controlled by individuals who militantly promote white racialism and anti-zionism and who suggest violent revolution ultimately as the means for implementing their racial and political ideas in America.*”

agência, que pelo menos até meados da década de 1970 se viu permeada por forte segregacionismo e anticomunismo.

Homens e mulheres dotados de visão de mundo racista, intolerante e/ou autoritária permaneceram nos quadros das agências de aplicação da lei como FBI, promotorias e departamentos de polícia durante a ampliação dos direitos sociais nos anos 1930 e 1940, após a aprovação do *Civil Rights Act*, de 1964, e das vitórias dos movimentos feminista, GLBT, etc. Movimentos sociais, estatutos e legislações não alteraram seus modos de pensar, os quais, por sua vez, influenciam seu agir no mundo. Transformações políticas e econômicas, observadas a curto e médio prazo, nem sempre são acompanhadas por correspondentes metamorfoses culturais. Para Fernand Braudel, as transformações sociais podem ocorrer em temporalidades diferentes, e não raro mudanças culturais e ideológicas transcorrem na longa duração.⁶¹⁹ Resquícios mentais do passado permanecem em nosso tempo, contribuindo para os conflitos do presente. A análise histórica deve levar em consideração a complexidade dos movimentos temporais.

Segundo Berlet e Lyons, durante as décadas de 1960 e 1970, o FBI tinha conhecimento do envolvimento de agentes de departamentos de polícia locais com forças fascistas e segregacionistas, auxiliando ataques contra ativistas em prol da ampliação dos direitos civis. Um informante do FBI estava no carro juntamente com o membro da Klan que assassinou a ativista Viola Liuzzo. Entre 1969 e 1972, o FBI financiou a organização *Secret Army Organization* (SAO), grupo anticomunista com filiais em 11 estados, que esteve envolvido em roubos, explosões, sequestros e tentativas de assassinato contra cidadãos considerados como “de esquerda”. O caso mais emblemático citado pelos autores é o da participação de agentes federais, informantes do FBI e do *Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms* (BATF) no Massacre de Greensboro. Em novembro de 1979, agentes e homens de confiança do governo planejaram juntamente com integrantes do *American Nazi Party* e da KKK um ataque a um protesto organizado pelo *Communist Workers Party*, matando cinco

⁶¹⁹ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV ao XVIII*. vol.3. O tempo do mundo. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

membros. “As agências de segurança federal e estadual não fizeram nada para prevenir o tiroteio, mesmo sendo reportadas as intenções de matar do grupo.”⁶²⁰

As relações com grupos extremistas só deixaram de existir em princípios dos anos 1980, quando o projeto neofascista mais bem articulado se declara abertamente antigovernamental, defendendo fervorosamente a formação de um lar ariano, ainda que por meio do combate armado contra o Estado.

Conforme indica o memorando, somente em 1973 o discurso e as práticas da NYA foram vistos como potencialmente ameaçadores à lei vigente e à segurança nacional, levando oficialmente à investigações mais profundas.

Essa investigação é baseada em informações que indicam que a *National Youth Alliance* (NYA) está engajada em atividades que envolvem a violação do título 18, U.S. Code, 2383 (Rebelião ou insurreição); 2384 (Sedição); 2385 (defesa da derrubada do governo); 231-233 (desordens civis); 2101-2102 (leis antimotim); 241 (Conspiração contra os direitos dos cidadãos); e 245 (Atividades federais protegidas). Suas tentativas em estabelecer nesse país governo nacional-socialista de tipo alemão, da era Hitler, enfatizam racismo e políticas antissemitas.⁶²¹

No ano seguinte, se iniciaram investigações preliminares sobre a recém-fundada *National Alliance*, suas atividades e relações com a matriz *National Youth Alliance*. Conforme publicado em fevereiro de 1974, no número 25 de *Attack!*, a *National Youth Alliance* passaria a ser a ala jovem de uma organização mais abrangente, a *National Alliance*. Esta última, por sua vez, continuaria a ser investigada pelo FBI, já que, assim como a primeira, fomentava práticas que violavam o estatuto dos direitos civis dos EUA.⁶²²

Para a informação do escritório [FBI] a *National Alliance* foi criada XXX [trecho rasurado] com o intuito de atrair grupo de adeptos mais abrangente e popular, um

⁶²⁰ BERLET, C; LYONS, M. op.cit. 2000. p.268. “*Federal and state government security agencies did nothing to prevent the shootings even though the group’s deadly intent had been reported to authorities.*” São citadas ainda as seguintes referências: DONNER, Frank. *Age of Surveillance: the aims and methods of America’s political intelligence system*. New York: Alfred Knopf, 1980. DONNER, F. *Protectors of Privilege: red squads and police repression in urban America*. Berkeley: Univ. of California Press, 1990. CHURCHILL, Ward; VANDER WALL, Jim. *Agents of Repression: the FBI’s secret wars against the Black Panther Party and the American Indian Movement*. Boston: South End Press, 1988. WHEATON, Elizabeth. *Code name GREENKILL: the 1979 Greensboro killings*. Athens: Univ. of Georgia Press, 1987.

⁶²¹ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 6 of 13. File number 157-12589. Memo. From SAC-WFO to Director FBI. August 6, 1973. “*This investigation is based upon information which indicates that the National Youth Alliance (NYA) is engaged in activities which could involve a violation of Title 18, U.S. Code, 2383 (Rebellion or Insurrection); 2384 (Seditious conspiracy); 2385 (Advocating the Overthrow of the Government); 231-233 (Civil Disorders); 2101-2102 (Antiriot laws); 241 (Conspiracy Against Rights of Citizens); and 245 (Federally Protected Activities). Its efforts to establish in this country a German-type national socialism of the Hitler era emphasize white racist and anti-semitic policies.*”

⁶²² Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 9 of 13. File number 157-12589. Memo. From Mr. J.G. Keegan to Mr. W.R. Wannall. February 3, 1975.

segmento da população que é favorável às políticas e aos objetivos da NYA, mas não se identificam enquanto organização de jovens.⁶²³

A continuidade das investigações revelou um amadurecimento político da organização, consoante à construção de um projeto de sociedade mais delineado e definido. A edição de janeiro de 1976 de *Attack!* vem destacando os objetivos e o caráter da *National Alliance* em duas seções, “*What we want*” e “*who we are*”. Podemos observar, por exemplo, como a discussão sobre pureza racial, que era apresentada basicamente como forma de preservação da coletividade mitificada, começa a aparecer conjugada a elementos característicos de uma organização social autoritária e organicista, como autoridade, disciplina, dever e honra. O ordenamento social envisioned é construído a partir de críticas ao comunismo e ao neoliberalismo, vistos como destrutivos, caóticos, antiocidentais e que, em última instância, levam à “morte racial”.

Nossos membros estão trabalhando para construir uma nova ordem revolucionária na América- uma nova ordem baseada em leis naturais. (...) Compartilhamos coisas em comum: Primeiro, uma profunda e vital preocupação por nossa herança cultural-racial ocidental (...) Segundo, reconhecimento da desigualdade natural entre os homens (...) Terceiro, rejeição absoluta ao neoliberalismo em todas as suas manifestações doentias e destrutivas. (...) Queremos desenvolver na América uma abordagem política cultural e racial saudável, refletindo um entendimento de autoridade, disciplina, dever e honra. Queremos alcançar uma sociedade orgânica que não apenas proteja e perpetue os valores tradicionais da civilização ocidental, mas que purifique o mundo ocidental da degeneração do comunismo e do liberalismo. Queremos assegurar para nosso povo controle sobre nosso próprio destino, eliminando dos centros nevrálgicos de nossa sociedade toda a influência antiamericana e antiocidental. Queremos salvaguardar nossa identidade racial, colocando um fim à presente loucura da integração forçada, que está ameaçando a todos com caos social, dissolução cultural e morte racial.⁶²⁴

⁶²³ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 9 of 13. File number 157-12589. Airtel. From SAC-WFO to Director FBI. December 18, 1974. “For the information of the Bureau, the National Alliance was created XXX in an effort to attract broader popular support from a segment of the population who are sympathetic to the policies and objectives of NYA but who cannot identify with a “youth” organization.”

⁶²⁴ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 11 of 13. File number 157-12589. Special Report. March 3, 1976. “*Our members are working to build a revolutionary new order of things in American life -a new order based on natural laws. (...) We all share things in common: First, a deep and vital concern for our Western racial-cultural heritage (...) Second, a recognition of the natural inequality of men (...) Third, an absolute rejection of neo-liberalism in all its sickly and destructive manifestations. (...) We want to develop in America a healthy cultural and racial approach to politics reflecting an understanding of authority, discipline, duty and honor. We want to achieve an organic society which will not only protect and perpetuate the great traditional values of Western civilization but will purify the Western world of the degeneracy of comunism and liberalism. We want to secure for our people control over our own destiny by eliminating from the nerve centers of our society every anti-American and anti-Western influence. We want to safeguard our racial identity by putting an end to the present insanity of enforced racial integration, which is threatening all involved with social caos, cultural dissolution, and racial death.*”

Em contrapartida, a documentação relativa à *National Alliance* aponta também para um relativo decréscimo das práticas de militância direta. Exceto por iniciativas de distribuição do material impresso e alguns eventos públicos no norte da Virgínia de irrisória repercussão (atraindo cerca de 20 a 30 ouvintes), os relatórios finais não apresenta registros de atividades em espaços públicos, organização de comícios e protestos, etc. O memorando de 19 de agosto de 1976 afirma que Pierce, então líder da organização, optou por abandonar a prática de demonstrações públicas, investindo na produção e distribuição ampla de materiais de mídia. A opção por agir no *underground* e explorar novos campos de luta, como a mídia, evitando confrontos humanos diretos, fez com que os escritórios do FBI deixassem de enxergar a *National Alliance* como uma ameaça à segurança pública ou aos direitos civis dos cidadãos norte-americanos, abandonando temporariamente as investigações.⁶²⁵

Estas só voltariam cerca de dez anos depois, devido às relações da *National Alliance* com *The Order*, organização neofascista que no início da década de 1980 esteve envolvida em assaltos, falsificações, incêndios criminosos e assassinatos. Tais atividades diversas criminosas visavam arrecadar fundos para a promoção da revolução ariana, ideia presente no romance *The Turner Diaries*, escrito por William Pierce e publicado na *Attack!*.

Tais incidentes levaram igualmente a abertura de arquivos relativos a *Aryan Nations*. O relatório referente a *Aryan Nations* é significativamente mais incompleto que os da *National Youth Alliance* e *National Alliance*, não somente por compreender apenas um volume, mas pelo fato de estar muito mais rasurado e conter mais documentos incompletos, ou seja, com páginas retiradas.

Como podemos observar nas páginas de amostra reproduzidas abaixo, muitos trechos dos relatórios aparecem rasurados, impossibilitando a leitura e a análise completa dos documentos. Certos documentos estão totalmente obliterados, e outros não foram reproduzidos na íntegra, sendo suprimidas páginas inteiras. No lugar delas, tem-se uma folha oficial, informando o número de páginas deletadas e à exceção a qual correspondem, como previsto no *Freedom of Information Act*. Tais problemas são explícitos no relatório da *Aryan Nations*, mas também podem ser vistos a partir do relatório 6 da *National Alliance*, justamente aquele que informa sobre a aprovação oficial das investigações diretas. Desse ponto em

⁶²⁵ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 11 of 13. File number 157-12589. Memo. From SAC-Alexandria To Director, FBI. August 19, 1976.

diante, trechos de inúmeros memorandos, correspondências internas, relatórios, entre outros, aparecem rasurados.

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION
FOIPA DELETED PAGE INFORMATION SHEET

6 Page(s) withheld entirely at this location in the file. One or more of the following statements, where indicated, explain this deletion.

- Deleted under exemption(s) b7C, b7D with no segregable material available for release to you.
- Information pertained only to a third party with no reference to you or the subject of your request.
- Information pertained only to a third party. Your name is listed in the title only.
- Documents originated with another Government agency(ies). These documents were referred to that agency(ies) for review and direct response to you.

_____ Pages contain information furnished by another Government agency(ies). You will be advised by the FBI as to the releasability of this information following our consultation with the other agency(ies).

_____ Page(s) withheld for the following reason(s):

For your information: _____

The following number is to be used for reference regarding these pages:
Ser. 3

XXXXXX
XXXXXX
XXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
X DELETED PAGE(S) X
X NO DUPLICATION FEE X
X FOR THIS PAGE X
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

FBI/DOJ 626

NATIONAL YOUTH ALLIANCE (NYA)

The Boston City Directory for 1973 shows that the occupants of the [redacted] household at [redacted] Boston, are [redacted]

b7c [redacted] It is noted that [redacted] and not listed at that address nor is [redacted] occupation [redacted]

b2
b7c

b2
b7c

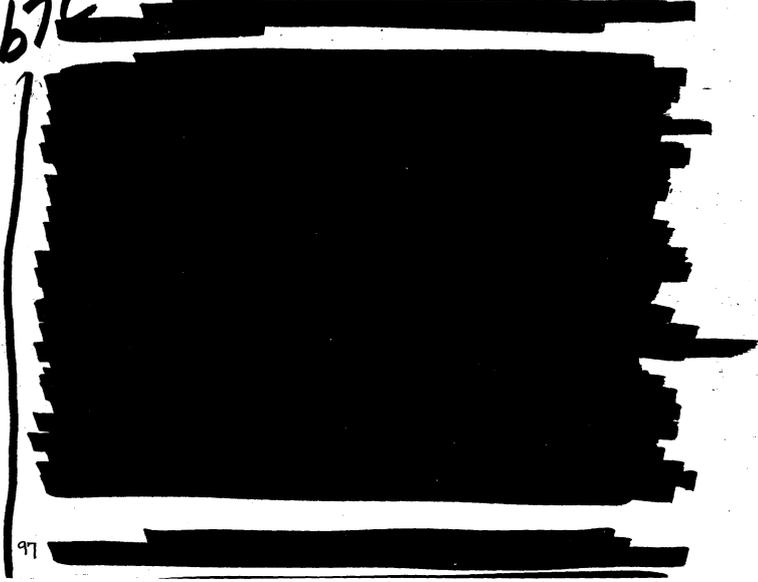
b7c Investigation in the area of [redacted] Boston, determined that the entire area is populated with Chinese families who are recent immigrants from Hong Kong and who either claim not to speak English or who could offer no positive information.

⁶²⁷ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 8 of 13. File number 157-12589. Report. From Director FBI to Director U.S. Secret Service and Department of the Treasury. April 16, 1974.

b7C

being sent throughout the United States advocating the beliefs of the church, comes out of the Aryan Nations group. The article states that the men, while attending services, wear uniforms which strongly resemble those of Nazi Germany. The men even stand in a salute during prayer, which resembles that of the old Nazi regime. The church believes that they are the chosen children of Israel, the pure-blooded descendants of a white Aryan master race. The church alleges a membership locally of approximately 300 and a mailing list of approximately 8,000.

b7C



97

Airtel

4/26/84

Director, FBI
SAC, Butte

PERSONAL ATTENTION

b7C
1
[REDACTED]

b7C
1
[REDACTED]

b7C
UNSUBS;
MEMBERS OF ARYAN NATION,
COEUR D'ALENE, IDAHO;
DISCRIMINATION IN HOUSING
OO: BUTTE
(177A-21)

Re Bureau telcals to ASAC Butte dated 4/20/83.

b7C
b7D
[REDACTED]

Exec. AD-Adm.
Exec. AD-Inv.
Exec. AD-LES
Asst. Dir.:

Adm. Serv.
Crim. Inv.
Ident.
Insp.
Intell.
Lab.
Legal Coun.
Off. Cong. & Public Affs.
Rec. Mgmt.
Tech. Serv.
Training
Telephone Rm.

177-6119-

NOT RECORDED
11 MAY 2 1984

RETURN TO ROOM 5131

ORIGINAL FILED IN
177-6119-111

b7C
1
Airtel to SAC, Butte
RE: [REDACTED]
[REDACTED]

629

Temos, por exemplo, muito pouca informação sobre os agentes especiais e informantes mencionados anteriormente. Todos os nomes aparecem apagados e a localização, na maioria das vezes, codificada. Em alguns documentos, é revelada a razão da cautela: possíveis danos à segurança nacional, por comprometer a segurança pessoal e, conseqüentemente, os serviços prestados pela fonte.⁶³⁰

⁶²⁹ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. Aryan Nations. Part 1 of 1. Airtel. From SAC-Butte to Director FBI. April 26, 1984.

⁶³⁰ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 7 of 13. File number 157-12589. Airtel. From SAC-WFO to Director FBI. November 23, 1973.

Investigation at Epping, New Hampshire, was conducted by SA [redacted] and all investigation at Springfield, Massachusetts, was conducted by SA [redacted] 631

Sources set forth in attached LHM are being identified as follows:

<u>Identity of Source</u>	<u>Location</u>
Source one is [redacted]	157-1002-36
Source two is a knowledgeable source	instant report
Source three is [redacted]	157-1002-51 632

NON-SYMBOL SOURCE ADMINISTRATIVE

<u>Source</u>	<u>Identity</u>
[redacted]	[redacted] Location: OM 105-3162-35
[redacted]	[redacted] Location: Instant LHM
[redacted]	[redacted] Location: OM 105-3162-46
[redacted]	[redacted] Location: OM 105-3162-46

633

A maior parte do material relativo a *Aryan Nations* é composta por notícias de jornais variados. Por meio delas, foi possível identificar o que levou o FBI a dar início às investigações, as relações com *The Order*.

As reportagens, contudo, se restringem a esse aspecto, não contêm artigos específicos sobre a origem da organização, seu caráter político-religioso, eventos públicos promovidos, etc. Nesse sentido, acreditamos que as investigações sobre a *Aryan Nations* não tenham sido muito profundas. O fato desta produzir material que instigue o ódio e a intolerância, defender uma ordem social pautada no autoritarismo e promover uma religião racista não infringe a lei, nem viola os estatutos civis. Em 1981, a questão foi levada a uma outra instância do

⁶³¹ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 6 of 13. File number 157-12589. Memo. From SAC-Boston to Director FBI. June 15, 1973.

⁶³² Idem.

⁶³³ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 6 of 13. File number 157-12589. Memo. From SAC-Omaha to Director FBI. July 11, 1973.

Departamento de Justiça, como a *Civil Rights Division*, que considerou desnecessária investigação adicional por parte de FBI.⁶³⁴

A reabertura das investigações da *National Alliance* revelou não somente as influências do romance nas práticas da *The Order*, como as relações entre os membros dessas organizações. Descortinou também sua repercussão no meio fascista e segregacionista, pois o livro começava a ser conhecido como “bíblia” entre grupos defensores da supremacia branca, recolocando a questão da ameaça à segurança nacional.⁶³⁵

Investigações levadas a cabo pelo escritório de Pittsburg, Pensilvânia, apontaram um crescimento significativo da *National Alliance*, haja vista a compra de uma propriedade de 346 acres, no valor de 95 mil dólares, no remoto condado de Pocahontas, Hilsboro, West Virginia, onde se localizaria a nova sede da organização. Segundo o relatório de janeiro de 1987, a propriedade de West Virginia seria um complexo integrado, composto de área residencial, centro religioso (*Cosmotheist Community Church*), sede política e espaço de produção da organização, com uma gráfica/editora, centro de informática, escritórios de mídia, depósitos, etc. Além disso, o relatório informa a tentativa de compra de um espaço para a inauguração de uma livraria, dedicada à arrecadação de fundos pela venda de livros e materiais impressos pela *National Vanguard Press*.

Buscas efetuadas pela equipe de inteligência Pittsburg resultaram ainda na apreensão de registros financeiros, correspondências pessoais e listas de contatos [*maling lists*] da organização. Dentre os contatos, constavam não somente grupos localizados nos EUA, mas igualmente na África do Sul, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Canadá, México, Noruega, França, Suíça, Espanha, América do Sul, Suécia, Itália, Austrália, Bélgica, Portugal e Oriente Médio.

A documentação não traz informações mais detalhadas nem sobre as organizações que mantêm contato com a *National Alliance*, nem sobre os registros financeiros, impossibilitando uma visão global dos agentes envolvidos na organização e a origem do financiamento de projetos fascistas no mundo.⁶³⁶

⁶³⁴ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. Aryan Nations. Part 1 of 1. BT 177A-21. Report. October 20, 1983.

⁶³⁵ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 12a of 13. File number 157-12589. Airtel. From SAC-Alexandria To Director, FBI. January 18, 1985.

⁶³⁶ Freedom of Information Act. Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 13 a,b of 13. File number 157-12589. Report. Pittsburg. January 12, 1987.

A única pista deixada nesse sentido ao longo dos relatórios são os nomes de editoras, gravadoras e livrarias, responsáveis pela produção e veiculação dos materiais de mídia produzidos por organizações neofascistas. Dentre elas temos: *Western Destiny Bookstore*, *Lincoln Rockwell Bookstore*, *Power Products*, *Noontide Press*, *National Vanguard Books*, *14 Word Press*, *Thunderbolt Inc.*, *Albo Printing Co.*, *Universal Printing*, *Dixie Printing*, *Resistance Records*, *Halenny Records*.

Pesquisas adicionais sobre essas empresas não revelaram muito. Do conjunto citado, algumas empresas deixaram de existir - *14 Word Press*, *Western Destiny Bookstore*, *Halenny Records*, *Lincoln Rockwell Bookstore* - , outras - *Albo Printing Co.*, *Universal Printing*, *Dixie Printing*- aparentemente não guardam maiores ligações com organizações políticas de formara geral. Há contudo aquelas - *National Vanguard Books*, *Noontide Press*, *Resistance Records* - que estão intimamente comprometidas com o projeto nacionalista branco, vendendo livros, CDs, DVDs e panfletos dessa natureza e/ou apresentando *links* para páginas eletrônicas de organizações conservadoras. Da venda desses produtos é extraído um lucro que presumimos ser investido na manutenção das organizações.

d. Democratic Civil Society vs. Bad Civil Society

Para investigar as estratégias privadas de prevenção e combate às expressões de ódio e violência direcionados a grupos minoritários, destacamos o trabalho desenvolvido por três aparelhos civis, notadamente a *Anti-Defamation League*, *Southern Poverty Law Center* e o *Center for the study of hate and extremism*. Essas três organizações foram escolhidas devido à solidez e à respeitabilidade das organizações, a continuidade dos projetos propostos e por sua ligação com as instâncias oficiais, como fontes de informação, como testemunhas em audiências no congresso, ou como parceiros em projetos governamentais. A seguir, apresentaremos alguns programas desenvolvidos por esses aparelhos, como amostra de sua atuação militante de combate à intolerância, ao preconceito e ao autoritarismo.

A *Anti-Defamation League* (ADL) foi fundada em 1913, sendo a mais antiga das organizações observadas nesta pesquisa. Intimamente ligada a interesses judaicos, a liga surgiu com o propósito de defender os direitos e a integridade da comunidade judaica. Em suas palavras “acabar pelo apelo à razão e à consciência e, se necessário, pelo recurso da lei,

com a difamação do povo judaico”.⁶³⁷ Hoje, com 30 escritórios funcionando nos EUA e no exterior e objetivos mais largos, a ADL luta contra variadas formas de preconceito, defendendo ideais democráticos e os direitos civis, produzindo material informativo, programas de treinamento oferecendo serviços jurídicos e conduzindo projetos de incentivo à tolerância e prevenção do ódio. Em sua equipe, constam advogados, educadores e especialistas em relações e direitos humanos. Juntos, esses profissionais buscam identificar crimes de ódio, estudam o desenvolvimento particular dessa atividade criminosa e criam programas voltados para a redução do preconceito, para o auxílio à vítimas e ao próprio sistema de justiça.⁶³⁸

Um dos programas de maior sucesso foi a premiada campanha “*A World of Difference*”, promovida em 1985 pela ADL em conjunto com a rede de televisão WCVB-TV, afiliada da ABC em Boston, visando combater o preconceito e fortalecer ideais democráticos e multiculturais na sociedade norte-americana. Internacionalizada, a campanha tornou-se um instituto - *A World of Difference Institute* - atuando em 29 cidades norte-americanas e 14 países. Voltados para o campo educacional, os programas do instituto trazem projetos de treinamento, *workshops* e propostas de currículo que enfatizem a diversidade cultural e a tolerância, sendo oferecidos a escolas da educação infantil ao ensino médio (*A Classroom of Difference*), universidades (*A Campus of Difference*), centros comunitários, agências públicas de aplicação da lei (*A Community of Difference*) e empresas (*A Workplace of Difference*).⁶³⁹ De 1985 a 2003, profissionais e alunos de mais de 400 mil escolas dos ensinos fundamental e médio participaram de *A Classroom of Difference*; mais de 200 centros de ensino superior implementaram programas de *A Campus of Difference*; e mais de 100 mil trabalhadores foram apresentados a *A Workplace of Difference*.⁶⁴⁰

Os programas desenvolvidos e implementados pelo instituto são financiados principalmente pela ADL, mas recebem eventualmente *grants* públicos e incentivos privados. Uma das campanhas mais populares da ADL, intitulada “*Close the book on hate*”, contou com a colaboração do gigante editorial Barnes & Noble Inc. Lançada em setembro de 2000, a

⁶³⁷ Anti-Defamation League. About ADL. <http://www.adl.org/about.asp?s=topmenu>. Página visitada em 27 de novembro de 2011.

⁶³⁸ Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action. p.10.

⁶³⁹ Anti-Defamation League. A World of Difference Institute. http://www.adl.org/education/edu_awod_awod_history.asp. Página visitada em 27 de novembro de 2011.

⁶⁴⁰ Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action. p.12.

campanha incluía um estande de destaque nas lojas Barnes & Noble de todo os EUA, apresentando literatura específica sobre o ódio e o preconceito (parte dela produzida pela ADL), além de atividades educacionais dentro das lojas. Outra campanha de sucesso foi “*Fight for your rights: take a stand against discrimination*”, organizada em 2001 em parceria com a MTV. As atividades incluíram fóruns, *workshops*, a participação da ADL no “*MTV Campus invasion spring tour*” e a premiação de cinco bolsas de estudo universitário para jovens engajados na causa da diversidade. Em 1996, o programa de treinamento escolar “*Stop the hate*” recebeu 2 milhões de dólares do Departamento de Educação. Alguns anos mais tarde, o governo do estado da Califórnia concederia mais fundos aos programas da ADL. Entre 2000 e 2002, a *Dreamworks* de Steven Spielberg e a *Jay and Rose Phillips Family Foundation* financiaram a implementação do programa em três escolas do ensino médio na região de Los Angeles. A *Times Mirror Foundation* contribuiu financeiramente entre 1998 e 2000 para a aplicação do projeto na cidade de Culver City, também nos arredores de Los Angeles.⁶⁴¹ A continuidade do projeto foi dada pela secretaria de educação local, institucionalizando-o. Assim como nos programas encabeçados pelo governo, vemos aqui novamente uma interação entre interesses públicos privados na busca pela construção e manutenção de um ambiente democrático e seguro, no que toca à questão da ameaça doméstica de violência organizada.

Outro projeto educacional transformado em instituto foi “*Holocaust Education and Remembrance*”, que deu origem ao *Braun Holocaust Institute*. O conjunto de programas está voltado para educadores, estudantes, famílias e líderes comunitários, explorando a memória e o impacto social do Holocausto. Os programas são variados: *Annual Youth Leadership Mission* consiste em excursões anuais de estudantes ao *Holocaust Memorial Museum* em Washington, D.C.; *Bearing Witness* é um projeto direcionado especialmente para escolas católicas; *Echoes and Reflections* é um pacote multimídia (mapas, fotos, textos, DVD e depoimentos gravados na *web*) desenvolvido por professores e especialistas para ajudar o ensino do Holocausto nas escolas.⁶⁴²

No que toca aos projetos desenvolvidos juntamente ao governo, alguns já foram comentados na seção anterior, mas vale destacar o trabalho voltado para jovens condenados,

⁶⁴¹ Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action. p.14-20.

⁶⁴² Anti-Defamation League. Holocaust Education and Remembrance. http://www.adl.org/education/edu_holocaust/default_holocaust.asp. Página visitada em 24 novembro, 2011.

tendo o fator ódio como agravante, e os programas de treinamento oferecidos para profissionais de aplicação e reforço da lei.

Os programas voltados para jovens condenados são de âmbito local, com o auxílio da vara de infância e juventude, instâncias correccionais e condicionais locais. A agenda combina atividades educacionais, serviço comunitário e acompanhamento posterior. Diferente dos programas apresentados acima, o objetivo aqui já não é mais prevenir, mas tentar desconstruir uma visão de mundo intolerante e violenta, buscando conscientizar esses jovens ou pelo menos evitar que se vejam novamente engajados em atividades criminosas.⁶⁴³

Quanto aos treinamentos, a ADL criou três modelos oferecidos a agências de aplicação e reforço da lei, *anti-bias training*, *extremism training* e *hate crimes training*.

O primeiro, implementado pelo FBI, *Drug Enforcement Agency* (DEA) e diversos departamentos de polícia locais, destina-se a ajudar os funcionários públicos a: examinar criticamente os estereótipos e preconceitos culturais construídos por determinadas comunidades; observar como os participantes percebem uns aos outros e o impacto disso na eficiência e segurança do trabalho; aumentar a consciência com relação às diferenças culturais e valorizar pontos de convergência entre culturas; entender como uma equipe comprometida com a diversidade contribui para o avanço das investigações de casos de crimes de ódio. O segundo programa de treinamento está voltado especificamente para os grupos de ódio. Nesse aspecto, o problema não é simplesmente o preconceito e a violência, mas a forma organizada que esses elementos se apresentam. O programa inclui uma apresentação geral dos grupos de ódio e do “movimento antigovernamental” [*anti-government movement*], discussões sobre extremismo na internet, além de questões legais e relativas à segurança doméstica e dos policiais. O último programa é mais informativo, centrando-se na definição de crime de ódio, no perfil dos perpetradores, no reconhecimento de símbolos populares entre grupos de ódio, na apresentação dos procedimentos iniciais e estabelecimento de contato com a vítima, além de algumas estratégias e erros comuns de investigação.⁶⁴⁴

Sistemas de monitoramento das atividades de grupos de ódio, conhecidos como *Hatewatches*, foram desenvolvidos por ONGs dedicadas ao incentivo da tolerância e da

⁶⁴³ Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action. p.36-41. Exemplos de programas municipais adotados: BRIDGE (Bias-related incidents diverted for greater equality) Long Island, NY; Eliminate the hate, Ventura County, CA; Hate crimes education action committee, Orange County, CA; Pathways to tolerance, San Diego, CA.

⁶⁴⁴ Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action. p.42-47

democracia nos EUA. O *Southern Poverty Law Center* e a *Anti-Defamation League* vêm desenvolvendo tal trabalho desde a década de 1970, contribuindo com o fornecimento de dados ao FBI para a produção de relatórios mais consistentes.

O sistema de monitoramento reproduz semanalmente informações sobre grupos de ódio, divulgadas em periódicos (locais e/ou nacionais), redes de televisão e páginas da internet variadas, incluindo a dos próprios grupos de ódio. A importância desses sistemas reside não apenas em divulgar informações e as atividades dos grupos de ódio, mas também contribuem para o planejamento de atividades da oposição às manifestações segregacionistas e fascistas, como passeatas, concertos, encontros, etc.

Tal trabalho é desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, responsáveis pelos *hatewatches*, toda a base de dados, relatórios, tabelas e gráficos disponíveis nas páginas eletrônicas das organizações. Tanto o *Southern Poverty Law Center* quanto a *Anti-Defamation League* organizações investem pesadamente no elemento informativo. Em suas páginas eletrônicas encontramos arquivos extensos sobre os diversos grupos de ódio, perfil e trajetória pessoal dos principais líderes, mapas do ódio [*hate maps*] com a localização dos grupos por estado, atualizações sobre a evolução dos processos em curso, além de uma série de livros que podem ser baixados ou comprados *on-line*.

Entretanto, o *Southern Poverty Law Center* e a *Anti-Defamation League* não divulgam de onde exatamente obtêm as informações contidas nos sistemas de monitoramento e nos outros projetos de inteligência. As sociólogas norte-americanas Betty Dobratz, Stephanie Shanks-Meile e Sara Diamond alertam em seus livros para o fato de algumas informações divulgadas por essas organizações não serem inteiramente precisas e, como nem sempre revelam as fontes, sem maiores fundamentos acadêmicos.⁶⁴⁵ Assim, é preciso olhar para as informações divulgadas nas páginas eletrônicas do *Southern Poverty Law Center* e da *Anti-Defamation League* com cuidado, valorizando talvez mais seus esforços como entidades privadas em combater a intolerância e promover ação coletiva, do que exatamente os dados empíricos revelados.

Mais recente que a *Anti-Defamation League*, o *Southern Poverty Law Center* foi fundado em 1971 por dois advogados sulistas, Morris Dees e Joseph Levin Jr., em meio ao

⁶⁴⁵ DIAMOND, Sara. *Roads to dominion*. New York: Guilford Press, 1995. DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. *The white separatist movement in the United States: white power, white pride*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.

contexto do movimento pela ampliação dos direitos civis. A sede da organização está localizada em Montgomery (Alabama) mas atualmente existem escritórios em Atlanta, New Orleans, Miami e Jackson (Mississippi).

À época da fundação, o objetivo da organização era justamente garantir que o *Civil Rights Act* fosse respeitado e que esses direitos se tornassem uma realidade palpável para seus beneficiados. Vemos assim, pelo menos num primeiro momento, uma militância defensiva e menos educativa. Similarmente a *Anti-Defamation League*, o *Southern Poverty Law Center* foi com o tempo agregando atividades variadas à sua militância em torno da promoção da tolerância e dos respeito aos direitos civis.

Atualmente, a organização atua em três direções: monitora as atividades dos grupos de ódio; usa os canais legais para defender os direitos civis e trazer justiça às vítimas da discriminação e do ódio; disponibiliza recursos a escolas e educadores de forma a incentivar em crianças e jovens o respeito à diversidade e às diferenças.

Como podemos perceber, a via legal para resolução de conflitos é ainda muito forte, mas caminha agora junto com projetos de pesquisa e programas voltados para construção de uma visão de mundo mais democrática e inclusiva.

À equipe de pesquisadores, como já apontado acima, incumbem as funções relativas à obtenção e ao processamento de informação. Composta de acadêmicos, jornalistas e outros investigadores, é responsável pela edição do periódico trimestral *Intelligence Report*, pela manutenção do *hatewatch* e do banco de dados com referências sobre os grupos de ódio e pela construção de mapas do ódio. Abaixo, reproduzimos duas versões do mapa do ódio, criado em 2010. A primeira vem destacando o número de grupos de ódio ativos nos EUA por estado. A segunda é uma amostragem do caráter dos grupos de ódio ativos na Califórnia, segundo classificação estabelecida pela equipe de pesquisadores do *Southern Poverty Law Center*.

Gráfico 5:



646

Tabela 3:

<u>Name</u>	<u>Type</u>	<u>City</u>
American Front	Racist Skinhead	Sacramento
American National Socialist Party	Neo-Nazi	Corning
American Patrol/Voice of Citizens Together	Anti-Immigrant	Sherman Oaks
American Renaissance	White Nationalist	Southern California
American Third Position	White Nationalist	San Diego
American Third Position	White Nationalist	Westminster
Aryan Nations	Neo-Nazi	
Aryan Nations 88	Neo-Nazi	Poway
Aryan Terror Brigade	Racist Skinhead	
Bay Area National Anarchists	White Nationalist	Dublin
Biblical Family Advocates	Anti-Gay	San Diego
Blood and Honour America Division	Racist Skinhead	
Blood and Honour America Division	Racist Skinhead	
Brotherhood of Klans Knights of the Ku Klux Klan	Ku Klux Klan	
California Coalition for Immigration Reform	Anti-Immigrant	Huntington Beach
California Skinheads	Racist Skinhead	Fresno
Chalcedon Foundation	Anti-Gay	Vallecito
Chick Publications	General Hate	Ontario
Coors Family Skinheads	Racist Skinhead	Big Bear Lake
Council of Conservative Citizens	White Nationalist	
Council of Conservative Citizens	White Nationalist	San Francisco
European American Issues Forum	White Nationalist	San Bruno
European Americans United	White Nationalist	Sacramento
Freedom 14	White Nationalist	
Get Some 88	Racist Music	Castaic
Golden State Skinheads	Racist Skinhead	

⁶⁴⁶ Southern Poverty Law Center. Hate map. <http://www.splcenter.org/get-informed/hate-map#s=CA> consultada em 11 de dezembro de 2011.

Holy Nation of Odin	General Hate	Kingsburg
Inconvenient History	Holocaust Denial	San Ysidro
<u>Institute for Historical Review</u>	Holocaust Denial	Fountain Valley
Institute for Historical Review Store	Holocaust Denial	Newport Beach
<u>Jewish Defense League</u>	General Hate	San Diego
<u>Jewish Defense League</u>	General Hate	Los Angeles
<u>League of the South</u>	Neo-Confederate	Scotts Valley
Life Rune Industries	Racist Music	North Highlands
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	San Diego
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Long Beach
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Compton
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Los Angeles
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Inland Empire
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Fresno
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Sacramento
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	San Francisco
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Oakland
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Richmond
<u>Nation of Islam</u>	Black Separatist	Stockton
<u>National Alliance</u>	Neo-Nazi	Sacramento
National Black Foot Soldier Network	Black Separatist	Los Angeles
National Black Foot Soldier Network	Black Separatist	Oakland
National Black Foot Soldier Network	Black Separatist	San Diego
National Socialist American Labor Party	Neo-Nazi	Burbank
<u>National Socialist Movement</u>	Neo-Nazi	Dulzura
<u>National Socialist Movement</u>	Neo-Nazi	Riverside
Noontide Press	Holocaust Denial	Newport Beach
OMNI Christian Book Club	Radical Traditional Catholicism	Palmdale
Save Our State	Anti-Immigrant	San Bernardino
The Creativity Alliance	Neo-Nazi	Clovis
Tony Alamo Christian Ministries	General Hate	Canyon Country
Tradition in Action	Radical Traditional Catholicism	Los Angeles
Traditional Values Coalition	Anti-Gay	Anaheim
United Northern and Southern Knights of the Ku Klux Klan	Ku Klux Klan	
United Realms of America Knights of the Ku Klux Klan	Ku Klux Klan	Ukiah
United Society of Aryan Skinheads	Racist Skinhead	San Diego
Vinland Folk Resistance	General Hate	Kingsburg
Voice of Reason Broadcast Network	White Nationalist	Pasadena
Volksfront	Racist Skinhead	
Voz de Aztlan	General Hate	Whittier
Western Hammerskins	Racist Skinhead	San Diego
<u>White Revolution</u>	Neo-Nazi	

Com o mapa do ódio, a equipe de pesquisa do *Southern Poverty Law Center* identifica e quantifica por estado as organizações voltadas para a promoção do ódio e da intolerância. Elas são qualificadas a partir de categorias diversas, como: *white nationalist*, *neo-nazi*, *KKK*, *racist skinhead*, *racist music*, *black separatist*, *anti-gay*, *holocaust denial*, *neo-confederate*, *christian identity*, etc. A demasiada variedade de eixos classificatórios torna o estudo confuso, além de ser pouco esclarecedora, uma vez que as categorias empregadas não são necessariamente excludentes. Neonazistas, a Klan e os neoconfederados ouvem e produzem música racista e negam o holocausto. Os dois primeiros são também nacionalistas brancos, assim como *skinheads* racistas e os adeptos da *christian identity*. E todos são antigay. A análise do mapa revela as dificuldades com relação à definição ideológica dos grupos e a urgência em abordar os crimes motivados pelo ódio e pela intolerância, fenômeno que vem ganhando espaço na sociedade civil norte-americana.

Com um perfil mais educativo que informativo, o programa *Teaching Tolerance* visa promover um ambiente escolar mais inclusivo e apreciador da diversidade por meio da distribuição gratuita de material educacional multimídia a profissionais do ensino fundamental e médio (professores, administradores, bibliotecários e pedagogos), coordenadores de “grupos jovens” religiosos e funcionários de outras ONG’s. O material inclui a assinatura gratuita da revista *Teaching Tolerance Magazine*, kits com vídeos, textos, planos de aulas, propostas de atividades coletivas, material para seminários, etc.⁶⁴⁷

O *Legal Action*⁶⁴⁸ é o projeto do *Southern Poverty Law Center* especificamente voltado para a militância jurídica, que consiste em um sistema de auxílio legal gratuito a vítimas de agressão (física ou simbólica) agravada por crime de ódio. No acervo eletrônico do *Southern Poverty Law Center* encontramos 15 processos registrados como “*hate and extremism*”, datados de 1980 até 2007. Estão disponíveis os arquivos digitalizados das queixas, os relatórios do julgamento e o veredito (quando o caso dá-se por encerrado), para 14 dos 15 casos.

Quatro dos casos registrados envolvem organizações estudadas diretamente nesta pesquisa, acusadas de crimes de assassinato, perseguição seguida de tiros e transferência de

⁶⁴⁷ Southern Poverty Law Center. Teaching Tolerance. <http://www.splcenter.org/what-we-do/teaching-tolerance>. Página acessada em 12 de dezembro, 2011.

⁶⁴⁸ Southern Poverty Law Center. Legal Action. <http://www.splcenter.org/get-informed/case-docket?keys=&agenda=21&landmark=All>. Página acessada em 15 de outubro, 2007.

propriedade. São eles: *White Aryan Resistance*: assassinato do estudante etíope Mulugeta Seraw; *Church of the Creator*: assassinato do marinheiro afro-americano Harold Mansfield; *National Alliance*: compra de propriedade da *Church of the Creator* de forma a minimizar as perdas dessa última por conta da indenização a ser paga pelo assassinato de Harold Mansfield; *Aryan Nations*: perseguição seguida de tiros a Victoria Keenan e seu filho.

O veredito, na grande maioria dos casos, foi favorável às vítimas, revelando a pouca tolerância por parte das instâncias de lei e ordem nos EUA para com expressões de intolerância e violência direta. Para organizações fascistas, tudo é justificado em nome da preservação da coletividade mitificada na raça, na nação, em *das Volk* ou em um passado histórico glorioso. Não existem direitos naturais ou igualdade civil, nem mesmo o direito à existência é garantido.

O resultado dos julgamentos reforça o caráter liberal democrático dominante nessa sociedade, ainda que se veja entrecortada por expressões organizadas de intolerância e autoritarismo. Em democracias liberais nada está acima da lei; uma lei, por sua vez, liberal e que, portanto, garante direito à vida, às liberdades e igualdade civis, ao contrário do fascismo.

e. Conclusão

A análise dos processos, dos mapas de ódio, dos sistemas de monitoramento, bem como as estatísticas e relatórios do FBI e as legislações contra crimes de ódio, ajudam-nos a perceber a dimensão de atuação dos grupos de ódio nos EUA para além dos discursos produzidos por eles. Tais documentos revelam tentativas de organização de estratégias de oposição por parte da sociedade política e civil. O caráter informativo-educacional por parte de alguns programas e repressivo-condenatório por parte de outros demonstra o investimento público e privado em estratégias de coerção e de construção de consenso em prol de uma democracia inclusiva.

Capítulo IV

Casamatas do neofascismo na “terra da liberdade”: os casos da *National Alliance*, da *White Aryan Resistance* e da *Aryan Nations*

Este capítulo é dedicado à análise das organizações enfocadas nessa pesquisa, a *National Alliance*, a *White Aryan Resistance* (WAR) e a *Aryan Nations*. Fundadas entre as décadas de 1970 e 1980 e geograficamente espalhadas pelos EUA -a *National Alliance* sediada em West Virginia, a *White Aryan Resistance* na Califórnia e a *Aryan Nations* em Idaho- essas organizações não são um fenômeno sulista, nem pregam a volta a um passado segregacionista. Elas representam os espaços mais significativos de construção de consenso em torno do ideal neofascista de sociedade no cenário político norte-americano de fins do século XX. Nelas, cultura, educação, alta tecnologia e fé encontram-se encouraçadas de violência, discriminação, exclusão e autoritarismo. São também exemplos de estratégias de luta, público alvo e linguagens bem distintas.

Olhando para o futuro, a *National Alliance* e a *White Aryan Resistance* abraçam os mais ousados caminhos da construção política, associando prática militante à produção em massa de material variado de mídia como formas de difundir uma visão de mundo, projeto político e arregimentar adeptos a um custo relativamente baixo. Já a *Aryan Nations* investe em um canal mais tradicional, a religião. Política e fé se misturam na *Christian Identity*, uma variante do cristianismo, fazendo de seus templos baluartes cristãos do racismo, do patriarcalismo e do fascismo contemporâneo.

Canais diferentes, um mesmo projeto. Nas seções a seguir, passaremos a analisar diretamente a ação militante, as estratégias de luta e os materiais de mídia produzidos pela *National Alliance*, pela *White Aryan Resistance* e pela *Aryan Nations* com destaque para aqueles não discutidos no capítulo anterior.

a. National Alliance: a morada do guerreiro intelectual

Fundada em 1974 pelo físico William Pierce, a *National Alliance* veio ganhar alguma notoriedade a nível nacional somente após um evento particularmente marcante na história dos Estados Unidos da América: o atentado perpetrado por Timothy McVeigh ao prédio federal Alfred Murrah em Oklahoma City, em 1995. McVeigh não era membro da *National*

Alliance, não agiu em nome dela e o atentado tampouco havia sido financiado por ela. Que ligação poderia haver então?

McVeigh fora preso dirigindo uma pick-up alugada apenas 90 minutos após a explosão. Durante a revista do veículo, foi encontrado, dentre uma série de outros itens, um envelope contendo nada mais nada menos que cópias das páginas 61 e 62 do romance *The Turner Diaries*, escrito por William Pierce sob o pseudônimo de Andrew Macdonald em 1978.⁶⁴⁹

O romance, caracterizado pelo FBI como a Bíblia da direita racista, conta a história de Earl Turner, jovem herói que relata em seu diário o processo em torno de uma grande revolução que levaria à libertação dos brancos arianos de sua situação caracterizada como de opressão por um governo “liberal”⁶⁵⁰ corrupto e decadente, dominado pelos interesses de judeus, demais raças não arianas como negros, asiáticos, latinos e brancos colaboracionistas. No livro, Turner é membro da *Unit 1*, célula clandestina da *Organization*, que age por meio de práticas terroristas em sua luta para libertar os arianos e instaurar uma nova ordem. Ao longo de seu diário, Earl Turner vai nos revelando não apenas o cotidiano e as missões designadas a *Unit 1*, mas também nos apresenta um panorama do desenvolvimento das atividades da *Organization* em todo os EUA. A *Unit 1* é particularmente a célula responsável pelo atentado de outubro de 1991 ao prédio central do FBI em Washington.

Durante o julgamento de Timothy McVeigh, comparações e questionamentos em torno da influência ou possível ligação do acusado com organizações neofascistas foram inevitáveis. Cópias das páginas do livro encontradas em seu carro continham grifos ainda mais suspeitos. Algumas das frases ressaltadas diziam: “Mas o real valor de todos os nossos ataques hoje repousa no impacto psicológico, não nas baixas imediatas.” “Nós ainda podemos achá-los e matá-los.”⁶⁵¹

⁶⁴⁹ “Turner Diaries introduced in McVeigh trial”. CNN. 28 April, 1997. In: www.cnn.com/US/9704/28/okc/SearchWarrantfortheVehicleofTimothyMcVeigh5May1995. Disponível em: University of Missouri, Kansas City School of Law. www.law.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/mcveigh/mcveighwarrant.html

⁶⁵⁰ O termo liberal será sempre usado entre aspas, quando designar não o sentido acadêmico de doutrina política liberal, mas o sentido corrente no vocabulário político norte-americano, ou seja, ligado a idéias democráticas, favoráveis a políticas inclusivas, ao diálogo com os diversos grupos sociais nacionais e à negociação diplomática no plano internacional, em oposição, portanto, tanto ao isolacionismo quanto ao internacionalismo assentado fundamentalmente em intervenções militares.

⁶⁵¹ MACDONALD, Andrew. **The Turner Diaries**. Resistance Books, 1978.p.61. “But the real value of all of our attacks today lies in the psychological impact, not in the immediate casualties. We can still find them and kill them.”

De maior difusão entre a grande mídia, o atentado de 1995 não fora, contudo, o único evento a tornar pública e conceder notoriedade de forma ou outra à *National Alliance*. Em 1982, um outro jovem de nome Robert Mathews participava, em Hayden Lake, do I *International Congress of Aryan Nations*, quando conheceu o livro de Pierce. Desde muito jovem participante em organizações conservadoras, Mathews foi membro da *John Birch Society*, integrou o movimento de protesto contra os impostos, aderiu à *Christian Identity* e posteriormente apoiou publicamente a *National Alliance*.

Inspirado no livro *Turner Diaries*, Mathews, juntamente com mais oito homens, em sua maioria integrantes da *National Alliance* e da *Aryan Nations*⁶⁵², decidiram criar, em 1983, sua própria organização, seguindo o mesmo estilo da *Organization* descrita no romance. Entre eles encontramos, além de Mathews, outra figura conhecida: David Lane, o famoso autor das 14 palavras que viraram lema entre neofascistas norte-americanos: “Nós temos que assegurar a existência da nossa raça e um futuro para crianças brancas.”

A organização em nascimento declarou em novembro de 1984 guerra ao governo federal e acabou ficando conhecida por uma série de nomes, dentre os quais fomos capazes de identificar: *The Order*, *Aryan Resistance Movement*, *White American Bastion*, *Silent Brotherhood* e *Brüder Schweigen*. O objetivo último era lutar contra uma sociedade que vinha destruindo a raça branca e a estratégia usada para alcançar tal objetivo não poderia se assemelhar mais à descrita no romance. Nos diários, as unidades clandestinas eram compostas por um número restrito de membros (a *Unit 1* continha apenas 4 membros), cabendo a eles a função específica de destruir o “sistema” por meio de ações diretas, isto é, assaltos a estabelecimentos comerciais, atentados a prédios públicos (FBI, o Capitólio, a Embaixada de Israel, a Câmara dos vereadores de Los Angeles), assassinatos de personalidades identificadas com a ideologia do “sistema” e invasões a emissoras de televisão.⁶⁵³ Da mesma forma, a conformação da *The Order* fora também restrita e diretas suas ações.

A arrecadação de fundos fora também incrivelmente similar. As unidades clandestinas do romance eram mantidas por meio de uma limitada renda repassada pelo Comando Revolucionário, arrecadando maiores fundos por uma série de atividades criminosas, como assaltos e falsificação de dinheiro. Inspirada na *Organization*, a *The Order* vai um passo além, buscando arrecadar fundos para financiar não apenas suas atividades, mas as atividades e o

⁶⁵² Organização neofascista, fundada pelo pastor Richard Butler em 1974.

⁶⁵³ Idem. p. 12-39.

desenvolvimento de outras organizações como a *Aryan Nations*, a *National Alliance* e a *White Aryan Resistance*. Em um curtíssimo espaço de tempo, *The Order* conseguiu levantar uma impressionante quantia, assim como no romance, por meio da falsificação de papel moeda e uma série de assaltos, primeiramente a estabelecimentos de pequeno porte, como um *sex shop* em Spokane e posteriormente a estabelecimentos maiores, como o shopping Northgate, em Seattle, e filiais de grandes corporações, como a Brinks, o Citibank e o Bom Marchè. Conforme noticiou o *New York Times* na ocasião:

Investigadores concluíram que os roubos, incluindo um na Califórnia na primavera passada, no qual um grupo danificou um carro blindado da Brinks com tiros de armas automáticas e escaparam com 3,6 milhões de dólares, foram conduzidos para arrecadar dinheiro para uma guerra contra o governo dos Estados Unidos, que o grupo se refere como “ZOG” ou Governo de Ocupação Sionista. De acordo com documentos legais, o grupo também esteve envolvido com falsificação de dinheiro, tanto para arrecadar quanto para desvalorizar a moeda.⁶⁵⁴

Para além dos famosos roubos, a organização também chocou a sociedade por sua violência extrema. Ainda em 1984, membros do *The Order* plantaram uma bomba na maior sinagoga de Idaho e, em junho, assassinaram Alan Berg, apresentador judeu de um programa de entrevistas de Denver.⁶⁵⁵

O sonho de dar vida ao livro de Pierce e incitar a sagrada guerra racial (*racial holy war*) não teve sucesso. Em dezembro de 1984, após 36 horas tentando escapar do FBI, Mathews foi finalmente capturado e morto em Whidbley Island. Segundo o *New York Times*, o FBI juntamente com outras agências governamentais, o *Bureau of Alcohol, Tobacco and Firearms* e o *Internal Revenue Service*, continuaram as investigações e a procura pelos demais integrantes do grupo, conseguindo prender ao longo de 1985 um total de 24 integrantes, acusados de roubo, falsificação e assassinato.⁶⁵⁶

Como podemos perceber, em meados da década de oitenta, o trabalho desenvolvido pela *National Alliance* desde 1974 começava a render frutos, talvez não exatamente nas

⁶⁵⁴ “Links of anti-semitic band provoke 6-State parley”. *The New York Times*. December 27, 1984. “Investigators have decided that the robberies, including one in California last spring in which a team raked a Brinks armored car with automatic weapons fire and escaped with \$3,6 million, were conducted to raise money for a war upon the United States Government, which the group calls ‘ZOG, or ‘Zionist Occupation Government’. The group was also involved in counterfeiting, both to raise money and to debase the currency, according to legal documents.”

⁶⁵⁵ RIDGEWAY, James. *Blood in the face*. New York: Thunder’s Mouth Press, 1995. p.109-113. DOBRATZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *White power, White pride: the White separatist movement in the United States*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000. p.190-193.

⁶⁵⁶ “Links of anti-semitic band provoke 6-State parley”. *The New York Times*. December 27, 1984.

proporções desejadas, mas já revelava uma ampla repercussão do trabalho de seus membros entre os círculos neofascistas nos EUA.

Especialmente destacada fora a atuação de William Pierce, líder e fundador da organização, por sua militância, vigorosa liderança e espírito inovador, participando ativamente das atividades da organização até bem próximo de sua morte em 2002. Mas sua trajetória política antecede em muito a *National Alliance*.

Nascido em 1933 em Christiansburg, Virgínia, o jovem William Luther Pierce III envolveu-se de forma mais ativa na política durante sua breve atuação como professor assistente na *Oregon State University* (1962-1965). Recém-doutorado em física pela Universidade do Colorado, Pierce iniciou a carreira acadêmica em tempos de grande agitação política, e dois movimentos em particular que se articulavam em seu *campus* chamaram sua atenção: articulações de apoio à expansão dos direitos civis e contra a guerra do Vietnã. Pierce os via como ameaças à perpetuação da raça branca, influenciados pelo comunismo e liderados principalmente por judeus.

Decidido a ingressar na luta política de forma mais organizada, ele, então, filiou-se no mesmo ano a *John Birch Society*. Sua atuação nesse aparelho não foi longa e não vendo seus interesses plenamente contemplados, desligou-se dele, integrando já em 1966 o *American Nazi Party* (AMP), liderado por George Lincoln Rockwell. Pierce tornou-se o editor do *National Socialist World*, periódico direcionado para a comunidade acadêmica produzido pelo partido, participando das atividades correntes do partido mesmo após o assassinato de Rockwell, em 1967, e da mudança de nome do partido para *National Socialist White People's Party* (NSWPP).⁶⁵⁷

A campanha em prol da candidatura de George Wallace à presidência dos EUA pelo *American Independent Party* (AIP), em 1968, foi um evento marcante na trajetória política de William Pierce. O futuro fundador da *National Alliance* trabalhou ativamente na campanha, atuando juntamente com Willis Carto (fundador do *Liberty Lobby*) na ala jovem de promoção da campanha ao candidato, a *Youth for Wallace*. Após o período das eleições e a subsequente derrota de Wallace, é formada a *National Youth Alliance* (NYA), organização abertamente inclinada a propostas de tipo neofascista e composta por muitos dos participantes da campanha em favor de Wallace. Lá estavam antigos companheiros que se tornariam figuras

⁶⁵⁷ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.59.

proeminentes na nova organização, William Pierce e Willis Carto, este último entrando com forte financiamento do *Liberty Lobby*. Afastando-se da sua origem político-partidária e não mais interessada em eleger representantes para a sociedade política, a *National Youth Alliance* planejava atuar mais diretamente junto à sociedade civil, perseguindo os ditos estudantes “radicais” e ativistas negros, empregando muitas vezes a violência física.⁶⁵⁸ Conflitos pela liderança entre Pierce e Carto trouxeram instabilidade e divisão à nascente organização, a qual em pouco tempo se desmembra.

A facção favorável a Pierce se reorganizou, então em 1974, com o nome de *National Alliance*, passando a advogar uma proposta educativa, apostando na não violência física e na construção de consciência aliando o tradicional trabalho de base à produção de variados materiais de mídia. Essa nova proposta de organização e atuação na sociedade liderada por William Pierce passou a investir fortemente na criação e distribuição em larga escala desses materiais, visando ganhar os corações e as almas dos ditos arianos nos EUA.

Como vimos no capítulo anterior, o trabalho de base não fora abandonado, apenas redirecionado das clássicas passeatas e comícios para a promoção de festivais variados e atividades em escolas e universidades, as quais iam desde a panfletagem e distribuição de material propagandístico a reuniões com estudantes para a apresentação das propostas da organização. Esses canais de atuação tornaram-se muito mais eficazes e atraentes com o desenvolvimento dos materiais de mídia. A produção dos quadrinhos e dos jogos de videogame, por exemplo, potencializou o alcance e a capacidade de mobilização do trabalho de base feito nas escolas. Mais do que novos membros, os integrantes da *National Alliance* procuravam conseguir novos aliados, novos adeptos de projeto de sociedade neofascista. A estratégia de conjugar trabalho de base com produção variada de mídia rendeu frutos, sendo a organização neofascista mais rastreada por entidades governamentais e privadas. Isso vem mostrar que, mesmo não defendendo o exercício da violência física direta, seu potencial gerador de violência e perigo social era grande.

A *National Alliance* encontrou uma fórmula inteligente e eficaz de promover violência sem promover violência. No capítulo três, vimos a repercussão das atividades de organizações neofascistas nos EUA; o impacto legal, político e social de sua violência física e simbólica em uma sociedade neoliberal. Neste capítulo, veremos como essa fórmula é

⁶⁵⁸ BERLET, C.; LYONS, M. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000.p.189.

transmitida no discurso produzido pela própria *National Alliance*. Com o avançar desta seção, deparar-nos-emos com um nível bastante alto de violência simbólica, presente no discurso textual, gráfico e sonoro dos materiais produzidos pela organização. Veremos também que ao final, a *National Alliance* não nega a necessidade imperial do uso da violência física direta para a concretização de seus objetivos finais.

Ao longo de nosso estudo para a elaboração desta tese, fomos capazes de perceber a profundidade e o esforço dedicados por William Pierce durante toda a sua trajetória de luta política para tentar tornar real um projeto de sociedade compatível com seus interesses e ideais. Assim, Pierce será neste trabalho também uma referência, sendo considerado como exemplo de intelectual orgânico atuante na *National Alliance*, representando as frações dos setores médios e da classe trabalhadora atraídas pelo projeto neofascista.

Gramsci pontua que todo o homem é intelectual na medida em que primeiramente “não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual” e finalmente no sentido em que “participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo.”⁶⁵⁹

Entretanto, nem todos desempenham a função de intelectual na sociedade. O intelectual, para além do desempenho de atividades de caráter intelectual, é aquele que desempenha no conjunto geral das relações sociais, trabalhando hegemônica ou contra-hegemonicamente. Ele pode ainda pertencer, segundo o autor, às categorias tradicional e orgânico, segundo o nível de estreitamento e conexões estabelecidas com uma classe ou fração de classe.

Assim, o intelectual tradicional é aquele caracterizado pelo distanciamento estabelecido entre si e quaisquer dos grupos sociais fundamentais existentes, permanecendo independente, encastelado e não estabelecendo, a princípio, compromisso com nenhum dos projetos políticos em conflito na sociedade.

O orgânico, ao contrário, participa ativamente e está comprometido diretamente com um dado projeto político representante dos interesses de frações dominantes ou dominadas. O intelectual orgânico é o funcionário do partido, ele é um dirigente. Trabalha constantemente elaborando e tornando coerentes, exatamente, os princípios, problemas, angústias e objetivos

⁶⁵⁹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p.52-53.

que os integrantes da respectiva fração colocam durante sua atividade prática. Durante esse processo, revela-se mais que um organizador da cultura, mas ao conduzir sua coletividade a uma concepção de vida superior, se destaca igualmente como produtor de novos intelectuais orgânicos. Essa relação entre intelectuais e os ditos simples, dominados pelo senso comum, passa invariavelmente pela política. É pelo binômio teoria/prática que o homem-massa, detentor de uma concepção de mundo desagregada e não coerente, em contato com o intelectual (que só o é em primeiro lugar porque já vivenciou tal processo, ou seja, já vivenciou a *catarsis*) supera o senso comum, critica sua própria concepção de mundo e dá início ao processo de “conhece-te a ti mesmo” ou *catarsis*⁶⁶⁰. O intelectual orgânico é um persuasor permanente em prol do movimento cultural desenvolvido pelo partido em dois sentidos. Primeiramente, por não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos das mais variadas formas. Repetição é, para Gramsci, o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular. Finalmente, ao trabalhar na formação de um número cada vez mais significativo de intelectuais orgânicos, surgidos diretamente da classe ou fração da qual são representantes.

William Pierce, além de autor do famoso romance *The Turner Diaries*, escreveu posteriormente um segundo romance com menor repercussão, intitulado *Hunter*. Pierce criou ainda uma religião chamada *Cosmotheism*, coordenava o programa de rádio semanal *American Dissident Voices*, gravou diversos filmes-documentários e participou algumas vezes do programa televisivo *Race and Reason* defendendo suas ideias e expondo as causas sustentadas pela organização. Mais que mero fundador, Pierce se tornou referência de liderança na organização e entre os neofacistas por sua dedicação, conjuntamente com o coletivo de membros, na construção e desenvolvimento do aparelho, trabalhando para a propagação da causa, participando de perto dos eventos, projetos e dos materiais de mídia desenvolvidos pela *National Alliance*.

Oficialmente fundada a nova organização, os recém-dissidentes da *National Youth Alliance* não perderam tempo e procuraram colocar logo em prática sua proposta política, distribuindo panfletos e folhetos pelas ruas de Washington. Começaram também, já em 1975, a produzir e vender dois pequenos periódicos na forma de tabloide, intitulados *Attack!* e o ainda tímido *National Vanguard*, o qual num futuro não muito distante se tornaria a revista

⁶⁶⁰ GRAMSCI, Antonio. (vol. 1, 2004). op.cit. p. 94.

mais importante da *National Alliance*. Ao final dessa mesma década, a organização adentrou o ramo editorial, publicando e distribuindo livros e periódicos, incluindo a própria *National Vanguard*, que de alguma forma contribuísem para a conscientização e informação de seu público-alvo. É igualmente por essa editora, a *National Vanguard Books*, que é impressa a primeira edição de *The Turner Diaries*. Conforme informa a página da *National Vanguard Books*, o livro é na verdade uma compilação de uma história ficcional, escrita originalmente na forma de uma série dividida em 28 partes publicadas na *Attack!* e na *National Vanguard* entre os anos 1975 e 1978. A primeira edição na forma de livro é lançada em maio de 1978, contendo ainda os 56 desenhos originais que ilustravam a série.⁶⁶¹

Basicamente, os esforços de divulgação da *National Alliance* até o princípio da década de 1990 se concentraram na produção e distribuição de material impresso, escrito e/ou ilustrado. A partir dessa década a organização inicia a produção e divulgação de mídia em formato áudio e audiovisual. O conjunto de mídia impressa pode ser dividido em dois grupos básicos, sendo o primeiro composto pelos escritos ficcionais, no caso *The Turner Diaries* e *Hunter*, e o segundo pelos escritos e ilustrações políticas de caráter não ficcional.

Com respeito à literatura, uma dentre tantas formas de expressão cultural, procuraremos destacar sua importância como fonte reveladora do contexto em que foi produzida. A cultura, neste caso específico o universo ficcional da literatura, é especialmente rica e interage de forma dinâmica com as realidades e contextos sociais vividos, sendo concomitantemente produto e produtora deles. Em seu livro *Cultura*, Raymond Williams nos alerta para esse caráter complexo e dialético das expressões culturais, buscando enfatizar que, do mesmo modo que a prática cultural e a produção cultural “não procedem apenas de uma ordem social diversamente constituída, mas são elementos importantes em sua constituição”, não podemos deixar de vê-las também como um “sistema de significações mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada.”⁶⁶²

Podemos até mesmo dizer que este primeiro conjunto de documentos produzido em meados dos anos 1970, contendo elementos de expressão cultural e política, é fruto de uma época, produto representante de um dado contexto, o qual foi apresentado no capítulo dois. Um contexto conturbado, de conquistas principalmente no campo das liberdades civis e da

⁶⁶¹ National Vanguard Books. www.natvanbooks.com/cgi-bin/webc.cgi/st_prod.html?p_prodid=179&p_catid=8

⁶⁶² WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.12-13.

diversidade social, mas também de riquíssimas articulações políticas em torno de novos projetos para a sociedade norte-americana por parte dos diversos setores da oposição. Um contexto de avanços tecnológicos, mas também preocupante em termos de relações de trabalho cada vez mais flexíveis. Além de fruto de uma época, o pensamento exposto nesses documentos são também produtores, contribuintes importantes para a conformação desse mesmo contexto, posto que dialogam e participam da construção dessa mesma época. Fração da oposição, a *National Alliance* não tardou em expressar e materializar suas críticas à ordem corrente e difundir seu projeto alternativo de sociedade em seus materiais de mídia.

O romance em forma de diário se passa em um futuro próximo (em relação à época em que fora escrito). O ano é 1991, e Earl Turner, autor do diário e herói da trama, nos conta sobre o processo revolucionário que levaria à constituição de um “mundo branco”. É interessante notar, antes mesmo de adentrarmos mais profundamente na análise, a escolha do autor em dar a forma de diário a seu romance. A linguagem do diário aproxima o leitor do narrador ficcional. Earl Truner escreve um diário, um livro pessoal, ele escreve supostamente apenas para si e, exatamente como só e unicamente para si, lá coloca sem reservas ou ressalvas todos os seus pensamentos, suas angústias, decepções e medos, seus planos e esperanças. Turner é um jovem militante, escrevendo, por um impulso de uma noite insone, um diário em meio a um processo político fervilhante. Logo no primeiro parágrafo, percebemos o entusiasmo e a sensação de euforia na qual está mergulhado o personagem. Assim é iniciado o livro:

Hoje finalmente começou! Depois de todos esses anos de falação e nada além de falação, nós finalmente desencadeamos nossa primeira ação. Nós estamos em guerra com o sistema, e não é mais uma guerra de palavras.⁶⁶³

Ao nos depararmos com texto tão íntimo, sentimo-nos mais próximos do jovem narrador, como se ele estivesse falando especialmente a nós, revelando-nos tudo. A relação se torna ainda mais estreita dada a preocupação de Pierce, um homem de pouco mais de 40 anos, de construir um personagem jovem e efetivamente conseguir escrever de forma a expressar-se como um.

Já há alguns anos militando na *Organization*, Earl Turner é apresentado no livro como um personagem de opiniões firmes, um ativista comprometido e que pelo menos por esses

⁶⁶³ MACDONALD, Andrew. op.cit. p.1. “*Today it finally began! After of these years of talking and nothing but talking we have finally taken our first action. We are at war with the System, and it is no longer a war of words.*”

anos dedica sua vida à luta diária pela causa. A participação, pertencer ao movimento o move, lhe dá forças para continuar, mesmo quando os resultados não são os esperados e obstáculos se apresentam. Mas nem por isso o jovem personagem deixa de se exaltar, ter momentos de impaciência ou hesita em formular duras críticas sobre a realidade vivida.

A corrupção do nosso povo pela praga judaico-liberal-democrático-igualitária que nos aflige é mais claramente manifestada na nossa permissividade, na nossa recusa em reconhecer as realidades mais difíceis da vida, mais do que qualquer coisa. Liberalismo é uma visão de mundo essencialmente feminina, submissa. (...) É a visão de mundo de homens que não têm a resistência moral, a força espiritual para levantarem-se e iniciarem um único combate; que não conseguem se ajustar à realidade de que o mundo não é uma enorme e estofada creche colorida, na qual leões deitam-se junto a cordeiros e vivem felizes para sempre. (...) Esta é uma abordagem estranha, essencialmente oriental da vida, a visão de mundo de escravos ao invés daquela dos homens livres do Ocidente.⁶⁶⁴

Através dos pensamentos, angústias e desilusões do jovem Turner, Pierce expressa suas próprias críticas e angústias. Diversas questões são colocadas e ainda que nesse momento trabalhadas em pouca profundidade, talvez mesmo para não comprometer o dinamismo da trama, podemos, pelo cruzamento com outros materiais, identificar o estilo pessoal de Pierce neste trecho em particular. Nele, o autor parece relaxar momentaneamente em seu esforço de dar linguagem própria ao personagem e acaba se revelando. Como iremos perceber na análise de outros materiais, nos quais ele imputa sua própria voz, Pierce gosta de frases longas, de sinônimos e adjetivos. É detalhista, fazendo correntemente uso de exemplos e metáforas, de modo a esclarecer a questão e não restarem dúvidas por parte dos ouvintes, leitores ou espectadores. Tal modo de se expressar, verificado no trecho, difere sensivelmente da maioria dos discursos do personagem Earl Turner ao longo do romance.

As questões expostas no trecho serão intensamente trabalhadas pela *National Alliance* em outros materiais produzidos ao longo do desenvolvimento da organização. As críticas a uma sociedade tida como demasiado “liberal”, demasiado protetora e demasiado compreensiva frequentemente aparecerão sob uma caracterização feminina, como uma mãe que protege, guarda e é condescendente com seus filhos e até com filhos alheios. A associação materna carrega uma conotação negativa, pois a mãe excessivamente tolerante não prepara

⁶⁶⁴ Idem. p.26. “*The corruption of our people by the Jewish-liberal-democratic-equalitarian plague which afflicts us is more clearly in our soft-mindedness, our unwillingness to recognize, than in anything else. Liberalism is an essentially feminine, submissive worldview. (...) It is the world view of men who do not have the moral toughness, the spiritual strength to stand up and do single combat with life, who cannot adjust to the reality that the world is not a huge pink-and-blue, padded nursery in which the lions lie down with the lambs and everyone lives happily ever after. (...) That is an alien, essentially Oriental approach to life, the world view of slaves rather than of the free men of the West.*”

seus filhos para a dura realidade do mundo. Logo, os filhos da “América” seriam hoje uns fracos, sujeitos afeminados em seu caráter.

Como perceberemos de forma mais clara adiante, essa perspectiva estará ligada a um certo tipo de darwinismo social, no qual o mais forte sobrevive, e o mais fraco é gradativamente eliminado pela natureza. Esse é um elemento particularmente forte no imaginário norte-americano, no qual o fracasso é comumente visto como falta de esforço, desistência ou falta de espírito empreendedor, como se alguns simplesmente não tivessem nascido para vencer. Assim, muitas vezes, a falta de oportunidade ou empecilhos impostos pelas realidades estruturais são facilmente obscurecidos por designos como *loser* [fracassado, perdedor] ou *quiter* [aquele que desiste].

A alegação de corrupção indicada no trecho será outro tema bastante corrente e com frequência também poderemos observar uma ligação com o debate anterior da feminização. Segundo Turner, a corrupção é fruto de uma praga em particular. Não bastasse a carga negativa do termo praga, notamos ainda que ele se associa a uma série de adjetivos, os quais caracterizam a praga. É uma praga judaica, “liberal”, democrática e igualitária. Ideias conspiracionistas envolvendo os judeus parecem embasar-se em uma associação bastante comum entre antissemitas e muitos fascistas, qual seja, o judeu e propostas libertárias, democráticas e/ou igualitárias.

Desde o século XIX, podemos observar uma mudança significativa na forma de se representar o judeu. Jacob Fries, em 1816, substituiu as noções elaboradas sobre os judeus no campo da teologia por uma perspectiva social e política que destacava o caráter moral degradante de um grupo inclinado a minar a ordem da sociedade, “tomando dos alemães” o controle do país. Os judeus passavam a ser vistos não mais como um mero grupo religioso, mas como uma associação política voltada para a dominação de uma dada região.

Tempos depois, Alfred Rosenberg, ideólogo que influenciou profundamente Hitler, popularizou a associação entre judeus e ideologias socialistas ou comunistas na expressão “bolchevismo judaico”.⁶⁶⁵ A ideia conspiratória da dominação judaica de certas regiões do mundo se daria, então, por meio da promoção de ideologias desse tipo, corrompendo e manipulando os povos dos países onde estivessem radicados, ocupando posições de poder em

⁶⁶⁵ KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. GOLDHAGEN, Daniel. *Os carrascos voluntários de Hitler*. São Paulo: Cia da letras, 2002.

diversas instâncias da sociedade e, ao mesmo tempo, fazendo com que os não judeus desenvolvessem políticas de seu interesse.

Nos EUA, quem popularizou a tese do bolchevismo judaico foi Henry Ford, o ícone norte-americano da indústria automobilística no mundo. Financiando e coordenando um periódico de circulação de porte considerável (aproximadamente 600 mil exemplares), o *Dearborn Independent*, Ford fora, assim, o nome responsável pela publicação dos Protocolos dos sábios do Sião em inglês e do famoso *The International Jew: the world's foremost problem*, este último vendendo mais de meio milhão de cópias e traduzido para 16 línguas diferentes. O *Dearborn Independent* ao longo dos anos de 1920 e 1927 lançou também uma série de artigos “acusando os judeus de utilizarem o comunismo, o sistema bancário, os sindicatos, o álcool, o jogo de apostas, o jazz, os jornais e o cinema para atacar e enfraquecer a América, sua cultura e seu povo.”⁶⁶⁶

Ideais conspiratórios parecem ainda se alimentar das próprias tragédias ocorridas com o povo judeu através dos tempos. Recentemente, isso pode ser observado no crescimento de expressões revisionistas, negando ou contestando a veracidade e real existência do Holocausto e dos campos de extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O *Institute for Historical Review*, fundado por Willis Carto em 1978, fora exatamente criado para tentar angariar algum tipo de aceitação e respaldo acadêmico para esses revisionistas adeptos do Holocausto como a grande farsa do século XX. De acordo com o Instituto, expor a “verdade” sobre o Holocausto também expõe o grupo secreto que controla grande parte da força militar e da política externa norte-americana.⁶⁶⁷ E em seu esforço de expor “a grande farsa”, o Instituto publica um periódico em moldes acadêmicos, o *Journal of Historical Review*, e organiza e patrocina encontros anuais, muitas vezes sediados em universidades.

A *National Alliance* afirma não negar o Holocausto completamente, afirma inclusive acreditar ser verdade a morte em massa de judeus por alemães. Contudo, contesta, os detalhes, como é expresso num dos programas de rádio, os números que chegam às casas de milhões, às câmaras de gás e a crueldade monstruosa dos nazistas.

Então eu sei que algo aconteceu com os judeus na Europa tanto antes quanto durante a Segunda Guerra Mundial, e se quiserem chamar esse algo de “Holocausto”, por

⁶⁶⁶ LIPSET, Deborah E. *Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory*. London: Penguin, 1994. p.37. “...accusing Jews of utilizing communism, banking, labor unions, alcohol, gambling, jazz music, newspapers and the movies to attack and weaken America, its culture and people.”

⁶⁶⁷ Idem.p143.

mim tudo bem. Eu não nego que algo realmente aconteceu. Eu não nego que houve um ‘Holocausto’. Eu só estou interessado em checar os detalhes, em checar os fatos. Mas, assim que eu ou qualquer outro o faz, nós somos chamados de negadores do Holocausto.⁶⁶⁸

O responsável pela locução desse programa em particular é William Pierce. Como em outros materiais produzidos pela organização, nos quais ele é o responsável pelo texto, rapidamente identificamos seu estilo. A Pierce não basta dizer que não nega o Holocausto, ele se preocupa em deixar sua alegação o mais clara possível e de modo a chamar a atenção do ouvinte. Assim, costuma usar frases curtas, que causem impacto, muitas vezes repetindo os inícios, como em “Eu não nego...”, ou os verbos, como em checar detalhes, checar fatos, para dar um tom de continuidade enquanto se explica e acrescenta detalhes. Usa também, muitas vezes, um tom professoral, mas não aquele professor que instiga um debate e coloca questões mais do que responde, e sim aquele que calma e serenamente esclarece, traz a luz e indica o caminho aos que não podem ver. No trecho a seguir podemos notar como Pierce “descobre” uma série de coisas, desvenda polêmicas e transmite a seus ouvintes “toda a verdade”. Em momento algum ele revela como descobriu tudo isso, o que leu ou com quem falou. Exceto por uma rápida menção ao *Institute for Historical Review*, ficamos sem saber a base de todo esse conhecimento, que parece tão detalhado e extenso.

Eu descobri que muitos judeus simplesmente morreram devido às condições existentes perto do fim da guerra, quando a desnutrição e a doença se faziam implacáveis nos campos-prisões. Eu descobri que o número total de judeus que foram mortos e que morreram de doença foi substancialmente menor que os seis milhões, afirmado pelos propagandistas judeus. Mais importante, eu descobri que muitas mentiras foram contadas sobre o que aconteceu durante o ‘Holocausto’. Eu descobri que a maioria dos contos sobre as câmaras de gás não era verdadeira. Eu descobri que sequer uma das histórias sobre estourar os miolos de bebês ou atirar crianças de prédios ou atirar em prisioneiros com rifles de caça por esporte, a la Lista de Schindler, puderam ser comprovados e que eram todos quase certamente falsos.⁶⁶⁹

⁶⁶⁸ National Alliance. Thoughts on the Holocaust. American Dissident Voices. 8 February 1997. “*So I know that something did happen to the Jews in Europe both before and during the Second World War, and if they want to call that something a ‘Holocaust’, that’s all right with me. I don’t deny that something did happen. I don’t deny that there was a ‘Holocaust’. I’m just interested in checking the details, in checking the facts. But as soon as I or anyone else does that, we’re called ‘Holocaust deniers’.*”

⁶⁶⁹ Idem. “*I discovered that many more Jews simply died under the conditions that existed toward the end of the war, when malnutrition and disease were rampant in the prison camps. I discovered that the total number of Jews who were killed and who died of disease was substantially less than the six million claimed by the Jewish propagandists. Most Important, I discovered that a great many lies had been told about what happened during the ‘Holocaust’. I discovered that most of the tales about gas chambers (...) were not true. I discovered that not a single one of the stories about bashing out babies’ brains or throwing children off buildings or shooting prisoners with hunting rifles for sport, a la Schindler’s List, could be substantiated, and that they were all almost certainly false.*”

A perspectiva maniqueísta presente na caracterização do judeu se presta a transformá-lo em bode expiatório, demônio, praga que infecta e corrompe o Ocidente, feminizando-o. Hipóteses conspiracionistas obscurecem realidades mais profundas e complexas, simplificando toda uma análise estrutural e conjuntural acerca do racismo, das mudanças dos valores culturais e morais e da precarização das condições de vida na sociedade norte-americana daquela época, como hoje em dia. Além disso, análises desse tipo tendem a tratar os elementos não judeus como massa de manobra, seres sem consciência ou que têm em mente apenas seus interesses imediatos. “A praga judaico-liberal-democrático-igualitária se difundiu por toda a nossa sociedade. Até mesmo aqueles que não aceitam conscientemente as doutrinas “liberais” foram corrompidos por elas”.⁶⁷⁰ Mais absurdo ainda parece a imagem dos judeus como grandes advogados de doutrinas igualitárias ou socialistas.

Absurdo ou não, o fato é que as reformas implementadas pelo Partido Democrata e mesmo seus cada vez mais parcos resquícios no atual contexto do neoliberalismo foram e são ainda hoje interpretados por muitos neofascistas como perigosos caminhos rumo ao socialismo ou comunismo. Quando este fascismo vem acompanhado de elementos de racismo e antissemitismo, o mito do bolchevismo-judaico torna-se demasiadamente atrativo.

E atrativo foi para Earl Turner, herói do romance de Pierce, que destina os últimos dois anos de sua vida totalmente à militância na *Organization* em prol da dita “revolução branca”. Sua dedicação e os êxitos de sua Unidade em diversas missões fazem ainda com que ele seja escolhido para integrar o grupo de elite *Order*, em cujo âmbito são escolhidos os líderes da *Organization*. Ao final do diário, contudo, Earl Turner não se torna líder, nem se casa com sua namorada Katherine, mas ainda assim sua saída é triunfante. Em sua missão final, num atentado com um avião-bomba ao Pentágono, o herói perde a vida. Porém, como típica tragédia moderna, não perde a luta completamente. Seus ideais, sua trajetória, as lições deixadas permanecem. A ação trágica não é aquilo que acontece ao herói, mas sim o que acontece por meio do herói.⁶⁷¹ O herói se immortaliza em um senso de virtudes abstratas a serem senão seguidas, admiradas. No epílogo, Pierce não deixa de fazer as honras a seu herói.

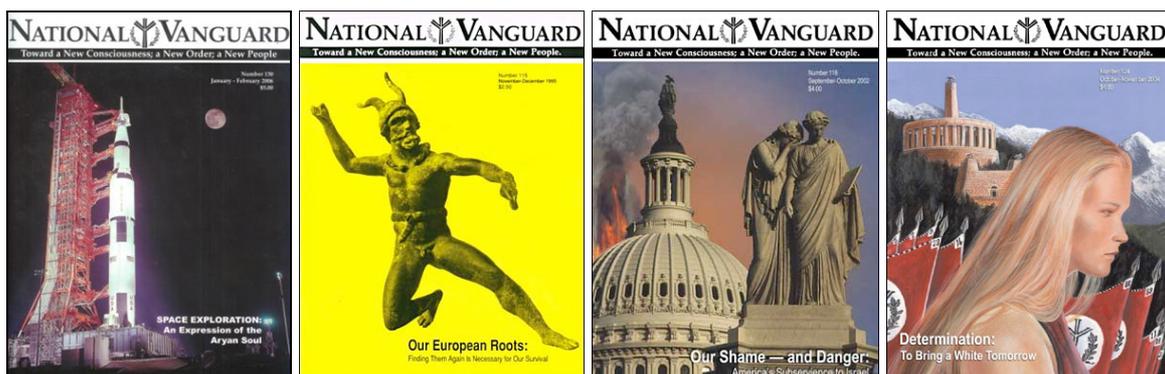
⁶⁷⁰ MACDONALD, op.cit. p.26.

⁶⁷¹ WILLIAMS, Raymond. *Tragédia Moderna*. São Paulo: Cosac&Nasif, 2002.

Assim terminam os diários de Earl Turner, tão despretensiosamente como começaram. Sua missão final obteve sucesso, é claro, como somos todos lembrados a cada ano em nove de novembro - nosso tradicional dia dos mártires.⁶⁷²

Earl Turner se faz mártir e seu diário ganha posteridade nas mãos do companheiro de luta Bill, cabendo a este último a tarefa de guardá-lo em lugar seguro para que no futuro este se immortalize assim como seu autor.

O romance, ainda que de modo ficcional, nos apresenta pela voz de Earl Turner, um leque de temas, muitos dos quais também se farão presentes nos escritos não ficcionais da mesma época. Na página da *web* da *National Alliance*, estão disponíveis para consulta gratuita alguns volumes da *National Vanguard* e também alguns artigos selecionados do tempo em que a revista ainda tinha o formato de tabloide. Abaixo reproduzimos algumas capas da *National Vanguard* de modo a ilustrar a análise subsequente.



673

A revista, assim como em certa medida também o tabloide, contém artigos sobre temas variados, muitas vezes se reportando e trazendo críticas a acontecimentos da época, editoriais, cartas de leitores, e resenhas de livros e filmes. As capas trazem diagramação padronizada, de forma a dar uma identidade aos volumes, e também bastante tradicional, sem maiores ousadias da parte gráfica. O título da revista aparece na parte superior em caixa alta e fonte preta sob um fundo branco. Entre as palavras *National* e *Vanguard* podemos ver ilustrado o símbolo na *National Alliance*, um anagrama rúnico representando a vida, igualmente em preto. Logo abaixo, escrito sob fundo negro, vemos o lema da organização: “Em direção a

⁶⁷² MACDONALD, op.cit. p.125. “Thus end Earl Turner’s diaries, as unpretentiously as they began. His final mission was successful, of course, as we all are reminded each year on November 9 – our traditional Day of the Martyrs.”

⁶⁷³ National Alliance. National Vanguard. N°130, 115, 118, 124. <http://www.natall.com/national-vanguard/> Página acessada em 26 de Dezembro de 2011.

uma nova consciência; uma nova ordem; um novo povo”. Em seguida, temos finalmente a ilustração principal. Ela retrata, na maioria dos volumes, cenas que remetem à cultura ocidental, seja pela arte renascentista ou pela arquitetura neoclássica, ou pelas esculturas greco-romanas, ou mesmo pelas belas fotos de foguetes e do espaço sideral. O primeiro plano da ilustração principal aparece sempre centralizado, com raras exceções; o número e o volume da revista vêm em detalhe na parte superior direita com fontes discretas, e, na parte inferior, a temática central. Esta imagem domina a parte gráfica da capa, não apenas por trazer o primeiro plano na posição central, mas também pelo fato de aparecer sangrando, imponente. Afora a opção por imagem sangrando⁶⁷⁴, a capa não apresenta maiores atrativos ou toques furtivos ao olhar. A escolha por tal diagramação concede um ar tradicional, “bem comportado” e organizado à revista. O domínio da ilustração principal, com pouquíssimas informações escritas e a ausência de propagandas, confere aspecto *clean* e que, aliado às características da figura exposta, acaba por reforçar as ideias de organização, ordem e retidão.

O número 53, do ano de 1977, traz um artigo intitulado “*General Patton’s warning*” dedicado à memória do general George Patton, comandante durante a Segunda Guerra Mundial, preocupado com o avanço das forças soviéticas sobre a Europa logo após a rendição alemã. O artigo faz uso de escritos deixados pelo próprio Patton em um diário, do qual são extraídos vários trechos usados na matéria.

Desde já é interessante notar não apenas os conteúdos dos trechos, mas como esses são usados para corroborar os argumentos e direcionamentos políticos da organização. Isso porque “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu digno de chegar até o público.” É preciso que tenhamos em mente “as motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa.”⁶⁷⁵

Devemos atentar, então, para os interesses do tabloide em divulgar a esse diário - publicado com título de *Patton Papers* - em especial e não a outro, fazer dele notícia.

Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.⁶⁷⁶

⁶⁷⁴ Jargão usual em comunicação gráfica, referindo-se à impressão de fotografia sem margem ou bordas.

⁶⁷⁵ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.p. 139.

⁶⁷⁶ Idem.p.140.

O *Patton Papers* não deu origem a uma nota de recomendação, nem a uma resenha, mas a um artigo, uma matéria completa com comentários exaltando as qualidades militares e políticas de seu autor. A propaganda do livro é um objetivo indireto, secundário. A principal finalidade, a nosso ver, fora usar algumas informações nele contidas para fortalecer e embasar algumas crenças da própria *National Alliance*. No correr do artigo, a revista não apenas exalta sua imagem, mas o coloca como único ser esclarecido e capaz de ver o perigo por detrás das operações de reconstrução e restituição da paz na Europa. O general escreve em julho de 1945: ““Berlim me entristeceu. Nós destruímos o que poderia ter sido uma boa raça e nós estamos prestes a trocá-los por selvagens mongóis. E toda a Europa será comunista.””⁶⁷⁷ Pouco mais de um mês depois, volta a condenar a ação norte-americana em se aliar aos russos. ““Na verdade, os alemães são o único povo decente que sobrou na Europa. É uma escolha entre eles e os russos. Eu prefiro os alemães. O que nós estamos fazendo é destruir o único Estado semimoderno na Europa para que a Rússia possa dragar tudo.””⁶⁷⁸

O anticomunismo se mostra latente nas palavras de Patton. Mas ele revela mais que isso. Revela seu racismo, ao caracterizar os soviéticos como selvagens mongóis. Revela também sua admiração pela forma autoritária de governo instituída pelos alemães, o fascismo, não hesitando em classificar a Alemanha nazista como “único Estado semi-moderno”. Russos e norte-americanos, contudo, não seriam os únicos empenhados em dar fim ao “único Estado semimoderno”. Há ainda um outro grupo social duramente criticado no diário de Patton e que a revista ajuda a corroborar: os judeus. Para Patton os judeus

“ “...são piores que animais. (...) Esse povo não entende [para que servem] os vasos sanitários e se recusam a usá-los a não ser como repositórios de latas, lixo (...) Há uma influência semita claramente aparente na imprensa. Eles estão tentando fazer duas coisas: primeiro, implementar o comunismo e, segundo, garantir que todos os empresários de ascendência alemã e antecedentes não judaicos sejam despejados de seus empregos.” ”⁶⁷⁹

⁶⁷⁷ National Alliance. “General Patton’s Warning”. National Vanguard Tabloid. nº 53, 1977. www.natvan.com/national-vanguard/assorted/patton.html “ ‘Berlin gave me the blues. We have destroyed what could have been a good race, and we are about to replace them with Mongolian savages. And all Europe will be communist.’ ”

⁶⁷⁸ Idem. “ ‘Actually, the Germans are the only decent people left in Europe. it's a choice between them and the Russians. I prefer the Germans.' ” And on September 2: “What we are doing is to destroy the only semi-modern state in Europe, so that Russia can swallow the whole.’ ”

⁶⁷⁹ Idem. ibidem. “ ‘are lower than animals (...) these people do not understand toilets and refuse to use them except as repositories for tin cans, garbage... There is a very apparent Semitic influence in the press. They are trying to do two things: first, implement communism, and second, see that all businessmen of German ancestry and non-Jewish antecedents are thrown out of their jobs.’ ”

Pelos trechos destacados, podemos perceber primeiramente o asco e ódio de Patton pelos judeus e, em seguida, traços de sua crença na tese conspiratória do bolchevismo-judaico. Os judeus são sujos, um povo porco e selvagem que sequer é capaz de usar privadas para suas necessidades. Seus interesses não poderiam ser mais sórdidos. Estariam empenhados em destruir a Alemanha, implementando ao lado dos russos o comunismo, roubando seus empregos e dominando a imprensa.

Patton escreveu em 1945, o artigo saiu pelo *National Vanguard Tabloid* em 1977, mas se avançarmos um pouco no tempo até a década de 1990, deparamo-nos com argumentos bastante parecidos. O editorial do número 115 da *National Vanguard Magazine* trouxe logo na primeira página a denúncia de que os esforços dos judeus “estiveram sempre direcionados não apenas no sentido de imprimir poder aos não brancos e aos pervertidos, mas também no sentido de alienar mais homens e mulheres brancos quanto possível de sua própria raça.”⁶⁸⁰

Se atentarmos com cuidado para alguns detalhes, veremos que mesmo esse curto extrato contém elementos muito ricos para a análise do seu conteúdo ideológico. A escolha das palavras pelo autor é de grande relevância e nos ajudam a perceber os pormenores da visão de mundo daqueles que integram a *National Alliance*. Ao dizer que os judeus trabalharam para “imprimir poder aos não brancos e aos pervertidos” notamos que, segundo a revista, o poder não é uma conquista, não resulta do conflito entre os diversos grupos sociais, mas é algo dado, concedido, ainda que no caso haja segundas intenções. Tal discurso implica um total desprezo pelas lutas históricas daqueles classificados como “não brancos” e “pervertidos” por respeito, direitos e maior representação política. Ao mesmo tempo, atribui aos judeus um poder e uma competência política extraordinários. É igualmente curioso o fato de a organização sequer se preocupar em desvendar de onde adviria esse poder, de forma a compreender mais profundamente um projeto, cuja essência muitas vezes parece naturalizada.

Na continuação, ele afirma ainda que um segundo objetivo dos judeus seria alienar os brancos de sua raça, ou seja, fazer com que estes não se orgulhem ou não vejam maior importância no fato de serem brancos, o que destruiria qualquer possibilidade de se construir uma identidade para esse coletivo. A preocupação em se construir uma identidade racial, agregando um coletivo orgulhoso desta característica em particular e empenhado em lutar

⁶⁸⁰ National Alliance. “Dividing the race”. National Vanguard Magazine. N^o 115. November-December, 1995. www.natvan.com/national-vanguard/115/dividing.html “..their efforts have been directed not only toward empowering the non-Whites and the perverts but also toward alienating as many White men and women from their own race as possible.”

para preservá-la, será então uma parte importante da constituição do projeto fascista da *National Alliance*. Os judeus buscariam sordidamente impedir a formação desse coletivo pela promoção de uma identidade coletiva distinta, primando por uma prédica democratizante, na qual todos seriam considerados iguais perante a lei, tendo os mesmos direitos e deveres. Esse projeto, como notamos desde o romance, será identificado como comunista. O bolchevismo judaico, entretanto, não seria o único obstáculo a ser enfrentado no caminho pela construção de um coletivismo branco. O individualismo demasiadamente difundido na sociedade contemporânea, posto que especialmente caro a sociedades de conformação política (neo) liberal, e abraçado por muitos brancos, constituiria uma outra barreira a ser transposta.

Em 1996, a *National Vanguard* publicou um artigo escrito pelo próprio Pierce, no qual ele remonta um antigo debate com Robert Welch, fundador da *John Birch Society*, sobre as diferenças entre coletivismo e anticomunismo.

Hoje, com o comunismo diminuído à irrelevância na maioria dos lugares, o grande inimigo da *Birch Society* tem sido o “coletivismo” generalizado. Comunismo é uma forma de coletivismo, assim como é qualquer forma de socialismo - incluindo, em especial, o nacional-socialismo. Racismo e antissemitismo também são formas de coletivismo. De maneira geral, qualquer forma de “ismo” que peça que o indivíduo dedique lealdade a uma entidade coletiva ou que lide com outros indivíduos coletivamente é coletivismo e, de acordo com os adeptos da *Birch Society*, o maior de todos os males. A seus olhos, coletivismo é a feição preeminente que distingue a esquerda, enquanto o individualismo caracteriza a direita.⁶⁸¹

O debate travado entre os dois líderes revela primeira e evidentemente a multiplicidade de projetos dentro do campo do conservadorismo. O coletivismo, tão temido pelos adeptos da *Birch Society*, não constitui necessariamente um mal aos olhos da *National Alliance*. Por mais que ao final ambas as organizações - *John Birch Society* e *National Alliance* - advoguem abertamente anticomunismo, seus projetos de sociedade são distintos. O individualismo fortemente presente na perspectiva da *John Birch Society* vem de encontro a uma das características essenciais do fascismo, o senso de comunidade, a coletividade mitificada seja na raça –a exemplo do fascismo alemão e norte-americano- ou na nacionalidade –a exemplo do fascismo italiano. O coletivo em torno da raça, o cuidado com

⁶⁸¹ National Alliance. Enemies on the Right: the John Birch Society and Individualism. National Vanguard Magazine. Nº116. August-September, 1996. <http://www.natvan.com/national-vanguard/116/birch.html> “Today, with Communism receding into irrelevance in most places, the great enemy of the Birch Society has been generalized to “collectivism.” Communism is a form of collectivism, as is any brand of socialism—including, especially, National Socialism. Racism and anti-Semitism also are forms of collectivism. In general, any “ism” which asks the individual to give his loyalty to a collective entity or which deals with other individuals collectively is collectivism and, according to the Birchers, is the greatest of all evils. In their eyes collectivism is the preeminent distinguishing feature of the left, whereas individualism characterizes the right.”

sua preservação, a luta pelo seu avanço e em nome de sua glória é incompatível com projetos de cunho individualista como o liberal.

Historicamente, podemos perceber que o liberalismo e o individualismo em particular são componentes importantes na construção dos EUA. Ideais empreendedores como o do “*self made man*” (aquele que veio do nada e obtém sucesso por si mesmo) e do “*do it yourself*” (faça você mesmo) são originários dos EUA. A Carta de Direitos, documento que contém as primeiras dez emendas introduzidas na Constituição dos Estados Unidos em 1789, foi escrita e ratificada exatamente com o intento de salvaguardar os direitos do indivíduo, do cidadão contra possíveis atos de opressão ou tirania por parte das instâncias governamentais ou das maiorias populares.⁶⁸² Tal aspecto em especial nos ajuda a entender porque projetos fascistas nunca tiveram forte apelo em solo norte-americano e o porquê das atuais divergências e críticas dos neofascistas às presentes administrações neoliberais.

Parte dessa doença está relacionada ao dismantelamento no senso de comunidade, o senso de família, de pertencimento, de enraizamento, o qual costumava caracterizar americanos brancos, e a sua substituição pelo extremo individualismo. 50 ou 60 anos atrás, os americanos costumavam se identificar fortemente com sua comunidade, com seu grupo étnico, com sua raça. Eles sentiam um senso de responsabilidade por outros iguais a sua volta. Nós éramos como uma grande e extensa família. Agora muitas pessoas estão voltando para o individualismo, preocupando-se apenas com seus próprios prazeres e interesses.⁶⁸³

Ainda com relação ao pequeno trecho do editorial, pensar que um suposto coletivo possa ser alienado em massa implica também pensar os homens como marionetes, seres facilmente manipuláveis, incapazes de interpretar uma dada realidade e tomarem suas próprias posições. Esse último ponto talvez fique mais claro se nos voltarmos para alguns artigos, nos quais o alerta alardeado no editorial fora mais bem desenvolvido.

Nós sabemos que existem muitas pessoas na América hoje, as quais estão relacionadas a nós por sangue, mas que caíram completamente sob o feitiço daqueles cujo objetivo é nos destruir. Nós sabemos que as pessoas enfeitiçadas por nossos inimigos acreditam que professores devam ser forçados a ensinar que o homossexualismo é um estilo de vida normal e saudável. Eles acreditam que a história deve ser falsificada nas escolas, de forma a evitar magoar aquelas raças cuja história é menos rica que a nossa. (...) Eles gostariam de ver mais mexicanos nesse país, mais negros, mais casais inter-raciais, mais shows de *rap*, mais muvuca e

⁶⁸² BRANT, Irving. *The Bill of Rights: its origin and meaning*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1965. p.3.

⁶⁸³ National Alliance. The morality of the immigration problem. National Dissident Voices. 14 June 1997. “*Part of this pathology is related to the breakdown in the sense of community, the sense of family, of belonging, of rootedness, which used to characterize white Americans and its replacement by extreme individualism. Fifty or sixty years ago Americans used to identify very strongly with their community, with their ethnic group, with their race. They felt a sense of responsibility for others of their own kind around them. We were like a large, extended family. Now too many people are retreating into individualism, caring only about their own pleasures and their own interests.*”

sujeira e diversidade. (...) Eles se tornaram espiritualmente escravizados pelos controladores da mídia e eles gostariam de nos escravizar também. (...) Nós devemos desafiar os judeus de Hollywood, nós devemos desafiar o governo, nós devemos desafiar aqueles de nosso próprio povo que foram corrompidos por eles.⁶⁸⁴

Logo, os árbitros da moda em Hollywood e Nova York, os quais usaram o cinema e a televisão para colocar a mistura de raças na última moda também fizeram o feminismo moda entre as mulheres brancas. A loucura já foi tão longe hoje em dia que números substanciais de outrora mulheres brancas heterossexuais normais se deixaram ser persuadidas de que elas não apenas podem ser pilotos de combate ou bombeiras tão capazes quanto os homens, mas de que somente mulheres realmente sabem como dar satisfação sexual a mulheres.⁶⁸⁵

Nesses trechos um pouco mais completos podemos ver mais claramente como a *National Alliance* entende e trata os brancos que por ventura não compartilhem de sua visão de mundo. Esses são encarados como marionetes da mídia, corrompidos em sua essência e finalmente escravizados, posto que cegos e incapazes de verem por si sós uma realidade ameaçadora de sua própria existência. Os sujeitos aparecem ao mesmo tempo fracos e vitmizados, não sendo capazes de enxergar o perigo por detrás do dito projeto judaico de dominação e destruição, deixando-se corromper, escravizar-se. Enfeitiçados, esses homens e mulheres brancos simplesmente não conseguiriam evitar “jogar” contra sua própria raça, indo assim de encontro aos seus próprios interesses fundamentais. Entretanto, exatamente porque supostamente inevitável, poderíamos pensar, então, que eles sairiam de certa forma inocentados por sua “traição”. Talvez, mas nem por isso deveriam deixar de ser desafiados. Ainda que “enfeitiçados”, esses homens e mulheres acabam invariavelmente trabalhando contra a raça e, portanto, tornam-se um problema a ser enfrentado juntamente com dois outros: o “governo” e “Hollywood”.

⁶⁸⁴ National Alliance. “Freedom: use it or lose it”. National Vanguard Magazine.s/d. <http://www.natvan.com/national-vanguard/assorted/freedom.html>. “We know that there are many people in America today who are related to us by blood, but who have fallen completely under the spell of those whose aim is to destroy us. We know that the people under the spell of our enemies believe that teachers should be forced to teach that homosexuality is a normal, healthy lifestyle. They believe that history should be falsified in the schools in order to avoid hurting the feelings of those races whose history is less rich than our own. (...) They would like to see more Mexicans in this country, more Blacks, more racially mixed couples, more rap concerts, more crowding and filth and diversity. They have become spiritually enslaved to the controllers of the media, and they would like to enslave us also. (...) We must defy the Hollywood Jews, we must defy the government, we must defy those of our own people who have been corrupted by them.”

⁶⁸⁵ National Alliance. “Dividing the race”. National Vanguard Magazine. N^o 115. November-December,1995. <http://www.natvan.com/national-vanguard/115/dividing.html>. “Thus, the arbiters of fashion in Hollywood and New York who used the cinema and television to make racial mixing fashionable among the trendy set also made feminism fashionable among White women. The madness has gone so far today that substantial numbers of otherwise normal, heterosexual White women have let themselves be persuaded that not only can they be just as capable combat pilots or firefighters as men but that only women really know how to give women sexual fulfillment.”

No caso específico da mulher, suas inclinações políticas ou sexuais são tratadas como modismos, algo superficial, passível de mudança a cada nova estação. Mais grave ainda parece ser a ideia de que essa mulher e naturalmente as experiências vivenciadas por ela ao longo da vida não teriam relevância alguma na configuração de sua visão de mundo e comportamento social. A mulher, e o coletivo mais geral presente no primeiro trecho, não é vista como sujeito, ser participativo, opinativo, capaz de observar e fazer julgamentos próprios. Ela é um receptáculo dos interesses da mídia, agindo conforme os desígnos dos “árbitros da moda em Hollywood e Nova York”.

Conforme o discurso veiculado pela organização, o principal meio usado pelos judeus para conquistar tanto espaço e galgar tantos privilégios será a mídia em seus braços informacionais, como periódicos de grande circulação, e de entretenimento, como cinema e as emissoras de televisão. A mídia será comumente retratada como estando, senão dominada, trabalhando a serviço dos judeus e prezando por seus interesses.

Onde quer que haja judeus com suas mãos na grande mídia de uma nação e políticos, os quais como escravos seguem modismos ideológicos colocados pela mídia, o povo perde sua liberdade de criticar seus destruidores. Em todo o lugar que os judeus vão, seu primeiro objetivo é colocar suas mãos na grande mídia da nação de modo a que eles possam não apenas promover suas próprias políticas destrutivas, mas também de modo a que possam impedir qualquer um de identificá-los publicamente ou criticá-los.⁶⁸⁶

Como podemos perceber, a associação direta entre o judeu e a mídia será uma tônica constante, assim como também será o conspiracionismo associado a esse povo que corromperia e destruiria nações como uma praga. Não estamos por isso nos furtando a ver ou admitir o fato de haver realmente muitos judeus no ramo da mídia e do entretenimento. São empresários, jornalistas, cineastas, presidentes e diretores, enfim, pessoas influentes, ocupando cargos importantes. É importante que percebamos que as sociedades capitalistas foram construídas e se apresentam estratificadas em classes e frações, grupos de interesse em luta. Os judeus inseridos em sociedades com essa conformação integram, por sua vez, essas frações de classe. Mas não participam todos de uma mesma fração, não têm todos os mesmos interesses, nem advogam e compartilham todos uma mesma ideologia.

⁶⁸⁶ National Alliance. “Freedom: use it or lose it”. National Vanguard Magazine. s/d. www.natvan.com/national-vanguard/assorted/freedom.html “*Wherever there are Jews with their hands on a nation's mass media, and politicians who slavishly follow the ideological fashions set by the media, the people lose their freedom to criticize their destroyers. Everywhere the Jews go, their first goal is to get their hands on a nation's mass media, so that they can not only push their own destructive policies, but so that they can prevent anyone from identifying them publicly or criticizing them.*”

Quanto ao terceiro inimigo, o governo e seus políticos seguidores de “modismos ideológicos”, ele será mais ricamente abordado nas transmissões de rádio e no conjunto de vídeos que integram o *corpus* documental audiovisual.

O programa *American Dissident Voices* começou a ir ao ar em 1991 e, desde então, é transmitido semanalmente. Inicialmente uma produção simples, apresentado pelo sistema de ondas curtas, o *American Dissident Voices* é transmitido em rádios comerciais AM/ FM e estações de ondas curtas sob a locução de Pierce (até a data de sua morte em 2002), do idealizador do projeto, Kevin Strom ou do atual presidente da *National Alliance*, Erich Gliebe. Dentre as rádios comerciais, conseguimos identificar as seguintes: KSEY AM/FM para Wichita Falls, Texas; KMTL AM para Little Rock e maior parte do Arkansas; WAJF e WYAM AM para Huntsville, Decatur e Hartselle, Alabama; WALE AM para Rhode Island, Connecticut e Massachussets. A estação de ondas curtas WRNO possibilita a transmissão mundial do programa.⁶⁸⁷ Além disso, todas as transmissões estão disponíveis para escuta pela página da *National Alliance*, assim como as transcrições de todos os programas. Estas últimas saem publicadas no boletim *Free Speech* com pequenas, realmente mínimas, alterações de modo a adaptar o discurso original em áudio à forma textual de boletim.

O trabalho com fontes de áudio e audiovisuais implica um certo número de cuidados para os quais devemos atentar. Primeiramente, é importante procurarmos ir, especialmente nesse caso, além dos meros conteúdos narrativos trazidos pelas fontes e observarmos também como esse conteúdo, essas informações são transmitidas ao ouvinte. É preciso um esforço a mais do historiador em explorar os terrenos nem sempre muito íntimos da semiótica, considerando a especificidade técnica de linguagem, os suportes tecnológicos e os gêneros narrativos que se insinuem nos documentos audiovisuais, de modo a aproveitar tudo o que documentos dessa espécie têm a oferecer. É preciso que articulemos “a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu ‘conteúdo’ narrativo propriamente dito).”⁶⁸⁸ A análise dos materiais de áudio levará em consideração, portanto, não somente o conteúdo, mas igualmente a maneira como a linguagem é empregada.

⁶⁸⁷ University of California, Berkeley. The Bancroft Library. People for the American Way Collection of Conservative Political Ephemera. Ctn.54. National Alliance. “She needs the truth:where will she find it?”

⁶⁸⁸ NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). op. cit. p.237.

A análise do discurso implica estar sensível às ênfases, às hesitações e aos silêncios.⁶⁸⁹ Além disso, “o discurso não ocorre em um vácuo social”⁶⁹⁰ e, quando empregado, sempre desvenda posições e visões de mundo.

Em um programa relativamente recente apresentado por Pierce, podemos ver como a organização entende o comportamento daqueles que compõem as instâncias governamentais e do empresariado não judeu:

Em primeiro lugar, eles têm que manter felizes os capitalistas judeus da televisão de modo a garantir a continuação de sua lucrativa colaboração; e em segundo lugar, eles não gostam de ninguém que saia da linha, qualquer um que possa mudar as coisas de maneira imprevisível, qualquer um que possa ser uma ameaça a seus lucros.⁶⁹¹

A classe dominante de origem não judaica é vista como colaboracionista, empenhada em empreender um projeto que não o seu, mas de outrem. É entendida como um agente cooperador e secundário no processo de construção da ordem vigente. Dessa cooperação, dessa subordinação aos “capitalistas judeus da televisão” extraem seus lucros e se mantêm no poder. Tal ideia ganha ainda mais ênfase durante a locução. Pierce faz questão de acentuar a pronúncia dos verbos “manter” e “assegurar” e do substantivo “ameaça”, seguida e precedida de uma pequena pausa no discurso. A estratégia da pequena pausa faz o ouvinte se fixar no que fora imediatamente dito, traz acento, marca a última ideia antes de se prosseguir com o resto. Na segunda metade do trecho, temos ainda a impressão de que essa classe dominante não judaica desempenha também um papel de “cão de guarda”, protetor dos interesses e do projeto judaico de dominação uma vez que oferecem resistência ao dissenso, aos que “saem da linha”, aos que advogam políticas alternativas. A referência a esses possíveis dissidentes é por sua vez enfatizada de uma outra forma. As expressões “saia da linha” e “mudar as coisas” são pronunciadas mais vagarosamente, de forma alongada e nesse caso a delonga em se concluir o fragmento cumpre por si só o papel de enfatizar, dispensando o recurso da pequena pausa.

⁶⁸⁹ BAUER, M e GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 244-270.

⁶⁹⁰ Idem. p.248.

⁶⁹¹ National Alliance. “Capitalism and Equality”. American Dissident Voices. 15 January 2000. “*In the first place, they must keep the Jewish capitalists of television happy in order to assure the continuation of their lucrative collaboration; and in the second place, they don't like anyone who gets out of line, anyone who may change things in an unpredictable way, anyone who might be a threat to their profits.*”

Ao longo da pesquisa em torno do desenvolvimento do capitalismo nos EUA, apresentado no segundo capítulo, deparamo-nos com um cenário um tanto distinto. Antes de uma ou monolítica em torno de uma certa etnia, a classe dominante é múltipla e complexa, dividida em frações e integrada por muitos grupos empresariais importantes de origem étnica caucasiana como as indústrias DuPont ou o grupo Rockefeller, ou os famosos corretores E.F. Hutton que, ao contrário de se mostrarem em posição subordinada e subserviente ao projeto de outrem, lutam pela implantação do seu, lutam antes de tudo pela manutenção de sua condição dominante ante as dificuldades e reivindicações dos setores dominados por direitos trabalhistas, civis e políticas de bem-estar.

Como pudemos observar nos capítulos anteriores, o avanço do conservadorismo nos EUA foi um processo complexo, com diversos projetos e estratégias de luta diferentes em oposição ao reformismo fordista keynesiano. Foram fundados aparelhos privados de hegemonia com propostas específicas, alguns trazendo uma mensagem saudosista em favor da recuperação do liberalismo clássico, como *American Liberty League*, outros preferindo a estratégia de controlarem setores-chave na sociedade política, como o *Business Advisory Council*, o Comitê para o Desenvolvimento Econômico (CED) e o Conselho de Relações Internacionais (CFR). A formação de uma coalisão de oposição em apoio a candidatos alternativos foi também um caminho que se tentou trilhar em fins da década de 1960, a exemplo das eleições de Wallace e Goldwater. Enfim, a classe dominante se articulou, elaborou diversas alternativas ao projeto reformista e, ao longo de aproximadamente 50 anos de luta, uma importante fração dessa classe conseguiu construir um projeto conservador alternativo vitorioso, o neoliberalismo. Este é um projeto de uma classe, especificamente de uma fração da burguesia insatisfeita com o reformismo fordista-keynesiano, não de uma etnia. Pensá-lo como projeto judaico de dominação do mundo empobrece a análise, produzindo estereótipos e desprezando o papel dos capitalistas não judeus em todo esse processo de luta.

Pouco mais adiante no mesmo programa nos é explicitado mais um exemplo da crença no bolchevismo judaico.

Somado a sua atitude com relação aos dissidentes, existem outras similaridades entre o regime comunista da defunta União Soviética e o regime Clintonista sob o qual nós vivemos nos Estados Unidos hoje. (...) A igualdade é o mito mais venenosamente falso e destrutivo que já fora imposto ao nosso povo. Mesmo sendo contrário à mais simplista observação do mundo real, a igualdade guarda seu poder destrutivo em seu apelo ao inferior, ao invejoso e ao ressentido. Diz ao perdedor, ao vagaroso, ao desinteressante, ao desajeitado e ao sombrio. “você é tão merecedor quanto o vencedor; você é tão forte e ágil, tão brilhante e criativo, tão imaginativo e

energético, tão corajoso e talentoso, tão bonito e admirável em todas as maneiras quanto qualquer outro.”(...) Charlatões e judeus usaram esse discurso inúmeras vezes para arruinar sociedades arianas.⁶⁹²

A velha relação estabelecida entre judeus, políticas democratizantes e o comunismo é mais uma vez enfocada. O locutor traz ainda, em sua citação pessoal, críticas a uma visão de mundo reformista, na qual entende-se que as desigualdades sociais são basicamente frutos de oportunidades também desiguais para os diversos grupos que compõem a sociedade. O darwinismo social e a ode ao espírito empreendedor voltam à cena de forma explícita em qualificações como inferior, ressentido, invejoso, preguiçoso, vagaroso etc. Ao se remeter ao discurso “liberal” do regime “Clintonista”, Pierce o faz com desdém, pronunciando sarcasticamente os adjetivos contidos em sua citação pessoal. O final do trecho nos revela implicitamente que os EUA são considerados pela *National Alliance* originalmente e em sua essência uma “sociedade ariana”. Sociedade esta que fora, então, corrompida em sua essência pelos “charlatões”, pelos judeus e pelos colaboracionistas. Estes teriam ainda desvirtuado o senso de democracia, não sendo esta mais governo do povo e para o povo, transformando-se, por conseguinte, em um regime político dominado por interesses, ambições e oportunismos por parte de indivíduos ou pequenos grupos. Indignado, Pierce não se contém ao falar da pretensa democracia vivenciada nos EUA contemporâneo.

A democracia na América hoje não é mais ditada pela massa do povo; ela é apenas a aparência externa do nosso sistema hoje. O que nós realmente temos é uma oligarquia, e os oligarcas são aqueles que detêm o controle da mídia de massa. (...) Realmente o mais desastroso sobre essa oligarquia é que os oligarcas em sua maioria nem mesmo são do nosso povo, mas de um povo completamente estranho a nós. A consequência do domínio dessa oligarquia estranha, que se esconde por detrás da pretensa democracia, é que nós temos líderes políticos amorais e irresponsáveis, cuja única preocupação é agradar os oligarcas e conseqüentemente fazer avançar suas próprias carreiras. (...) Eles são políticos - na verdade, mais atores, mais exibicionistas do que homens de Estado - que estão viciados no sentimento de poder, na ideia de controlar pessoas e nações, mas que não têm nenhuma preocupação com o bem-estar ou o destino das pessoas que eles fingem liderar. (...) os oligarcas estão

⁶⁹² Idem. “In addition to their attitude toward dissidents, there are other similarities between the communist regime of the defunct Soviet Union and the Clintonist regime under which we live in the United States today. (...) Egalitarianism is the most poisonously false and destructive myth ever foisted on our people. Though it is contrary to even the most cursory observations of the real world, egalitarianism has its destructive power in its appeal to the inferior, to the envious and to the resentful. It says to the loser, to the sluggard, to the dull, the clumsy and the drab. “You are just as deserving as the winner; you are just as strong and agile, just as bright and creative, just as imaginative and energetic, just as brave and skillful, just as beautiful and admirable in every way.” (...) Charlatans and Jews have used this line over and over again to tear down Aryan societies.”

no estágio final da consolidação da nossa dominação no que eles exultantemente se referem como a sua Nova Ordem Mundial.⁶⁹³

Nesta parte do programa, Pierce soa completamente inconformado, mesmo revoltado, usando um tom de voz extremamente alto. Toda essa transmissão é muito carregada de emoção e, em certos momentos, como nesse trecho destacado, seu discurso é literalmente proferido aos gritos. As palavras “oligarquia” e “oligarcas” são sempre acentuadas pelo aumento ainda maior do tom de voz, assim como as qualidades “irresponsáveis” e “amorais” atribuídas aos líderes políticos. No correr do programa, são feitas críticas nominais a Bill Clinton, Boris Yeltsin e Frederick de Klerk (último presidente branco da África do Sul). Seriam eles os exemplos mais notórios do que há pouco identifiquei no discurso do líder como exemplos de “traidores da raça”, uma vez que não estariam lutando pelo avanço e sobrevivência da raça, mas sim intimamente comprometidos com o projeto judaico de dominação, a “Nova Ordem Mundial”.

O trecho a seguir nos mostra que para a *National Alliance*, mais que simplesmente dominação política ou econômica, a estratégia de dominação judaica passaria igualmente por um processo de destruição da identidade branca, de formação e crescimento de um coletivo em torno disso. E para tal, seria essencial a promoção de políticas públicas que enfatizassem a igualdade entre os homens, projetos que aclamassem o multiculturalismo e a diversidade como princípios de todo o tipo na sociedade. Tal estratégia, segundo a *National Alliance*, estaria, assim, ligada a um trabalho simultâneo, por um lado, de promoção dos não brancos, da identidade não branca, da cultura não branca, do orgulho não branco e, por outro, de construção de um sentimento de culpa por parte dos brancos em manter uma identidade particular.

Eles [os judeus] foram capazes de incutir um sentimento de culpa racial e auto-ódio racial em duas gerações de jovens brancos. Com sua crescente influência, eles foram capazes de abrir as fronteiras americanas ao mundo não branco e eles foram capazes

⁶⁹³ National Alliance. “Democracy”. American Dissident Voices. 28 June 1998. “*Democracy in America today is no longer rule by the mass of the people; that is the only outward appearance of our system today. What we really have is an oligarchy, and the oligarchs are the people who own and control our mass media (...) And the really disastrous thing about this oligarchy is that the oligarchs are for the most part not even of our people but are of a people wholly alien to us. The consequences of rule by this alien oligarchy, which hides behind the pretense of democracy, is that we have amoral and irresponsible political leaders, whose only concern is pleasing the oligarchs and thereby advancing their own careers. (...) They are politicians –really, more actors, more showmen, than statesmen- who are addicted to the feeling of power, to the idea of controlling people and nations, but who have no real concern for the welfare or the destiny of the people they pretend to lead. (...) the oligarchs are now in the final stages of consolidating their domination of us in what they gloatingly refer to as their ‘New World Order’.*”

de forçar a integração racial em nossas escolas, em nossos ambientes de trabalho, em nossos bairros. Eles trocaram nossa música europeia por jazz e rock e rap.⁶⁹⁴

As minorias são tratadas como parte do plano de desarticulação de uma possível coletividade branca. São classificadas pela organização como anormais, inferiores, enfeitiçados, uma massa de preguiçosos e usurpadores dos benefícios do Estado. Sua cultura é tratada com desdém e isso parece bastante explícito quando o locutor pronuncia os estilos musicais tidos como não brancos de forma lenta e depreciativa, como se fossem inferiores. Assim, para a *National Alliance*, a existência, o crescimento e o avanço das minorias devem ser entendidos, e somente a partir deles adquirem completo significado, dentro do projeto de constituição dessa suposta “Nova Ordem Mundial”.

Praticamente não há o que assuste mais um liberal do que a idéia de perder o apoio do governo, os músculos governamentais para forçar o público a se submeter às políticas e programas liberais. Os liberais construíram uma coalizão não-natural de minorias e pessoas anormais –uma coalizão de negros e outras minorias raciais, de homossexuais, de feministas militantes, de perenes receptores dos benefícios do Estado de todas as raças- para se manter no governo. Eles construíram uma coalizão de pessoas que dependem do governo para ter garantido seus privilégios e proteções especiais. Essa é a coalizão que colocou Bill Clinton no poder.⁶⁹⁵

Na análise dessas transmissões, pudemos observar que a administração William Clinton, em especial suas políticas públicas, escândalos e alianças políticas se tornaram durante a década de 1990 alvos preferidos do *American Dissident Voices*. Como vimos em trechos apresentados acima, o governo Clinton, uma administração notadamente de consolidação do projeto neoliberal implantado nos EUA desde a década de 1980, é tido como “liberal”, segundo o jargão popular norte-americano, ou mesmo com traços comunistas. Ao analisar os programas, simplesmente não percebemos distinções entre o tipo de política de governo dos anos 1960 e o da Era Clinton, sendo todo esse período entendido como o processo de consolidação de uma “Nova Ordem Mundial”. Ainda que esse governo tenha

⁶⁹⁴ National Alliance. “The Big Picture”. National Dissident Voices. 15 June 1996. “*They were able to instill feelings of racial guilt and racial self-hatred into two generations of young white people. And with their growing influence they were able to open America’s borders to the non-white world, and they were able to force racial integration on our schools, our workplaces, our neighborhoods. They replaced our European music with jazz and rock and rap.*”

⁶⁹⁵ National Alliance. “What liberals don’t understand: both terrorism and random violence will increase as alienation grows”. American Dissident Voices. 6 July 1996. “*There’s hardly anything that frightens a liberal more than the thought of losing the government’s backing, the government’s muscle for forcing the public to submit to liberal policies and programs. The liberals have built up an unnatural coalition of minorities and abnormal people – a coalition of Blacks and other racial minorities, of homosexuals, of militant feminists, of perennial welfare recipients of all races- to keep a grip on the government. They have built a coalition of people who depend on the government to guarantee their special privileges and protections. This is the coalition which put Bill Clinton into office.*”

feito forte campanha em torno do multiculturalismo e da integração racial, não podemos ignorar as diferenças centrais entre um projeto de sociedade reformista e um neoliberal.

Mas o que seria exatamente essa Nova Ordem Mundial? O termo veio a se popularizar nos EUA no famoso discurso “*New World Order*”, pronunciado pelo ex-presidente George H. W. Bush, em 11 de setembro de 1990, durante o colapso da União Soviética. A existência do termo, entretanto, é bem mais antiga, datando do início do século XX e sendo associado geralmente a diversas teorias conspiratórias, nas quais se acredita de um modo geral que um poderoso grupo secreto conspira com a ambição de dominar o mundo por meio de um governo mundial único e autônomo, fazendo ruir a soberania dos Estados Nacionais.⁶⁹⁶

Analisando uma edição especial do boletim *Free Speech* feita a partir da compilação de cinco transmissões sobre a “Nova Ordem Mundial” podemos entender um pouco melhor os significados que a *National Alliance* atribui ao termo. O texto afirma que a “Nova Ordem Mundial” não é uma ameaça futura, mas uma realidade presente. Desde 1933, quando Franklin Roosevelt assumiu o poder, instituindo o *New Deal*, a “Nova Ordem Mundial” viria adquirindo controle ininterrupto do governo dos EUA.⁶⁹⁷ Primeiramente, cabe a nós refletir acerca desse marco estabelecido pelo autor como o início da construção da “Nova Ordem Mundial” nos EUA. O que exatamente estava ocorrendo em 1933? Que mudanças na sociedade como um todo trouxe o *New Deal*? Quais foram seus significados? E finalmente, que grupos sociais tiveram seus interesses se não ameaçados, pelo menos obstaculizados?

Nos capítulos anteriores fizemos um esforço para tentar responder a tais questões e vimos quão complexo fora o processo de instauração e desenvolvimento do reformismo fordista-keynesiano. Observamos também que o projeto reformista trouxe mudanças nas relações intra e interclasses sociais; que os setores dominados e identidades minoritárias conquistaram espaço e maior representatividade e que muitas vezes essas lutas foram associadas ao comunismo e à decadência dos bons e velhos valores tradicionais. Tantas mudanças se iniciaram com as reformas promovidas pelo *New Deal*. Este marcara um momento importante de conquista dos setores dominados. Mas não fora o único marco que selara a popular associação *New Deal* / democracia / coletivismo / comunismo.

⁶⁹⁶ BERLET, Chip. How apocalyptic and millennialist themes influence right-wing scapegoating and conspiracism. *Public Eye Magazine*. Fall, 1998.

⁶⁹⁷ SPENCER, Scott. The history and the significance of the New World Order. *Free Speech*. Vol. II. Nº12. December, 1996.

Nos vídeos produzidos pela *National Alliance* e também nos programas televisivos, nos quais Pierce aparece, outro momento é destacado como marco de mudanças importantes nos EUA, mudanças essas que contribuiriam em última instância para a construção dessa suposta “Nova Ordem Mundial”. O momento é o pós-Segunda Guerra Mundial, em especial as turbulentas e apaixonantes décadas de 1960 e 1970. Vejamos como e o porquê desse momento ser posto em destaque.

Race and Reason é um programa de entrevistas produzido pela organização neofascista *White Aryan Resistance*, no qual convidados especiais são entrevistados pelo apresentador Ron Dogget, e o público pode participar pelo telefone fazendo comentários ou perguntas. Diferentemente da *National Alliance*, a *White Aryan Resistance* não é um aparelho restrito à produção de mídia educativa e, ainda que também invista nesse ramo, não se furta a incentivar ataques violentos à sociedade, como forma de expressão de sua resistência.

Um dos canais de informação mais populares e abrangentes desde a sua invenção em meados do século XX, a televisão, em um país com leis de censura flexíveis, pode ser um efetivo meio para a difusão de visões de mundo e projetos políticos, enfim ideologias. A televisão, assim como outros meios de comunicação como jornais, revistas, folhetos, rádio e cinema, é também um campo de disputa.

Que o modelo hegemônico de televisão “odeia as diferenças” é algo que não precisa de muita demonstração e o modo pelo qual opera a dissolução foi descrito anteriormente. Mas também pela televisão passam as brechas, também ela está feita de contradições e nela se expressam demandas que tornam visíveis a não-unificação do campo e do mercado simbólico.⁶⁹⁸

Os estudos de Sergio Micelli publicados durante a década de 1970 já chamam a atenção para esse ponto. O autor nos alerta para o perigo do entendimento da indústria cultural, dos meios de comunicação e entretenimento sob o prisma de meros instrumentos da dominação. Tal perspectiva acaba por assumir como única a representação que a cultura dominante oferece de si mesma e do outro, ignorando a presença nessas mesmas indústrias de “expressões de uma demanda simbólica peculiar, que não coincide de todo com o expediente cultural dominante.”⁶⁹⁹

⁶⁹⁸ MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. RJ: Ed.UFRJ, 2006.p.319.

⁶⁹⁹ MICELLI, Sérgio. *A noite da madrinha*. SP: Perspectiva, 1972.p.210. apud. MARTIN-BARBERO, Jesús. op.cit. 312.

A escolha pela produção de um programa televisivo como meio para expressar descontentamentos e reivindicações acerca da ordem atual é interessante, especialmente em uma época que as pessoas leem cada vez menos e têm cada vez menos tempo para se informar e refletir sobre aquilo que observam a sua volta. A televisão nesse sentido constitui-se numa saída fácil e confortável, basta olhar e na maioria das vezes - pois nem todos os programas televisivos são de natureza alienante - lá está tudo pronto e resolvido para você. A própria linguagem desse meio de comunicação fora desenvolvida de forma a familiarizar tudo, a tornar próximo até o que houver de mais remoto. “Um discurso que produz seus efeitos a partir da mesma forma com que organiza as imagens: do jeito que permitir maior transparência, ou seja, em termos de simplicidade, clareza e economia narrativa.”⁷⁰⁰

Os programas levantados datam do início da década de 1990, remetendo-se muitas vezes ao, à época, recente processo eleitoral, no qual Clinton foi eleito presidente. Apresentador e convidado são filmados de frente em primeiro plano, aparecendo sentados com uma bancada à frente, como no formato de um clássico telejornal. Aparecem ainda algumas informações na parte inferior da tela: à esquerda o nome da organização da qual o convidado faz parte com o endereço completo e telefone para contato e, à direita, o número do telefone do programa para que o telespectador possa participar. Tais informações não são constantes, aparecendo no início, em alguns momentos no decorrer e ao final do programa. Os vídeos são bastante simples, sem maiores recursos estéticos ou tecnológicos, não havendo músicas de fundo ou sonorização mais complexa. Na maioria dos programas, também não vemos nenhum tipo de estética gráfica, apenas em um deles podemos ver na parede parda uma faixa azul escura contendo o símbolo da *National Alliance* ao centro. Em vista disso, entendemos que a preocupação informacional, de transmitir um certo conteúdo, prevalece sobre a tentativa de cativar o público pela estética.

Uma das partes mais interessantes do programa é exatamente quando o apresentador Ron Dogget, após apresentar o convidado e fazer as primeiras intervenções com perguntas iniciais, abre o programa para o público. Afora as perguntas dos telespectadores e, por vezes, alguns comentários do apresentador de forma a direcionar o programa para certos tópicos, percebemos que é Pierce quem fala na maior parte do tempo. Notamos ainda que ele pouco gesticula ao falar e na maioria das vezes também não é eloquente em seu discurso. Parece

⁷⁰⁰ MARTIN-BARBERO, J. op.cit. p.297.

geralmente bastante calmo e seguro, seu olhar se volta ou para o entrevistador, ou quando para frente, levemente para baixo. O semblante acadêmico, muito sério e contido do convidado certamente não ajuda a construir maior empatia com a audiência, mas ao longo dos programas o físico revela também o lado professor e, nesse aspecto, consegue estabelecer conexões de proximidade. Isso pode ser percebido nas ênfases no discurso, evidentemente perceptíveis por sua expressão facial ao frisar a testa, revelando, assim, linhas de expressão. Notamos também que elas são **todas** feitas com o olhar dirigido ao entrevistador, como se naquele momento lhe desse toda a atenção, uma atenção individualizada, personalizada.

A parte referente às participações é importante, pois é nesse momento que podemos ver a reação dos espectadores quanto ao programa e, ao mesmo tempo, ter alguma ideia de quem o assiste. Seriam somente simpatizantes de ideologia neofascista, racistas e conservadores de um modo geral? Assim presumimos antes de uma análise mais cuidadosa do programa. Mesmo porque muitas participações nos induziam a conclusões dessa espécie. Esse é o caso, por exemplo, do telespectador que em sua participação faz um comentário em tom pejorativo sobre a imigração de latinos, principalmente mexicanos, qualificando o processo como “uma invasão de não brancos fronteira adentro vindos do México, do Haiti e do Caribe...”⁷⁰¹ Em sua réplica ao comentário do telespectador, Pierce revela alguns aspectos que fazem do pós-Segunda Guerra um outro marco importante para a construção da Nova Ordem Mundial.

Desde a Segunda Guerra Mundial, existe um forte e contínuo esforço em botar abaixo as barreiras nacionais, em essencialmente abrir as fronteiras dos Estados Unidos. As leis de imigração mudaram lá nos anos 50, cortando os imigrantes vindos da Europa e abrindo para a imigração vinda do mundo não branco.⁷⁰²

Por que essas novas políticas de imigração são consideradas ameaça tão grande? Neoliberais não veriam maiores ameaças ou perigo, ao contrário, o trabalho do imigrante latino é menos custoso, ainda mais se for ilegal. A imigração poderia muito bem ser vista como mais uma oportunidade de aumento da margem de lucro. Mesmo as alas mais conservadoras do republicanismo, ainda que em princípio contrárias à entrada de imigrantes

⁷⁰¹ Pierce on Race, immigration, Homosexuality, Feminism and Jews. *Race and Reason*, s/d. “... *invasion of non-whites coming across the border from México and Haiti and the Caribbean...*”

⁷⁰² Idem. “*Ever since the second world war there’s been a strong and continuing effort to break down national barriers, to essentially open borders of Unites States. And the immigration law has changed back in the 50’s to cut out the immigrants from Europe and open up immigration to the non-white world.*”

latinos, africanos e asiáticos nos EUA, nem sempre apresentam grandes objeções em aceitá-los, desde que permaneçam na condição de subemprego, sem maiores direitos sociais.

Mas esse programa não é produzido por neoliberais. É um programa produzido por neofascistas, no qual os convidados são neofascistas e, como já pudemos observar anteriormente, suas reações são diferentes. Com respeito à entrada em massa de latinos nos EUA, será interpretada por neofascistas como um ataque direto à integridade da raça branca e, em termos mais gerais, à própria essência dos EUA.

Antevendo esse tipo de confusão o apresentador intervém e coloca a questão: “O senhor acha que isso resulta principalmente de interesses corporativos, que querem trabalho barato ou de um interesse “liberal”, que quer um voto democrata?”⁷⁰³ A resposta, sem deixar de reconhecer os interesses colocados pelo apresentador, revela também a razão do perigo e a verdadeira ameaça por detrás da mão de obra barata e dos pensamentos “liberais”.

Na verdade, são duas coisas. São pessoas que realmente querem destruir o que tem sido a América no curso dos últimos dois séculos. Para fazer isso, eles perceberam que têm de pôr abaixo o senso de solidariedade racial que nós tínhamos nesse país antes da Segunda Guerra Mundial. (...) Essas pessoas realmente querem homogeneizar a América, eles querem homogeneizar o mundo todo. Isso, essa insanidade ideológica é uma força poderosa, que vem nos impedindo de controlar nossas fronteiras.⁷⁰⁴

Logo em seguida, o apresentador introduz, então, a temática da homossexualidade e do feminismo, de forma a levar Pierce a comentar sobre as consequências e mudanças trazidas pelo movimento de liberação sexual e pelas lutas de afirmação da mulher na sociedade: “Há uma completa síndrome de “ismos” que não são naturais e, em última análise, hostis aos interesses brancos, que vieram à tona desde a última guerra, isto é, nos últimos 50 anos. A homossexualidade e o feminismo militante estão entre eles.”⁷⁰⁵

Finalmente, o apresentador conduz o programa a mais um elemento marcante dos novos tempos, da “Nova Ordem Mundial”, a organização de grupos não negros na luta em torno de seus interesses. É então nesta parte que nos deparamos com algo inesperado, a

⁷⁰³ Idem. ibidem. “Do you think it’s mainly corporate interest who want cheap labor or a liberal interest who want a democratic vote?”

⁷⁰⁴ Idem. ibidem. “It’s really two things. It’s people who really want to wrack was it in America over the course of the last two centuries. And to do that they realized they have to break down the sense of racial solidarity that we had in this country prior to the Second World War. (...) These people really want to homogenize America, they want to homogenize the whole world and that, this ideological insanity is a powerful force that has prevented us from controlling our own borders.”

⁷⁰⁵ Idem. ibidem. “There is a whole syndrome of ‘isms’ that are unnatural and hostile ultimately to White interests, which have come to the forefront since the last war, that is, in the last 50 years. Homosexuality and militant feminism are among them.”

participação revoltada de um telespectador negro ao telefone, o que nos leva repensar a qualidade dos espectadores de *Race and Reason*. O homem contesta sobre a alegação da existência de organizações negras serem tratadas como um “problema” e ressalta a opressão imposta aos negros por sujeitos como Dogget e Pierce e organizações como a *National Alliance*. Ao final do comentário, reage exaltado dizendo: “Vocês têm tentado nos destruir!”. Pierce, então, tenta esclarecer o ponto de vista da *National Alliance*, que parece diferir um pouco talvez da opinião do próprio apresentador.

Eu acho bom quando qualquer grupo étnico ou racial tem suas próprias revistas, seus próprios representantes e se assegura das características de seu próprio grupo. Nós não nos opomos a isso para grupo algum. O que nós nos opomos são a pessoas que estão tentando forçar todos a ficarem juntos, que estão tentando nos homogeneizar, que estão tentando pôr abaixo nosso senso de identidade, nosso orgulho, nossa preocupação com nossos próprios grupos. Esse é um empenho que, ao fim, é tão destrutivo para os negros quanto para os brancos. Nós estamos satisfeitos com o fato dos negros desenvolverem seu senso de identidade, desenvolverem orgulho de sua própria história. Que façam o que quiserem! Contanto que não entrem em nosso caminho. Nós não estamos interessados em oprimir ninguém!⁷⁰⁶

Essa parte é bastante polêmica, interessante e nos leva a algumas discussões delicadas em torno de questões como segregação, subordinação e separatismo. A promoção e o incentivo, mais marcadamente a partir da década de 1970, à organização de grupos minoritários em torno de lutas, muitas vezes localizadas e sectárias, influenciadas e apoiadas pelo paradigma pós-moderno, abre também uma brecha para a organização de grupos em torno dos “direitos dos brancos”. Com que argumento pode uma sociedade julgar tais grupos e qualificá-los como racistas e sectários se essa mesma sociedade encoraja e não vê problema na organização de outros grupos com propostas igualmente sectárias? Seria então um sectarismo racista e outro não? Questões delicadas como essa, podem levar a alegações, como muitas vezes fazem os neofascistas, de que o Estado atual seria racista, favorável aos interesses dos não brancos.

O trecho desvela ainda uma mudança nos objetivos quanto à relação entre as raças. Se num passado não muito tardio, o *Jim Crow* institucionalizou uma relação de dominação/subordinação, de exploração e opressão dos negros pelos brancos, observamos que uma volta

⁷⁰⁶ Idem. *ibidem*. “*I think it’s fine when any racial or ethnical group has its own magazines, has its own spokesmen, ensures itself with the feature of its own group. We’re not opposed to that for any other group. What we are opposed to is people who are trying to force us all together; who are trying to homogenize us; who are trying to break down our sense of identity, our pride, our concern for our own groups. And this is an effort that is just as destructive ultimately for black people as it is for white people. We’re happy to have black people develop their own sense of identity, develop a pride in their own history and to do whatever they want to do, so long as they don’t get in our way. We’re not interested in oppressing anybody!*”

a esse caminho não faz parte do projeto neofascista. Como seguimos apontando desde o primeiro capítulo, projetos fascistas se negam a estabelecer relações com o diferente. Todo aquele que não se encaixa no protótipo do coletivo mitificado na raça ou em *das Volk* deve ser totalmente excluído. Em todos os materiais produzidos, a *National Alliance* procura deixar clara essa diferença, de modo a que seu projeto não seja entendido como mero desejo romântico de retorno a um passado idolatrado e perdido. Mesmo porque foram justamente essas experiências passadas que contribuíram para a construção da tão criticada Nova Ordem Mundial. “A importação de não brancos, escravos ou livres, nas colônias americanas e depois na República Americana deveria ter sido banida desde os tempos de Colombo. Interesses raciais deveriam ter prevalecido aos interesses econômicos!”⁷⁰⁷

O segundo trecho abaixo, retirado de um dos programas do *National Dissident Voices*, ilustra bem essa preocupação com a diferenciação. Kevin Strom fala pausadamente, usando um tom explicativo e elucidativo. Procura, além disso, usar frases curtas e objetivas para que não reste dúvida ao ouvinte. Infelizmente, a tradução veio a comprometer a percepção de uma das estratégias de ênfase mais comuns na língua inglesa, a opção pela não contração dos verbos na negativa. Strom usa esse recurso em **todas** as frases negativas do trecho. Assim, ele opta em dizer “*does not desire*”, “*does not want*” e em pronunciar os demais verbos na afirmativa de forma forte e intensa, usando a estratégia da pequena pausa.

Eu tenho de concordar. Existe crueldade, existe exploração quando você força diferentes grupos de pessoas, com características diferentes a viverem juntos. Nós precisamos pôr um fim nisso. Eu fico satisfeito de saber que por todo o mundo há uma crescente onda de nacionalismo, pessoas determinadas a serem mestres de seus próprios destinos novamente (...) pessoas determinadas a resistir a essa utópica Nova Ordem Mundial, que certos grupos de elitistas acreditam que deva ser imposta a todos nós. (...) A separação é necessária! Existirá conflito até que tenhamos separação...⁷⁰⁸

Um separatista, especificamente, não deseja ser uma classe dominante, não quer mandar em nenhum povo. Na verdade, um separatista não quer de modo algum uma sociedade multirracial. Um supremacista, por outro lado, quer e exige uma

⁷⁰⁷ HAWTHORNE, Robert. *America is a changing country: a documentary on the National Alliance and its program*. 2001. “*To ensure the importing of non-whites, slave or free, into the American colonies and then into the American Republic should have been banned from the time of Columbus. Racial considerations should have prevailed over economic considerations!*”

⁷⁰⁸ “*Is he a professa or a dokta?*”. *Race and Reason*. s/d. “*I have to agree. There is cruelty, there is exploitation when you force different groups of people with different characteristics together. We need to put an end to that. I’m pleased to know that around the world there is a rising tide of nationalism, people determined to be masters of their own destiny again (...) people determined to resist this utopian New World Order, that certain groups of elitists believe should be forced on all of us. (...) Separation is necessary! There will be conflict until we have separation...*”

sociedade multirracial. Nessa sociedade multirracial, ele deseja que sua raça ou grupo social seja o dominante.⁷⁰⁹

Muitas vezes interpretado como mera retórica, o separatismo branco fora definido por Crawford como um rótulo utilizado por indivíduos e organizações com o objetivo de mascarar suas crenças no *Jim Crow* e no neofascismo.⁷¹⁰ Acreditamos, contudo, que o separatismo, antes de uma volta à segregação, consiste num completo isolamento e não interacionismo, evitando qualquer forma de contato, ainda que isso pudesse trazer algum lucro decorrente, por exemplo, da exploração. É justamente esse um dos elementos que caracteriza o projeto neofascista de sociedade. Se há uma hipótese bem colocada e densamente explicitada ao longo do trabalho das sociólogas Dobratz e Shanks-Meile com neofascistas esta é a do separatismo. As autoras não negam que por trás do advogado desejo de separação, provavelmente encontram-se também ideais de superioridade racial, mas ainda assim buscam sustentar o argumento do separatismo, entendendo que existe uma diferença entre o desejo supremacista de dominar e o da completa separação das raças.

A ideologia contemporânea está sendo formada em torno do apoio ao separatismo como meio de se desligar do que os membros do movimento veem como uma sociedade multicultural e integrada. (...) Os membros contemporâneos do movimento não apoiam o antigo estilo separatista branco de dominação pela segregação ou escravidão, os quais eles acreditam não ter funcionado bem na preservação da pureza da raça branca.⁷¹¹

Por nossa parte, entendemos também que uma proposta separatista promova uma diferença qualitativa na conformação e composição da nova sociedade imaginada pelos neofascistas. O separatismo é um aspecto central e diferenciador na configuração do neofascismo. É um aspecto importante que marca e dá o tom fascista, ou seja, o da eliminação social e potencialmente real de todos os que não se encaixam no padrão da coletividade mitificada. Dá também o tom contemporâneo e norte-americano, uma vez que alternativo a experiências nacionais consideradas fracassadas, como a escravidão e o sistema segregacionista. Por meio de uma releitura do passado aos olhos da *National Alliance*,

⁷⁰⁹ National Alliance. Jewish supremacy. National Dissident Voices. 6 April 1996. “A separatist specifically does not desire to be an overclass, does not want to rule over any other people. In fact a separatist does not want a multiracial society at all. A supremacist, on the other hand, wants and demands a multiracial society. In this multiracial society he wishes his race or social group to be the dominant one.”

⁷¹⁰ CRAWFORD, Robert et alli. *The northwest imperative: documenting a decade of hate*. Portland:CHD,1994.

⁷¹¹ DOBRATZ, B; SHANKS-MEILE, S. op.cit. p.ix. “The contemporary ideology is being framed toward support o separatism as a means of disengage from what movement members se as a multicultural and integrated society. (...) The contemporary members of the movement typically do not support the old style white supremacy of domination through segregation or slavery, which they believe has not worked well in preserving the purity of the white race.”

acreditamos poder compreender melhor o porquê do descontentamento e das reivindicações daqueles que não apenas integram formalmente a organização, mas também de tantos outros que se sentem atraídos pelo projeto neofascista. A fonte que melhor nos oferece tal releitura é sem dúvida o filme documentário *América is a changing country*.

Em 2001, a *National Alliance* decidiu produzir um vídeo-documentário, no qual procurou, através da exposição de uma leitura particular da história dos EUA, fazer uma análise da sociedade norte-americana atual e apresentar os pontos centrais do programa político da organização como alternativa para construção de uma nova realidade. *America is a changing country: a documentary on the National Alliance and its program* transmite, no título bastante de sua proposta político-militante. O filme é o material de vídeo mais complexo produzido pela organização; é colorido, dinâmico e relativamente longo se comparado aos outros materiais por ela produzidos, com duração aproximada de 51 minutos. Pode ser dividido em duas partes, sendo a primeira essencialmente uma narração de Pierce, ilustrada por imagens que aparecem no vídeo acompanhando sua fala e uma segunda na qual ele aparece sentado em um escritório, falando diretamente ao espectador.

Na primeira parte, somos defrontados com dois discursos distintos e independentes - o iconográfico e a palavra falada -, mas que interagem entre si. O semiólogo francês Roland Barthes, em conhecidos estudos sobre a fotografia, procurou entender como interagem e dialogam diferentes naturezas de discursos.

...ontem, a imagem ilustrava o texto (tornava-o mais claro); hoje, o texto torna imagem mais pesada, impõe-lhe uma cultura, uma moral, uma imaginação; no passado, havia redução do texto à imagem; no presente, há uma ampliação recíproca (...) na maioria das vezes o texto limita-se a ampliar um conjunto de conotações já incluídas na fotografia; mas por vezes, também o texto produz (inventa) um significado inteiramente novo, que é, de certo modo, projetado retroativamente na imagem, a ponto de nela parecer denotado.⁷¹²

Assim, é necessário que fiquemos atentos para as duas formas pelas quais a mensagem é transmitida, como elas interagem entre si, como dialogam, no caso em especial de um vídeo político-propagandístico, corroborando, fortalecendo e acrescentando significado uma a outra. Diferentemente de um vídeo político de resistência, é interessante notar que os de cunho propagandístico procuram a todo custo evitar ruídos, ou seja, contradições ou incoerências quando da transmissão da mensagem ao ouvinte ou espectador. Por isso, materiais desse tipo

⁷¹² BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso. Ensaios críticos III*. RJ: Nova Fronteira, 1990. p.20-21.

são produzidos de forma a promover uma interação harmônica entre as duas formas de discurso, não deixando dúvidas sobre o conteúdo que se quer passar.

O trabalho com filmes-documentário, seu uso como fonte histórica requer ainda outros cuidados que não podemos deixar de observar. O primeiro é certamente o poder da imagem, mais especificamente o “efeito realidade” gerado para o espectador pelo registro de imagens e sons. Segundo Roland Barthes, esse efeito seria produzido pela impressão de uma adesão imediata do referente (em nosso caso, a “realidade” filmada) à representação (em nosso caso, o filme em si).⁷¹³ Com isso devemos ter cuidado, pois como qualquer outro tipo de fonte o filme é também um documento produzido, trazendo em si a tensão entre evidência e representação. “Em outras palavras, sem deixar de ser representação construída socialmente por um ator, por um grupo social ou por uma instituição qualquer, a fonte é uma evidência de um processo ou de um evento ocorrido...”⁷¹⁴

O material audiovisual recolhido, seja na forma de filme-documentário ou programa televisivo, mais do que criativas estratégias de mobilização e propaganda, vale por aquilo que testemunha, ou seja, os contextos e conflitos sociais também transmitidos pelas lentes. Segundo o historiador Marc Ferro, “a crítica não se limita somente ao filme, integra-o no mundo que o rodeia e com o qual se comunica necessariamente”⁷¹⁵. Sob tal perspectiva, o filme se torna uma fonte bastante interessante, pois quando devidamente analisado, informa-nos de maneira direta sobre o conteúdo abordado e indiretamente sobre a realidade que representa. O método proposto por Ferro busca, assim, “analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime.”⁷¹⁶

Referência inegável nos estudos de história e cinema, Ferro fora também criticado por tender a enfatizar em seu método o aspecto da realidade externa ao documento e as interações desse com ela. Inspirados pelos trabalhos do pesquisador francês Pierre Sorlin, Morettin e Ramos enfatizam que “o historiador deve partir dos próprios filmes, de sua significação

⁷¹³ BARTHES, Roland. *La chambre claire: note sur la photographie*. Paris: Galimar, 1980.p.16 apud. NAPOLITANO, Marcos. *A história depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi(org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 236.

⁷¹⁴ NAPOLITANO, Marcos. op.cit. p. 240.

⁷¹⁵ FERRO, M. O filme. In: LE GOFF, J. *et alli. História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves Ed., 1976, p. 203.

⁷¹⁶ Idem.

interna, a partir da qual se insere determinada base ideológica de representação do passado”. Morettin ressalta ainda que “mais importante é perceber a ambiguidade das imagens que nem sempre conseguem apresentar uma leitura coerente e unívoca do fato histórico, mesmo quando é o desejo de seus realizadores, como nos filmes históricos patrocinados pelo Estado.”⁷¹⁷

Se ao conseguirmos identificar, por meio da análise fílmica, o discurso que a obra cinematográfica constrói sobre a sociedade na qual se insere, apontando para suas ambigüidades, incertezas e tensões, o cinema perde a sua efetiva dimensão de fonte histórica.⁷¹⁸

As contribuições de Ferro e críticos não se excluem completamente, e acreditamos que uma boa análise deve levar em consideração aspectos enfatizados por ambos. O filme é um documento produzido, e tal produção é marcada não apenas por especificidades técnicas internas, mas pelas escolhas daqueles que o produzem. Mas está também inserido, como ensina o grande mestre e ao final bem afirma Morettin, em uma sociedade e com ela invariavelmente dialoga, aponta tensões e incertezas, uma vez que seus produtores são seres sociais que vivem, constroem e se expressam em tal sociedade.

America is a changing country é o vídeo no qual Pierce é mais enfático em seu discurso. Com uma fala bem menos ponderada, o narrador é emotivo e não hesita, procurando passar muita segurança e certeza em sua mensagem. Ouvimos agora um Pierce em uma performance diferente do usualmente seguro, mas sereno cientista. Aqui, o que ouvimos é nitidamente o discurso de um homem político, eloquente e enfático.

O propósito propagandístico é objetiva e rapidamente colocado desde o início do filme. Ele começa, então, como uma música orquestrada impactante de fundo. Logo em seguida, surge na tela, em meio a um cenário espacial, o símbolo da *National Alliance* rodeado e inserido dentro de uma representação do globo terrestre. Finalmente, põe-se em primeiro plano o nome *National Alliance* centralizado. Sem palavra alguma, as primeiras mensagens são dadas. Esse não é um filme qualquer, é um filme produzido pela *National Alliance*, é um filme que expressa os ideais, angústias, descontentamentos e desejos daqueles que compõem a organização. Similarmente à diagramação da revista, observamos que nesses poucos segundos de filme todos os elementos que aparecem na tela estão centralizados, “bem

⁷¹⁷ NAPOLITANO, Marcos. op.cit. p. 244-245.

⁷¹⁸ MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: História, questões e debates. Curitiba:UFPR. N.20/38, jan/jun. 2003. p.40. apud: NAPOLITANO, Marcos. op.cit. p.247.

arrumados” e organizados. Não é apenas um formato gráfico pouco ousado, pura e simplesmente tradicional, mas nos diz implicitamente que o projeto da *National Alliance* é sério, coerente, tradicional, direto e objetivo.

“A América é um país em transformação”. Essa é a primeira declaração de Pierce em um tom alarmista. Daí em diante, sua empreitada será explicar de que forma a “América” está mudando, transformando-se, e que mudanças são essas.

O primeiro minuto do filme é chocante, procura prender a atenção do espectador qualquer que seja sua inclinação ideológica. Abaixo, reproduziremos o discurso concernente a esse tempo.

A América é um país em transformação! Com mais de um milhão de imigrantes não brancos, tanto legais quanto ilegais, inundando os Estados Unidos todo ano, vindos da Ásia, África, México e da região caribenha, a tez da nossa população está rapidamente escurecendo. Nossa cultura também está mudando, refletindo tanto as mudanças na população quanto as tendências promovidas pela mídia de entretenimento e propaganda. A América está ficando menos branca, menos europeia, menos civilizada e mais como o terceiro mundo.⁷¹⁹

As primeiras imagens mostradas são uma cena da travessia do rio Grande por imigrantes latinos, seguida de uma passagem pelas ruas de um bairro chinês, uma família muçulmana e uma discoteca “de negros”. A cena do rio preza pela quantidade, ou seja, procura enfocar o “rio de pessoas” que escoam para a “América”. A câmera filma de cima, de forma que não vemos a fisionomia daqueles sujeitos que, em busca de melhores condições de vida, lutam para chegar do outro lado. Vemos apenas uma multidão descaracterizada, dezenas de pontos tentando vencer a força do rio para adentrar a tão sonhada “América”. Nas cenas seguintes, o foco é a qualidade, a característica desses não brancos. As cenas no bairro chinês buscam manter as lentes focadas nos rostos dos sujeitos e nas placas e letreiros de lojas e restaurantes, gravadas com ideogramas orientais. A família muçulmana é facilmente identificada pelas vestes, como o lenço na cabeça da mulher. Já os negros são retratados em uma cena mais longa e repleta de simbologia degradante. Aparecem dançando numa discoteca. O primeiro plano consiste em um cantor gordo, que não apenas ocupa quase a totalidade da tela com seu tamanho avantajado, mas aparece súbita e abruptamente no quadro.

⁷¹⁹ HAWTHORNE, Robert. *America is a changing country: a documentary on the National Alliance and its program*. 2001. “*America is a changing country! With more than a million non-white immigrants, both legal and illegal, pouring into the United States from Asia, Africa, Mexico and the Caribbean region every year, the complexion of our population is rapidly becoming darker. Our culture is changing too, reflecting both the changes in population and trends being pushed by the entertainment and advertising media. America is becoming less white, less European, less civilized and more like the third world.*”

Notamos a intenção do diretor em assustar o espectador pela rapidez com a qual o primeiro personagem (o cantor) entra e sai do quadro. A escolha em colocá-lo não apenas em primeiro plano, mas em ampliar o foco em seu rosto demonstra a intenção do diretor Robert Hawthorne de não deixar dúvida sobre sua cor negra e suas feições étnicas. As demais cenas na discoteca retratam mulheres dançando de maneira no mínimo exótica, todas juntas e em coreografia. É perceptível igualmente a intenção de aviltar moralmente as mulheres negras, como se a elas faltasse pudor. Os homens são sempre mostrados gesticulando muito, aparecem em primeiro plano cantando e dançando rap exaltadamente e o foco é geralmente seus rostos, os quais aparecem abruptamente na tela e ampliados de forma a que possamos ver de perto suas feições. Assim, o homem aparece individualizado, e a mulher, em coletivo na multidão amorfa. Ele comanda a festa, é o cantor. Elas respondem com sua coreografia sexualmente apelativa como animais amestrados.

O negro é novamente retratado quando o narrador menciona a mídia do entretenimento e propaganda. São mostradas diversas revistas na tela, nas quais a figura em destaque é sempre o negro. Esse grupo social aparece em todas as capas mostradas sem exceção, passando para o espectador a ideia de que os negros estariam, então, “tomando” o lugar de todos, “ocupando” todos os espaços. A associação entre o negro e a mídia é feita mais de uma vez ao longo do vídeo e também pode ser percebida em outros materiais produzidos pela *National Alliance*. Aos aproximados 37 minutos do filme, Pierce alerta para a importância de se recuperar a mídia dominada pelos judeus, redirecionando a programação exibida por uma que valorizasse os “valores brancos”, “valores europeus” trazidos por seus ancestrais da Europa 300 anos atrás.

É interessante o fato de serem mostradas imagens não apenas de grandes empresários judeus do setor de entretenimento e cenas relacionadas ao cinema hollywoodiano, mas também imagens de um grupo de cantores negros de rap. O diretor deixa implícita a ideia de que são os judeus que estão por trás, promovendo e apoiando a expansão e popularização de expressões culturais e artísticas da comunidade negra, contribuindo ativamente para colocar na ordem do dia as vozes e as expressões culturais de um grupo social excluído na América em detrimento das expressões culturais brancas. Tal representação corrobora o argumento anteriormente visto, no qual os judeus estariam trabalhando para impedir ou dificultar a formação de uma coletividade mitificada em torno da identidade racial branca pela promoção

do multiculturalismo e da integração racial, políticas inerentes ao projeto da Nova Ordem Mundial.

A última parte deste pequeno extrato do discurso é claramente um alerta. Um alerta à extinção da raça, ao desaparecimento da “cultura branca” e finalmente à perda de civilidade. Em seu lugar, o caos, a desordem terceiro-mundista, o desrespeito, a volta às trevas e ao primitivismo, enfim, a involução. Na tela, podemos ver imagens de uma tribo africana e a palavra “África” escrita em caixa alta na parte inferior da tela para que ao espectador não reste dúvida. Negros aparecem nus, novamente dançando, em meio à floresta. Mais uma vez, o foco é do torso para cima, enfatizando características étnicas em seus rostos. A comparação com a atual situação de “perigo” nos EUA vem logo a seguir em duas cenas distintas. A primeira se passa numa provável festividade em um local remoto e descampado, no qual os negros norte-americanos são retratados de forma similar aos africanos. Aparecem subitamente em primeiro plano cantando e gesticulando de forma agressiva, rangendo os dentes e ameaçando o espectador com bastões. A segunda se passa em bairros residenciais pobres, ou bairros “de negros”. Podemos ver casas simples construídas no mesmo estilo, ruas sem asfalto, grama mal cortada e pessoas espalhadas desordenadamente pelas ruas. É mostrado um bairro perigoso, no qual seus moradores não têm a menor preocupação de mantê-lo ordenado, limpo e cuidado. A cena denota, assim, que o perigo é iminente e que o alerta não é exatamente para o futuro, mas para agora.

Tudo isso é passado em apenas um minuto, precisamente em um minuto e dezesseis segundos. A *National Alliance*, já há algum tempo preocupa-se em divulgar tal alerta. Em uma transmissão de 1996, isso já vinha sendo feito.

Nossa civilização está morrendo. Nossa cultura está sendo aniquilada. Honra, moral, nobreza: tudo isso é coisa do passado agora. O que nós temos agora é a democracia dos judeus, a igualdade dos judeus, a diversidade e o multiculturalismo dos judeus, desonestidade e fraude e degeneração dos judeus em todos os aspectos de nossas vidas.⁷²⁰

O caos, a desordem e, em última instância, o processo de destruição da “cultura e do modo de vida branco” já estariam se implantando e tomando conta dos EUA. É, nesse sentido, também um chamado à luta, um chamado a salvar a “América branca”, ou pelo menos o que

⁷²⁰ National Alliance. The meaning of democracy. National Dissident Voices. 28 September 1996. “*Our civilization is dying. Our culture is being killed. Honor, morality and nobility: those are all things of the past now. What we have now is Jewish democracy, Jewish equality, Jewish diversity and multiculturalism, Jewish crookedness and deceit and degeneracy in every aspect of our lives.*”

resta dela. O que exatamente seria essa “América branca”? O que nela é considerado tão sagrado que valha a pena lutar para preservar?

Logo após as cenas que levariam ao alerta e ao chamado a ação imediata é apresentada, então, a “América branca”. Esta, em contradição com o anteriormente visto, é mostrada em toda a sua riqueza e ordem. A primeira cena desse novo quadro é o litoral de uma grande cidade, delineado por arranha céus em harmonia com o azul do mar, o casamento perfeito entre desenvolvimento tecnológico e a natureza preservada.

Lentamente, a câmera se afasta e entra em cena um gracioso e imenso iate branquinho, simbolizando riqueza, conforto, sucesso e alegria. As ruas da pretensa “cidade branca” retratada são claras e limpas, com trânsito muito bem ordenado e arquitetura preservada. Somos, então, levados aos subúrbios, brancos naturalmente. O diretor retoma a ideia do casamento próspero entre a ação humana, o desenvolvimento urbano e a preservação da natureza. A cena introdutória do subúrbio é a imagem de uma flor, seguida de uma bela casa de dois andares, mostrada por entre os galhos verdinhos de uma árvore. As façanhas tecnológicas são ilustradas por imagens de um lançamento de um foguete e uma lindíssima imagem de um astronauta em meio ao espaço sideral com a Terra ao fundo. Outras múltiplas invenções e descobertas, frutos da engenhosidade do “homem branco”, como o lazer e a microeletrônica são também mostradas.

Mas o sonho está em perigo, seu mundo está ruindo. Isso porque, nas palavras de Pierce:

... nós sobrecarregamos nossa economia nas últimas décadas com crescentes gastos com políticas de bem-estar e crescentes programas governamentais de todo o tipo, muitos dos quais desencorajam a poupança e a iniciativa individual. Como a população continua a cair de qualidade e quanto mais indústrias americanas são levadas à falência por importações desenfreadas do mundo não branco, os economistas preocupam-se cada vez mais com o inevitável declínio da produtividade americana e do padrão de vida americano.⁷²¹

Associadas ao projeto judaico de dominação, a Nova Ordem Mundial, as políticas de bem-estar são aqui retratadas com imagens de repartições públicas lotadas, com filas imensas e gente para todo o lado. Previsivelmente, todos os que lá se encontram são negros e latinos, dispostos desordenadamente, alguns em pé, outros jogados nas cadeiras, adultos, crianças e

⁷²¹ HAWTHORNE, Robert. op.cit. “...we’ve poured much sand into the gears of our economy in recent decades with increased welfare spending and increased governmental programs of every sort, many of which discourage thrift and individual initiative. As the population continues to decline in quality and as more American industries are driven into bankruptcy by uncontrolled imports by the non-white world, economists have increasing concerns about the inevitable decline in American productivity and the American standard of living.”

idosos todos misturados. Os beneficiados por tais políticas são mostrados ainda de forma a parecerem preguiçosos e pouco empenhados nas coisas do trabalho. A cena que segue a da repartição pública é novamente a de um bairro pobre, no qual pessoas são filmadas sentadas às ruas de seus bairros decadentes e mal preservados ou em casa em meio à família que dorme e assiste à televisão. Os bairros são sempre muito cinzas, com poucos estabelecimentos comerciais, muitas vezes descampados, com pouco verde, pouca gente, quase que com pouca vida.

Como pudemos observar em outros materiais, a crítica ao reformismo e às políticas de bem-estar remontam aos tempos de Roosevelt e ao *New Deal*. Mas há ainda um outro momento, considerado igualmente importante e, como vimos nos programas de televisão, intensamente criticado pela *National Alliance*, o pós-Segunda Guerra. O terceiro quarto do século XX ficou marcado na história dos EUA, conforme tentamos demonstrar no capítulo dois, como um importante momento de ampliação dos direitos civis. A “América” saiu do armário, gritou pela paz, exigiu cidadania, alguns até igualdade. O terceiro quarto do XX foi intenso, não chegou a revolucionar, nem sequer pôr em risco as estruturas, mas certamente as abalou, democratizando espaços políticos e sociais. Tais mudanças não foram vistas com bons olhos pelos neofascistas. Na verdade, muitas delas inclusive geraram sentimentos de repulsa e revolta, os quais muitas vezes foram canalizados e impulsionaram a organização política. Vejamos como a organização expressou essa passagem no filme.

Até aproximadamente 1960, a América era um país branco, racialmente, culturalmente, moralmente. Nós ainda tínhamos uma civilização e uma cultura que eram essencialmente europeias, essencialmente nossas. Nós não perseguíamos ou abusávamos das minorias aqui, mas nós não nos misturávamos com eles. Nós entendíamos que eles eram diferentes de nós e que se nós nos misturássemos com eles, nossa civilização, nossa cultura, nosso estilo de vida, nosso padrão de vida e, em última instância, o nosso povo, nossos genes mudariam irreversivelmente. Nós não queríamos isso, então nós nos mantivemos separados. Nós mantivemos nossa própria identidade, criamos nossos filhos à nossa maneira, controlávamos nossas fronteiras, nós não acobertávamos criminosos, nós não tolerávamos casais multiraciais. (...) E nós mantivemos nossa sociedade decente e ordenada e branca, com muito menos intervenção do governo em nossas vidas do que temos hoje,

porque assim nosso povo queria. Assim eram as coisas até a Segunda Guerra Mundial. Depois da guerra, as coisas começaram a mudar.⁷²²

Nesse conjunto de quadros temos cenas de uma América segregada, mostrada com um tom positivo do tipo: as coisas estavam em ordem, pessoas brancas eram felizes, apareciam sempre sorrindo e muito bem ordenadas, quase que posadas para uma foto. As mulheres são mostradas em tradicionais cenas de uma família patriarcal, ao redor do marido ou dos filhos, as imagens são em preto e branco, retratam casais felizes, interação harmoniosa com os filhos e com a natureza. O jardim está sempre logo ali, com sua grama bem cortada e flores bem cuidadas, cercados de adoráveis animais de estimação.

Então, como afirmado ao final do trecho, as coisas começaram a mudar. A mídia de massa, segundo a *National Alliance*, desempenharia um papel crucial nesse processo.

A mídia de massa rezava virtualmente sobre uma só linha e essa linha era que a América branca tinha visão limitada do mundo, intolerante, injusta, repressora e fora de moda. Nós precisávamos mudar para nos tornarmos mais abertos, mais tolerantes e menos repressivos. Nós precisávamos nos modernizar entrar na moda. Nós precisávamos de novas ideias, novos comportamentos, novas leis, novos valores, novos tipos de gente no país.⁷²³

O narrador soa extremamente sarcástico e é possível notar claro desdém, especialmente quando ele pronuncia os adjetivos que vêm caracterizando negativamente a “América branca” e os substantivos que indicam tudo o que a nova “América” deveria ser. Ao longo da frase, algumas imagens ilustram ou explicam, deixando mais claro o que ele quer dizer com aberta, tolerante, menos repressora, moderna e as novas ideias, comportamentos, leis, valores e pessoas. A série de imagens consiste em um grupo de homens negros comendo uma melancia com a mão, claramente associando os negros ao primitivismo, a seres não civilizados que não sabem se portar numa refeição. Logo em seguida, vemos o rosto de um rapaz coberto de *piercings*, simbolizando a moda e a modernidade, as quais, por sua vez,

⁷²² HAWTHORNE, Robert. op.cit. “*Untill about 1960, America was a white country, racially, culturally, morally. We still had a civilization and a culture that were essentially European, essentially ours. We didn't persecute or abused the minorities here, but we didn't mix with them. We understood that they were different from us and that if we mixed with them ours civilization, our culture, our life style, our standard of living and eventually our people, our genes would change irreversibly. We didn't want that, so we remained separate. We kept our own identity, we raised our children our way, we controlled our borders, we didn't calved criminals, we didn't tolerate racially mixed couples. (...) And we kept our society decent and orderly and white, with much less governmental intervention in our lives than we have today, because that's the way our people wanted. That's the way it was until the Second World War. After the war things began changing.*”

⁷²³ Idem. “*The mass media had a virtually unanimous party line and that line was that white America was narrow-minded, bigoted, unfair, repressive and old-fashioned. We needed to change, we needed to become more broad-minded, more tolerant and less repressive. We needed to become modern, to become fashionable. We needed new ideas, new attitudes, new laws, new values, new types of people in the country.*”

aparecem associadas a um queimador de erva em cima de uma bandeira da Jamaica, adornada com o desenho de uma folha de maconha e escrito *marijuana*. Finalmente, surge o rosto de uma moça latina com o cabelo pintado de rosa, ilustrando as novas pessoas. Serão elas, consideradas como estranhos no ninho, quem trarão os novos valores, ideias e leis que vêm degradando a “América”. A figura da moça latina não é suficiente, o diretor não optou por qualquer figura latina, e sim uma que trouxesse os cabelos pintados de rosa com objetivo de tentar chocar o espectador e associar duas idéias: os novos valores são também valores estranhos, valores de fora, não originários da terra.

Os anos 1960 são mostrados como anos da desordem, do caos, de protestos sempre violentos e perturbadores da paz. Os atos de vandalismo são focados em grupos de negros, que aparecem queimando e destruindo cidades inteiras. É mostrada, ainda, a cena de uma moça branca sendo fichada e com ela nos é também mostrado o retrato de uma “juventude branca” perdida, perdida para os valores, ideias e modas do “outro”.

Estimulados por esse bombardeio da mídia contra a América tradicional, todos esses subversivos elementos antibranco, antipatrióticos, antimasculinos, antiheterossexuais começaram a sair de seus armários e de suas tumbas. Negros começaram a protestar nas ruas, exigindo novos direitos. Então, eles começaram a fazer motins e incendiar cidades americanas. Cidade após cidade ficaram em chamas durante os anos 60. Comunistas organizavam-se abertamente nos campi Universitários da América.⁷²⁴

A primeira parte do vídeo é, então, finalizada com um choque, um choque acerca do que se tornou a “nova América”. É o momento do vídeo impregnado de maior emoção, principalmente por parte do narrador. O nível de inconformismo e desolação de Pierce atinge aqui seu auge. Seu tom de voz vai aumentando gradativamente, a ponto de podermos imaginá-lo prestes a estourar. Ele sequer consegue terminar a longuíssima frase que compõe a maior parte do trecho! Não conseguindo se conter, Pierce literalmente grita a última frase do trecho, como que não conseguindo acreditar no que se transformara a sociedade contemporânea.

[os judeus fizeram uso de seu controle da mídia] para transformar **deliberadamente** [ênfase do enunciador] a América de uma América branca, onde homens eram homens e mulheres eram mulheres e não havia nenhuma dúvida sobre isso; de uma América branca, onde os bairros eram limpos e seguros e as escolas eram instituições reguladas e disciplinadas, onde nossas crianças e jovens aprendiam

⁷²⁴ Idem. Ibidem. “*With the encouragement of this media blitz against traditional America, all of the subversive anti-white, anti-patriotic, anti-masculine, anti-heterosexual elements began coming out of their closets and out from under their flat stones. Blacks began demonstrating in the streets, demanding new rights. Then they began rioting and burning America’s cities, city after city went up in flames during the 1960’s. Communists organized openly on America’s university campuses.*”

sobre suas raízes europeias, sobre as civilizações construídas por seus ancestrais e aprendiam igualmente técnicas e hábitos de trabalho e fortaleciam os traços de caráter que os transformaria em cidadãos fortes e produtivos; de uma América branca sem rap e sem drogas e sem agitadores e sem mistura racial. Eles **transformaram nossa América** [ênfase do enunciador] na bagunça multicultural que temos hoje!⁷²⁵

No vídeo são mostradas imagens definindo do lugar de cada sexo. Os homens aparecem em um bar, bebendo em meio à algazarra. As mulheres, lindas bonecas adornadas e enfileiradas em um clássico concurso de beleza. Cada um no seu lugar, cumprindo sua função. Finalmente, após explodir inconformado, o narrador conclui seu pensamento. “Eles estão orquestrando uma guerra cultural contra tudo o que é branco, tradicional, tudo o que no passado nos dava um senso de identidade, de comunidade racial, de pertencimento e responsabilidade, um senso de orgulho e solidariedade.”⁷²⁶

Tais mudanças, entretanto, são apontadas pela *National Alliance* apenas como a “ponta do iceberg”, são sintomas de uma doença mais profunda que aflige nossa sociedade, alertando que é preciso não apenas lutar contra os resultados, mas também contra as causas mais profundas da decadência. Para a *National Alliance*, o problema crucial é atribuído fundamentalmente ao crescimento do materialismo e dos interesses econômicos nas sociedades contemporâneas em detrimento dos valores espirituais, valores intrínsecos à raça branca, os quais desde a ascensão do reformismo na primeira metade do século XX estariam sendo deturpados, corrompidos, femininizados.

De um modo bastante geral, valores aristocráticos são valores masculinos e valores democráticos, valores igualitários são valores femininos. Também é verdade, de uma maneira geral, que o materialismo é um modo feminino de ver o mundo. É um modo que enfatiza a segurança e o conforto e coisas tangíveis em detrimento de intangíveis. Não se preocupa com conceitos como a honra e muito pouco com a beleza e as tradições e as raízes. É um modo de horizonte limitado, com o lar e a lareira em mente, mas nunca fronteiras distantes. A Reverência e o respeito pela majestade da natureza são desconhecidos pelo materialista. (...) O papel do governo muda, daquele de um pai, que mantém um ambiente ordeiro e regulado, no qual os homens são livres para batalhar o quanto quiserem pelo sucesso, para aquele de uma

⁷²⁵ Idem. Ibidem. “to transform America **deliberately** from a white America, where men were men and women were women and there was mistake which was which; from a white America where neighborhoods were clean and safe and schools were orderly, disciplined institutions, where our children and young people learned about their European roots, about the civilizations built by their own ancestors and also learned the techniques and skills and the work habits and strengthen the character traits that would make them strong and productive citizens; from a white America without rap and without drugs and without wiggles and without race mixing. They **transformed our America** to the multicultural degenerate mess we have today!”

⁷²⁶ Idem. Ibidem. “They are orchestrating a cultural war against everything white, everything traditional, everything which in the past gave us a sense of identity, a sense of racial community, a sense of belonging and responsibility, a sense of pride and of solidarity.”

mãe, que quer assegurar que todos os seus filhos sejam supridos de tudo de que precisem.⁷²⁷

A “América” é um país em transformação e para a *National Alliance*, assim como para muitos outros neofascistas, transformara-se em país de fracos, de preguiçosos que simplesmente se negam a arregaçar as mangas ao trabalho, preferindo viver insolentes às custas daqueles que efetivamente contribuem. Um país apinhado de criaturas aberrantes, vivendo lado a lado, como que num carnaval de horrores; de homens e mulheres individualistas e ambiciosos, com valores detestáveis.

Será em torno disso, contra toda essa conformação social que se desencadeará toda a luta da *National Alliance*. Até aqui, pudemos conhecer a *National Alliance* basicamente por meio da sua negativa, ou seja, por meio do que ela não é ou daquilo de que ela discorda, por meio de seus descontentamentos. Mas, o que a *National Alliance* diz de si mesma? Como ela se auto-define? Como se delineia mais especificamente seu projeto de sociedade alternativa? Essas perguntas certamente nos puseram diante de um desafio de maior fôlego, muito porque a própria *National Alliance* não deixa isso tão claro e explícito quanto suas críticas à sociedade atual. De todo o *corpus* documental recolhido, achamos somente três documentos que nos levam diretamente a uma possível resposta a tais perguntas. Um deles é a segunda parte do próprio filme-documentário há pouco analisado. Os outros dois consistem em duas transmissões de rádio, uma mais antiga, datada de 1976 e, portanto, próxima ao ano de fundação da organização, e a segunda mais recente, de 2000, próxima à data de morte de William Pierce. Começemos, então, pelo filme.

Aos treze minutos e meio de filme, Pierce entra em cena. Ele aparece sentado em um escritório ou biblioteca, trajando terno e gravata. Como um cientista, nada mais apropriado do que mostrá-lo rodeado de livros, tendo como cenário um espaço de intelectuais. Isso acaba também transmitindo um tom de seriedade, racionalidade e cientificidade à própria *National Alliance*, seus argumentos e programa político. Pierce dá início a uma apresentação da organização, procurando definir a organização e seus objetivos.

⁷²⁷ The feminization of America. National Dissident Voices. 23 August 1997. “In a very broad sense, aristocratic values are masculine values, and democratic values, egalitarian values are feminine values. It is also true that, in a very broad sense, materialism is a feminine way of looking at the world. It is way which puts emphasis on safety, security, and comfort, and on tangible things at the expense of intangibles. It is not concerned with concepts such as honor, and very little with beauty, and tradition, and roots. It is a way with a limited horizon, with the home and hearth very much in sight, but not distant frontiers. Reverence and awe for Nature’s majesty are unknown to the materialist. (...) The role of the government shifts from that of a father, who maintains an orderly and lawful environment in which men are free to strive as little or as much as suits them, to that of a mother, who wants to insure that all her children will be supplied with whatever they need.”

Nós somos uma organização de homens e mulheres de descendência europeia, homens e mulheres brancos, que nos colocamos o desafio de libertar nosso povo das influências externas, as quais estão nos destruindo e, então, fornecer influências saudáveis e construtivas em seu lugar. Nosso objetivo final é assegurar a sobrevivência e o progresso do nosso povo.⁷²⁸

Diferentemente de algumas organizações neofascistas, o conceito de “branco” para a *National Alliance* é extensivo a todos de descendência europeia. A organização não limita nem estabelece “hierarquias de brancura” entre os diversos povos europeus, o que não é incomum entre organizações neofascistas norte-americanas. Ainda que esse não seja o caso da maioria das organizações, é frequente encontrarmos esse tipo de divisão, na qual os povos nórdicos da Escandinávia e de origem germana encabeçam a pirâmide dos “mais brancos” e “mais puros”, sendo seguidos então pelos povos europeus de origem latina e celta e por último os eslavos. A *National Alliance* não faz essa divisão. Em resposta à pergunta de um telespectador sobre esse ponto em particular, Pierce esclarece: “Nós nos preocupamos, em verdade, com todas as pessoas de descendência europeia, não importando se seus ancestrais vieram da Escandinávia, da Polônia, da Inglaterra, da Alemanha, da Itália...”⁷²⁹ Logo, entendemos que esse, o branco de descendência europeia, é o público alvo da organização.

Questões classistas e rótulos político-ideológicos como “direita”, “esquerda” ou “conservador” não passam pelo discurso da organização, pois, como o próprio Pierce esclarece, a *National Alliance* foi criada exatamente para assegurar a sobrevivência e o progresso da raça como um todo.

O discurso *Our Cause*, disponível nos arquivos do *American Disident Voices*, consiste em uma gravação de uma das reuniões da *National Alliance* feita em 25 de setembro de 1976. Logo de início, Pierce procura delimitar a organização politicamente, marcando as similitudes e diferenças entre o programa proposto pela organização e as usuais designações “direita” e “esquerda”. Segundo sua definição, a *National Alliance* não figuraria em nenhuma delas, não apenas por conta de divergências, mas especialmente porque a doutrina pregada pela

⁷²⁸ HAWTHORNE, Robert.op.cit. “We’re an organization of men and women of European ancestry, white men and women, who set ourselves the task of freeing our people from the alien influences, which are destroying us and then providing healthy and constructive influences in their place. Our ultimate goal is to ensure the survival and progress of our people.”

⁷²⁹ Pierce on race, immigration, homosexuality, feminism and Jews. Race and Reality. s/d. “We’re concerned really with all the people of European descent, whether their ancestors came from Scandinavia, from Poland, from England, from Germany, from Italy...”

organização traria algo de novo, um conjunto de elementos que simplesmente não caberiam completamente nem na primeira designação nem na segunda.

Um desses elementos é a Constituição. “Nós não estamos interessados em restaurar a Constituição. A Constituição, que foi escrita 200 anos atrás serviu bem um propósito por um tempo. Mas esse tempo é passado. Nem fora seu propósito o mesmo que o nosso hoje.” No projeto de sociedade imaginado pela *National Alliance* não está prevista a manutenção da Constituição original ou mesmo uma reinterpretação dela. Nova sociedade, nova Constituição. A *National Alliance*, diferentemente dos “conservadores”, também não luta pela restauração da soberania dos direitos individuais dos estados, mesmo porque acredita que “um governo forte e centralizado não é um mau em si mesmo”. A organização é favorável à preservação do meio ambiente e contrária ao ensino religioso nas escolas, plataformas que por muitos seriam consideradas “liberais”.

Com um discurso que se nega rótulos ou denominações políticas, a raça se torna um elemento delimitador. Isso nos leva a uma outra questão. Como a *National Alliance* justifica a superioridade da raça branca? A organização fala abertamente em superioridade ou mostra-se mais recatada, preferindo o argumento das supostas diferenças inconciliáveis? Tendo em vista o fato do fundador da organização ser um intelectual, um cientista de fato, imaginávamos ao início desta pesquisa que a argumentação e justificativa para esse ponto fosse girar em torno dos conhecidos argumentos científicos de superioridade racial difundidos no século XIX, a exemplo da famosa teoria do tamanho avantajado dos cérebros dos homens brancos.

Contudo, a imprevisibilidade da atividade de pesquisa nos levou à uma justificativa que envolvia ao mesmo tempo argumentos do cientificismo racista e de base religiosa. Se por um lado parece estranha a conjugação entre ciência e religião, temos por outro uma proposta um tanto curiosa, fundamentando filosoficamente tanto um projeto político-social quanto a religião criada por Pierce, o *Cosmotheism*. A raça branca, assim, seria não apenas o último estágio da evolução humana, mas também a última e mais desenvolvida manifestação do criador. Atentemos para esta última parte, o homem branco é **manifestação** do criador, não é produto, não é filho, nem juguete, é uma manifestação, ou seja, é o divino em si na Terra. Abaixo destacamos alguns trechos de “*Our cause*”, nos quais podemos ver como essa filosofia é construída.

O universo é a manifestação física do todo. O todo está mudando e continuará sempre mudando continuamente, está se desenvolvendo, isto é, está se direcionando

para cada vez mais complexos e mais altos estágios de existência. O desenvolvimento da vida na Terra a partir da matéria não viva foi um passo nesse interminável processo evolucionista. A evolução do homem e criaturas mais simples a partir de formas de vida mais primitivas foi um outro passo. A diversificação dessas criaturas nas várias raças e subraças, e a contínua evolução dessas raças em diferentes partes do mundo e a diferentes velocidades são continuações desse processo.⁷³⁰

Nesse primeiro trecho, deparamo-nos com a origem do mundo segundo a *National Alliance*. É uma origem com traços científicos marcantes. Não se fala em Deus, mas em universo e evolução, lembrando os argumentos darwinistas. Continuemos, então.

Essa é uma evolução não apenas no sentido de construir formas físicas mais e mais altamente desenvolvidas, mas é também uma evolução da consciência, da autoconsciência do todo. (...) Nós estamos agora a ponto de um completo entendimento do fato de nós sermos a manifestação do criador, de sermos o significado e a substância pelos quais o criador, pelos quais o todo do qual somos parte pode continuar sua autoevolução. Quando nós entendermos isso, quando nos atentarmos para o raio de divino em nós, então aí nós poderemos mais uma vez ascender no caminho que tem nos levado de subhomens a homens e pode nos levar agora de homens a super-homens e adiante.⁷³¹

Aqui, o argumento científico se mistura com discurso aparentemente religioso. Ainda assim, não nos parece que o fundo religioso do argumento tenha base cristã. Diferentemente da *Christian Identity*, religião racista de base cristã, o *Cosmotheism* não fala diretamente em Deus, nem em figuras cristãs como Adão e Eva.⁷³² A raça branca é superior porque é manifestação do criador, parte específica do todo que traz a divindade intrínseca em si. Exatamente porque é parte e não produto desse todo, exatamente porque é especial, porque é divina, essa raça não está submetida à vontade de força sobrenatural alguma, isto é, de Deus. Sua missão, portanto, não está em servir ou louvar nada. Sua força também não é buscada fora, em um Deus ou entidade, mas deve ser achada em si. Essa raça depende unicamente de si mesma, de seu esforço, da crença em sua capacidade e divindade para vencer os obstáculos

⁷³⁰ National Alliance. Our cause. National dissident Voices. 25 September 1976. “*The universe is the physical manifestation of the whole. The whole is continually changing and always will be. It is evolving, that is, it’s moving toward ever more complex, ever higher stages of existence. The development of life on Earth from non-living matter was one step on this never-ending evolutionary process. The evolution of men and light creatures from more primitive forms of life was another step. The diversification of these creatures into the various races and sub-races, and the continuing evolution of these races in different parts of the world and in different rates have been continuations of this process.*”

⁷³¹ Idem. “This is an evolution not only in the sense of building a more and more highly developed physical forms, but it is also an evolution in consciousness, in the self-consciousness of the whole. (...) We stand now on the verge of a full understanding of the fact that we are a manifestation of the creator that we are the meaning and the substance by which the creator, by which the whole of which we are a part can continue its self-evolution. When we understand this, when we heed the divine spark within us, then we can once again ascend the upward path that has led us from sub-men to men and can lead us now from men to supermen and beyond.”

⁷³² Na *Christian Identity* as sub-raças são frutos dos descendentes de Cain, amaldiçoadas com a pele escura, símbolo de sua inferioridade racial e moral. Os arianos seriam, por sua vez, os descendentes de Abel.

da vida. Esse é o eixo filosófico que justifica a mistificação da raça, coletivo responsável pela construção de uma forma de sociabilidade política, cultural e economicamente superior ao liberalismo, ao comunismo e ao reformismo de base keynesiana.

Nós não conseguiremos achar o caminho sem essa consciência, sem essa compreensão de que a responsabilidade é nossa, que nós não somos brinquedinhos de Deus, mas somos nós mesmos uma manifestação de Deus e podemos nos tornar, temos que nos tornar uma manifestação consciente. Somente assim poderemos cumprir nosso destino.⁷³³

Conscientes, os homens se organizam politicamente em aparelhos, nos quais elaboram e defendem um determinado projeto. Organizados, os homens avançam também em seu processo de conscientização e trabalham, empenham sua força e esforço para fazer que outros igualmente se conscientizem, construindo consenso. O meio adotado pela *National Alliance* para a construção desse consenso foi o desenvolvimento de uma ampla e diversificada estrutura midiática que, aliada ao trabalho de base, fosse capaz de transmitir e fazer chegar aos brancos, mesmo àqueles com visões de mundo contrárias, sua mensagem, sua leitura da realidade social vivida, da história, seu projeto político e toda uma visão de mundo.

Praticamente todos os nossos esforços até agora são direcionados no desenvolvimento de meios para nos comunicarmos com o nosso povo. Muitos americanos brancos não têm noção do que está acontecendo. (...) Nós temos que ser capazes de nos comunicarmos com todas essas pessoas. Nós temos de ser capazes de prover informações vitais aos que acham que algo está errado e então explicar a eles como tudo se encaixa. (...) E nós também temos de ser capazes de chamar a atenção da maioria daqueles que sequer começaram a fazer perguntas. Nós temos que acordá-los, temos que alarmá-los, temos que provocá-los, para que eles também comecem a se perguntar.⁷³⁴

Os recursos dispensados pela organização no desenvolvimento dos materiais de mídia não visam apenas informar e trazer ao público alvo uma nova leitura do mundo, mas especialmente motivá-los a participar do projeto de um jeito ou de outro, motivá-los a participar da luta. Essa participação não envolve necessariamente uma filiação à *National*

⁷³³ National Alliance. Our cause. National dissident Voices. 25 September 1976. “We cannot find the path without this consciousness, without this understanding that the responsibility is ours, that we are not the playing of God, but are ourselves a manifestation of God and can become, must become now a conscious manifestation. Only in that way can we fulfill our ordained destiny.”

⁷³⁴ HAWTHORNE, Robert. op.cit. “Nearly all of our efforts now are directed toward simply developing the means for communicating with our people. Many white Americans aren’t really aware of what’s happening. They see the world around them only one day at a time. (...) We must be able to communicate to all of these people. We must be able to provide to those who have sensed that something is wrong the vital information they’re lacking and then explain to them how it all fits together. (...) And we also must be able to catch the attention of as many as we can of those who haven’t even begun asking questions yet. We must wake them up, we must alarm them, we must provoke them, so that they do begin to ask questions.”

Alliance, podendo ser feita de diversas maneiras, desde algum tipo de suporte financeiro até o efetivo enquadramento na organização de forma a fazer avançar a infraestrutura midiática.

Segundo a *National Alliance*, o momento da construção do consenso, do desenvolvimento da consciência é um passo essencial na luta política que não deve ser ignorado, como de fato vem sendo por muitas organizações neofascistas. Muitas vezes, podemos perceber que o próprio argumento da consciência política e da construção do projeto de sociedade passa igualmente por aquela consciência espiritual, na qual a raça branca é manifestação do divino. Para a *National Alliance* o processo de *catarsis* teria de passar invariavelmente por essas duas esferas.

Nós somos como uma Nação, como uma raça sem uma alma. E isso é uma condição fatal! A não ser que nós reconquistemos nossa alma, nenhum programa puramente político pode ter algum valor real para nós a longo prazo! (...) nós precisamos de uma base filosófica e espiritual para nossa luta política. Uma base, naturalmente, que nos diga porque nós temos de lutar e pelo quê nós estamos lutando. Mas nós também queremos uma base que nos diga como construir todo um novo mundo depois de nós termos vencido a batalha política.⁷³⁵

Com pesar em sua voz, Pierce adverte aos que nesse caminho não investem que a violência simplesmente não é uma saída realista no momento presente e que historicamente essa estratégia de luta só levará ao fracasso, retardando os objetivos últimos da luta, qual seja a construção de um “mundo branco”.

Nós não devemos imaginar que somos um esquadrão de soldados prontos para atacar um lugar repleto de ladrões e a única preparação de que necessitamos é nos certificar de que nossas baionetas funcionam e que nossa pólvora está seca. Essa parece ser a atitude da maioria dos patriotas esses dias. Essa não é uma atitude realista! (...) Nós temos que nos preparar para a luta política antes de contarmos com qualquer coisa que signifique o invariável fracasso, que tem sido presenteado aos patriotas. Nós devemos construir uma base, a qual nos sustentará por uma longa campanha.⁷³⁶

Em lugar da explosão momentânea de raiva e descontentamento, a *National Alliance* urge aos neofascistas que projetem um futuro e que trabalhem para a sua construção de forma

⁷³⁵ National Alliance. Our cause. National dissident Voices. 25 September 1976. “We’re like a Nation, like a race without a soul. And that is a fatal condition! No purely political program can have any real value for us in the long run unless we get our souls back.! (...) We need a philosophical, a spiritual basis for our political struggle. A basis, of course, which tells us why we must fight and what we’re fighting for. But we also wanna basis which tells us how to build a whole new world after we have won the political struggle.”

⁷³⁶ Idem. “We mustn't imagine that we are like a squad of soldiers about to assault a case full of robbers and the only preparation we need is to make sure our bayonets are fixed and our powder is dry. That seems to be attitude of most patriots these days. And it is not a realistic one. (...) we must prepare ourselves for our political struggle before we can count on anything other than the invariable failure, which has rewarded patriots in the past. We must build a foundation, which will sustain us or a very long campaign.”

a ampliar o número de pessoas que acreditem nesse projeto. O imediatismo, a autorrealização momentânea seria mesmo uma influência entranhada do materialismo judaico.

A perspectiva na qual o indivíduo é maior que si mesmo e vive por e em algo maior, particularmente, para e pela sua comunidade racial (...) parece ter escapado à maioria de nós hoje. É uma perspectiva que é diametralmente oposta à perspectiva judaica do materialismo e do egoísmo. (...) Nós nos tornamos uma Nação, toda uma raça de eternos auto-realizadores, uma raça preocupada com uma coisa apenas: a autogratificação.⁷³⁷

O trabalho de conquista dos corações e das almas dos norte-americanos brancos desenvolvido pela *National Alliance* integra um projeto que passa pela educação, pela persuasão do outro, quer esteja na costa oeste ou logo a seu lado. É um projeto que passa essencial e fundamentalmente por um investimento na construção do consenso no próprio âmbito da sociedade civil. Este é o campo de atuação da *National Alliance*, esta é a esfera do Estado que possibilitará a redenção. Assim como para Gramsci parte da revolução se constrói junto à sociedade civil, a revolução-restauração (transformismo) proposta pela *National Alliance* e pelas demais organizações neofascistas passa em muito pela sociedade civil. A sociedade política constitui um campo de disputa digno de poucos investimentos, pelo menos na ordem social atual.

Não faz sentido tentar construir um terceiro partido ou tentar dominar o partido republicano ou democrata. Até que nós tenhamos a TV e Hollywood em nossas mãos ou conseguir de algum modo impedir que os judeus continuem usando a mídia de massa para seus propósitos, nós não conseguiremos iluminar ou motivar nosso povo; nós não conseguiremos ganhar os corações e as mentes dos 'couch potatoes'... Nós somos capazes convencer apenas uma minoria do nosso povo que é capaz de pensar independentemente, uma minoria que não caiu nos encantos da televisão. Isso é algo entre 5 e 2% da população, não o suficiente para ganhar uma eleição ou formar uma multidão capaz de esmagar o governo, mas definitivamente o suficiente para abrir os portões no momento certo.⁷³⁸

Como podemos perceber, o sistema eleitoral e a democracia em um sentido mais geral são completamente esvaziados de credibilidade pela *National Alliance*, posto que dominados e manipulados pelos interesses judaicos. A *National Alliance* ambiciona o poder, mas não

⁷³⁷ Idem. *ibidem*. "The attitude that the individual is not an in to himself, but lives for and through something greater and particularly for and through his racial community...seems to have eluded most of us today. It is an attitude, which is dramatically opposed to the Jewish attitude of materialism and egoism. (...) We have become a Nation, a whole race of full time self-seekers, a race concerned with one thing: self-gratification."

⁷³⁸ HAWTHORNE, Robert. *op.cit.* "It makes no sense at all to attempt to build a third party or capture the republican or the democratic party. Untill we have TV and Hollywood in our own hands or have in some way made it impossible for the Jews to continue using these mass media for their own purposes, we cannot illuminate or motivate most of our people; we cannot win the hearts and minds of the couch potatoes... We can persuade only the minority of our people who are capable of thinking independently, the minority not under the spell of television. That is somewhere between 5 and 2 % of the population, not enough to win an election or to form a mob capable of overwhelming the government. But definitely enough to through open the city gates at the right moment."

pelas correntes vias eleitorais. A tomada do poder seria o resultado de um longo processo que envolveria a conquista das mentes e, inevitavelmente, a vitória político-militar. O momento presente seria ainda o da conquista das mentes, de adeptos à causa, especialmente daqueles já inseridos no esqueleto administrativo, organizacional, legal e defensivo do Estado. Conquistar sujeitos em tais posições se torna essencial para a desintegração de uma dada ordem social. A implosão do próprio sistema é facilitada pelo acesso à máquina burocrática.

O único meio de se fazer uma revolução nessa era tecnológica é dentro dos portões! Se nosso objetivo é controlar a máquina de poder, então nós temos de recrutar pessoas que já façam parte da máquina. Nós precisamos de programadores e administradores. Nós precisamos de professores e oficiais militares e policiais. Nós precisamos de escritores e de editores e de repórteres e de advogados. Nós precisamos ao menos de algumas pessoas que já tenham as mãos nas alavancas do poder! Pessoas que podem abrir os portões na hora certa.(...) Isso efetivamente requer uma organização ramificada, na qual muitas das capacidades e funções da sociedade em geral sejam duplicadas em menor escala dentro da organização.⁷³⁹

Conquistado o poder, como seria então essa sociedade branca? Primeiramente, como nos esclarece o programa “*A White World*”, transmitido em dezembro de 2000, o desenvolvimento da nova sociedade prescindiria de um espaço delimitado em separado do resto do mundo. No programa, ouvimos Pierce falar de continente, mas este não é especificado e ficamos sem saber a real dimensão desse espaço. Seria o continente americano do norte? Provavelmente, mas não temos como assegurar. Essa questão, como muitas outras, infelizmente fica em aberto.

É um espaço, entretanto, onde a natureza é preciosamente preservada. Haveria projetos de devolução dos animais a seu *habitat* natural, de reflorestamento e despoluição dos rios, dos lagos e do ar. Todos esses espaços naturais seriam ainda considerados de domínio público.

O contingente populacional também teria de ser limitado. Conforme o projeto,

ao invés de uma América do Norte com uma população em rápido crescimento da ordem de 300 milhões de bípedes de todas as etnias conhecidas, eu tenho a visão de um continente com uma população estável de 50 milhões de europeus americanos - europeus americanos mais sãos, mais saudáveis, mais fortes, mais

⁷³⁹ Idem. “*The only way to make a revolution in this technological era is from inside the gates! If our aim is to gain control of the machinery of power, then we must recruit people who already are part of the machinery. We need programmers and the system administrators. We need the professors and the military officers and the police officials. We need writers and the editors and the newspaper reporters and the lawyers. We need at least some of the people who already have their hands on the levers of power! People who can through open the gates at the right moment. (...) This really require a ramified organization in which many of the capabilities and functions of the larger society are duplicated in a smaller scale inside the organization.*”

bonitos e mais inteligentes que a norma para a maior parte do continente hoje - e livre de não brancos.⁷⁴⁰

As cidades seriam pequenas, com populações em torno de dez mil habitantes que trabalhariam conjuntamente para fazer funcionar um complexo de centros comerciais, manufatureiros, educacionais, etc.

De preciso nesse projeto é o fato de que a nova sociedade deve ser totalmente branca, sem sequer a presença de outras raças. Geneticamente branca, culturalmente branca, moralmente branca e espiritualmente branca. Assim deve ser a nova sociedade. Não brancos não seriam bem-vindos nem para a execução de trabalhos pesados ou considerados degradantes. A sociedade deveria ser, assim, gerida total e completamente pelos brancos.

Nós não devemos ter nenhum não branco em nosso espaço social e nós temos de ter espaço livre em nosso entorno para expansão. Entre outras coisas, isso quer dizer que nós devemos cortar nossa dependência do trabalho não branco e aprendamos a depender inteiramente de nós mesmos. (...) Nós talvez tenhamos que pagar mais aos brancos para fazer certas coisas que têm sido feitas por negros ou mestiços atualmente e nós podemos acabar pagando mais por alguns produtos e serviços, e talvez até abdicar deles.⁷⁴¹

O que se busca é a separação total do outro. A nova nação excluiria totalmente tudo aquilo que não se encaixasse no padrão da coletividade mitificada, nesse caso, a raça branca engajada no projeto de defesa de sua preservação e expansão. A força e glória da nova nação são vistas na unidade, na autoridade. Diferenças e divergências, sejam raciais, políticas, religiosas ou étnicas, vêm quebrar a unidade, a pureza do coletivo mitificado. Por isso a intolerância é tão grande, e as políticas discriminatórias, tão fortes.

Os documentos não deixam claro como esse separatismo total seria alcançado, de que forma exatamente se daria a exclusão total dos diferentes. Mesmo não defendendo a prática da violência física direta, ela não deixa de estar contida no projeto, uma vez que esse processo de conquista de território para a “nação branca” não poderia se dar sem uma parcela real de violência física direta. Ao fim e ao cabo, um conflito civil-militar parece inevitável. Similar, talvez, ao descrito no romance *The Turner Diaries*. Além disso, há de se levar em conta a

⁷⁴⁰ National Alliance. A White World. American Dissident Voices. 16 December 2000. “*Instead of a North-America with a rapidly growing population of 300 million featherless bipeds of every known ethnicity, I have a vision of a Continent of 50 European Americans -saner, healthier, stronger, better-looking and more intelligent European Americans than is the norm for most parts of the continent today- and no non-whites at all.*”

⁷⁴¹ HAWTHORNE, Robert. op.cit. “*We must have no non-whites in our living space and we must have open space around us for expansion. Among other thing, that means we cut out our dependence on nonwhite labor and we learn to depend entirely on ourselves. (...) We may have to pay more whites to do some things that are being done by blacks or mestizos now and we may end up paying more for some products and some services or even do without.*”

política expansionista claramente expressa no trecho acima. Ainda que a *National Alliance* não coloque abertamente a questão da violência física direta e do extermínio, esses elementos não tardam em se revelar, pois a vitória da coletividade mitificada vem conjugada à eliminação de todos os outros. Auschwitz já estava contido em *Minha Luta*, assim como violência e extermínio estão implícitos no discurso da *National Alliance*.

Muitas das características da nova sociedade seriam também inspiradas na experiência da Alemanha nazista. Nessa ocasião, todos os jovens eram obrigados a servir o Estado por um período de alguns anos, executando trabalhos operários. Segundo a *National Alliance*, esse sistema estaria direcionado não apenas para trabalhos manuais como o recolhimento do lixo e a colheita de gêneros agrícolas, mas também minimizaria as hostilidades interclassistas. Políticas habitacionais, de transporte, de saúde pública, gerenciamento industrial e as relações de trabalho, bem como a educação e o treinamento de jovens constituem outras políticas admiradas no nacional-socialismo e que igualmente poderiam servir de modelo.⁷⁴²

Ao sistema escolar da nova sociedade é dedicada especial atenção. No filme *America is a changing country*, são apresentados três objetivos a serem perseguidos por essas escolas. Primeiramente, a escola deveria procurar imbuir nos alunos um senso de identidade cultural e racial, trabalhando com eles a história de seu povo e estimulando o apreço pelas tradições vindas da Europa, de modo a que eles desenvolvessem um senso de responsabilidade na preservação e no avanço da raça. Em segundo lugar, as escolas deveriam enfatizar os conhecimentos práticos e o desenvolvimento das habilidades particulares de cada aluno para que eles se tornassem indivíduos produtivos na sociedade. Esse ponto é particularmente destacado no vídeo, sendo mostrada cenas de uma escola na qual os alunos aparecem desenvolvendo variados projetos relacionados à química, à carpintaria, à fotografia, etc. Os educadores devem, assim, estar atentos à aptidão e aos interesses de cada um, procurando desenvolver no aluno sua máxima potencialidade. Essas aptidões encontram, entretanto, uma barreira determinante imposta pelo gênero. As escolas devem reconhecer que homens e mulheres diferem fundamentalmente um do outro e que seus papéis na sociedade são complementares, ao invés de idênticos. Logo, meninos e meninas precisariam se especializar em diferentes direções durante o processo de aprendizado. Finalmente, a escola estaria também incumbida de forjar o caráter do homem branco, estimulando a crença no poder da

⁷⁴² National Alliance. A White World. American Dissident Voices. 16 December 2000.

vontade e da necessidade de autodisciplina. A escola seria, nesse sentido, também um espaço que testa, que desafia e que condiciona, devendo ensinar à criança como lidar com o fracasso, o desconforto e as dificuldades da vida sem maiores reclamações ou crises de auto-piedade.⁷⁴³

Os jovens devem ser criados num ambiente competitivo. Eles devem competir atleticamente: na ginástica, em eventos de corrida, exercitar táticas de sobrevivência, em artes marciais com e sem armas (...) e as garotas em concursos de estética, beleza e graciosidade... em competições de música e dança. Eles devem competir intelectualmente, com reconhecimento, bolsas e aprovações dos melhores alunos para as melhores escolas. Crianças criadas em ambientes competitivos crescerão valorizando a performance, qualidade e proeza.⁷⁴⁴

O estímulo à competição vai ainda mais além do estímulo ao esforço do indivíduo em extrair o melhor de si. Descobrimos que há também uma componente de seleção social igualmente presente. Esta, por sua vez, estaria associada ao casamento e a políticas de natalidade.

Em primeiro lugar, crianças criadas em ambiente competitivo e recompensadas e reconhecidas por suas proezas tenderão se distribuírem pela qualidade, de modo que rapazes superiores possivelmente estarão nas mesmas escolas e nos mesmos ambientes de trabalho que moças superiores e, portanto, possivelmente se casarão com moças superiores. Em segundo lugar, a geração de crianças pode ser encorajada ou desencorajada conforme a qualidade dos pais. Aos melhores pais podem ser dados os maiores incentivos sociais e econômicos para que tenham famílias grandes. A economia pode ser estruturada, o mercado de trabalho pode ser trabalhado, de forma a que as mulheres mais brilhantes e saudáveis tenham poucas opções de carreira e, portanto, é provável que escolham o casamento e a maternidade, enquanto atrativas carreiras fora de casa estejam muito mais disponíveis para mulheres menos dotadas, de modo a que essas possivelmente não se tornem mães.⁷⁴⁵

A preocupação com a raça atinge aqui um outro nível. Não mais ameaçada de extinção e devidamente protegida contra qualquer investida por parte de elementos não brancos, o foco da luta se direcionaria, então, para a seleção e, em última instância, para a promoção do

⁷⁴³ HAWTHORNE, Robert. op.cit.

⁷⁴⁴ National Alliance. A White World. American Dissident Voices. 16 December 2000. “*Young people should be raised in a competitive environment. They should compete athletically: in gymnastics, in track and field events, in the exercise of survival skills, in armed and unarmed martial arts... and girls in esthetic contests, in contests of beauty and grace... and in contests of song and dance and musical performance. And they should compete intellectually, with recognition and scholarships and admission to the best schools given to the best scholars, to the best problem solvers. Children raised in such a competitive environment will grow up valuing performance and quality and achievement.*”

⁷⁴⁵ Idem. “*In the first place, children raised competitively and rewarded or recognized according to their achievements will tend to sort themselves according to quality, so that superior boys are more likely to be on the same schools or the same workplaces as superior girls, and are therefore more likely to marry superior girls. In the second place, producing children can be encouraged or discouraged accordingly to the quality of the parents. The best parents can be given the greatest social and economic incentives for having large families. And the economy can be structured, the job market can be tailored, so that the brightest and healthiest women have very few career choices and therefore are more likely to choose marriage and motherhood, while attractive careers outside the home are much more available to less gifted women, so that they are less likely to become mothers.*”

avanço dos melhores dentre os melhores. A raça procuraria se aprimorar por si mesma, estabelecendo seus próprios critérios de seleção. Tais critérios, como podemos observar, perpassariam diversos ramos profissionais.

A economia também estaria a serviço da raça e, segundo a *National Alliance*, o futuro sistema não deveria nem permitir vultosas acumulações de riqueza por parte de um indivíduo ou de poucos nem tampouco desencorajar completamente a iniciativa e a poupança individual. A preocupação em assegurar o lugar do indivíduo empreendedor na esfera econômica, garantindo o espaço da iniciativa privada será uma tônica. Alguns setores da economia seriam ainda privilegiados em detrimento de outros. Atividades relacionadas ao capital bancário e financeiro seriam postas em segundo plano e mesmo vistas como de menor valor, sendo consideradas atividades não produtivas.

Freios devem ser postos na acumulação de riqueza pela especulação e outras atividades não produtivas, de modo a que a riqueza seja merecida, e o merecedor tenha produzido algum benefício para a sociedade. No geral, toda a atividade econômica, seja empreendida por indivíduos ou por empresas, por instituições privadas ou pelo governo, deve ser gerida pelo princípio dela ser benéfica ou maléfica para a sociedade como um todo. Nós queremos uma economia livre, onde as pessoas podem ter sucesso ou fracassar sem interferência. Mas, ao mesmo tempo têm de haver seguranças para o público.⁷⁴⁶

Aparentemente, a produção direta - de produtos, insumos e serviços - seria o “carro-chefe” desse sistema econômico. A dedicação ao trabalho, o esforço, a criatividade e a eficiência seriam recompensados. O vídeo procura não deixar espaços para a dúvida. É mostrado o já clássico contraste entre esforçados trabalhadores brancos, trabalhando no campo e na cidade e os não brancos “vagabundos”. São retratados serviços operários para dar a impressão de trabalho duro, especificando quem são os que literalmente “suam a camisa”. Em oposição, é mostrado um jovem latino ou oriental com cabelo em estilo *dread lock*, pintado de várias cores, usando roupas esportivas e largas. O visual do jovem remeteria à ideia de desarmonia associada à pessoa não branca. Esta é suja, é largada, descuidada consigo mesma, buscando chocar os outros com sua “estranheza”. A imagem do jovem é ainda a única a ser mostrada fora de um ambiente de trabalho. É uma imagem estática, como uma foto,

⁷⁴⁶ HAWTHORNE, Robert. op.cit. “...curbs should be put on the accumulation of wealth through speculation and other non-productive activities, so that wealth is earned and the earner has produced some benefit for society in earning it. In general, all economic activity, whether by individuals or businesses or private institutions or the government must be governed by the consideration of whether it is beneficial or whether it is harmful for the society as a whole. We want a free economy, where people can succeed or failure without interference. But at the same time there must be safe guards for the public.”

contrastando com todo o dinamismo e ação para o trabalho que ilustram o esforço e empenho do trabalhador branco.

As cenas seguintes remetem mais uma vez àquela mesma repartição pública lotada de gente, disposta de forma desordenada, ruas repletas de pedintes e moradores de rua negros e mestiços. São eles os “vagabundos”, “sugadores” dos recursos públicos, preguiçosos que não querem trabalhar e vivem às custas daqueles que efetivamente contribuem. A solução encontrada pela *National Alliance* para o problema do desemprego e da desigualdade de oportunidades é drástica.

Nós não devemos ter nem uma classe vivendo de benefícios, nem uma classe de plutocratas muito ricos que sejam capazes de usar sua fortuna para corromper e controlar a sociedade, em prol de suas próprias vantagens egoístas. Pessoas que não queiram ou não possam se sustentar não devem ser sustentadas às custas dos recursos públicos e não devem ter permissão para se reproduzir!⁷⁴⁷

Políticas de bem-estar e segurança social são duramente criticadas, mesmo que por vezes venham beneficiar os ditos pertencentes à divina raça. Vivas no imaginário da *National Alliance* essas políticas públicas seriam eliminadas na nova sociedade. E juntamente com elas ruiria também o sistema político que as possibilitara originalmente, a democracia representativa.

Nós nunca mais devemos ter um governo baseado em partidos políticos, com políticos adquirindo poder para fazer leis e implantar políticas públicas pelo apelo ao voto de ignorantes ou por ambição ou medo dos elementos mais baixos da sociedade; com políticos que não têm lealdade ou senso de responsabilidade para com sua raça, mas só para consigo mesmos e seus partidos, fazendo nossas leis. Isso nunca mais deve acontecer! Nós temos de entender que na era da mídia de massa, na qual a televisão tem tamanha influência nas opiniões da maioria da população, o velho conceito de ‘democracia da vila’, baseado num consenso determinado pela livre discussão e pelo debate entre cidadãos responsáveis em um fórum aberto a todos, perdeu o sentido.⁷⁴⁸

Ao final, o vídeo deixa bastante claro que a participação coletiva nas decisões políticas levaria invariavelmente à corrupção, à luta por interesses individuais ou de pequenos grupos, não servindo ao interesse do coletivo como se propunha. Isso não é mais desejado, e a saída

⁷⁴⁷ Idem. “*We should have neither a welfare class nor a class of superrich plutocrats able to use their wealth able to corrupt and control the society for their own selfish advantage. People who will not or cannot support themselves should not be supported at public expense and should not be permitted to reproduce!*”

⁷⁴⁸ Idem. *ibidem*. “*We must never again have a government base on party politics, with politicians gaining the power to make laws and set public policy by appealing for votes to the ignorants or greed or fear of the lowest elements of society; ... with politicians who have no loyalty or sense of responsibility to their race, but only to themselves and their party, making our laws. That must never happen again! We must understand that in age of mass media, when television has such strong influence on the opinions on the majority of population, the old concept of ‘village democracy’, based on a consensus determined by free discussion and debate among responsible citizens in a forum open to all has become meaningless.*”

seria uma forma de governo autoritário, no qual o público não participaria das decisões. A sociedade proposta seria governada não por elementos escolhidos pelo povo, mas seria gerida pelos mais capazes, com base no princípio da meritocracia, os quais trabalhariam para a expansão e progresso da raça como um todo.

O trabalho desenvolvido pela *National Alliance* ao longo dos anos não prezou por ataques violentos, a exemplo da maioria dos aparelhos que advogam ideologia fascista. O projeto de Pierce visava reeducar antes de recrutar, ganhar os corações e as mentes antes de angariar membros para sua organização, conscientizar o novo “povo eleito” em prol da causa neofascista e do poder branco. Este, sim, teria de ser o primeiro passo posto que os EUA ainda não estariam prontos para optar eleitoralmente por um projeto dessa ordem e respostas violentas só retardariam o processo de conquista do poder. Assim, acreditamos que a *National Alliance* é no momento presente de sua luta um aparelho privado de hegemonia, uma vez que suas ações são de cunho educativo e conscientizador, produzindo intelectuais orgânicos e buscando participar ativamente do debate político.

A *National Alliance* é notadamente uma fábrica de intelectuais orgânicos, atraindo principalmente setores médios intelectualizados. Trabalha desenvolvendo os já existentes e criando novos canais de mídia pelos quais difundem muito mais do que seu projeto político, mas substancialmente a concepção de mundo neofascista. Objetivam, como bem explicita Dobratz, a construção de uma infraestrutura capaz de atrair pessoal, fundos, gerar propaganda de cunho educacional-disciplinar, capaz de planejar, criar projetos e guiar os que a eles aderem.⁷⁴⁹

Seus integrantes são militantes ativos, participando como um coletivo integrado na construção da organização em si e, talvez, de modo mais esparso no diálogo com outras organizações adeptas de visão de mundo similar. Assim, é possível encontrá-los em grandes reuniões ou eventos promovidos por outras organizações, como a reunião anual da *Aryan Nations*, referência no calendário neofascista norte-americano, quando se organizam reuniões, passeatas e manifestações conjuntas. Ainda que a *National Alliance* procure evitar confrontos diretos, não se dedicando, portanto, à promoção de manifestações e protestos públicos, muitos de seus membros participam de eventos, na medida em que eles são também ricos momentos

⁷⁴⁹ DOBRATZ, B.; SHANKS-MEILE, S. op.cit.

de comunicação, de compartilhamento de ideias, exposição de novos projetos e formação de alianças.

Tendo em vista ampliar esse diálogo, Pierce iniciou, em meados da década de 1990, uma série de viagens à Europa, mais especificamente à Inglaterra e à Alemanha, na tentativa de estabelecer maiores contatos com tradicionais organizações neofascistas desses países.⁷⁵⁰ A página da *National Alliance* apresenta hoje *links* diretos com as páginas do *British National Party* (BNP) e o *Nationaldemokratische Partei Deutschlands* (NPD).

Desde sua fundação, em 1974, até a data de morte de seu fundador e grande líder, em 2002, a *National Alliance* não atingiu um número expressivo de membros, somando um total de 1500 membros. Entretanto, como poucos aparelhos promotores de ideologia fascista, a *National Alliance* conseguiu se manter através do tempo, existindo até os nossos dias contando com mais de 35 filiais em todos os EUA⁷⁵¹. Seu maior legado foi a disseminação, por meio da produção de variados materiais de mídia, adaptando a linguagem conforme o público etário visado. Nas revistas, observamos discussões densas, abordando mais profunda e intelectualmente os temas em discussão. Nas transmissões de rádio e nos vídeos, notamos um tom mais eloquente. No jogo de computador *Ethnic Cleansing*, na revista em quadrinhos e no romance *The Turner Diaries*, analisados no capítulo anterior, verifica-se preocupação em alcançar o universo infanto-juvenil. Talvez o empreendimento mais frutífero da *National Alliance* nesse campo tenha sido a compra, em fins da década de 1990, da gravadora *Resistance Records*. Por meio dela, a *National Alliance* procurava não somente se aproximar dos jovens, mas canalizar toda uma raiva presente nos amantes do *rock white power* para um direção específica, a do projeto defendido pela organização. “Existem centenas de jovens americanos brancos que desejam nada menos do que estraçalhar as gargantas daqueles que tiraram o propósito e o significado de suas vidas (...) [O objetivo é] ajudá-los a encontrar o caminho certo.”⁷⁵²

⁷⁵⁰ Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Intelligence Report: William Pierce: a political history. Fall, 2002. In: <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2002/fall/facing-the-future/william-pierce-a-poli>. Página consultada em Agosto de 2007.

⁷⁵¹ Anti-Defamation League. Extremism in America. National Alliance. http://www.adl.org/learn/ext_us/n_alliance.asp. Página consultada em 6 de janeiro de 2011.

⁷⁵² National Alliance. Free Speech. VI, 1, January, 2000. “There are hundreds of thousands of young, White Americans who would like nothing better than to rip out the throats of the people who have made their lives pointless and meaningless...[The aim is] to help it find the right way.”

A morte de Pierce, contudo, parece ter fadado a organização ao fracasso. Correntes conflitos e disputas internas pela liderança desestabilizaram a *National Alliance* profundamente. O papel reservado à militância direta e à conquista de novos membros foi um elemento central nesses conflitos e deflagrador da disputa pela liderança. O estabelecimento de laços com outras organizações neofascistas, ainda que essas defendessem outras estratégias de luta, foi um segundo elemento gerador de conflitos.

Como podemos perceber, muitos integrantes entendiam que difundir a mensagem já não bastava, que era necessário arregimentar, recrutar pessoal e construir um movimento unido e de massa. Em teoria, pelo que vimos na documentação produzida pela *National Alliance*, um movimento centralizado e de massa é justamente o ambicionado por Pierce. A divergência aparece no que toca à flexibilidade para se alcançar esse objetivo. Os conflitos internos afloram porque Pierce e sua ala se recusam a aceitar qualquer aspecto diferente daquele projetado originalmente, e outros acreditam que diferenças relativas à estratégia de luta ou fé podem ser contornadas em nome do avanço da causa e da construção de um movimento social efetivo.

Pierce desempenhava papéis demasiadamente centrais, fazendo questão de controlar ou ao menos estar presente em todos os setores operacionais da organização. Sua morte acabou invariavelmente afetando estruturalmente diversas áreas. Isso explica a instabilidade e dificuldade da organização em se reerguer. A disputa interna entre as facções pela liderança e estratégia de ação privilegiada é um outro aspecto, que revela ainda uma fragilidade mais profunda. Tais disputas evidenciam diferentes projetos que, provavelmente, já existiam antes mesmo do falecimento de Pierce, permanecendo subjugados, ainda que latentes, dada à liderança centralizadora e à figura histórica do líder fundador. Obstaculizados pelo caráter centralizador e autoritário da própria organização, esses setores e suas demandas divergentes viram uma brecha para emergirem com a morte do líder forte.

Com o número de filiados caindo a cada dia, o atual líder, Erich Gliebe, tenta manter viva a organização e a propriedade, cuja sede está instalada em West Virgínia. As atividades da *National Alliance* ficaram verdadeiramente comprometidas na primavera de 2005, quando, no auge dos distúrbios, o à época líder Shaun Walker juntamente com Erich Gliebe decidiram expulsar um número significativo dos membros mais ativos da organização. Um grupo de dissidentes acabou fundando uma nova organização, de nome *National Vanguard*, a qual

acabou sendo apoiada pela maioria das unidades locais da original *National Alliance*.⁷⁵³ Outros preferiram integrar organizações já existentes, como o *National Socialist Movement*. Ironicamente, pelo que podemos perceber, o futuro da *National Alliance* é um tanto obscuro.

b. White Aryan Resistance (WAR): a morada do guerreiro solitário

A *White Aryan Resistance* surge no cenário político norte-americano como uma rede de indivíduos e informações, atraindo muitos jovens *skinheads* neofascistas. Criada por Tom Metzger, em 1983, esse aparelho ligado ao universo *underground* procura promover uma estratégia de ação conhecida como resistência sem líder [*leaderless resistance*] ou do lobo solitário [*lone wolf*], além de difundir largamente materiais produzidos por organizações neofascistas formalmente estruturadas. A rede formada pela *White Aryan Resistance* conecta indivíduos de forma não hierarquizada e sem que se tornem formalmente membros. Atuam a partir de células restritas ou solitariamente, permanecendo a maior parte na clandestinidade, poucos se expondo como Metzger. Assim, não existem reuniões da WAR, não existe um líder, nem tampouco uma propriedade sede [*compound*], nem atividades coletivas públicas ou privadas.

A W.A.R não é uma organização composta por membros. A W.A.R. é uma associação voluntária de indivíduos e células. Essas pessoas cooperam e estabelecem uma rede pelo bem comum da RAÇA BRANCA. Não existem obrigações, uniformes ou taxa de inscrição. Não existem reuniões regulares ou propriedade sede para atrair agentes infiltrados. Não existem escritórios públicos, etc. A maioria do nosso trabalho é de natureza secreta.⁷⁵⁴

A princípio confusa, a estrutura propositalmente desestruturada desse aparelho pode ser explicada pela história do fundador Tom Metzger, pelo público alvo que busca atingir e pelo momento político em que foi criada, de intensa repressão por parte das instâncias públicas e privadas, como vimos no capítulo anterior.

⁷⁵³ Anti-Defamation League. Extremism in America. National Alliance. http://www.adl.org/learn/Ext_US/N_Alliance.asp. Página consultada em 6 de janeiro de 2011.

⁷⁵⁴ White Aryan Resistance. Articles. Mini manual on survival. <http://www.resist.com/Articles/literature/MiniManualOnSurvivalByTomMetzger.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007. “*W.A.R is not a membership organization. W.A.R is a voluntary association of individuals and cells. These people co-operate and network for the common good of the WHITE RACE. There are no dues, uniforms or initiation fees. No regular meetings or compounds to attract agents and infiltrators. No publicized chapters, etc. Much of our work is covert in nature.*”

Apesar da permanente preocupação com a discriminação, a WAR despontou no cenário político como um dos primeiros aparelhos a apostar fortemente nas novas tecnologias para conectar pessoas e disseminar ideologias e um projeto político-social. Bem antes das investidas da *National Alliance* no ramo multimídia, Metzger e seu filho John criaram em 1981 um boletim eletrônico, articulando ativistas em todos os EUA. Com a fundação da WAR vieram: o *site*; as vendas on-line de camisetas, adesivos, posters; uma linha de telefone com mensagens programadas [*hotline*]; o programa de televisão *Race and Reason*; diversas aparições em programas de auditório famosos como *Geraldo*, *Oprah*, *The Whoopie Goldberg Show* e *Morton Downey Show*.⁷⁵⁵ Em pouco tempo, Metzger se tornou um dos maiores promotores do separatismo ariano.

Sua trajetória política é um tanto diferente da de William Pierce, todavia não menos intensa. Nascido em Warsaw, uma pequena cidade no estado de Indiana com apenas 6 mil habitantes, Metzger vem de uma família de origem operária. Sua mãe trabalhava em uma fábrica, assim como seu padrasto, quem o criou de fato. Viviam em um pequeno sítio, antes de se mudarem para a Flórida, onde Metzger teve uma infância sem maiores sobressaltos, caçando, pescando e integrando os escoteiros. Em uma entrevista concedida a *Resistance Records*, Metzger declarou que foram seus pais quem desde cedo o ensinaram a amar e a se orgulhar da classe trabalhadora branca, “espinha dorsal da raça”.⁷⁵⁶

Durante a adolescência, Metzger já demonstrava interesse por eletrônica, tendo montado um aparelho de rádio amador aos 12 anos e dedicando muito de seu tempo a atividades desse tipo. Começou a desenvolver igualmente um interesse pela política, participando de debates escolares sobre a visita de Khrushchev aos EUA e assistindo pela televisão às audiências anticomunistas de McCarthy até seu desligamento oficial do governo pelo então presidente Truman. Segundo o próprio Metzger, a esse tempo, o que mais lhe afligia não eram conflitos raciais (a pequena cidade em que foi criado tinha apenas uma família negra), mas as diferenças de classe, estrutura na qual ele se encaixava na base. “Minas

⁷⁵⁵ MICHAEL, George. *Theology of Hate: a history of the World Church of the Creator*. Gainesville: Univ. of Florida Press, 2009.p.92.

⁷⁵⁶ Through thick and thin: interview with Tom Metzger. *Resistance Records Interview*. Nº 23.p.3

memórias vívidas são de divisões de classe. Talvez seja isso que em parte me mova hoje (...) Você já notou como a classe média alta e os ricos sempre negam a questão da classe?”⁷⁵⁷

Terminando o ensino médio em 1956, Metzger decidiu entrar para o exército, trabalhando com comunicação por micro-ondas, uma tecnologia telefônica aplicada a radares, surgida durante a Segunda Guerra Mundial. A experiência no exército não durou muito, três anos apenas, mas foi o momento em que Metzger vivenciou pela primeira vez o desconforto de estar entre pessoas de outras raças.

Em 1959, saído do exército, Metzger mudou-se para a Califórnia; trabalhou como técnico em eletrônica para a *Douglas Aircraft Corporation* em Santa Mônica. Essa empresa esteve envolvida com projetos vultosos ligados ao governo, como o do foguete usado na missão Apollo. Durante os intervalos de almoço, eram exibidos diversos filmes anti-comunistas, os quais, segundo Metzger, contribuíram para acentuar seu conservadorismo político. Tempos depois, Metzger optou por deixar a companhia e abrir seu próprio negócio: conserto de aparelhos de televisão em Rolling Hills, uma área privilegiada da cidade de Los Angeles.⁷⁵⁸

Assim como Pierce, Metzger também participou, nos anos 1960, das campanhas presidenciais de Barry Goldwater e George Wallace e, após suas derrotas nas urnas, igualmente integrou a *John Birch Society*.⁷⁵⁹

Descontente com os projetos e ideias defendidas pela *John Birch Society*, ele se desligou da organização em 1970, estudando grupos com propostas antissemitas e contrárias ao pagamento de impostos [*tax rebellion*]. Numa dentre as muitas reuniões de que participou a essa época, conheceu o coronel William Potter Gale, um dos maiores promotores da *Christian Identity* nos EUA. Afinado com o discurso trazido por Gale, Metzger se converteu a *Christian Identity* em 1971. Entre 1971 e 1975, o futuro fundador da WAR participou ativamente de diversas atividades promovidas pelas igrejas da *Christian Identity*, conhecendo importantes pastores da *Christian Identity* como Bertrand Comporet, Richard Butler e James Warner da *New Christian Crusade Church*.

⁷⁵⁷ Through thick and thin: interview with Tom Metzger. Resistance Records Interview. Nº 23. p.1. “Extremists finds cable tv is forum for right-wing views.” *The New York Times*. October 7, 1986. Section A.p.23. “My vivid memories are of class divisions. Perhaps that’s what drives me parcially today... Did you ever notice how the upper middle class and wealthy always deny the class issue?”

⁷⁵⁸ Through thick and thin: interview with Tom Metzger. Resistance Records Interview. Nº 23.p.1.

⁷⁵⁹ “Extremists finds cable tv is forum for right-wing views”. *The New York Times*. October 7, 1986. Section A.p. 23.

Em 1975, tem um encontro com David Duke, à época proeminente líder da Klan. Desse encontro, Metzger saiu membro da *Ku Klux Klan* e convencido da estratégia promovida pelo grupo de adentrar a arena político partidária. Durante a segunda metade dos anos 1970 e meados dos anos 1980, Metzger se candidatou a inúmeros cargos públicos em níveis municipal (*Planning Commission*, 1976; *County Supervisor*, 1978) e federal (*U.S. Congress 43rd District*, 1980; *U.S. Senate*, 1982).⁷⁶⁰ Sem sucesso em suas tentativas no campo eleitoral, Metzger decidiu abandonar as investidas junto à sociedade política, chegando à seguinte conclusão: “sem milhares de pessoas marchando pelas ruas e violência real ou implícita, as ações de um partido político eram perda de tempo.”⁷⁶¹

Decidido a apostar na sociedade civil, Tom Metzger fundou, em 1983, a *White American Resistance*, rapidamente alterada para *White Aryan Resistance*, e um braço jovem, o *Aryan Youth Movement* ou *WAR Skins*, liderado por seu filho John. Ambos os aparelhos atraíam fortemente os jovens, principalmente *skinheads* racistas, popularmente conhecidos como *nazi skins* ou *racist skins*.⁷⁶² A abordagem rebelde e não hierárquica, a linguagem escrachada e o corte classista da WAR cativavam *skins* racistas em particular.

Nesse momento, a WAR ainda não promovia a estratégia da resistência sem líder, tendo Metzger trabalhado intensamente para organizar os *nazi skins*. Rechaçados por muitos supremacistas brancos por seus excessos de bebida e brigas súbitas e sem sentido, esses jovens encontraram em Metzger, e posteriormente em Bill Riccio, inspiração para se organizar politicamente. Metzger e Riccio, por sua vez, viam além da bebida e das brigas. Viam um conjunto de jovens da classe trabalhadora descontentes, com potencial político importante, o de soldados, “tropa de choque” para a guerra racial vindoura. “Metzger e Riccio mostram o valor em potencial que os *skins* racistas tinham para o movimento *white power*,

⁷⁶⁰ Nas eleições de 1980 para a House of Representatives, Metzger conseguiu 46.361 ou 13.4% dos votos. Nas primárias para senador em 1982, Metzger foi o sexto colocado entre onze candidatos, recebendo 76.502 ou 2,8% dos votos. Fontes: California District 43 - Democratic Primary Race - June 3, 1980; Statistics of the Congressional Election of November 4, 1980; California U.S. Senate - Democratic Primary Race - June 8, 1982. <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=375065>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=37146> . Páginas acessadas em 17 março, 2011.

⁷⁶¹ Through thick and thin: interview with Tom Metzger. Resistance Records Interview. Nº 23. pg.2. “without thousands marching in the streets and real or implied violence, political party action was a waste of time.”

⁷⁶² Acentuo a caracterização dos *skinheads*, pois nem todos são violentos ou supremacistas brancos. Surgem originalmente na Inglaterra, nos anos 1960, como uma subcultura de tipo anárquico, adotada por jovens da classe trabalhadora. As inclinações políticas dos grupos de *skinheads* variam bastante, tornando difícil uma rotulação ideológica única. Optamos, então, por utilizar a caracterização *racist* e *neonazi*, comumente empregadas na literatura especializada, para explicitar a qual grupo de *skins* estamos nos referindo.

em termos de geração de publicidade, arrecadação de fundos, recrutamento e, quando necessário, força bruta e intimidação”.⁷⁶³

Um dos primeiros esforços de Metzger para se aproximar dos *skins* consistiu em adentrar o universo da música *white power*. Seu primeiro contato frutífero foi com Ian Stuart, líder da banda britânica Screwdriver.⁷⁶⁴ Formada em 1975, Screwdriver surgiu com mais uma banda de *punk rock*, sem inclinações racistas ou fascistas. Entretanto, devido a desentendimentos entre os integrantes, a banda original se desfez em 1979. A nova formação do Screwdriver entrou para o cenário do *rock white power*. Fora dos palcos, os integrantes da banda se dedicavam a militar pela causa do separatismo branco, apoiando abertamente grupos neofascista britânicos como o *National Front*, arrecadando fundos por meio de *shows* e da gravadora *White Noise Records*, bem como criando o site *Blood and Honour*, lançado com o propósito de distribuir músicas *white power* e organizar concertos.

Stuart, ao saber da admiração de Metzger por suas iniciativas, dedicou uma música à WAR. Desse momento em diante, o interesse dos *naziskins* pela nova organização norte-americana foi rápido. Como mencionado anteriormente, poucas organizações incentivam o recrutamento de *naziskins*, algumas acabam usando-os como barreira de proteção em manifestações públicas, mas privadamente negam qualquer associação, impedindo-os de participar de reuniões organizativas e festividades. O movimento da WAR em tê-los assumidamente como público alvo, fez com que se sentissem acolhidos.

As relações da WAR com o *Aryan Youth Movement* contribuíram para a construção de alianças. Rapidamente Metzger se tornou uma referência para grupos associados ao *Aryan Youth Movement*, a exemplo do *American Front*, do *Chicago Area Skins* e do *Reich Skins*.⁷⁶⁵ Metzger fornecia gratuitamente publicações e panfletos da WAR e do *Aryan Youth Movement* para que os *naziskins* distribuíssem em seu *metier*, recrutando outros. O *hotline*, linha telefônica com mensagens gravadas, também ajudou a estreitar os laços entre a WAR e os *naziskins*. Em meados dos anos 1980, a WAR era uma das principais promotoras nos EUA de

⁷⁶³ The Godfathers. Intelligence Report. Issue n.123. Fall, 2006. <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2006/fall/the-godfathers>. Página acessada em 29 de dezembro, 2011. “Metzger and Riccio showed the potential value racist skins hold for the white power movement in terms of generating publicity, fundraising, recruiting, and, when deemed necessary, brute force and intimidation.”

⁷⁶⁴ Through thick and thin: interview with Tom Metzger. Resistance Records Interview. Nº 23. pg.2.

⁷⁶⁵ DURHAM, Martin. *White rage: the extreme-right and american politics*. New York: Routledge, 2007.p.31. The Godfathers. Intelligence Report. Issue n.123. Fall, 2006. <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2006/fall/the-godfathers>. Página acessada em 29 de dezembro, 2011.

concertos *white power* ou *Aryan Fests*, responsável pelo primeiro do gênero, conhecido como *Aryan Woodstock*, realizado em Napa, Califórnia, e outros em Oklahoma. Tal aproximação entre a WAR e os *naziskins* foi exposta em programas de auditório apresentados por personalidades como Oprah Winfrey, Geraldo Rivera e Phil Donahue, chocando plateias, a audiência em geral e trazendo notoriedade a WAR e seu projeto político.

Organizar *naziskins*, contudo, apresentava uma série de dificuldades, dentre elas, a falta de disciplina, a ansiedade e a raiva mal canalizada de uma juventude descontente e sem perspectiva. Em entrevista publicada no *site* da WAR, Tom Metzger comenta a falta de seriedade, maturidade e comprometimento político de muitos *naziskins*. “A maioria dos skins vivem para farrear. Isso faz deles criolos ou chicanos.”⁷⁶⁶ Além disso, a vontade de chocar, ameaçar e afrontar o inimigo diretamente, seja carregando insígnias nazistas pelo corpo, seja incitando brigas aleatórias, acabam expondo e mesmo tirando de circulação diversos militantes. Todos esses problemas levaram ao rompimento oficial da WAR com o projeto de organizar grupos de *naziskins*, optando pela estratégia da resistência sem líder.

Um episódio em particular desencadeou o processo de rompimento definitivo com a estratégia de organização coletiva, o assassinato em 13 de novembro de 1988 do imigrante etíope Mulugeta Seraw por dois *naziskins* influenciados pelas ideias da WAR. Em meados de 1988, espalhava-se a notícia de que grupos independentes de *skinheads* estavam ganhando força no noroeste do Pacífico. A WAR decidiu enviar emissários a Portland, o vice-presidente do *Aryan Youth Movement* David Mazella, Mike Gagnon e Michael Barrett, que estabeleceram contatos principalmente com um grupo chamado *East Side White Pride*. Nos primeiros encontros, apresentaram a WAR, explicando o funcionamento do aparelho, a importância de se construírem redes [*networking*] e de se prepararem para o combate. Nesses encontros, era incentivado o uso da violência, principalmente contra negros e judeus. Para tentar fortalecer os laços, Metzger falou ao telefone com diversos membros do *East Side White Pride*. Posteriormente, Mazella levou alguns membros do grupo em escolas da região para distribuírem publicações do *Aryan Youth Movement*.⁷⁶⁷

⁷⁶⁶ White Aryan Resistance. Articles. Condemned Interview. Issue n.3. <http://www.resist.com/Articles/literature/CondemnedInterview/index.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007.p.1. “*Mosts skins just live to party. That makes them white niggers or white spics.*”

⁷⁶⁷ The Godfathers. Intelligence Report. Issue n.123. Fall, 2006. <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2006/fall/the-godfathers>. Página acessada em 29 de dezembro, 2011. Southern Poverty Law Center. Legal Action. Berhanu vs Metzger, Metzger, WAR, Mieske, Brewster. Case number: A8911-07007. Amended complaint for wrongful death. p.3.

Ao organizar e guiar a *East Side White Pride*, os acusados da Califórnia [Tom e John Metzger], individualmente e por seus agentes anteriormente mencionados, proveram os membros de *East Side White Pride*, incluindo os acusados do Oregon [Mieske e Brewster] com materiais racistas para doutriná-los a favor dos objetivos da supremacia branca. Os materiais incitavam a violência contra negros e judeus, especificamente encorajando *skinheads* e os acusados do Oregon em particular a usar tacos de *baseball* e botas com pontas de aço com armas contra negros e judeus.⁷⁶⁸

Três semanas após a visita de Mazella, Gagnon e Barrett, Ken Mieske, membro do *East Side White Pride*, espancou até a morte o imigrante etíope Mulugeta Seraw. Mieske contactou John Metzger logo após o assassinato. Ele e Kyle Brewster, outro integrante do *East Side White Pride*, declararam-se culpados perante a polícia, implicando diretamente a WAR. Com isso, o *Southern Poverty Law Center* lançou um processo alegando homicídio culposo e intimidação racial contra Ken Mieske, Kyle Brewster, a WAR, Tom e John Metzger em nome da família da vítima. Em 25 de outubro de 1990, os Metzger, a WAR, Mieske e Brewster perderam a causa, sendo obrigados a pagar mais de dez milhões de dólares em indenizações à família Seraw.⁷⁶⁹ Tom Metzger perdeu sua casa, seu negócio e sua mulher, que morreu durante o julgamento. Esse evento arruinou a financeiramente a WAR, levando-a a uma mudança radical de estratégia de luta.

A partir de então, os Metzger têm se dedicado a expandir a página eletrônica da WAR, disponibilizando mais materiais produzidos por outras organizações, investindo no programa de televisão *Race and Reason*, no periódico, na rádio *Insurgent* e, principalmente, advogando a estratégia do lobo solitário ou da resistência sem líder.

O argumento em torno da ideia da resistência sem líder mistura elementos simultaneamente conspiratórios e de autopreservação contra um governo federal entendido como tirano, centralizador e autoritário, tolhendo a liberdade dos indivíduos de exercer escolhas e conduzir suas vidas ao modo que melhor lhes pareça. O indivíduo agindo solitariamente ou as células-fantasma, agremiação secreta composta por um número

⁷⁶⁸ Southern Poverty Law Center. Legal Action. *Berhanu vs Metzger, Metzger, WAR, Mieske, Brewster*. Case number: A8911-07007. Amended complaint for wrongful death. p.3. “*In the course of organizing and guiding East Side White Pride, the California defendants [Tom e John Metzger], individually and through their aforementioned agents, provided members of East Side White Pride, including the Oregon defendants [Mieske e Brewster], with racist materials to indoctrinate them with racist white supremacist goals. The materials incited violence against blacks and Jews, specifically encouraging skinheads, and the Oregon defendants in particular, to use baseball bats and steel-toed boots as weapons against blacks and Jews.*”

⁷⁶⁹ Southern Poverty Law Center. Legal Action. *Berhanu vs Metzger, Metzger, WAR, Mieske, Brewster*. Case number: A8911-07007. Judgment. p.4 e 5.

limitado de lobos solitários, consistem em formas de resistência adequadas a tal interpretação da realidade.

O primeiro a propor esse tipo de militância foi o coronel veterano Ulius Louis Amoss, nos anos 1960, inspirado na guerra pela independência dos EUA. Durante esse conflito, os patriotas, defensores da emancipação, formaram células secretas, as quais funcionavam sem direção central. Outro defensor da resistência sem líder e das células-fantasma, em meados dos anos 1960, foi o radialista Richard Cotten, figura central na formação da *National Youth Alliance*.⁷⁷⁰

Décadas depois, deparamo-nos uma vez mais com a defesa desse método por parte de membros do *Christian Patriots Defense League*. Mas foi Louis Beam, à época integrante da KKK da Louisiana, quem popularizou e readaptou a ideia à realidade dos EUA contemporâneo num artigo do início dos anos 1980, publicado em periódicos da Klan (*Inter-Klan* e *Survival Alert*). O artigo ganhou notoriedade, sendo republicado em 1992 no *Seditionist* e ficando Beam conhecido como um dos principais proponentes da estratégia da resistência sem líder.⁷⁷¹

Lutando contra o governo federal atualmente, indivíduos e grupos devem operar de forma independente. Jornais, panfletos e computadores os manteriam informados, possibilitando-os agir ao sentir que é chegada a hora. Enquanto uma única organização poderia ser facilmente destruída, no futuro teríamos mil pontos de resistência.⁷⁷²

Por consistir em um estilo de ação, o caminho da resistência sem líder e das células-fantasma cativa indivíduos de variadas matizes ideológicas. Temos, assim, casos de incidentes cometidos tanto por neofascistas quanto por defensores dos direitos dos estados, por moralistas radicais, antissemitas ou fervorosos anticomunistas. O *National Socialist Movement*, organização criada em 1974 por integrantes remanescentes do *American Nazi Party*, defende a criação de células especializadas em ataques direcionados. Assim, algumas ficariam responsáveis por roubos a bancos ou a carros-fortes; outras ficariam encarregadas de

⁷⁷⁰ DURHAM, Martin. op.cit. p.103 e 104.

⁷⁷¹ Idem.

⁷⁷² Hammer 9, spring 1985; Seditionist 12, february 1992. Apud: DURHAM, Martin. op.cit.p.103. “*In fighting the Federal Government today, individuals and groups should operate independently. Newspapers, leaflets and computers would keep them informed, enabling them to “act when they feel the time is ripe”, and while a single organization could be destroyed, in the future there would be “a thousand points of resistance.”*”

assassinar figuras-chave públicas e privadas; outras agiriam de modo mais discreto, desestruturando a economia; etc.⁷⁷³ Os ataques, assassinatos e roubos perpetrados pela *The Order* são exemplos das ações e do funcionamento de uma célula-fantasma. No capítulo anterior, mencionamos o caso de Benjamin Smith, membro da *World Church of the Creator*, que em 1999 atentou contra a vida de indivíduos de variadas minorias em Illinois e Indiana. No mesmo ano, Buford Furrow, da *Aryan Nations*, disparou tiros contra uma creche judaica em Los Angeles. Alguns anos antes, em 1996, Erich Rudolph ganhou as páginas dos jornais internacionais por detonar um explosivo durante os Jogos Olímpicos de Atlanta, Georgia. Durante as investigações, em 1998, Rudolph confessou ter também bombardeado um bar *gay* (fevereiro de 1997) e duas clínicas de aborto (janeiro de 1997 e janeiro de 1998). Vejamos abaixo como Erich Rudolph justifica o ataque durante as olimpíadas de Atlanta.

No verão de 1996, o mundo se voltou para Atlanta para os jogos olímpicos. Sob a proteção e os auspícios do regime de Washington milhões de pessoas vieram celebrar os ideais do socialismo global. Corporações multinacionais gastaram bilhões de dólares e Washington organizou um exército de seguranças para proteger o melhor de todos os jogos. Ainda que a concepção e o objetivo do assim chamado movimento olímpico seja promover os valores do socialismo global, perfeitamente expressos na música *Imagine* de John Lennon, tema dos jogos olímpicos de 1996; ainda que o propósito da Olimpíada seja promover esses ideais vis, o propósito do ataque de 27 de Julho foi perturbar, enfurecer e envergonhar o governo de Washington aos olhos do mundo por sua abominável sanção do aborto. O plano era forçar o cancelamento dos jogos, ou pelo menos criar um estado de insegurança, esvaziando as ruas que levam aos locais de competição e desse modo comprometer a grande quantidade de dinheiro investido.⁷⁷⁴

Navegando pela página eletrônica da WAR, encontramos alguns documentos que facilitam o entendimento da nova estrutura organizacional do grupo e da estratégia de luta defendida. Na seção intitulada *Tom's words*, Tom Metzger afirma que o lobo solitário opera de modo independente, atuando de formas diferentes.

⁷⁷³ Revolution for Beginners. <http://www.nsm88.org/articles/ssstein17.html>. apud. DURHAM, Michael.op.cit.p. 109.

⁷⁷⁴ Army of God. Full text of Erich Rudolph's written statement. April 13 2005. <http://www.armyofgod.com/EricRudolphStatement.html>. Página acessada em 30 de dezembro de 2011. "In the summer of 1996, the world converged upon Atlanta for the Olympic Games. Under the protection and auspices of the regime in Washington millions of people came to celebrate the ideals of global socialism. Multinational corporations spent billions of dollars, and Washington organized an army of security to protect the best of all games. Even though the conception and the purpose of the so-called Olympic movement is the promote the values of global socialism as perfectly expressed in the song "Imagine" by John Lennon, which was the theme of the 1996 Games — even though the purpose of the Olympics is to promote these despicable ideals, the purpose of the attack on July 27th was to confound, anger and embarrass the Washington government in the eyes of the world for its abominable sanctioning of abortion on demand. The plan was to force the cancellation of the Games, or at least create a state of insecurity to empty the streets around the venues and thereby eat into the vast amounts of money invested."

A maioria dos lobos solitários são simplesmente agentes independentes, participando de onde estiverem. Isso inclui coisas simples como distribuição de material literário e atividades moderadas, sem estarem conectados a grupos. Um segundo tipo englobaria aqueles que permanecem desconhecidos, mas disseminam informações falsas, mencionando propositalmente fontes imprecisas ou ocultando as fontes. O terceiro tipo é o disfarce profundo. Estes podem estar envolvidos em ações individuais ou em inteligência clandestina, trabalhando como servidores do governo judaico: polícia, agentes federais, pessoas da mídia, militares, professores, estudantes e outras posições de valiosas para a luta.⁷⁷⁵

A forma de atuação marca de modo definitivo a trajetória do militante e seu papel na luta em favor do separatismo branco. Os Metzger, por exemplo, são lobos públicos, abriram seu anonimato e, portanto, não podem mais se tornar lobos incógnitos. Seu papel é disseminar propaganda e servir de elo de comunicação com lobos incógnitos, construindo redes de contatos dentro e fora dos EUA via periódicos, transmissões de rádio, programas televisivos, aparições em eventos, etc. São ainda fontes públicas de informação sobre a causa em entrevistas, programas de auditório, debates, etc.

Os lobos incógnitos, por sua vez, devem ser muito cuidadosos em não expor suas ideias e objetivos. Por isso, atos de violência súbita são desencorajados. Brigas, intimidações gratuitas e bebedeiras expõem o militante, podendo inclusive interromper sua atuação, caso seja preso. Lobos incógnitos trabalham disseminando conflitos, discórdias e falsa propaganda contra alvos determinados ou infiltrados nas mais diversas esferas sociais, públicas e privadas, plantando disfarçadamente a descrença no sistema em geral que, segundo eles, estaria corrompido pelos interesses judaicos e de outras minorias. O objetivo nesse último caso é criar um clima de quanto pior, melhor, ou seja, quanto maior o descrédito dos brancos pelo sistema, mais suscetíveis ficarão à revolta e à potencial escolha pela alternativa do separatismo branco.⁷⁷⁶

A discrição é um elemento-chave. Muitos *nazi skins* optam por atuar como lobos solitários, mas, por costumeiramente apresentarem o corpo e/ou o vestuário marcados por

⁷⁷⁵ White Aryan Resistance. Tom's words. Lone wolf and cell structure. <http://www.resist.com/00-LoneWolfCellStructure.html>. "Most Lone Wolves are simply independent operators who participate from wherever they are. This may include simple things like literature distribution and other moderate activity not connected to membership groups. A second layer are those who remain unknown but develop certain forms of, usually, black or grey propaganda. The third is deep cover. They may be involved in individual action or in clandestine intelligence as JOG employees: police, federal agents, media people, military, teachers, students and in other sensitive positions of value to the struggle."

⁷⁷⁶ Idem.

símbolos e insígnias nazistas, as possibilidades se restringem a de lobos públicos. O lobo incógnito deve ser discreto no agir e também na aparência.

Parem de se tatuar. Vocês se tornam fáceis de serem identificados. Pensem grande, não pequeno. Escutar música e beber cerveja não é o caminho para promover a revolução. Saiam dos moldes conservadores da direita. Sejam racistas em primeiro lugar, todo o resto é perda de tempo. Tornem-se espiões para a luta. Observem, escutem e reportem.⁷⁷⁷

Carregar símbolos raciais por todo o corpo não é muito sábio, a não ser que você esteja louco para estar em uma situação sem chances de vitória. Você pode vencer a briga de rua, mas ser acusado de crime de ódio, mesmo se você for a vítima.⁷⁷⁸

O fato de agir infiltrado, procurando minar o sistema por dentro, faz com que seu papel seja duplamente relevante, enfraquecendo as forças liberal-democráticas e multiculturais em dois sentidos: ativamente, ao disseminar a discórdia e a descrença no sistema, e passivamente, ao integrar de imediato as forças do exército branco no suposto momento da guerra racial.

Quanto à dimensão passiva, podemos traçar um paralelo com o projeto de implosão sistêmica, igualmente defendido pela *National Alliance*. Pierce também afirmava, que mais do que membros, eram necessário aliados em todos os campos. Advogados, médicos, engenheiros, técnicos de computador, rancheiros, professores, militares ou secretárias, todos seriam importantes para enfraquecer a democracia liberal, formando uma base de apoio ao separatismo branco no momento do “grande conflito”. O processo de persuasão, de conquista desses sujeitos, contudo, deveria se dar agora, no presente.

Ainda assim, segundo a *National Alliance*, tal conflito não apresentaria reais chances de triunfo, caso fosse conduzido por um somatório de indivíduos desconectados, os ditos “mil pontos de resistência”. Somente uma saída organizacional, coletivista e centralizada poderia garantir a vitória do conflito e a estabilidade e a expansão da sociedade envisionsada, isto é, a

⁷⁷⁷ White Aryan Resistance. Articles. Condemned Interview. Issue n.3.p.2 <http://www.resist.com/Articles/literature/CondemnedInterview/index.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007. “Quit tatooing yourselves. Your [you’re] too easy to identify. Think big, not small. Listening to music and drinking beer is not the way to foster revolution. Get out of the right wing conservative mold. Be racist # 1, everything else is a waste of time. Become a spy for the struggle. Look and listen and report.”

⁷⁷⁸ White Aryan Resistance. Articles. Mini manual on survival. <http://www.resist.com/Articles/literature/MiniManualOnSurvivalByTomMetzger.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007. “Wearing racial symbols all over you is not very wise unless you are eager to enter a no win situation. You may win the street brawl but be charged with a hate crime even if you are the victim.”

organização política, econômica, cultural e militar do coletivo mitificado na raça branca e na cultura ariana.

Existem mais coisas úteis para um patriota fazer do que construir caminhotes bomba e explodir o prédio federal mais próximo. Nesse momento em particular, no momento do colapso de nossa sociedade, esses atos de violência ocasionais e aleatórios não ajudam. Eles não fazem parte de uma estratégia sólida.⁷⁷⁹

Desse modo, o debate sobre a resistência sem líder como estratégia de luta frutífera gira em torno de dois eixos principais: primeiramente, a efetividade no momento presente da dimensão ativa dos lobos solitários, especialmente a dos lobos públicos; finalmente, a forma individualizada de organização política em si.

A *White Aryan Resistance* valoriza mais a dimensão ativa dos lobos solitários, sua capacidade de agir no mundo, de provocar constantes alterações, ainda que microssômicas. Em contraste, na análise da *National Alliance*, pudemos observar como seus integrantes se preocupam-se em se preservar, expondo suas ideias mais que do suas pessoas. Apesar de fazerem trabalho de base em escolas e centros universitários, seus maiores investimentos estão voltados para a produção de material educativo e de entretenimento largamente distribuído. O exercício da persuasão constante via produção de materiais de mídia é considerado mais seguro do que formas de militância direta, envolvendo o encontro efetivo entre pessoas em atividades programadas ou ataques, em vista do conteúdo provocativo e violento da mensagem. A demasiada exposição e o comportamento muitas vezes agressivo e mordaz de muitos lobos solitários leva-os à perda de posições importantes no trabalho, à perda de poder econômico por indenizações e inclusive à prisão. Com base nesse argumento do “desperdício do militante”, a estratégia da resistência sem líder tem sido criticada

A opção de organização em rede, descentralizada e individualizada/parcelarizada (em células) preconizada pela *White Aryan Resistance* gerou ainda mais controvérsia. Em *The Turner Diaries* é marcante o papel da liderança central na construção de um movimento de massa e no correr da luta. O segundo romance de Pierce, *Hunter*, foi dedicado a Joseph Paul

⁷⁷⁹ National Alliance. Free Speech. V. 9. September, 1999. “There are even more useful things for an angry patriot to do than building a truck bomb and blowing up the nearest Federal office building. At this particular moment in the breakdown of our society, these occasional, random acts of violence are nor especially helpful. They are not part of a sound strategy.”

Franklin⁷⁸⁰, descrito como “o caçador solitário”[*the lone hunter*]. A princípio, poder-se-ia pensar que o livro consistiria em uma apologia à resistência sem líder. Entretanto, a estória transcorre visando mostrar o processo de conscientização e arregimentação do personagem principal, Oscar Yeager, à organização *National League*. Em uma entrevista sobre *Hunter* e a polêmica em torno da resistência sem líder, Pierce esclarece:

Ele [Oscar Yeager] começou como “um típico conservador idiota”, que era racista, mas não entendia “a questão judaica”. Mas ele também começou com um lobo solitário. Ele chegou a conclusão de que “esse não era o jeito de resolver as coisas (...) se você realmente quisesse causar um efeito, teria de ser em um contexto organizacional e isso é completamente contrário à tese da resistência sem líder”.⁷⁸¹

Em termos muito similares, a *World Church of the Creator*, uma organização político-religiosa de base não cristã, também rejeita a proposta da resistência sem líder. Eles mostraram-se bastante céticos na possibilidade de indivíduos ou pequenos grupos estabelecerem ordem e controle, caso observado o contexto de colapso social, decorrente da desintegração do sistema democrático liberal e multicultural. Para Ben Klassen, líder fundador da *World Church of the Creator*, esforços no sentido da resistência sem líder seriam pouco eficazes, se não orquestrados por uma organização que incorpore um movimento revolucionário forte e monolítico.⁷⁸² No livro *Building a whiter and brighter world*, publicado em 1986, temos bem clara a proposta da *World Church of the Creator* em contraste com o conceito da resistência sem líder: um movimento político construído em torno de uma ideologia e dirigido por um líder forte.⁷⁸³

Klassen, além de defender uma estratégia coletivista, centralizada e autoritária, julga imprudentes e contraproducentes os atos de violência súbita, perpetrados por muitos lobos

⁷⁸⁰ Joseph Paul Franklin foi um criminoso norte-americano que, em nome de uma suposta guerra racial, roubou 16 bancos, bombardeou sinagogas (1977), atacou judeus e casais interracialis e tentou assassinar personalidades favoráveis à expansão dos direitos civis, como o editor Larry Flynt (1978) e Vernon Jordan jr. (1980), ativista afro-americano e conselheiro de Bill Clinton. Franklin foi capturado em 1980, julgado em diversos estados e a nível federal. “Nation: Racist Rifleman”. *TIME Magazine U.S.* November 10, 1980. “Around the Nation: Judge denies trial request for suspect in Iowa deaths”. *The New York Times*. January 6, 1981.

⁷⁸¹ MICHAEL, George. *Confronting right-wing extremism and terrorism*. Routledge: London, 2003.p.117-118. apud. DURHAM, Martin. op.cit.p.105.

⁷⁸² MICHAEL, George. (2009). op.cit.p.75.

⁷⁸³ KLASSEN, Ben. *Building a whiter and brighter world*. Creativity Book Publisher, 1986.p.106-119. “He [Oscar Yeager] started as “a typical idiot conservative” who was racist but did not understand “the jewish angle”. But he also started as a lone wolf. He came to realize this was “no way to get things done (...) if you really wanted to have an effect it would have to be in an organizational context and that’s completely contrary to the leaderless resistance thesis”

solitários. Tais ataques resultam com frequência no aprisionamento e mesmo na morte desses guerreiros solitários, não contribuindo, portanto, para o avanço da revolução racial.⁷⁸⁴

Essa polêmica atravessou críticas e defesas expressas por militantes em periódicos como *WAR Eagle* e *Resistance* nos anos 1990. Na edição de 1993, o *WAR Eagle* trouxe o debate, republicando o artigo de Louis Beam e uma crítica à resistência sem líder, escrita por Art Jones, veterano do Vietnã e militante do *National Socialist White People's Party*. Em 2000, Eric Hollyoak escreve para a *Resistance* um artigo intitulado “*The Fallacy of leaderless resistance*”. Nele, Hollyoak argumenta que o projeto da *The Order* foi um fracasso, pois não conseguiu inspirar outros grupos, gerando uma revolta em massa e, conseqüentemente, deflagrando a suposta “guerra racial”.⁷⁸⁵

Apesar das críticas à resistência sem líder, a *White Aryan Resistance* insistirá na estratégia, fazendo dela a tônica expressa no material produzido pela rede.

Em sua página eletrônica temos acesso aos materiais produzidos pela WAR, publicações e vídeos de outras organizações e de lobos não ligados a WAR, uma lista com o nome e o endereço das penitenciárias onde estão presos os “guerreiros arianos”, além de uma série de produtos disponíveis para compra. Nesse sentido, esse espaço virtual funciona não somente como canal de difusão das ideias da WAR, mas também das de outros grupos neofascistas que apostam em outros caminhos para se chegar à sociedade ariana. Funciona ainda como veículo de arrecadação de doações para prisioneiros e de fundos para a própria WAR, revendendo a preços acessíveis os mais variados produtos como livros impressos, vídeos, adesivos, roupas, bijouterias e CDs.

O material produzido pela WAR inclui: o periódico *Insurgent*, gravações do programa televisivo *Race and Reason*, transmissões da rádio *Insurgent*, pequenos textos explicitando as posições da WAR e um conjunto diverso de arte gráfica e jogos de computador. Por meio da análise deles, deparamo-nos com as visões de mundo da WAR, suas críticas à conjuntura atual, a defesa da estratégia do lobo solitário e suas ideias quanto à construção da sociedade ariana.

Atravessando todos os materiais está a linguagem coloquial, objetiva e, não raro, escrachada do enunciador, que faz uso constante de ironias, gírias e palavrões. O tom rebelde

⁷⁸⁴ MICHAEL, George. (2009). op.cit.p.82.

⁷⁸⁵ Idem.p.105-107.

desse modo particular de transmitir a mensagem visa chamar a atenção, chocar e atrair um público específico: jovens brancos da classe trabalhadora.

Os jovens sempre foram o foco da WAR, desde o tempo em que Metzger procurou organizar os *nazi skins*. Após o processo e de suas experiências com as instâncias de aplicação da lei e manutenção da ordem, Metzger procurou uma outra forma de ação, a resistência sem líder. Como lobo público, volta-se novamente para os jovens, dessa vez não mais como líder, porém como influenciador na direção da resistência sem líder. Metzger é frequentemente convidado a discursar em eventos como *Aryan Fest* e shows de música *white power*, durante os quais ele alerta para a demasiada exposição dos militantes, seja por meio dos acessos de violência gratuita ou das tatuagens. A rebeldia do jovem deve ser racional e produtivamente canalizada, evitando condutas imprudentes que venham prejudicar o andamento da causa.

Há ainda um corte classista abertamente assumido e que se destaca como um diferencial entre grupos neofascistas e segregacionistas. Na página inicial do *site*, deparamo-nos com um manifesto, trazendo três símbolos que visam explicitar os ideais da WAR: o emblema matemático da desigualdade, “simbolizando a desigualdade de classes econômicas e grupos raciais”; a caveira sobreposta a ossos cruzados, “alerta para a crueldade”; o símbolo matemático da divisão “revela a demanda pela completa separação física”.

A identificação da WAR com a classe trabalhadora pode ser igualmente vista no pronunciamento de Metzger durante o *Aryan Nations Congress* de 1987.

A WAR se dedica à classe trabalhadora branca, aos camponeses, aos brancos pobres (...) Nosso problema é com o capitalismo monopolista. Os judeus primeiro vieram com o capitalismo e então criaram seu jogo marxista. Ataque direto na garganta do capitalista! Você tem que ir direto na garganta do das corporações. Tome o jogo das mãos da esquerda. O jogo é nosso! Não vamos mais lutar suas lutas sujas! Nós temos uma guerra que é aqui mesmo, a mesma guerra que a SA lutou na Alemanha; aqui mesmo nas ruas da América.⁷⁸⁶

Nesse aspecto, podemos observar como a origem social e história de vida de Metzger influenciam sua visão da política, seu projeto para a organização social e distribuição de

⁷⁸⁶ Metzger begins move to the top. The Monitor. January, 1988.p.5. apud. BERLET, Chip; LYONS, Matthew. op.cit.p.269. “WAR is dedicated to the White working people, the farmers, the white poor... This is a working class movement... Our problem is with monopoly capitalism. The jews first went with Capitalism and then created their Marxist game. You go for the throat of the Capitalist. You must go for the throat of the corporates. You take the game away from the left. It’s our game! We’re not going to fight your wore wars no more! We’ve got one war, that is right here, the same war the SA fought in Germany; right here in the streets of America.”

riqueza de uma sociedade ariana, relacionando-se com a base social daqueles que busca convencer .

A defesa de Metzger dos interesses da classe trabalhadora branca, bem como suas críticas ao elitismo e aos monopólios, têm gerado controvérsias quanto ao seu posicionamento político, especialmente quanto à suas inclinações à direita ou à esquerda. Perguntado em uma entrevista, Metzger respondeu, recusando definições taxativas.

Não, eu não me identifico com a direita. Eu era um direitista nos anos 1970, mas eu deixei a direita em fins da década de 1970. A direita é tão reacionária que não vai a lugar nenhum. Eu promovo a revolução contra capitalistas e marxistas sociais. Eu uso algumas ideias da direita, algumas da esquerda e algumas próprias. Eu misturo tudo.⁷⁸⁷

Em outros momentos, vemos abordada mais diretamente a problemática do monopólio e do setor financeiro, marcando as diferenças entre a proposta de sociedade da WAR e aquelas alinhadas com o neoliberalismo ou com o segregacionismo.

Não nos conectem aos reacionários que pensam estar ajudando sua raça lutando por “tradições ocidentais” ou contra o “socialismo” (...) Socialismo racial branco é positivo. Socialismo que promove a mistura de raças é negativo. (...) Regimes socialistas que pretendem derrubar a cultura da Coca Cola, o sionismo, que são dirigidos por brancos e mantêm suas nações essencialmente brancas têm o nosso apoio.⁷⁸⁸

Os plantadores do sul, uma oligarquia de 1%, detinham 99% de toda a riqueza e investiram em bancos nortistas. Seus filhos se casaram com famílias da elite, de banqueiros do norte. Brancos pobres e trabalhadores não foram capazes de desenvolver um verdadeiro movimento trabalhista no sul. Esses plantadores nunca estiveram interessados no desenvolvimento da raça branca. Eles estavam interessados no desenvolvimento dos negros (...) por ganância. Teríamos até negros no Oregon, se esses plantadores tivessem vencido. (...) A única vez que

⁷⁸⁷ White Aryan Resistance. Tom Metzger Interview. 17 May 2005. <http://www.resist.com/Articles/literature/PolandAssociateInterviewsTM.htm>. Página acessada em 31 Agosto 2007. “No, I do not identify with the right wing. I was a right winger into the 70's but I left the right in late 70's. The right is so reactionary it goes nowhere. I promote revolution against the Capitalists and the Social Marxists. I use some right ideas, some left ideas and some all our own. I mix it all together.”

⁷⁸⁸ DURHAM, Martin. op.cit.p.31. “do not connect ourselves to reactionaries who think they are assisting their race by fighting for “western traditions” or against “socialism”(…) White racial socialism is positive. Race mixing socialism is negative (...) Socialist regimes seeking to overthrow Coca-cola ‘culture’ and zionism, and that are ruled by white men who keep their nations essentially white, have our support.”

trabalhadores e camponeses bancos tiveram algum lugar, foi quando pegaram em porretes e disseram: “Vamos subir nem que seja na porrada.”⁷⁸⁹

As críticas de Metzger a aspectos tanto do capitalismo quanto do socialismo parecem remontar à discussão da terceira via, apresentada no primeiro capítulo como um dos instrumentos teóricos definidores do fascismo. Se como vimos anteriormente, a terceira via consiste em uma perspectiva de análise influenciada fortemente pelos discursos da época, a visão da WAR remete à uma corrente em particular do pensamento e do projeto social fascista. Um artigo da edição de 1989 afirma que a WAR defende uma forma de nacional-socialismo muito similar à promovida pelos irmãos Otto e Gregor Strasser e pela SA, durante o regime nazista alemão.

Os irmãos Strasser ficaram conhecidos como os mais importantes advogados da ala “esquerdista” do NSDAP, criticando os monopólios e o setor financeiro. Acreditavam que a revolução nacional-socialista deveria atacar a pobreza de frente e buscar sua base de apoio primordialmente entre os operários e camponeses, ao invés dos setores médios. A censura ao setor financeiro, comumente associado aos judeus, e à desigualdade extrema, contudo, não implicavam a defesa da igualdade social ou da propriedade privada, uma vez que concebiam a permanência de uma forma de capitalismo não especulativo e concorrencial. Nesse sentido, o strasserismo propunha uma radicalização do nazismo, mas o negava em sua essência.⁷⁹⁰

Essa visão mais popular e antielitista do nacional-socialismo influenciou profundamente Ernst Roehm, líder da SA entre 1931 e 1934, conclamando uma segunda revolução que fosse além da tomada do poder e atacasse as posições privilegiadas da classe dominante alemã. Politicamente mais radical que a SS, a SA influenciada pelo strasserismo acreditava que Alemanha deveria implementar uma forma particular de socialismo, levado a cabo por um movimento de base social trabalhadora. Tal divergência levou à perseguição e eliminação das alas mais radicais do partido, culminando no evento conhecido como Noite

⁷⁸⁹ Voices from World Congress (Michael A. Hoffman II). White Aryan Resistance. vol.5.n.3, 1986. University of California, Berkeley. The Bancroft Library. People for the American Way Collection. Ctn.83.Tom Metzger. “*The planters in the South, a 1% oligarchy, owned 99% of the wealth and invested in Northern banks. Their children married into the elitist families of the Northern bankers. The poor and working class Whites never were able to develop a true labor movement in the South. These planters had never been interested in the development of the white race. They were interested in the development of black people...for greed. They would have even put blacks in Oregon if these planters had had their way. (...) The only way white workers and farmers in this country ever got any place was when they grabbed clubs and said: “We’re going to beat our way up.”*”

⁷⁹⁰ KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.p.23-34.

das Facas Longas em 1934, quando inúmeros membros da SA foram assassinados, inclusive Ernst Roehm.

Entretanto, para a WAR o caminho para se chegar a essa forma particular de fascismo não seria a construção de um movimento de massa, da classe trabalhadora branca organizada. Diferentemente do que acreditavam os irmãos Strasser e a SA, a WAR propõe uma forma de luta individualizada. A vitória, segundo um lobo não identificado da WAR, viria do somatório das ações individuais. “Qualquer resistência de sucesso no presente virá de indivíduos que seguem uma força interior, aquela inexplicável energia que os leva a cumprir uma missão que nasceram para seguir.”⁷⁹¹

Muitos lobos deixaram de acreditar na eficácia de grupos que promovem organização coletiva e apostam na difusão de propaganda e projetos de conscientização. Segundo a WAR, a preocupação constante com o recrutamento, desviá-los-ia da ação, da luta cotidiana em prol da causa ariana.

...muitos de nós continuam a acreditar que o futuro do nosso sangue reside em nossa habilidade de educar outros para que se tornem ativistas raciais. Por muitos anos nós procuramos educar as massas e falhamos antes de percebermos que era perda de tempo. Depois decidimos procurar apenas pessoas inteligentes e educá-las. Isso parece um tanto estranho, uma vez que uma pessoa inteligente não deveria ter que ser instruída em algo básico como raça. (...) Se educar realmente funcionasse, acreditamos mesmo poder competir com a maior e mais sofisticada arma de propaganda já vista no mundo? Sem mencionar a Igreja, o Estado, as escolas, etc. (...) A natureza autocentrada do homem-massa o impede de atuar em nosso conflito de sangue. Ele não se mexerá até sentir que seu pequeno mundo pessoal encontra-se ameaçado.⁷⁹²

As experiências pessoais do lobos públicos com as agências de aplicação de lei e manutenção da ordem acrescentou ainda um outro elemento à equação: a problemática da segurança. Organizações formais, ainda que optem por uma militância discreta, acabam invariavelmente expondo seus membros em arquivos internos, o que, consequentemente,

⁷⁹¹ White Aryan Resistance. Articles. Time is not on our side. <http://www.resist.com/Articles/literature/TimeIsNotOnOurSideByWarAssociate.htm>. Página acessada em 31 de agosto de 2007. “Any successful resistance at the present will come from individuals who follow their inner force, that inexplicable drive, to fulfill a mission they were born to pursue.”

⁷⁹² Idem. “...many of our people continue to believe the future of our blood rests on our ability to educate others to become racial activists. For many years we sought to educate the masses and failed before realizing it was a waste of time. We then decided to seek only intelligent people and educate them. This seems more than a little odd, since an intelligent person should not have to be instructed on something so basic as race. (...) If educating actually worked, do we really believe we could compete against the largest and most sophisticated propaganda machine’s the world has ever seen, not to mention the church, state, schools, etc.? (...) Mass-man’s self-centered nature prevents him from becoming active in our Blood Struggle. He will not become active before he feels his tiny personal world is in danger.”

facilita o trabalho de agentes infiltrados. A própria prática de reunião em eventos e encontros propicia a infiltração de agentes que, ao final, reportam os projetos das organizações e as atividades criminosas ou não de seus membros.

Todos são catalogados e fotografados. Um arquivo é criado por diversas entidades e contém tudo sobre o membro em questão. Se no futuro essa pessoa não aguentar e efetuar uma ação direta, o trabalho dos agentes para enquadrá-la fica facilitado. (...) Muitas reuniões racistas são infiltradas por agentes que, muitas vezes, não se conhecem.⁷⁹³

A estratégia do lobo solitário, fazendo de cada homem seu próprio exército, seu próprio movimento, vem responder ao problema do comprometimento com a segurança. Em contrapartida, a demasiada preocupação com a segurança, somada à constante desconfiança das autoridades públicas, fez com que muitos lobos desenvolvessem uma visão paranoica e conspiradora do mundo. Para evitar maiores problemas com o poder público, a política recomendada pela WAR para se lidar com os agentes de segurança pública é conhecer seus direitos e ter em mente as cinco palavras: “Não tenho nada a declarar”. Um lobo incógnito publicou um artigo na página eletrônica da WAR esclarecendo a conduta apropriada no trato com agentes da lei e direitos civis básicos. O texto aconselha manter a calma e colocar as mãos onde a polícia possa vê-las; não discutir, reclamar, xingar nem resistir à prisão; exigir um mandato assinado por juiz, se quiserem entrar em sua casa; entregar sua carteira e documentos do carro, se estiver dirigindo; dizer à polícia que não tem nada a declarar; ter cuidado com o que vier a dizer, pois tudo poderá ser usado contra a pessoa; memorizar o número do distintivo e a placa da viatura; quando liberado, tentar encontrar testemunhas, pegando seus contatos; não deixar de fotografar machucados; requisitar um advogado imediatamente, caso detido.⁷⁹⁴ O mesmo lobo criou ainda o “cartão dos direitos”, a ser entregue à polícia, em caso de abordagem. Reproduzimos abaixo um modelo.

⁷⁹³ White Aryan Resistance. Articles. Begin with the lone wolves. <http://www.resist.com/Articles/literature/BeginWithLoneWolvesByTomMetzger.htm>. Página acessada em 31 de agosto de 2007. “Everyone is catalogued and photographed. A file is created by several entities with everything about the member enclosed. If at some distant time in the future this person is pushed over the edge and takes direct action, the job of rounding him or her up is made far easier for lazy agents. (...) Many racist meetings are infiltrated by several agencies that in many cases may not know each other.”

⁷⁹⁴ White Aryan Resistance. Articles. Know your rights. <http://www.resist.com/Articles/literature/KnowYourRights.htm>. Página acessada em 31 de agosto de 2007.

------(cut)-----

To: LAW-ENFORCEMENT OFFICERS:

My name: _____

My address: _____

My date of birth: _____

FORMAL LEGAL NOTICE UNDER THE UNITED STATES CONSTITUTION, per ACLU:

- 1) I do not wish to answer any questions without first speaking to an Attorney.
- 2) I do not consent to any search whatsoever, including but not limited to a search of my home, my car, my baggage or my person.
- 3) I do not consent to being in a line-up or a show-up, or any display of any type.
- 4) I do not and will not waive any of my Constitutional Rights whatsoever.

------(cut)-----

795

O elemento paranoico fica mais visível no *Mini Manual de Sobrevivência*, escrito por Metzger. Vejamos abaixo algumas de suas recomendações.

Sempre se lembre de que se estiver em contato com os [homens do salto de ferro [agentes do governo]], atenha-se às cinco palavras. NAO TENHO NADA A DIZER. Ninguém além de você mesmo pode te ajudar, uma vez que você caia nas mãos do inimigo. (...) Cuidado com o homem muito perfeito. Ele diz as coisas certas, precisa de pouco convencimento e ainda vem com uma quantia substancial de dinheiro (...) Claro que é preciso capital para operar, mas a que custo? Assegure-se para não baixar o nível de exigência ou de segurança por dinheiro. (...) Cuidado ao lidar com armas de fogo dos outros ou qualquer arma. Você poderá encontrar suas digitais em uma cena de crime. (...) Sempre tenha consigo pequenos gravadores. Mantenha um em sua porta de entrada também. Ligue o gravador para gravar a abordagem de qualquer agente do governo. Se puder investir em uma câmera gravadora usada, mantenha-a preparada e carregada para qualquer ocasião. Se passar muito tempo no carro, leve a câmera com você. Ligue a câmera, especialmente durante BLITZ DE ROTINA. (...) Leve uma faca de porte legal e saiba como usá-la. Cortadores de caixas vêm em tamanhos variados e são bons itens de defesa. Um carpinteiro carrega ferramentas do ofício; martelos são mortais. Um mecânico carrega ferramentas do ofício: uma chave inglesa pode arruinar o dia de um agressor. Quase tudo pode ser usado como arma. Lápis, canetas, usados corretamente, também acabarão com o dia de um agressor. Se você puder levantar uma geladeira, esta também pode se tornar uma arma. Sim, isso é um pouco radical, mas no meio da rua a antena de um carro quebrado pode se tornar sua melhor amiga. Sua imaginação é o limite. (...) Investigue bastante. Certifique-se, pois policiais federais e estaduais trabalham disfarçados. (...) Acima de tudo, não se esqueça de checar registros civis. Divórcios mal resolvidos já revelaram informações valiosas no passado. (...) Nunca comprometa um camarada estabelecendo contato, caso você esteja fugindo. Vá para lugares pouco prováveis. Grandes áreas urbanas são muito mais fáceis de se

desaparecer do que florestas. A habilidade de sobrevivência da maioria não é suficiente para sobreviver na selva.⁷⁹⁶

Além da estratégia da liderança sem líder, outra contribuição importante da WAR na direção da construção da sociedade ariana foi a criação do programa televisivo *Race and Reason*. Logo após ao surgimento da rede, em meados de 1984, a WAR deu início à produção de programas de televisão, usando equipamentos emprestados e técnicas simples de filmagem. Com o passar do tempo, equipamentos mais modernos foram adquiridos, porém, ainda hoje, a interface do programa não é de todo sofisticada.

A entrada, por exemplo, limita-se a enquadrar o nome *Race and Reason* sobre um fundo escuro, com música clássica ao fundo. O cenário do programa é também bastante simples. Ao iniciar, vemos Tom Metzger ou o outro apresentador, Ron Doggett, sentados em frente a uma mesa ou bancada com uma cortina azul ao fundo. Na tela, aparecem o telefone e o endereço da WAR para contato e requisição de envio de material. Eles vestem trajes informais, tais como camisas de botão sem gravata, muitas vezes de manga curta e ocasionalmente estampadas. Em alguns programas, podemos ver alguns adornos ao cenário, como plantas ou livros e jornais, usados para ilustrar comentários. Não há muitos jogos de câmera ou recursos chamativos de vídeo e som, como apresentação de imagens ao longo do discurso ou sonorização especial para momentos de ênfase, exaltação e ironia.

⁷⁹⁶ White Aryan Resistance. Articles. Mini manual on survival. <http://www.resist.com/Articles/literature/MiniManualOnSurvivalByTomMetzger.htm> Página acessada em 31 de agosto de 2007. "Always remember in any contact with the men of the Iron Heel [government agents] always stick to 5 words. I HAVE NOTHING TO SAY. No one can help you but you yourself once you are in the hands of the enemy. (...) Beware of the man who is "too perfect". He says all the right things, needs little persuasion, plus he supplies a substantial amount of money...Sure it takes money to operate but at what cost? Make sure you do not drop your standards or security for money contributions. (...) Beware of handling someone else's firearms or any weapon. You may find your fingerprints showing up at a crime scene. (...) Always carry a small low cost audio tape recorder in your pocket or car. Keep one at your front door also. Turn the tape recorder to record at the approach of any agent from any level of government. If you can afford a used camcorder keep it ready at all times with batteries charged. If you spend much time in your car take the video recorder with you. Turn on your recorders especially at any "ROUTINE TRAFFIC STOP." (...) Carry a legal length knife and know how to use it. Box cutters come in all sizes and are a good defense item. A carpenter carries tools of the trade. Hammers are deadly. An auto mechanic carries tools; a pipe wrench can ruin the day of an attacker. Almost anything feasibly can be used as a weapon. Pencils or ballpoint pens used properly will also ruin an attackers day. If you can lift a refrigerator it too could become an offensive weapon. Yes, that's a little extreme but caught in the street a broken off car antenna's may become your best friend. You are only limited by your imagination. (...) Do a lot of investigating. To be sure, the Federal and State cops can create a good cover (...) Above all don't forget to check civil records. Angry divorce proceedings have given us great intelligence information in the past. (...) Never compromise a comrade by making contact if you are on the run. Go where least expected. Large urban areas are much better to disappear into than the woods. Most people's survival skills are not good enough to survive in the wild."

Race and Reason é composto de um primeiro quadro de entrevistas ou comentários feitos por Metzger sobre situações cotidianas e um segundo bloco de perguntas e respostas, estabelecendo um diálogo entre o apresentador e a audiência por telefone.⁷⁹⁷

Cada programa dura em média quarenta e cinco minutos, iniciando-se sempre pela apresentação de informações básicas sobre o programa e sobre a WAR. Em seguida, dá-se início à entrevista do dia ou ao bloco de comentários de Metzger e, por fim, temos o bloco de perguntas e respostas.

A proposta do programa, segundo a WAR, é informar e atualizar a classe trabalhadora branca sobre os avanços e retrocessos da luta e seus variados caminhos. Procura também exercitar os direitos expressos na primeira emenda da Constituição, relativa à liberdade de expressão. No início de cada programa é frisado: “*Race and Reason* é uma pequena ilha de liberdade de expressão em um mar de notícias controladas.” Segundo Metzger, os canais privados não apresentam as ideias promovidas pelos guerreiros arianos. Mesmo na condição de convidados “é uma batalha constante tentar contar sua estória a seu modo”. Por essa razão, Metzger acredita ser necessário um canal direto pelo qual a WAR e outros grupos neofascistas possam transmitir suas ideias, críticas e projetos sem intermediários aos espectadores.⁷⁹⁸

A televisão é um recurso midiático privilegiado, sendo o mais popular da atualidade, com potencial de alcance a milhões de pessoas. Os programas são transmitidos em canais a cabo de acesso público em horários variados e recentemente na *internet*, facilmente encontrados na página eletrônica do *YouTube*. Os vídeos são produzidos por Metzger, contudo, para que sejam transmitidos em outros estados e cidades, é necessária a intermediação de um residente local que requisite espaço na grade de programação de algum canal local. Isso feito, a Metzger envia as fitas VHS, hoje DVDs, para que os *shows* sejam levados ao ar. Atualmente, *Race and Reason* é apresentado pelas seguintes redes de televisão: Channel 98, Syracuse, NY; Cablevision 18, Yonkers, NY; Comcast 57, Ft. Wayne, IN e Cablevision 118, Hamilton, NJ.⁷⁹⁹

⁷⁹⁷ Cf. Apontamentos metodológicos sobre análise de imagem e de som. Capítulo IV. Seção A. p.26-27, 42-44.

⁷⁹⁸ White Aryan Resistance. *Race and Reason*. series 34. History of the Show. November 6, 1986. apud. RENDAHL, Stephen. Media access and the radical right: public access to *Race and Reason*. Annual Meeting of the Central States Communication Association. Detroit, MI, April 5-8, 1990.p.6. Sponsored by the White American Political Assn. Copyright: Alexander Foxe. “*Race and Reason is a small island of free speech in a sea of control and managed news.*” “*it’s a constant battle to try to get your story straight*”

⁷⁹⁹ White Aryan Resistance. *Race and Reason*. <http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 12 de janeiro, 2012.

Todavia, tais intermediários têm encontrado dificuldade para conseguir espaço na grade de programação do canais locais, os quais costumam impor certos obstáculos, como colocar *Race and Reason* no fim da lista da programação, transmiti-lo de madrugada ou mesmo esquecer de transmiti-lo, no intento de impedir a veiculação do programa.⁸⁰⁰

Segundo Stephen Randahl, a problemática do acesso à mídia leva a um dilema, uma vez que restringir ou negar espaço aos grupos neofascistas corrobora seus argumentos conspiratórios, principalmente em relação ao controle judaico da mídia. Teses conspiratórias são centrais para grupos radicais de uma forma geral, pois ajudam justificar o número restrito de aderentes e legitimar a ameaça e/ou uso da violência. Por outro lado, abrir o espaço e permitir que tais grupos ganhem largas audiências compromete a coerência das teses conspiratórias.⁸⁰¹

Para as entrevistas são trazidos convidados especiais, como intelectuais e ativistas, mas principalmente líderes de organizações proeminentes para que apresentem livremente suas propostas e respondam às perguntas dos telespectadores. Dentre eles destacamos William Pierce da *National Alliance*, Richard Butler da *Aryan Nations*, Ben Klassen da *Church of the Creator*, o famoso revisionista Ernst Zundel, etc.

O espaço destinado aos convidados possibilita que se conheça um pouco sobre outros grupos neofascistas, seus posicionamentos políticos, propostas de construção de uma sociedade alternativa, estratégias de luta e estilo de interação com o mundo natural e social. Na seção anterior, vimos um exemplo disso quando analisamos a participação de William Pierce no programa, falando sobre a *National Alliance*. Na seção seguinte, voltaremos a falar sobre esse quadro de *Race and Reason*, quando abordarmos a participação de Richard Butler apresentando a *Aryan Nations* e a *Christian Identity*.

Os programas sem convidados são aqueles em que Metzger tece comentários sobre acontecimentos locais e nacionais, a partir de notícias de jornal, livros ou filmes recentes ou simplesmente histórias que tenha ouvido pela vizinhança. Isso aproxima o apresentador e o público, constrói laços, imprimindo um tom inimista ao programa. Faz também de *Race and Reason* um show popular, pois Metzger comenta, critica ou elogia materiais de fácil acesso

⁸⁰⁰ White Aryan Resistance. *Race and Reason*. series 34. History of the Show. November 6, 1986. Apud. RENDAHL, Stephen. Media access and the radical right: public access to *Race and Reason*. Annual Meeting of the Central States Communication Association. Detroit, MI, April 5-8, 1990.p.10. Sponsored by the White American Political Assn. Copyright: Alexander Foxe.

⁸⁰¹ Idem.p.17-19.

aos trabalhadores. A linguagem utilizada é igualmente popular, nada rebuscada, fazendo uso constante de coloquialismos locais, como gírias. Nesse aspecto, os programas de comentários se assemelham bastante, em termos de conteúdo e proposta, aos programas de rádio transmitidos pela *internet*. Afora os atrativos gráficos, que como vimos acima são bem menos elaborados que os vídeos produzidos pela *National Alliance*, a dinâmica é muito similar.

Tal manobra pode ser observada em todos os programas. Num deles, Metzger comenta sobre a reportagem de capa do jornal *The Reader*. Para isso, ele pega o jornal, levanta-o na altura de seu rosto e mostra-o às câmeras. A manchete diz “*Culture is good for business*” e inclui uma fotografia de um conjunto de homens e mulheres de diferentes origens étnicas. Criticando a abordagem multiculturalista que o jornal dá à questão da cultura, Metzger se exalta, levantando tom de voz, apontando para a fotografia e manuseando o jornal com violência.

O que chama atenção aqui é [a manchete] “Cultura é bom pros negócios”. Eu só vejo rostos negros. Talvez um cara branco. **Isso não é cultura! Isso é a destruição da cultura! Eles estão por todos os seus jornais e nesse “Reader” não há nada mais que sujeira!** [ênfase do enunciador]⁸⁰²

Metzger segue criticando o princípio da igualdade, base para a perspectiva multicultural, ironizando a declaração de independência e os pais fundadores.

Mas os brancos gostam dessa coisa; são burros o suficiente para acreditar que todos os homens são criados iguais! Isso é **a coisa mais idiota** [ênfase do enunciador] que já foi criada e nós entramos nessa muito cedo (...) Agora, imagine quão esquizofrênicos nossos pais fundadores eram. Eles escreveram que “todos os homens são criados iguais” na Declaração de Independência (...) e todos eles eram proprietário de **escravos!** [ênfase do enunciador]. Isso faz algum sentido?⁸⁰³

Somada à linguagem acessível e coloquial, a argumentação de Metzger cativa o trabalhador, acentuando elementos de seu cotidiano e instigando o medo da perda ao acesso a

⁸⁰² White Aryan Resistance. Race and Reason. 2009. part 1. <http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012. “*And the big thing in here is “Culture is good for business”. I see nothing but black faces. Maybe one white guy. That’s not culture! That’s the destruction of culture! And they’re all over your newspapers and in this “Reader” is nothing but filth!* [speaker’s stress]”

⁸⁰³ Idem. “*But white people are into this stuff where they actually are stupid enough to believe that all men are created equal! That is the stupidest thing* [speaker’s stress] *that’s ever been put on anything and we started out very early (...)* Now, just think how schizophrenic our founding fathers were. They wrote that “all men are created equal” in the Declaration of Independence (...) and they all owned **slaves!** [speaker’s stress] Now, does that make sense at all?”

bens de consumo duráveis, particularmente caros à classe trabalhadora norte-americana, imersa em uma cultura de consumismo exacerbado.

Muito em breve não haverá mais brancos. Te digo uma coisa. Se você quer saber o que o inferno é, espere até os brancos se forem! Ei, você está dirigindo um carro. Quem inventou o carro? Você anda de avião. Quem inventou o avião? Quem inventou a TV, as câmeras fotográficas? Tudo o que você conhece na civilização ocidental foi inventado por brancos. E você quer se livrar deles? Como você vai ficar quando os brancos se forem? Você vai estar em um barco furado sem remos, *baby!*⁸⁰⁴

Uma estratégia de cunho técnico de aproximação com o público são os *closes*. Quando Metzger olha e fala diretamente para câmera em *close*, o efeito é o do diálogo individualizado. Ao invés de se reportar a uma audiência coletiva e amorfa, o *close* especifica, personaliza o discurso. Essa estratégia é capaz ainda de construir uma falsa intimidade entre apresentador e telespectador, fazendo parecer que o primeiro está falando diretamente com e para o segundo. Vejamos como isso se dá em uma crítica às formas liberal-democráticas de manifestação pública.

E você branco fica aí sentado! Aí você vai a Washington e diz: “Ah, estamos insatisfeitos com a saúde, ah. Ah, senhor Obama, o senhor faria algo por nós? Mas nós nunca reagiríamos com violência! Não, ah não. Ir a Washington com uma arma 3060? Ah, ah, nós não queremos esse tipo de gente! Não queremos ninguém que possa querer lutar por sua raça, ou por sua liberdade de expressão. Queremos pessoas legais, respeitadoras da lei ao nosso lado o tempo todo...”⁸⁰⁵

A primeira frase é um alerta e um chamado a ação, seguida de um claro desdém pelas formas institucionalizadas de protesto e implementação de reformas na democracia liberal. O discurso está ainda impregnado de ironias, pois o apresentador modifica sua voz e expressão corporal após o alerta. Metzger passa a imitar o falar de um homem inseguro, gaguejando, pausando o falar, com olhar baixo e voz chorosa. A insegurança da fala é complementada por

⁸⁰⁴ White Aryan Resistance. *Race and Reason*. 2009. part 2. <http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012. “*Very soon there won't be any white people. I wanna tell you this. If you wanna know what hell is, wait untill all the white people are gone! Hey, you're driving a car. Who invented the car? You're riding an airplane. Who invented the airplane? Who invented the TV, cameras? Everything you know in western civilization was invented by white people. And you wann get rid of' em? Where are you gonna be when white people are gone? You're gonna be in a ship cricked without a paddle, baby!*”

⁸⁰⁵ White Aryan Resistance. *Race and Reason*. 2009. part 1. <http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012. “*And you're just sitting there white people! Than you go to Washington and say “Oh, we're just upset about the health, oh. Oh, Mr. Obama, would you do something for us? But, we would never be violent! No, oh no. Go to Washington with a 3060 shotgun? Oh, oh, we don't want any o' those kind of people! We don't want anybody that might fight for their race, or for their freedom or liberty. We want nice, law-abiding people to be with us at all times...”*”

pequenos movimentos com as mãos, amassando e rasgando o jornal, o que contribui para a construção do sentimento ansiedade, nervosismo, vergonha e intimidação do personagem caracterizado. Sua proposta para esse homem inseguro é uma saída de força. Ele deve exigir mudança por meio das armas. A posição autoritária fica explícita ao prezar por uma solução violenta e que evita o diálogo.

Nesse mesmo trecho, percebemos também que seu discurso, falado e gestual, é bastante expressivo. Por não visar um público alvo mais intelectualizado, Metzger se permite exaltar, ironizar e desdenhar livremente. Ele, ao contrário de Pierce, não está lá para vencer um debate pelas armas da argumentação, mas para expressar sua opinião, sua indignação. Por isso, não precisa aparentar autocontrole, competência acadêmica especial, equilíbrio emocional ou racionalidade superior.

Em outro programa, a reportagem comentada é do jornal *USA Today*. A manchete diz “*Immigration rate heels jobs for legal workers*”. Aqui, deparamo-nos novamente com uma solução de força não somente para o problema da imigração ou dos negros, mas igualmente para os ditos “traidores da causa” - a burguesia financeira - e para os judeus.

Sabe, o nosso problema, o problema dos brancos é nossa própria raça. Até a nossa raça ter isso em mente, não vamos a lugar nenhum. **Temos que limpar nossa própria casa!** [ênfase do enunciador] Isto é, eu não criaria nenhum problema ou cometeria nenhuma violência contra os não brancos até que se lide com todos os brancos safados. Sabe, nós deveríamos julgá-los, culpá-los e **enforcá-los!** [ênfase do enunciador] São os líderes corporativos, líderes corporativos, são os grandes investidores, é o povo de *Wall Street* que toma bilhões de dólares e ninguém faz nada. Os negros não estão tomando esse dinheiro. Eles não são os **banqueiros!** [ênfase do enunciador] Sabe... eles também são vítimas. São os caras ricos e os judeus. E judeus realmente gostam de instigar problemas.⁸⁰⁶

O estilo coloquial e irreverente das mensagens da WAR está impresso em outras mídias. Na página eletrônica do grupo existem entradas para piadas, arte gráfica, adesivos e papéis de parede que podem ser baixados ou comprados. Neles, vemos como a violência é passada de modo irreverente, fazendo uso aberto de um humor politicamente incorreto. A

⁸⁰⁶ White Aryan Resistance. Race and Reason. 2009. part 2.<http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012. “*You see, our problem, the white problem is our own race. Untill our race gets that in their head, we can't get anywhere. **We gotta clean the house in our own race!** [speaker's stress] I mean, I would not commit any kindda problem or violence against the non-white, untill all the white crooks and people like that are taken care of. You know, we should trial'em, find'em guilty, **hang'em!** [speaker's stress] It's the corporate leaders, corporate leaders, it's the big investors, it's the wall street people who take billions of dollars and nobody even does anything about it. Black people are not taking that money. They're not the **bankers!** [speaker's stress] you know... they're victims too. It's the rich white guys and jews. And jews really like to instigate problem.*”

entrada relativa às piadas, por exemplo, é organizada por categorias, utilizando muitas vezes chamativos depreciativos como crioulo, *spics* (hispânicos), *gooks* (asiáticos), árabes, *gays*, indianos e judeus. O adesivo em amarelo diz: “EUA: temporada de caça a imigrantes ilegais 2001-2050. Sem limite de sacos, etiqueta obrigatória”.



807

Nos *cartoons* abaixo, podemos identificar a crítica ao grande capital. No primeiro, temos um retrato clássico do burguês, como um homem branco gordo, abastado e sorridente, crucificando o trabalhador norte-americano. As estacas representam elementos da realidade social contemporânea criticados pela WAR como os imigrantes (“aliens” mexicanos e cubanos), os burocratas e guerras visando a lucros comerciais. Assim como Jesus Cristo, o trabalhador norte-americano branco foi também traído por sua própria gente. No segundo, o burguês aparece representado na figura antropomórfica do judeu-polvo. Seus tentáculos abraçam o globo, construindo um cenário conspiratório, no qual o judeu-polvo judaíza e bolcheviza o mundo. Percebemos, aqui, uma clara alusão à teoria do bolchevismo judaico, expressa por inúmeras organizações, como pudemos constatar na análise dos materiais da *National Alliance*.

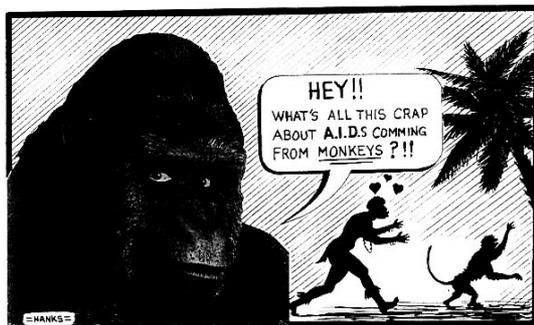
⁸⁰⁷ White Aryan Resistance. Free stickers. <http://www.resist.com/stickers.html>. Página acessada em 15 de janeiro de 2012.



Todavia, vale destacar que a crítica ao capitalismo remete à configuração monopolista, financeira e desregulamentada do sistema e à suas correspondentes frações dirigentes. À semelhança do strasserismo, a WAR e muitos neofascistas não defendem a igualdade social, nem rejeitam conformações concorrenciais do capital, admitindo a importância do setor empresarial na construção de um movimento de resistência.

Durante o encontro da *Aryan Nations* em 1986, em meio à discussão sobre a construção de um lar ariano no noroeste do Pacífico, Robert Miles afirmou que “em público, empresários, agentes imobiliários e representantes de linhas de mudanças fingem discordar de nós, mas privadamente vêm até aqueles que desejam se mudar [projeto do lar ariano] com cifrão nos olhos, dizendo: “Que negócio tenho pra você!””⁸⁰⁸

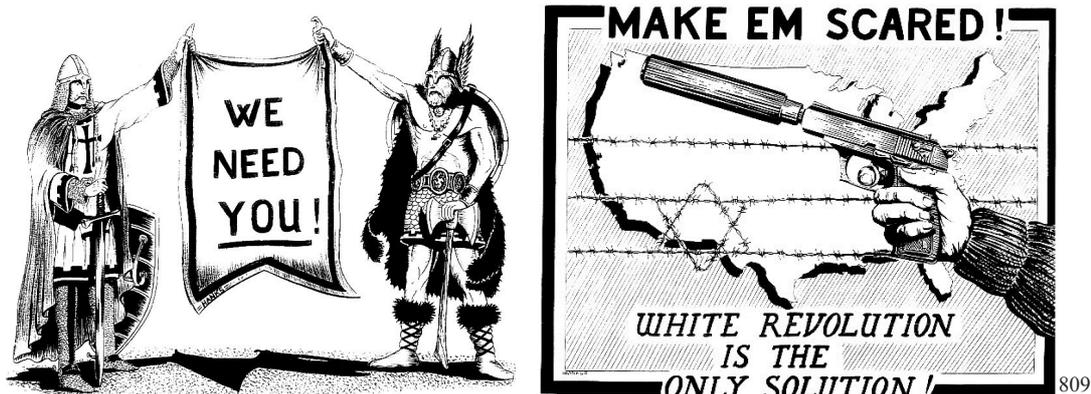
⁸⁰⁸ Separatists launch new nation. White Aryan Resistance. vol.5.n.3, 1986. University of California, Berkeley. The Bancroft Library. People for the American Way Collection. Ctn.83.Tom Metzger. “publicly, businessmen, real estate agents and moving van line reps pretended to disagree with us, but in private, they come to those who wish to move and resettle with dollar signs in their eyes, telling us “what a deal I have for you”.”



Nesse segundo grupo de *cartoons*, o foco é novamente o humor e a irreverência. O primeiro traz um cenário tropical, onde um gorila com olhar perspicaz indaga: “Ei, que merda é essa de dizer que a AIDS veio dos macacos?!”. Ao fundo vemos, então, a figura de um homem negro perseguindo um macaco, jogando-lhe beijos. O animal foge desesperado, tentando alcançar uma palmeira. O intuito é depreciar o negro em duas dimensões: responsabilizando-o pela disseminação do vírus HIV em seres humanos e fazendo-o parecer inferior a animais selvagens. O segundo desenho, é um exemplo de arte gráfica pensada para atrair os jovens, usando conhecidos personagens de televisão, textos curtos e impregnados de gírias. Nele, temos uma caricatura de Beavis e Butt-Head, personagens de uma popular produção de animação para televisão. Um deles traja uma camiseta com os dizeres “poder branco” e afirma “É guerra/WAR cara!”. Outro responde “é isso aí, guerra/WAR, guerra/WAR, guerra/WAR”.

No último grupo, por fim, temos dois tipos de chamado à ação. O primeiro apresenta dois guerreiros de fés distintas, um cruzado e um *viking*. Eles erguem uma bandeira com os dizeres “Precisamos de você!”. O desenho remete à união dos arianos, independente de suas diferenças, nesse caso, de fé. A WAR não advoga nenhuma fé oficialmente e, apesar de Metzger pessoalmente ter sérias restrições ao cristianismo, baseado no fato de Jesus ter sido judeu, foi amigo de Richard Butler por 25 anos e respeita a opção de outros pela cultura de uma fé. Já o segundo *cartoon* alude à necessidade de um conflito armado propriamente dito. A “reconquista” da “América” do domínio judaico por via militar é entendida como o único caminho possível para a construção da sociedade ariana. Vias político-partidárias ou de conquista gradativa e indefinida de adeptos são descartadas, a “revolução branca é a única

solução”, como escrito na parte inferior do desenho. Notemos ainda que a arma traz um silenciador na ponta, ou seja, para a WAR a guerra já começou, mas é ainda uma guerra silenciosa, levada a cabo por um homem (o lobo solitário), imbuído de seus ideais e da clara convicção de que estratégias de persuasão não são suficientes. Por essa razão o letrado chama à ação e afirma “deixe-os com medo”, mas o silenciador lembra: faça-o com precaução!



Assim, a WAR se destaca no cenário neofascista pela defesa da estratégia do lobo solitário e por sua linguagem direta, informal e irreverente, atraindo o público jovem e a classe trabalhadora. A análise dos materiais produzidos pela WAR mostrou que esse grupo centra seus esforços em conseguir atrair novos indivíduos que atuem como lobos e estejam preparados para o momento do conflito final. Afora as críticas ao papel do capital monopolista e financeiro e à desigualdade extrema entre bancos, os documentos não revelam muito sobre a configuração política, econômica e social da sociedade ariana envisioned. A WAR se configura, portanto, como um fenômeno social de resistência, sem um projeto de sociedade plenamente estruturado.

c. Aryan Nations: a morada do guerreiro com fé

Fundada em 1974 pelo engenheiro aeronáutico e pastor Richard Grint Butler, a *Aryan Nations* é uma organização político-religiosa, ligada diretamente à *Church of Jesus Christ Christian*, igreja promotora de uma vertente particular do cristianismo, conhecida como *Christian Identity*. Para além de uma reinterpretação das escrituras, os preceitos da *Christian*

⁸⁰⁹ White Aryan Resistance. Cartoons. Todos os *cartoons* foram retirados da página: <http://www.resist.com/programs/WARPhotos/Art/thumbs/flash.html>. Página acessada em 15 de janeiro de 2012.

Identity apresentam-se carregados de apologia à violência e à eliminação do outro, influenciando fortemente os projetos políticos desenvolvidos pela *Aryan Nations*.

A origem da *Christian Identity* remonta ao século XIX, especificamente a um movimento religioso sectário de nome Israelismo Britânico. Segundo os pastores John Wilson e Edward Hine, os britânicos seriam os descendentes das 10 tribos perdidas do reino setentrional de Israel. Os judeus, por sua vez, descenderiam de duas tribos do reino meridional de Israel, o reino de Judah. De raiz polissemítica, o Israelismo Britânico afirma que o destino das 12 tribos estaria ligado em um futuro milenar, quando nos últimos dias antes da volta de Cristo os descendentes das tribos norte - os britânicos - deveriam juntar-se aos descendentes das tribos de Judah - os judeus - reunificando Israel na terra santa.⁸¹⁰

O Israelismo Britânico chegou aos EUA por um projeto missionário encampado pelo pastor Edward Hine entre os anos de 1884 e 1888, difundindo-se principalmente graças às atividades do tenente Charles Totten. Na década de 1920, o Israelismo Britânico organizou-se nacionalmente sob a bandeira da *Anglo-Saxon Federation of America*, liderada por Howard Rand, um advogado profundamente antissemita. A influência das visões de mundo de Rand serão centrais para o desenvolvimento da *Christian Identity*, variante norte americana do Israelismo Britânico. Rand juntamente com William Cameron, talentoso e bem conectado editor do jornal de Henry Ford, o *Dearborn Independent*, foram figuras significativas na expansão da doutrina do Israelismo Britânico nos EUA, bem como por sua virada antissemita e conspiratória.⁸¹¹

Segundo Goodrick-Clarke, a expansão do israelismo britânico e posteriormente da *Christian Identity* esteve relacionada ao contexto de dominação global empreendido por povos de origem anglo-saxã durante os séculos XIX e XX, bem como a reação à entrada maciça de imigrantes judeus nos EUA a partir do fim do século XIX.

As conquistas coloniais do império britânico e o rápido assentamento dos Estados Unidos constituíram a ideia de que as raças brancas europeias eram o “povo escolhido” da narrativa bíblica. A correspondente elaboração da identidade israelita dos arianos, somada à rejeição dos judeus, criaram uma mística ariana baseada no cristianismo. (...) O Israelismo Britânico absorveu a reação nativista largamente difundida contra os altos níveis de imigração judaica, vinda da Europa oriental a partir dos fins do século XIX em diante. Odiados e percebidos como elementos

⁸¹⁰ BARKUN, Michael. *Religion and the racist right: the origins of the Christian Identity movement*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 1997.p.6-11.

⁸¹¹ DOBRATZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie.op.cit.p.74. GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Black Sun: aryan cults, exoteric nazism and the politics of identity*. New York: New York Univ. Press, 2002.p.235-236.

inassimiláveis, esses judeus ashkenazi inspiraram teorias hostis com respeito a suas origens raciais.⁸¹²

Outro elemento importante para a virada que levará ao surgimento da *Christian Identity* foi a influência dos pastores de Vancouver no oeste dos EUA, em especial na Califórnia. Entre os anos de 1939 e 1947 foram organizadas uma série de conferências anuais em Vancouver, Portland e Los Angeles, fortalecendo os laços desses pastores canadenses com a costa oeste dos EUA, em detrimento daqueles historicamente estabelecidos com Toronto e Londres. Os pastores de Vancouver abraçavam interpretações conspiratórias, racistas e antissemitas do Israelismo Britânico e se tornaram a influência predominante nas igrejas israelitas britânicas da Califórnia. Data desta época um dos primeiros relatos de que os judeus seriam filhos de Satã, o romance anônimo *When? A prophetic novel of the very near future*, de 1944. Do mesmo ano, *When Gog Attacks*, igualmente anuncia uma série de ideias defendidas pela *Christian Identity* como a origem turco-mongol dos judeus ashkenazi, a veracidade dos Protocolos dos Sábios do Sião e Cain como fundador da “sinagoga de Satã”.⁸¹³

De um modo geral, a narrativa teológica que perpassava esses romances e que começava a ser difundida em igrejas israelitas britânicas era a seguinte: Adão era o filho de Deus e o primeiro homem branco. O diabo assumira uma forma material (a serpente) e seduzira Eva. Esse encontro resultou na expulsão de Adão e Eva do paraíso e no nascimento de uma criatura híbrida chamada Cain. Este teria fugido para o oriente e estabelecido uma colônia juntamente com povos pré-adâmicos, iniciando seus seguidores nos planos do diabo de conquista do mundo. Conforme a cristalização desses mitos, os judeus, supostos descendentes de Cain, foram progressivamente ligados aos Cananeus ao invés dos Edomitas.⁸¹⁴ A disseminação dessas ideias via material literário e os encontros periódicos com o grupo de Vancouver fizeram florescer uma variante particularmente radical do Israelismo

⁸¹² GOODRICK-CLARKE, N. op.cit. p.234 e 237. “*The colonial achievement of the British Empire and the rapid white settlement of the United States posited the idea that the white European races were the “chosen people” of biblical narrative. The corresponding elaboration of the israelite identity of the Aryans, matched by the relegations of the Jews, created an Aryan mystique grounded in biblical Christianity. (...) British-Israelism absorbed the wide-spread nativist reaction to the high immigration levels of East European Jewery from the late nineteenth century onward. Resented and perceived as unassimilable, these Ashkenazic Jews provoked hostile theories concerning their racial origins.*”

⁸¹³ Idem.p.236.

⁸¹⁴ Idem.ibidem.p.239.

Britânico entre os líderes da Califórnia, a *Christian Identity*. Os pastores responsáveis por essa transformação final foram Bertrand Comporet, William Potter Gale e Wesley Swift.⁸¹⁵

Segundo a *Christian Identity*, os arianos seriam os únicos descendentes das tribos perdidas de Israel, e portanto o povo escolhido por Deus para triunfar na Terra. Os judeus, em contrapartida, seriam os filhos do demônio, frutos da relação sexual de Eva com Satã no jardim do Éden. As turbulências sociais, morais, políticas e econômicas contemporâneas seriam evidências de que o mundo estaria à beira de um conflito apocalíptico definitivo entre as forças do bem, representados pelos arianos, e as forças do mal, representadas pelos judeus e demais subraças.

Destacamos alguns pontos contidos na plataforma política da *Aryan Nations*, nos quais pode-se observar como esses preceitos religiosos vêm agregados a críticas sociais e projetos políticos.

ACREDITAMOS na preservação da nossa raça, individual e coletivamente, como um povo e como exigido por Yahweh. Acreditamos que nossa nação racial tem direitos e tem a obrigação de preservar a si e a seus membros.

ACREDITAMOS que Adão, o homem do Genesis, é representante da raça branca nessa Terra. Nem todas as raças descendem de Adão. Adão é o pai da raça branca somente. (Adão em hebraico original significa: “ter o rosto rosado de sangue, ficar rosado”) Genesis 5:1

ACREDITAMOS que os verdadeiros filhos da Bíblia são as 12 tribos de Israel, hoje espalhadas pelo mundo e conhecidas como povos anglosaxões, germânicos, teutônicos, escandinavos, celtas. Genesis 32:28; Exodus 12:31; 16:4; 19:20; Revelações 21:12

ACREDITAMOS que existem literalmente filhos de Satã no mundo atualmente. Esses filhos são os descendentes de Cain, que por sua vez resultou do pecado original de Eva, seduzida fisicamente por Satã. Sabemos que por causa desse pecado existe uma batalha e animosidade natural entre os filhos de Satã e os filhos do maior dos deuses (Yahweh). Genesis 3:15; João 3:12

ACREDITAMOS que o judeu cananeu é o inimigo natural da raça branca ariana. Isso está atestado pelas escrituras e por toda a história secular. O judeu é como um vírus destrutivo que ataca nosso corpo racial para destruir nossa cultura ariana e a pureza de nossa raça. João 8:44; Tessalônios 2:15; Revelações 17:14

ACREDITAMOS que uma batalha está sendo travada atualmente entre os filhos da escuridão (conhecidos como judeus) e os filhos da luz (Yahweh, o Deus eterno), a raça ariana, a verdadeira Israel da Bíblia. Revelações 12:10-11

⁸¹⁵ BARKUN, Michael. op.cit.p.49-54.

ACREDITAMOS que os problemas do mundo presente resultam de nossa desobediência à Lei Divina.⁸¹⁶

Dentre os pastores mencionados anteriormente, Wesley Swift foi quem exerceu maior influência sobre a *Aryan Nations*, tornando-se o mentor de Richard Butler e fundador da *Church of Jesus Christ Christian*. Em 1946 Swift inaugurava sua primeira congregação, a *Anglo-Saxon Christian Congregation* em Lancaster, Califórnia, a qual em 1956, passou a ser chamada *Church of Jesus Christ Christian*, de forma a explicitar a origem não judaica de Jesus.⁸¹⁷ Nesse mesmo ano, Swift conheceu William Potter Gale, fortalecendo seus laços na fundação conjunta de outro veículo da *Christian Identity*, a *Christian Defense League* no início dos anos 1960. O primeiro presidente e diretor nacional da *Christian Defense League* foi Richard Butler.

Analogamente aos demais líderes enfocados neste capítulo, a militância de Richard Butler também remonta a organizações conservadoras tradicionais, marcadamente anticomunistas. Como engenheiro aeronáutico, Butler trabalhou em empresas renomadas como a CONVAIR - *Consolidated Vultee Aircraft Company*, produtora de aeronaves e foguetes, e a *Lockheed Aircraft Company*. O trabalho nessas empresas rendeu-lhe mais que mero sustento, mas experiências e prêmios que foram determinantes em sua atuação política. Pela CONVAIR, fora enviado para Índia, em 1941, para inspecionar os aviões da *Royal Indian Air Force*, retornando aos EUA durante a Segunda Guerra Mundial para se alistar na

⁸¹⁶ Aryan Nations. Aryan Nations Platform. http://www.aryan-nation.org/index_1.html. Página acessada em 29 de janeiro de 2012. “WE BELIEVE in the preservation of our Race, individually and collectively, as a people as demanded and directed by Yahweh. We believe our Racial Nation has a right and is under obligation to preserve itself and its members.

WE BELIEVE that Adam, man of Genesis, is the placing of the White Race upon this earth. Not all races descend from Adam. Adam is the father of the White Race only. (Adam in the original Hebrew is translated: "to show blood in the face; turn rosy.") Genesis 5:1

WE BELIEVE that the true, literal children of the Bible are the twelve tribes of Israel, now scattered throughout the world and now known as the Anglo-Saxon, Germanic, Teutonic, Scandinavian, Celtic peoples of the earth. Genesis 32:28; Exodus 12:31; 16:4; 19:20; Revelations 21:12

WE BELIEVE that there are literal children of Satan in the world today. These children are the descendants of Cain, who was a result of Eve's original sin, her physical seduction by Satan. We know that because of this sin there is a battle and a natural enmity between the children of Satan and the children of The Most High God (Yahweh). Genesis 3:15; 1 John 3:12

WE BELIEVE that the Cananite Jew is the natural enemy of our Aryan (White) Race. This is attested by scripture and all secular history. The Jew is like a destroying virus that attacks our racial body to destroy our Aryan culture and the purity of our Race. John 8:44; 1 Thessalonians 2:15; Revelations 17:14

WE BELIEVE that there is a battle being fought this day between the children of darkness (today known as Jews) and the children of light (Yahweh, The Ever living God), the Aryan Race, the true Israel of the bible. Revelations 12:10-11

WE BELIEVE that the present world problems result from our disobedience to Divine Law.”

⁸¹⁷ DURHAM, M. op.cit. p.67.

força aérea. Durante o tempo vivido na Índia, Butler ficou impressionado com a noção de pureza racial contida no sistema de castas. Pela Lockheed, Butler foi um dos inventores de um sistema de reparação rápida de pneus sem tubo para aviões, pelo qual recebeu *royalties*. O dinheiro dos *royalties* viabilizou a compra da propriedade sede da *Aryan Nations*, em Hayden Lake, Idaho. A experiência na Índia e posteriormente na guerra impulsionaram seu racismo e anticomunismo, levando-o a canalizar tais visões para a militância política.⁸¹⁸

Após a guerra, Butler apoiou a campanha de Joseph McCarthy ao senado, encantado por seus discursos anticomunistas e convencido de que os EUA estavam dominados pelo comunismo judaico. Encabeçando a campanha do *California Committee to Combat Communism*, Butler conheceu William Potter Gale, pastor da *Christian Identity* e ex-oficial superior da equipe do general Douglas MacArthur. Foi Gale quem introduziu Butler ao mundo da *Christian Identity*, levando-o, em 1961, para a igreja de Swift, *Anglo-Saxon Christian Congregation*. Orientado pelo pastor Swift, Butler estudou intensivamente os preceitos teológicos da *Christian Identity*, encontrando um sentido político e moral para as críticas, angústias e anseios, esparsamente experimentados ao longo de sua vida.⁸¹⁹

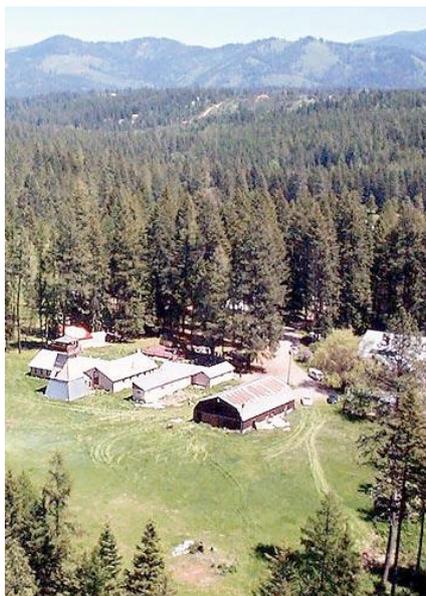
Com a morte de Swift em 1970, Butler assumiu a igreja e pouco tempo depois a transferiu para a propriedade sede da recém-formada *Aryan Nations*, em Hayden Lake, Idaho. A propriedade de 20 acres lembra uma base militar, protegida por uma alta cerca com arame farpado no topo. De longe, pode-se ver uma torre de vigia de aproximadamente 9 metros (29 pés), adornada com uma bandeira que contém o desenho de uma suástica. Na propriedade estão localizadas a igreja, centros de convivência, a residência de Butler e de diversas famílias comprometidas em viver isoladas em um microssomo ariano. Simpatizantes vivem em vilas e comunidades próximas, reunindo-se semanalmente na propriedade-sede para o sermão de domingo.

A vida social na propriedade é regida por padrões tradicionais de moralidade e patriarcalismo, numa tentativa romântica de reproduzir um realidade passada considerada ideal. Os papéis sexuais são rigidamente fixados: as mulheres são encarregadas do serviço da casa, enquanto os homens são responsáveis pela proteção e pelo prover da família. Além de cotidianamente enfatizados nas práticas sociais da comunidade, moralismo e patriarcalismo são ainda frisados durante os sermões.

⁸¹⁸ GOODRICK-CLARKE, N. op.cit. p.241-242.

⁸¹⁹ Idem.

A revolução trazida pela Segunda Guerra Mundial para a América foi que as mulheres foram tiradas de casa e colocadas nas fábricas. Hoje elas dirigem caminhões, sobem em postes telefônicos, trabalham com lagartas e tudo mais. E os filhos que elas possam ter crescem soltos como algas ao mar... sem uma mãe amorosa, sem alguém a quem admirar, sem a boa instrução de uma mãe amorosa. Isso significa a destruição da masculinidade na América. Eu te digo: de quem é a culpa? O branco ariano é o culpado!⁸²⁰



Propriedade sede da *Aryan Nations*.⁸²¹



Richard Butler em frente à torre de vigia⁸²²

Os sermões, longe de seguirem uma linha carismática, são eventos sóbrios e sérios, momentos de reflexão conjunta do pastor e seu rabancho. Tal característica pode ser notada igualmente em outras aparições públicas dos pastores da *Aryan Nations*. As passeatas seguem um modelo bastante tradicional. O pastor vem em um carro adornado com bandeiras, seguido dos demais integrantes e simpatizantes carregando bandeiras, faixas ou placas. Nesse sentido, são eventos menos chamativos que os comícios de George Lincoln Rockwell. Ao participar do programa *Race and Reason*, Richard Butler apresentou um discurso firme, sereno e sem ironias. Poucas vezes percebemos exaltações em sua fala. Diferente do estilo de Metzger, seu

⁸²⁰ Aryan Nations. Past AN leaders. Blood and Sacrifice. May 1995. http://www.aryan-nation.org/index_1.html. Página acessada em 20 de janeiro de 2012. “*The revolution of World War II in America was that the women were taken out of home and put in the factory. Today they’re driving trucks, climbing telephone posts, working on caterpillars and everything else. And the children that they may have grow up like weeds in the sea... with no loving parent, no admiration, no good instruction from a loving mother. That’s the destruction of the manhood in America. I say to you: Who is to blame? The white aryan man is to blame!*”

⁸²¹ Werzit. http://werzit.com/intel/terrorism/groups/Aryan_Nations/. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

⁸²² “Aryan Nations hate children live on”. *The Spokesman-Review*. July 9, 2009. <http://www.spokesman.com/blogs/hbo/2009/jul/09/komo-more-hate-today-ever/>. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

tom é explicativo, compenetrado na mensagem, falando pausadamente, como se estivesse pregando. Seu vestuário formal, composto por terno e gravata, somado a um gesticular contido e pouco eloquente ajudam a transmitir um ar de circunspeção.⁸²³

As igrejas afinadas com os princípios da *Christian Identity* não se encontram ligadas por uma organização central, consistindo em um grupo numeroso de pequenas igrejas, grupos de estudos bíblicos e organizações políticas associadas, como é o caso da *Aryan Nations*.

Desde a década de 1970, o movimento da *Christian Identity* tem se conformado como uma rede frouxa, compreendendo entre outros a *Church of Jesus Christ Christian*, *Aryan Nations*; a *Church of Christ*; e a *New Christian Crusade Church* (substituída pela *Christian Defense League*) de James Warner, no passado ligada ao NSWPP [*National Socialist White People's Party*].⁸²⁴

Estimativas sobre o número de adeptos e de congregações são incertas. No relatório sobre o desenvolvimento do conservadorismo nos anos 1980, o *Southern Poverty Law Center* registrou 38 congregações professando ativamente a *Christian Identity*. No início dos anos 1990 a *Christian Identity* foi classificada como “outros”, crescendo de 48 congregações em 1993 para 66 em 1994. Em 1996, um terceiro relatório registrou 12. Este último, entretanto, classificou a *Aryan Nations*, suas 27 filiais e a *Christian Defense League* como grupos neonazistas, não os incluindo nas estatísticas da *Christian Identity*.⁸²⁵ Este é um exemplo de como a falta de um parâmetro conceitual mais profundamente trabalhado e definido compromete os dados estatísticos e o trabalho de cientistas sociais e agentes governamentais na construção de análises e políticas públicas respectivamente. Quanto ao número de adeptos, os dados são ainda mais díspares. Barkun afirma existirem, em meados de 1990, entre 2000 a mais de 50.000 adeptos.⁸²⁶ Um relatório do *Southern Poverty Law Center* produzido na mesma década estimava algo em torno de 35.000.⁸²⁷

⁸²³ Aryan Nations. Past AN Leaders. Race and Reason. part 1, 2. http://www.aryan-nation.org/index_1.html Página acessada em 20 de janeiro de 2012.

Cf. Apontamentos metodológicos sobre análise de imagem e de som. Capítulo IV. Seção A. p.26-27, 42-44.

⁸²⁴ GOODRICK-CLARKE, Nicholas. op.cit.p.22. “Since the 1970’s, the *Christian Identity* movement has been a loose network comprising, among others, the *Church of Jesus Christ Christian*, *Aryan Nations*; the *Church of Christ*; and the *New Christian Crusade Church* (now superseded by the *Christian Defense League*) of James Warner, formerly with the NSWPP [*National Socialist White People's Party*].”

⁸²⁵ Southern Poverty Law Center. Active Hate Groups 1996. Klanwatch Intelligence Report. 85. winter, 1997.p. 19-22.

⁸²⁶ BARKUN, M. op.cit. p.viii.

⁸²⁷ Southern Poverty Law Center. Identity rallies draw anti-government extremists. SPLC Report. June 26, 1996. p.1,3.

O que se tem de mais concreto são estudos sobre as razões da popularização da *Christian Identity*. Como ressaltamos no capítulo anterior, um dos fatores centrais para a expansão dessa vertente religiosa foi a crise que atingiu os cinturões agrícolas entre meados das décadas de 1970 e 1980. A violenta queda dos preços dos produtos agrícolas levou ao endividamento de milhões de agricultores e, não raro, à perda de suas propriedades, um cenário que, segundo Diamond, muito se assemelhava à crise agrícola do entreguerras.⁸²⁸ Esse contexto abriu as portas para as iniciativas de grupos conservadores, defendendo teorias racistas, antissemitas e conspiratórias.

Todavia, não devemos imputar o avanço da *Christian Identity* a explicações socioeconômicas. É preciso reconhecer o trabalho de convencimento político e ideológico desenvolvido pela *Church of Jesus Christ Christian/Aryan Nations* e outras congregações do tipo. A popularização desse credo muito se deve ao uso inteligente da religião como veículo político de convencimento, mobilização social e resistência. Explorando angústias sociais reais, a *Christian Identity* oferece uma esperança de salvação. Porém, uma salvação que não se restringe ao sobrenatural, mas que começa na terra, por meio da militância política, da construção da cultura e articulação de um projeto de sociedade. Os sermões semanais, as atividades organizativas e os eventos recreativos são os canais para tal.

Durante um sermão proferido em maio de 1995, Richard Butler explicita as relações intrínsecas e complementares entre religião, política e movimento social. No trecho abaixo ele começa remetendo à contribuição de Hitler e de seu livro *Minha Luta* para o alcance da dimensão política contida nas escrituras cristãs. O nacional-socialismo seria o resultado da correta interpretação da mensagem divina somada à prática social do ariano.

O cristianismo existe há quase 2000 anos e não trouxe à tona uma ordem ou os princípios traçados nas escrituras (...) O nacional-socialismo anunciado por Adolph Hitler pegou (...) esses princípios destacados na Bíblia, mas o fez em uma linguagem secular... ele os trouxe à tona porque sabia que se a lei natural, a lei do Criador, fosse obedecida, nós poderíamos elevar o nível do nosso povo. (...) Ele provou... que a obediência à lei natural da vida... presente nas escrituras, assim como em *Minha Luta* era a solução. (...) Os judeus foram espertos o suficiente para saber que se aplicassem esses princípios em prol de si mesmos... pretendendo ao trono... **pretendendo ao trono feito para nós** [ênfase do enunciador]... teriam a chance de

⁸²⁸ DIAMOND, S.op.cit.p.259.

superar a ordem de Deus na face da Terra! (...) Hoje eles são os mestres do mundo!
829

Em outra ocasião, ao participar do programa televisivo *Race and Reason*, produzido pela WAR Butler esclarece sua abordagem militante da teocracia.

É militante no sentido em que acreditamos que a preservação da nossa raça é nosso dever perante a Deus e, claro, perante ao nosso povo e a nós mesmos. É claro que existem aqueles que levaram a militância além do que nós advogamos. [Refere-se às atividades da organização *The Order*]⁸³⁰

Apesar da existência de outras congregações, a *Aryan Nations* é o mais importante veículo político de disseminação da *Christian Identity*, além de ser a principal referência dentre as organizações neofascistas promotoras de um projeto político teológico. Como veremos ao final, mesmo após a decadência da *Aryan Nations*, outras religiosidades fascistas como o *Creativity (Church of the Creator)* e os cultos paganistas nórdicos (Odinismo e Asatru) não conseguiram superar o impacto social causado pela *Aryan Nations*, ao menos no que se refere à organização política e mobilização social.

Além de difundir a *Christian Identity*, a maior contribuição política da *Aryan Nations* para a resistência neofascista ou, em suas palavras, para a causa ariana foi a promoção de passeatas públicas e grandes eventos como *Aryan Nations World Congress*, o *Aryan Fest* e o *Aryan Youth Festival*.

⁸²⁹ Aryan Nations. Past AN leaders. Blood and Sacrifice. May 1995. http://www.aryan-nation.org/index_1.html. Página consultada em 20 de janeiro de 2012. “*Christianity’s been around for almost 2000 years and it’s not yet brought forth an order or the principles that is outlined in the scripture (...) National Socialism outed by Adolph Hitler took those principles that are outlined at the Bible, but he did them in a secular language... he broght’em forth because he knew if you obeyed natural law, which was the Creator’s law, we could raise the level of our people. (...) He proved... that the obedience to the natural life law... given in the scriptures as well as in Mein Kampf provided the solution. (...) Jewery was smart enough to know that if they applied those principles to themselves... as pretenders to the throne...pretenders to the throne that was made for us [speaker’s stress]...that they would have a chance of overthrowing God’s order on the face of this Earth! (...) And today they’re the masters of the world!*”

⁸³⁰ Aryan Nations. Past AN Leaders. Race and Reason. part 1. http://www.aryan-nation.org/index_1.html Página acessada em 20 de janeiro de 2012. “*It is militant in the sense that we believe that the existance of preservation of our race is our duty before God and of course to our people as well to ourselves. Of course that were some who took militancy further than we have advocated.*”



Comício da *Aryan Nations* em Couer d'Alene em 28 de outubro de 2000.⁸³¹

Durante o *Aryan Nations World Congress* e o *Aryan Fest*, são promovidas grandes discussões políticas, expostas propostas de atividades, existindo ainda espaço para apresentações culturais diversas. Tais encontros, ocorridos anualmente na propriedade de Hayden Lake, foram cruciais para articulação de grupos extremistas variados, dentre os quais: todo o tipo de neofascistas; segregacionistas, a exemplo dos neoconfederados e da *Ku Klux Klan*; de fervorosos anticomunistas e de grupos contrários ao pagamento de impostos.



Congresso da *Aryan Nations* na Carolina do Sul em outubro de 2006.⁸³²

⁸³¹ Cleveland.com. “Aryan Nations gone, but stain remains in Idaho.” August 2, 2009. http://www.cleveland.com/nation/index.ssf/2009/08/aryan_nations_gone_but_stain_r.html. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

⁸³² Creative Loafing Tampa Bay. “Inside the secret world of white supremacy” October 18, 2006. <http://cltampa.com/gyrobase/ImageArchives?by=2011393&oid=2023914>. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

Dessa interação surgiram alianças, das quais destacamos a estabelecida em 1994 com o *National Socialist German Workers Party - Overseas Organization* (NSDAP-AO). Liderada por Gary Lauck e baseada em Lincoln, Nebraska, o NSDAP-AO é o maior distribuidor mundial de literatura neonazista, oferecendo a *Aryan Nations* as conexões internacionais necessárias para que se expandisse para fora dos EUA. Assim, em 1995, a *Aryan Nations/Christian Identity* operava em 26 estados norte-americanos, bem como na Itália, Finlândia e Dinamarca.⁸³³

Surgiram também novos grupos, como *The Order*, *Aryan Republican Army* e *New Order*. Todos continham adeptos da *Aryan Nations/Christian Identity*. No primeiro grupo, os integrantes *Aryan Nations/Christian Identity* constituíam a maioria. Entre os anos de 1983 e 1985, o grupo *The Order* ocupou as páginas dos jornais de todo o país, por estar envolvido em uma série de atividades criminosas em nome da “revolução branca” como falsificação, assaltos a bancos e a carros-fortes e o assassinato da personalidade radiofônica, Alan Berg. Parte de dinheiro roubado foi distribuída entre líderes de organizações proeminentes, dentre eles William Pierce, Tom Metzger e Thom Robb. O desmonte da organização também rendeu ampla cobertura, com a prisão e condenação de 24 membros e a morte do líder Robert Matthews em dezembro de 1984. Avançando um pouco no tempo, o *Aryan Republican Army* apostou igualmente na estratégia de assaltos a bancos como forma de financiar suas atividades e outras resistências. Vinte e dois bancos foram assaltados por essa organização em meados dos anos 1990. Em fins da mesma década, o grupo *New Order* procurou reencenar as práticas do primeiro. Suas atividades, contudo, não tiveram maiores repercussões. Em 1998, quatro integrantes confessaram-se culpados das acusações de conspiração para explodir o escritório do *Southern Poverty Law Center*, matar o diretor Morris Dees, envenenar os reservatórios de água de diversas cidades e bombardear câmaras estaduais [*state capitol buildings*].⁸³⁴

Os eventos proporcionaram ainda o surgimento e o fortalecimento de alguns dos projetos mais ousados no universo neofascista, a construção do lar ariano no noroeste dos EUA e a mobilização de jovens via grandes concertos de música *white power* respectivamente.

Após o afastamento de Tom Metzger da organização dos festivais de música *white power*, a *Aryan Nations* juntamente com gravadoras *white power* assumiram o papel de

⁸³³ GOODRICK-CLARKE, M. op.cit. p. 248.

⁸³⁴ Idem. p.233-234.

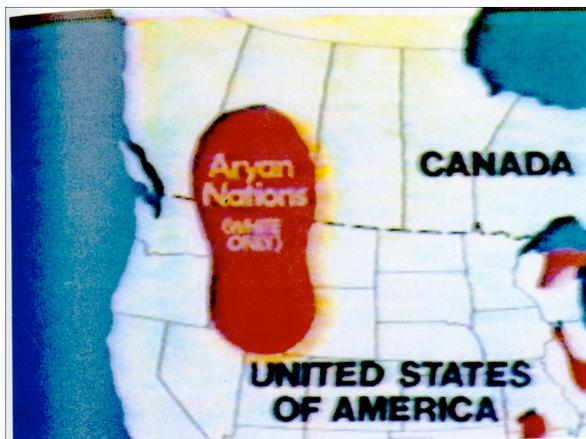
grandes promotoras desses eventos. *Aryan Youth Festivals* foram realizados anualmente entre 1989 e 1996 na propriedade sede da *Aryan Nations*, em Hayden Lake, sempre no final de semana mais perto da data do aniversário de Adolph Hitler. Além de reunir e entreter os jovens, o evento serve de campo de descoberta de novos talentos da música *white power*. Durante o festival, apresentam-se majoritariamente bandas de *hate rock*, havendo também espaço para grupos *pop* e folclóricos. Gravadoras como a *Resistance Records* e a *NSM88 Records* aproveitam para conhecer, testar a receptividade e agenciar revelações do universo *white power*. Nesse sentido, o *Aryan Youth Festival* congrega bandas patrocinadas por gravadoras como *Bound for Glory* e *Christian Identity Skins*, e bandas independentes como *Odin's Law*.

O principal articulador e promotor do projeto do lar ariano foi um pastor da *Christian Identity*, Robert Miles. Em 1982, Miles escreveu o livro *The birth of a nation: a declaration of the existence of a racial nation within confines of a hostile political State*, no qual afirma que os arianos deveriam procurar se proteger das tentativas governamentais de eliminar as particularidades raciais, incentivando a interação social entre grupos étnicos distintos e a miscigenação. O projeto envisioned por Miles consistia na formação de um santuário ariano a partir da migração em massa de indivíduos e famílias arianas para a região noroeste dos EUA. Esse santuário compreenderia os estados de Washington, Oregon, Idaho, Montana, Wyoming e o norte da Califórnia. No *Aryan Nations Congress* de 1986, Miles propôs que ao invés de procurarem conquistar politicamente um território apartado, os separatistas deveriam investir na compra conjunta de terras ou de terrenos adjacentes uns aos outros, constituindo famílias numerosas, compostas de cinco a dez filhos. “Essas crianças seriam criadas e educadas segundo as tradições e lutariam pela herança do povo branco. Nós vamos ganhar o noroeste tendo mais filhos que nossos oponentes e mantendo nossas crianças longe dos valores insanos e destrutivos do *establishment*.”⁸³⁵

A proposta do lar ariano rapidamente se popularizou, gerando consenso entre grupos neofascistas, como *Aryan Nations*, *WAR*, *Wotansvolk*, *White Order of Thule* e *Northwestern Imperative*. Alguns deles pensam em estender a área imaginada por Miles, incluindo parte do Canadá. Ao atrair os mais diversos promotores do neofascismo, de religiosos a laicos, de

⁸³⁵ GARDELL, Mattias. *Gods of the Blood: the pagan revival and white separatism*. Durham: Duke Univ. Press, 2003. p.112-113. “These children would be raised and educated in the tradition and fighting heritage of our own White people. We will win the Northwest by out-breeding our opponents and keeping our children away from the insane and destructive values of the Establishment.”

mobilizadores de massas a lobos solitários, o prospecto de um lar ariano forneceu um projeto comum, real e objetivo à resistência esparsa.



3. MAP SHOWING ARYAN NATION TERRITORIAL IMPERATIVE

836

A organização social desse suposto estado nacional ariano, todavia, não foi tão facilmente consentido. Conflitos emergiram devido ao caráter autoritário dos grupos em questão, tornando qualquer negociação extremamente difícil. Em uma reunião organizada pela *Aryan Nations* em 20 de abril de 1996, foi lançada uma declaração de independência ariana, na qual se afirma “Os arianos na América são e de direito devem ser uma nação livre e independente; que sejam liberados de toda a aliança com os Estados Unidos da América.”⁸³⁷ Foi delineada ainda uma protoconstituição, a qual estabeleceria que: a mídia, a educação, a política e a economia deveriam necessariamente seguir o interesse comum da raça; toda a atividade e opinião danosas ao bem estar da nação estariam proibidas; a promoção do judaísmo e do comunismo seriam consideradas ofensas capitais; crenças satânicas e pagãs seriam ilegais.⁸³⁸

A plataforma defendida pela *Aryan Nations* desagradou a muitos. Em uma declaração de Ron McVan, integrante da *Wotansvolk*, nota-se um certo desapontamento no discurso, bem

⁸³⁶ Kane, et alli vs Aryan Nations. University of Virginia. Morris Law School Library.

⁸³⁷ Aryan Nations. “Declaration of Independence, Revised edition: The Unanimous Declaration of the Aryan Peoples in America.” Calling our Nation. n.77. apud. GARDELL, M. op.cit. p.113. “*Aryan people in America are, and of right ought to be, a free and independent nation; that they are absolved from all allegiance to the United States of America.*”

⁸³⁸ GARDELL, M. op.cit. p.113.

como a dificuldade de organização e construção de um projeto de sociedade devido à inflexibilidade das partes em debate.

O conceito de uma nação ariana no noroeste é bom e trouxe muita gente pra cá. Mas quando chegam aqui e conhecem o pessoal da *Christian Identity*, eles se decepcionam. Quer dizer, você não vai ter liberdade religiosa. As pessoas ou seguem a religião deles ou morrem. Eu não quero viver sob essa estrutura. Ninguém tem liberdade de fazer o que quer, nós nunca vamos aceitar isso.⁸³⁹

Se a aposta na militância direta por meio de congressos, comícios e festivais culturais foi o maior legado da *Aryan Nations*, ironicamente foi também sua perdição. Os eventos atraíam fervorosos adeptos, simpatizantes e curiosos, mas também elementos da oposição como jornalistas, acadêmicos e agentes das instâncias da lei e manutenção da ordem. Esses encontros se tornaram portas de entrada para elementos infiltrados, que obtinham informações sobre as atividades da *Aryan Nations* e de outras organizações ou indivíduos, transmitindo-as para os escritórios da polícia e da promotoria. Assim, se por um lado os eventos traziam visibilidade, possibilitavam interação social, organização e mobilização política, por outro, expunham os participantes, deixando-os vulneráveis às ações repressoras do poder público e de organizações civis privadas.

Além da exposição e aprisionamento de muitos membros, outros sinais de decadência eram perceptíveis. Ao longo da década de 1990, a *Christian Identity* começou a perder espaço, desafiada por sistemas de crença concorrentes em ascensão, como *Creativity*, *Cosmotheism*, Odinismo e Asatru. A juventude, principalmente, passou a encarar a *Christian Identity* como religião “de velhos”, tendo a *Aryan Nations* cada vez mais dificuldade em recrutar e formar uma nova geração.

O crescimento do paganismo nórdico entre os jovens abalou a *Aryan Nations* como organização política ligada estritamente a *Christian Identity*, gerando fissuras internas, representadas por grupos políticos conflitantes. Boa parte dos integrantes rejeita o paganismo, adotam uma linha ortodoxa e, como Butler, veem o paganismo como heresia. Muitos pastores concluíram, contudo, que não era mais possível ignorar o impacto do paganismo nórdico, passando a identificar alguns elementos odinistas como cristãos ou a associar deusas e deuses

⁸³⁹ McVan, Ron. Interview by the author. Tape recorder. St. Maries, Idaho. 25 September, 1996. Apud. GARDELL, M. op.cit. p.113. “*The concept of having an Aryan Nation in the Northwest is a good one, and it brought a lot of people up here. But when people come up here and meet the Identity people, they’re turned off. I mean, you won’t have freedom of religion. People either follow their religion or die, and I don’t wanna live under that structure. No one has the freedom to do what they want, and we’ll never accept that.*”

nórdicos a heróis israelitas. Estes teriam sido confundidos com divindades pelos povos incultos do norte.⁸⁴⁰

Em meados da década de 1990, muitos integrantes, incluindo lideranças, optaram por deixar a *Aryan Nations* devido à falta de pagamentos. Esse foi o caso de Carl Franklin (chefe de pessoal) e Wayne Jones (chefe da segurança), que se mudaram para Montana para dirigir sua própria igreja, *Church of Jesus Christ Christian of Montana*.⁸⁴¹

Os congressos que, na década de 1980, reuniam cerca de 200 pessoas, atraíam cada vez menos gente. O *Aryan Nations Congress* de 1995 descortinou problemas internos da organização, com o escândalo de desvio de verba supostamente feito pela esposa do novo chefe de pessoal, Tim Bishop.⁸⁴²

Soma-se a isso problemas estruturais de manutenção e segurança da propriedade-sede. Desde meados dos anos 1990, não se viam mais seguranças patrulhando regularmente a propriedade como outrora. A torre de vigia também não era mais segura para subir. A cerca elétrica estava constantemente desligada. A igreja precisava de reparos. A placa “somente brancos” estava pendendo. Em 1998, a situação deteriorou a tal ponto que jovens se divertiam invadindo a propriedade para pixar as construções ou roubar bandeiras e insígnias.⁸⁴³

Furioso, Butler mandou reforçar a segurança. Num dado dia, os guardas da *Aryan Nations* confundiram Victoria e Jason Keenan, uma mãe e seu filho que haviam estacionado o carro nas imediações da propriedade, com invasores e os perseguiram atirando contra eles por mais de três quilômetros. Um dos tiros acertou um pneu, fazendo o carro cair em uma vala. Os guardas abordaram Victoria e Jason, ameaçando-os de morte e agredindo-os severamente. O alvoroço chamou a atenção de vizinhos, que se dirigiram ao local. Ao avistarem pessoas se aproximando, os guardas fizeram uma saudação hitlerista e foram embora.

Por esse incidente, a *Aryan Nations* foi processada pela família Keenan por intermédio dos advogados do *Southern Poverty Law Center*. A *Aryan Nations*, Richard Butler, Michael Teague (segundo no comando da *Aryan Nations*) e os três guardas, Edward Jesse Warfield, John Yeager e Shane Wright, foram acusados de diversos crimes: agressão, espancamento,

⁸⁴⁰ GARDELL, M. op.cit. p.220.

⁸⁴¹ Anti-Defamation League. Extremism in America. Aryan Nations/Church of Jesus Christ Christian. http://www.adl.org/learn/ext_us/aryan_nations.asp?xpicked=3&item=an. Página acessada em 27 de janeiro de 2012.

⁸⁴² Idem.

⁸⁴³ GARDELL, M. op.cit. p.128.

falso aprisionamento, sofrimento emocional intencionalmente imposto, imprudência e negligência.⁸⁴⁴

O veredito, saído em 2000, foi favorável aos Keenan, tendo os acusados que pagar indenizações por perdas e danos a Victoria e Jason, correspondentes a seus crimes respectivos. Victoria recebeu 250 mil dólares e Jason, 80 mil em danos reais. Além dos danos reais, os acusados tiveram que pagar danos punitivos aos Keenan em valores igualmente correspondentes à sua responsabilidade no incidente. John Yeager pagou 100 mil dólares, Jesse Warfield, 500 mil, Michael Teague, 600 mil e Richard Butler/*Aryan Nations*, 4,8 milhões de dólares.⁸⁴⁵ A ação totalizou 6,3 milhões, arruinando financeiramente a *Aryan Nations*. A propriedade-sede teve de ser vendida e Butler foi morar de favor em uma residência oferecida por Vincent Bertollini, um empresário adepto da *Christian Identity*.⁸⁴⁶

A sede da *Aryan Nations* foi transferida para uma propriedade de 10 acres em Potter County, zona rural da Pennsylvania. Em 2002, pouco antes de sua morte, Butler apontou o pastor Harold Ray Redfeairn como seu sucessor e diretor nacional da *Aryan Nations/Church of Jesus Christ Christian*.

A morte de Butler foi mais um golpe para a organização já enfraquecida financeiramente e em sua capacidade de mobilização e atração. Assim como a morte de Pierce deflagrou e intensificou conflitos internos latentes na *National Alliance*, a morte de Butler teve o mesmo efeito na *Aryan Nations*. Houve um racha entre os integrantes mais ortodoxos, os quais continuavam apostando na mobilização direta das massas e se recusavam a agregar elementos do paganismo ao cristianismo e aqueles mais abertos a novas estratégias de luta e de fé.

Hoje existem dois grupos distintos autodenominados *Aryan Nations*. Um, herdeiro de Butler e Redfeairn, ligado aos ortodoxos e localizado em Converse, Louisiana, e outro, que aderiu à resistência sem líder e, portanto, não possui sede ou escritório.

⁸⁴⁴ Southern Poverty Law Center. Legal Action. Keenan vs Aryan Nations. keenanvaryannations_amcomplaint.pdf. <http://www.splcenter.org/legal/docket/docket.jsp>. Página consultada em 13 de setembro de 2007.

⁸⁴⁵ Southern Poverty Law Center. Legal Action. Keenan vs Aryan Nations. keenanvaryannations_amjudgment.pdf. e keenanvaryannations_spverdict.pdf. <http://www.splcenter.org/legal/docket/docket.jsp>. Página consultada em 13 de setembro de 2007.

⁸⁴⁶ GOODRICK-CLARKE, N. op.cit. p.248. Bertollini e seu sócio Carl Story dirigem uma congregação chamada *Eleventh Hour Remnant Messenger*, patrocinada pela fortuna gerada por seus empreendimentos no ramo da computação no Vale do Silício. Os lucros empresariais de Bertollini e Story são usados para financiar o envio de correspondência em massa e diversas atividades da *Christian Identity*.

O primeiro grupo, ao longo dos anos, procurou reconstruir a estrutura da *Aryan Nations/Church of Jesus Christ Christian* original, mantendo-se os cultos semanais e, na medida do possível, a organização de eventos e passeatas públicas. O *Aryan Youth Festival* teve de ser cancelado, priorizando o *Aryan Nations World Congress*. Em sua página eletrônica, podemos ver referências a Butler, a *Christian Identity* e ao investimento na militância direta em textos variados, antigas entrevistas concedidas por Butler, fotos e nos recentes programas de rádio online (a partir de 2011).

O segundo abandonou a ligação religiosa com a *Christian Identity* e tornou-se bastante parecido com a WAR. Sem líder, propriedade-sede, escritório, membros cadastrados, encontros ou eventos, o que se tem é uma rede de indivíduos comprometidos com a causa e agindo por conta própria. Remanescente da filosofia original ficou a missão de preservar a raça branca e construir o lar ariano. Entretanto, para que isso se concretize é necessário destruir o sistema, que, dominado pelos interesses judaicos, oprime a todos os demais grupos étnicos e sociais. O papel dos lobos nesse momento é justamente incentivar a subversão, a crítica, a insatisfação e a instabilidade da democracia liberal ou, em seus termos, o estado tirânico judaico.

Assim, a liderança da *Aryan Nations* implementou uma decisão histórica na história dessa organização para evitar agora e para sempre o modelo de organização hierarquizada e baseada na interação entre membros em favor de uma política permanente de descentralização e resistência sem líder sob a bandeira radical do panarianismo. Não há ao que se associar, nada ao estilo antigo: não há formulário de inscrição a ser preenchido - não há mais espaço para debates internos, discordâncias ou posicionamentos. As portas se fecharam bem na cara de nossos inimigos...⁸⁴⁷

O estudo do surgimento, desenvolvimento e desmembramento da *Aryan Nations* possibilitou ver mais de perto as relações entre política e religião no universo do neofascismo. Analogamente às demais organizações estudadas, aqui também se observa a projeção das críticas, medos, aflições de um dado coletivo em outros grupos étnicos. Esse movimento, segundo Goodrick-Clarke, compromete e perverte a transcendência religiosa, gerando uma dinâmica de exclusão e ódio. Sentos rígidos de justiça, certeza e verdade conduzem ao

⁸⁴⁷ Aryan Nations. The history of AN. <http://aryan-nations.org/?q=node/5>. Página consultada em 29 de janeiro de 2012. “As such, the leadership of the Aryan Nations has implemented a historic decision in the history of this organization to eschew now and forever the model of top-down membership-based organization in favor of a permanent policy of decentralization and leaderless resistance under the radical banner of pan-Aryanism. There is nothing to join per se, in the old way of doing things: there is no membership application to be filled out - there is no longer any room for internal debate, dissent and posturing. The doors have now been slammed shut in the face of our enemies...”

âmago espiritual de um dualismo primitivo, no qual a salvação passa a depender da eliminação do outro.⁸⁴⁸

⁸⁴⁸ GOODRICK-CLARKE, N. op.cit. p.6.

Considerações Finais

Ao me aventurar no estudo e na pesquisa do neofascismo nos EUA, veio-me logo de início uma inquietação. Será que devo? A questão não era bem um receio de encontrar dificuldades em localizar e recolher um *corpus* documental relevante e abundante. Tampouco incomodava o fato deste ter sido obtido por meio da *internet* ou o fato da pesquisa tratar de uma temática presente, comumente trabalhada por sociólogos e jornalistas.

Essas são questões importantes e que não devem ser ignoradas, pois são polêmicas e os debates que as envolvem afligem não apenas historiadores, mas outros pesquisadores sociais da atualidade. O historiador do tempo presente fora por muito tempo estigmatizado e criticado por se dedicar à pesquisa de processos demasiadamente recentes, sem dar o distanciamento suficiente para que se “acalmem as paixões”; por lidar com *corpus* documental supostamente limitado, devido a possíveis censuras burocrático-administrativas de documentos relativos a administrações políticas em andamento e por “invadir o terreno alheio”, adentrando os campos da sociologia e da ciência política.

Diante de tantos obstáculos, indaguei-me se seria possível pensar e efetivamente realizar uma história do tempo presente. Acredito que sim. Este trabalho é um exemplo de que o historiador tem, deve e pode se aventurar em mais um terreno fértil à espera de exploração. É necessário, contudo, que certos cuidados sejam observados por aqueles que analisam o tempo presente. Por privilegiar o exame de contextos atuais, este pesquisador é, assim, agente e analista dos processos sociais simultaneamente. O historiador do tempo presente é, nesse caso, duas vezes ator: primeiramente, ao viver e, finalmente, ao fazer a história de um momento vivido. Dessa delicada posição deve o estudioso do tempo presente estar consciente.⁸⁴⁹

Ciro Flamarion Cardoso, em entrevista à revista História Agora, sustenta que “as razões invocadas no passado contra a prática da História Imediata (...) refletiam uma História que acreditava no mito da imparcialidade e dava importância exagerada ou, mais exatamente, unilateral à documentação e às temáticas políticas.”⁸⁵⁰ Quanto às críticas em torno da incursão em campos das ciências sociais, Cardoso rebate.

⁸⁴⁹ CHAUVEAU, Agnès (org). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999, p21.

⁸⁵⁰ CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista com o Professor Ciro Flamarion Cardoso. *História Agora*. 19 de Março, 2007. http://historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=23.

Na verdade, o historiador, a meu ver, estuda as sociedades humanas (passadas ou presentes) no tempo e, por tal razão, traz aos estudos da História Imediata uma perspectiva bem-vinda por ser diferente da dos outros cientistas sociais: em especial, o historiador tem uma sensibilidade maior para o processo de transformação em sua fluidez; não sente tão fortemente a tentação de recortar o tempo em momentos imóveis comparados entre si (em função, por exemplo, de dados dos censos).⁸⁵¹

A dedicação ao estudo de temáticas presentes igualmente nos possibilita o trabalho com documentação de qualidade variada. O espaço midiático é, na era da informação, mais do que nunca um espaço de conflitos políticos e sociais, no qual atuam diferentes atores com diferentes estratégias. Lançar o olhar sobre os novos tipos de fontes enriquece a pesquisa tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. A *internet* pode ser um canal, um meio muito útil e rico de acesso a tais documentos. Como um enorme arquivo que contém uma gama de informações e documentos de quantidade e qualidade muito variáveis, é imprescindível que esse instrumento da atualidade seja usado com cautela.⁸⁵² Apesar disso, não se deve desprezar o potencial trazido pelas novas tecnologias, as quais nos transportam com velocidade sem precedentes a diferentes realidades, ampliando não só nossas possibilidades de conhecimento, mas também, ao mesmo tempo, de crítica sobre outras sociedades.

Todavia, como ressaltai no início destas últimas considerações, não foram esses os obstáculos que geraram maiores apreensões. O que efetivamente me fez pensar e repensar a decisão pelo estudo do neofascismo fora o receio da possibilidade de estar, em algum nível, contribuindo para a transmissão e difusão de tal ideologia. Então, novamente lembrei do professor Ciro e de suas críticas ao “historiador avestruz”. Percebi que, mesmo correndo o risco de possivelmente este trabalho acabar contribuindo para a indesejada difusão, pior seria ser mais um avestruz na história e optar, aberta ou dissimuladamente, por não enxergar, por desenvolver trabalhos sem tocar nos problemas prementes de minha época. Isso porque, como lembra Cardoso, “um historiador que nada tem a dizer como historiador sobre os maiores debates que atravessam a sua sociedade está escrevendo só para a minoria que o lê.”⁸⁵³

Um desses debates é exatamente o recente crescimento e profusão da ideologia fascista em países centrais e particularmente nos EUA, mesmo após processos socialmente

⁸⁵¹ Idem.

⁸⁵² ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. *Tempo*. Vol.8, n.16, jan.2004.p.60.

⁸⁵³ CARDOSO, Ciro Flamarion.op.cit.

traumáticos como o Holocausto. Mais peculiar parece ser, ainda, o fato desse crescimento se dar durante um processo de expansão do conservadorismo político nos países capitalistas como um todo, com o desenvolvimento das políticas neoliberais.

A grande ideologia do capitalismo contemporâneo não é, porém, o pós-modernismo, mas, sim, o neoconservadorismo neoliberal, o assim chamado “pensamento único”, que parte do princípio de que não existam alternativas ao próprio capitalismo em sua fase atual e tende a ignorar os que pensam de outro modo como proferidores de puro *nonsense*.⁸⁵⁴

Ao longo desse estudo, procurei ressaltar as devidas diferenças dentro do campo do conservadorismo, de modo a não confundirmos sistemas neoliberais, mesmo os de caráter mais tradicional e impregnado de referências ao fundamentalismo cristão como o de George W. Bush, com fascismo. A pesquisa nos revelou que o processo de precarização da qualidade de vida, observado com o avanço do neoliberalismo e as conquistas relativas uma sociedade multiculturalista acabaram levando partes da classe trabalhadora e da pequena burguesia, atraídos por alternativas políticas autoritárias, profundamente antidemocráticas e, por vezes, abertamente racistas, a se engajarem em organizações neofascistas.

O neofascismo é um fenômeno social complexo e perigoso. Complexo porque expressa, ainda que por meio de uma visão autoritária e discriminatória do mundo, descontentamentos legítimos acerca da queda de qualidade de vida nos EUA. É perigoso por canalizar os medos e as esperanças de setores sociais variados para uma alternativa política ainda mais discriminatória, desigual, opressora e violenta que a democracia liberal.

Como projeto de sociedade, o neofascismo não traz emancipação, nem mesmo para aqueles que supostamente se encaixam na coletividade mitificada. É ainda um padrão de dominação, uma faceta do modo de produção capitalista da vida. O caráter autoritário, repressor, xenófobo e excitante não agride necessariamente a ordem burguesa, mas dificulta significativamente o diálogo e as relações humanas na sociedade norte-americana.

Apostando em estratégias variadas e sofisticadas de construção da cultura, as organizações atuais vão mobilizando, alimentando-se das mazelas estruturais do próprio sistema e da complacência gerada pelo preconceito, pela xenofobia e pelo furor contrarrevolucionário impressos na democracia liberal. Através da produção de materiais de mídia, cultos religiosos, comícios, eventos culturais ou atentados terroristas, organizações neofascistas promovem e incentivam a violência e a eliminação daqueles que não se encaixam

⁸⁵⁴ Idem.

no padrão humano e político envisioned. Suas manifestações exacerbam na sociedade civil um aspecto particularmente caro à sociedade política, o uso legítimo da violência.

Fascistas são uma realidade, ainda que desagradável de se admitir. E eles estão entre nós. Não usam mais capuzes brancos, nem engomados uniformes verdes. Não carregam mais cruces em chamas, nem marcham em perfeitas formações. Os cavaleiros e soldados do passado se foram; hoje são homens de aparência modesta e gentil que lutam em aparelhos neofascistas na sociedade civil.

Aprendamos, então, com Gramsci, aprendamos com a *National Alliance*, com a *Aryan Nations* e com a *White Aryan Resistance*, aprendamos com a história e reconheçamos que a vantagem de se viver em tempos de democracia liberal é que, se os neofascistas podem lutar, nós também podemos; se eles podem construir alternativas políticas, nós também podemos; se eles investem pesados esforços na luta pela conquista de corações e mentes, lá também devemos investir. As políticas públicas e as iniciativas por parte de entidades privadas para conter o avanço do neofascismo e outras expressões de intolerância e violência derivadas do ódio apontam nesse sentido. Mas políticas repressoras e projetos educacionais visando à construção de um consenso em torno da democracia, da tolerância e do multiculturalismo não são suficientes. Expressão de um problema estrutural, o fascismo só será passado quando encarmos sem “medo da queda” o problema da desigualdade.

Faschismus macht nicht frei... und Liberalismus auch nicht!

Bibliografia

Capítulo I:

ALBERTINI, Paulo. WATRIN, Paulo dos Santos. Reich e a psicologia de massa do fascismo: aspectos históricos e educacionais. *Comunicações: caderno do programa de pós-graduação em educação da UNIMEP*. vol.11.N.1.Piracicaba, jun.2004.

ALTMAN, Niel & TIEMANN, Johanna. Racismo como uma defesa maníaca. In: LEVINE, Michael & PATAKI, Tamas (orgs.). *Racismo em mente*. São Paulo: Madras, 2005.

ANDRADE, Joana El-Jaick. O processo de modernização conservadora na Alemanha e suas repercussões sociais na transição para o século XX. *Cadernos de História*. Vol.IV. n.2. ano 2.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARENDETT, Hananh. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

ARON, Raymond. *Democracia e totalitarismo*. Lisboa: Ed.Presença, 1966.

BARTOLOTTI, Mirela (org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.

BAUER, Otto. O fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

BELL, Daniel. *The end of ideology: on the exhaustion of political ideas in the fifties*. New York: Free Press, 1965.

BERLET, Chip; LYONS, Matthew. Right-wing populism in America: too close for comfort. New York: Guilford Press, 2000.

BIANCHI, Álvaro. Revolução passiva: o pretérito do futuro. *Crítica Marxista*. nº23.São Paulo: Revan, 2006.

BLACK, Edwin. *War against the weak. Eugenics and America's campaign to create a master race*. New York: Four walls eight windows, 2003.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Unesp, 2001.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Vol.2. Brasília: UnB ed., 2007.

BORDIGA, Amadeo e TERRACINI, Umberto. Teses sobre a Tática. In: BARTOLOTTI, M (org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRACHER, Karl Dietrich. The Role of Hitler: perspectives and interpretations. In: LAQUEUR, Walter. *Fascism: a reader's guide*. Middlesex: Pelican Books, 1979.

CARSTEN, Francis. Interpretations of fascism. In: LAQUEUR, W (ed.). *Fascism: a reader's guide*. Middlesex: Pelican Books, 1979.

CASTELLS, Manuel.(b) *O poder da identidade: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS,Manuel.(a) *A sociedade em rede: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS,Manuel.(c) *Fim de Milênio: A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORDOVA, Arnaldo. *La Política de Massas del Cardenismo*. México, Serie popular, Ediciones Era, 1974.

CORIAT, Benjamin. *El Taller y El cronometro*. Mexico: Siglo XXI, s/d.

CROCE, Benedetto. Il fascismo como periculo mondiale e la liberta italiana nella libertà del mondo. In: Per la nuova vita dell'Italia, Scritti e Discorsi (1943-1944). Napoli: Ricardi, 1944.

In:

BARTOLOTTI, M.(org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.

D'SOUZA, Dinesh. *The end of racism: principles for a multiracial society*. New York: The Free Press,1995.

DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. New York: Guilford Press, 1995.

DOBRAZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: white power, white pride!* Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FALCON, Francisco José Calazans. Fascismo: novas e antigas idéias. In: PARADA, Maurício (org). *Fascismo: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

FELICE, Renzo de. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Ed.70, 1978.

FRASER, Steve; GERSTLE, Gary (orgs). *The rise and fall of the New Deal Order, 1930-1980*. Princeton: Princeton Univ. Press, 1989.

FURET, François. *The passing of an illusion: the idea of communism in the twentieth century*. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1999.

GENOVESE, Eugene. *A terra prometida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GENOVESE, Eugene. *A economia política da escravidão*. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

GERMANI, Gino; DI TELLA, Torquato. *Populismo y contradicciones de clase en latinoamerica*. Mexico: Popular Era, 1973.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. *A Democracia no México*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. Teses do Terceiro Congresso do PCI (teses de Lione), 1926. In: BARTOLOTTI, M (org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.

GREGOR, James. *The search for neofascism: the use and abuse of social science*. New York: Cambridge Univ. Press, 2006.

GUERIN, Daniel. *Fascismo y Gran Capital*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1973.

HIMMELSTEIN, Jerome. *To the Right: the transformation of American conservatism*. California: Univ. of California Press, 1990.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Otavio. *A formação do estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1975.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.

JIMENEZ, A. R. *Las formas modernas de la política – estudio sobre la democratización de América Latina*. Mérida: Venezuela Centro de Investigaciones de Política Comparada, 1997.

KARNAL, Leandro. et al. (org). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

- KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory: Capitalism, Fascism, Populism*. London: NLB, 1977.
- LAQUEUR, Walter(org). *Fascism: a reader's guide*. Berkley: Univ. of California Press, 1976.
- LICHTENSTEIN, Nelson. *Walter Reuther: the most dangerous man in Detroit*. Chicago: Univ. of Illinois Press, 1995.
- LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. *Revista de história regional*. Vol.4, nº1 (verão 1999).
- LIPSET, Seymour Martin. *Political man*. New York: Doubleday, 1963.
- LOPEZ, Ian F. Haney. *White by law: the legal construction of race*. New York: New York Univ. Press, 1996.
- MANDEL, Ernest. *Sobre o fascismo*. Lisboa: Antídoto, 1976.
- MANN, Michael. A ascensão e a queda do fascismo. In: PARADA, Maurício (org). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- MAYER, Arno. *A força da tradição*. São Paulo: Cia das letras, 1987.
- MENDONÇA, Sonia. *O ruralismo brasileiro 1888-1931*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- MICHEL, Henri. *Os fascismos*. Lisboa: Dom Quixote, 1977.
- MUSSOLINI, Benito. A monarquia não tem interesse em hostilizar o fascismo. Udine, 1922. In: BARTOLOTTI, M. (org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.
- NGAI, Mae. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos estados Unidos 1921-1965. *Tempo*. Vol.13 n.25, 2008.
- NOLTE, Ernst. O fascismo enquanto fenômeno metapolítico. In: FALCON, Francisco et.alli (org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- PARSONS, Talcott. Democracy and social struggle in pre-nazi Germany. In: PARSONS, Talcott. *Essays in sociological theory*. IL: Free Press, 1954.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974.

POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura: a terceira Internacional face ao fascismo*. Vol. 1. Lisboa:Portucalense, 1972.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. Porto: 1974.

RIDGEWAY, James. *Blood in the face: the Ku Klux Klan, Aryan Nations, Nazi Skinheads, and the rise of a new white culture*. New York: Thunder's Mouth Press, 1995.

RYAN, Nick. *Into a world of hate: a journey among the extreme right*. New York: Routledge, 2004.

SALVATORE, Nick (org). *Seventy years of life and labor. An autobiography. Samuel Gompers*. New York: ILR Press, s.d.

SALVATORELLI, Luigi. Nazionalfascismo. Torino:Gobetti, 1923. In: BARTOLOTTI, M (org). *O fascismo: origens e análise crítica*. Lisboa: Ed.70, 1969.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. São Paulo: Edusc,1999.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et.alli. (org). *O século XX.vol.2*. Rio de Janeiro: Civilização. Brasileira, 2000.

SPIRO, Jonathan Peter. *Defending the master race: conservation, eugenics and the legacy of Madison Grant*. Burlington: Univ.of Vermont Press, 2009.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Estratificação social e estrutura de classes. In:VELHO, Otávio Guilherme et alli (org). *Estrutura de classes e estratificação social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

SWEEZY, Paul; HUBERMAN, Leo. Goldwaterism. *Monthly Review*. Monthly Review Press. September, 1964.

SWEEZY, Paul. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SWEEZY, Paul; BARAN, Paul. *Capitalismo monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TREVOR-ROPER, Hugh. O fenômeno do fascismo. In: FALCON, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

TUCKER, Richard. *The Dragon and the Cross: the rise and fall of the Ku Klux Klan in Middle America*. Hamden,Connecticut:Archon Books, 1991.

WEBER, Eugen. *Varieties of fascism*. New York: Van Nostrand, 1964.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol.2. Brasília: UnB ed., 1999.

WOOD, Ellen. O que é a agenda pós-moderna? In: WOOD, Ellen. e FOSTER, John Bellamy. (org). *Em defesa da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WOOLF, Stuart Joseph. Uma Introdução. In: FALCON, Francisco et.alli(org). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

ZIBORDI, Giovanni. Critica socialista del fascismo.In: BOLOGNA, Mondolfo. Il fascismo e i partiti politici italiani. In:BARTOLOTTI, Mirela (org). *O fascismo: origens e análise critica*. Lisboa: Ed.70, 1969.

Capítulo II

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir. (org). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo,2007.

APPLE, Michael. *Educando à Direita: Mercado, padrões, Deus e desigualdade*. São Paulo: Cortez, 2003.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal.In:AARÃO, Daniel et alli (org). *O século XX*.vol.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

AYERBE, Luis Fernando. *Ordem, poder e conflito no século XXI: esse mesmo mundo é possível*. São Paulo: Unesp, 2006.

BADGER, Anthony. *The New Deal: the depression years 1933-1940*. Houdmills: Macmillan, 1989.

BERLET. Chip & LYONS. Mathew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Gilford Press, 2000.

BERNSTEIN, Michael. The Great Depression as historical problem. *OAH Magazine of history*. Vol.16. Nº1.Fall, 2001.

BERNSTEIN, Michael. Why the great Depression was great: toward a new understanding of the interwar economic crisis in the United States. In: GERSTLE, Gary; FRASER, Steve. *The rise and fall of the New Deal Order:1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

BORGES, Celia Regina Congilio. Taylorismos, fordismos e toyotismos: as relações técnicas e sociais de produção configurando reestruturações produtivas. *Lutas Sociais*.15-16.Agosto, 2006.

BOTTOMORE, Tom. Antonio Gramsci. In: *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BRENNER, Robert. A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão? *Revista Outubro*. N.3. São Paulo: Xamã, 1999.

BRENNER, Robert. *O boom e a bolha*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRINKLEY, Alan. The New Deal and the idea of the State. In: In: FRASER, S.; GERSTLE, G (org). *The rise and fall of the New Deal Order:1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

BRINKLEY, Alan. *Voices of protest: Huey Long, Father Coghlin and the Great Depression*. New York: Alfred Knopf,1982.

BRUNHOFF, Suzanne de. *A hora do mercado: crítica do liberalismo*. São Paulo: Unesp, 1991.

CARTER, Dan. *The politics of rage: George Wallace, the origins of the new conservatism, and the transformation of American politics*. New York, 1995.

CHAMBERS, Whittaker. Big sister is watching you. *National Review*. nº 4, 1957.

CHESNAIS, François. (et all). *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.

CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. In: CHESNAIS, François(org). *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.

CORIAT, Benjamin. *El taller y el cronometro: ensayo sobre el taylorismo, el fordismo y la producción en masa*. México: Siglo Veintiuno, 2005.

CORIAT, Benjamin. *Pensar pelo avesso*. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. NY: Gilford Press, 1995.

DIAMOND, Sara. *Spiritual warfare: the politics of the Christian Right*. Boston: South End Press, 1989.

DINA, Angelo. *A fábrica automática e a organização do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1987.

DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DUMEIL, Gerard & LEVY, Dominique. Superação da crise, ameaças de crise e novo capitalismo. In: CHESNAIS, François et al. *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003.

EDSALL, Thomas Byrne; EDSALL, Mary. *Chain reaction: the impact of race, rights, and taxes on American politics*. New York, 1991.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. The three political economies of the Welfare State. *Canadian Review of Sociology and Anthropology*. Vol.26, 1989.

FERGUSON, Thomas; ROGERS, Joel. *Right Turn: The decline of the democrats and the future of American politics*. New York: Hill and Wang, 1986.

FERGUSON, Thomas. The coming of the New Deal: the triumph of multinational liberalism in America. In: GERSTLE, Gary; FRASER, Steve. *The rise and fall of the New Deal Order: 1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

FINGERUT, Ariel. A Direita Cristã nos Estados Unidos. In: SILVA, Carlos Edurado Lins da (org.). *Uma nação com alma de Igreja*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FISHER, Irving. *Booms and Depressions: Some First Principles*. New York: Adelphi, 1932.

FONTES, Virgínia. Lênin, o imperialismo e nosso desafio contemporâneo. *Marx Agora*. abril-março de 2007.

FONTES, Virgínia. Marx, expropriações e capital monetário: notas para o estudo do imperialismo tardio. *Crítica Marxista*. N.26. Campinas:Revan, 2008.

FONTES, Virgínia. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e liberdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GALBRAITH, John Kenneth. *O pensamento econômico em perspectiva: uma história crítica*. São Paulo: Edusp:1989.

GENOVESE, Eugene. *A economia política da escravidão*. RJ: Pallas, 1976.

GERSTLE, Gary. The Protean character of American liberalism. *The American Historical Review*. Vol. 99, No. 4 (Outubro de 1994)

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização. Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HÁJK, Milos. A discussão sobre a frente única e a revolução abortada na Alemanha. In: HOBSBAWM, Eric.(org). *História do Marxismo*. Vol.6. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HARDISTY, Jean. *Mobilizing Resentment: conservative resurgence from the John Birch Society to the Promisse Keepers*. Boston: Beacon, 1999.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2008.

HIMMELSTEIN, Jerome. *To the Right: the transformation of American conservatism*. Berkley: Univ.of California Press, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOWARD, Dick. Interpretar a lei: a Suprema Corte como árbitro da constitucionalidade. *E-journal USA. Questões de democracia*. Abril, 2005.

HUNT, John Gabriel (org). *The essential Franklin Delano Roosevelt. FDR's greatest speeches, fireside chats, messages and proclamations*. New York: Gramercy Books, 1955.

KATZNELSON, Ira et.all. Limiting liberalism: the southern veto in congress, 1933-1950. *Political Science Quarterly*. 108.n2 (Summer 1993).

KATZNELSON, Ira. Was the Great Society a lost opportunity? In: FRASER, S.; GERSTLE, G. (org). *The rise and fall of the New Deal Order:1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

KEYNES, John Maynard. *The general theory of employment, interest and money*. New York: Harcourt Brace Jovanowitch, 1936.

KRUGMAN, Paul. *The conscience of a liberal: reclaiming America from the Right*. London: Penguin Books, 2009.

LICHTENSTEIN, Nelson. From corporatism to collective bargaining: organized labor and the eclipse of social democracy in the postwar Era. In: FRASER, S; GERSTLE, G. (org). *The rise and fall of the New Deal Order:1930-1980*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 1989.

LIMONCIC, Flávio. Do pacto nacional à globalização: Estado e sindicato na regulação do capitalismo norte-americano. *Revista de história regional*. Vol.4, nº1 (verão 1999).

LIMONCIC, Flavio. *Os inventores do New Deal: Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2009.

MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril cultural, 1984.

McGIRR, Lisa. *Suburban warriors: the origins of the new American right*. Princeton, 2001.

MEDEIROS, C. *Polarização mundial e crescimento*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEHRAV, Perez. Social-democracia e austromarxismo. In: HOBBSAWM, Eric.(org). *História do Marxismo*. Vol.5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MENDONÇA, Sonia Regina de. Classes, poder e Estado no Brasil.p.6 Conferência proferida durante o I Simpósio Nacional: Estado Brasileiro- conflitos intraestatais e políticas públicas UFF-RJ 2004.

MEYER, Frank. *Conservative mainstream*. New York: Arlington House, 1969.

MICKLETHWAIT, John; WOOLDRIDGE, Adrian. *Una nación conservadora: el poder de la derecha en Estados Unidos*. Buenos Aires: Debate, 2007.

MOORE Jr. Barrington. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. Lisboa: Martins Fontes, 1967.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org). *A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso*. São Paulo: Xamã, 2005.

OMI, Michael; WINANT, Howard. *Racial formation in the United States: from the 1960's to the 1990's*. New York: Routledge, 1994.

PAMPLONA, Marco Antônio. *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995.

PERKINS, Dexter. *A época de Roosevelt: 1932-1945*. Rio de Janeiro: Ed. Cruzeiro, 1967.

PHILLIPS-FEIN, Kim. Conservatism: a state of the field. *The journal of American History*. December, 2011.p.723-743.

POULANTZAS, Nicos. *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SCHLESINGER Jr. Arthur. *The coming of the New Deal 1933-1935*. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

SCHOENWALD, Jonathan. *A Time for Choosing: the rise of modern American conservatism*. New York, 2001.

SHERMAN, Howard. *História do Pensamento Econômico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

STEINBECK, John. *As vinhas da Ira*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

STGLITZ, Joseph. *Os exuberantes anos 90: uma nova interpretação da década mais próspera da história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SWEEZY, Paul; MAGDOFF, Harry. *A crise do capitalismo americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SWEEZY, Paul; BARAN, Paul. *Capitalismo Monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

TAUILE, José Ricardo. Automação microeletrônica e competitividade: tendências no cenário internacional. In: SCHMITZ, Hubert, CARVALHO, Ruy. *Automação, competitividade e trabalho: a experiência internacional*. São Paulo: Hucitec, 1988.

VIANNA. A.M. Conservadorismo. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C.T(org). *Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições, personagens*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Capítulo III:

ANDERSON, P. *Afinidades Seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.

BERLET, Chip; LYONS, Matthew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000.

BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.

BOBBIO, Norberto. A sociedade civil em Gramsci. In: *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BRADER, A. Kurt. *Image of a failure: the symbolism of American nazis during the Depression*. Master's theses. San Jose State University, 1995.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV ao XVIII*. vol.3. O tempo do mundo. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

BUTTIGIEG, Joseph A. Educação e hegemonia. In: COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréa de Paula. *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CALVALCANTE, Ania. O trabalho forçado e a política de extermínio de ciganos durante o nazismo, 1938-1945. *Anais XIX Encontro Regional de História: poder, violência e exclusão. ANPUH/SP*. USP. 8-12 setembro, 2008. Acessado em 22 de dezembro de 2010. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ania%20Cavalcante.pdf>.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

CHAMBERS, Simone e KOPSTEIN, Jeffrey. Bad civil society. *Political theory*. v.29. n.6. December, 2001.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.

DIAMOND, Sara. *Roads to dominion*. New York: Guilford Press, 1995.

DOBRAZ, Betty; SHANKS-MEILE, Stephanie. *The White separatist movement in the United States: White Power, White pride*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.

FONTANA, Benedetto. Hegemonia e nova ordem mundial. In: COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréa de Paula. *Ler Gramsci, entender a realidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos de Cárcere*. Vol.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GUERIN, Daniel. *Fascism and Big Business*. Cap. IX. Section 2. New York: Pathfinder Press, 2000.

STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações, legados*. Cap.9. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

LENIN, V. *Que Fazer?* Conclusão.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

POULANTZAS, Nicos. *Fascism and Dictatorship*. NLB: London, 1974.

REENTS, Jürgen. O trabalho forçado no Estado nazista é conhecido há 50 anos. *Neues Deutschland*, 16 nov, 1999.

ROCKWELL, George Lincoln. "The battle of Chicago". *The Rockwell Report*. September-October, 1966.

ROSE, Romani e WEISS, Walter. *Sinti und Roma im Dritten Reich: Das Program der Vernichtung durch Arbeit*. Göttingen: Lamuv, 1991.

SECCO, Lincoln. Crise e estratégia em Gramsci. In: DIAS, Edmundo Fernandes et alli. *O Outro Gramsci*. São Paulo: Xamã, 1996.

SHAFFER, Ryan . Long Island Nazis: A Local Synthesis of Transnational Politics. *Journal of Long Island History*. (Volume 21, Issue 2, Spring 2010). Página acessada em 12 de março de 2011. http://www.stonybrook.edu/lihj/IssueFiles/V21_2/Articles/Shaffer

TOCQUEVILLE, Alexis. *Democracy and the terrain of association*. New Jersey: Princeton Univ. Press, 2000.

TERDIMAN, Esther W. *Imprensa Ídiche em São Paulo: vivência e dinamismo*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras de Ciências Humanas, USP, 1997.

VIANNA, Luiz Werneck. Fábrica e sistema político: anotações teóricas para uma investigação empírica. *DADOS*. Vol.24. N.2,1981.

YOCKEY, Francis Parker. *Imperium: the Philosophy of history and politics*. Torrance, California: Noontide Press, 1948.

Capítulo IV:

Anti-Defamation League. Extremism in America. National Alliance. http://www.adl.org/learn/ext_us/n_alliance.asp . Página consultada em 6 de janeiro de 2011.

Anti-Defamation League. Extremism in America. Aryan Nations/Church of Jesus Christ Christian. http://www.adl.org/learn/ext_us/aryan_nations.asp?xpicked=3&item=an. Página acessada em 27 de janeiro de 2012.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso. Ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARKUN, Michael. *Religion and the racist right: the origins of the Christian Identity movement*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 1997.

BAUER, M; GASKELL,G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BERLET, Chip; LYONS, Matthew. *Right-wing populism in America: too close for comfort*. New York: Guilford Press, 2000.

BERLET, Chip. How apocalyptic and millennialist themes influence right-wing scapegoating and conspiracism. *Public Eye Magazine*. Fall, 1998.

BRANT, Irving. *The Bill of Rights: its origin and meaning*. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1965.

Cleveland.com. "Aryan Nations gone, but stain remains in Idaho." August 2, 2009. http://www.cleveland.com/nation/index.ssf/2009/08/aryan_nations_gone_but_stain_r.html. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

Creative Loafing Tampa Bay. "Inside the secret world of white supremacy" October 18, 2006. <http://cltampa.com/gyrobase/ImageArchives?by=2011393&oid=2023914>. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

CRAWFORD, Robert et alli. *The northwest imperative: documenting a decade of hate*. Portland: CHD, 1994.

DOBRATZ, Betty & SHANKS-MEILE, Stephanie. *White power, White pride: the White separatist movement in the United States*. Baltimore: Johns Hopkins Univ. Press, 2000.

DURHAM, Martin. *White rage: the extreme-right and american politics*. New York: Routledge, 2007.

FERRO, Marc. "O filme" In: LE GOFF, J. et alli. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: F. Alves Ed., 1976.

GARDELL, Mattias. *Gods of the Blood: the pagan revival and white separatism*. Durham: Duke Univ. Press, 2003.

GOLDHAGEN, Daniel. *Os carrascos voluntários de Hitler*. São Paulo: Cia da letras, 2002.

GOODRICK-CLARKE, Nicholas. *Black Sun: aryan cults, exoteric nazism and the politics of identity*. New York: New York Univ. Press, 2002.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Vols.2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KERSHAW, Ian. *Hitler: um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

LIPSET, Deborah E. *Denying the Holocaust: the growing assault on truth and memory*. London: Penguin, 1994.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2006.

MICHAEL, George. *Theology of Hate: a history of the World Church of the Creator*. Gainesville: Univ. of Florida Press, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIDGEWAY, James. *Blood in the face: the Ku Klux Klan, Aryan Nations, Nazi Skinheads, and the rise of a new white culture*. New York: Thunder's Mouth Press, 1995.

Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Intelligence Report: William Pierce: a political history. Fall, 2002. <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2002/fall/facing-the-future/william-pierce-a-poli>. Página consultada em Agosto de 2007.

Southern Poverty Law Center. Active Hate Groups 1996. Klanwatch Intelligence Report. 85. winter, 1997.

Southern Poverty Law Center. Identity rallies draw anti-government extremists. SPLC Report. June 26, 1996.

Southern Poverty Law Center. The Godfathers. Intelligence Report. Issue n.123. Fall, 2006. <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-report/browse-all-issues/2006/fall/the-godfathers>. Página acessada em 29 de dezembro, 2011.

The Spokesman-Review. "Aryan Nations hate children live on". July 9, 2009. <http://www.spokesman.com/blogs/hbo/2009/jul/09/komo-more-hate-today-ever/>. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Tragédia Moderna*. São Paulo: Cosac & Nasif, 2002.

Considerações Finais:

CHAUVEAU, Agnès (org). *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista com o Professor Ciro Flamarion Cardoso. *História Agora*. 19 de Março, 2007. http://historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=23.

ROLLAND, Denis. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. *Tempo*. Vol.8, n.16, jan, 2004.

Fontes

Introdução:

Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Active U.S. hate groups in 2004.

Capítulo II:

The Social Security Act of 1935. <http://www.nationalcenter.org/SocialSecurityAct.html>.
Página acessada em junho de 2007.

The New York Times. “Finance welcomes Liberty League”. August 24, 1934. p.2.

The New York Times. “Parties come to grips over emergency’s end”. April 29, 1934. Sec. watch-tower. pg. E1.

The New York Times. “The Republicans face a great decision”. June 20, 1937.

The New York Times. “Platform adopted by the Republicans at their State convention in Rochester”. September 29, 1934.

The New York Times. “Rebirth of Party demanded by Nye”. December 14, 1934.

The New York Times. “GOP labor feud”. February 20, 1959.

The New York Times. “Nixon urges GOP to back its credo”. February 17, 1959.

The New York Times. “A conservative sets out his credo”. July 31, 1960.

The New York Times. “Keynes under attack”. July 30, 1961.

The New York Times. “Young rightists plan expansion”. August 28, 1965.

The New York Times. “George Wallace figures to win even if he loses”. April 17, 1968.

REAGAN, Ronald. A time for choosing. Oct. 1964. Texto acessado em 27 de maio de 2010 no site da Universidade do Texas. <http://www.reagan.utexas.edu/archives/reference/timechoosing.html>

Capítulo III:

Red House Report/US Military Intelligence report EW-Pa 128. (7 November 1944). Acessado em 21 de fevereiro de 2011. Disponível em: http://www.cuttingthroughthematrix.com/articles/Intelligence_Report_EW-Pa_128.html.

Anti-Defamation League. About ADL. <http://www.adl.org/about.asp?s=topmenu>. Página visitada em 27 de novembro de 2011.

Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action.

Anti-Defamation League. A World of Difference Institute. http://www.adl.org/education/edu_awod/awod_history.asp. Página visitada em 27 de novembro de 2011.

Anti-Defamation League. How to combat bias and hate crimes: ADL blueprint for action.

Anti-Defamation League. Holocaust Education and Remembrance. http://www.adl.org/education/edu_holocaust/default_holocaust.asp. Página visitada em 24 novembro, 2011.

Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. A policymaker's guide to hate crimes.1997. Alderman Library, University of Virginia.

Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Addressing hate crimes: six initiatives that are enhancing the efforts of criminal justice practitioners, February 2000. Alderman Library, University of Virginia.

Bureau of Justice Assistance. U.S. Department of Justice. Promising Practices against hate crimes: Five state and local demonstration projects, May 2000. Alderman Library, University of Virginia.

California State Universty. San Bernanrdino College of Behavioural Sciences. Center for the study of hate and extremism. Hate violence and terrorism statistics. Hate groups in the United States. http://hatemonitor.csusb.edu/resources/hate_crime_statistics.htm Página acessada em 30 de março de 2011.

California State Universty. San Bernanrdino College of Behavioural Sciences. Center for the study of hate and extremism. Hate crime research. Hate group map. http://hatemonitor.csusb.edu/resources/hate_groups_map_1999.jpg. Página acessada em 30 de março de 2011.

CRS bulletin. Community Relations Service. U.S. Department of Justice. Hate Crime: the violence of intolerance, 1998.p.1. Alderman Library. University of Virginia.

CREATIVITY MOVEMENT. *Racial Loyalty*. Issue 1: White Racial Teamwork, June 1983.

Creativity Movement. <http://creativitymovement.net/index1.html?> Página acessada em outubro de 2007.

Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 1 of 13. File number 157-12589. Appendix National Renaissance Party.

Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 3 of 13. File number 157-12589. Special Report July 13, 1971.

Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Part 2 of 13. File number 157-12589. Memo October 21, 1969.

Federal Bureau of Investigation. National Alliance. Parts 1-13. File number 157-12589.

Federal Bureau of Investigation. Aryan Nations. Part 1. BT 177A-21.

Federal Bureau of Investigation. U.S. Department of Justice. Training Guide for Hate Crime Data Collection, 1996. Criminal Justice Information Services Division. <http://www.fbi.gov/about-us/cjis/ucr/hate-crime/trainguidedc99.pdf> . Página acessada em 20 de outubro de 2007.

Federal Bureau of Investigation. U.S. Department of Justice. Hate Crimes. Morris Law School Library. University of Virginia.

Federal Bureau of Investigation. U.S. Department of Justice. Reported Hate Crime in USA (1992-2000); Research on Bias Motivation. Hate Crime Statistics. <http://www.fbi.gov/about-us/cjis/ucr/hate-crime/2000> . Página acessada em 20 de outubro de 2007.

David Duke's election data. D.C. Finegold-Sachs (2005). D.C.'s Political Report. "1988 Presidential Candidates"; "Membership of the Louisiana House of Representatives, 1812-2008"; LA US Senate Race - Oct 06, 1990; LA District 1- Special Election Race - May 01, 1999. <http://www.dcpoliticalreport.com/members/1988/pres88.htm>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=328065>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=3516>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=88588> . Página acessada em 17 março, 2011.

German-American Bund. <http://www.germanamericanbund.org/>. Acessada em 13 de março de 2011.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. Porto Alegre: Gráfica da livraria do Globo, 1940.

Hate Crimes Prevention Act. National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2010/ Division E (H.R.2647). <http://www.opencongress.org/bill/111-h2647/show>. Página eletrônica consultada em setembro de 2011.

Hate Crime: the violence of intolerance. CRS bulletin. U.S. Department of Justice. Community Relations Service, 1998.p.3-5. Alderman Library. University of Virginia.

Hearing before the subcommittee on criminal justice of the Committee on the Judiciary House of Representatives. 99 Congress, 1st Session on H.R. 1171 and H. R. 775.

Hate Crime Statistics Act, March 21, 1985. Serial N. 137. Washington: Us Printing Office, 1987.p.1. Morris Law School Library. University of Virginia.

Hate Crime Statistics Act - 1990 (28 U.S.C. 534). Library of Congress - Thomas. Washington D.C.

JONES, Alex; ICKE, David. BBC. *Nazi-America: a secret history*.

LANE, David. *88 Precepts*. E-book, s/d.

MASON, James. *Siege*. Denver: Storm Books, 1992.

National Alliance. New World Order Comix n.1p.4 e 37.

Preliminary Report on Neo-fascit and Hate Groups. Committee on Un-American Activities. U.S. House of Representatives. Washington, D.C. December 17, 1954.

ROCKWELL, George Lincoln. *White Power*. E-book, 1967.

Southern Poverty Law Center. Intelligence Project. Hate group map. 2006. hate_map_ir125_adjusted.pdf.

Southern Poverty Law Center. Hate map. <http://www.splcenter.org/get-informed/hate-map#s=CA> Página consultada em 11 de dezembro de 2011.

Southern Poverty Law Center. Teaching Tolerance. <http://www.splcenter.org/what-we-do/teaching-tolerance>. Página acessada em 12 de dezembro, 2011.

Southern Poverty Law Center. Legal Action. <http://www.splcenter.org/get-informed/case-docket?keys=&agenda=21&landmark=All> . Página acessada em 15 de outubro, 2007.

Tom Metzger's election data. California District 43 - Democratic Primary Race - June 3, 1980; Statistics of the Congressional Election of November 4, 1980; California U.S. Senate - Democratic Primary Race - June 8, 1982. <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=375065>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=37146>. Página acessada em 17 março, 2011.

Violent Crime Control and Law Enforcement Act - 1994 (28 U.S.C. 994 note). Library of Congress - Thomas. Washington D.C.

Capítulo IV:

a: National Alliance

CNN. “Turner Diaries introduced in McVeigh trial”. 28 April, 1997. www.cnn.com/US/9704/28/okc/Search.Warrant.for.the.Vehicle.of.Timothy.McVeigh.5.May.1995. Disponível em: University of Missouri, Kansas City School of Law. www.law.umkc.edu/faculty/projects/ftrials/mcveigh/meveighwarrant.html

HAWTHORNE, Robert. *America is a changing country: a documentary on the National Alliance and its program*. 2001.

MACDONALD, Andrew. *The Turner Diaries*. Resistance Books, 1978.

National Vanguard Books. www.natvanbooks.com/cgi-bin/webc.cgi/st_prod.html?p_prodid=179&p_catid=8

National Alliance. Thoughts on the Holocaust. *American Dissident Voices*. 8 February 1997.

National Alliance. *National Vanguard*. Nº.130, 115, 118, 124. <http://www.natall.com/national-vanguard/> Página acessada em 26 de Dezembro de 2011.

National Alliance. “General Patton’s Warning”. *National Vanguard Tabloid*. nº 53, 1977. www.natvan.com/national-vanguard/assorted/patton.html

National Alliance. “Dividing the race”. *National Vanguard Magazine*. Nº 115. November-December, 1995. www.natvan.com/national-vanguard/115/dividing.html

National Alliance. “Enemies on the Right: the John Birch Society and Individualism”. *National Vanguard Magazine*. Nº116. August-September, 1996. <http://www.natvan.com/national-vanguard/116/birch.html>

National Alliance. “The morality of the immigration problem”. *National Dissident Voices*. 14 June 1997.

National Alliance. “Freedom: use it or lose it”. *National Vanguard Magazine*. s/d. <http://www.natvan.com/national-vanguard/assorted/freedom.html>

National Alliance. “Dividing the race”. *National Vanguard Magazine*. Nº 115. November-December, 1995. <http://www.natvan.com/national-vanguard/115/dividing.html>

National Alliance. “Freedom: use it or lose it”. *National Vanguard Magazine*. s/d. www.natvan.com/national-vanguard/assorted/freedom.html

National Alliance. “Capitalism and Equality”. *American Dissident Voices*. 15 January 2000.

National Alliance. “Democracy”. *American Dissident Voices*. 28 June 1998.

National Alliance. "The Big Picture". National Dissident Voices. 15 June 1996.

National Alliance. "What liberals don't understand: both terrorism and random violence will increase as alienation grows". American Dissident Voices. 6 July 1996.

National Alliance. "The history and the significance of the New World Order". Free Speech. Vol. II. N^o12. December, 1996.

National Alliance. "Jewish supremacy". National Dissident Voices. 6 April 1996.

National Alliance. "The meaning of democracy". National Dissident Voices. 28 September 1996.

National Alliance. "The feminization of America". National Dissident Voices. 23 August 1997.

National Alliance. "Our cause". National Dissident Voices. 25 September 1976.

National Alliance. "A White World". American Dissident Voices. 16 December 2000.

National Alliance. Free Speech. VI, 1, January, 2000.

Race and Reason. Pierce on race, immigration, homosexuality, feminism and Jews. s/d.

Race and Reason. "Is he a professa or a dokta?". s/d.

The New York Times. "Links of anti-semitic band provoke 6-State parley". December 27, 1984.

University of California, Berkeley. The Bancroft Library. People for the American Way Collection of Conservative Political Ephemera. Ctn.54. National Alliance. "She needs the truth: where will she find it?"

b: White Aryan Resistance

Army of God. Full text of Erich Rudolph's written statement. April 13 2005. <http://www.armyofgod.com/EricRudolphStatement.html>. Página acessada em 30 de dezembro de 2011.

KLASSEN, Ben. *Building a whiter and brighter world*. Creativity Book Publisher, 1986.

National Alliance. Free Speech. V. 9. September, 1999.

Resistance Records Interview. Through thick and thin: interview with Tom Metzger. N^o 23.

Southern Poverty Law Center. Legal Action. Berhanu vs Metzger, Metzger, WAR, Mieske, Brewster. Case number: A8911-07007. Amended complaint for wrongful death.

Southern Poverty Law Center. Legal Action. Berhanu vs Metzger, Metzger, WAR, Mieske, Brewster. Case number: A8911-07007. Judgment.

The New York Times. "Extremists finds cable tv is forum for right-wing views". October 7, 1986. Section A.p.23.

Tom Metzger election data. California District 43 - Democratic Primary Race - June 3, 1980; Statistics of the Congressional Election of November 4, 1980; California U.S. Senate - Democratic Primary Race - June 8, 1982. <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=375065>; <http://www.ourcampaigns.com/RaceDetail.html?RaceID=37146> . Páginas acessadas em 17 março, 2011.

White Aryan Resistance. Articles. Mini manual on survival. <http://www.resist.com/Articles/literature/MiniManualOnSurvivalByTomMetzger.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007.

White Aryan Resistance. Articles. Condemned Interview. Issue n.3. <http://www.resist.com/Articles/literature/CondemnedInterview/index.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007.

White Aryan Resistance. Tom's words. Lone wolf and cell structure. <http://www.resist.com/00-LoneWolfCellStructure.html>.

White Aryan Resistance. Tom Metzger Interview. 17 May 2005. <http://www.resist.com/Articles/literature/PolandAssociateInterviewsTM.htm>. Página acessada em 31 Agosto 2007.

White Aryan Resistance. Voices from World Congress (Michael A. Hoffman II). vol.5.n.3, 1986. University of California, Berkeley. The Bancroft Library. People for the American Way Collection. Ctn.83.Tom Metzger.

White Aryan Resistance. Articles. Time is not on our side. <http://www.resist.com/Articles/literature/TimeIsNotOnOurSideByWarAssociate.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007.

White Aryan Resistance. Articles. Begin with the lone wolves. <http://www.resist.com/Articles/literature/BeginWithLoneWolvesByTomMetzger.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007.

White Aryan Resistance. Articles. Know your rights. <http://www.resist.com/Articles/literature/KnowYourRights.htm>. Página acessada em 31 de Agosto de 2007.

White Aryan Resistance. Race and Reason. 2009. parts 1-2. <http://www.resist.com/RaceandReason.htm>. Página acessada em 14 de janeiro 2012.

White Aryan Resistance. Separatists launch new nation. vol.5.n.3, 1986. University of California, Berkeley. The Bancroft Library. People for the American Way Collection. Ctn. 83.Tom Metzger.

White Aryan Resistance. Cartoons. <http://www.resist.com/programs/WARPhotos/Art/thumbs/flash.html>. Página acessada em 15 de janeiro de 2012.

c: Aryan Nations

Aryan Nations. Aryan Nations Platform. http://www.aryan-nation.org/index_1.html. Página acessada em 29 de janeiro de 2012.

Aryan Nations. Past AN leaders. Blood and Sacrifice. May 1995. http://www.aryan-nation.org/index_1.html. Página acessada em 20 de janeiro de 2012.

Aryan Nations. The history of AN. <http://aryan-nations.org/?q=node/5>. Página consultada em 29 de janeiro de 2012.

Aryan Nations. Past AN Leaders. Race and Reason. part 1, 2. http://www.aryan-nation.org/index_1.html Página acessada em 20 de janeiro de 2012.

Kane, et alli vs Aryan Nations. University of Virginia. Morris Law School Library.

Southern Poverty Law Center. Legal Action. Keenan vs Aryan Nations. keenanvaryannations_amcomplaint.pdf. <http://www.splcenter.org/legal/docket/docket.jsp>. Página acessada em 13 de setembro de 2007.

Southern Poverty Law Center. Legal Action. Keenan vs Aryan Nations. keenanvaryannations_amjudgment.pdf. e keenanvaryannations_spverdict.pdf. <http://www.splcenter.org/legal/docket/docket.jsp>. Página acessada em 13 de setembro de 2007.

Werzit. http://werzit.com/intel/terrorism/groups/Aryan_Nations/. Página acessada em 23 de janeiro de 2012.